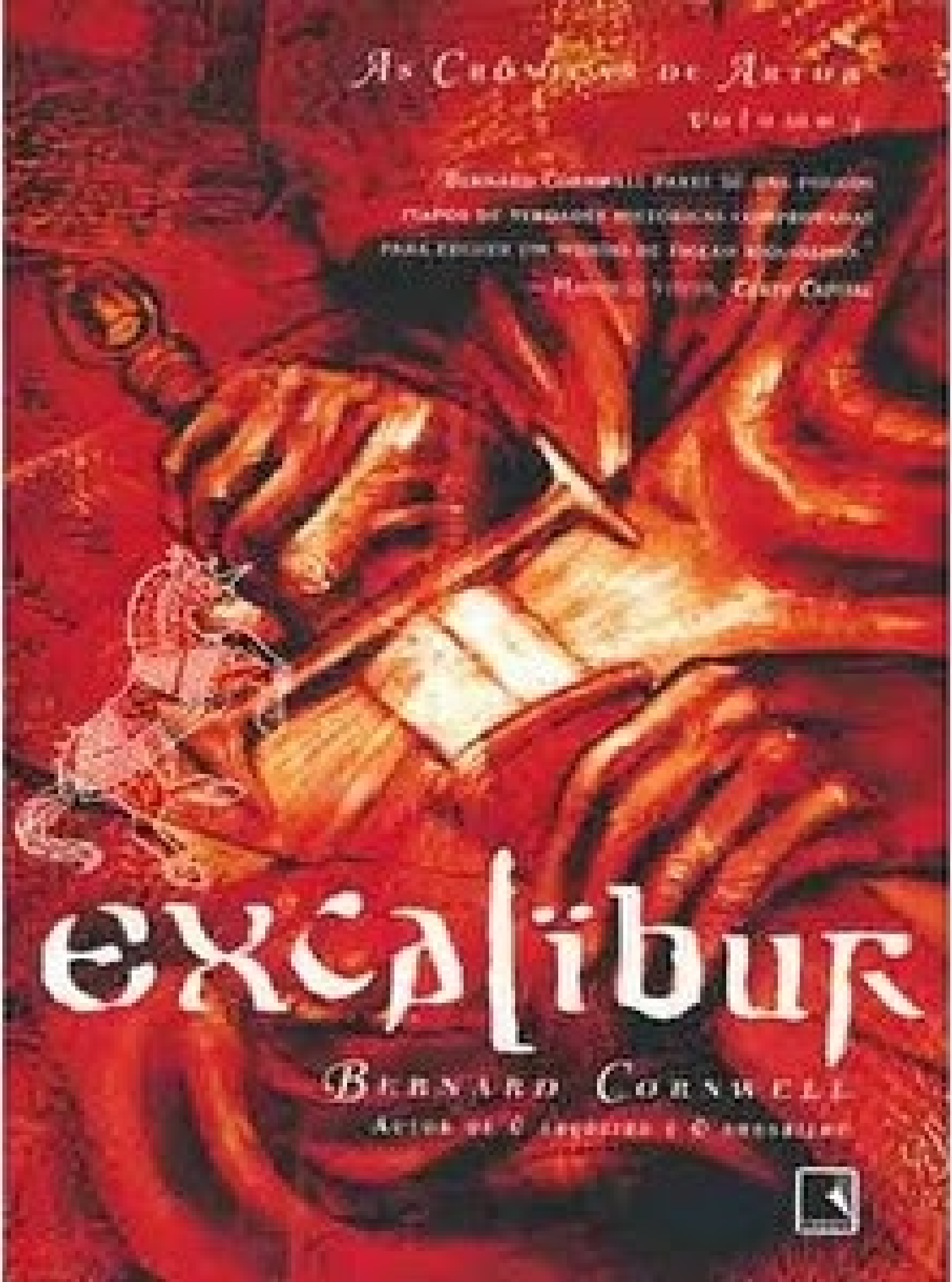

As Crônicas de Arthur
volume 3
"Bernard Cornwell faz de uma história
cheia de verdades históricas e lendárias
para escrever um romance de ação soberbo."
— Marion Zimmer, Clube Cultural
excalibur
Bernard Cornwell
Autor de O inimigo e O inimigo

PRIMEIRA PARTE

As Fogueiras de Mai Dun

Mulheres: quão obsessiva é a sua presença nesta história! Quando comecei a escrever a história de Artur, julguei que seria uma história de homens; um relato de espadas e lanças, de batalhas vencidas e fronteiras estabelecidas, de tratados anulados e monarcas destronados, pois não é este o modo como a própria história é contada?

Quando cantamos a genealogia dos nossos reis não nomeamos as suas mães nem as suas avós, mas dizemos *Mordred ap Mordred ap Uther ap Kustennin ap Kynnar* e assim por diante, recuando até ao grande *Beli Mawr*, o pai de todos nós. A História é um relato feito pelos homens e composto por eles, todavia nesta história de Artur, como o débil luzir do salmão nas águas turvas de limos, as mulheres brilham.

Na verdade, são os homens que fazem a história, e não posso negar que foram eles que causaram a decadência da Bretanha. Nós éramos centenas, todos equipados com couro e ferro, de nós pendendo escudos, espadas e lanças, pensamos que a Bretanha estava sob o nosso comando, pois éramos guerreiros, mas foram necessários um homem e uma mulher para fazer a Bretanha decair, e dos dois foi ela quem causou maior dano. Ela rogou uma praga e pereceu um exército, e o que se segue é a sua história, pois ela era inimiga de Artur.

- Quem? - perguntará Igraine quando ler isto.

Igraine é a minha Rainha. Ela está grávida, algo que a todos nós muito alegra. O

seu esposo é o rei Brochvael de *Powys*, e agora vivo sob a sua proteção no pequeno mosteiro de *Dinnewrac*, onde escrevo a história de Artur. Faço-o sob as ordens da Rainha Igraine, que é muito jovem para ter conhecido o Imperador. Era assim que tratávamos Artur, o Imperador, *Amherawdr* na língua britânica, embora raramente Artur usasse o título. Escrevo na língua saxônica, uma vez que sou saxão, e porque o bispo Sansum, o santo que governa a nossa pequena comunidade em *Dinnewrac*, nunca consentiria que eu escrevesse a história de Artur. Sansum odeia Artur, injuria a sua memória e apelida-o de traidor, por isso Igraine e eu dissemos ao santo que escrevo um evangelho sobre nosso Senhor Jesus Cristo na língua saxã e, porque Sansum não sabe falar saxão nem ler

nenhuma língua, a fraude tem até agora poupado a história.

Nesta etapa, a história torna-se mais sombria e difícil de contar. Por vezes, quando penso no meu bem-amado Artur, vejo a época áurea da sua glória como um dia de luz intensa, contudo como chegaram velozes as nuvens! Mais tarde, como veremos, as nuvens dissiparam-se e o sol inundou a sua paisagem uma vez mais, mas depois veio a noite e desde então deixamos de ver o sol.

Foi Guinevere quem obscureceu o sol do meio-dia. Tudo aconteceu durante a rebelião quando Lancelot, a quem Artur tinha como amigo, tentou usurpar o trono de *Dumnônia*. Para tal contou com a ajuda dos cristãos, que haviam se desiludido com os seus líderes, entre os quais estava o bispo Sansum, acreditando que era seu dever sagrado expulsar os pagãos do país e, deste modo, preparar a ilha da Bretanha para a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo no ano 500. Lancelot também teve o auxílio de Cerdic, o rei saxão que empreendeu um terrível ataque a toda a extensão do vale do Tamisa na tentativa de dividir a Bretanha. Se os saxões tivessem alcançado o mar *Severn*, então os reinos britânicos do norte teriam sido separados dos do sul. Todavia, com a graça dos deuses, derrotamos não só Lancelot e a sua gentalha cristã, mas também Cerdic. No entanto, com a derrota Artur descobriu a traição de Guinevere.

Encontrou-a nua nos braços de outro homem, *e* foi como se o Sol tivesse desaparecido do seu céu.

- Não consigo compreender exatamente - disse-me Igraine um dia, no último Verão.

- O que não consegue compreender, querida Senhora? - perguntei-lhe.

- Artur amava Guinevere, não é verdade?

- Assim era.

- Então porque não conseguia perdoar-lhe? Eu perdoei Brochvael por causa de Nwylle.

Nwylle fora amante de Brochvael, mas contraíra uma doença de pele que desfigurara a sua beleza. Suspeito, embora nunca tenha perguntado, que Igraine fez um feitiço para que a sua rival ficasse doente. A minha rainha pode dizer-se cristã, mas o Cristianismo não é uma religião que ofereça o consolo da vingança

aos seus fiéis. Para isso teremos de procurar as mulheres idosas que sabem que ervas apanhar e que encantamentos dizer sob uma Lua em quarto-minguante.

- A senhora perdoou Brochvael - concordei, - mas ele a perdoaria?

Ela estremeceu.

- Claro que não! Teria me queimado viva, mas essa é a lei.

- Artur podia ter enviado Guinevere para a fogueira - disse eu - e houve muitos homens que o aconselharam a fazê-lo, mas sem dúvida que ele a amava, ele amava-a apaixonadamente, e foi por essa razão que não conseguiu matá-la nem perdoar-lhe. Pelo menos, no início.

- Então ele era um tolo! - disse Igraine.

Ela é muito jovem e tem a gloriosa certeza da juventude.

- Ele era muito orgulhoso - afirmei, - e na verdade talvez isso fizesse de Artur um tolo, mas fazia o mesmo de todos nós. - Fiz uma pausa, meditativo. - Ele queria muitas coisas, queria uma Bretanha livre e os Saxões derrotados, mas no seu íntimo desejava a constante reafirmação de Guinevere de que ele era um homem bom. E ao dormir com Lancelot ela provou a Artur que ele era o homem com menor importância. Claro que não era verdade, mas isso o magoou. E como o feriu. Nunca vi homem nenhum tão magoado.

Ela destroçou-lhe o coração.

- Por isso ele a encarcerou? - perguntou-me Igraine.

- Encarcerou-a - respondi-lhe, e recordei-me de como fui obrigado a levar Guinevere para o santuário do Espinheiro Sagrado em *Ynys Wydryn* onde Morgana, a irmã de Artur, ficou como sua carcereira. Nunca existiu muito afeto entre Guinevere e Morgana. Uma era pagã, a outra cristã, e o dia em que encerrei Guinevere nos domínios do santuário foi uma das poucas ocasiões em que eu a vi chorar.

- Ela permanecerá aí - disse-me Artur - até o dia em que morrer.

- Os homens são loucos - declarou Igraine, depois lançou-me um olhar de

soslaio. - Alguma vez foi infiel a Ceinwyn?

- Não - respondi-lhe com verdade.

- Alguma vez quis ser?

- Ah, sim. A luxúria não desaparece com a felicidade, Senhora. Além disso, que mérito tem a fidelidade se nunca for colocada à prova?

- Acha que existe mérito na fidelidade? - perguntou ela, e eu questionei-me que jovem e belo guerreiro do condado do seu marido lhe havia chamado a atenção. A sua gravidez evitaria qualquer tolice por enquanto, mas temi o que pudesse acontecer mais tarde. Talvez nada viesse a acontecer.

Sorri.

- Desejamos que os nossos amantes nos sejam fiéis, Senhora, então não é

natural que eles desejem o mesmo de nós? A fidelidade é algo que oferecemos àqueles que amamos. Artur ofereceu-a a Guinevere, mas ela não foi capaz de retribuí-la. Ela queria algo diferente.

- Que era?

- Magnificência, e ele sempre foi adverso a ela. Alcançou-a, mas não se deleitava com ela. Ela queria um séquito de mil cavaleiros, resplandecentes estandartes que esvoaçassem sobre ela, e que toda a ilha da Bretanha se prostrasse diante de si. E tudo o que ele sempre quis foi justiça e boas colheitas.

- E uma Bretanha livre e os saxões derrotados - recordou-me Igraine secamente.

- Isso também e ele queria outra coisa ainda. E queria-a mais do que a todas as outras. - Sorri com a recordação, e então pensei que de todas as ambições de Artur talvez esta última fosse a que ele achara que seria a mais difícil de conseguir e aquela que poucos de nós, que éramos seus amigos, acreditamos verdadeiramente que ele quisesse.

- Continue - disse Igraine, suspeitando que eu ia passar pelo sono.

- Ele queria apenas um pedaço de terra - afirmei, - um palácio, algum gado, a sua

própria oficina de ferrador. Ele queria ser uma pessoa comum. Queria que outros homens olhassem pela Bretanha enquanto ele buscava a felicidade.

- E nunca a encontrou? - perguntou Igraine.

- Encontrou - garanti-lhe, - mas não naquele Verão após a rebelião de Lancelot.

Fora um Verão de sangue, uma época de retaliação, um momento em que Artur forçou a *Dumnônia* a uma submissão irascível.

Lancelot fugira para sul para a sua região de *Belgae*. Artur teria adorado persegui-lo, mas os invasores do saxão Cerdic eram nesse momento o maior perigo.

Haviam avançado até tão longe quanto *Corinium* quando a rebelião terminou, e podiam até ter conquistado essa cidade não tivessem *os* deuses enviado uma praga que dizimou o seu exército. As entranhas dos homens esvaziavam-se ininterruptamente, eles vomitavam sangue, estavam de tal modo enfraquecidos que não se tinham em pé, e foi no momento em que a praga mais se acentuou que as forças de Artur os atacaram.

Cerdic tentou reagrupar os seus homens, mas os saxões julgaram ter sido abandonados pelos seus deuses e fugiram.

- Mas voltarão - disse-me Artur - ao nos determos entre os despojos ensangüentados da retaguarda derrotada de Cerdic. Na próxima Primavera voltarão. -

Limpou a lâmina da *Excalibur* à sua capa manchada de sangue e deslizou-a para o interior da bainha. Deixara crescer uma pequena barba que surgia grisalha. Parecia mais velho, muito mais velho, enquanto a dor provocada pela traição de Guinevere tornara lúgubre o seu longo rosto, de tal modo que quem nunca tivesse visto Artur até àquele Verão acharia assustadora a sua aparência, e ele nada fazia para atenuar essa impressão. Nunca fora um homem paciente, mas agora a sua ira estava muito mais à flor da pele e podia irromper à menor provocação.

Foi um Verão de sangue, uma época de vingança, e o destino de Guinevere era ficar encarcerada no santuário de Morgana. Artur condenou a sua esposa a uma sepultura viva, e aos seus guardas ordenou que a mantivessem aí para sempre.

Guinevere, uma Princesa de *Henis-Wyren*, desaparecera para o mundo.

- Não seja disparatado, Derfel - interrompeu-me Merlim abruptamente uma semana mais tarde - dentro de dois anos ela estará fora dali! Talvez um ano. Se Artur quisesse que ela saísse da sua vida a teria atirado para a fogueira, que é o que ele devia ter feito. Nada melhor do que uma boa queimadura para melhorar o comportamento de uma mulher, mas não adianta dizê-lo a Artur. O idiota está apaixonado por ela! E é um pateta. Pense bem! Com Lancelot, Mordred, Cerdic e Guinevere vivos! Se alguém quiser viver para sempre neste mundo, parece muito boa idéia tornar-se inimigo de Artur. Sou-o tanto quanto me é esperado sê-lo, obrigado por perguntar.

- De fato, pergunte antes - afirmei pacientemente - e você me ignorou.

- São os meus ouvidos, Derfel. Quase não ouço nada - bateu num ouvido. -

Surdo como uma porta. É da idade, Derfel, a pura velhice. Decaio a olhos vistos.

Não era de todo verdade. Nessa época ele estava melhor do que nunca e a sua audição, estou certo, era tão apurada como a sua visão e essa, apesar dos seus oitenta ou mais anos, era ainda tão arguta como a de um falcão. Merlim não decaíra, parecia antes ter uma nova energia, trazida pelos Tesouros da Bretanha. Esses treze Tesouros eram antigos, tão antigos como a Bretanha, e durante séculos haviam estado perdidos, mas Merlim tinha finalmente conseguido encontrá-los. Os Tesouros tinham o poder de convocar os antigos deuses e trazê-los de novo para a Bretanha, um poder que nunca antes fora testado, mas que agora, no ano do tumulto de *Dumnônia*, Merlim iria usar numa grande magia.

Eu procurara Merlim no dia em que levara Guinevere para *Ynys Wydryn*. Foi num dia em que chovia intensamente, e eu subira ao *Tor* com a certeza de encontrar Merlim.

Todavia descobri o topo da colina vazio e triste. Outrora, Merlim possuíra um enorme palácio no *Tor* com uma torre de sonho junto dele, mas o palácio fora consumido pelas chamas. Detive-me no meio das ruínas e senti uma enorme desolação. Artur, o meu amigo, estava ferido. Ceinwyn, a minha esposa, estava bem distante em *Powys*.

Morwenna e Seren, as minhas duas filhas, estavam com Ceinwyn, enquanto Dian, a mais nova, estava no Outro Mundo, morta naquele mesmo local por uma

das espadas de Lancelot. Os meus amigos tinham morrido ou estavam bem longe dali. Os saxões preparavam-se para nos defrontar no novo ano, a minha casa estava em cinzas e a minha vida parecia sombria. Talvez fosse a tristeza de Guinevere que me influenciava, mas nessa manhã, na colina de *Ynys Wydryn* lavada pela chuva, senti-me mais só do que nunca, por isso me ajoelhei nas cinzas lamacentas do palácio e rezei a *Bei*. Pedi a ele que nos salvasse e, como uma criança, roguei a *Bei* um sinal que mostrasse que os deuses se preocupavam conosco.

Esse sinal chegou uma semana mais tarde. Artur cavalgara para leste para devastar a fronteira saxã, mas eu ficara em *Caer Cadarn* aguardando que Ceinwyn e as minhas filhas chegassem em casa. Durante algum tempo, nessa semana, Merlim e a sua companheira, Nimue, foram para o enorme palácio vazio próximo de *Lindinis*. Outrora eu vivera aí, detendo a custódia do nosso Rei Mordred, mas no momento em que este atingiu a maioridade o palácio foi entregue ao bispo Sansum para que dele fizesse um mosteiro. Agora, os monges de Sansum haviam sido desalojados, perseguidos por vingativos lanceiros dos imponentes palácios romanos e, por essa razão, o imenso palácio encontrava-se agora vazio.

As pessoas nos disseram que o Druida se encontrava no palácio. Contaram histórias de aparições, de sinais prodigiosos e de deuses que vagueavam pela noite, por isso desci até ao palácio, mas não encontrei qualquer vestígio de Merlim. Haviam duzentas ou trezentas pessoas acampadas fora dos portões do palácio e com grande entusiasmo repetiam as histórias das visões noturnas. Ao ouvi-las o meu coração apertou-se. *Dumnônia* acabara de resistir ao furor de uma rebelião cristã cheia de loucas superstições semelhantes e agora parecia que os pagãos estavam prestes a igualar a loucura dos cristãos. Com um empurrão abri os portões do palácio, atravessei o grande pátio e caminhei em largas passadas pelos salões vazios de *Lindinis*. Gritei por Merlim, mas não obtive resposta. Encontrei um forno ainda quente numa das cozinhas e sinais de que outro aposento fora varrido pouco tempo antes, mas nada mais aí vivia do que ratazanas e ratos.

Contudo, durante todo esse dia juntou-se mais gente em *Lindinis*. Vinham de toda a *Dumnônia* e vislumbrava-se uma esperança patética em todos os rostos. Haviam trazido os seus doentes e mutilados e esperaram pacientemente até anoitecer, momento em que os portões do palácio se abriram de rompante e eles conseguiram caminhar, coxear, rastejar ou ser transportados para o pátio exterior

do palácio. Eu podia jurar que ninguém estivera no interior do vasto edifício, mas alguém abrira os portões e iluminara grandes tochas que iluminavam as arcadas do pátio.

Juntei-me à multidão que se amontoava dentro do pátio. Estava acompanhado de Issa, o meu segundo-comandante, e os dois permanecemos paramentados nas nossas longas capas escuras junto ao portão. Vi que a multidão era composta por pessoas do campo. Vestiam roupas pobres e tinham os rostos escuros *e* atormentados de quem tem de se afadigar para conseguir retirar o seu sustento da terra, contudo aqueles rostos estavam cheios de esperança à luz brilhante das tochas. Artur teria odiado tudo aquilo, porque se ressentia sempre por dar esperança sobrenatural às pessoas que sofriam, mas como esta multidão necessitava de esperança! As mulheres elevavam no ar os bebês doentes ou empurravam crianças estropiadas para diante, e todos ouviam avidamente as histórias milagrosas das aparições de Merlim. Aquela era a terceira noite dos prodígios e já nessa altura tanta gente queria testemunhar os milagres que nem todos conseguiam entrar no pátio. Alguns se empoleiravam no muro por trás de mim e outros se amontoavam no portão da entrada, mas ninguém invadia a arcada que corria ao longo de três lados do pátio, porque essa passagem ladeada por colunas e resguardada estava protegida por quatro lanceiros, que usavam as suas longas armas para deter a multidão.

Os quatro guerreiros eram Escudos Negros, lanceiros irlandeses de *Demétia*, o reino de Oengus Mac Airem, e eu me questionei sobre o que fariam eles tão longe de casa.

A última réstia de sol extinguiu-se no céu e morcegos passavam em vôos rápidos sobre as tochas enquanto a multidão se instalava nas lajes para olhar, expectante, pela porta principal do palácio que ficava no lado contrário ao do portão do pátio. De quando em quando, uma mulher soltava um lamento em voz alta. Crianças choravam e eram aquietadas. Os quatro lanceiros inclinavam-se nas extremidades da arcada.

Aguardamos. Pareceu que esperávamos havia horas e o meu espírito vagueava, pensando em Ceinwyn e em Dian, a minha filha que morrera, quando de repente se ouviu um enorme estrondo de ferro no interior do palácio, como se alguém tivesse desferido um golpe num caldeirão com uma espada. A multidão estremeceu num sobressalto e algumas das mulheres levantaram-se e, oscilando à luz das tochas, agitaram as mãos no ar e invocaram os deuses. Contudo,

nenhuma aparição surgiu, permanecendo fechadas as portas do grande palácio. Toquei no copo de ferro da *Hywelbane*, e a espada tranquilizou-me. A intensidade da histeria da multidão era perturbadora, mas não tanto como as próprias circunstâncias, pois eu nunca presumira que Merlim necessitasse de audiência para a sua magia. Na verdade, ele desprezava aqueles druidas que juntavam multidões. ”Qualquer trapaceiro consegue impressionar patetas” gostava ele de dizer, mas ali, naquela noite, parecia ser ele o único a querer impressionar os patetas. Tinha a multidão preparada, tinha-a gemebunda e ondulante, e quando a enorme pancada metálica voltou a soar todos se levantaram e começaram a gritar o nome de Merlim.

Então, as portas do palácio abriram-se e, aos poucos, a multidão ficou silenciosa.

Por breves instantes, a entrada mais não era do que um vácuo escuro, depois um jovem guerreiro ataviado com a armadura completa de combate caminhou para fora da escuridão, detendo-se no primeiro degrau da arcada.

Não havia nele nada de mágico, exceto o fato de ser belo. Era esta a palavra que mais se adequava. Num mundo de membros retorcidos, pernas mancas, pescoços com papeira, rostos com cicatrizes e almas enfastiadas, este guerreiro era belo. Era alto, delgado e de cabelo dourado, e tinha um rosto sereno que apenas podia ser descrito como simpático, até mesmo afável. Os seus olhos eram de um azul surpreendente. Não trazia elmo, por isso o seu cabelo, tão longo como o de uma garota, caía abaixo dos seus ombros. Tinha uma couraça branca, caneleiras brancas e uma bainha branca. O

ornamento de guerra parecia dispendioso e questionei-me sobre quem seria ele. Pensara eu que conhecia a maior parte dos guerreiros da Bretanha pelo menos aqueles que podiam comprar armaduras como a deste jovem, mas desconhecia-o.

Sorriu para a multidão, depois ergueu as duas mãos e fez-lhes sinal para que se ajoelhassem.

Issa e eu permanecemos de pé. Talvez fosse a nossa arrogância de guerreiros, ou talvez apenas quiséssemos ver por entre as cabeças que se interpunham.

O guerreiro de cabelos longos nada disse, mas depois da multidão se ter ajoelhado, agradeceu-lhes sorrindo e então caminhou em volta da arcada apagando as tochas, retirando-as das suas aselhas *e* mergulhando-as em barris cheios de água que ali estavam para o efeito. Era, conforme percebi, uma

representação que fora cuidadosamente ensaiada. O pátio ficou cada vez mais escuro até ser apenas iluminado pelas duas tochas que ladeavam a grande porta do palácio. Havia pouco luar e a noite estava muito escura e fria.

O guerreiro branco deteve-se entre as duas últimas tochas.

- Filhos da Bretanha - disse ele, e a sua voz igualava a sua beleza, uma voz afável, cheia de vivacidade - orem aos seus deuses! No interior destes muros estão os Tesouros da Bretanha e em breve, muito em breve, o seu poder será libertado, mas agora, para que possam ver o seu poder, deixaremos que os deuses nos falem. - Com estas palavras apagou as duas últimas tochas *e,* de repente, o pátio ficou às escuras.

Nada aconteceu. A multidão resmungou, pedindo a *Bei*, *Gofannon*, *Grannos* e *Don* que mostrassem o seu poder. Senti um formigueiro na pele e agarrei no copo da *Hywelbane*. Os deuses nos rodeariam? Levantei os olhos para o lugar onde um conjunto de estrelas cintilava por entre as nuvens e imaginei os deuses supremos pairando nessa camada superior da atmosfera, e então Issa sobressaltou-se e eu desviei o olhar das estrelas.

Também eu fiquei sem fôlego.

Porque uma garota, pouco mais do que uma criança prestes a tornar-se mulher, aparecera na escuridão. Era uma garota delicada, de uma juventude sedutora e uma beleza graciosa, e estava nua como um recém-nascido. Era esguia, com pequenos seios hirtos *e* coxas redondas. Numa mão trazia um raminho de lírios e na outra uma espada de lâmina curta.

E eu a olhei simplesmente estarrecido. Porque na escuridão fria que se seguiu à

extinção das chamas, a garota resplandecia. Ela resplandecia, de fato. Reluzia com uma luz branca difusa. Não era uma luz brilhante, não ofuscava, apenas iluminava, como pedacinhos de estrelas lançados sobre a sua pele branca. Era um esplendor pulverulento e difuso que tocava o seu corpo, pernas, braços e cabelo, mas não o seu rosto. Os lírios cintilavam, e o resplendor refletia-se na longa e fina lâmina da sua espada.

A garota resplandecente caminhou em direção às arcadas. Parecia absorta enquanto a multidão do pátio estendia os seus membros estropiados e as crianças doentes. Ela ignorou-os, avançando apenas delicada e suavemente ao longo da

arcada com o seu rosto obscurecido voltado para baixo, para as pedras. Os seus passos eram leves como plumas. Parecia ocupada consigo mesma, perdida no seu próprio sonho, e as pessoas lamentavam-se e tentavam chamar a sua atenção, mas ela não olhava para elas.

Caminhava simplesmente, e a estranha luz cintilava no seu corpo, nos seus braços e pernas e no longo cabelo escuro que lhe caía para o rosto, uma máscara negra por entre o brilho arrepiante, mas de certo modo, talvez por instinto, pareceu-me que era um rosto belo. Ela aproximou-se do local onde Issa e eu nos encontrávamos e, de repente, fez com que aquela sombra negra como o azeviche desaparecesse do seu rosto e olhou fixamente na nossa direção. Senti o cheiro de algo que me lembrou o mar, e depois, tão repentinamente como aparecera, desapareceu por uma porta e a multidão ciciou.

- O que foi aquilo? - sussurrou-me Issa.

- Não sei - respondi. Eu estava assustado. Aquilo não era delírio, mas algo bem real, porque eu o vira, mas o que seria? Uma deusa? Mas porque sentira eu o cheiro do mar? - Talvez fosse um dos espíritos de *Manawydan* - disse eu a Issa. *Manawydan* era o deus do mar, e sem dúvida que as suas ninfas teriam esse cheiro de sal.

Esperamos muito tempo pela segunda aparição, e o seu efeito foi muito menos impressionante do que a resplandecente ninfa do mar. Surgiu uma figura no telhado do palácio, uma figura negra que lentamente engrandeceu até se transformar num guerreiro armado coberto por uma capa e com um monstruoso elmo ornamentado com os chifres de um enorme veado. Mal se conseguia ver o homem na escuridão, mas quando uma nuvem descobriu a Lua vimos o que era e a multidão gemeu enquanto ele permanecia de pé acima de nós de braços abertos, o rosto escondido pelas enormes proteções laterais do seu elmo. Trazia consigo uma lança e uma espada. Permaneceu ali por um instante e depois ele também desapareceu, embora eu pudesse jurar ter ouvido uma telha deslizar do lado mais afastado do telhado enquanto ele desaparecia.

Foi então que, ao desaparecer, a garota nua voltou a surgir. Desta vez, porém, parecia que tinha simplesmente se materializado no primeiro degrau da arcada. Um segundo depois veio a escuridão, e ali ficou o seu longo e cintilante corpo imóvel, reto e brilhante. O seu rosto estava de novo na escuridão, parecendo por isso uma máscara de sombras orlada pelos cabelos onde luziam raios de luz. Ela

permaneceu imóvel durante alguns instantes, depois iniciou uma dança suave, apontando delicadamente os dedos dos pés enquanto pisava um intrincado padrão que circundava e cruzava o exato local da arcada. Enquanto dançava olhava fixamente para baixo. Pareceu-me que a luz cintilante e etérea fora retirada da sua pele, porque a vi mais brilhante em certas partes do que em outras, mas sem dúvida que não fora obra de mão humana. Agora, Issa e eu estávamos ajoelhados, porque isto tinha de ser um sinal dos deuses. Era luz na escuridão, beleza por entre os despojos. A ninfa continuou a dançar com a luz do seu corpo desvanecendo-se lentamente, e depois, quando ela era apenas uma centelha de graciosidade cintilante na sombra da arcada, deteve-se, afastou completamente os braços e as pernas e olhou-nos com ousadia, desaparecendo em seguida.

Um instante mais tarde, duas tochas acesas foram transportadas para fora do palácio. Agora a multidão gritava, invocando os seus deuses e pedindo para ver Merlim.

Por fim, ele surgiu à entrada do palácio. O guerreiro branco trazia uma das tochas acesas e a Nimue com um só olho trazia a segunda.

Merlim chegou ao primeiro degrau e aí se deteve, imenso, na sua longa túnica branca. Deixou que a multidão continuasse a gritar pelo seu nome. A sua barba grisalha, que quase lhe chegava à cintura, estava entrançada e presa com fitas pretas, tal como o seu longo cabelo branco. Trazia o seu bastão preto e, pouco depois, ergueu-o para silenciar a multidão.

- Apareceu alguma coisa? - perguntou ansioso.

- Sim, sim! - respondeu-lhe a multidão, e no rosto do ancião, esperto e malicioso de Merlim surgiu uma expressão de agradada surpresa, como se ele não soubesse o que tinha acontecido no pátio.

Ele sorriu, depois se afastou para o lado e fez um aceno com a mão que estava livre. Duas crianças, um rapaz e uma garota, saíram do palácio trazendo o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn*. A maior parte dos Tesouros da Bretanha eram coisas sem importância, até mesmo trivialidades, mas o Caldeirão era um Tesouro genuíno e, dos treze, o que tinha mais poder. Era uma enorme tigela em prata decorada com um rendilhado dourado, guerreiros e animais. As duas crianças debatiam-se com o imenso peso do Caldeirão, mas conseguiram colocá-

lo junto do druida.

- Eu tenho os Tesouros da Bretanha! - anunciou Merlim, e a multidão suspirou em resposta. - Em breve, muito em breve o poder dos Tesouros será liberto. A Bretanha será revigorada. Os nossos inimigos serão vencidos! - Fez uma pausa para deixar que as aclamações ecoassem pelo pátio. - Esta noite viram o poder dos deuses, mas o que viram *é* pouco, uma coisa insignificante. Em breve toda a Bretanha verá. Todavia, se vamos invocar os deuses, então preciso do seu auxílio.

A multidão gritou-lhe que a teria e Merlim sorriu-lhes em aprovação. Aquele sorriso benevolente me fez desconfiar. Uma parte de mim pressentiu que ele fazia um jogo com aquela gente, mas nem Merlim, pensei, conseguia fazer com que uma garota resplandecesse na escuridão. Eu a vira, e queria tanto acreditar, e a memória daquele corpo ágil e reluzente convenceu-me que os deuses não tinham nos abandonado.

- Vocês tem de vir a *Maí Dun*! - disse Merlim com severidade. - Tem de vir por tanto tempo quanto puderem, e tem de levar alimentos. Se tiverem armas, tem de levá-las também. Em *Mai Dun* iremos trabalhar, e o trabalho será longo e árduo, mas no *Samain*, quando os mortos caminharem, invocaremos os deuses juntos. Vocês e eu! - Fez uma pausa, depois segurou na extremidade do seu bastão e dirigiu-o à multidão. A vara negra ondeou, como se procurasse alguém no amontoado de gente, depois fixou-se em mim. -

Lorde Derfel Cadarn!

- Senhor? - respondi, embaraçado por ser escolhido no meio da multidão.

- Você ficará, Derfel. Os demais vão agora. Vão para suas casas, pois os deuses não voltarão até à Véspera do *Samain*. Vão para as suas casas, tratem dos seus campos, depois venham a *Mai Dun*. Tragam machados, tragam mantimentos e preparem-se para ver os seus deuses em toda a sua glória! Agora, vão! Vão!

Obediente, a multidão dispersou. Muitos pararam para tocar na minha capa, pois eu era um dos guerreiros que havia retirado o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn* do seu esconderijo em *Ynys Mon* e, pelo menos para os pagãos, isso fazia de mim um herói.

Tocaram igualmente em Issa, pois também ele era outro Guerreiro do Caldeirão,

mas depois da multidão se ter retirado ele me esperou ao portão enquanto eu fui ao encontro de Merlim. Cumprimentei-o, mas ele ignorou minhas perguntas sobre sua saúde, perguntando, pelo contrário, se tinham me agradado os estranhos acontecimentos daquela tarde.

- O que foi aquilo? - perguntei.

- O que foi o quê? - perguntou-me, inocentemente.

- A garota na escuridão - respondi.

Os seus olhos arregalaram-se numa perplexidade trocista.

- Ela esteve aqui de novo, foi? Mas que interessante! Era a garota alada ou a que brilhava? A garota resplandecente! Não faço idéia de quem seja, Derfel. Eu não consigo decifrar todos os mistérios deste mundo. Você passou tempo demais com Artur e, tal como ele, acredita que tudo tem uma explicação trivial, mas infelizmente, raras vezes os deuses escolhem fazer-se compreender. Pode me ajudar e trazer o Caldeirão para dentro?

Levantei o enorme Caldeirão e levei-o para o salão de recepções do palácio.

Quando ali estivera bem cedo, nesse dia, o aposento encontrava-se vazio, mas agora havia um sofá, uma mesa baixa e quatro mesinhas de ferro onde se encontravam candeeiros a óleo. O jovem e bonito guerreiro de armadura branca, e cabelos muito longos, sorriu sentado no sofá, enquanto Nimue, com um vestido preto esfarrapado, tocava com um círio aceso nos pavios dos candeeiros.

- Esta tarde, este aposento estava vazio - afirmei, acusadoramente.

- Deve ter parecido assim - disse Merlim com desenvoltura, - mas talvez tenhamos simplesmente escolhido não nos mostrar. Conhece o Príncipe Gawain? - Fez um gesto com a mão em direção ao jovem, que se levantou e fez uma vênia, cumprimentando-me. Gawain é filho do rei Budic de *Broceliande* - apresentou-me Merlim ao Príncipe - sendo, portanto, sobrinho de Artur.

- Meu Príncipe e Senhor - cumprimentei Gawain. Eu ouvira falar de Gawain, embora nunca o tivesse conhecido. *Broceliande* era o reino britânico do outro lado do mar na *Armórica e,* dado que os francos pressionavam fortemente a sua fronteira, ultimamente eram escassos os visitantes vindos desse reino.

- Muito me honra conhecê-lo, Lorde Derfel - disse Gawain com cortesia. - A sua reputação bem longe dista da Bretanha.

- Não seja tolo, Gawain - disse Merlim em tom ríspido. - A reputação de Derfel não vai a lugar nenhum, a não ser talvez ter subido à sua untuosa cabeça. Gawain está

aqui para me ajudar.

- A fazer o quê? - perguntei.

- A proteger os Tesouros, claro. Ele é um lanceiro formidável, ou assim me constou. É verdade, Gawain? É formidável?

Gawain apenas sorriu. Não tinha uma aparência muito formidável, porque não passava de um jovem, talvez apenas com quinze ou dezesseis Verões, que ainda não precisava se barbear. O longo cabelo loiro dava ao seu rosto uma aparência efeminada, enquanto a sua armadura branca, que eu há pouco julgara ser muito dispendiosa, se revelava agora uma simples cota com evidentes adornos de ferro pintados com leite de cal. Não fora a sua segurança e a sua inegável beleza e ele seria ridículo.

- Então, o que tem feito desde a última vez que nos vimos? - perguntou Merlim, e foi então que eu lhe contei o que acontecera a Guinevere e ele zombou da minha convicção de que ela ficaria encarcerada para o resto da sua vida. - Artur *é* um tolo.

Guinevere pode ser esperta, mas ele não precisa dela. Ele precisa de uma qualquer, honesta e estúpida, alguém que lhe mantenha a cama quente enquanto ele se preocupa com os Saxões. - Sentou-se no sofá e sorriu enquanto as duas crianças que haviam transportado o Caldeirão para o pátio lhe traziam um prato com pão *e* queijo *e* uma garrafa de hidromel. - A ceia! - disse ele, feliz. - Faça-me companhia, Derfel, pois queremos falar com você. Sente-se! Achará o chão bastante confortável. Sente-se ao lado de Nimue.

Sentei-me. Até aí Nimue havia me ignorado. A cavidade do seu olho perdido, que lhe fora arrancado do rosto por um rei, estava coberta por uma pala, e o seu cabelo, que fora cortado rente antes de irmos para sul, para o palácio do mar de Guinevere, voltara a crescer, embora estivesse ainda suficientemente curto para lhe dar uma aparência de rapaz. Ela parecia zangada, mas era como Nimue

sempre parecia. A sua vida era votada apenas a uma coisa, a busca dos deuses, e desprezava tudo o que a desviasse dessa busca. Talvez ela pensasse que os gracejos irônicos de Merlim eram de algum modo uma perda de tempo. Ela e eu havíamos crescido juntos e nos anos que se seguiram à nossa meninice mais de uma vez a sustentei, alimentando-a e vestindo-a, apesar de ela me tratar como se eu fosse um tolo.

- Quem governa a Bretanha? - perguntou-me, abruptamente.

- Pergunta errada! - disse-lhe Merlim, secamente, com uma veemência inesperada. - Pergunta errada!

- Então? - exigiu ela, ignorando a irritação de Merlim.

- Ninguém governa a Bretanha - respondi.

- Resposta certa - disse Merlim vingativo. O seu mau gênio perturbara Gawain, que estava de pé atrás do sofá de Merlim e olhava ansiosamente para Nimue. Estava com medo dela, mas não posso censurá-lo por isso. Nimue assustava a maior parte das pessoas.

- Então, quem governa *Dumnônia*? - perguntou-me ela.

- É Artur - respondi-lhe.

Nimue lançou a Merlim um olhar triunfante, mas o Druida limitou-se a abanar a cabeça.

- A palavra é *rex* - disse ele - *rex*, e se algum de vocês tivesse a menor noção de Latim saberia que *rex* significa rei, não imperador. A palavra para imperador é *imperator.*

Devemos pôr tudo em perigo por vocês serem ignorantes?

- Artur governa *Dumnônia* - insistiu Nimue.

Merlim ignorou-a.

- Quem é aqui o Rei? - perguntou-me ele.

- Mordred, claro.

- Claro - repetiu ele. - Mordred! - Gritou ele a Nimue. - Mordred! - Como se ele estivesse sendo entediante, ela se afastou. Eu estava longe de tudo aquilo, sem fazer a mínima idéia do motivo da sua disputa, e não tive chance de perguntar porque é que as duas crianças surgiram de novo passando a entrada resguardada com cortinas, trazendo mais pão e queijo. Assim que colocaram os pratos no chão senti um tênue cheiro de mar, aquela brisa salgada e o odor a algas que acompanhara a aparição nua, mas depois as crianças retiraram-se por trás das cortinas e o cheiro desapareceu com elas.

- Então - disse-me Merlim com o ar satisfeito de um homem que viu o seu argumento ganho. - Mordred já tem filhos?

- Provavelmente vários - respondi-lhe. - Ele violava garotas por toda a parte.

- Como fazem os reis - afirmou Merlim descuidado, - e os príncipes também.

Viola garotas, Gawain?

- Não, Senhor.

Gawain pareceu chocado com a sugestão.

- Mordred sempre foi um violador - afirmou Merlim. - Nisso saiu ao pai e ao avô, embora eu deva dizer que ambos eram muito mais afáveis do que Mordred. Agora, Uther nunca conseguia resistir a uma cara bonita. Ou a uma feia se tivesse vontade. Todavia, Artur nunca teve tendência para a violação. Nisso, ele é como você, Gawain.

- Muito me agrada ouvi-lo - disse Gawain, e Merlim revirou os olhos em sinal de exasperação trocista.

- Então o que irá Artur fazer com Mordred? - perguntou-me o Druida.

- Está prestes a ser feito prisioneiro aqui, Senhor - respondi-lhe fazendo um gesto que envolvia o palácio.

- Feito prisioneiro! - Merlim pareceu divertido. - Guinevere presa, o bispo Sansum encarcerado, por este andar em breve todos os que se cruzam com Artur

estarão feitos prisioneiros! Seremos todos colocados a pão bolorento e água. Que tolo é Artur! Ele devia estourar com os miolos de Mordred. - Mordred era uma criança quando herdou o reinado e Artur exercera o poder real enquanto o rapaz crescia, mas quando Mordred atingiu a maioridade, e para cumprir a promessa que fizera ao Grande Rei Uther, Artur entregou o reino a Mordred. Mordred desperdiçou esse poder e chegou mesmo a conspirar a morte de Artur. Aliás, foi esse conluio que encorajou Sansum e Lancelot à sua revolta. Neste momento Mordred devia estar preso, apesar de Artur estar convencido que o Rei legítimo da *Dumnônia*, em cujas veias corria o sangue dos deuses, devesse ser tratado com honra ainda que não lhe fosse concedido poder. Ele seria mantido sob vigilância neste suntuoso palácio, seriam concedidos todos os luxos que ele exigisse, mas seria mantido afastado da desordem. - Então, você acha, que Mordred tem de fato filhos?

- Penso que tem dúzias.

- Se é que alguma vez pensa - disse Merlim incisivo. - Dê-me um nome, Derfel!

Dê-me um nome!

Refleti por breves instantes. Estava em melhor posição para conhecer os pecados de Mordred do que a maioria dos homens, já que fora seu tutor, uma tarefa que eu desempenhara mal e com relutância. Nunca consegui ser um pai para ele, e embora a minha Ceinwyn tivesse tentado ser uma mãe, também ela falhara e o rapaz perverso havia crescido insociável e mau.

- Havia aqui uma criada - disse eu - e ele a manteve na sua companhia durante muito tempo.

- Como se chama? - perguntou Merlim com a boca cheia de queijo.

- Cywwylog.

- Cywwylog! - Ele pareceu divertido com o nome. - E você diz que ele confessou a paternidade de um filho dessa Cywwylog?

- Um rapaz - respondi. - Se é que era dele, o que é provável.

- E essa Cywwylog - disse ele, gesticulando com a faca - onde poderá estar?

- Provavelmente em algum lugar muito próximo - respondi. - Ela não se mudou conosco para a casa senhorial de Ermid e Ceinwyn sempre supôs que Mordred lhe dera dinheiro.

- Então ele gostava dela?

- Creio que sim.

- Que gratificante saber que existe algo de bom no horrível rapaz. Cywwylog, heim? Consegue encontrá-la, Gawain?

- Tentarei, Senhor - afirmou Gawain ardentemente.

- Não basta tentar, encontre-a! - disse Merlim rispidamente. - Como ela era, Derfel, essa garota curiosamente chamada Cywwylog?

- Baixa - afirmei, - roliça e de cabelo preto.

- Com isso conseguimos restringir a nossa busca a todas as garotas da Bretanha que rondam os vinte anos. Não pode ser mais preciso? Que idade terá agora a criança?

- Seis - afirmei, - e se a memória não me falha, ele era ruivo.

- E a garota?

Abanei a cabeça.

- Bastante agradável, mas nada extraordinária.

- Todas as garotas são extraordinárias - afirmou Merlim, altivo, - sobretudo as que se chamam Cywwylog. Encontre-a, Gawain.

- Por que quer encontrá-la? - perguntei.

- Meto o nariz nos teus assuntos? - perguntou-me Merlim. - Será que me aproximo de você e faço perguntas patetas sobre lanças e escudos? Estarei eu sempre a importunando-o com interrogatórios idiotas sobre o modo como administra a justiça? Será

que me preocupo com as suas colheitas? Em suma, terei me incomodado em

interferir na tua vida, Derfel?

- Não, Senhor.

- Então, peço que não seja curioso em relação à minha. Não é permitido aos ratos compreenderem os caminhos da águia. Agora coma um pouco de queijo, Derfel.

Nimue recusou-se a comer. Estava amuada, zangada com a forma como Merlim rejeitara a sua asserção de que Artur era o verdadeiro governante da *Dumnônia*. Merlim ignorou-a, preferindo gracejar com Gawain. Não voltou a mencionar o nome de Mordred, nem falou sobre o que planejava fazer em *Mai Dun*, embora por fim tivesse falado dos Tesouros enquanto me acompanhava ao portão exterior do palácio onde Issa ainda me aguardava. O bastão negro do Druida fazia um ruído seco nas pedras enquanto caminhávamos pelo pátio, onde a multidão observara o início e o fim das aparições.

- Sabe, eu preciso de gente - disse Merlim - porque se os deuses vão ser invocados, então temos de trabalhar, e Nimue e eu não conseguimos de modo algum fazê-lo sozinhos. Precisamos de cem pessoas, talvez mais!

- Para fazer o quê?

- Você verá, você verá. Gostou de Gawain?

- Parece prestimoso.

- Ah, prestimoso sem dúvida, mas será isso admirável? Os cães são prestimosos. Ele me recorda Artur quando era jovem. Todo aquele desejo intenso de praticar o bem. - Deu uma gargalhada.

- Senhor - disse eu, ansioso por uma reafirmação, - o que irá acontecer em *Mai Dun*?

- Invocaremos os deuses, claro. É um procedimento complicado e a única coisa que posso fazer é rezar para que consiga fazê-lo bem. Sem dúvida que temo que não de certo. Nimue, como deve calcular, acha que estou fazendo tudo errado, mas veremos, veremos. - Deu mais dois passos em silêncio. - Todavia, se nós o fizermos bem, Derfel, se o fizermos bem, que visão iremos testemunhar! Os deuses surgindo com todo o seu poder. *Manawydan* saindo do mar, todo

molhado e glorioso. *Taranis* estilhaçando os céus com relâmpagos, *Bei* deixando um rastro de fogo no céu, e *Don* fendendo as nuvens com a sua lança de fogo. Isto deverá assustar os Cristãos, ah! - Ensaiou dois passos desajeitados por puro divertimento. - Então, os bispos mijam as suas vestes negras, hã?

- Mas não pode ter certeza - afirmei ansioso pela reafirmação.

- Não seja tolo, Derfel. Porque quer sempre certeza de mim? Tudo o que posso fazer é representar o ritual e esperar fazê-lo bem! Mas hoje você testemunhou alguma coisa, não foi? Aquilo não te convenceu?

Hesitei, questionando-me sobre se o que presenciara era algum truque. Mas que truque podia fazer com que a pele de uma garota brilhasse na escuridão?

- E os deuses irão lutar contra os Saxões? - perguntei.

- É por isso que os invocamos, Derfel - respondeu Merlim, pacientemente. - A pretensão é restabelecer a Bretanha e torná-la como era antes da sua perfeição ser manchada pelos Saxões e pelos Cristãos. - Deteve-se ao portão e olhou fixamente para o campo na penumbra. - Eu amo verdadeiramente a Bretanha - afirmou num tom de voz que, de repente, se tornou lânguido. - Eu amo realmente esta ilha. É um lugar especial. -

Pousou uma mão no meu ombro. - Lancelot incendiou a sua casa. Onde vive agora?

- Tive de construir uma casa - respondi, embora não fosse na casa senhorial de Ermid onde a minha pequena Dian morrera.

- *Dun Carie* está vazia - disse Merlim - e eu o deixarei viver ali, mas com uma condição: que quando a minha tarefa estiver acabada e os deuses estiverem conosco, eu possa vir morrer na sua casa.

- Pode vir e aí viver, senhor - respondi.

- Para morrer, Derfel, para morrer. Estou velho. Falta-me realizar uma tarefa, e tentarei fazê-lo em *Mai Dun*. - Manteve *a* sua mão no meu ombro. - Acha que não sei os riscos que corro?

Pressenti o seu receio.

- Que riscos, senhor? - perguntei acanhadamente.

O piar de uma coruja soou vindo da escuridão, e Merlim escutou com a cabeça inclinada, aguardando que ela piasse de novo, mas nada mais se ouviu.

- Durante toda a minha vida - disse ele, algum tempo depois, - pensei fazer com que os deuses voltassem à Bretanha, e agora tenho os meios para fazê-lo, mas não sei se vou conseguir. Ou sequer se sou o homem que deve representar os ritos. Ou ainda se vou viver o suficiente para ver isso acontecer. - A sua mão apertou-me o ombro. - Vá, Derfel, vá. Tenho de dormir, porque amanhã viajo para o sul. Mas venha a *Durnovária* no *Samain*. Venha e testemunhe os deuses.

- Lá estarei, Senhor.

Sorriu e afastou-se. E eu regressei a *Caer*, confuso, cheio de esperança e assaltado por receios, perguntando a mim mesmo onde nos levaria agora a magia, ou se nos levaria a outro lado que não ao domínio dos Saxões que viriam na Primavera.

Porque, se Merlim não conseguisse invocar os deuses, então a Bretanha estaria definitivamente perdida.

Lentamente, como um lago que se acalma depois de ter sido agitado num turbilhão, a Bretanha aquietou-se. Lancelot recolheu-se em *Venta*, temendo a vingança de Artur. Mordred, o nosso Rei legítimo, veio para *Lindinis* onde lhe foram concedidas todas as honrarias, mas cercado por lanceiros. Guinevere permaneceu em *Ynys Wydryn* sob a vigilância atenta de Morgana, enquanto Sansum, o marido de Morgana, estava encarcerado nas masmorras do anfitrião de Emrys, o bispo de *Durnovária*. Os saxões haviam se retirado para trás das suas fronteiras, embora depois das colheitas estarem guardadas em ambos os lados desferissem ataques-surpresa a um e a outro. Sagramor, o comandante númida de Artur, vigiava a fronteira saxônica, enquanto Culhwuch, o primo de Artur, e agora uma vez mais um dos seus chefes de batalha, vigiava a fronteira belga de Lancelot da nossa fortaleza de *Dunum*. O nosso aliado, o rei Cuneglas de *Powys*, deixara uma centena de lanceiros sob o comando de Artur, depois regressara ao seu próprio reino, tendo encontrado no caminho a sua irmã, a princesa Ceinwyn, de regresso a *Dumnônia*. Ceinwyn era minha esposa como eu era seu esposo, embora ela tivesse prestado o juramento de nunca se casar. Ela voltou com as nossas duas filhas no início do Outono, e confesso que não me

senti verdadeiramente feliz enquanto ela não chegou.

Encontrei-me com ela na estrada, a sul de *Glevum* e apertei-a por longo tempo nos meus braços, pois houvera momentos em que pensara que não mais a veria. Era uma perfeição, a minha Ceinwyn, uma princesa de cabelos de ouro. Certa vez, muito tempo antes destes acontecimentos, fora prometida em casamento a Artur, e depois de ele ter abandonado esse casamento planejado para ficar com Guinevere, a mão de Ceinwyn fora prometida a outros grandes príncipes, mas ela e eu fugíramos juntos e atrevo-me a dizer que ambos agimos bem ao fazê-lo.

Tínhamos a nossa nova casa em *Dun Carie*, que fica a curta distância a norte de *Caer Cadarn*. *Dun Carie* significa ”A Colina junto ao Belo Ribeiro”, e o nome era apropriado, pois era um local belo, onde achei que seríamos felizes. O palácio no topo da colina fora construído com madeira de carvalho e o telhado coberto de colmo com palha, e circundava-o uma dúzia de edifícios exteriores cercados por uma paliçada de madeira apodrecida. As pessoas que viviam na pequena aldeia no sopé da colina acreditavam que o palácio estava assombrado, porque Merlim deixara um druida ancião, Balise, viver a sua vida no local, o que levou os meus lanceiros a retirarem dali os ninhos, a bicharada e toda a parafernália ritual de Balise. Não tive dúvidas que os aldeãos, apesar de recearem o velho palácio, haviam já retirado os Caldeirões, tripés e tudo o resto com verdadeiro valor.

Desse modo, ficamos apenas com as peles de cobra, os ossos secos e os corpos dissecados de aves, tudo isso envolvido em volumosas teias de aranha. Muitos dos ossos eram humanos, formando enormes pilhas. Então, enterramos esses restos mortais em vários túmulos para que as almas dos mortos não pudessem voltar a unir-se e regressar para nos perseguirem.

Artur enviara-me uma dúzia de jovens para que eu treinasse como guerreiros e durante todo esse Outono ensinei-lhes a disciplina da lança e do escudo, e uma vez por semana, mais por hábito do que por prazer, eu visitava Guinevere perto de *Ynys Wydryn*.

Levava-lhe alimentos, e, quando esfriou mais, uma bela capa de pêlo de urso. Por vezes, levava comigo o seu filho, Gwydre, mas ela nunca se sentia verdadeiramente à vontade na sua presença. Aborrecia-se com as suas histórias sobre a pesca no ribeiro de *Dun Carie* ou a caça nas nossas matas. Ela própria adorava caçar, mas esse prazer já não lhe era permitido, por isso fazia exercício

caminhando pelos domínios do santuário. A sua beleza não diminuíra, de fato o seu tormento concedera aos seus grandes olhos uma luminosidade que outrora lhes faltara, embora ela nunca aceitasse a tristeza como verdadeira. Era muito orgulhosa para fazê-lo, apesar de eu conseguir perceber que era infeliz. Morgana humilhava-a, cercando-a com orações cristãs e acusando-a constantemente de ser a grande prostituta da Babilônia. Guinevere suportava-o pacientemente e a única queixa que alguma vez proferiu foi no início do Outono quando as noites se tornaram mais longas e as primeiras geadas noturnas tornaram brancos os buracos escuros, e ela me disse que os seus aposentos estavam sempre muito frios.

Artur pôs cobro a isso, ordenando que Guinevere podia consumir tanta lenha quanta desejasse. Ele ainda a amava, embora detestasse ouvir-me proferir o seu nome. Quanto a Guinevere, eu não sabia quem ela amava. Ela perguntava-me sempre por novas de Artur, mas nem uma vez mencionou o nome de Lancelot.

Também Artur era prisioneiro, mas apenas dos seus próprios tormentos. A sua casa, se é que a tinha de fato, era o palácio real em *Durnovária*, mas ele preferia andar por *Dumnônia*, indo de fortaleza em fortaleza e falando-nos de tudo sobre a guerra contra os saxões, que deveriam chegar no ano novo.

Mas se havia lugar onde ele passava mais tempo do que em qualquer outro era conosco, em *Dun Carie*. Víamo-lo chegar do nosso palácio no topo da colina, e um instante mais tarde soava um *lur* avisando que os seus cavaleiros atravessavam o ribeiro.

Gwydre, o seu filho, descia a colina correndo para ir ao seu encontro e Artur inclinava-se na sela de *Llamrei* e içava o rapaz antes de esporear o cavalo em direção ao nosso portão. Ele mostrava ternura por Gwydre, na verdade por todas as crianças, mas com os adultos mostrava uma fria reserva. O velho Artur, o homem de alegre entusiasmo desaparecera. Abria a sua alma apenas com Ceinwyn, e sempre que vinha a *Dun Carie*, falava com ela durante horas. Falavam de Guinevere, de quem mais?

- Ele ainda a ama - disse-me Ceinwyn.

- Devia se casar novamente - respondi-lhe.

- Como pode fazê-lo? Ele não pensa em mais ninguém senão nela.

- O que costuma dizer-lhe?

- Que a perdoe, claro. Duvido que ela volte a fazer alguma tolice, e se ela é a mulher que o faz feliz, então ele devia esquecer o orgulho e aceitá-la de novo.

- É orgulhoso demais para fazê-lo.

- Evidentemente - disse ela, reprovadora. Pousou a roca e o fuso. - Acho que, primeiro, talvez tenha de matar Lancelot. Isso o deixaria contente.

Artur tentou nesse Outono. Conduziu um ataque-surpresa a *Venta*, o capitólio de Lancelot, mas este soubera do ataque e fugira para junto de Cerdic, o seu protetor. Levou consigo Amhar e Loholt, os filhos de Artur e de Ailleann, a sua amante irlandesa. Os gêmeos sempre haviam se ressentido da sua condição de bastardos e tinham se aliado aos inimigos de Artur. Artur não conseguiu encontrar Lancelot, mas trouxe consigo uma bela quantidade de cereais, que eram de grande necessidade, já que o tumulto do Verão afetara inevitavelmente as nossas colheitas.

No meio do Outono, apenas a duas semanas do *Samain* e nos dias que se seguiram ao seu ataque súbito a *Venta*, Artur regressou a *Dun Carie*. Ele emagrecera ainda mais e o seu rosto estava mais lúgubre ainda. Nunca fora um homem com uma presença atemorizadora, mas agora se tornara de tal modo circunspecto que os homens não lhe conheciam os pensamentos, e essa reserva conferia-lhe algo misterioso, enquanto a tristeza da sua alma lhe acrescentava dureza. Sempre fora paciente, mas agora o seu gênio inflamava-se à menor provocação. Estava zangado, sobretudo consigo mesmo, por acreditar que havia falhado. Os seus dois primeiros filhos haviam-no abandonado, o seu casamento desgastara-se e *Dumnônia* decaíra com ele. Ele julgara que conseguiria criar um reino perfeito, um lugar justo, seguro e pacífico, mas os cristãos haviam preferido a mortandade. Culpou-se por não ter visto o que estava para chegar, e agora, na calmaria depois da tempestade, duvidava da sua própria perspicácia.

- Temos apenas de nos instalar para fazer as pequenas coisas, Derfel - disse-me ele nesse dia.

Estava um dia perfeito de Outono. O céu estava mosqueado de nuvens, de modo que manchas de luz do Sol penetravam a paisagem castanho-amarelada que se estendia para Ocidente. Por uma única vez Artur não procurou a companhia de Ceinwyn, levando-me para um campo relvado junto ao lado exterior da paliçada

reparada de *Dun Carie* de onde fitou, taciturno, o *Tor* que se elevava na linha do horizonte. Olhou fixamente para *Ynys Wydryn*, onde estava Guinevere.

- As coisas pequenas? - perguntei-lhe.

- Derrotar os saxões, claro. - Fez um esgar, sabendo que derrotar os saxões não era empresa fácil. - Eles se recusam a falar conosco. Se eu enviar algum mensageiro, eles o matam. Disseram-me na semana passada.

- Eles? - perguntei.

- Eles - confirmou-me ameaçador, referindo-se a Cerdic e Aelle.

Normalmente, os dois reis saxões pelejavam entre si, algo que nós encorajávamos com enormes subornos, mas agora, segundo parecia, haviam aprendido a lição que Artur tão bem ensinara aos reinos britânicos: que a vitória apenas se consegue com a união. Os dois monarcas saxões uniam agora as suas forças para esmagar *Dumnônia* e a decisão de não receberem quaisquer mensageiros era um sinal da sua resolução, bem como uma medida de autoproteção. Os mensageiros de Artur podiam levar consigo subornos que talvez enfraquecessem os chefes de tribo, e todos os mensageiros, por muito séria que fosse a sua busca pela paz, serviam para espiar o inimigo. Nesse momento, Cerdic e Aelle não corriam quaisquer riscos. Pretendiam ocultar as suas diferenças e juntar forças para nos esmagarem.

- Eu tive esperanças que a praga os tivesse enfraquecido - afirmei.

- Mas outros homens surgiram, Derfel - disse Artur. - Consta que os seus barcos descarregam todos os dias, e todos eles estão cheios de almas famintas. Eles sabem que estamos fracos, por isso virão milhares no próximo ano, milhares atrás de milhares. - Artur pareceu divertido com a perspectiva extremista. - Uma horda! Será essa a forma como iremos acabar, você e eu? Dois velhos amigos, escudos lado a lado, esquartejados por machados bárbaros.

- Há formas piores de morrer, senhor.

- E melhores - afirmou incisivo.

Olhou fixamente na direção do *Tor*. De fato, quando vinha a *Dun Carie* sentava-se sempre naquela encosta oeste, nunca no lado leste, nem na encosta sul diante

de *Caer Cadarn*, mas sempre aqui, olhando para lá do vale. Eu sabia em que pensava, e ele sabia disso, mas não mencionou o seu nome, porque não queria que eu soubesse que acordava todas as manhãs pensando nela e rezava todas as noites para sonhar com ela.

Depois, percebendo de repente do meu olhar fixo baixou os olhos para os terrenos onde Issa treinava alguns rapazes para se tornarem guerreiros. O ar do Outono enchera-se com os ruídos secos dos golpes das hastes das lanças e com a voz rouca de Issa gritando para que mantivessem as lâminas em baixo e os escudos elevados.

- Como eles estão? - perguntou-me Artur, acenando com a cabeça na direção dos recrutas.

- Como nós há vinte anos - respondi, - e nessa época os mais velhos diziam que nunca seríamos guerreiros, e daqui a vinte anos aqueles rapazes dirão o mesmo dos seus filhos. Eles serão bons. Uma batalha os amadurecerá. Depois dessa, serão tão úteis como qualquer guerreiro da Bretanha.

- Uma batalha - disse Artur severamente, - pode acontecer que travemos apenas uma batalha. Quando os saxões vierem, Derfel, serão em muito maior número do que nós. Ainda que *Powys* e *Gwent* mandem todos os seus homens, estaremos em menor número. - Aquilo soou como uma verdade amarga. - Merlim diz que eu não devia me preocupar - acrescentou Artur com sarcasmo, - diz que o seu trabalho em *Mai Dun* tornará a guerra desnecessária. Já visitou o local?

- Ainda não.

- Centenas de tolos transportando lenha para o cume. Demência. - Cuspiu para a encosta. - Não confio em Tesouros, Derfel, mas sim em escudos defensivos e em lanças afiadas. E tenho uma outra esperança.

Fez uma pausa.

- Que é? - instiguei-o.

Virou-se para me olhar.

- Se mais uma vez conseguíssemos dividir os nossos inimigos - afirmou, -

teríamos ainda uma chance. Se Cerdic vier sozinho conseguimos derrotá-lo, desde que *Powys* e *Gwent* nos ajudem, mas não consigo vencer Cerdic e Aelle juntos. Talvez eu vencesse se tivesse cinco anos para renovar o nosso exército, mas não consigo fazê-lo até à próxima Primavera. A nossa única esperança, Derfel, é que os nossos inimigos se zanguem. - Era a nossa antiga forma de fazer a guerra. Subornar um rei saxão para lutar contra o outro, mas segundo o que Artur me contara, os saxões estavam tomando todas as precauções para garantir que isso não acontecesse nesse Inverno. - Irei oferecer a Aelle uma paz duradoura. Ele poderá ficar com todas as suas atuais regiões e com todas as que conseguir tirar de Cerdic, e ele e os seus descendentes poderão governá-las para sempre. Segue o meu raciocínio? Conceder-lhe essa região perpetuamente, caso lute ao nosso lado na próxima batalha.

Eu nada disse durante algum tempo. O velho Artur, o Artur que fora meu amigo antes dessa noite no templo de Ísis, nunca teria proferido tais palavras, porque não eram verdadeiras. Homem algum cederia terras britânicas aos Sais. Artur mentia na esperança que Aelle acreditasse na mentira, e dentro de poucos anos Artur quebraria a promessa e atacaria Aelle. Percebi isso, mas percebi também que era melhor não contestar a mentira, porque então eu próprio não poderia fingir que acreditava nela. Em vez de fazê-lo recordei a Artur um antigo juramento que fora prestado numa pedra junto a uma árvore afastada.

- Você jurou matar Aelle - recordei-lhe. Esse juramento está esquecido?

- Agora não me preocupo com juramento algum - afirmou friamente, mas depois tornou, sereno, - e por que haveria de fazê-lo? Alguém cumpre os juramentos que faz comigo?

- Eu cumpro, senhor.

- Então obedeça-me, Derfel - afirmou conciso, - e vá encontrar Aelle.

Eu sabia que esse pedido acabaria por surgir. Primeiramente não respondi, observando apenas Issa instigando os seus jovens a atacarem um escudo defensivo pouco firme. Depois virei-me para Artur.

- Achei que Aelle prometera matar os mensageiros.

Artur não olhou para mim. Em vez de fazê-lo, fitou a charneca verde distante.

- Dizem os velhos que este será um Inverno rigoroso - afirmou, - e eu quero ter a resposta de Aelle antes das primeiras neves caírem.

- Sim, senhor - respondi.

Ele deve ter notado tristeza na minha voz, porque se voltou de novo para mim.

- Aelle não matará o seu próprio filho.

- Temos de ter esperança que não o faça, Senhor - afirmei maliciosamente.

- Então vá ao seu encontro, Derfel - disse Artur. Sabendo o que sabia, acabava de me condenar à morte, mas não demonstrou qualquer arrependimento. Levantou-se e sacudiu os pedacinhos de relva da sua capa branca. - Basta conseguirmos derrotar Cerdic na próxima Primavera, Derfel, e então poderemos reconstruir a Bretanha.

- Sim, senhor - afirmei. Ele fez com que tudo parecesse tão simples: apenas vencer os saxões e depois reconstruir a Bretanha. Recordei-me que sempre fora assim; uma última grande tarefa, depois seguir-se-ia sempre a felicidade. De certo modo, isso nunca aconteceu, mas agora, desesperados como estávamos e para que tivéssemos uma última chance, eu devia viajar para me encontrar com meu pai.

Eu sou saxão. A minha mãe, Erce, também ela saxã, enquanto estava grávida foi feita prisioneira de Uther e tornada escrava pouco antes de eu nascer. Fui retirado de minha mãe quando era criança ainda bem pequena, mas apenas depois de ter aprendido a língua saxônica. Mais tarde, muito mais tarde, justamente na véspera da rebelião de Lancelot, encontrei a minha mãe e soube que o meu pai era Aelle.

Assim sendo, o meu sangue é genuinamente saxão, e por isso semi-real, embora por ter sido criado com os bretões eu não sinta qualquer afinidade com os Sais. Para mim, tal como para Artur ou para qualquer outro bretão nascido em liberdade, os Sais são uma praga que nos foi trazida do outro lado do mar Oriental.

De onde vieram, ninguém sabe ao certo. Sagramor, que viajou mais do que qualquer outro comandante de Artur, conta-me que a terra dos Saxões é um lugar distante e oculto pelo nevoeiro com lodaçais e matas, embora confesse nunca ter

estado ali. Apenas sabe que fica do outro lado do mar, e que estão a abandoná-la, conforme ele afirma, porque as terras da Bretanha são melhores, embora também me tenha constado que o território dos Saxões está cercado por outros inimigos, igualmente estranhos, que vêm do extremo mais longínquo do mundo. Mas por uma razão qualquer, há cem anos os Saxões têm atravessado o mar para se apossarem das nossas terras, e agora detêm todo o Leste da Bretanha. Chamamos a esse território roubado *Lloegyr*, as Terras Perdidas, e não existe uma única alma na Bretanha livre que não sonhe em recuperar as Terras Perdidas. Merlim e Nimue acreditam que essas terras serão recuperadas apenas pelos deuses, enquanto Artur deseja fazê-lo com a espada. E a minha missão era dividir os nossos inimigos para facilitar a tarefa tanto aos deuses como a Artur.

Viajei no Outono quando os carvalhos se tornavam cor-de-bronze, as faias vermelhas e o frio cobria o amanhecer com uma neblina branca. Viajei sozinho, já que se Aelle homenageasse a chegada de um mensageiro com a morte, seria melhor morrer apenas um homem. Ceinwyn rogara-me que levasse um grupo de guerra, mas com que propósito? Um grupo de guerra não me dava esperanças de comprometer o poder de todo o exército de Aelle, e desse modo, quando o vento levou as primeiras folhas amarelas dos ulmeiros, dirigi-me para leste. Ceinwyn tentara convencer-me a partir apenas depois do *Samain*, uma vez que se as invocações de Merlim funcionassem em *Mai Dun*, certamente não seria necessário nenhum emissário ir ao encontro dos Saxões, mas Artur não admitiria qualquer demora. Ele confiara na traição de Aelle e queria uma resposta do Rei saxão, por isso parti, fazendo apenas votos para que sobrevivesse e regressasse à *Dumnônia* na véspera do *Samain*. Levava a minha espada e tinha um escudo pendurado nas costas, mas não levava mais nenhuma arma nem armadura.

Não me dirigi de imediato para leste, porque essa estrada me levaria perigosamente para junto do território de Cerdic, por isso, rumei para norte, passei por *Gwent*, e depois para leste, dirigindo-me para a fronteira saxônica onde Aelle governava.

Durante um dia e meio caminhei passando pelas regiões das ricas fazendas de, por casas de campo e herdades de cujas chaminés saía fumaça. Os campos tinham as marcas lamacentas das patas dos animais que estavam sendo encerrados, aguardando as matanças do Inverno, e o seu mugido imprimia um tom melancólico à minha viagem. O ar revelava os primeiros indícios do Inverno e, de manhã, o sol permanecia baixo e fraco por entre o nevoeiro. Estorninhos juntavam-se em bandos nos terrenos em pouso.

A paisagem mudava à medida que eu rumava para leste. *Gwent* era uma região cristã, e no início passei por grandes igrejas trabalhadas. No segundo dia, porém, as igrejas eram muito menores e as fazendas menos prósperas até por fim alcançar as terras intermediárias, os lugares bravios onde nem saxões nem bretões governavam, mas onde ambos tinham os seus terrenos de morte. Aqui, as campinas que outrora haviam alimentado famílias inteiras estavam cheias de carvalhos novos, espinheiros-alvar, vidoeiros e freixos, as casas de campo eram ruínas sem telhados e os palácios esqueletos queimados e hirtos. Todavia, ainda aí viviam pessoas, e quando certa vez ouvi alguém correr num bosque que ficava próximo desembainhei a *Hywelbane* com medo dos homens sem senhor que se refugiavam nestes vales; mas ninguém me abordou, até essa tarde em que um grupo de lanceiros me barrou o caminho. Eram homens de *Gwent* e, à

semelhança de todos os soldados do rei Meurig, traziam vestígios do antigo uniforme romano, couraças de bronze, elmos encimados com plumas de pêlo de cavalo de um vermelho vivo e capas cor-de-ferrugem. O seu chefe era um cristão de nome Carig, que me convidou a entrar na sua fortaleza situada numa clareira num alto espinhaço com arvoredo. A incumbência de Carig era vigiar a fronteira, e, bruscamente, interrogou-me sobre o que me levava ali, mas não fez mais perguntas quando lhe disse o meu nome e que ia a serviço de Artur.

A fortaleza de Carig era uma simples paliçada de madeira, no interior da qual haviam sido construídas duas cabanas cujas lareiras acesas as enchiam de fumaça.

Aqueci-me enquanto uma dúzia de homens de Carig se afadigava cozinhando um quadril de veado num espeto feito com a lança de um saxão capturado. Havia uma dúzia dessas fortalezas num raio de um dia de marcha, todas viradas para leste para barrarem os atacantes de Aelle. *Dumnônia* tinha justamente as mesmas precauções, embora mantivéssemos um exército permanentemente junto à nossa fronteira. O custo de tal exército era exorbitante, e reclamado por parte daqueles cujos impostos sobre os cereais, o couro, o sal e os velos pagavam as tropas. Artur sempre lutara para que esses impostos fossem justos e não muito pesados, apesar de nessa época, após a rebelião, ter lançado um duro castigo cobrando implacáveis impostos a todos os senhores abastados que haviam seguido Lancelot. Essa cobrança foi desproporcionada em relação aos cristãos, e Meurig, o rei cristão de *Gwent*, enviou um protesto que Artur ignorou. Carig, o leal seguidor de Meurig, tratou-me com certa reserva, embora tivesse feito o possível para me prevenir sobre o que me esperava depois da fronteira.

- Sabe, senhor - disse ele - que os Sais estão recusando-se a deixar os homens atravessarem a fronteira?

- Sim, estou ciente.

- Dois mercadores atravessaram-na há uma semana - disse Carig. – Levavam cerâmica e velos. Avisei-os, mas - fez uma pausa e encolheu os ombros, - os saxões ficaram com os potes e a lã, mas devolveram duas cabeças.

- Se a minha cabeça for enviada peço-lhe que a mande a Artur. - Observei a gordura pingando do veado e incendiando-se no fogo. - Os viajantes regressam de *Lloegyr*?

- Há semanas que não, mas no próximo ano, sem dúvida, veremos inúmeros lanceiros saxões na *Dumnônia*.

- E em *Gwent*, não? - desafiei-o.

- Aelle não tem nenhuma contenda conosco - disse Carig com firmeza. Era um jovem nervoso a quem não agradava muito a sua posição frágil na fronteira da Bretanha, apesar de cumprir o seu dever com razoável consciência e dos seus homens, reparei nesse fato, estarem bem disciplinados.

- Vocês são bretões - disse a Carig - e Aelle é saxão, não é motivo suficiente?

Carig encolheu os ombros.

- A *Dumnônia* está enfraquecida, Senhor, os Saxões sabem disso. *Gwent* está

forte. Atacarão vocês, não a nós. - A sua voz soou terrivelmente complacente.

- Mas uma vez vencida a *Dumnônia* - afirmei, tocando no ferro do copo da minha espada para afastar o mau agouro implícito nas minhas palavras - quanto tempo demorarão para rumar para norte, em direção a *Gwent*?

- Cristo nos protegerá - disse Carig piamente, e fez o sinal da Cruz. Um crucifixo estava pendurado na parede da cabana e um dos seus homens lambeu os dedos e tocou nos pés do Cristo torturado.

Sub-repticiamente, cuspi para o fogo.

Na manhã seguinte rumei para leste. O céu havia ficado com nuvens durante a noite e a aurora saudou-me com uma chuva miúda e fria que me fustigava o rosto. A estrada romana, agora com fendas e cheia de ervas daninhas, estendia-se até uma mata úmida e fria, e quanto mais eu caminhava mais os meus ânimos se afundavam. Tudo o que eu ouvira no forte fronteiriço de Carig sugeria que *Gwent* não lutaria por Artur. Meurig, o jovem Rei de *Gwent*, sempre fora um guerreiro obstinado. O seu pai, Tewdric, sabia que os Bretões tinham de se unir contra o seu inimigo comum, mas Tewdric renunciara ao trono e fora viver como monge junto ao rio *Wye* e o seu filho não era um senhor da guerra. Sem as tropas bem treinadas de *Gwent*, a *Dumnônia* estava decididamente condenada, a menos que uma ninfa nua e luminosa pressagiasse uma intervenção milagrosa dos deuses. Ou a menos que Aelle acreditasse na mentira de Artur. E chegaria Aelle a receber-me? Acreditaria ele tão pouco que eu era seu filho? Para mim, o rei saxão cumprira o seu papel nas escassas ocasiões em que nos encontráramos, mas isso nada significava, porque eu continuava sendo seu inimigo, e quanto mais avançava através dos chuviscos frios, por entre as árvores altas e molhadas, mais aumentava o meu desespero.

Eu tinha certeza que Artur me enviara em direção à morte, e pior ainda, que ele o fizera com a insensibilidade de um jogador que perde e que arrisca tudo num lançamento final.

No meio da manhã cheguei às últimas árvores e caminhei para o centro de uma vasta clareira no meio da qual corria um ribeiro. A estrada seguia o pequeno curso de água, mas junto à passadeira e espetado num morro, que se elevava à altura da cintura de um homem, encontrei um abeto morto com oferendas penduradas. A prestidigitação era-me estranha, por isso eu não fazia idéia se a árvore ornamentada protegia a estrada, acalmava o ribeiro ou era uma simples brincadeira de crianças. Deslizei do dorso do meu cavalo e vi que os objetos pendurados nos frágeis ramos eram os pequenos ossos da coluna de um homem. Não era nenhuma brincadeira de crianças, conclui, mas o que seria? Cuspi para um dos lados do morro para afastar o agouro, toquei no ferro do copo da *Hywelbane* e depois conduzi o meu cavalo através do vau.

Trinta passos adiante do ribeiro começava novamente a mata e eu não percorrera ainda metade dessa distância quando um machado foi lançado das sombras por baixo dos ramos. Guinou ao passar por mim com a luz do dia cinzento tremeluzindo na sua lâmina. O arremesso fora ruim, e o machado sibilou até uns bons quatro passos de distância. Ninguém me desafiou, mas também não surgiu

outra arma vinda das árvores.

- Eu sou saxão! - gritei nessa língua. Ninguém disse nada, mas ouvi um sussurro de vozes e o estalido de galhos quebrando-se. - Sou saxão! - voltei a dizer, e questionei-me se os observadores escondidos não seriam saxões mas bretões fora-da-lei, já que eu estava ainda em terra de ninguém onde os homens sem senhor de todas as tribos e regiões se escondiam da justiça.

Preparava-me para dizer em bretão que não queria fazer-lhes mal quando uma voz gritou no meio das sombras em saxão.

- Atire sua espada para cá! - ordenou-me um homem.

- Pode vir aqui tomar a minha espada - respondi.

Houve uma pausa.

- Como se chama? - perguntou a voz.

- Derfel! - respondi. - Filho de Aelle.

Disse o nome de meu pai como um desafio, e isso deve tê-los tranqüilizado porque uma vez mais ouvi o murmúrio baixo das vozes. Depois, um instante mais tarde, seis homens passaram por entre os ramos dos espinheiros e entraram na clareira. Todos tinham grossas peles, que os saxões preferiam às armaduras, e todos traziam lanças. Um deles tinha um elmo com cornos e esse, sem dúvida o chefe, desceu na minha direção.

- Derfel - disse ele, detendo-se a meia dúzia de passos de mim. - Derfel - repetiu.

- Já ouvi esse nome, e não é saxão.

- É o meu nome - respondi - e eu sou saxão.

- Um filho de Aelle? - Ele desconfiava.

- Sim.

Examinou-me por um momento. Era um homem alto, com uma massa de cabelo castanho enrolada no elmo com cornos. A barba dava-lhe quase pela cintura e os

bigodes pendiam-lhe até ao início da couraça de couro que usava por baixo da capa de pêlo.

Calculei que fosse um chefe de tribo local, ou talvez um guerreiro destacado para vigiar aquela parte da fronteira. Encaracolou um dos bigodes com a mão livre e depois deixou as pontas desenrolarem-se.

- Conheço Hrothgar, filho de Aelle - afirmou, pensativo, - e Cyrning, filho de Aelle, de quem sou amigo. Penda, Saebold e Yffe, filhos de Aelle, vi-os combater. Mas Derfel, filho de Aelle? - Abanou a cabeça.

- Está vendo agora - respondi.

Tomou o peso da sua lança, reparando que o meu escudo ainda pendia da sela do meu cavalo.

- De Derfel, amigo de Artur, já ouvi falar - disse ele acusador.

- Também o vê neste instante - afirmei - e ele tem assuntos a tratar com Aelle.

- Nenhum bretão tem assuntos a tratar com Aelle - respondeu, e os seus homens resmungaram a sua concordância.

- Eu sou saxão - insisti.

- Então que assunto o traz?

- Cabe a meu pai ouvi-lo e a mim falar dele. Você nada tem com isso.

Virou-se e gesticulou para os seus homens.

- Tornaremos um assunto nosso.

- Como você se chama? - perguntei.

Ele hesitou, depois concluiu que mal nenhum faria revelar o seu nome.

- Ceolwulf - afirmou - filho de Eadbehrt.

- Então, Ceolwulf - perguntei-lhe, - acha que meu pai o recompensará quando souber que atrasou a minha viagem? O que acha que te dará? Ouro? Ou uma

sepultura?

Foi uma pequena artimanha, mas funcionou. Eu não fazia idéia se Aelle me receberia de braços abertos ou se me mataria, mas Ceolwulf teve suficiente medo da ira do seu rei para, de má vontade, me deixar passar e ordenar que quatro lanceiros me escoltassem, penetrando nós cada vez mais nas Terras Perdidas.

E foi assim que viajei por lugares que, durante uma geração, poucos bretões livres haviam pisado. Aquelas eram as terras que ficavam no coração do território do inimigo, e durante dois dias eu as atravessei. À primeira vista, a região parecia ter poucas diferenças em relação à região bretã, uma vez que os saxões haviam se apoderado dos nossos campos e amanhavam-nos de forma muito idêntica à nossa, embora eu tivesse reparado que as suas medas de feno eram empilhadas a maior altura e eram também mais quadradas, e as suas casas mais robustas. As vilas romanas estavam quase todas desertas, embora aqui e ali algumas fazendas ainda se mantivessem em funcionamento.

Ali não havia igrejas cristãs, nem, que eu tivesse visto, nenhum santuário, apesar de termos passado por um ídolo britânico com algumas oferendas de pouco valor na base.

Ainda aí viviam bretões e alguns até possuíam o seu próprio terreno, mas a maioria eram escravos ou mulheres casadas com saxões. Os nomes dos locais haviam sido todos alterados e a minha escolta tão pouco sabia como se chamavam na época em que os britânicos governavam. Passamos por *Lycceword* e *Steortford*, depois por *Leodasham* e *Celmeresfort*, todos com estranhos nomes saxões, mas lugares prósperos. Estes não eram lares nem casas de invasores, mas colônias de pessoas que haviam se fixado. Em *Celmeresfort* viramos para sul atravessando *Beadewan* e *Wicford*, e à medida que avançávamos, os meus companheiros disseram-me orgulhosamente que naquele instante passávamos pela fazenda que Cerdic entregara a Aelle no Verão. O terreno foi o preço, afirmaram eles, da lealdade de Aelle na guerra que está para vir e que empurrará estas pessoas ao longo da Bretanha para o mar Ocidental. A minha escolta estava confiante que venceriam. Todos tinham ouvido como *Dumnônia* havia enfraquecido com a rebelião de Lancelot, e essa revolta encorajara os Reis saxões a unirem-se num único esforço para conquistarem todo o Sul da Bretanha.

Os aposentos de Inverno de Aelle situavam-se num local a que os Saxões chamavam *Thunreslea*. Ficavam numa colina alta, numa região plana de campos argilosos e pântanos escuros, e do cume plano da montanha podia-se olhar para sul, para lá do vasto Tamisa, até à região brumosa onde Cerdic governava. Um enorme palácio erguia-se na colina. Era um edifício sólido com troncos de carvalho escuro, e bem alto na sua íngreme e pontiaguda empena estava a insígnia de Aelle: o crânio de um touro pintado com sangue. No crepúsculo, o solitário palácio surgia escuro e enorme, um local sinistro. A leste, para lá de algumas árvores, existia uma aldeia, onde eu conseguia ver o crepitar de uma miríade de fogueiras. Parecia que chegara a *Thunreslea* na época de uma reunião, e as fogueiras mostravam onde as pessoas estavam acampadas.

- É um festim - disse-me um dos do meu séquito.

- Em homenagem aos deuses? – perguntei.

- Em homenagem a Cerdic. Ele veio falar com o nosso Rei.

As minhas esperanças, que já eram escassas, desvaneceram-se. Com Aelle eu tinha alguma chance de sobreviver, mas com Cerdic, pensei, não tinha nenhuma. Cerdic era um homem frio e insensível, enquanto Aelle tinha um espírito emotivo, até mesmo generoso.

Toquei no copo da *Hywelbane* e pensei em Ceinwyn. Rezei aos deuses para que me deixassem vê-la de novo. Agora era o momento de descer do meu fatigado cavalo, compor a minha capa com um gesto seco, retirar o escudo da minha sela e ir ao encontro dos meus inimigos.

Devia haver trezentos guerreiros festejando no chão coberto de junco daquele alto e lúgubre palácio, no topo da úmida colina. Trezentos homens odiosos e animados, barbudos e de rostos vermelhos, que, ao contrário de nós Bretões, nada viam de errado em levarem armas para os festins no palácio de um senhor. Três enormes fogueiras crepitavam no centro do salão e a fumaça era tão espessa que, no início, não consegui ver o homem que se encontrava sentado atrás da longa mesa, no extremo mais longínquo do salão. Ninguém percebeu minha entrada, já que com o meu longo e farto cabelo e a barba cerrada parecia um lanceiro saxão, mas ao passar pelas fogueiras crepitantes um guerreiro viu a estrela branca de cinco pontas do meu escudo e recordou-se de ter visto aquele símbolo no campo de batalha. Um resmungo sobressaiu do meio do tumulto de

vozes e risos, ecoando até todos os homens daquele palácio vociferarem contra mim, ao mesmo tempo que eu caminhava na direção do estrado onde se encontrava a grande mesa. Os guerreiros vociferantes pousaram os seus chifres de cerveja e começaram a bater com as mãos no chão ou nos escudos, de tal modo que o teto alto ecoou com o barulho medonho.

O choque de uma lâmina na mesa fez com que o barulho se dissipasse. Aelle havia se levantado, e fora a sua espada que lançara pelo ar lascas da mesa tosca onde via uma dúzia de homens com pratos empilhados à sua frente e chifres cheios.

Ladeavam-no Cerdic e Lancelot. Lancelot não era o único bretão presente. Bors, seu primo, persistia ao seu lado numa posição relaxada enquanto Amhar e Loholt, os filhos de Artur, ocupavam a extremidade da mesa. Todos eles eram meus inimigos, e eu toquei no copo da *Hywelbane* e rezei para que tivesse uma morte digna.

Aelle fitou-me. Conhecia-me suficientemente bem, mas saberia ele que eu era seu filho? Lancelot pareceu surpreso por me ver, chegando a corar, depois chamou um intérprete com um aceno, disse-lhe algumas palavras breves e este inclinou-se para Cerdic e sussurrou ao ouvido do monarca. Cerdic também me conhecia, mas nem as palavras de Lancelot nem o reconhecimento de um inimigo, alteraram a impenetrável expressão do seu rosto. Era um rosto de eclesiástico, sem barba, queixo estreito e com uma testa alta e larga. Os seus lábios eram finos e o seu cabelo ralo fora penteado com severidade para trás, formando um nó atrás do crânio. Por outro lado, o rosto banal tornava-se memorável por causa dos seus olhos. Eram olhos mortiços e cruéis, os olhos de um assassino.

Aelle pareceu muito admirado para dizer alguma coisa. Era muito mais velho do que Cerdic, de fato, passava um ou dois anos dos cinqüenta, o que permitia dizer que se tratava de um homem velho, mas tinha ainda um aspecto formidável. Era alto, bem constituído, e tinha um rosto longo e severo, o nariz quebrado, bochechas com cicatrizes e uma barba preta e farta. Vestia uma bela túnica escarlate e usava um grosso cordão de ouro no pescoço e mais ouro nos pulsos. Nenhuma jóia, porém, conseguia disfarçar o fato de Aelle ser acima de tudo um soldado, um belo exemplar dos guerreiros saxões.

Faltavam-lhe dois dedos na sua mão direita, cortados em alguma batalha travada

há

muito, me atreveria a dizer, onde ele consumara uma vingança sanguinária. Por fim falou.

- Você se atreve a vir aqui?

- Para o ver, meu rei e senhor - respondi, colocando um joelho no chão. Fiz uma vênia a Aelle, depois a Cerdic, mas ignorei Lancelot. Para mim, ele nada mais era do que um protegido do rei Cerdic, um traidor britânico elegante cujo rosto sombrio estava cheio de aversão por mim.

Cerdic espetou um pedaço de carne com uma enorme faca, levou-o à boca, depois hesitou.

- Não recebemos nenhum mensageiro de Artur - afirmou ele com indiferença - e aquele que for suficientemente louco para vir até aqui será morto. - Colocou a carne na boca, depois virou-se parecendo abandonar-me como a um assunto trivial. Os seus homens gritaram pela minha morte.

De novo Aelle silenciou o salão ao bater com a lâmina da sua espada na mesa.

- Você vem por Artur? - desafiou-me ele.

Achei que os deuses me perdoariam uma mentira.

- Trago-lhe cumprimentos, meu rei e senhor - respondi, - de Erce, e a filial estima do filho de Erce que é, para seu contentamento, também seu.

Para Cerdic as palavras nada significaram. Lancelot, que ouvira uma tradução, sussurrou rapidamente ao seu intérprete e este voltou a falar com Cerdic. Não tenho dúvidas de que ele encorajou aquilo que Cerdic então pronunciou.

- Ele tem de morrer - insistiu Cerdic. Falou muito pausadamente, como se a minha morte fosse uma coisa sem importância. - Nós temos um acordo - lembrou a Aelle.

- O nosso acordo afirma que não receberemos nenhum mensageiro dos nossos inimigos - afirmou Aelle, fitando-me.

- E que mais é ele? - perguntou Cerdic, finalmente mostrando alguma irritação.

- Ele é meu filho - afirmou Aelle simplesmente, e um arquejo soou por todo o palácio cheio de gente. - Ele é meu filho - repetiu Aelle, - não é?

- Sou, meu rei e senhor.

- Você tem mais filhos - disse Cerdic a Aelle despreocupadamente, e gesticulou para alguns homens barbudos sentados à esquerda de Aelle. Aqueles homens, que presumi fossem meus meio-irmãos, fitavam-me confusos. - Ele traz uma mensagem de Artur! Esse cão - apontou a sua faca na minha direção - está sempre ao serviço de Artur.

- Traz alguma mensagem de Artur? - perguntou Aelle.

- Trago palavras de um filho para o seu pai - voltei a mentir, - nada mais.

- Ele tem de morrer! - afirmou Cerdic lacônico, e todos os seus partidários no salão murmuraram a sua concordância.

- Não matarei o meu próprio filho - disse Aelle, - no meu próprio palácio.

- Então, eu posso fazê-lo? - perguntou Cerdic com azedume. - Se algum bretão vier aqui terá de ser morto. - Proferiu estas palavras dirigindo-se a todo o palácio. - Isto foi acordado entre nós! - insistiu Cerdic, e os seus homens bradaram a sua aprovação e bateram com os copos das suas lanças nos escudos. - Essa coisa é um saxão que luta por Artur! É um verme, e sabe o que se faz a um verme! - Os guerreiros pediram a minha morte e os seus cães juntaram-se ao clamor com uivos e latidos.

Lancelot me observava com o rosto inexpressivo, enquanto Amhar e Loholt pareciam ansiosos por me trespassar com a espada. Loholt tinha um ódio especial por mim, porque eu lhe segurara no braço enquanto o pai decepara a sua mão direita.

Aelle esperou até o tumulto se desvanecer.

- No meu palácio - afirmou, acentuando o possessivo para mostrar que era ele quem ali mandava e não Cerdic - um guerreiro morre com a sua espada na mão. Há aqui algum homem que queira matar Derfel armado com a sua espada? -

Olhou para todo o salão, convidando alguém a desafiar-me. Ninguém o fez, e Aelle baixou os olhos para o Rei, seu par. - Não quebrarei nenhum acordo contigo, Cerdic. Os nossos lanceiros caminharão lado a lado e nada do que o meu filho diga poderá impedir essa vitória.

Cerdic retirou um pedaço de carne de entre os dentes.

- A sua cabeça - disse ele, apontando para mim - fará um belo estandarte para a batalha. Eu quero que ele morra.

- Então mate-o - disse Aelle com desdém. Podiam ser aliados, mas existia pouco afeto entre os dois. Aelle ressentia-se com a arrogância do jovem Cerdic, enquanto este achava que faltava crueldade ao velho.

Cerdic esboçou um sorriso irônico perante o desafio de Aelle.

- Eu não, - disse ele, calmamente - mas o meu paladino fará o trabalho. - Baixou os olhos para o salão, encontrou o homem que procurava e apontou um dedo. - Liofa!

Está aqui um verme. Mate-o!

Os guerreiros aplaudiram de novo. Rejubilavam com a idéia de um combate, e sem dúvida que antes da noite terminar a cerveja que bebiam causaria mais do que uns tantos combates mortais, mas uma luta até à morte entre o paladino de um Rei e o filho de outro Rei era um divertimento muito maior do que uma qualquer rixa de bêbados e uma diversão muito mais agradável do que a melodia dos dois harpistas que observavam dos extremos do salão.

Virei-me para ver o meu adversário, na esperança de que ele me desse mostras de estar meio bêbado, e desse modo ser uma presa fácil para *Hywelbane*, mas o homem que saiu do meio dos comensais não era de todo o que eu esperava. Pensei que seria um homem enorme, não muito diferente de Aelle, mas este paladino era um guerreiro esguio e ágil com um rosto calmo e sagaz sem uma única cicatriz. Olhou-me de relance, despreocupadamente, ao mesmo tempo em que deixava cair a sua capa, depois puxou da sua bainha de couro uma espada enorme com uma lâmina fina. Tinha poucas jóias, apenas um cordão de prata, e as suas vestes nada tinham dos adornos que a maioria dos paladinos usava. Tudo nele transparecia a experiência e confiança, enquanto o seu rosto sem cicatrizes sugeria tanto uma sorte fabulosa como uma habilidade fora do comum.

Pareceu-me também assustadoramente sóbrio assim que avançou para o espaço livre diante da mesa alta, fazendo depois uma vênia aos Reis.

Aelle pareceu perturbado.

- O preço para falar comigo - disse-me ele - é defender-se de Liofa. Ou pode partir agora e regressar a casa ileso.

Os guerreiros zombaram dessa sugestão.

- Falarei com o senhor, meu rei e senhor - afirmei.

Aelle acenou com a cabeça, depois sentou-se. Continuou a parecer infeliz e eu calculei que Liofa tivesse uma temível reputação como esgrimista. Tinha de ser bom, caso contrário não seria o paladino de Cerdic, mas algo no rosto de Aelle me disse que Liofa era mais do que simplesmente bom.

Todavia, eu também tinha uma boa reputação, e isso parecia preocupar Bors, que rapidamente sussurrou ao ouvido de Lancelot. Depois do seu primo terminar, Lancelot acenou ao intérprete que, por sua vez, falou com Cerdic. O Rei ouviu-o e, em seguida, lançou-me um olhar sinistro.

- Como sabemos, Aelle - perguntou ele - que este seu filho não traz com ele nenhum feitiço de Merlim?

Os Saxões sempre temeram Merlim, e a sugestão os fez resmungar iradamente.

Aelle franziu as sobrancelhas.

- Traz algum, Derfel?

- Não, meu rei e senhor.

Cerdic não estava convencido.

- Estes homens reconhecerão qualquer feitiço de Merlim - insistiu ele, gesticulando para Lancelot e Bors, depois falou com o intérprete, que passou as suas ordens a Bors. Este encolheu os ombros, levantou-se e caminhou em volta da mesa descendo, por fim, do estrado. Hesitou ao aproximar-se de mim, mas eu afastei os braços como que para lhe mostrar que não queria fazer-lhe mal. Bors

examinou os meus pulsos, talvez à procura de fios de canas com nós ou qualquer outro amuleto, depois desatou com um puxão as fitas do meu justilho de couro.

- Tenha cuidado com ele, Derfel - murmurou em inglês, e percebi, para surpresa minha, que afinal Bors não era meu inimigo. Convencera Lancelot e Cerdic a revistar-me para poder sussurrar-me este aviso. - É rápido como uma doninha e combate com as duas mãos. Fique de olho no canalha quando fingir que escorrega. - Viu o pequeno broche de ouro que Ceinwyn me oferecera de presente. - Está enfeitiçado?

- Não.

- Em todo o caso eu o guardarei comigo - disse ele, desprendendo o broche e mostrando-o ao salão, e os guerreiros vociferaram irados que eu podia estar escondendo o talismã. - E me dê o seu escudo - ordenou Bors, porque Liofa não tinha o dele.

Desapertei as presilhas do meu braço esquerdo e entreguei o escudo a Bors.

Agarrou nele e encostou-o ao estrado, equilibrando na sua extremidade superior o broche de Ceinwyn. Olhou para mim como que para se certificar de que eu tinha visto onde ele o havia colocado e eu acenei-lhe com a cabeça.

O paladino de Cerdic desferiu um golpe com a sua espada no ar fuliginoso.

- Matei quarenta e oito homens num único combate - disse-me ele numa voz suave, quase monótona - e perdi a conta dos que me atacaram em combate. - Fez uma pausa e tocou no seu rosto. - Nem uma única vez, em nenhum desses combates fiquei com cicatrizes. Se quiser ter uma morte rápida pode dar-se agora por vencido.

- Pode entregar-me a sua espada - disse-lhe eu - e poupar uma derrota a si mesmo.

A troca de insultos era uma formalidade. Liofa recusou a minha oferta com um encolher de ombros e virou-se para os reis. Fez de novo uma vênia e eu o imitei.

Estávamos a uma distância de dez passos um do outro, no centro do espaço vazio, entre o estrado e a mais próxima das três fogueiras, encontrando-se de ambos os lados do salão um amontoado de homens excitados. Eu conseguia

ouvir o tilintar de moedas à

medida que as apostas iam sendo feitas.

Aelle acenou-nos com a cabeça, dando autorização para o início do combate.

Desembainhei a *Hywelbane* e levei o seu copo aos lábios. Beijei um dos pequenos pedaços de osso de porco nele colocados. Os dois fragmentos de osso eram os meus verdadeiros talismãs e eram muito mais poderosos do que o broche, porque os ossos de porco haviam outrora feito parte de uma magia de Merlim. Os fragmentos de osso não me davam qualquer proteção mágica, mas eu beijei o copo uma segunda vez e depois enfrentei Liofa.

As nossas espadas são coisas pesadas e desajeitadas que não ajudam a levar vantagem durante o combate. Deste modo, pouco mais são do que enormes mocas de ferro que exigem no seu manejo uma força considerável. A luta de espadas nada tem de difícil, embora exija habilidade. A habilidade reside no engano, em convencer um opositor que um golpe virá da esquerda, e quando ele mantiver a guarda desse lado, atacar pela direita, embora a maioria dos combates com espadas não sejam ganhos devido a essa perícia, mas sim por causa da força bruta. Um homem enfraquece e, desse modo, a sua guarda é baixa e a espada do vencedor livremente desferida golpeia, matando-o.

Todavia, Liofa não lutava deste modo. De fato, nunca antes nem depois, voltei a lutar com ninguém como Liofa. Senti a diferença assim que se aproximou de mim, porque a lâmina da sua espada, apesar de ser tão longa como a da *Hywelbane*, era muito mais esguia e leve. Ele havia sacrificado o peso à velocidade, e eu percebi que este homem iria ser tão rápido como Bors me avisara, veloz como um relâmpago, e no preciso instante em que percebi isso, ele atacou. Contudo, em vez de passar velozmente a lâmina de modo a fazer uma grande curva, ele precipitou-se com ela, tentando passar a sua ponta nos músculos do meu braço direito.

Eu afastei-me da estocada. Estas coisas acontecem tão depressa que depois do combate, ao tentar lembrar-me dos passos da luta, a mente não conseguiu firmar cada movimento e cada contragolpe, mas eu vira um pestanejo nos seus olhos, vira que a sua espada só conseguia estocar para diante e eu movera-me no exato momento em que ele precipitava a estocada na minha direção. Fingi que a velocidade do seu golpe não me surpreendera, por isso não me esquivei,

passando apenas por ele. Depois, quando calculei que ele estaria em desequilíbrio rosnei e oscilei a *Hywelbane* trazendo-a de trás num golpe que teria desmembrado um boi.

Ele deu um salto para trás, equilibrando-se perfeitamente, e abriu tanto os braços que o meu golpe ceifou a uns perigosos centímetros da sua barriga. Esperou que eu a oscilasse de novo, mas em vez de fazê-lo esperei por ele. Os homens gritavam-nos, pedindo sangue, mas eu não lhes prestei atenção, mantendo os olhos fixos nas pupilas cinzentas e serenas de Liofa. Ele tomou o peso da espada na sua mão direita, volteou-a para diante para tocar na minha lâmina, depois gingou na minha direção.

Detive-o com facilidade, depois contra-ataquei a sua investida, que surgiu tão naturalmente como o dia surge a seguir à noite. O clangor das espadas era sonoro, mas eu sentia que os golpes de Liofa não eram desferidos com verdadeiro esforço. Ele oferecia-me o combate que eu esperara, mas também me avaliava quando investia e quando desferia golpe atrás de golpe. Detive-os, pressentindo quando eles se tornavam mais fortes, e justamente quando eu esperava que ele fizesse um verdadeiro esforço susteve o golpe, largou a espada no ar, apanhou-a com a mão esquerda e desferiu-a para baixo em direção à minha cabeça. Fez isso à velocidade da picada de uma víbora.

A *Hywelbane* aparou aquele golpe descendente. Não sei como o conseguiu. Eu aparara um golpe lateral e, de repente, não estava lá nenhuma espada, apenas a morte por cima da minha cabeça. Contudo, seja como for, a minha lâmina estava no lugar certo e a sua espada, mais leve, deslizou para o copo da *Hywelbane*. Tentei converter a defesa num contragolpe, mas não houve força na minha resposta e ele recuou de um salto com facilidade. Eu continuei para diante, golpeando como ele fizera, mas aplicando todas as minhas forças, de modo que nenhum dos golpes conseguiu estripá-lo, e a velocidade e a força das minhas investidas não lhe deram outra alternativa senão recuar. Ele aparou os golpes com tanta facilidade quanto eu havia aparado os seus, mas não havia resistência nas defesas. Ele deixava-me oscilar, e em vez de defender com a sua espada, protegia-se com constantes retiradas. Também me deixava esgotar as minhas forças no ar em vez de ser num osso, num músculo ou no sangue. Desferi um último golpe maciço, sustendo a espada a meio da oscilação e torcendo o pulso para alojar a *Hywelbane* na sua barriga.

A sua espada deslocou-se na direção da estocada, depois ripostou para mim

quando ele deu um passo para o lado. Também eu dei rapidamente um passo para o lado, para que ambos falhássemos. Em vez disso, chocamos, peito com peito, e eu senti o seu hálito. Senti um vago cheiro de cerveja, embora sem dúvida ele não estivesse embriagado. Por momentos ficou imóvel, depois delicadamente moveu para o lado o braço que empunhava a espada e olhou para mim motejador, como se sugerisse que concordássemos em nos separar. Acenei-lhe com a cabeça, e ambos demos um passo atrás, com as espadas bem afastadas, enquanto a multidão falava excitadamente.

Sabiam que presenciavam um combate raro. Liofa era famoso entre eles, e atrevo-me a dizer que o meu nome não era desconhecido, mas eu sabia que provavelmente seria derrotado. As minhas proezas, se tinha alguma, eram as de um soldado. Eu sabia como romper um escudo defensivo, como lutar com lança e escudo ou com espada e escudo, mas Liofa, o paladino de Cerdic, tinha apenas uma habilidade: a luta corpo a corpo com espada. Nisso, ele era mortal.

Recuamos seis ou sete passos, depois Liofa saltou para diante, com pés tão ligeiros como os de um dançarino, e estocou na minha direção com rapidez. A *Hywelbane* aparou o golpe com força e eu o vi recuar, vacilante, com a sólida defesa. Eu fora mais rápido do que ele esperara, ou talvez ele tivesse sido mais lento do que o habitual, pois até uma pequena quantidade de cerveja diminuirá a rapidez de um homem. Alguns homens apenas lutam embriagados, mas os que vivem mais tempo lutam sóbrios.

Questionei-me sobre a razão da sua vacilação. Não fora ferido, contudo eu apoquentara-o visivelmente. Golpeei-o e ele recuou com um salto, e esse salto permitiu-me outra pausa para refletir. O que o fizera vacilar? Depois recordei-me da fraqueza das suas defesas e percebi que ele não se atrevia a arriscar a sua lâmina contra a minha, por ser muito leve. Se eu conseguisse bater naquela lâmina com todas as minhas forças, então seria provável que ela partisse, por isso bati de novo, mas desta vez continuei a bater vociferando contra ele ao mesmo tempo que batia violentamente com os pés no chão na sua direção. Amaldiçoei-o com o ar, o fogo e o mar. Chamei-lhe de fêmea, cuspi na sua sepultura e na sepultura de cão onde a sua mãe havia sido enterrada, e durante todo esse tempo ele não proferiu uma única palavra, deixando apenas que a sua espada encontrasse a minha e deslizasse para o lado, voltando sempre recuando com aqueles olhos mortiços observando-me.

Então escorregou. O seu pé direito pareceu deslizar num montículo de junco e a

perna fugiu-lhe. Caiu de costas e amparou-se com a mão esquerda para se erguer, mas eu bradei a sua morte erguendo a *Hywelbane* bem alto.

Então afastei-me dele um passo, sem tentar terminar o golpe de misericórdia.

Eu fora avisado desse deslize por Bors e estivera aguardando-o. Vê-lo foi maravilhoso, e por pouco fui de fato enganado, porque podia jurar que o deslize fora acidental, mas Liofa era tanto um acrobata como um esgrimista e o deslize aparentemente desequilibrado tornou-se num súbito movimento ágil que varreu a sua espada num círculo para onde os meus pés deviam estar. Ainda hoje consigo ouvir o silvo daquela longa e fina lâmina quando passou apenas a alguns centímetros acima do chão.

O golpe deveria ter me atingido nos tornozelos, mutilando-me, mas eu não estava lá.

Havia recuado e agora observava-o calmamente. Ele olhou para cima, pesarosamente.

- Levante-se, Liofa - ordenei-lhe numa voz firme, dizendo-lhe que toda a minha ira fora fingida.

Acho que ele percebeu naquele momento que eu era, de fato, perigoso. Ele pestanejou uma ou duas vezes e percebi que usara os seus melhores truques comigo.

Nenhum funcionara, porém, e a sua confiança desvanecia-se. Mas não a sua destreza, e então avançou veemente e rápido para me fazer recuar com uma sucessão estonteante de golpes curtos, varredelas rápidas e investidas repentinas. Deixei as varredelas prosseguirem sem as deter, enquanto os outros ataques foram por mim defendidos o melhor que consegui, desviando-os e tentando quebrar-lhes o ritmo. Por fim, um golpe atingiu-me diretamente no antebraço esquerdo, e a manga de couro quebrou a força da espada, apesar de eu ter ficado com uma ferida durante quase um mês depois disso. A multidão suspirou. Haviam assistido ao combate com entusiasmo e estavam radiantes por ver o primeiro vestígio de sangue. Liofa retirou a lâmina com um golpe do meu antebraço, tentando mover o seu gume para trás e para frente através do couro ao osso, mas eu retirei-o com um movimento, estoquei com a *Hywelbane* e, desse modo, o fiz recuar.

Ele esperou por mim para prosseguir o ataque, mas chegara a minha vez de pôr em prática os meus truques. Propositadamente, não me movi na sua direção. Em vez disso, baixei a minha espada alguns centímetros enquanto inspirava profundamente.

Abanei a cabeça, tentando afastar da minha testa as farripas de cabelo ensopadas de suor, porque junto àquela grande fogueira o calor era enorme. Liofa observou-me, cauteloso. Ele via agora que eu estava sem fôlego e percebeu que a minha espada hesitava, contudo ele não havia morto quarenta e oito homens correndo riscos. Desferiu um dos seus golpes rápidos para testar a minha reação. Fez isso com uma breve oscilação que exigiu uma defesa, embora não fosse uma pancada semelhante a um machado que penetra na carne. Aparei-o tarde, deliberadamente tarde, e deixei que a ponta da espada de Liofa me batesse no braço ao mesmo tempo que a *Hywelbane* ressoava na parte mais grossa da sua espada. Gemi, simulei uma oscilação, depois fiz com que a minha lâmina recuasse enquanto ele se afastava com facilidade.

Esperei de novo por ele. Ele estocou e eu empurrei a sua espada para o lado, mas desta vez não tentei contra-atacar. A multidão estava em silêncio, pressentindo que este combate estava prestes a terminar. Liofa tentou outra estocada e eu a detive de novo. Ele preferia as estocadas, porque matavam sem danificar a sua preciosa lâmina, mas eu percebi também que se detivesse essas estocadas rápidas muitas vezes provavelmente ele me mataria da forma tradicional. Tentou mais duas estocadas e eu afastei violentamente a primeira de forma desajeitada, recuei à segunda e depois bati nos olhos com a manga esquerda da minha camisa, porque o suor me causava ardor.

Então ele vacilou. Pela primeira vez gritou bem alto quando imprimiu à sua espada uma oscilação poderosa que partiu bem acima da sua cabeça e desenhou uma curva descendo em direção ao meu pescoço, Detive-a, facilmente, mas vacilei quando fiz deslizar o seu golpe ceifado em segurança por cima da minha cabeça com a lâmina da *Hywelbane*, depois deixei-a descair um pouco e ele fez o que eu esperava que fizesse.

Respondeu com todas as suas forças. Fez isso com rapidez e bem, mas agora eu sabia exatamente qual a sua velocidade, por isso levantei a *Hywelbane* num contragolpe igualmente rápido. Eu tinha as duas mãos no seu copo e coloquei todas as minhas forças nesse golpe devastador vindo de cima, que não era dirigido a Liofa, mas à

sua espada.

As duas espadas encontraram-se na vertical.

Todavia, desta vez não se ouviu um som vibrante, mas um ruído repentino e seco.

Quebrara-se a espada de Liofa. Os dois terços exteriores saltaram, caindo no meio da multidão, deixando apenas um pedaço na sua mão. Ele pareceu horrorizado.

Depois, por instantes, pareceu tentado a atacar-me com o que restava da sua espada, mas eu imprimi a *Hywelbane* dois rápidos golpes que o fizeram recuar. Nessa altura, ele percebeu que eu não estava de todo cansado. Também percebeu que era um homem morto, mas ainda assim tentou deter a *Hywelbane* com a sua arma quebrada, mas ela afastou aquele pequeno pedaço de metal para o lado e depois o feri com uma estocada.

Mantive a lâmina imóvel junto ao cordão de prata que tinha em volta do pescoço.

- Meu rei e senhor? - gritei, mantendo os olhos fixos nos de Liofa. O salão estava em silêncio. Os saxões haviam visto o seu paladino ser derrotado e mantiveram-se em silêncio. - Meu rei e senhor! - gritei de novo.

- Lorde Derfel? - respondeu Aelle.

- Pediu-me para lutar com o paladino do rei Cerdic, não ordenou que o matasse.

Peço-lhe a sua vida.

Aelle fez uma pausa.

- A sua vida é sua, Derfel.

- Rende-se? - perguntei a Liofa. Não respondeu de pronto. O seu orgulho procurava ainda uma vitória, mas como hesitasse passei a ponta de *Hywelbane* da sua garganta para a bochecha direita. - Então?

- Rendo-me - disse ele, e atirou para o chão o que restava da sua espada.

Impeli a *Hywelbane* apenas com a força suficiente para lhe arrancar pele e carne da maçã do rosto.

- Uma cicatriz, Liofa, para se lembrar que lutou com Lorde Derfel Cadarn, filho de Aelle, e que perdeu. - Deixei-o a sangrar.

A multidão aplaudia. Os homens são seres estranhos. Num momento, eles gritavam pelo meu sangue, agora gritavam aclamações por eu ter poupado a vida do seu paladino. Fui buscar o broche de Ceinwyn, depois peguei meu escudo e levantei os olhos para o meu pai.

- Trago-lhe cumprimentos de Erce, meu rei e senhor - disse eu.

- E são bem-vindos, Lorde Derfel - disse Aelle. - São bem-vindos.

Fez um gesto para uma cadeira à sua esquerda, que um dos seus filhos deixara vaga, e assim me juntei aos inimigos de Artur na sua bela mesa. E banqueteamos.

Depois de o festim ter terminado, Aelle levou-me para os seus aposentos, situados atrás do estrado. Era um quarto enorme com um pé direito alto. No seu centro havia uma lareira acesa e a cama de peles encontrava-se por baixo da empena. Ele fechou a porta onde colocara guardas, depois me fez sinal para que me sentasse numa arca de madeira junto à parede enquanto ele caminhou para o lado oposto do quarto, desapertou as ceroulas e urinou em um buraco fundo aberto no chão de terra.

- Liofa é rápido - disse-me ele enquanto urinava.

- Muito.

- Pensei que te venceria.

- Não é suficientemente rápido - respondi - ou então a cerveja tornou-o mais lento.

- Agora cuspa nela.

- Cuspo em quê? - perguntou meu pai.

- Na sua urina. Para afastar a má-sorte.

- Os meus deuses não dão importância à urina nem ao cuspe, Derfel - afirmou divertido. Ele convidara dois dos seus filhos a irem ao quarto e ambos, Hrothgar e Cyrning, me olhavam com curiosidade. - Então, que mensagem me envia Artur?

- Porque haveria ele de enviar alguma?

- Porque de outro modo você não estaria aqui. Acha que foi feito por um tolo, rapaz? Então, o que quer Artur? Não, não diga, deixe-me adivinhar. - Apertou o cordão que lhe segurava as ceroulas, depois foi sentar-se na única cadeira que havia no quarto, uma cadeira de braços romana feita em madeira preta e com incrustações de marfim, embora já lhe faltassem muitas. - Ele me oferece tranqüilidade na minha região, é isso -

perguntou Aelle, - se eu atacar Cerdic no próximo ano?

- Sim, meu senhor.

- A resposta é não - resmungou ele. - Um homem oferece-me o que já é meu!

Que oferta é essa?

- Uma paz perpétua, meu rei e senhor - disse eu.

Aelle sorriu.

- Quando um homem promete algo para sempre, está agindo descuidadamente com a verdade. Nada é para sempre, rapaz, nada. Diga a Artur que os meus lanceiros marcharão com Cerdic no próximo ano. - Deu uma gargalhada. - Desperdiçou seu tempo, Derfel, mas estou contente por ter vindo. Amanhã falaremos de Erce. Quer uma mulher para passar a noite contigo?

- Não, meu rei e senhor.

- A sua princesa nunca saberá - zombou ele.

- Não, meu rei e senhor.

- E ele se diz meu filho! - riu Aelle, e os seus filhos riram com ele. Eram ambos altos e, embora os seus cabelos fossem mais escuros do que o meu, desconfio que eram parecidos comigo, tal como suspeitei que haviam sido levados para a câmara do rei para testemunharem aquela troca de palavras e, desse modo, divulgarem aos outros chefes saxões a recusa liminar de Aelle. - Pode dormir junto à minha porta - afirmou Aelle, fazendo um aceno aos filhos para que saíssem do quarto - aí estará fora de perigo. -

Aguardou que Hrothgar e Cyrning abandonassem os seus aposentos, depois deteve-me com uma mão. - Cerdic - disse o meu pai em voz baixa - partirá amanhã, e levará

Lancelot consigo. Cerdic irá desconfiar que eu te deixo vivo, mas eu escaparei à sua suspeita. Amanhã falaremos, Derfel, e eu terei uma longa resposta para o seu Artur. Não será a resposta que ele deseja, mas talvez seja uma com a qual ele consiga viver. Agora vá, tenho a minha companhia chegando.

Dormi no espaço exíguo entre o estrado e a porta dos aposentos de meu pai.

Durante a noite uma garota passou por mim, esgueirando-se para a cama de Aelle, enquanto no salão os guerreiros cantavam e brigavam, bebiam e eventualmente dormiam, apesar de já estar amanhecendo quando o último homem começou a ressonar. Foi na hora em que acordei com o canto dos galos que estavam na colina de *Thunreslea*.

Afivelei a *Hywelbane* à cintura, apanhei a minha capa e o meu escudo e passei pelas brasas das fogueiras, saindo depois para o ar gelado e úmido. A neblina uniu-se ao elevado planalto, adensando-se em nevoeiro à medida que o terreno descia em declive para o ponto onde o Tamisa se juntava com o mar. Afastei-me do palácio até o extremo da colina olhando daí para baixo para a alvura por cima do rio.

- O meu rei e senhor - disse uma voz atrás de mim - ordenou-me que o matasse se o encontrasse sozinho.

Virei-me e vi Bors, o primo e paladino de Lancelot.

- Tenho de lhe agradecer - disse-lhe eu.

- Por ter avisado em relação a Liofa?

Bors encolheu os ombros como se o seu aviso tivesse sido coisa de pouca monta.

- Ele é rápido, não é? Rápido e mortal. - Bors veio colocar-se ao meu lado. Deu uma dentada numa maçã, achou que estava mole e jogou-a fora. Era mais um guerreiro enorme, um outro lanceiro com cicatrizes e de barba preta que estivera em muitos escudos defensivos e vira muitos amigos serem mortos. Arrotou. - Nunca me importei de lutar para entregar o trono de *Dumnônia* a meu primo disse ele, mas nunca quis lutar por um saxão. E não quis vê-lo ser morto para divertimento de Cerdic.

- Mas no próximo ano, senhor - disse eu - estará lutando por Cerdic.

- Estarei? - perguntou-me. Pareceu divertido. - Não sei o que irei fazer no próximo ano, Derfel. Talvez parta de barco para *Lyonesse*? Dizem que aí estão as mulheres mais belas do mundo. Têm cabelos de prata, corpos de ouro e não têm língua. -

Deu uma gargalhada, depois tirou outra maçã da bolsa e poliu-a com a manga. - Agora, o meu rei e senhor - disse ele, referindo-se a Lancelot - irá lutar por Cerdic, mas que outra alternativa tem ele? Artur não o aceitará de novo.

Então, percebi o que Bors insinuava.

- Artur, o meu senhor - disse eu, cautelosamente, - não tem nenhuma questão com você.

- Nem eu com ele - disse Bors com a boca cheia de maçã. - Então talvez voltemos a nos encontrar, Lorde Derfel. Foi pena não o ter encontrado esta manhã. O

meu rei e senhor teria me dado uma bela recompensa se eu o tivesse morto.

Sorriu ironicamente e afastou-se.

Duas horas mais tarde vi Bors partir com Cerdic, descendo a colina onde a névoa se dissipava por entre as árvores de folhas vermelhas. Uma centena de homens acompanhava Cerdic, a maioria sofrendo as conseqüências da noite de festim, bem como os homens de Aelle que compunham a escolta dos seus convidados que partiam. Segui atrás de Aelle, cujo cavalo era puxado enquanto ele caminhava ao lado do rei Cerdic e de Lancelot. Imediatamente atrás deles

caminhavam dois porta-estandartes, um transportando um bordão com a cabeça de touro de Aelle salpicada com sangue e o outro erguendo num mastro a cabeça de lobo de Cerdic pintada em vermelho e pendurada com a pele esfolada de um homem morto. Lancelot ignorou-me. Bem cedo pela manhã, quando inesperadamente nos encontramos perto do palácio, ele apenas fingira não me ver e eu não reagi ao encontro inesperado. Os seus homens haviam assassinado a minha filha mais nova, e apesar de eu ter morto os assassinos, teria gostado de vingar ainda a alma de Dian no próprio Lancelot, mas o palácio de Aelle não era o local indicado para fazê-lo. Agora, de uma cumeada coberta de erva acima das margens lamacentas do Tamisa, eu observava Lancelot e os seus escassos guardas caminhando em direção aos barcos de Cerdic que os aguardavam.

Só Amhar e Loholt se atreveram a desafiar-me. Os gêmeos eram jovens soturnos que odiavam o pai e desprezavam a mãe. Aos seus próprios olhos eles eram príncipes, mas Artur, que menosprezava os títulos, recusou-se a conceder-lhes a honraria, fato que apenas aumentou a sua indignação. Eles acreditavam que haviam sido enganados em relação à posição real, às terras, à riqueza e à honra, e lutariam por quem tentasse derrotar Artur, a quem culpavam por todo o seu infortúnio. O coto do braço direito de Loholt estava revestido de prata, ao qual ele juntara um par de garras de urso. Foi Loholt quem se virou para mim.

- Nos encontraremos no próximo ano - disse-me ele.

Eu sabia que ele ansiava por um combate, mas mantive a voz em tom moderado.

- Esperarei ansiosamente por esse encontro.

Ele levantou o coto revestido de prata, lembrando-me como eu segurara o seu braço enquanto o pai desferira o golpe com a *Excalibur*.

- Você me deve uma mão, Derfel.

Eu não disse nada. Amhar fora colocar-se ao lado do irmão. Ambos tinham o rosto do pai, ossos largos e um queixo comprido. Os seus, porém, haviam endurecido, de modo que não mostravam nenhuma da força de Artur. Pelo contrário, eles pareciam matreiros, quase semelhantes a lobos.

- Não me ouviu? - perguntou Loholt.

- Dê-se por satisfeito - disse-lhe eu - por ainda ter uma mão. E quanto à minha

dívida para contigo, Loholt, eu a pagarei com a *Hywelbane*.

Eles hesitaram, mas não tinham certeza se os guardas de Cerdic os apoiariam caso desembainhassem as suas espadas, e, por fim, contentaram-se em cuspir antes de se virarem e desceram com um andar empertigado para a praia lamacenta onde os dois barcos de Cerdic aguardavam.

Esta costa junto a *Thunreslea* era um local miserável, composto por uma parte de terra e outra de mar, onde o encontro do rio com o oceano dera origem a uma paisagem enevoada de taludes lamacentos, baixios e emaranhados de ancoradouros. Gaivotas piaram quando os lanceiros de Cerdic atravessaram a estreita zona da praia deixada a descoberto pela maré-baixa, se comprimiram na pequena enseada e se içaram para os talabardões de madeira dos seus longos barcos. Vi Lancelot levantar a ponta da sua capa enquanto escolhia o seu delicado percurso através da lama malcheirosa. Loholt e Amhar seguiram-no e, ao chegarem ao seu barco, viraram-se e apontaram os dedos para mim, um gesto que significava o lançar de um mau agouro. Ignorei-os. As velas dos barcos já

estavam içadas, mas o vento soprava fraco e os dois barcos de proas altas tiveram de ser manobrados para fora do exíguo ancoradouro vazante com longos remos manejados pelos lanceiros de Cerdic. E uma vez os barcos de proas ornamentadas com o lobo virados para o vasto oceano, os guerreiros remadores iniciaram um cântico que imprimia ritmo às suas remadas.

- *Hwaet* pela tua mãe - cantavam eles - e *hwaet* pela tua garota, e *hwaet* pela tua amante que tu *hwaet* no chão e a cada *"hwaet"* - eles gritavam mais alto e puxavam os seus longos remos e os dois barcos ganhavam velocidade até, por fim, o nevoeiro envolver as suas velas grosseiramente pintadas com cabeças de lobos. - E *hwaet* pela tua mãe - começou de novo o cântico, mas desta vez as vozes eram mais fracas por causa da bruma - e hwaet pela tua garota - e os cascos baixos tornaram-se indistintos no meio da neblina até, por fim, os barcos desaparecerem na atmosfera esbranquiçada - e *hwaet* pela tua amante, que tu *hwaet* no chão. - O som chegou como se viesse de nenhum lugar, e depois desvaneceu-se com o chapinhar dos seus remos. Dois dos homens de Aelle ajudaram o seu senhor a montar no seu cavalo.

- Você dormiu? - perguntou-me enquanto se acomodava na sela.

- Sim, meu rei e senhor.

- Eu tive melhores coisas para fazer - disse ele concisamente. - Agora siga-me.

Bateu vigorosamente com os calcanhares no cavalo e conduziu-o ao longo da costa onde as águas encrespavam nas enseadas e puxavam à medida que a maré

baixava. Nessa manhã, em honra dos seus convidados que partiam, Aelle havia se vestido como um rei guerreiro. O seu elmo de ferro estava decorado a ouro e encimado com um leque de penas pretas, e trazia ainda a sua couraça de couro e botas altas tingidas de preto, enquanto dos seus ombros pendia uma longa capa preta de pele de urso que enfezava o seu pequeno cavalo. Uma dúzia dos seus homens seguia-nos a cavalo, um deles levando o estandarte da cabeça de touro. Aelle, tal como eu, andava desajeitadamente a cavalo.

- Eu sabia que Artur te enviaria - disse ele, de repente e, como eu não respondesse, virou-se para mim. - Então encontrou a sua mãe?

- Sim, meu rei e senhor.

- Como está ela?

- Velha - disse eu com sinceridade. - Velha, gorda e doente.

Ele suspirou com estas notícias.

- Elas começam como jovens tão belas que conseguem partir os corações de um exército inteiro, e depois de terem dois filhos, todas parecem velhas, gordas e doentes. -

Fez uma pausa, refletindo no que dissera. - Mas, de certo modo, pensei que isso nunca aconteceria a Erce. Ela era muito bonita - afirmou melancólico, depois fez um sorriso irônico - mas graças aos deuses há um constante fornecimento de jovens, hã? - Riu e depois me olhou novamente de soslaio. - Quando me falou pela primeira vez no nome da tua mãe, percebi que era meu filho. - Fez uma pausa. - O meu primogênito.

- O seu primogênito bastardo - disse eu.

- E então? Sangue é sangue, Derfel.

- E eu sinto orgulho em ter o seu, meu rei e senhor.

- E assim deve ser, rapaz, embora o partilhe com mais alguns. Não tenho sido egoísta com o meu sangue. - Soltou um riso abafado, depois virou o cavalo para um banco de lama e vergastou-o para que subisse a encosta escorregadia até ao local onde uma frota de barcos estava encalhada. - Olhe para eles, Derfel! - disse meu pai, obrigando o seu cavalo a seguir a passo e gesticulando para os barcos. - Olhe para eles!

Agora inúteis, mas quase todos vieram este Verão e todos estavam cheios de pessoas até ao talabardão. - Deu de novo um toque no cavalo com os calcanhares e continuamos devagar, passando por aquela deplorável linha de barcos encalhados.

Devia haver oitenta ou noventa embarcações no banco de lama. Todas tinham extremidades duplas e eram navios elegantes, mas todos estavam agora apodrecidos. Os seus tabuados estavam verdes do lodo, o fundo dos seus porões inundados e as madeiras negras por causa do apodrecimento. Alguns dos barcos, que deviam ali estar havia mais de um ano, eram apenas esqueletos escuros.

- Sessenta pessoas em cada barco, Derfel - disse Aelle - pelo menos sessenta, e cada maré trouxe outras tantas. Agora, quando as tempestades assolam o mar alto, eles não vêm, mas estão construindo mais barcos e esses chegarão na Primavera. E não apenas aqui, Derfel, mas ao longo de toda a costa! - Fez um gesto largo com o braço para abarcar toda a costa leste da Bretanha - barcos e barcos! Todos cheios com a nossa gente, todos querendo um lar, todos querendo um território - Proferiu a última palavra com ira, depois afastou o seu cavalo de mim sem esperar por resposta alguma. - Ande! -

gritou, e eu segui o seu cavalo pelo banco cheio de lama, quando subimos um talude com seixos e depois ao passarmos por tufos de espinheiros e à medida que subíamos a colina onde se erguia o seu imponente palácio.

Aelle virou o cavalo numa saliência da colina onde esperou por mim, depois, assim que cheguei junto dele, apontou em silêncio para baixo para uma depressão oblonga de terra. Estava aí um exército. Eu não conseguia contá-los, tantos eram os homens que se juntavam nessa reentrância de terra, e esses homens, conforme eu sabia, eram apenas uma parte do exército de Aelle. De pé, os guerreiros saxões juntaram-se numa imensa multidão e ao verem o seu Rei na linha do horizonte irromperam num coro de aclamações ensurdecedor e começaram a bater com as hastes das suas lanças nos escudos até todo o céu

cinzento se encher com o seu barulho terrível. Aelle ergueu a mão direita, coberta de cicatrizes, e o barulho desvaneceu-se.

- Vê, Derfel? - perguntou-me ele.

- Vejo o que escolheu me mostrar, meu rei e senhor - respondi-lhe evasivo, sabendo exatamente que mensagem estava ele transmitindo-me com os barcos encalhados e a massa de homens armados.

- Agora estou forte - disse Aelle - e Artur está fraco. Pode ele ainda apresentar quinhentos homens? Duvido. Os lanceiros de *Powys* virão em seu auxílio, mas serão eles suficientes? Tenho dúvidas. Eu tenho mil lanceiros treinados, Derfel, e o dobro de homens famintos, que empunharão um machado para ganharem um metro de terra a que possam chamar seu. E Cerdic tem ainda mais homens, muitos mais, e ele precisa ainda mais desesperadamente de terras do que eu. Ambos precisamos de terras, Derfel, ambos precisamos de terras, e Artur as tem, e Artur está fraco.

- *Gwent* tem mil lanceiros - disse eu - e se invadirem a *Dumnônia*, *Gwent* acorrerá em seu auxílio. - Eu não estava certo disso, mas não prejudicaria a causa de Artur parecer confiante. - *Gwent*, *Dumnônia* e *Powys* todos lutarão, e há ainda outros que virão em auxílio do estandarte de Artur. Os Escudos Negros lutarão por nós, e virão lanceiros de *Gwynedd* e *Elmet*, até mesmo de *Rheged* e de *Lothian*.

Aelle sorriu diante da minha gabarolice.

- A sua lição ainda não terminou, Derfel - disse ele - por isso venha.

E esporeou de novo o cavalo, continuando a subir a colina, mas agora virava para leste passando por uma mata. Desmontou junto ao bosque, gesticulou à sua escolta para que permanecesse onde estava, depois conduziu-me ao longo de um estreito caminho pantanoso até uma clareira onde se encontravam dois pequenos edifícios de madeira. Eram pouco maiores do que cabanas com telhados inclinados de colmo e paredes baixas feitas de troncos de árvores não aparadas.

- Está vendo? - disse ele, apontando para a empena da cabana mais próxima.

Cuspi para afastar o mal, porque ali, bem alto naquela empena, havia uma cruz de madeira. Aqui na pagã *Lloegyr*, havia uma das últimas coisas que eu alguma

vez esperara ver: uma igreja cristã. A segunda cabana, levemente mais baixa do que a igreja, era sem sombra de dúvida os aposentos do sacerdote, que acorreu à nossa chegada arrastando-se para fora da porta baixa da sua choupana. Ele tinha tonsura, usava as vestes negras de um monge e uma barba castanha emaranhada. Reconheceu Aelle e fez-lhe uma longa vênia.

- Saudações de Cristo, meu rei e senhor! - disse o homem com uma má

pronúncia saxônica.

- De onde você é? - perguntei na língua inglesa.

Ele pareceu surpreso por lhe falarem na sua língua nativa.

- De *Gobannium*, senhor - respondeu-me. A mulher do monge, uma criatura desgrenhada de olhar rancoroso, arrastou-se para fora da choupana ficando de pé ao lado do marido.

- O que faz aqui? - perguntei-lhe.

- O Bom Jesus Cristo abriu os olhos do rei Aelle, senhor - disse ele - e convidou-nos a trazer as novas de Cristo ao seu povo. Estou aqui com o meu irmão, o sacerdote Gorfydd para pregar os Evangelhos aos Sais.

Olhei para Aelle, que sorria dissimuladamente.

- Missionários de *Gwent*? - perguntei.

- Criaturas débeis, não são? - perguntou Aelle, fazendo um gesto ao monge e à

sua mulher para que voltassem para dentro da cabana. - Mas eles pensam que irão nos afastar da adoração de *Thunor* e *Seaxnet* e a mim satisfaz-me deixá-los pensar desse modo. Por enquanto.

- Porque - disse eu, lentamente - o rei Meurig prometeu trégua desde que deixasse os seus sacerdotes virem pregar ao seu povo?

Aelle riu.

- É um tolo, esse Meurig. Preocupa-se mais com as almas da minha gente do que

com a segurança do seu território, e dois sacerdotes são um preço baixo a pagar por manter os mil lanceiros de *Gwent* parados enquanto nós tomamos *Dumnônia*. - Colocou um braço em volta dos meus ombros e conduziu-me em direção aos cavalos. – Está

vendo, Derfel? *Gwent* não lutará, pelo menos enquanto o seu rei acreditar que há uma chance de espalhar a sua religião entre as minhas gentes.

- E a religião está se expandindo? perguntei.

Ele soprou.

- Entre alguns escravos e mulheres, mas poucos, *e* não se espalhará muito.

Tratarei de impedir. Eu vi o que essa religião fez à *Dumnônia*, e não o permitirei aqui. Os nossos antigos deuses são suficientemente bons para nós, Derfel, então porque precisaríamos de novos? Essa é uma parte dos infortúnios dos Bretões. Eles perderam os seus deuses.

- Merlim não, - afirmei.

Isso fez com que Aelle hesitasse. Virou-se nas sombras das árvores e vi no seu rosto que estava preocupado. Ele sempre temera Merlim.

- Eu ouço histórias - disse ele sem convicção.

- Os Tesouros da Bretanha - afirmei.

- O que são? - perguntou-me.

- Coisas de pouca monta, meu rei e senhor - respondi-lhe sendo bastante honesto, - apenas uma coleção de coisas velhas e desgarradas. Apenas duas têm de fato valor; uma espada e um caldeirão.

- Você já os viu? - perguntou ele, receoso.

- Sim.

- O que fazem eles?

Encolhi os ombros.

- Ninguém sabe. Artur acha que não farão nada, mas Merlim diz que comandam os deuses e que se ele fizer a magia certa na hora certa, então os antigos deuses da Bretanha atenderão à sua ordem.

- E ele libertará esses deuses sobre nós?

- Sim, meu rei e senhor - afirmei, e seria em breve, muito em breve, mas eu não o disse a meu pai.

Aelle franziu as sobrancelhas.

- Nós também temos deuses - disse ele.

- Então evoque-os, meu rei e senhor. Deixe que os deuses lutem entre si.

- Os deuses não são tolos, rapaz - resmungou ele, - porque haveriam de lutar, quando podem ser os homens a matar por eles? - Começou a caminhar de novo. - Agora estou velho e em todos os anos que vivi nunca vi os deuses. Nós acreditamos neles, mas será que eles se importam conosco? - Lançou-me um olhar preocupado. – Você acredita nesses Tesouros?

- Acredito no poder de Merlim, meu rei e senhor.

- Mas os deuses caminham pela terra? - Refletiu nisso durante algum tempo, depois abanou a cabeça. - E se os seus deuses vierem, por que não viriam os nossos para nos proteger? Até você, Derfel - falou com sarcasmo, - acharia difícil lutar com o martelo de *Thunor*. - Ele me conduzira para fora do arvoredo e eu vi que as suas duas escoltas e os nossos cavalos haviam desaparecido. - Podemos caminhar e eu te direi tudo o que acontece na *Dumnônia*.

- Eu sei o que acontece na *Dumnônia*, meu rei e senhor.

- Então você sabe, Derfel, que o seu rei é um tolo, e que o seu governante não quer ser rei, nem tão pouco, o que quer que vocês lhe chamem, um *kaiser?*

- Um imperador - respondi.

- Um imperador - repetiu ele, troçando da palavra com a sua má pronúncia.

Conduziu-me por um caminho junto ao bosque. Não havia mais ninguém à vista.

À nossa esquerda, o terreno desaparecia até às zonas planas e brumosas do estuário, enquanto a norte ficavam os bosques densos, úmidos e frios. - Os seus cristãos são rebeldes -

resumiu Aelle o seu argumento, - o seu rei é um tolo coxo e os seus comandantes recusam-se a roubar o trono do tolo. Com o tempo, Derfel, e mais cedo do que tarde, outro homem irá querer esse trono. Lancelot quase o tomou, e um homem melhor do que Lancelot tentará fazê-lo muito em breve. - Fez uma pausa, franzindo as sobrancelhas. -

Por que razão Guinevere lhe abriu as pernas?

- Porque Artur não iria ser rei - respondi com tristeza.

- Então ele é um tolo. E no próximo ano será um tolo assassinado, a menos que aceite uma proposta.

- Que proposta, meu rei e senhor? - perguntei, detendo-me por baixo de uma faia fogosamente vermelha.

Ele parou e colocou as mãos nos meus ombros.

- Diga a Artur que te entregue o trono, Derfel.

Olhei fixamente nos olhos de meu pai. Por instantes pensei que ele gracejava, depois vi que falava tão seriamente quanto um homem pode fazê-lo.

- Eu? - perguntei, surpreso.

- Você, - disse Aelle - se jurar lealdade. De você exigirei terras, mas pode pedir a Artur que te entregue o trono e você poderá governar a *Dumnônia*. O meu povo se instalará nessa terra e a cultivará, e você as governará, mas como meu rei-vassalo. Você

e eu constituiremos uma federação. Pai e filho. Você governas a *Dumnônia* e eu *Aengeland*.

- *Aengeland*? - perguntei, porque a palavra me era estranha.

Retirou as mãos dos meus ombros e fez um gesto largo para a paisagem.

- Aqui! Vocês nos chamam de saxões, mas na verdade você e eu somos *Aengles*. Cerdic é saxão, mas você e eu somos *Aenglish* e o nosso país é a *Aengeland*.

Isto é *Aengeland*! - Disse com orgulho, olhando para aquele topo úmido da colina.

- E em relação a Cerdic? - perguntei.

- Você e eu mataremos Cerdic - respondeu com sinceridade, depois puxou-me pelo cotovelo e começou de novo a caminhar. Simplesmente desta vez conduziu-me por um caminho que seguia por entre as árvores onde porcos fossavam no meio das folhas que haviam caído havia pouco, à procura dos frutos das faias. - Diga a Artur a minha sugestão - disse Aelle. - Diga-lhe que pode ficar com o trono em vez de você, se for isso o que ele quer, mas aquele de vocês que o tomar, o fará em meu nome.

- Eu lhe direi, meu rei e senhor - afirmei, embora soubesse que Artur iria desdenhar a proposta. Acho que Aelle também sabia, mas a sua aversão por Cerdic levara-o a sugeri-lo. Ele sabia que ainda que ele e Cerdic conquistassem todo o sul da Bretanha, teria de haver outra batalha para determinar qual deles seria o *Bretwalda*, o nome que lhe dão para Grande Rei. - Suponho, nesse caso que Artur e o senhor atacariam Cerdic juntos no próximo ano?

Aelle abanou a cabeça.

- Cerdic deu muito ouro aos meus comandantes. Eles não lutarão contra ele, pelo menos enquanto ele lhes oferecer a *Dumnônia* como recompensa. Mas se Artur te der *Dumnônia*, e você a entregar a mim, nesse caso eles não precisarão do ouro de Cerdic.

Diga isto a Artur.

- Eu direi, meu rei e senhor - repeti, mas eu continuava certo de que Artur nunca concordaria com esta proposta, porque isso significaria quebrar o seu juramento a Uther, o juramento que prometia fazer de Mordred Rei, *e* esse juramento estava na base de toda a vida de Artur. De fato, eu tinha tanta certeza que ele não quebraria esse juramento que, apesar das minhas afirmações a Aelle, tinha dúvidas que chegasse a mencionar esta proposta a Artur.

Então, Aelle conduziu-me a uma vasta clareira onde vi que o meu cavalo me

aguardava, e com ele uma escolta de lanceiros montados. No centro da clareira havia uma enorme pedra rugosa da altura de um homem, *e* apesar de ser pouco vistosa comparada com os blocos de arenito bem conservados dos antigos templos da *Dumnônia*, ou com as grandes pedras arredondadas e lisas onde aclamávamos os nossos reis, sem dúvida que esta era uma pedra sagrada, uma vez que se erguia sozinha no círculo de relva e nenhum dos guerreiros saxões se atrevia a aproximar-se dela, apesar de um dos seus objetos sagrados, um grande tronco de árvore com um rosto cruel gravado na sua casca, ter sido colocado no terreno contíguo. Aelle conduziu-me na direção do enorme rochedo, mas deteve-se a alguma distância dele e agarrou uma bolsa que pendia do cinturão da sua espada. Retirou do seu interior um pequeno saco de couro e abriu-o, despejando depois qualquer coisa na palma da sua mão. Estendeu-me o objeto e vi tratar-se de um minúsculo anel de ouro com uma pequena ágata lascada.

- Eu ia dar isto à tua mãe - disse-me ele, - mas Uther capturou-a antes de eu ter oportunidade de lhe dar, e desde então que o guardo. Fique com ele.

Peguei o anel. Era uma coisa simples, feita no campo. Não era um trabalho romano, uma vez que as suas jóias são requintadamente decoradas, nem era feita por saxões, porque eles gostam da sua joalharia pesada, mas talvez o anel tivesse sido feito por algum pobre bretão que se rendera a uma espada saxônica. A pedra verde quadrada nem sequer tinha sido colocada direito, contudo o minúsculo anel possuía uma formosura estranha e frágil.

- Nunca o dei à tua mãe - disse Aelle - e se ela está gorda, então agora não consegue usá-lo. Por isso dê-o à sua princesa de *Powys*. Ouvi dizer que ela é uma boa esposa?

- É sim, meu rei e senhor.

- Dê a ela - ordenou-me Aelle - e diga-lhe que se os nossos países se defrontarem na guerra eu pouparei a mulher que usar este anel, pouparei a ela e à sua família.

- Obrigado, meu rei e senhor - disse eu, e coloquei o pequeno anel na minha bolsa.

- Tenho uma última coisa para te dar - disse ele e colocou um braço em volta dos meus ombros, levando-me até junto da pedra. Sentia-me culpado por não ter levado nenhuma oferenda; de fato, com medo de vir a *Lloegyr* a idéia nem tão pouco me ocorreu, mas Aelle deixou passar a minha falha. Deteve-se junto ao

bloco de pedra arredondada. -

Outrora, esta pedra pertenceu aos Bretões e para eles ela era sagrada. Tem um buraco, está vendo? Chegue para o lado, rapaz, olhe.

Caminhei para o lado da pedra e vi que, de fato, existia um enorme buraco negro que se dirigia para o seu centro.

- Certa vez falei com um velho escravo britânico - confessou-me Aelle, - e ele me disse que se sussurrarmos para o interior do buraco conseguiremos falar com os mortos.

- Mas o senhor não acredita nisso - perguntei-lhe, tendo percebido ceticismo na sua voz.

- Nós acreditamos que podemos falar com *Thunor*, *Woden* e *Seaxnet* através deste buraco - disse Aelle - mas, e você? Talvez consiga chegar aos mortos, Derfel. - Ele sorriu. - Havemos de nos encontrar de novo, rapaz.

- Assim espero, meu rei e senhor - respondi-lhe, e depois lembrei-me da estranha profecia de minha mãe, de que Aelle seria morto pelo seu filho, e tentei afastá-la como fazendo parte dos delírios de uma mulher velha e louca; mas os deuses escolhem muitas vezes essas mulheres para suas porta-vozes e, de repente, fiquei sem palavras.

Aelle abraçou-me, apertando o meu rosto contra a gola da sua grande capa de pêlo.

- A tua mãe tem ainda muito tempo de vida? perguntou-me.

- Não, meu rei e senhor.

- Enterre-a - disse ele - com os pés para Norte. É um costume da nossa gente. -

Deu-me um último abraço. - Você será levado para casa em segurança - afirmou, depois recuou. - Para falar com os mortos - acrescentou bruscamente - tem de dar três voltas na pedra, depois ajoelhar-se diante do buraco. Dê um beijo em minhas netas por mim.

Sorriu, satisfeito por ter me surpreendido com a revelação de tão íntimo

conhecimento da minha vida. Depois virou-se e afastou-se.

A escolta que me aguardava observou-me enquanto eu caminhava três vezes em volta da pedra, quando me ajoelhei e me inclinei para o buraco. De repente tive vontade de chorar e a minha voz embargou-se quando sussurrei o nome da minha filha.

- Dian? - murmurei para o centro da pedra. - Minha querida Dian? Espere por nós, minha querida, iremos ter contigo, Dian.

A minha filha morta, a minha adorada Dian, assassinada pelos homens de Lancelot.

Disse-lhe que nós a amávamos, mandei-lhe o beijo de Aelle, depois inclinei a testa sobre a rocha fria e pensei naquele pequeno corpinho-sombra completamente sozinho no Outro Mundo. Merlim, era verdade, havia me dito que as crianças brincam felizes por baixo das macieiras de *Annwn* nesse mundo de morte, mas eu ainda chorava quando, de repente, imaginava que ouvira a sua voz. Teria ela olhado para cima? Estaria ela, como eu, chorando?

Coloquei-me de novo a caminho. Demorei três dias para chegar a *Dun Carie* e dei o pequeno anel de ouro a Ceinwyn. Ela sempre gostara de coisas simples e o anel ficava-lhe muito melhor do que algumas jóias romanas trabalhadas. Colocou-o no dedo mindinho da mão direita, o único dedo onde cabia.

- Embora duvide que me venha a salvar a vida - disse ela, lugubremente.

- Porque não? - perguntei.

Ela sorriu, admirando o anel.

- Que saxão fará uma pausa para procurar o anel? Primeiro violar e depois pilhar, não é esse o lema do lanceiro?

- Você não estará aqui quando os saxões chegarem - disse eu. Tem de voltar para *Powys*.

Ela abanou a cabeça.

- Ficarei. Não posso estar sempre fugindo para o meu irmão quando surgem os

problemas.

Deixei-a sustentar aquele argumento até chegar o momento certo e enviei mensageiros a *Durnovária* e *Caer Cadarn* para dar conhecimento a Artur do meu regresso.

Quatro dias depois ele veio a *Dun Carie*, onde lhe comuniquei a recusa de Aelle.

Artur encolheu os ombros como se não esperasse outra coisa.

- Valeu a pena tentar - disse ele, em tom de despedida. Não lhe falei na proposta que Aelle me tinha feito, porque com o seu espírito irascível provavelmente pensaria que eu estava tentado a aceitar e podia nunca mais voltar a confiar em mim. Também não lhe disse que Lancelot estivera em *Thunreslea*, porque eu sabia como ele odiava até mesmo a simples menção daquele nome. Todavia, falei-lhe dos sacerdotes vindos de *Gwent* e essa notícia o fez carregar o sobrolho.

Acho que tenho de visitar Meurig - disse ele, com tristeza, fitando o *Tor*. Depois, virou-se para mim. - Sabia - perguntou-me, acusadoramente - que a *Excalibur* é um dos Tesouros da Bretanha?

- Sim, meu Senhor - admiti. Merlim me contara há muito, mas havia me feito jurar segredo com medo que Artur pudesse destruir a espada para demonstrar que não era supersticioso.

- Merlim me pediu que a devolvesse - disse Artur. Ele sempre soubera que esse pedido seria feito, justamente desde o dia em que Merlim entregara ao jovem Artur a espada mágica.

- Vai entregá-la? - perguntei ansioso.

Ele fez uma careta.

- Se eu não o fizer, Derfel, será que isso impedirá a tolice de Merlim?

Se for de fato uma tolice, Senhor - afirmei, e lembrei-me daquela garota nua e reluzente, e afirmei para mim mesmo que ela era uma mensageira de coisas prodigiosas.

Artur desapertou o cinto da sua bainha em forma de cruz.

- Leve-a você, Derfel - disse ele com ressentimento - leve-a você. - Empurrou a preciosa espada para as minhas mãos. - Mas diga a Merlim que eu a quero novamente.

- Direi, Senhor - prometi. - Porque se os deuses não vierem na Véspera do *Samain*, a *Excalibur* terá de ser desembainhada e usada contra o exército de todos os Saxões.

Todavia, naquele momento, a Véspera do *Samain* estava próxima e, nessa mesma noite dos mortos, os deuses seriam evocados.

E, no dia seguinte, levei a *Excalibur* para sul para que o conseguíssemos.

Mai Dun é uma enorme colina situada a Sul de *Durnovária* e em determinada época foi a maior fortaleza de toda a Bretanha. Tem um cume amplo, suave e arredondado que se estende para leste e oeste e em torno do qual os antigos construíram três enormes muros com taludes de turfa. Ninguém sabe quando foram construídos, nem mesmo como, e alguns acreditam que os próprios deuses escavaram os taludes, porque aquele muro triplo parece muito alto, e os seus fossos muito profundos, para serem meros trabalhos feitos pela mão do homem, embora nem a altura dos muros nem a profundidade dos fossos evitassem que os romanos assaltassem a fortaleza e matassem os seus guardas. *Mai Dun* havia permanecido vazia desde esse dia, à exceção de um pequeno templo de pedra dedicado a Mitras que os vitoriosos romanos construíram no extremo leste da zona plana do cume. No Verão, a velha fortaleza é um lugar bonito, onde as ovelhas apascentam junto aos muros íngremes e as borboletas tremuleiam por cima da relva, do timo selvagem e das orquídeas. No fim do Outono, porém, quando as noites caem cedo e as chuvas se precipitam de Oeste por toda a *Dumnônia*, o cume consegue ser um ponto elevado muito frio onde o vento é cortante.

O caminho principal para o cume, semelhante a um labirinto, conduz ao portão oeste e quando levei a *Excalibur* a Merlim o chão estava escorregadio por causa da lama.

Uma horda de gente simples caminhava penosamente comigo. Alguns carregavam enormes molhos de lenha às costas, outros carregavam odres com água para beber, enquanto alguns outros acicatavam os bois que arrastavam enormes troncos de árvores ou puxavam trenós empilhados com ramos. Os

flancos dos bois escorriam sangue e eles debatiam-se para que as suas cargas subissem o caminho íngreme e tortuoso de onde, bem acima de mim no talude de relva mais distante, pude ver lanceiros montando guarda.

A presença de tais lanceiros confirmou o que me fora dito em *Durnovária*, que Merlim encerrara o acesso a *Mai Dun* a todas as pessoas exceto aos que vinham para trabalhar.

Dois lanceiros guardavam o portão. Eram ambos guerreiros irlandeses Escudos Negros, alugados a Oengus Mac Airem, e eu me questionei sobre quanto da fortuna de Merlim estava sendo gasta preparando este desolador forte de erva para a vinda dos deuses. Os homens perceberam que eu não era um dos que trabalhavam em *Mai Dun* e desceram a encosta ao meu encontro.

- Tem algo a tratar aqui, Senhor? - perguntou-me um deles, respeitosamente. Eu não colocara a minha armadura, mas levava a *Hywelbane* e a sua bainha era suficiente para mostrar que era um homem de posição.

- Venho tratar de um assunto com Merlim - respondi. O Escudo Negro não se afastou para o lado.

- Muita gente vem aqui, senhor - disse ele - e diz ter assuntos a tratar com Merlim.

Mas terá Merlim assuntos a tratar com eles?

- Diga-lhe, - ordenei, - que Lorde Derfel lhe trouxe o último Tesouro.

Tentei imbuir as palavras com o devido sentido de formalidade, mas não pareceram impressionar os Escudos Negros. O mais novo afastou-se subindo com a mensagem, enquanto o mais velho ficou conversando comigo. Tal como a maioria dos lanceiros de Oengus ele parecia um simpático trapaceiro.

Os Escudos Negros vieram da *Demétia*, um reino Oengus que surgira na costa oeste bretã, mas apesar de serem invasores, os lanceiros irlandeses de Oengus não eram odiados como os Saxões. Os Irlandeses lutavam contra nós, roubavam-nos, faziam de nós escravos e tiravam-nos as nossas terras, mas falavam uma linguagem próxima da nossa, os seus deuses eram os nossos deuses e, quando não lutavam contra nós, misturavam-se com bastante facilidade com os bretões nativos. Alguns, como o próprio Oengus, pareciam agora mais britânicos do que

irlandeses, porque a sua Irlanda natal, que sempre se orgulhara de nunca ter sido invadida pelos romanos, havia nessa época sucumbido à religião que os romanos haviam trazido. Os Irlandeses tinham adotado o Cristianismo, apesar dos senhores de Além-Mar, aqueles reis irlandeses como Oengus que se haviam apoderado de terras na Bretanha, ainda se manterem fiéis aos seus antigos deuses.

”Na próxima Primavera”, pensei, ”a menos que os ritos de Merlim tragam esses deuses para nos auxiliar, estes lanceiros Escudos Negros lutarão, sem dúvida, pela Bretanha contra os Saxões.”

Foi o jovem príncipe Gawain quem surgiu no cume para me receber. Desceu pelo caminho com grandes passadas, coberto pela sua armadura de lâminas metálicas brancas como a cal, embora o seu esplendor tivesse desvanecido quando os pés lhe escorregaram no caminho lamacento e ele caiu sentado poucos metros mais adiante.

- Lorde Derfel! - gritou ele enquanto se erguia amparando-se com as mãos - Lorde Derfel! Venha, venha! Bem-vindo! - Fez um sorriso radiante quando me aproximei. - Não é

emocionante?

- Ainda não sei, meu Príncipe e senhor.

- Um triunfo! - disse ele com entusiasmo, pisando cuidadosamente em volta do pedaço lamacento que provocara a sua queda. - Um belíssimo trabalho! Rezemos para que não seja em vão.

- Toda a Bretanha reza para que assim seja - disse eu - exceto talvez os cristãos.

Dentro de três dias, Lorde Derfel já não haverá cristãos na Bretanha, porque todos terão visto os verdadeiros deuses diante de si. Desde que - acrescentou ansiosamente - não chova.

Olhou para cima, para as nuvens carregadas e, de repente, pareceu prestes a chorar.

- Chuva? - perguntei.

- Ou talvez sejam as nuvens que impedem a vinda dos deuses. Chuva ou nuvens, não tenho certeza, e Merlim está impaciente. Ele não diz, mas eu acho que a chuva é o pior, ou talvez sejam as nuvens. - Fez uma pausa continuando cabisbaixo. - Talvez ambas. Perguntei a Nimue, mas ela não gosta de mim, - ele me pareceu muito infeliz - por isso não tenho certeza, mas continuo suplicando aos deuses para que limpem os céus. E, recentemente, tem estado nublado, muito nublado, e desconfio que os cristãos estão pedindo para que chova. Trouxe mesmo a *Excalibur*?

Desatei o pano que cobria a espada embainhada e empunhei o copo na sua direção. Por um instante não se atreveu a tocar-lhe, depois cautelosamente retirou *Excalibur* da bainha. Olhou fixa e reverentemente para a lâmina, depois tocou com um dedo nos embutidos em espiral e nos dragões cravados que decoravam o aço.

- Feita no Outro Mundo - disse ele, a voz cheia de admiração - pelo próprio *Gofannon*!

- É mais provável que tenha sido forjada na Irlanda - disse eu pouco indulgente, porque havia algo na juventude e credulidade de Gawain que me levava a destruir a sua inocência devota.

- Não, Lorde - assegurou-me ele com seriedade, - foi feita no Outro Mundo. -

Entregou-me de novo *Excalibur*.

- Venha, Lorde - disse eu, tentando apressar-me, mas voltou a escorregar na lama equilibrando-se com dificuldade.

A sua armadura branca, tão impressionante à distância, era andrajosa. As suas lâminas metálicas estavam salpicadas de lama e esbatidas, mas ele possuía uma indubitável autoconfiança que impedia que parecesse ridículo. O seu longo cabelo dourado estava preso com um tecido axadrezado que lhe pendia até o fundo das costas.

Quando transpusemos a passagem da entrada que serpenteava por entre os grandes taludes de relva perguntei a Gawain como conhecera Merlim.

- Oh, desde sempre que conheço Merlim! respondeu-me satisfeito o príncipe. - Ele freqüentava a corte de meu pai, embora não muito ultimamente, mas quando

eu era apenas um garoto ele estava sempre lá. Era o meu professor.

- O seu professor? pareci surpreso e o estava realmente, mas Merlim sempre fora reservado e nunca me havia falado de Gawain.

- Não na escrita - disse Gawain, nisso fui ensinado pelas mulheres. Não, Merlim me ensinou a conhecer o meu destino. - Sorriu envergonhado. - Ensinou-me a ser puro.

- A ser puro! - lancei-lhe um olhar curioso. - Sem mulheres?

- Nenhuma, Senhor - admitiu, inocentemente. - Merlim insiste. Pelo menos já

não, apesar de antes, claro.

A sua voz esmoreceu e ele, de fato, corou.

- Não admira que reze pedindo céus limpos.

- Não, Senhor, não! - protestou Gawain. - Eu rezo pedindo céus limpos para que os deuses venham! E quando isso acontecer, eles trarão Olwen, a Prateada consigo?

Voltou a corar.

- Olwen, a Prateada?

- Deve tê-la visto, senhor, em *Lindinis*. O seu lindo rosto tornou-se quase etéreo.

Caminha com mais suavidade do que uma brisa de vento, a sua pele brilha no escuro e nascem flores nas suas pegadas.

- E ela está destinada a você? - perguntei, reprimindo uma maldosa pontinha de inveja perante a idéia de esse espírito ágil e brilhante ser dado ao jovem Gawain.

- Vou me casar com ela quando minha tarefa estiver terminada - disse ele com um ar sério, - apesar de agora meu dever ser guardar os Tesouros. Mas dentro de três dias darei as boas-vindas aos deuses e os levarei ao encontro do inimigo. Deverei ser eu o libertador da Bretanha. - Esta jactância ultrajante foi dita com toda a calma, como se fosse uma tarefa vulgar. Fiquei calado, seguindo-o apenas e passando pelo fundo fosso que se encontra entre o centro de *Mai Dun* e os muros interiores e reparei que o seu valado estava cheio de pequenos abrigos temporários feitos com ramos e colmo. - Dentro de dois dias - Gawain viu para onde eu olhava - desmancharemos estes abrigos e os atiraremos para as fogueiras.

- Fogueiras?

- Vai ver, senhor, vai ver.

Embora no início, quando cheguei ao cume, não tivesse conseguido entender o que via. O pico de *Mai Dun* é um espaço alongado e coberto de relva onde se pode abrigar uma tribo inteira com todos os seus haveres em tempo de guerra, mas agora a extremidade oeste da colina estava vedada e gradeada com um complexo arranjo de sebes secas.

- Ali! - disse Gawain orgulhoso, apontando para as sebes como se tivessem sido feitas apenas por ele.

As pessoas que carregavam a lenha eram dirigidas para uma das sebes mais próximas, para onde atiravam os seus molhos e se apressavam a apanhar ainda mais lenha. Então vi que as sebes eram, na verdade, enormes vigas de madeira que estavam sendo preparadas para queimar. As pilhas eram maiores do que um homem, e pareceu-me haver quilômetros delas, mas só quando Gawain me levou

para cima da muralha mais interior é que vi o desenho que as sebes formavam.

Enchiam toda a parte oeste do planalto e no seu centro estavam cinco pilhas de lenha, que formavam um círculo no meio de um espaço vazio com cerca de sessenta ou setenta passos de largura. Este vasto espaço estava rodeado por uma sebe em espiral, que serpenteava em três voltas inteiras, de modo que toda aquela espiral, incluindo o centro, tinha mais de cento e cinqüenta passos de comprimento. Fora da espiral havia um círculo de relva vazio bordejado por um anel de seis espirais duplas, cada uma desenrolando-se de um espaço circular e enrolando-se de novo para se juntar a outra, de modo que ficavam doze espaços com fogueiras em círculo no intrincado anel exterior. As espirais duplas tocavam uma na outra de modo a formarem uma muralha de fogueiras em toda a volta do compacto desenho.

- Doze círculos menores - perguntei a Gawain - para treze Tesouros?

- O Caldeirão, senhor, estará no centro - respondeu ele com medo na voz.

Era um trabalho gigantesco. As sebes eram altas, bem acima da altura de um homem, e estavam todas cheias de combustível, de fato, no topo daquela colina devia haver lenha suficiente para manter as fogueiras de *Durnovária* queimando durante nove ou dez Invernos. As espirais duplas no extremo oeste da fortaleza estavam ainda sendo completadas, e eu conseguia ver os homens descarregando energicamente a madeira para que as fogueiras não se consumissem rapidamente, mas ardessem durante muito tempo e intensamente.

Havia troncos inteiros de árvores aguardando as chamas no interior dos madeiros dos taludes. ”Deveria ser um fogo”, pensei, ”para assinalar o fim do mundo.”

E, de certo modo, supunha eu, era exatamente isso o que as fogueiras pretendiam assinalar. Seria o fim do mundo como nós o conhecíamos, porque se Merlim tivesse razão então os deuses da Bretanha viriam até este lugar alto. Seriam inferiores os deuses que iriam para os círculos menores do anel exterior enquanto Bei descesse para o centro fogoso de *Mai Dun*, onde o seu Caldeirão aguardava.

O Grande *Bei*, deus dos deuses, o Senhor da Bretanha, viria numa enorme corrente de ar com as estrelas luzindo na sua esteira, semelhantes a folhas outonais lançadas por um vento tempestuoso. E aí, no local onde as cinco fogueiras individuais marcavam o centro dos círculos de chama de Merlim, Bei

pisaria de novo em Ynys Prydain, a Ilha da Bretanha. De repente senti a pele fria. Até esse momento não compreendera exatamente a magnificência do sonho de Merlim, e agora quase me soterrava. Dentro de três dias, apenas três dias, os deuses estariam ali.

- Temos mais de quatrocentas pessoas trabalhando nas fogueiras - disse-me Gawain com seriedade.

- Acredito que sim.

- E marcamos as espirais - continuou - com corda de fadas.

- Com quê?

- Uma corda, Senhor, tecida a partir do cabelo de uma virgem e apenas com um fio de largura. Nimue ficou no centro e eu marquei o perímetro com passos e Merlim, o meu senhor, assinalou os meus passos com pedras de gnomos. As espirais tinham de ficar perfeitas. Levou uma semana para fazê-las, porque a corda partia-se constantemente e sempre que isso acontecia tínhamos de começar de novo.

- Afinal, talvez não fosse uma corda de fadas, meu Príncipe? - gracejei com ele.

- Ah, era, senhor - assegurou-me Gawain. - Foi tecida com o meu próprio cabelo.

- E na Véspera do *Samain* - perguntei-lhe, - você acenderá as fogueiras e esperará?

- Três horas passadas sobre outras três, senhor, as fogueiras terão de arder, e à

sexta hora iniciamos a cerimônia. E depois, em qualquer momento essa noite deverá

tornar-se dia claro, o céu se encherá de fogo e o ar cheio de fumaça será varrido num redemoinho pelo bater das asas dos deuses.

Gawain havia me conduzido ao longo do muro norte do forte, mas agora gesticulava para baixo, indicando o lugar onde se erguia o pequeno Templo de Mitras, mesmo a Leste dos círculos de lenha.

- Pode esperar aqui, senhor - disse ele - enquanto vou buscar Merlim.

- Ele está longe? - perguntei, pensando que Merlim estivesse num dos abrigos temporários virados para a extremidade leste do planalto.

- Não tenho certeza de onde está - confessou Gawain, - mas sei que foi buscar Anbarr e acho que sei onde possa estar.

- *Anbarr*? - perguntei. Eu apenas conhecia *Anbarr* das histórias em que ele era um cavalo mágico, um garanhão indomável afamado por galopar tão velozmente na água como em terra.

- Montarei *Anbarr* ao lado dos deuses - disse Gawain, orgulhoso - e empunharei o meu estandarte contra o inimigo. Apontou para o templo onde uma enorme bandeira se inclinava sem cerimônia sobre o baixo telhado de telhas.

- O estandarte da Bretanha - acrescentou Gawain, e conduziu-me ao templo onde desfraldou o estandarte. Era um vasto quadrado de tecido branco decorado com o desafiador dragão vermelho da *Dumnônia*. Toda a fera era garras, cauda e fogo. - É, sem dúvida, o estandarte da *Dumnônia* - confessou Gawain, - mas não creio que os outros reis britânicos se importem, não acha?

- Não, se levar os Sais para o mar - disse eu.

- Essa é a minha tarefa, senhor - disse Gawain com grande solenidade. - Com a ajuda dos deuses, claro, - e disto tocou em *Excalibur* que estava ainda debaixo do meu braço.

- *Excalibur*! - pareci surpreso, uma vez que não conseguia imaginar homem nenhum sem ser Artur empunhando a espada mágica.

- Que mais? - perguntou-me Gawain. - Devo empunhar *Excalibur*, montar *Anbarr* e expulsar o inimigo da Bretanha. - Sorriu satisfeito, depois indicou com um gesto um banco que se encontrava junto à porta do templo. - Se esperar, senhor, irei à procura *de* Merlim.

O templo era guardado por seis lanceiros Escudos Negros, mas uma vez que eu tinha ido até ali na companhia de Gawain, eles nem tentaram deter-me quando me curvei para passar sob o baixo lintel da entrada.

Não explorei o pequeno edifício por mera curiosidade, mas porque, naquela época, Mitras era o meu deus principal. Ele era o deus dos soldados, o deus secreto.

Haviam sido os romanos quem introduzira o seu culto na Bretanha e, apesar de já há

muito terem partido, Mitras era ainda um dos deuses favoritos da maioria dos guerreiros.

Este templo era minúsculo, apenas com duas pequenas salas sem janelas imitando a gruta onde Mitras nascera. A sala exterior estava cheia de caixas de madeira e cestos de vime que, suspeitei, continham os Tesouros da Bretanha, embora não tivesse levantado nenhuma das tampas para me certificar. Em vez disso, baixei-me para passar pela porta interior que dava acesso ao escuro santuário e nele encontrei, tremeluzindo, o grande Caldeirão de ouro e prata de *Clyddno Eiddyn*.

Depois do Caldeirão, e apenas vislumbrando-se à escassa luz acinzentada que penetrava pelas duas portas baixas, encontrava-se aí também o altar de Mitras. Merlim ou Nimue, ambos ridicularizavam Mitras, havia colocado um crânio de texugo no altar para desviar a atenção dos deuses. Afastei o crânio com uma palmada, e ajoelhei-me ao lado do Caldeirão, rezando.

Pedi a Mitras que ajudasse os nossos outros deuses e rezei também para que ele viesse a *Mai Dun* e emprestasse o seu terror para matar os nossos inimigos. Toquei com o copo da *Excalibur* na sua pedra e questionei-me sobre a última vez que um touro ali fora sacrificado. Imaginei os soldados romanos forçando o touro a ajoelhar-se, depois empurrando-lhe as ancas e puxando os chifres para fazê-lo passar pelas portas baixas até, uma vez no santuário interior, levantar-se e mugir com medo, cheirando-lhe apenas a inúmeros lanceiros na escuridão. E aí, na escuridão aterradora, ele seria estropiado pelo corte dos tendões da parte de trás dos joelhos. Mugiria de novo, cairia, mas ainda assim agitaria violentamente os seus enormes chifres para os idólatras, mas eles o venceriam e escoariam o seu sangue, e o touro morreria devagar, e o templo se encheria com o cheiro pestilento dos seus excrementos e do seu sangue.

Depois, os idólatras beberiam o sangue do touro em homenagem a Mitras, tal como ele nos ordenara. Os Cristãos, haviam me dito, tinham uma cerimônia

semelhante, mas eles afirmavam que não matavam nada durante os seus ritos, apesar de poucos pagãos acreditarem nisso, já que a morte é o emolumento que devemos aos deuses como agradecimento pela vida que eles nos dão.

Permaneci de joelhos na escuridão, como um guerreiro de Mitras que vai a um dos seus templos esquecidos, e enquanto rezava, senti o mesmo cheiro de mar que me recordou o cheiro de algas marinhas e o intenso odor de sal que invadira as nossas narinas quando Olwen a Prateada caminhara imponente, tão esguia, delicada e bela para a arcada de *Lindinis*. Por um instante pensei que fosse da presença de um deus qualquer, ou talvez que Olwen a Prateada tivesse, ela própria, vindo a *Mai Dun*, mas nada se moveu; não ocorreu nenhuma visão, nenhuma pele nua reluziu, apenas continuei a sentir o leve odor de sal do mar e o suave sussurro do vento no exterior do templo.

Voltei-me e passei pela porta interior e aí, na sala exterior, o cheiro de mar tornou-se mais forte. Abri as tampas das caixas com um puxão e levantei as coberturas de serapilheira dos cestos de vime. Pensei ter aí encontrado o motivo do cheiro, mas descobri que dois dos cestos estavam cheios de sal que empedernira ao ar úmido do Outono. Contudo, o cheiro de mar não provinha do sal, mas de um terceiro cesto que estava cheio de algas molhadas. Toquei nelas e lambi o dedo ficando com um gosto de água salgada na boca. Um enorme cântaro de barro estava junto do cesto, tapado, e, ao levantar a tampa, descobri que o pote estava cheio de água do mar, provavelmente para manter as algas úmidas. Remexi dentro do cesto das algas e encontrei, logo abaixo da superfície, uma camada de crustáceos. O peixe tinha longas, finas e elegantes conchas dos dois lados, que fazia lembrar mexilhão, embora estes fossem um pouco maiores do que os mexilhões e as suas conchas fossem de um branco acinzentado em vez de serem pretas.

Tirei um, cheirei-o e pensei que fosse apenas alguma iguaria que Merlim gostasse de comer. O crustáceo, talvez ressentindo-se do meu toque, abriu as suas conchas e espichou um esguicho de líquido na minha mão. Voltei a colocá-lo no cesto e tapei a camada de crustáceos vivos com as algas.

Assim que me virei para a porta exterior, planejando aguardar do lado de fora, olhei para a minha mão. Fiquei fitando-a durante alguns instantes, julgando que os meus olhos me enganavam, mas com a tênue luz que entrava pela porta exterior não consegui ter certeza, por isso recuei para a porta interior para junto do grande Caldeirão ao lado do altar e aí, na parte mais escura do templo de

Mitras, mantive a mão direita diante do rosto.

E vi que brilhava.

Fitei-a. Não conseguia acreditar no que via, mas a minha mão brilhava. Não era luminosa, não uma luz interior, mas vi laivos de um indubitável brilho na palma da minha mão. Passei um dedo pela mancha úmida deixada pelo crustáceo, e esse gesto deixou um rasto escuro na superfície reluzente.

Então, afinal, Olwen a Prateada não era nenhuma ninfa, nenhum mensageiro dos deuses, apenas uma garota humana besuntada com o líquido dos crustáceos. A magia não provinha dos deuses mas de Merlim, e todas as minhas esperanças pareceram desvanecer-se naquela sala escura.

Limpei a mão na minha capa e saí para a luz do dia. Sentei-me no banco junto à

porta do templo e olhei fixamente para o talude interior onde um grupo de crianças davam trambolhões e escorregavam brincando alegre e ruidosamente. Voltava a sentir a angústia que me assaltara durante a minha viagem a *Lloegyr*.

Queria desesperadamente acreditar nos deuses, contudo estava cheio de dúvidas.

Que importava isso, disse a mim mesmo, que a garota fosse humana e que a sua luminosidade inumana e difusa fosse um truque de Merlim? Isso não negava os Tesouros, mas sempre que eu pensasse nos Tesouros, e sempre que fosse tentado a duvidar da sua eficácia, tinha de me tranqüilizar com a lembrança daquela garota nua reluzente. E

agora, conforme parecia, ela afinal não era nenhum mensageiro dos deuses, mas apenas uma das ilusões de Merlim.

- Senhor? - A voz de uma garota interrompeu-me os pensamentos. - Senhor? -

perguntou-me novamente, e eu levantei os olhos e vi uma senhorinha roliça e de cabelo escuro sorrindo nervosamente para mim. Trazia um vestido simples e uma capa, tinha uma fita em volta dos seus pequenos caracóis escuros e segurava a mão de um rapazinho ruivo. - Não se lembra de mim, Senhor? - perguntou-me, tristonha.

- Cywwylog - respondi, lembrando-me do seu nome. Ela fora uma das nossas

servas em *Lindinis*, onde fora seduzida por Mordred. Levantei-me. - Como está?

- Bem, tanto quanto posso estar, senhor - respondeu, agradada por me recordar dela. - E este é o pequeno Mardoc. Parecido com o pai, não é?

Olhei para o rapaz. Tinha, talvez, seis ou sete anos e um rosto robusto e redondo, e o seu cabelo espigado e hirto era justamente igual ao de seu pai, Mordred. Mas em feitio, não sai ao pai disse Cywwylog.

- É um bom rapazinho, uma jóia, senhor. Nunca deu um instante de preocupações, pois não, meu querido? - Ela inclinou-se e deu um beijo em Mardoc. O rapaz ficou embaraçado com a demonstração de afeto, mas ainda assim fez um sorriso rasgado. -

Como está a Senhora Ceinwyn? - perguntou-me Cywwylog.

- Muito bem. Muito lhe agradará saber que nos encontramos.

- Ela sempre foi boa para mim - afirmou Cywwylog. - Eu teria ido para a sua nova casa, senhor, mas conheci um homem. Agora sou casada.

- Quem é ele?

- Idfael Meric, senhor. Agora está ao serviço de Lorde Lanval. - Lanval comandava a guarda que mantinha Mordred na sua prisão dourada.

- Pensamos que tinha deixado a nossa casa - confessei a Cywwylog - por Mordred ter te dado dinheiro.

- Ele? Dar-me dinheiro! - Cywwylog riu. - Viverei para ver as estrelas caírem antes que isso aconteça, senhor. Naquela época eu era uma tola - confessou-me Cywwylog, alegremente. - Claro que não sabia o tipo de homem que Mordred era, e ele também não era um verdadeiro homem, não nessa época, e creio que fiquei com a cabeça à roda por ele ser Rei, mas não fui a primeira garota, não é? E me atrevo a dizer que não serei a última. Mas tudo se resolveu pelo melhor. O meu Idfael é um homem bom, e não se importa que o pequeno Mardoc seja um cuco no seu ninho. É o que você é, *meu* querido -

disse ela - um cuco! E inclinou-se para abraçar Mardoc, que se contorceu nos seus braços e largou em grandes gargalhadas quando ela lhe fez cócegas.

- O que você faz aqui? - perguntei-lhe.

- O Senhor Merlim mandou nos chamar - disse Cywwylog, orgulhosa. - Ele gosta do pequeno Mardoc, lá isso gosta. Estraga-o com mimos! Está sempre dando-lhe comida, lá isso está, e você vai ficar gordo, vai sim, ficará gordo como um porco! - E fez de novo cócegas no rapaz, que riu, tentou libertar-se, e por fim conseguiu soltar-se. Não correu para longe, ficando apenas a alguns metros de distância, onde me observou com o dedo polegar na boca.

- Merlim mandou te chamar? - perguntei-lhe.

- Precisava de uma cozinheira, senhor, foi o que ele disse, e me atrevo a dizer que sou tão boa cozinheira como qualquer outra, e com o dinheiro que ele ofereceu, bem, Idfael disse que eu tinha de vir. Não que o senhor Merlim coma muito. Ele gosta do seu queijo, não é, mas para isso não precisa de nenhuma cozinheira, não é?

- Ele come crustáceos?

- Ele gosta das suas amêijoas, mas não come muitas. Não, o que ele mais come é

queijo. Queijo e ovos. Ele não é como o senhor, lembro-me que apreciava muito a carne.

- E ainda aprecio - afirmei.

- Foram bons tempos - disse Cywwylog. - O pequeno Mardoc tem a mesma idade da sua Dian. Pensei muitas vezes que eles fariam um bom par. Como está ela?

- Ela morreu, Cywwylog - disse-lhe eu. O seu rosto esmoreceu.

- Oh, não, senhor, diga que não é verdade!

- Foi morta pelos homens de Lancelot.

Ela cuspiu para a relva.

- Malvados, todos eles. Lamento muito, senhor.

- Mas ela é feliz no Outro Mundo - garanti-lhe e um dia todos lhe faremos companhia.

- Fará, Senhor, fará. Mas e as outras?

- Morwenna e Seren estão bem.

- Ainda bem, senhor. - Sorriu. Vai ficar aqui para as Evocações?

- As Evocações? - Era a primeira vez que eu ouvia chamar-lhe aquilo. - Não, não fui convidado. Pensei em vê-las de *Durnovária*.

- Será uma coisa digna de se ver - disse ela; depois sorriu e agradeceu-me por ter falado com ela, e a seguir fingiu apanhar Mardoc que fugia dela, dando gargalhadas de excitação.

Sentei-me, satisfeito por a ter encontrado de novo, e depois questionei-me sobre os planos de Merlim.

Porque teria ele querido encontrar Cywwylog? E porquê contratar uma cozinheira, quando ele jamais havia empregado alguém para lhe preparar as refeições?

Uma agitação repentina para lá dos taludes interrompeu-me os pensamentos e dispersou as crianças que brincavam. Levantei-me no preciso instante em que dois homens surgiram puxando uma corda. Gawain apareceu apressado uns segundos depois, *e* então, no fim da corda vi um enorme e violento garanhão preto.

O cavalo tentava libertar-se e por pouco não arrastou os dois homens de encontro ao muro, mas eles agarraram subitamente no cabresto e empurravam o aterrorizado animal para diante quando, de repente, o cavalo se libertou e arrastou os homens atrás de *si.*

Gawain gritou-lhes para que tivessem cuidado, depois entre escorregadelas *e* passos de corrida foi atrás do enorme animal. Merlim, aparentemente indiferente ao pequeno drama, seguiu-os com Nimue. Ficou observando enquanto o cavalo era levado para um dos abrigos a leste e depois ele e Nimue desceram em direção ao templo.

- Ah, Derfel! - cumprimentou-me ele, descuidadamente. - Você parece muito sorumbático. Está com dor de dente?

- Trouxe-lhes a *Excalibur* - afirmei com severidade.

- Vejo isso com meus próprios olhos. Sabe que não sou cego? Às vezes, um tanto surdo, e a vesícula é fraca, mas que mais se pode esperar com a minha idade?

Tirou-me a *Excalibur*, desembainhou-a a alguns centímetros da bainha, depois beijou o aço.

- A espada de *Rhydderch* - afirmou com receio, e por instantes o seu rosto mostrou um estranho olhar estático, antes de abruptamente embainhar a espada e deixar que Nimue a tirasse. - Então você foi ver seu pai - disse-me Merlim. - Gostou dele?

- Sim, Senhor.

- Você sempre foi absurdamente emotivo, Derfel - disse Merlim, depois lançou um olhar rápido a Nimue, que libertara a *Excalibur* da sua bainha e segurava com força a lâmina nua contra o seu corpo magro. Por uma razão qualquer Merlim pareceu incomodado com isso e arrancou-lhe a bainha, tentando depois agarrar a espada. Ela não queria largá-la e Merlim, depois de se debater com ela por breves instantes, abandonou a tentativa.

- Soube que você poupou Liofa? - perguntou, virando-me as costas. - Isso foi um erro. Liofa é uma fera muito perigosa.

- Como sabe que o poupei? - Merlim lançou-me um olhar reprovador.

- Talvez eu fosse uma das corujas que estava na empena do palácio de Aelle, Derfel, ou talvez fosse um dos ratos que correm no seu chão? - Precipitou-se para Nimue e desta vez conseguiu tirar-lhe a espada das mãos. - Não se pode estragar a magia -

murmurou ele, fazendo com que a lâmina deslizasse desajeitadamente para o interior da bainha. - Artur não se importou de emprestar a espada?

- Porque haveria de se importar, Senhor?

- Porque Artur está perigosamente próximo do ceticismo - respondeu Merlim, inclinando a *Excalibur* para passar pela porta baixa do templo. - Ele acha que conseguimos nos orientar sem os deuses.

- Então é uma pena - afirmei sarcasticamente, - que ele nunca tenha visto Olwen, a Prateada, brilhando na escuridão.

Nimue sibilou-me. Merlim fez uma pausa, depois, virou-se lentamente e endireitou-se junto à porta da entrada, lançando-me um olhar severo.

- Porquê, Derfel, por que razão *é* uma pena? - perguntou num tom de voz grave.

- Porque se ele a tivesse visto, senhor, certamente acreditaria nos deuses. Desde que, evidentemente, não descobrisse os crustáceos.

- Então é isso - disse ele. - Andou investigando, não foi? Andou metendo o seu gordo nariz saxão onde não era chamado e encontrou os meus bivalves.

- Bivalves?

- Os crustáceos, tolo, chamam-se bivalves. Pelo menos, os plebeus chamam-lhes assim.

- E brilham? perguntei.

- O seu suco tem qualidades luminosas - admitiu Merlim com desenvoltura.

Percebi que estava aborrecido com a minha descoberta, mas fazia o possível por não se mostrar irritado.

- Plínio refere o fenômeno, mas depois fala em tantas coisas que é muito difícil saber exatamente em que acreditar. A maioria das suas noções são completos disparates, claro. Todos esses disparates sobre os druidas que cortam visco-branco ao sexto dia da lua nova! Eu nunca fiz isso, nunca! Ao quinto dia, sim, e por vezes, ao sétimo, mas ao sexto? Nunca! E ele também recomenda, tanto quanto me recordo, que se amarre a faixa do peito de uma mulher em volta do crânio para curar as dores de cabeça, mas o remédio não funciona. Como podia funcionar? A magia está nos seios, não na faixa, por isso é evidentemente muito mais eficaz enterrar a cabeça doente nos próprios seios. Comigo, o remédio nunca falhou, seguramente. Já Plínio, Derfel?

- Não, senhor.

- É verdade, nunca te ensinei Latim. Descuido meu. Bom, ele estudou o bivalve e notou que as mãos e as bocas daqueles que comiam a criatura, depois de o fazerem reluziam, e confesso que fiquei intrigado. Quem não ficaria? Eu estava relutante em explorar mais o fenômeno, porque desperdiçara muito do meu tempo nas noções mais credíveis de Plínio, mas essa revelou-se exata. Lembra-se de Caddwg? O barqueiro que nos libertou de *Ynys Trebes*? Agora ele é o meu pescador de bivalves. As criaturas vivem nos buracos das rochas, o que é bastante maçador, mas eu pago bem a Caddwg e ele apanha-os assiduamente como um verdadeiro caçador de bivalves. Você parece desiludido, Derfel.

- Eu pensei, senhor - comecei, depois hesitei, sabendo que ia ser motejado.

- Oh! Você pensou que a garota vinha dos céus! - Merlim terminou a frase por mim, depois assobiou com ridicularia. - Ouviu isto, Nimue? O nosso bravo guerreiro, Derfel Cadarn, acreditou que a nossa pequena Olwen era uma aparição! - Arrastou a última palavra, imprimindo-lhe um tom portentoso.

- Era suposto ele acreditar nisso - disse Nimue, secamente.

- Pensando bem, creio que sim - admitiu Merlim. - É um bom truque, não é, Derfel?

- Todavia, não passa de um truque, senhor - disse eu, incapaz de esconder a minha desilusão.

Merlim suspirou.

- Você é absurdo, Derfel, completamente absurdo. A existência de truques não implica a ausência de magia, mas a magia nem sempre nos é concedida pelos deuses.

Não consegue perceber nada? - Esta última pergunta foi feita de forma irritada.

- Eu sei que fui iludido, senhor.

- Iludido! Iludido! Não seja tão patético. Você é pior do que Gawain! Um druida no seu segundo dia de treino conseguiria iludi-lo! A nossa tarefa não é satisfazer sua curiosidade infantil, mas sim fazer o trabalho dos deuses, e esses deuses,

Derfel, afastaram-se muito de nós. Partiram para longe! Desapareceram, sumiram na escuridão, mergulharam no abismo de *Annwn*. Eles têm de ser evocados, e para fazê-lo preciso de trabalhadores, e para atrair trabalhadores tenho de oferecer um pouco de esperança.

Acha que eu e Nimue conseguiríamos construir as fogueiras sozinhos? Nós precisávamos de gente! De centenas de pessoas! E besuntar uma garota com o líquido dos bivalves trouxe-os até nós, e tudo o que você faz é queixar-se por ter sido iludido. Quem se importa com o que você pensa? Porque não sai daqui e masca um bivalve? Talvez isso te ilumine. - Deu um pontapé no copo da *Excalibur*, que ainda se projetava para fora do templo. - Suponho que aquele tolo do Gawain te mostrou tudo?

- Ele me mostrou os anéis de fogo, senhor.

- E suponho que agora queira saber para que servem?

- Sim, senhor.

- Qualquer pessoa de inteligência mediana conseguiria descobri-lo por si - disse Merlim, imponente. - Os deuses estão muito longe, isso é óbvio, ou então não nos ignorariam, mas há muitos anos eles concederam-nos os meios para os evocarmos: os Tesouros. Há tanto tempo que os deuses partiram para o vazio de *Annwn* que os Tesouros só por si não funcionam. Por isso temos de atrair a atenção dos deuses; e como o conseguiremos? É simples! Enviamos um sinal para o abismo, e esse sinal é apenas um enorme desenho de fogo, e nesse desenho colocamos os Tesouros. Depois fazemos uma ou duas outras coisas que não têm, de fato, muita importância. Depois disso já posso morrer em paz, em vez de ter de explicar as matérias mais elementares a idiotas absolutamente crédulos. E não, - acrescentou ele antes de eu sequer dizer alguma coisa, ou fazer alguma pergunta - você não pode estar aqui em cima, na Véspera do *Samain*.

Quero aqui apenas aqueles em quem posso confiar. E se voltar, ordenarei aos guardas que usem a tua barriga para a prática de esgrima.

- Porque não circundar apenas a colina com uma barreira de espíritos? -

perguntei. Uma barreira de espíritos era uma linha de crânios, enfeitiçados por um druida, que ninguém se atrevia a transpor.

Merlim fitou-me de olhos esbugalhados como se o meu juízo tivesse desaparecido.

- Uma barreira de espíritos! Na Véspera do *Samain*! É a única noite do ano, idiota, em que as barreiras de espíritos não funcionam! Tenho de te explicar tudo? Uma barreira de espíritos, palerma, funciona, porque prende as almas dos mortos para assustar os vivos, mas na Véspera do *Samain* as almas dos mortos são libertadas para vaguearem e, por isso, não podem ser presas. Na Véspera do *Samain*, uma barreira de espíritos é

quase tão útil para o mundo como a sua massa cinzenta.

Acatei calmamente a sua repreensão.

- Só faço votos para que não haja nuvens - afirmei, tentando acalmá-lo.

- Nuvens? - desafiou-me Merlim. - Porque haviam as nuvens de me preocupar?

Ah, compreendo! Esse tolo do Gawain falou com você e ele entende tudo ao contrário. Se estiver nublado, Derfel, ainda assim os deuses verão o nosso sinal, porque a sua visão, ao contrário da nossa, não é toldada pelas nuvens; mas se estiver muito nublado então é

provável que chova, - fez com que a sua voz soasse semelhante à de um homem que explica algo muito simples a uma criancinha, - e a chuva intensa apagará todas as grandes fogueiras. Pronto, era de fato difícil para você conseguir descobrir isto sozinho, não era?

Olhou para mim furioso, depois virou-se e fitou os círculos de lenha. Apoiou-se no seu bastão preto, cismando na enorme coisa que fizera no cume de *Mai Dun*.

Permaneceu em silêncio durante longo tempo, depois, de repente encolheu os ombros.

- Você já pensou alguma vez - perguntou-me - o que poderia ter acontecido se os cristãos tivessem conseguido colocar Lancelot no trono? - A sua ira tinha desaparecido e fora substituída pela melancolia.

- Não, senhor - respondi.

- O seu ano 500 teria chegado e todos eles teriam esperado pela vinda gloriosa daquele seu absurdo Deus crucificado. - Merlim estivera olhando para os círculos enquanto falava, mas depois virou-se para olhar para mim. - E se ele nunca tivesse vindo? - perguntou ele, perplexo. - Suponha que os cristãos estavam todos prontos, todos com as suas melhores capas, todos lavados e limpos e em oração, e depois nada acontecia?

- Nesse caso, no ano 501 - afirmei - não haveria cristãos.

Merlim abanou a cabeça.

- Tenho dúvidas. É a função dos sacerdotes explicarem o inexplicável. Homens como Sansum teriam inventado uma razão, e as pessoas teriam acreditado neles, porque elas querem acreditar desesperadamente. Os povos não desistem da esperança por causa da desilusão, Derfel, eles apenas redobram a sua esperança. Que tolos somos todos nós.

- Então receia - indaguei, sentindo um súbito laivo de pena dele, - que nada aconteça no *Samain*?

- Claro que receio, seu idiota. Nimue não. - Olhou de soslaio para Nimue, que nos espiava com um olhar taciturno. - Você está cheia de certezas, minha pequenina, não está? - Merlim troçou dela. - Mas quanto a mim, Derfel, gostaria que isto nunca tivesse sido necessário. Nós nem tão-pouco sabemos o que é deve acontecer quando acendermos as fogueiras. Talvez os deuses venham, ou talvez aguardem a sua hora. -

Lançou-me um olhar terrível. - Se nada acontecer, Derfel, isso não significa que nada aconteceu. Compreende isto?

- Acho que sim, senhor.

- Duvido que compreenda. Nem tão-pouco sei porque me incomodo desperdiçando explicações com você! É o mesmo que ensinar um touro os mais requintados elementos da retórica! Que homem absurdo você é. Agora pode ir. Já

entregou a *Excalibur*.

- Artur a quer de volta - disse eu, lembrando-me de dar a mensagem de Artur.

- Tenho certeza que sim, e talvez ele a tenha de novo quando Gawain tiver tudo acabado. Ou talvez não. O que importa isso? Deixe de me preocupar com ninharias, Derfel. E adeus. - Seguiu com passos imponentes, de novo zangado, mas parou alguns metros mais adiante e virou-se, chamando Nimue. - Ande, garota!

- Vou me certificar de que Derfel vai embora - disse Nimue, e com estas palavras pegou-me pelo cotovelo e encaminhou-me para o talude interior.

- Nimue! - gritou Merlim.

Ela ignorou-o, puxando-me pela encosta de relva acima para onde o caminho corria ao longo do talude. Olhei fixamente para os complexos círculos de fogueiras.

- Vocês fizeram um trabalho imenso - afirmei de modo pouco convincente.

- E tudo será desperdiçado se não representar os rituais corretamente - disse Nimue petulante. Merlim andava zangado comigo, mas, na maior parte das vezes, a sua ira era fingida e surgia e desaparecia como um relâmpago; contudo, a raiva de Nimue era profunda e convincente e tornava menor o seu rosto branco e em forma de cunha. Ela nunca fora bonita, e a perda do seu olho conferira ao seu rosto um aspecto terrível. No entanto, havia uma ferocidade e uma inteligência nos seus olhares que a tornavam inesquecível, e agora naquele alto talude com o vento soprando de oeste, ela parecia mais formidável do que nunca.

- Existe algum perigo - perguntei-lhe do ritual não ser feito corretamente?

- Merlim é como você - afirmou ela zangada, ignorando a minha pergunta. - É

emotivo.

- Besteira - afirmei.

- E o que você sabe, Derfel? - disse ela, com brusquidão. - Tem de agüentar as suas fanfarronadas? Tem de discutir com ele? Tem de tranqüilizá-lo? Tem de o ver cometendo o maior erro de toda a história? - Fez-me estas perguntas abruptamente. -

Tem de o ver desperdiçar todo este esforço? - Acenou uma mão magra para as

fogueiras.

- É um tolo - acrescentou, amargamente. - Se Merlim peidar, acha que é a sabedoria falando. Ele é um homem velho, Derfel, não viverá por muito mais tempo, e está perdendo o seu poder. E o poder, Derfel, vem de dentro. - Bateu com a mão entre os seus pequenos seios. Parara no alto do talude e virou-se para me olhar de frente. Eu era um soldado robusto, ela uma mulher magra, contudo o seu poder suplantava o meu. Sempre fora assim. Em Nimue existia uma paixão tão profunda, obscura e forte que quase nada conseguia suplantá-la.

- Por que razão as emoções de Merlim põem em perigo o ritual? - perguntei-lhe.

- Porque põem! - disse Nimue, e virou-se, continuando a caminhar.

- Diga-me - exigi.

- Nunca! - disse ela, rispidamente. - Você é um tolo.

Caminhei atrás dela.

- Quem é Olwen, a Prateada? - perguntei-lhe.

- Uma escrava que compramos em *Demétia*. Ela foi capturada por *Powys* e custou-nos mais de seis moedas de ouro por ser tão bonita.

- E é confirmei, - recordando-me dos seus delicados passos pela noite calma de *Lindinis*.

- Merlim também acha - disse Nimue, com desdém. - Ele treme quando a vê, mas hoje em dia está muito velho, e além disso temos de fingir que ela é uma virgem por causa de Gawain. E ele acredita em nós! Mas aquele tolo acreditará em qualquer coisa! É

um idiota!

- E casará com Olwen quando tudo isto terminar?

Nimue deu uma gargalhada.

- Isso foi o que prometemos ao tolo, embora possa mudar de idéia quando

descobrir que ela nasceu escrava e não é espírito nenhum. Por isso, talvez venhamos a vendê-la. Gostaria de comprá-la?

Lançou-me um olhar manhoso.

- Não.

- Continua fiel a Ceinwyn? - perguntou ela, motejadora. - Como está ela?

- Está bem - afirmei.

- E ela vem para *Durnovária* para ver as evocações?

- Não, - afirmei.

Nimue virou-se lançando-me um olhar desconfiado.

- Mas você vem?

- Irei vê-las, sim.

- E Gwydre - perguntou ela, - vai trazê-lo?

- Sim, ele quer vir, mas primeiro pedirei autorização a seu pai.

- Diga a Artur que devia deixá-lo vir. Todas as crianças da Bretanha deviam testemunhar a vinda dos deuses. Será uma visão que jamais conseguirá esquecer, Derfel.

- Então, sempre se realiza? - perguntei. - Apesar dos erros de Merlim?

- Realiza-se - afirmou Nimue, vingativa - apesar de Merlim. Realiza-se, porque eu farei com que se realize. Eu darei àquele velho tonto o que ele pretende, quer ele goste ou não. - Ela deteve-se, virou-se e agarrou-me na mão esquerda, olhando fixamente com o seu único olho para a cicatriz marcada na sua palma. Aquela cicatriz obrigava-me por juramento a obedecer-lhe e eu pressenti que ela estava prestes a fazer-me algum pedido; mas depois num impulso de precaução deteve-a. Inspirou fundo, olhou-me fixamente, depois deixou cair a minha mão marcada com a cicatriz. - A partir daqui já sabe o caminho - disse ela num tom amargo, depois afastou-se.

Desci a colina. As pessoas ainda caminhavam penosamente com os seus fardos de lenha em direção ao cume de *Mai Dun*. Durante nove horas, dissera Gawain, as fogueiras teriam de arder. Nove horas para encher um céu com chamas e trazer os deuses à terra. Ou talvez, se os ritos fossem feitos de maneira errada, as fogueiras nada trouxessem.

E dentro de três noites descobriríamos qual destas hipóteses se realizaria.

Ceinwyn teria gostado de vir a *Durnovária* para testemunhar a evocação dos deuses, mas a Véspera do *Samain* é a noite em que os mortos caminham sobre a terra e ela queria ter certeza que deixávamos oferendas a Dian. Pensou que o local para as deixar era onde Dian morrera, por isso levou as nossas outras duas filhas até às ruínas da casa senhorial de Ermid e aí, por entre as cinzas da casa, colocou uma bilha de hidromel diluído, algum pão com manteiga e uma mão-cheia de avelãs cobertas com mel que Dian sempre adorara. As suas irmãs colocaram nas cinzas algumas nozes e ovos bem cozidos, depois todas se abrigaram na cabana do guarda-florestal situada nas proximidades e guardada pelos meus lanceiros. Não viram Dian, porque na Véspera do *Samain* os mortos nunca se expõem, mas ignorar a sua presença é um convite ao infortúnio.

- De manhã, - disse-me Ceinwyn, mais tarde, - todos os alimentos haviam desaparecido e a bilha estava vazia.

Eu estava em *Durnovária* quando Issa se juntou a mim com Gwydre. Artur havia dado autorização ao filho a assistir à evocação e Gwydre estava excitado. Nesse ano, ele tinha onze anos, estava cheio de entusiasmo, vida e curiosidade. Tinha a constituição esguia do pai, mas tinha a beleza de Guinevere, porque tinha o seu nariz longo e os seus olhos arrojados. Era travesso, mas não era mau, e tanto Ceinwyn como eu teríamos ficado contentes se a profecia de seu pai se realizasse e ele casasse com Morwenna.

Essa decisão não seria tomada antes de dois ou três anos, e até esse momento Gwydre viveria conosco. Ele queria estar no cume de *Mai Dun* e ficou desiludido quando lhe expliquei que ninguém podia lá estar, exceto aqueles que representavam as cerimônias.

Até mesmo as gentes que haviam construído as enormes fogueiras tinham sido mandados embora durante o dia. À semelhança das centenas de pessoas curiosas que haviam vindo de toda a Bretanha, também eles veriam as evocações dos

campos junto ao antigo forte.

Artur chegou na manhã da Véspera do *Samain* e eu vi a alegria com que cumprimentou Gwydre. O rapaz era a sua única fonte de felicidade naqueles dias sombrios. Culhwuch, o primo de Artur, chegou de *Dunum* com meia dúzia de lanceiros.

- Artur disse-me que eu não devia vir - disse-me ele com um sorriso rasgado - mas eu não podia perder isto.

Culhwuch coxeou até Galaad para o cumprimentar. Passara os últimos meses com Sagramor vigiando a fronteira contra os saxões de Aelle, e enquanto Sagramor obedecera às ordens de Artur para permanecer no seu posto, pedira a Galaad que fosse a *Durnovária* para levar às suas forças as notícias dos acontecimentos da noite. As grandes expectativas preocupavam Artur, que temeu que os seus seguidores sofressem uma terrível decepção se nada acontecesse.

As expectativas continuavam a aumentar, porque nessa tarde o rei Cuneglas de *Powys* cavalgou para a cidade, levando consigo uma dúzia de homens, incluindo o seu filho Perddel, que era agora um jovem consciente de si mesmo, tentando fazer com que os seus primeiros bigodes crescessem. Cuneglas abraçou-me. Era irmão de Ceinwyn e um dos homens mais decentes e honestos que já existiram. Ele havia visitado Meurig de *Gwent* durante a sua viagem para sul e agora confirmava aquela relutância monárquica em lutar contra os Saxões.

- Ele acha que o seu Deus irá protegê-lo - afirmou Cuneglas, severamente.

- Nós também - disse eu, fazendo um gesto amplo para fora da janela do palácio, para os taludes mais baixos de *Mai Dun* cheios de pessoas que esperavam estar prestes a assistir ao momento extraordinário que a noite pudesse trazer.

Muitas das pessoas haviam tentado subir até ao topo da colina, mas os lanceiros Escudos Negros de Merlim haviam-nos mantido a todos à distância. No campo mesmo a norte da fortaleza, um desafiador grupo de cristãos orava ruidosamente ao seu Deus para que enviasse chuva que anulasse os ritos ateus, mas foram escorraçados por uma multidão furiosa. Uma mulher cristã foi agredida até perder os sentidos, e Artur mandou que os seus soldados apaziguassem os ânimos.

- Então, o que irá acontecer esta noite? - perguntou-me Cuneglas.

- Talvez nada, meu rei e senhor.

- Vim de tão longe para nada ver? - resmungou Culhwuch.

Ele era um homem atarracado, belicoso e intempestivo, que eu contava como um dos meus amigos mais chegados. Coxeava desde que uma lâmina saxônica se enterrara fundo na sua perna na batalha contra os saxões de Aelle às portas de Londres, mas ele não fazia grande alarido por causa da ferida anelada pela cicatriz e afirmava que continuava sendo um formidável lanceiro como sempre fora.

- E o que você faz aqui? - desafiou Galaad. - Achei que fosse cristão.

- E sou.

- Então vem rezar para que chova, é? - acusou-o Culhwuch.

Chovia enquanto falávamos, embora fosse apenas uma ligeira chuva miudinha vinda de oeste. Alguns homens acreditavam que o bom tempo se seguiria a esta chuva, mas inevitavelmente havia pessimistas que previam um dilúvio.

- Se, de fato, chover a cântaros esta noite - Galaad espicaçou Culhwuch, - admite que o meu Deus é mais grandioso do que os seus?

- Corto-lhe a garganta - resmungou Culhwuch, mas não faria tal coisa, porque ele, tal como eu, há muito que era amigo de Galaad.

Cuneglas foi falar com Artur, Culhwuch desapareceu para ver se uma garota ruiva ainda trabalhava numa taberna junto ao portão norte de *Durnovária*, enquanto Galaad e eu caminhamos até à cidade com o jovem Gwydre.

A atmosfera era alegre, de fato era como se uma grande feira de Outono tivesse enchido as ruas de *Durnovária* e se tivesse alargado às campinas vizinhas. Os mercadores haviam armado as suas bancas, as tabernas estavam fazendo um bom negócio, malabaristas encantavam as multidões com as suas habilidades e um grande número de bardos cantava as suas canções. Um urso amestrado deslocava-se pesadamente subindo e descendo a colina de *Durnovária* junto à casa do bispo Emrys, tornando-se cada vez mais perigoso à medida que as pessoas enchiam a sua tigela com hidromel. Reparei no bispo Sansum espreitando por uma janela o enorme animal, mas assim que me viu, escondeu-se

para dentro e fechou a porta de madeira.

- Durante quanto tempo ele ficará prisioneiro? - perguntou-me Galaad.

- Até Artur lhe perdoar - afirmei, - o que acontecerá, porque Artur perdoa sempre aos seus inimigos.

- Que cristão da parte dele.

- Que estupidez da parte dele - disse eu, certificando-me de que Gwydre não ouvia. Ele afastara-se para ir ver o urso. - Mas eu não consigo ver Artur perdoando ao seu meio-irmão. Eu o vi há alguns dias.

- Lancelot? - perguntou Galaad, parecendo surpreendido. - Onde?

- Com Cerdic.

Galaad fez o sinal da cruz, indiferente aos olhares carrancudos que atraiu. Em *Durnovária*, tal como na maioria das cidades de *Dumnônia*, a maior parte das pessoas era cristã, mas naquele dia as ruas estavam cheias de pagãos vindos do campo e muitos estavam ansiosos por iniciar brigas com os seus inimigos cristãos.

- Acha que Lancelot lutará por Cerdic? - perguntou-me Galaad.

- Alguma vez combateu? - respondi causticamente.

- Ele pode fazê-lo.

- Então, se chegar a lutar - afirmei - será por Cerdic.

- Então rezarei para que me seja concedida a oportunidade de matá-lo - disse Galaad, e fez de novo o sinal da cruz.

- Se o estratagema de Merlim funcionar - disse eu - não haverá guerra. Apenas uma matança feita pelos deuses.

Galaad sorriu.

- Seja sincero comigo, Derfel, vai funcionar?

- É para descobrir que aqui estamos - afirmei evasivamente, e lembrei-me, de repente, que devia haver um grande número de espiões saxões na cidade que teriam vindo para ver a mesma coisa. Aqueles homens seriam provavelmente seguidores de Lancelot, bretões que conseguiam passar despercebidos no seio da multidão expectante que se avolumara durante todo o dia. ”Se Merlim falhasse”, pensei, ”então os Saxões se encheriam de confiança e as batalhas da Primavera seriam as mais duras de sempre.”

A chuva começou a cair com maior intensidade e eu chamei Gwydre, e os três voltamos correndo para o palácio. Gwydre pediu autorização a seu pai para ver a evocação a partir dos campos por baixo dos taludes de *Mai Dun*, mas Artur abanou a cabeça.

- Se chover assim - disse-lhe Artur - nada acontecerá em lugar nenhum. Apenas se constipará, e depois... - calou-se abruptamente. E depois a sua mãe se zangará

comigo, ia ele quase dizendo. -

- Depois passa a constipação para Morwenna e Seren - disse eu - e eu apanho-a a partir delas, e passo-a para o teu pai, e todos os exércitos estarão espirrando quando os saxões vierem.

Gwydre meditou no assunto por breves instantes, achou que era um disparate e puxou a mão de seu pai.

- Por favor! - pediu ele.

- Pode ver conosco, do salão mais alto - insistiu Artur.

- Então posso ir lá ver o urso, pai? Está ficando bêbado e vão lançar-lhe os cães.

Eu fico debaixo de um alpendre para me manter seco. Prometo. Por favor, pai?

Artur deixou-o ir e eu mandei Issa vigiá-lo, depois Galaad e eu subimos para o salão mais elevado do palácio.

Um ano antes, quando Guinevere por vezes ainda visitava este palácio, ele era elegante e asseado, mas agora estava abandonado e sujo. Era um edifício romano e Guinevere tentara restaurá-lo, conferindo-lhe o seu antigo esplendor, mas havia sido saqueado pelas forças de Lancelot durante a rebelião e nada fora feito para

reparar os estragos. Os homens de Cuneglas haviam ateado uma fogueira no chão do salão e o topo dos barrotes deformava as pequenas telhas. O próprio Cuneglas estava de pé, junto à

ampla janela de onde olhava fixa e tristemente para os telhados de colmo e de telha de *Durnovária*, ao longo das encostas de *Mai Dun*, quase escondidos pelas cortinas da chuva.

- Vai aumentar, não vai? - perguntou-nos enquanto entrávamos.

- Provavelmente irá piorar - disse Galaad, e nesse mesmo instante o ribombar de um trovão soou a norte e a chuva intensificou-se visivelmente, caindo violentamente nos telhados. A lenha no cume de *Mai Dun* deveria estar encharcada, mas até então só as camadas exteriores estariam ensopadas, enquanto a madeira no interior das fogueiras ainda estava seca. De fato, essa madeira interior permaneceria seca durante uma hora ou mais debaixo daquela chuva intensa, e a madeira seca no centro de uma fogueira rapidamente seca a umidade das camadas exteriores, mas se a chuva persistisse noite dentro, então as fogueiras nunca arderiam convenientemente.

- Ao menos a chuva tornará sóbrios os bêbados - observou Galaad.

O bispo Emrys surgiu à porta do salão com as saias pretas das suas vestes de sacerdote encharcadas e lamacentas. Lançou um olhar preocupado aos lanceiros pagãos de Cuneglas e depois apressou-se a juntar-se a nós, à janela.

- Artur está aqui? - perguntou-me.

- Está em algum lugar no palácio - respondi, depois apresentei Emrys ao rei Cuneglas e acrescentei que o bispo era um dos nossos cristãos bons.

- Creio que somos todos bons, Lorde Derfel - disse Emrys, fazendo uma vênia ao rei.

- Para mim - disse ele - os cristãos bons são aqueles que não se revoltam contra Artur.

- Foi uma rebelião? - perguntou Emrys. - Penso que foi uma loucura, Lorde Derfel, levada a cabo por uma devoção exagerada, e atrevo-me a dizer que o que Merlim está

hoje fazendo é justamente a mesma coisa. Desconfio que ele irá ficar desapontado, tal como a minha pobre gente ficou desapontada no ano passado. Mas no desapontamento desta noite, o que poderá acontecer? É por isso que estou aqui.

- O que irá acontecer? - perguntou Cuneglas.

Emrys encolheu os ombros.

- Se os deuses de Merlim não aparecerem, meu rei e senhor, quem irá ser censurado? Os cristãos. E quem será trucidado pela população? Os cristãos.- Emrys fez o sinal da cruz. - Eu quero que Artur prometa proteger-nos.

- Estou certo de que ele a concederá de bom grado - afirmou Galaad.

- Ao si, bispo - acrescentei - ele fará. - Emrys havia permanecido fiel a Artur, e era um homem bom, ainda que fosse tão cauteloso no seu conselho como era pesado no seu velho corpo. Tal como eu, o bispo era um dos membros do Conselho Real, o corpo que aparentemente aconselhava Mordred, apesar de nessa época, em que o nosso rei estava feito prisioneiro em *Lindinis*, o conselho raramente se reunia. Artur recebia os conselheiros em particular, depois tomava as suas próprias decisões, mas as únicas que tinham de fato de ser tomadas eram as que preparavam a *Dumnônia* para a invasão saxônica, e todos nós estávamos satisfeitos por deixar Artur carregar esse fardo.

Um raio de luz rompeu por entre as nuvens cinzentas, e um instante depois o ribombar de um trovão soou tão alto que involuntariamente todos estremecemos. A chuva, já intensa, de repente intensificou-se ainda mais, batendo furiosamente nos telhados e escorrendo em riachos de água lamacenta pelas ruas e veredas de *Durnovária*. Poças de água espalharam-se pelo chão do salão.

- Talvez - observou Cuneglas, friamente - os deuses não queiram ser evocados?

- Merlim diz que eles estão muito longe - disse eu, - por isso esta chuva não é obra sua.

- O que prova, sem dúvida, que um Deus maior está por trás da chuva -

argumentou Emrys.

- A seu pedido? - questionou Cuneglas, com azedume.

- Eu não rezei para que chovesse, meu rei e senhor - afirmou Emrys. - De fato, se lhe aprouver, rezarei para que a chuva cesse.

E com estas palavras fechou os olhos, abriu bem os braços e levantou a cabeça em oração. A solenidade do momento foi de alguma forma estragada por uma gota de água da chuva que escoou das telhas caindo exatamente na sua testa careca. No entanto, ele terminou a sua oração e fez o sinal da cruz. E, milagrosamente, no preciso instante em que a mão de Emrys terminava o sinal da cruz, a chuva começou a diminuir de intensidade.

Alguma chuva intensa ainda era atirada com força pelo vento oeste, mas o tamborilar no telhado cessou abruptamente e a paisagem entre a nossa janela alta e o pico de *Mai Dun* começou a clarear.

A colina ainda estava escura sob as nuvens cinzentas, e não se conseguia ver nada na velha fortaleza exceto um punhado de lanceiros que vigiavam os taludes e, abaixo deles, alguns peregrinos que haviam conseguido subir bem alto nas encostas da colina. Emrys não tinha certeza se havia de estar satisfeito ou triste com a eficácia da sua oração, mas todos nós estávamos impressionados, sobretudo quando uma abertura surgiu entre as nuvens, a oeste, e uma réstia de luz do sol desceu obliquamente, tornando verdes as encostas de *Mai Dun*.

Alguns escravos trouxeram-nos hidromel quente e carne de veado fria, mas eu não tinha apetite. Preferi ficar vendo como a tarde se afundava na noite e como as nuvens se dissipavam em farrapos. O céu clareava, e o ocaso tornava-se numa enorme fornalha de fogo vermelho por cima da distante *Lyonesse*.

O Sol punha-se na Véspera do *Samain*, e por toda a Bretanha e até mesmo na Irlanda cristã, as pessoas deixavam alimentos e bebidas aos mortos, que passariam o abismo de *Annwn* atravessando a ponte das espadas. Esta era a noite em que a procissão espectral dos corpos-sombra vinha visitar a terra onde eles haviam respirado, amado e morrido. Muitos haviam morrido em *Mai Dun* e, nessa noite, essa colina estaria cheia com os seus espectros; depois, inevitavelmente, pensei no corpinho-sombra de Dian vagueando por entre as ruínas da Casa Senhorial de Ermid.

Artur foi ao palácio e eu pensei quão diferente ele parecia sem a *Excalibur* balançando dentro da sua bainha em forma de cruz. Gemeu quando viu que a

chuva tinha parado, depois ouviu o pleito do bispo Emrys.

- Colocarei os meus lanceiros nas ruas - assegurou ao bispo - e desde que a sus gente não vitupere os pagãos, estarão seguras. - Pegou um corno de hidromel que um escravo segurava, depois voltou-se de novo para o bispo. - Em todo o caso, queria falar-lhe - disse ele, e contou ao bispo as suas inquietações em relação ao rei Meurig de *Gwent*. - Se *Gwent* não lutar, então os saxões nos suplantarão em número.

Emrys empalideceu.

- Certamente que *Gwent* não deixará *Dumnônia* cair!

- *Gwent* tem sido subornada, bispo - informei-o, e descrevi como Aelle havia permitido que mensageiros de Meurig entrassem no seu território. - Enquanto Meurig pensar que existe uma possibilidade de converter os Sais não levantará uma espada contra eles.

- Confesso que me regozijo com a idéia de evangelizar os Saxões - disse Emrys, piamente.

- Não o faça - avisei-o. - Quando esses sacerdotes tiverem servido o propósito de Aelle, ele lhes cortará as gargantas.

- E depois disso cortará as nossas - acrescentou Cuneglas, ameaçador. Artur e ele haviam decidido fazer uma visita ao rei de *Gwent* em conjunto e agora Artur pedia a Emrys que os acompanhasse.

- Ele o ouvirá, bispo - disse Artur - e se o convencer que os cristãos da *Dumnônia* são mais ameaçados pelos saxões do que por mim, talvez ele mude de idéia.

- Irei com prazer - disse Emrys. - Com todo o gosto.

- E no mínimo - disse Cuneglas, severamente - o jovem Meurig precisará ser convencido a deixar que meu exército atravesse o seu território.

Artur pareceu alarmado.

- Ele pode recusar?

- Assim dizem os meus informantes - afirmou Cuneglas e depois encolheu os ombros. - No entanto, Artur, se os saxões vierem, de fato, eu atravessarei o seu território quer ele permita quer não.

- Nesse caso, eclodirá a guerra entre *Gwent* e *Powys* - observou Artur, irritado, -

e isso só ajudará os Sais. - Estremeceu com um arrepio. - Por que razão Tewdric desistiu do trono?

Tewdric era o pai de Meurig, e, embora Tewdric fosse cristão, sempre conduzira os seus homens ao lado de Artur contra os saxões.

Desvaneceu-se a oeste a última réstia de luz vermelha. Por breves instantes, o mundo ficou suspenso entre a luz e a penumbra, e depois o abismo engoliu-nos. Ficamos de pé à janela, gelados pelo vento úmido e admiramos o primeiro cintilar das estrelas por entre os espaços vazios das nuvens. A lua em quarto crescente estava baixa sobre o mar do sul, sendo a sua luz difundida pelas extremidades de uma nuvem atrás da qual se escondia as estrelas que formavam a cabeça da constelação da cobra. Caía a noite na Véspera do *Samain* e os mortos estavam prestes a chegar.

Algumas lareiras iluminavam as casas de *Durnovária*, mas o campo fora do seu alcance estava totalmente escuro, exceto onde um raio de luar iluminava uma zona de árvores na protuberância de uma colina distante. *Mai Dun* era apenas uma sombra indefinida na escuridão, uma negritude no interior escuro da noite dos mortos. A escuridão tornou-se mais profunda, mais estrelas surgiram e a Lua deslizava livremente por entre nuvens em farrapos. Agora os mortos passavam em grande número a ponte das espadas e estavam ali entre nós, embora não os conseguíssemos ver nem ouvir, mas eles estavam ali, no palácio, nas ruas, em todos os vales, cidades e casas da Bretanha, enquanto nos campos de batalha, onde tantas almas haviam sido arrancadas aos seus corpos terrenos, os mortos vagueavam tão numerosos como estorninhos. Dian estava sob as árvores da casa senhorial de Ermid, e os corpos-sombra ainda afluíam pela ponte das espadas para encher a ilha da Bretanha. Pensei que, também um dia, eu voltaria nesta noite para ver as minhas filhas e os seus filhos e os filhos dos seus filhos. Pensei que para todo o sempre a minha alma vaguearia pela terra em todas as Vésperas do *Samain*.

O vento acalmou. A lua estava de novo escondida por um enorme aglomerado de

nuvens suspensas sobre *Armórica*, mas por cima de nós os céus estavam mais limpos.

As estrelas, onde viviam os Deuses, cintilavam no vazio. Culhwuch regressara ao palácio e juntara-se a nós à janela, onde nos apinhávamos para observar a noite. Gwydre havia regressado da cidade, embora pouco depois se tivesse aborrecido de olhar para a escuridão úmida e tivesse ido ter com os seus amigos entre alguns lanceiros do palácio.

- Quando começam os ritos? - perguntou Artur.

- Não deve faltar muito - avisei-o. - As fogueiras deverão arder durante seis horas antes da cerimônia ter início.

- Como conta Merlim as horas? - perguntou Cuneglas.

- Na sua cabeça, meu rei e senhor - respondi-lhe.

Os mortos passavam suavemente por entre nós. O vento parara e a quietude fazia com que os cães uivassem na cidade. As estrelas, emolduradas pelas nuvens com recortes de prata, pareciam forçadamente brilhantes.

E então, muito de repente, da escuridão no interior da noite, no cume fortificado de *Mai Dun*, ateou-se a primeira fogueira, iniciando-se a evocação dos deuses.

Por breves instantes uma chama saltou, límpida e brilhante, por cima dos taludes de *Mai Dun*, depois o fogo alastrou-se até à vasta escudela, formada pelos taludes de relva dos muros da fortaleza, estar cheia de uma luz difusa e fumegante. Imaginei homens empunhando tochas bem alto, a toda a extensão das sebes, depois correndo com as chamas para transportarem o fogo para a espiral do centro ou ao longo dos círculos exteriores. No início, as fogueiras arderam lentamente com as chamas a lutarem com as madeiras encharcadas por cima delas, depois gradualmente o calor secou a umidade e a luminosidade das chamas tornou-se cada vez mais brilhante até o fogo ter finalmente atingido todo aquele enorme desenho e a luz cintilar, formidável e triunfante, na noite. O pico da colina era agora uma sebe de fogo, um túmulo ardente por cima do qual a fumaça, em contato com o vermelho, se agitava em direção ao céu. As fogueiras estavam suficientemente brilhantes para eliminarem sombras trêmulas em *Durnovária*, onde as ruas estavam cheias de pessoas; algumas tinham até trepado para o topo dos telhados para ver a conflagração distante.

- Seis horas? - perguntou-me Culhwuch, desconfiado.

- Assim me foi dito por Merlim.

Culhwuch repetiu, violento.

- Seis horas! Eu podia voltar para junto da ruiva. - Mas não se mexeu, de fato nenhum de nós o fez; ficamos observando a dança das chamas por cima da colina. Eram as fogueiras da Bretanha, o fim da história, as evocações dos deuses, e nós observávamos num silêncio tenso como se esperássemos ver a fumaça lívida desfazer-se com a descida dos deuses.

Foi Artur que quebrou a tensão.

- Mantimentos - disse ele, bruscamente. - Se temos de esperar seis horas, então também podemos comer.

Pouco se disse durante essa refeição, mas na sua maioria a conversa reportou-se ao rei Meurig de *Gwent* e à terrível possibilidade de ele manter os seus lanceiros fora da guerra que se aproximava. Se, eu não parava de pensar, chegasse sequer a haver guerra, e eu lançava constantes olhares pela janela para o lugar onde as chamas crepitavam e a fumaça se agitava. Tentei calcular a passagem das horas, mas na verdade não fazia idéia se passara uma ou duas horas antes da refeição terminar e estarmos, uma vez mais, junto à grande janela aberta olhando para *Mai Dun*, onde pela primeira vez, os Tesouros da Bretanha estavam reunidos.

O Cesto de *Garanhir*, uma travessa feita de salgueiro que levava um pão e alguns peixes, embora o entrelaçado estivesse tão esfarrapado que qualquer mulher respeitável há muito teria destinado o cesto à fogueira. A Trompa de *Bran Galed* era um chifre de boi que enegrecera com o tempo e lascara nas extremidades orladas de estanho. A Quadriga de *Modron* partira-se ao longo dos anos e era tão pequena que só

uma criança conseguia andar nela, se, de fato, alguma vez pudesse ser montada de novo. O Cabresto de *Eiddyn* era um cabresto de corda puída e rodas de ferro enferrujado, que até o mais pobre dos aldeões hesitaria em utilizar. A Faca de *Laufrodedd* estava embotada, com uma lâmina grosseira e um cabo de madeira partido, enquanto a Pedra de Amolar de *Tudwal* era uma coisa desgastada que qualquer artífice se envergonharia de possuir. A Capa de *Padarn* estava puída e remendada, um traje de pedinte, ainda assim mais bem consertada do que a Capa

de *Rhegadd*, que devia conceder a invisibilidade àquele que a envergasse, mas que agora pouco mais era do que uma teia de aranha. O Prato de *Rhygenydd* era uma escudela em madeira achatada e partida sem ser pelo uso, enquanto o Quadro de Arremesso de *Gwenddolau* era um pedaço de madeira velha e empenada da qual as marcas do jogo quase haviam desaparecido com o uso. O Anel de *Eluned* parecia um anel de guerreiro comum, os simples círculos de metal que os lanceiros gostavam de fazer com as armas dos seus inimigos mortos, mas todos nós havíamos jogado fora anéis de guerreiro com melhor aspecto do que o Anel de *Eluned*. Apenas dois dos Tesouros tinham algum valor intrínseco. Um era a Espada de *Rhydderch*, *Excalibur*, que fora forjada no Outro Mundo pelo próprio *Gofannon*, e o outro era o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn*. Agora, todos eles, cheios de aparato e esplendor, estavam circundados por fogo para assinalarem o local aos seus deuses distantes.

O céu continuava a ficar cada vez mais limpo, apesar de algumas nuvens ainda se amontoarem por cima do horizonte a sul onde, à medida que entrávamos nessa noite dos mortos, a luz começava a vacilar. Essa luminosidade era o primeiro sinal dos deuses e, temente a eles, toquei no ferro do copo da *Hywelbane*. No entanto, os enormes raios de luz estavam bem longe, talvez por cima do mar distante ou talvez mais longe ainda para cima de *Armórica*. Durante uma hora ou mais a luz varreu o céu a sul, mas sempre em silêncio. A certa altura, toda uma nuvem pareceu acender-se a partir do interior, todos nos sobressaltamos e o bispo Emrys benzeu-se.

A luz distante desvaneceu-se, deixando apenas a grande fogueira encolerizada no interior das muralhas de *Mai Dun*. Era um sinal de fogo cruzando o Abismo de *Annwn*, uma chama a penetrar na escuridão existente entre *os* mundos.

Questionei-me sobre o que estariam pensando os mortos. Seria uma horda de almas-sombra aglomerando-se em torno de *Mai Dun* para testemunharem a evocação dos deuses? Imaginei os reflexos daquelas chamas tremeluzindo ao longo das lâminas de aço da ponte das espadas e talvez a alcançando e penetrando no Outro Mundo e confesso que fiquei assustado. A luminosidade havia se dissipado, e agora nada parecia estar acontecendo além da grande violência do fogo, mas creio que todos estávamos cientes de que o mundo estremecia com a mudança que se aproximava.

Depois, em algum lugar durante a passagem daquelas horas, surgiu o sinal seguinte. Foi Galaad quem primeiro o viu. Benzeu-se, olhou fixamente pela

janela como se não conseguisse acreditar no que via, depois apontou para cima da grande coroa de fumaça que lançava um véu por entre as estrelas.

-Estão vendo? - perguntou, e todos nos comprimimos à janela para olhar fixamente para cima.

E vi que as luzes do céu noturno haviam surgido.

Já em outras ocasiões todos víramos aquelas luzes, embora não muitas vezes, mas a sua chegada naquela noite era certamente significativa. No início havia apenas uma trêmula bruma azul no escuro, mas aos poucos a bruma intensificou-se e tornou-se mais brilhante, e uma cortina vermelha de fogo juntou-se ao azul ficando suspensa como um tecido esvoaçante por entre as estrelas. Merlim dissera-me que semelhantes luzes eram comuns no longínquo Norte, mas estas estavam suspensas no Sul, e depois, esplêndida e abruptamente, todo o espaço por cima das nossas cabeças se encheu de cascatas carmesim com reflexos azuis e prateados. Descemos todos para o pátio para ver melhor, e aí ficamos aterrados quando os céus se iluminaram. Do pátio já não conseguíamos ver as fogueiras de *Mai Dun*, mas a sua luz enchia o céu a sul, à medida que as luzes sobrenaturais formavam gloriosamente um arco por cima das nossas cabeças.

- Acredita agora, bispo? - perguntou Culhwuch.

Emrys parecia não conseguir falar, mas depois estremeceu e tocou na cruz de madeira que lhe pendia do pescoço.

- Nós nunca - afirmou, em voz baixa - negamos a existência de outros poderes.

Acontece que acreditamos que o nosso Deus é o único Deus verdadeiro.

- E os outros deuses, o que são? - perguntou Cuneglas.

Emrys franziu as sobrancelhas, a princípio sem vontade de responder, mas a honestidade obrigou-o a falar.

- Eles são os poderes das trevas, meu rei e senhor.

- Os poderes da luz, sem dúvida - disse Artur receoso, pois até ele estava impressionado.

Artur, que teria preferido que os deuses nunca sequer nos tivessem perturbado, via o seu poder no céu e estava maravilhado. - Então, o que vai acontecer agora? - perguntou.Fora a mim que ele fizera a pergunta, mas foi o bispo Emrys que respondeu.

- Será a morte, senhor - disse ele.

- Morte? - perguntou Artur, não tendo certeza se tinha ouvido corretamente.

Emrys havia se retirado para ir colocar-se sob a arcada, como se temesse a força da magia que tremeluzia e se espalhava tão brilhante por entre as estrelas.

- Todas as religiões utilizam a morte, senhor - afirmei com pedantismo, - até os nossos devotos acreditam no sacrifício. Simplesmente, no Cristianismo foi o Filho de Deus que foi morto para que mais ninguém tivesse de ser esquartejado no altar, mas não me lembro de nenhuma religião que não utilize a morte como parte do seu dogma religioso. Osíris foi morta de repente, - percebeu de que falava do culto de Ísis, a causa da ruína da vida de Artur, e continuou rapidamente Mitras também morreu e a sua veneração exige a morte de touros.

- Todos os nossos deuses morrem, senhor - disse o bispo - e todas as religiões, exceto o cristianismo recriam essas mortes como parte da sua veneração.

- Nós, cristãos, passamos para além da morte - disse Galaad - para a vida.

- Nós temos um Deus glorificado - concordou Emrys, fazendo o sinal da cruz -

mas Merlim não tem. - As luzes no céu eram agora mais brilhantes; enormes colunas de cores através das quais, semelhantes a fios numa tapeçaria, raios de luz branca raiavam e desapareciam. - A morte é a magia mais poderosa - disse o bispo, desaprovadoramente. - Um Deus misericordioso não o permitiria, e o nosso Deus pôs fim a isso com a morte do seu próprio Filho.

- Merlim não utiliza a morte - afirmou Culhwuch, zangado.

- Utiliza, sim falei com suavidade. Antes de irmos buscar o Caldeirão ele fez um sacrifício humano. Ele me disse.

- Quem? - perguntou Artur, com rispidez.

- Não sei, senhor.

- Provavelmente mentia - disse Culhwuch, olhando para cima. - Ele gosta de mentir.

- Ou, o que é mais provável, disse a verdade - afirmou Emrys. - A antiga religião exigia muito sangue e, em geral, era humano. Certamente que sabemos muito pouco, mas lembro-me do velho Balise me dizer que os druidas gostavam de matar pessoas.

Normalmente eram prisioneiros. Alguns eram queimados vivos, outros colocados em sepulturas.

- E outros fugiam - acrescentei suavemente, porque eu próprio havia sido atirado para uma sepultura druida quando era criança, e a minha fuga desse horror da morte, de corpos destroçados levara a que Merlim me adotasse.

Emrys ignorou o meu comentário.

- Em outras ocasiões, certamente - prosseguiu ele - impunha-se um sacrifício de maior valor. Em *Elmet* e *Cornóvia* falam ainda de sacrifícios praticados no Ano Negro.

- Que sacrifício era esse? - perguntou Artur.

- Pode ser apenas uma lenda - disse Emrys - porque aconteceu há muito para que a memória seja fiel.

O bispo falava do Ano Negro em que os Romanos haviam se apoderado de *Ynys Mon* e, desse modo, dilacerado o âmago da religião dos druidas, um acontecimento sombrio que teria ocorrido há mais de quatrocentos anos no nosso passado.

- Mas nessas terras as pessoas ainda falam do sacrifício do rei Cefydd -

continuou Emrys. - Há muito que ouvi a história, mas Balise sempre acreditou nela. É

certo que Cefydd defrontava o exército romano e parece provável que ele tenha sido suplantado em número, por isso sacrificou o seu bem mais valioso.

- Que era? - perguntou Artur. Esquecera-se das luzes no céu e olhava fixamente para o bispo.

- O seu filho, claro. Sempre assim sucedeu, senhor. O nosso próprio Deus sacrificou o Seu Filho, Jesus Cristo, e até pediu a Abraão que matasse Isaac, embora, claro Ele tivesse se compadecido e renunciado a esse desejo. Mas os Druidas de Cefydd convenceram-no a matar o seu filho. Obviamente, não funcionou. Conta a História que os romanos mataram Cefydd e todo o seu exército e depois destruíram os bosques dos druidas em *Ynys Mon*.

Pressenti que o bispo estava tentado a acrescentar alguns agradecimentos ao seu Deus por essa destruição, mas Emrys era diferente de Sansum e, desse modo, foi suficientemente diplomata para guardar os agradecimentos para si.

Artur dirigiu-se para a arcada.

- O que se estará acontecendo no topo daquela colina, bispo? - perguntou em voz baixa.

- Não vos sei dizer, senhor - disse Emrys, indignado.

- Mas acha que estão matando alguém?

- Acho que é possível, senhor - afirmou Emrys, nervosamente. - Acho que é até

provável.

- Quem? - perguntou Artur, e a dureza da sua voz fez com que todos os homens no pátio desviassem a sua atenção do resplendor no céu e olhassem fixamente para ele.

- Se for o antigo sacrifício, senhor, é o sacrifício supremo - disse Emrys - então será o filho do governante.

- Gawain, filho de Budic - afirmei, suavemente, - e Mardoc.

- Mardoc? - Artur virou-se, de repente, para mim.

- Um filho de Mordred - respondi, percebendo de repente por que razão Merlim havia chamado Cywyllog, e por que razão ele havia levado a criança para *Mai*

Dun, e ainda por que tratara o rapaz tão bem. Porque eu não percebera isso antes? Agora parecia óbvio.

- Onde está Gwydre? - perguntou Artur, de repente.

Por breves instantes ninguém respondeu, depois Galaad fez um gesto na direção da entrada da casa.

- Ele estava com os lanceiros - afirmou Galaad, enquanto comíamos. Mas Gwydre já lá não estava, nem estava nos aposentos onde Artur dormia quando estava em *Durnovária*. Não conseguimos encontrá-lo em parte alguma, e ninguém se lembrava de tê-lo visto depois de a noite cair. Artur esqueceu-se por completo das luzes mágicas enquanto revistava o palácio, procurando-o das caves até ao pomar, mas não encontrou vestígios do seu filho. Pensei nas palavras que Nimue me dissera em *Mai Dun* quando me encorajara a levar Gwydre para *Durnovária*, recordei a sua discussão com Merlim em *Lindinis* sobre o verdadeiro governante de *Dumnônia* e não quis acreditar nas minhas suspeitas, embora não conseguisse ignorá-las.

- Senhor - peguei na manga de Artur. - Creio que ele foi levado para a colina.

Não por Merlim, mas por Nimue.

- Ele não é filho de um rei - disse Emrys, muito nervoso.

- Gwydre é filho de um governante! - gritou Artur. - Há aqui alguém que o negue?

Ninguém o fez e, de repente, ninguém se atreveu a dizer o que quer que fosse. Artur virou-se para o palácio. - Hygwydd! Uma espada, lança, escudo, *Llamrei*. Depressa!

- Senhor! - interveio Culhwuch.

- Silêncio! - gritou Artur. Nessa altura estava furioso e foi em mim que descarregou a sua ira por eu o ter encorajado a permitir que Gwydre viesse a Durnovária.

– Você sabia o que ia acontecer?

- Claro que não, senhor. E continuo sem saber. Acaso acha que eu faria mal a Gwydre?

Artur fitou-me severamente, depois afastou-se.

- Nenhum de vocês precisa vir - disse ele por cima do ombro, - mas eu vou imediatamente a *Mai Dun* buscar o meu filho.

Atravessou o pátio em passos largos até ao lugar onde Hygwydd, o seu servo, segurava *Llamrei* enquanto um moço da estrebaria lhe colocava a sela. Galaad seguiu-o em silêncio.

Confesso que durante alguns segundos não me mexi. Não queria fazê-lo. Eu queria que os deuses viessem. Queria que todos os nossos problemas terminassem com o bater de grandes asas e o milagre de *Beli Mawr* galgando a terra com uma passada. Eu queria a Bretanha de Merlim.

E depois me lembrei de Dian. Estaria a minha filha mais nova no pátio do palácio, nessa noite? A sua alma devia ter estado na terra, porque era Véspera do *Samain*, e de repente vieram-me lágrimas aos olhos quando me lembrei do sofrimento pela perda de uma criança. Não podia permanecer no pátio do palácio de *Durnovária* enquanto Gwydre morria, nem enquanto Mardoc sofria. Não queria ir a *Mai Dun*, mas sabia que não conseguiria encarar Ceinwyn se nada fizesse para evitar a morte de uma criança, por isso segui Artur e Galaad.

Culhwuch deteve-me.

- Gwydre é filho de uma prostituta - resmungou ele muito baixo para que Artur ouvisse.

Optei por não discutir sobre a linhagem do filho de Artur.

- Se Artur for sozinho - disse eu, em vez disso, - será morto. Há duas dezenas de Escudos Negros naquela colina.

- E se nós formos, nos comportaremos como inimigos de Merlim, - avisou-me Culhwuch.

- E se não formos - afirmei – nos comportaremos como inimigos de Artur.

Cuneglas veio para junto de mim e colocou uma mão no meu ombro.

- Então?

- Eu vou com Artur - respondi. Não queria, mas não podia proceder de outro modo. - Issa! Um cavalo!

- Se você for - resmungou Culhwuch, descontente, - suponho que também terei de ir. Apenas para me certificar de que não será ferido.

Então, de repente, todos gritávamos por cavalos, armas e escudos.

Por que íamos nós? Pensei tantas vezes nessa noite. Ainda vejo as luzes trêmulas vacilando nos céus, e sinto o cheiro da fumaça brotando do cume de *Mai Dun*, e o enorme peso da magia que oprimia a Bretanha. E, contudo, cavalgamos. Sei que estava confuso naquela noite rasgada pelas chamas. Eu era levado por um sentimentalismo por causa da morte de uma criança, pela memória de Dian, e pelo meu sentimento de culpa por ter encorajado Gwydre a ir a *Durnovária*, mas acima de tudo era movido pelo meu afeto por Artur. E, então, o meu afeto por Merlim e Nimue? Suponho que nunca pensei que precisassem de mim, mas Artur sim. E nessa noite em que a Bretanha estava encerrada entre o fogo e a luz, cavalguei à procura do seu filho.

Éramos doze. Artur, Galaad, Culhwuch, Derfel e Issa eram dumnonianos, os outros eram Cuneglas e os seus seguidores. Hoje, quando se conta a história, diz-se às crianças que Artur, Galaad e eu éramos três saqueadores da Bretanha, mas havia doze cavaleiros nessa noite dos mortos. Nós não tínhamos armaduras, apenas os nossos escudos, mas cada homem transportava uma lança e uma espada.

As pessoas afastaram-se para as beiradas da estrada iluminada pelas fogueiras quando avançamos em direção ao portão sul de *Durnovária*, que estava aberto, como era deixado todas as Vésperas do *Samain* para permitir o acesso dos mortos à cidade.

Baixamo-nos ao passar sob as vigas do portão, depois galopamos para sul e para o oeste, atravessando os campos cheios de pessoas que olhavam enfeitiçadas para o misto agitado de chamas e fumaça que saía do cume da colina.

Artur impunha uma marcha terrível e eu me agarrei ao arção da minha sela, com

medo de ser lançado ao chão. As nossas capas agitavam-se atrás, as bainhas das nossas espadas saltavam ruidosamente para baixo e para cima, enquanto por cima de nós os céus estavam cheios de fumaça e luz. Senti o cheiro de madeira queimada e ouvi o crepitar das chamas muito antes de chegarmos à encosta da colina.

Ninguém tentou nos deter enquanto nos apressamos a subir a colina. Só ao atingirmos o intrincado emaranhado do labirinto do portão da entrada é que alguns lanceiros nos barraram o caminho. Artur conhecia a fortaleza, porque quando Guinevere e ele viveram em *Durnovária* vinham com freqüência ao seu cume no Verão; ele conduziu-nos sem se enganar através da tortuosa passagem e foi aí que três Escudos Negros levantaram as suas lanças para nos deterem. Artur não hesitou. Baixou os calcanhares, apontou-lhes a sua longa lança e deixou que *Llamrei* corresse. Os Escudos Negros desviaram-se para o lado, gritando desesperados enquanto os grandes cavalos passavam como relâmpagos.

Agora, a noite enchera-se de barulho e luz. O barulho provinha de uma enorme fogueira e do crepitar de árvores inteiras colocadas no centro das chamas ávidas. a fumaça envolvia as luzes no céu. Havia lanceiros que nos gritavam dos taludes, mas nenhum nos fez frente quando irrompemos pelo talude interior para o cume de *Mai Dun*.

E aí fomos detidos, não pelos Escudos Negros, mas por um bafo de calor abrasador. Vi *Llamrei* empinar-se e afastar-se das chamas, Artur segurar-se com firmeza à sua crina e os seus olhos faiscando vermelhos com o reflexo do fogo. O calor era semelhante ao de mil fornalhas de ferrador; uma baforada retumbante de ar abrasador fez-nos estremecer e recuar, vacilantes. Eu não conseguia ver nada no interior das chamas, porque o centro do desenho de Merlim estava escondido pelos muros ferventes de fogo. Artur estocou *Llamrei* na minha direção.

- Por onde? - gritou ele.

Eu devo ter encolhido os ombros.

- Como entrou Merlim? - perguntou Artur.

- Pelo lado mais afastado, senhor.

O templo ficava no lado este do labirinto de fogo e eu calculei que certamente

teria sido deixada uma passagem através das espirais exteriores.

Artur puxou as rédeas e apressou *Llamrei* a subir o declive do talude interior para o caminho que seguia para o cume. Os Escudos Negros dispersaram, em vez de o defrontarem. Subimos o talude atrás de Artur, e apesar de os nossos cavalos estarem aterrorizados com o enorme fogo à sua direita, seguiram *Llamrei* por entre a fumaça e as fagulhas crepitantes. Quando uma enorme parte da fogueira caiu ao passarmos a galope, o meu cavalo desviou-se do inferno para o lado exterior do talude interior. Por instantes pensei que ele fosse cair no fosso e debrucei-me, desesperadamente, para fora da sela com a mão esquerda enleada na sua crina, mas não sei como, ele equilibrou-se, voltou ao caminho e continuou a galopar.

Uma vez passada a extremidade norte dos grandes círculos de fogo, Artur virou para baixo subindo de novo para o cume plano. Uma brasa incandescente aterrou na sua capa branca e começou a queimar a lã. Segui, coloquei-me ao seu lado e extingui o pequeno fogo.

- Onde? - perguntou-me ele.

- Ali, senhor - apontei para as espirais de fogo mais próximas do templo. Não vi nenhuma abertura, mas à medida que nos aproximamos mais, parecia ter havido uma abertura que fora fechada com lenha, embora essa madeira nova não estivesse tão densamente empilhada como a restante e houvesse um espaço exíguo onde a lenha, em vez de ter dois ou três metros de altura, não ia além da cintura de um homem. Para lá

daquela baixa abertura ficava o espaço aberto entre as espirais interiores e as exteriores, e nesse espaço vimos mais Escudos Negros aguardando.

Artur encaminhou *Llamrei* através da abertura. Estava inclinado para diante, falando com a montaria, quase como se estivesse lhe explicando o que pretendia. Ela estava assustada. As suas orelhas continuavam recuadas e dava pequenos passos nervosos, mas não se afastava das fogueiras enraivecidas que ardiam em cada um dos lados da única passagem que conduzia ao interior da fogueira no topo da colina. Artur deteve-a apenas a alguns passos da passagem e acalmou-a, uma vez que a sua cabeça não parava de abanar e os seus olhos estavam enormes e brancos. Deixou-a olhar para a abertura, depois fez-lhe uma festa no pescoço, voltou a falar-lhe e avançou.

Fê-la andar a trote num amplo círculo, esporeou-a num meio-galope, depois esporeou-a de novo quando apontou para a abertura. Ela agitou a cabeça e eu pensei que fosse recusar, mas depois pareceu decidir-se e correu para as chamas. Cuneglas e Galaad seguiram-na. Culhwuch amaldiçoou o risco que corríamos e depois todos estocamos os nossos cavalos atrás de *Llamrei.*

Artur inclinou-se sobre o pescoço da égua à medida que ela batia ruidosamente com os cascos no chão em direção à fogueira. Deixou *Llamrei* escolher o seu caminho e ela voltou a abrandar. Pensei que estivesse de novo retraída, depois vi que se preparava para saltar por entre as chamas. Gritei, tentando esconder o medo, depois *Llamrei* saltou e eu a perdi de vista, uma vez que o vento atirou um manto de fumaça incandescente para a abertura. Galaad estava próximo do interior do espaço, mas o cavalo de Cuneglas guinou para o lado. Eu galopava velozmente atrás de Culhwuch, e o calor e o clamor das fogueiras enchiam o ar barulhento. Penso que quase quis que a minha montaria se recusasse, mas ela continuou e eu fechei os olhos quando as chamas e a fumaça me rodearam. Senti o cavalo subindo, ouvi o seu relincho, depois caímos com um ruído surdo no interior do círculo exterior de chamas, sentindo um imenso alívio e querendo gritar triunfante.

Então, uma lança rasgou-me a capa trás do ombro. Estivera tão atento vigiando o fogo que nem pensara no que nos esperava no interior do círculo de chamas. Um Escudo Negro havia me estocado e errado, mas agora abandonara a lança e corria para me empurrar da sela. Estava muito próximo da lâmina da minha lança para que eu pudesse usá-la, por isso bati simplesmente com a haste na sua cabeça e com os calcanhares no meu cavalo. O homem me agarrou a lança. Larguei-a, desembainhei a *Hywelbane* e respondi uma vez. Vislumbrei Artur andando em círculos sobre *Llamrei e* malhando com a espada para a esquerda e para a direita; agora, eu fazia o mesmo. Galaad bateu no rosto de um homem, estocou outro, depois esporou o cavalo, afastando-se. Culhwuch agarrara no alto do elmo de um Escudo Negro e arrastava o homem em direção à fogueira. O

homem tentava desesperadamente desapertar a correia que lhe passava por baixo do queixo, depois gritou quando Culhwuch o atirou para as chamas antes de se afastar rodopiando.

Issa passava agora pela abertura, tal como Cuneglas e os seus seis seguidores.

Os Escudos Negros sobreviventes haviam fugido para o centro do labirinto de

fogo e nós os seguimos a trote por entre dois muros de chamas. A espada emprestada na mão de Artur estava vermelha com a luz. Esporou *Llamrei* e ela seguiu a meio-galope e os Escudos Negros, sabendo que seriam apanhados, afastaram-se correndo e largaram as suas lanças mostrando-nos que não lutariam mais.

Tivemos de cavalgar metade do caminho em torno do círculo à procura da entrada para a espiral interior. A abertura entre as fogueiras interiores e as exteriores tinha uns bons trinta passos de um lado ao outro, sendo suficientemente ampla para nos deixar cavalgar sem sermos fritos vivos, mas o espaço no interior da passagem da espiral tinha menos de dez passos de largura, e estas eram as maiores fogueiras, as mais temíveis, pelo que todos hesitamos à entrada. Continuávamos sem ver nada do que acontecia no interior do círculo. Saberia Merlim que nós ali estávamos? E os deuses?

Olhei para cima, quase esperando que uma lança vingativa fosse violentamente lançada dos céus, mas havia apenas o dossel tortuoso da fumaça encobrindo o céu torturado pelo fogo e em cascatas de luz.

E assim cavalgamos para a última espiral com firmeza e rapidez, galopando numa curva apertada por entre o barulho vociferador de chamas saltando. As nossas narinas estavam cheias de fumaça, enquanto as brasas nos queimavam os rostos, mas curva sobre curva nos aproximávamos cada vez mais do centro do mistério.

O barulho das fogueiras ocultou a nossa chegada. Acho que Merlim e Nimue não faziam a mínima idéia que o seu ritual estava prestes a terminar, porque não nos viram.

Pelo contrário, os guardas no centro do círculo foram os primeiros a nos ver e gritaram um aviso, correndo para nos barrarem o caminho. Mas Artur saiu das fogueiras como um demônio com uma capa de fumaça. De fato, as suas vestes fumegavam à medida que ele gritava um desafio e atirava *Llamrei* violentamente de encontro ao escudo defensivo mal formado e feito à pressa pelos Escudos Negros. Quebrou esse muro com uma velocidade e um peso impressionantes, e nós o seguimos com as espadas vacilantes, enquanto o punhado de Escudos Negros leais se juntava.

Gwydre estava ali. E Gwydre estava vivo.

Estava nas garras de dois Escudos Negros que, ao verem Artur, soltaram o rapaz. Nimue nos gritou, rogando pragas através do círculo central de cinco fogueiras, enquanto Gwydre corria soluçante para junto do pai. Artur curvou-se e apenas com um braço puxou o filho para a sela. Depois virou-se para olhar para Merlim.

Merlim, de cujo rosto escorria suor, olhou fixa e calmamente para nós. Estava no meio de uma escada, de mão encostada a uma forca feita de troncos de árvore enterrados direitamente no chão e cruzados por um terceiro, e essa forca encontrava-se agora justamente no centro das cinco fogueiras que constituíam o círculo do meio. O

druida tinha vestida uma túnica branca, cujas mangas estavam vermelhas de sangue desde os punhos até aos cotovelos. Na sua mão tinha uma enorme faca, mas no seu rosto, posso jurar, vislumbrava-se um olhar momentâneo de completo alívio.

O pequeno Mardoc estava vivo, apesar de não sobreviver por muito tempo. A criança já estava nua, apenas com um pedaço de tecido que lhe fora atado à boca para silenciar os seus gritos, e pendia da forca pelos tornozelos. Junto dele, também pendurado pelos tornozelos, estava um corpo pálido e magro que parecia muito branco à

luz das chamas. Simplesmente, a garganta do cadáver tinha sido cortada quase até à

coluna e todo o sangue do homem escorrera para o interior do Caldeirão, pingando ainda das pontas lisas e avermelhadas do longo cabelo de Gawain. O seu cabelo era tão comprido que as tranças ensangüentadas caíam dentro do rebordo dourado do Caldeirão de prata de *Clyddno Eiddyn*, e foi apenas por esse cabelo comprido que eu percebi que era Gawain quem ali estava pendurado, uma vez que o seu belo rosto estava coberto de sangue, escondido pelo sangue, disfarçado pelo sangue.

Merlim, ainda com a longa faca com que tinha morto Gawain na mão, parecia ter emudecido com a nossa chegada. O seu olhar de alívio desaparecera e agora eu não conseguia de todo ler o que quer que fosse no seu rosto, mas Nimue guinchava conosco.

Ergueu a palma da mão esquerda, a que tinha a cicatriz igual à da minha mão esquerda.

- Mate Artur! - gritou-me ela. - Derfel! Você me prestou-me juramento! Mate-o!

Agora não podemos parar!

De repente, a lâmina de uma espada reluziu junto à minha barba. Era Galaad quem a empunhava e sorria gentilmente para mim.

- Não se mexa, meu amigo - disse ele. Ele conhecia o poder dos juramentos, mas também sabia que eu não mataria Artur e tentava, por isso, poupar-me à vingança de Nimue. - Se Derfel se mexer - disse ele a Nimue, - eu lhe cortarei a garganta.

- Corte! - gritou ela. - Esta é uma noite pela morte dos filhos dos reis!

- Não do meu filho - disse Artur.

- Você não é rei, Artur Uther - por fim, Merlim falou.

- Pensou que eu iria matar Gwydre?

- Então, porque ele está aqui? - perguntou Artur. Tinha um braço em volta de Gwydre, enquanto o outro segurava a sua espada ensangüentada. - Porque está ele aqui? - Artur voltou a perguntar, mais zangado.

Pela primeira vez, Merlim nada tinha para dizer e foi Nimue quem respondeu.

- Ele está aqui, Artur Uther - disse ela com um sorriso escarninho, - porque a morte dessa miserável criatura pode não ser suficiente. - E apontou para Mardoc, que se contorcia desesperadamente na forca. - Ele é filho de um rei, mas não o herdeiro legítimo.

- Então Gwydre teria morrido? - perguntou Artur.

- E voltado à vida! - disse Nimue, de forma beligerante. Ela tinha de gritar para ser ouvida por causa do barulho estilhaçante e encolerizado das fogueiras. – Você não conhece o poder do Caldeirão? Coloca os mortos no caldeirão de *Clyddno Eiddyn* e eles voltarão a caminhar, a respirar e a viver. - Dirigiu-se com um passo imponente para Artur, a demência espelhada no seu único olho. - Dê-me o rapaz, Artur.

- Não, - Artur puxou as rédeas de *Llamrei* e a égua afastou-se de Nimue. Ela virou-se para Merlim.

- Mate-o! - gritou ela, apontando para Mardoc. - Ao menos podemos tentar com ele. Mate-o!

- Não! - gritei.

- Mate-o! - guinchou Nimue, e depois, como Merlim não se mexia, ela correu em direção à forca.

Merlim parecia incapaz de se mexer, mas Artur voltou a virar *Llamrei* e evitou Nimue novamente. Deixou que o seu cavalo batesse nela, fazendo-a cair na turfa.

- Deixe a criança viver - disse Artur para Merlim. Nimue enclavinhou as mãos como garras e virou-as para ele, mãe, ele empurrou-a e, ao voltar-se novamente para ele, vendo-se apenas os dentes e as mãos como ganchos, oscilou a espada em direção à

cabeça dela, e essa ameaça acalmou-a.

Merlim moveu a lâmina brilhante para junto da garganta de Mardoc. O druida parecia quase afável, apesar das suas mangas ensopadas de sangue e da longa espada na sua mão.

- Você acha, Artur Uther, que pode derrotar os Saxões sem a ajuda dos deuses?

- perguntou ele.

Artur ignorou a pergunta.

- Liberte o rapaz - ordenou ele.

Nimue virou-se para ele.

- Pretende ser amaldiçoado, Artur?

- Eu estou amaldiçoado - respondeu, amargamente.

- Deixe o rapaz morrer! - gritou Merlim da escada. - Ele não é nada, Artur. Uma

aventura passageira de um rei, um bastardo nascido de uma prostituta.

- E que mais sou eu - gritou Artur - do que uma aventura passageira de um rei, um bastardo nascido de uma prostituta?

- Ele tem de morrer - afirmou Merlim, pacientemente, - e a sua morte irá trazer os deuses até nós, e quando eles chegarem, Artur, colocaremos o seu corpo no Caldeirão e deixaremos que o sopro da vida volte.

Artur gesticulou na direção do corpo horripilante e sem vida de Gawain, seu sobrinho.

- E uma morte não basta?

- Uma morte nunca é suficiente - disse Nimue. Ela contornara o cavalo de Artur correndo para tentar alcançar a forca onde agora segurava com firmeza a cabeça de Mardoc para que Merlim pudesse cortar-lhe a garganta.

Artur aproximou *Llamrei* ainda mais da forca.

- E se os deuses não vierem depois de duas mortes consumadas, Merlim -

perguntou ele, - quantas mais se seguirão?

- Tantas quantas forem necessárias - respondeu Nimue.

- E sempre - Artur falou em voz alta, para que todos o pudéssemos ouvir - que a Bretanha estiver em aflições, sempre que surgir um inimigo, sempre que surgir uma peste, sempre que os homens e as mulheres estiverem assustados, levaremos crianças para o cadafalso?

- Se os deuses vierem - afirmou Merlim, - jamais haverá peste, medo ou guerra.

- E eles virão? - perguntou Artur.

- Estão a caminho! - gritou Nimue. - Olhe! - E apontou para cima com a sua mão livre. Todos olhamos e eu vi que as luzes no céu se desvaneciam. Os azuis brilhantes obscureciam-se em preto-púrpura, os vermelhos esfumavam-se e tornavam-se indistintos, e as estrelas brilhavam de novo para lá daquelas cortinas que agora se extinguiam. - Não!

gemeu Nimue - Não!

E lançou o último grito num lamento que parecia durar para sempre.

Artur havia conduzido *Llamrei* até à forca.

- Você me chama de *Amherawdr* da Bretanha - disse ele a Merlim, - e um imperador tem de governar ou deixar de ser imperador, e eu não governarei uma Bretanha onde as crianças têm de morrer para salvar as vidas dos adultos.

- Não seja ridículo! - protestou Merlim. - Puro sentimentalismo!

- Eu seria recordado - disse Artur - como um homem justo, e há já muito sangue em minhas mãos.

- Você será recordado - gritou-lhe Nimue, - como um traidor, um saqueador, um covarde.

- Mas não - disse Artur, calmamente - pelos descendentes desta criança - e com estas palavras alcançou a forca e com a sua espada cortou a corda que segurava os tornozelos de Mardoc. Nimue gritou quando o rapaz caiu, depois saltou de novo para Artur com os punhos enclavinhados como garras, mas Artur respondeu batendo-lhe com força na cabeça com a parte achatada da sua espada, fazendo-a rodopiar aturdida.

Conseguiu-se ouvir com facilidade a força do golpe por cima do crepitar das chamas.

Nimue cambaleou, balbuciou, o seu único olho toldou-se, e depois caiu.

- Devia ter feito isto a Guinevere - resmungou Culhwuch para mim.

Galaad havia saído de perto de mim, tinha desmontado e agora soltava as amarras de Mardoc. De imediato, a criança começou a gritar pela mãe.

- Nunca consegui habituar-me a crianças barulhentas - disse Merlim calmamente, depois mudou a escada para que ficasse junto à corda que prendia Gawain à viga mestra.

Subiu os degraus devagar. Não sei afirmou ele enquanto subia com esforço se os

deuses vieram ou não. - Vocês todos esperavam demais, e talvez eles já estejam aqui. Quem sabe? Mas nós acabaremos sem o sangue do filho de Mordred e com isto - serrou, desajeitadamente, a corda que prendia os tornozelos de Gawain.

O corpo oscilava de tal modo, enquanto ele o soltava, que o cabelo ensopado de sangue batia no bordo do Caldeirão, mas assim que a corda se partiu o corpo caiu pesadamente no sangue, salpicando e manchando o rebordo do Caldeirão. Merlim desceu da escada devagar, depois ordenou aos Escudos Negros que haviam estado observando a confrontação que trouxessem os enormes cestos de verga com sal que se encontravam a alguns metros de distância. Os homens vazaram o sal para dentro do Caldeirão, comprimindo-o com firmeza em torno do corpo arqueado e nu de Gawain.

- E agora? - perguntou Artur, embainhando a sua espada.

- Nada - afirmou Merlim. - Terminou.

- E *Excalibur*? - perguntou Artur.

- Está na espiral mais a sul - disse Merlim, apontando nessa direção, - embora desconfie que você tenha de esperar até que as fogueiras se extingam antes de conseguir retirá-la.

- Não! - Nimue havia se restabelecido o suficiente para protestar. O sangue jorrava do interior da bochecha que fora aberta pelo golpe de Artur. - Os Tesouros são nossos!

- Os Tesouros - disse Merlim, penosamente - foram reunidos e usados. Agora já

nada valem. Artur pode ficar com a sua espada. Ele irá precisar dela. - Virou-se e atirou a sua longa faca para a fogueira mais próxima, depois voltou a virar-se para olhar para os dois Escudos Negros que acabavam de comprimir o conteúdo do Caldeirão. O sal tornava-se rosa à medida que cobria o corpo hediondamente ferido de Gawain.

- Na Primavera - disse Merlim - os Saxões virão, e nesse momento veremos se hoje aqui houve alguma magia.

Nimue gritou conosco. Chorou e bradou, cuspiu e amaldiçoou, prometeu-nos que a morte viria do ar, do fogo, da terra e do mar. Merlim ignorou-a, mas

Nimue nunca estava preparada para aceitar meias medidas, e nessa noite tornou-se inimiga de Artur. Ainda nessa noite começou a trabalhar em maldições que lhe permitiriam vingar-se dos homens que haviam impedido a vinda dos deuses a *Mai Dun*. Chamou-nos de saqueadores da Bretanha e prometeu-nos horrores.

Permanecemos na colina durante toda a noite. Os deuses não vieram, e as fogueiras arderam tão furiosamente que apenas na tarde do dia seguinte Artur conseguiu reaver a *Excalibur*. Mardoc foi entregue a sua mãe, apesar de mais tarde ter vindo a saber que ele morrera nesse Inverno devido a uma febre.

Merlim e Nimue levaram consigo os outros Tesouros. Uma carroça puxada por bois levou o Caldeirão com o seu sinistro conteúdo. Nimue caminhava à frente e Merlim, como um velho obediente, seguia-a. Levaram *Anbarr*, o cavalo preto não domado de Gawain e levaram também o enorme estandarte da Bretanha. Para onde iam, nenhum de nós sabia, mas calculamos que seria para um lugar ermo, a oeste, onde as pragas de Nimue podiam ser aperfeiçoadas pelas tempestades do Inverno.

Antes dos Saxões chegarem.

É estranho, ao olhar para trás, lembrar como Artur era odiado nessa época. No Verão, ele havia deitado por terra as esperanças dos cristãos e agora, no final do Outono, destruíra os sonhos pagãos. Como sempre, pareceu surpreso com a sua impopularidade.

- Que mais eu podia fazer? - perguntou-me. - Deixar meu filho morrer?

- Cefydd o fez - afirmei, inutilmente.

- E ainda assim Cefydd perdeu a batalha! - disse Artur, rispidamente.

Seguíamos a cavalo para norte. Eu ia para casa, para *Dun Carie*, enquanto Artur, juntamente com Cuneglas e o bispo Emrys, viajava ao encontro do rei Meurig de *Gwent*.

Esse encontro era o único assunto que interessava a Artur. Ele nunca acreditara que os deuses salvassem a Bretanha dos Sais, mas achava que os oitocentos ou novecentos lanceiros bem treinados de *Gwent* podiam atuar como fator decisivo. Nesse Inverno, a sua cabeça fervilhava com números. *Dumnônia*, calculou ele, podia pôr em campo seiscentos lanceiros dos quais cem já haviam sido testados

no campo de batalha.

Cuneglas traria outros quatrocentos, os Escudos Negros irlandeses outros cento e cinquenta e a esses podíamos acrescentar talvez cem homens sem senhor que podiam vir da Armórica ou dos reinos a norte, em busca dos saques.

- Digamos mil e duzentos homens - calcularia Artur, depois se afadigaria ajustando para mais ou para menos de acordo com a sua disposição.

Se esta era otimista, por vezes, atrevia-se a acrescentar oitocentos homens de *Gwent*, dando-nos um total de dois mil homens. Contudo até mesmo isso, clamava ele, podia não ser o suficiente, porque os Saxões provavelmente teriam um exército ainda maior.

Aelle podia reunir pelo menos setecentas lanças, e o dele era o mais fraco dos dois reinos saxões. Estimávamos que Cerdic teria mil lanças, e chegavam-nos rumores de que Cerdic comprara lanceiros de Clovis, o Rei dos Francos. Esses homens assoldadados recebiam em ouro e era-lhes prometido mais ouro quando a vitória os brindasse com os tesouros da *Dumnônia*. Os nossos espiões também informaram que os saxões esperariam até à passagem da Festa de Eostre, o seu festival da Primavera, para dar tempo a que os novos barcos chegassem do outro lado do mar.

- Eles terão dois mil e quinhentos homens, - calculou Artur, - e nós temos apenas mil e duzentos se Meurig não combater. - Certamente que nós podíamos aumentar o recrutamento, mas nenhum recrutamento seria suficiente contra guerreiros muito bem treinados, e o nosso recrutamento de homens velhos e rapazes contrastaria com o *fyrd* saxão.

- Então, sem os lanceiros de *Gwent* - afirmei, sombriamente - estamos condenados.

Artur raramente sorria desde a traição de Guinevere, mas naquele momento sorriu.

- Condenados? Quem disse isso?

- O senhor está dizendo, senhor. Os números o dizem.

- Você nunca lutou e ganhou, estando em desvantagem numérica?

- Sim, senhor, isso já aconteceu.

- Então, por que não podemos ganhar novamente?

- Só um louco procura lutar contra um inimigo mais forte, senhor - afirmei.

- Só um louco procura lutar - afirmou ele, vigorosamente. - Não quero lutar na Primavera. São os Saxões que pretendem fazê-lo, e nós não temos outra alternativa.

Acredite em mim, Derfel, eu não quero estar em inferioridade numérica, e o que quer que eu consiga fazer para convencer Meurig a lutar, farei, mas se *Gwent* não quiser avançar então teremos de derrotar os saxões sozinhos. E nós podemos vencê-los! Acredite nisso, Derfel!

- Eu acredito nos Tesouros, senhor. - Ele deu uma gargalhada ridícula.

- Este é o Tesouro em que eu acredito - disse ele, batendo ao de leve no copo da Excalibur. - Acredite na vitória, Derfel! Se defrontarmos os Saxões como homens derrotados, eles darão os nossos ossos aos lobos. Mas se nós os defrontarmos como vencedores os ouviremos gemer.

Era uma bela bravata, mas era difícil acreditar na vitória. *Dumnônia* estava envolta em pessimismo. Havíamos perdido os nossos deuses, e o povo dizia que fora Artur quem os havia afastado. Ele não era apenas o inimigo do Deus cristão, agora era o inimigo de todos os deuses e os homens diziam que os Saxões eram o seu castigo. Até

mesmo o tempo pressagiava infortúnio porque, na manhã seguinte à minha separação de Artur, começou a chover e parecia que essa chuva não mais iria parar. Os dias que se seguiram trouxeram nuvens cinzentas baixas, um vento gelado, e uma chuva persistente.

Tudo estava molhado. As nossas roupas, as nossas camas, a nossa lenha, todas as paredes das nossas casas pareciam untadas por causa da umidade. As lanças enferrujavam nos seus armeiros, os cereais armazenados germinavam ou ficavam bolorentos, e ainda assim a chuva fustigava implacavelmente vinda de oeste. Ceinwyn e eu fizemos o possível para vedar o palácio de *Dun Carie*. O irmão dela presenteou-a com peles de lobo que trouxera de Powys e nós as usamos para forrar as paredes de madeira, mas o próprio ar por baixo das vigas

do telhado parecia encharcado. Fogueiras ardiam com aspecto lúgubre dando-nos de má vontade um calor intermitente e fuliginoso que ruborescia os nossos olhos. As nossas duas filhas estavam intratáveis no início desse Inverno. Morwenna, a mais velha, que normalmente era a mais plácida e bem disposta das crianças, tornou-se violenta e tão insistentemente egoísta que Ceinwyn chegou a bater-lhe com o cinto.

- Ela tem saudades de Gwydre - disse-me Ceinwyn ao cabo de algum tempo.

Artur ordenara que Gwydre não saísse de perto dele, por isso o rapaz havia partido com o pai para se encontrarem com o rei Meurig.

- Eles devem se casar no próximo ano - acrescentou Ceinwyn. - Isso vai curá-la.

- Se Artur deixar que Gwydre case com ela - respondi, sombriamente. - Nos tempos que correm, ele não sente grande afeto por nós. Eu quis acompanhar Artur a *Gwent*, mas ele recusou-se peremptoriamente. Houve uma época em que eu pensei ser o seu melhor amigo, mas agora ele resmungava quando me via, em vez de me acolher com prazer. Ele pensa que eu pus em risco a vida de Gwydre - afirmei.

- Não - discordou Ceinwyn. - Ele tem sido distante desde a noite em que você

descobriu Guinevere.

- Porque que isso haveria de mudar as coisas?

- Porque você estava com ele, meu querido - disse Ceinwyn, pacientemente, - e contigo ele não pode fingir que nada mudou. Você foi uma testemunha da sua vergonha.

Ele te vê e se recorda dela. Também tem ciúmes.

- Ciúmes?

Ela sorriu.

- Ele acha que você é feliz. Agora, pensa que se tivesse se casado comigo também seria feliz.

- Provavelmente seria - afirmei.

- Até o sugeriu - disse Ceinwyn, despreocupadamente.

- Ele fez o quê? irrompi.

Ela me contou a verdade.

- Não foi sério, Derfel. O pobre homem precisa novamente de confiança. Ele acha que porque uma mulher o rejeitou, todas as mulheres poderão fazê-lo e, por isso, pediu-me.

Toquei no copo da Hywelbane.

- Você nunca me contou isso.

- Porque havia de fazer isso? Nada havia para contar. Ele fez uma pergunta muito tímida e eu disse-lhe que jurara aos deuses ficar contigo. Disse-lhe com muita delicadeza, e depois disso ele sentiu-se muito envergonhado. Também lhe prometi que não te contaria, e agora quebrei essa promessa, o que significa que serei castigada pelos deuses. - Encolheu os ombros como se sugerisse que o castigo era merecido e, por isso, aceito. - Ele precisa de uma esposa - acrescentou ela de modo estranho.

- Ou de uma mulher.

- Não - disse Ceinwyn. - Não é um homem fortuito. Ele não consegue dormir com uma mulher e depois ir embora. Confunde desejo com amor. Quando Artur dá a sua alma, dá tudo, e não consegue dar apenas um pouco de si próprio.

Eu continuava furioso.

- E que achou ele que eu faria enquanto casava contigo?

- Ele pensou que você governaria a *Dumnônia* como guardião de Mordred - disse Ceinwyn. - Tinha essa estranha idéia de que eu iria com ele para Broceliande e aí

viveríamos como crianças sob a luz do sol, e você ficaria aqui e derrotaria os Saxões. -

Ela deu uma gargalhada.

- Quando ele te fez ele essa pergunta?

- No dia em que te ordenou que partisse ao encontro de Aelle. Creio que pensou que eu fugiria com ele enquanto você estava fora.

- Ou tinha esperança que Aelle me matasse - afirmei ressentido, lembrando-me da promessa dos saxões de matarem todos os mensageiros.

- Depois disso ficou muito envergonhado - garantiu-me Ceinwyn, seriamente. E

não vá lhe falar que eu te contei. Ela me fez prometer e eu mantive a promessa. Foi uma coisa sem importância nenhuma - acrescentou ela, acabando com a conversa. - Ele teria ficado muito chocado se eu tivesse dito que sim. Ele fez a pergunta, Derfel, porque sofre, e os homens que sofrem comportam-se de modo desesperado. O que ele realmente deseja é fugir com Guinevere, mas não pode, porque o seu orgulho não deixa, e ele sabe que todos precisamos dele para derrotar os Saxões.

Para fazê-lo precisávamos dos lanceiros de Meurig, mas não tivéramos quaisquer notícias sobre as negociações de Artur com *Gwent*. As semanas passavam e continuavam a não chegar notícias verdadeiras do Norte. Um sacerdote que viajara de *Gwent* contou-nos que Artur, Meurig, Cuneglas e Emrys haviam falado durante uma semana em Burrium, a capital de *Gwent*, mas o sacerdote nada sabia sobre o que fora decidido. O sacerdote era um homem baixo e sombrio, estrábico e com uma pequena barba, que moldava na forma de uma cruz com cera de abelha. Ele viera a *Dun Carie*, porque não havia nenhuma igreja na pequena vila e ele pretendia aí estabelecer uma. À

semelhança de muitos destes sacerdotes errantes, tinha um grupo de mulheres; três criaturas sostras que se agrupavam protetoramente em volta dele. Eu soube pela primeira vez da sua chegada quando começou a pregar à porta da oficina do ferrador junto à

nascente, e eu enviei Issa e mais dois lanceiros para pararem com o seu disparate e o levarem ao palácio. Demos-lhe para comer uma papa muito líquida de grãos de cevada germinados, que ele comeu avidamente, pondo colheradas da quente mistura na boca e depois sibilando e lançando perdigotos, porque a comida lhe queimava a língua. Pedaços de papa alojaram-se na sua barba de forma estranha.

As mulheres que o acompanhavam recusaram-se a comer enquanto ele não tivesse acabado.

- Tudo o que sei, senhor - respondeu ele às nossas impacientes perguntas - é

que Artur viajou agora para oeste.

- Para onde?

- Para Demétia, senhor. Para se encontrar com Oengus Mac Airem.

- Porquê?

Ele encolheu os ombros.

- Não sei, senhor.

- O rei está Meurig fazendo preparativos para a guerra? - perguntei.

- Ele está preparado para defender o seu território, senhor.

- E para defender a *Dumnônia*?

- Apenas se a *Dumnônia* reconhecer o único Deus, o Deus verdadeiro - afirmou o sacerdote, fazendo o sinal da cruz com a colher de madeira e salpicando as suas vestes sujas com pedaços da papa de cevada. O nosso rei está convencido de que a cruz e as suas lanças não serão entregues aos pagãos.

Levantou os olhos para o crânio de boi que estava pregado a uma das nossas grandes vigas e fez de novo o sinal da cruz.

- Se os Saxões tomarem a *Dumnônia* - afirmei, - então *Gwent* não estará muito longe.

- Cristo irá proteger *Gwent* - insistiu o sacerdote. Entregou a tigela a uma das suas mulheres, que rapou os escassos restos com um dedo imundo.

- Cristo os protegerá, senhor - continuou o sacerdote - se tornarem-se humildes diante dEle. Se renunciarem aos seus deuses e se batizarem, então terão a vitória no novo ano.

- Então, porque Lancelot não saiu vitorioso no Verão passado? - perguntou Ceinwyn.

O sacerdote olhou-a com o olho são, enquanto o outro vagueava entre sombras.

- O rei Lancelot, senhora, não foi O Escolhido. O rei Meurig, sim. Dizem as nossas Escrituras que um homem será escolhido e parece que o rei Lancelot não era esse homem.

- Escolhido para fazer o quê? - perguntou Ceinwyn.

O sacerdote olhou fixamente para ela; era ainda uma mulher bonita, tão preciosa e calma, a estrela de Powys.

- Escolhido, senhora - afirmou ele - para unir todos os povos da Bretanha sob o Deus vivo. Saxões e Bretões, gwentianos e Dumnonianos, Irlandeses e Pictos, todos venerando o único Deus verdadeiro e todos vivendo em paz e amor.

- E se nós decidirmos não seguir o rei Meurig? - perguntou Ceinwyn.

- Nesse caso, o nosso Deus os destruirá.

- E essa - perguntei - é a mensagem que veio aqui pregar?

- Outra coisa não posso fazer, senhor. Foi-me ordenado.

- Por Meurig?

- Por Deus.

- Mas eu sou o senhor das terras dos dois lados da nascente - afirmei - e de todas as terras para sul até *Caer Cadarn* e para norte até *Aquae Sulis* e você não vai pregar aqui sem a minha autorização.

- Homem nenhum pode contrariar a palavra de Deus, senhor - afirmou o sacerdote.

- Isto pode - disse eu, desembainhando a *Hywelbane*.

As mulheres sibilaram. O sacerdote olhou fixamente para a espada, depois cuspiu para a lareira.

- Arrisca-se à ira de Deus?

- Arrisque-se à minha ira - disse eu - e se amanhã ao pôr-do-Sol ainda estiver nas terras que governo vou entregá-lo como escravo aos meus escravos. Esta noite pode dormir com os animais, mas amanhã partirá.

No dia seguinte ele partiu ressentido e, como que para me castigar, a primeira neve desse Inverno chegou com a sua partida. Essa neve vinha cedo, prometendo uma estação rigorosa. No início caiu como saraiva, mas ao cair da noite tornara-se uma neve espessa que branqueava a terra na penumbra. Ficou mais frio na semana seguinte.

Pingentes de gelo pendiam do interior do nosso telhado e começou, então, a longa luta de Inverno para nos aquecermos. Na vila, as pessoas dormiam com o gado, enquanto nós combatíamos o ar gelado com enormes fogueiras que faziam com que os pingentes de gelo pingassem do colmo. Colocamos o nosso gado para o Inverno no alpendre para os animais, e matamos os outros, guardando a sua carne em sal como Merlim havia conservado o corpo ensopado de sangue de Gawain.

Durante dois dias a vila ecoou com os mugidos enfurecidos de bois que eram arrastados para a morte. A neve estava salpicada de vermelho e o ar fedia a sangue, sal e excrementos. Dentro do palácio as fogueiras bramiam, mas aqueciam-nos pouco.

Acordávamos frios, tremíamos embrulhados nas nossas peles e aguardávamos em vão um degelo. A nascente gelou de tal modo que todos os dias tínhamos de quebrar o gelo para retirar a água.

Continuamos ainda assim treinando os nossos jovens lanceiros. Nós os fizemos marchar na neve, enrijecendo os seus músculos para lutarem contra os Saxões. Nos dias em que nevava com maior intensidade e o vento fazia com que os espessos flocos serpenteassem em volta das empenas encrustadas de neve das pequenas casas da vila, fiz com que os homens retirassem os seus escudos dos pranchões em salgueiro cobertos com couro. Eu formava um grupo de guerra, mas ao observá-los trabalhando temi pelas suas vidas, questionando-me quantos iriam sobreviver para ver o Sol do Verão.

Chegou uma mensagem de Artur antes do Solstício. Em *Dun Carie* estávamos ocupados preparando o grande festival que duraria toda *a* semana até à morte do

sol, quando o bispo Emrys chegou. Montava um cavalo com os cascos envoltos em couro e era escoltado por seis lanceiros de Artur. O bispo disse-nos que ficara em *Gwent* discutindo com Meurig, enquanto Artur fora para Demétia.

- O rei Meurig não recusou liminarmente ajudar-nos - disse-nos o bispo, tremendo junto à lareira, onde abrira um espaço para si, empurrando dois dos nossos cães para o lado. Dirigiu as suas mãos rechonchudas e com gretas vermelhas na direção das chamas. - Todavia, as suas condições para essa ajuda são, receio eu, inaceitáveis. -

Espirrou. - Senhora, é muito amável - disse ele a Ceinwyn que lhe trouxera um corno de hidromel quente.

- Que condições? - perguntei.

Emrys abanou a cabeça, tristemente.

- Ele quer o trono de *Dumnônia*, Senhor.

- Ele quer o quê? - explodi.

Emrys ergueu uma mão rechonchuda e gretada para silenciar a minha ira.

- Ele diz que Mordred não tem capacidade para governar, que Artur não deseja governar, e que a *Dumnônia* precisa de um rei cristão. Ele se oferece.

- Canalha - disse eu. - Canalha, traidor e covarde.

- Artur não pode aceitá-lo, claro - disse Emrys - o seu juramento a Uther garante-o. - Bebeu um pequeno gole de hidromel e suspirou apreciadoramente. - É tão bom estar novamente aquecido.

- Então, a menos que concedamos o reino a Meurig - afirmei zangado, - ele não nos ajudará?

- Assim ele afirma. Ele insiste que Deus irá proteger *Gwent* e que, a menos que o aclamemos rei, teremos de defender *Dumnônia* sozinhos.

Caminhei para a porta do palácio, afastei a cortina de couro e olhei fixamente para a neve que formava um monte alto nas pontas da nossa paliçada de madeira.

- Falou com o seu pai? - perguntei a Emrys.

- Estive, de fato, com Tewdric - disse o bispo. - Fui com Agrícola, que lhe manda as melhores saudações.

Agrícola fora o senhor da guerra do rei Tewdric, um magnífico guerreiro que combatera com uma armadura romana e com uma ferocidade arrepiante Mas agora Agrícola era um homem velho, e Tewdric, o seu senhor, desistira do trono e rapara a cabeça numa tonsura de sacerdote, e deste modo concedera o poder ao seu filho.

- Agrícola está bem? - perguntei a Emrys.

- Velho, mas vigoroso. Ele concorda conosco, claro, mas... - Emrys encolheu os ombros. - Quando Tewdric abdicou do trono, desistiu do seu poder. Ele diz que não pode mudar a opinião do seu filho.

- Não o fará - resmunguei, voltando para junto da fogueira.

- Provavelmente não o fará - concordou Emrys. Suspirou. - Eu gosto de Tewdric, mas por enquanto ele está ocupado com outros problemas.

- Que problemas? - perguntei com demasiada veemência.

- Ele gostaria de saber respondeu Emrys, acanhadamente, - se no céu comeremos como mortais, ou se seremos poupados à necessidade de alimentos terrenos. Existe uma crença, deve ter ouvido, que afirma que os anjos nada comem, que de fato são poupados a todos os vulgares e terrenos apetites, e o velho Rei está tentando reproduzir esse modo de vida. Come muito pouco, de fato, vangloriou-se por certa vez conseguir estar três semanas inteiras sem defecar e, depois disso, sentir-se muito mais piedoso.

Ceinwyn sorriu, mas eu nada disse, limitando-me a olhar fixamente para o bispo sem acreditar.

Emrys acabou o hidromel.

- Tewdric afirma - acrescentou ele dubiamente - que passará fome até atingir o estado de graça. Confesso que não estou convencido disso, mas ele parece de fato um homem muitíssimo piedoso. Todos devíamos ser igualmente

abençoados.

- O que diz Agrícola? - perguntei.

- Ele vangloria-se da freqüência com que defeca. Perdoe-me, senhora.

- Deve ter sido uma alegre reunião para ambos - disse Ceinwyn, secamente.

- Não foi útil no imediato - admitiu Emrys. - Eu tinha esperança de convencer Tewdric a mudar a opinião de seu filho, mas infelizmente encolheu os ombros, tudo o que agora podemos fazer é rezar.

- E manter as nossas lanças aguçadas - afirmei com ar triste.

- Isso também - concordou o bispo. Voltou a espirrar e fez o sinal da cruz para afastar a má sorte do espirro.

- Meurig deixará que os lanceiros de *Powys* atravessem as suas terras? -

perguntei.

- Cuneglas disse-lhe que se ele recusasse essa autorização atravessaria sem ela.

Soltei um gemido. A última coisa que precisávamos era que um reino britânico lutasse contra outro. Durante anos, semelhante estado de guerra enfraquecera a Bretanha e havia permitido que os Saxões se apoderassem de vales e cidades, apesar de ultimamente terem sido os Saxões a lutarem entre si, e nós quem obtivera vantagem da sua animosidade infligindo-lhes derrotas; mas Cerdic e Aelle haviam aprendido a lição que Artur inculcara nos Bretões: que a vitória surgia com a união. Agora eram os Saxões que estavam unidos e os Britânicos divididos.

- Creio que Meurig deixará Cuneglas atravessar - disse Emrys, - porque ele não quer fazer a guerra com ninguém. Ele apenas pretende a paz.

- Todos nós pretendemos a paz - afirmei, - mas se a *Dumnônia* cair, então *Gwent* será o próximo país a sentir as lâminas dos saxões.

- Meurig insiste que não - disse o bispo - e está oferecendo imunidade a todo o dumnoniano cristão que deseje evitar a guerra.

Estas eram más notícias, porque significavam que quem quer que não tivesse coragem para enfrentar Aelle e Cerdic apenas teria de clamar a fé cristã para ter refúgio no reino de Meurig.

- Ele acredita verdadeiramente que o seu Deus o protegerá? - perguntei a Emrys.

- Ele é obrigado a isso, senhor, senão para que serviria Deus? Claro que Deus pode ter outros planos. É tão difícil ler a Sua mente. - Agora o bispo estava suficientemente quente para experimentar retirar a grande capa de pêlo de urso dos ombros. Por baixo dela vestia um justilho de pêlo de ovelha. Colocou a mão dentro do justilho e eu presumi que esmagava um piolho, mas em vez disso retirou um pergaminho enrolado atado com uma fita e selado com uma gota de cera fundida. - Artur enviou-me isto de *Demétia* - afirmou, oferecendo-me o pergaminho, - e pediu que o entregue à

princesa Guinevere.

- Certamente - disse eu, pegando o pergaminho. Confesso que me senti tentado a quebrar o selo e ler o documento, mas resisti à tentação. - Sabe o que diz?

- Infelizmente não, senhor - disse Emrys, apesar de não olhar para mim, e eu desconfiei que o velho quebrara o selo e sabia de fato o conteúdo da carta, mas era incapaz de admitir esse pequeno pecado. - Estou certo de que não será nada de importante , mas ele pediu especialmente que ela o receba antes do solstício. Ou seja, antes de ele voltar.

- Porque ele foi a Demétia? - perguntou Ceinwyn.

- Para se certificar que os Escudos Negros lutarão na próxima Primavera, suponho - disse o bispo, mas eu percebi uma certa evasão na sua voz. Desconfiei que a carta continha o verdadeiro motivo da visita de Artur a Oengus Mac Airem, mas Emrys não podia revelá-lo sem também admitir que quebrara o selo.

No dia seguinte me dirigi para Ynys Wydryn. Não ficava longe, mas a viagem durou a maior parte da manhã, porque em alguns lugares, onde os caminhos estavam cheios de neve, tive de puxar o meu cavalo e a mula. A mula levava uma dúzia de peles de lobo que Cuneglas nos trouxera e eram a prova de uma oferenda de boas-vindas, porque o quarto com paredes de madeira onde Guinevere estava prisioneira tinha inúmeras rachaduras por onde o vento gelado sibilava. Fui encontrá-la inclinada junto à

fogueira que ardia no centro do quarto. Ela endireitou-se quando fui anunciado, depois mandou que as suas duas servas se retirassem para as cozinhas.

- Estou tentada - disse ela - a tornar-me serva de cozinha. Pelo menos a cozinha é mais quente, mas infelizmente está cheia de cristãos hipócritas. Não partem um ovo sem louvar ao seu desprezível Deus. - Arrepiou-se e ajustou mais a sua capa em volta dos ombros estreitos. - Os Romanos sabiam como manter-se quentes, mas parece que nós perdemos essa capacidade.

- Ceinwyn mandou-lhe isto, senhora - disse eu, jogando as peles no chão.

- Agradeça-lhe por mim - disse Guinevere e depois, apesar do frio, afastou-se e abriu os postigos de uma janela para que a luz do dia pudesse entrar no quarto. O fogo agitou-se com a corrente de ar frio e fagulhas elevaram-se serpenteando até às vigas enegrecidas. Guinevere estava embrulhada numa grossa lã castanha. Estava pálida, mas aquele rosto altivo e de olhos verdes não perdera uma ponta do seu poder nem do seu orgulho. - Eu esperava vê-lo mais cedo - censurou-me ela.

- Tem sido uma estação rigorosa, senhora - disse eu, desculpando a minha longa ausência.

- Eu quero saber, Derfel, o que aconteceu em Mai Dun - disse ela.

- Eu contarei, senhora, mas primeiro me foi ordenado que lhe entregasse isto. -

Retirei o pergaminho de Artur da bolsa colocada no meu cinto e entreguei-o. Ela arrancou a fita, levantou o selo de cera com uma unha e desdobrou o documento. Leu-o com o auxílio do brilho intenso da luz refletida pela neve e que entrava pela janela. Vi o seu rosto comprimir-se, mas não demonstrou nenhuma outra reação. Pareceu-me que lia a carta segunda vez, depois enrolou-a e atirou-a para um cofre de madeira.

- Então, fale-me de *Mai Dun* - disse ela.

- O que sabe ao certo? - perguntei-lhe.

- Eu sei aquilo que Morgana escolhe contar-me, e o que essa cadela escolhe é

uma versão da verdade do seu Deus miserável. - Falou suficientemente alto para

ser ouvida por alguém que escutasse à porta a nossa conversa.

- Duvido que o Deus de Morgana tenha ficado decepcionado com o que aconteceu - afirmei, depois contei-lhe tudo o que aconteceu naquela Véspera do *Samain*.

Quando terminei ela permaneceu em silêncio, olhando apenas fixamente pela janela, para os domínios cobertos de neve onde uma dúzia de resistentes peregrinos se ajoelhava diante do Espinheiro Sagrado. Alimentei o fogo com cepos da pilha que se encontrava junto à parede.

- Então Nimue levou Gwydre para o cume? - perguntou Guinevere.

- Ela enviou Escudos Negros para que o levassem. Na verdade, para que o raptassem. Não foi difícil. A cidade estava cheia de estranhos e todo o tipo de lanceiros entrava e saía do palácio. - Fiz uma pausa. - Todavia, tenho dúvidas de que ele alguma vez tenha estado verdadeiramente em perigo.

- Claro que esteve! - disse ela, bruscamente. A sua veemência surpreendeu-me.

- Era a outra criança que iria ser morta - protestei - o filho de Mordred. Ele estava nu, pronto para ser morto, e Gwydre não.

- E se a morte dessa outra criança em nada tivesse resultado? Nesse momento o que teria acontecido? - perguntou Guinevere. - Acha que Merlim não teria pendurado Gwydre pelos tornozelos?

- Merlim não faria isso ao filho de Artur - respondi, embora, confesso, não houvesse convicção na minha voz.

- Mas Nimue faria - disse Guinevere. - Nimue mataria todas as crianças da Bretanha para trazer os deuses novamente para a Bretanha, e Merlim teria se sentido tentado a fazê-lo. Ficar a esta distância - ela desenhou um espaço com um dedo e o polegar onde cabia somente uma moeda - e apenas com a vida de Gwydre entre Merlim e a vinda dos deuses? Ah, creio que ele teria se sentido tentado.

Ela caminhou na direção da fogueira e abriu o manto para deixar que o calor penetrasse nas suas pregas. Usava um vestido preto por baixo do manto e não tinha uma única jóia à vista. Nem tão pouco um anel nos dedos.

- Merlim - disse ela, suavemente - pode ter sentido o tormento da culpa por matar Gwydre, mas não Nimue. Ela não vê qualquer diferença entre este mundo e o Outro Mundo, por isso o que lhe importa que uma criança viva ou morra? No entanto, a criança que importa, Derfel, é o filho do governante. Para conquistar o que é mais precioso tem de desistir do que é mais valioso, e o que é valioso na *Dumnônia* não é uma cria bastarda de Mordred. É Artur quem aqui governa, não é Mordred. Nimue queria a morte de Gwydre. Merlim sabia, ele apenas teve esperança que os mortos de menor importância bastassem. Mas Nimue não se preocupa com isso. Um dia, Derfel, ela reunirá de novo os Tesouros e então Gwydre terá o seu sangue vertido para o Caldeirão.

- Não enquanto Artur viver.

- Não enquanto eu viver também! - declarou ela furiosamente, e depois, reconhecendo a sua incapacidade, encolheu os ombros. Virou-se de costas para a janela e deixou cair o manto castanho. - Eu não tenho sido uma boa mãe - afirmou, inesperadamente.

Eu não sabia o que dizer, por isso permaneci em silêncio. Nunca fora chegado a Guinevere, de fato ela me tratava com o mesmo misto rude de afeto e irritação que podia demonstrar por um cão estúpido mas submisso, mas agora, talvez por não ter mais ninguém com quem partilhar os seus pensamentos, ela os oferecia a mim.

- Eu nem tão-pouco gosto de ser mãe - admitiu ela. - Agora, aquelas mulheres -

apontou para as mulheres de Morgana vestidas de branco que se apressavam pela neve por entre os edifícios do santuário - todas elas veneram a maternidade, mas todas estão secas como cascas. Choram pela sua Maria e dizem-me que só uma mãe consegue sentir a verdadeira tristeza, mas quem a quer sentir? - Fez a pergunta com rispidez. - É

tudo um enorme desperdício de vida! - Agora estava amargamente zangada. - As vacas dão boas mães e as cabras amamentam de forma perfeitamente adequada, por isso que mérito tem a maternidade? Qualquer garota estúpida pode ser mãe!

Aliás, é apenas para isso que a maioria serve! A maternidade não é uma proeza, é uma inevitabilidade! - Vi que ela chorava, apesar da sua ira. - Mas foi tudo o que Artur sempre quis que eu fosse!

Uma vaca parideira!

- Não, senhora - respondi.

Ela virou-se para mim enraivecida e com os olhos a brilharem com lágrimas.

- Sabe mais do que eu sobre isto, Derfel?

- Ele tinha orgulho na senhora - afirmei, acanhadamente. - Ele rejubilava com a sua beleza.

- Ele podia ter feito uma estátua minha se era tudo o que queria! Uma estátua com canais de leite onde podia amontoar os seus infantes!

- Ele a amava - protestei.

Ela olhou-me fixamente e eu pensei que fosse irromper num acesso de cólera, mas em vez disso sorriu tristemente.

- Ele me venerava, Derfel - disse ela, enfastiada, - e isso não é a mesma coisa que estar apaixonado. - Sentou-se de repente, caindo num banco colocado junto à arca de madeira. - E ser venerada, Derfel, é muito cansativo. Mas agora parece ter encontrado uma nova deusa.

- Ele fez o quê, senhora?

- Você não sabia? - Ela pareceu surpresa, depois agarrou a carta com um puxão.

- Tome, leia.

Tomei o pergaminho da sua mão. Não tinha data, apenas o endereço Moridunum, mostrando que havia sido escrita na capital de Oengus Mac Airem. A carta estava redigida com a letra firme de Artur e era tão fria como a neve espessa sobre o peitoril da janela. ”Deve saber, senhora” escrevera ele, ”que a renuncio como minha esposa e tomo Argante, filha de Oengus Mac Airem no seu lugar. Não renuncio a Gwydre, apenas a si.” Era tudo. Nem tão-pouco estava assinada.

- Você não sabia mesmo? - perguntou-me Guinevere.

- Não, senhora - afirmei.

Eu estava muito mais admirado do que Guinevere. Ouvira dizer aos homens que Artur devia tomar outra mulher, mas ele nada me dissera e senti-me ofendido por ele não ter confiado em mim. Senti-me ofendido e desiludido.

- Eu não sabia - insisti.

- Alguém abriu a carta - disse Guinevere num divertimento perverso. - Pode ver que deixaram uma mancha de sujeira na parte inferior da folha. Artur não o teria feito. Ela recostou-se de tal modo que o seu cabelo ruivo solto ficou esmagado contra a parede. -

Porque ele vai se casar? - perguntou ela.

Encolhi os ombros.

- Um homem deve ser casado, senhora.

- Besteira. Certamente não tem Galaad em menor conta por nunca ter casado.

- Um homem precisa... - Comecei, depois a minha voz esmoreceu.

- Eu sei do que precisa um homem - disse Guinevere, divertida. - Mas porque Artur vai se casar agora? Acha que ele ama esta garota?

- Assim o espero, senhora.

Ela sorriu.

- Ele vai se casar, Derfel, para provar que não me ama.

Acreditei no que disse, mas não me atrevi a concordar com ela. Em vez de fazê-lo, afirmei:

-Tenho certeza que é por amor, senhora.

Ela riu.

- Que idade tem essa Argante?

- Quinze? - calculei. - Talvez apenas catorze?

Ela franziu as sobrancelhas, recordando-se.

- Pensei que ela estava prometida a Mordred?

- Eu também acreditava - respondi, porque me lembrava de Oengus a oferecendo em casamento ao nosso rei.

- Mas porque havia Oengus de casar a garota com um idiota coxo como Mordred quando pode pô-la na cama de Artur? - disse Guinevere. - Apenas quinze anos, você

acha?

- Se já os tiver.

- É bonita?

- Nunca a vi, senhora, mas Oengus assim o afirma.

- O Uí Liatháin, gera, de fato, garotas bonitas - afirmou Guinevere. - A irmã dele era bonita?

- Isolda? Sim, de certo modo.

- Esta garotinha deve ser bonita - disse Guinevere num tom de voz divertido. - De outro modo, Artur não olhará para ela. Todos os homens têm de invejá-lo. Isso, tão só, exige ele às suas mulheres. Elas têm de ser belas e, claro, muito mais bem comportadas do que eu fui. - Deu uma gargalhada e olhou-me de soslaio. - Mas ainda que ela seja bonita e bem comportada, não vai funcionar, Derfel.

- Não?

- Oh, tenho certeza que a garotinha consegue lhe dar- bebês se é isso o que ele quer, mas a menos que seja esperta ele se enfadará bastante na sua companhia. - Virou-se para olhar fixamente para a fogueira. - Porque você acha que me

escreveu contando?

- Porque acha que devia saber - afirmei. Ela riu da minha afirmação.

- Eu devia saber? Porque havia eu de me importar que ele durma com uma qualquer garotinha irlandesa? Eu não preciso saber, mas ele precisa me dizer. Voltou a olhar para mim. E ele vai querer saber qual foi a minha reação, não é?

- É? - perguntei um pouco confuso.

- Claro que sim. Por isso diga-lhe, Derfel, que eu ri, - olhava-me fixa e desafiadoramente, depois, de repente encolheu os ombros. - Não, não diga. Diga-lhe que lhe desejo as maiores felicidades. Diga-lhe o que quiser, mas peça-lhe um favor em meu nome. - Fez uma pausa, e eu percebi como ela detestava pedir favores. - Eu não quero morrer, Derfel, violada por uma horda de guerreiros saxões cheios de piolhos. Quando Cerdic vier na próxima Primavera, peça a Artur para mudar o meu cárcere para um local mais seguro.

- Creio que aqui estará em segurança, senhora - afirmei.

- Diga-me porque acha isso? - ordenou-me, rispidamente. Demorei alguns instantes organizando o meu raciocínio.

- Quando os Saxões vierem, avançarão ao longo do vale do Tamisa. O seu objetivo é alcançar o mar Severn e esse é o caminho mais rápido.

Guinevere abanou a cabeça.

- O exército de Aelle virá ao longo do Tamisa, Derfel, mas Cerdic atacará no sul e rumará para norte para se juntar a Aelle. Ele virá por aqui.

- Artur diz que não, insisti. Ele acredita que eles não confiam um no outro, por isso quererão manter-se juntos para impedir qualquer traição.

Guinevere rejeitou de novo o que eu afirmava abanando, abruptamente, a cabeça.

- Aelle e Cerdic não são tolos, Derfel. Eles sabem que têm de confiar um no outro o tempo suficiente para ganharem. Depois disso podem zangar-se, mas nunca antes.

Quantos homens eles trarão?

- Pensamos que dois mil, talvez dois mil e quinhentos.

Ela acenou com a cabeça.

- O primeiro ataque ocorrerá no Tamisa, e será suficientemente vasto para fazê-los crer que é o seu maior ataque. E depois de Artur ter reunido as suas forças para se opor a esse exército, Cerdic marchará para sul. Ele investirá selvaticamente, Derfel, e Artur terá de enviar homens para lhe fazerem frente, e quando o fizer, Aelle atacará os restantes.

- A menos que Artur deixe Cerdic investir selvaticamente - disse eu, não acreditando na sua previsão nem por um instante.

- Ele podia fazê-lo - concordou ela, - mas se assim for, então Ynys Wydryn ficará

em mãos saxônicas e eu não quero estar aqui quando isso acontecer. Se ele não quiser libertar-me, então peça-lhe que me prenda em *Glevum*.

Hesitei. Não vi razão para não passar o seu pedido a Artur, mas queria ter certeza que ela estava sendo sincera.

- Se Cerdic vier de fato nesta direção, senhora - me atrevi a dizer, é provável que traga amigos seus no seu exército.

Ela me lançou um olhar mortífero. Manteve-o por longos instantes antes de falar.

- Não tenho amigos em *Lloegyr* - afirmou, por fim, friamente. Hesitei, depois decidi continuar.

- Eu vi Cerdic há menos de dois meses e Lancelot estava na sua companhia.

Nunca antes eu lhe mencionara o nome de Lancelot e ela fez um movimento seco e brusco com a cabeça como se eu lhe tivesse batido.

- O que você está dizendo, Derfel? - perguntou ela, suavemente.

- Estou dizendo, senhora, que Lancelot virá aqui na Primavera. Estou sugerindo,

senhora, que Cerdic fará dele senhor destas terras.

Ela fechou os olhos e, durante alguns segundos, não tive certeza se ria ou se chorava. Depois vi que era o riso que a fazia estremecer.

- Você é um tolo - disse ela, olhando novamente para mim. - Você está tentando me ajudar! Acha que amo Lancelot?

- A senhora quis que ele fosse rei - afirmei.

- O que tem isso que ver com o amor? - perguntou ela, de forma ridícula. - Eu quero que ele seja Rei, porque é um homem fraco, e uma mulher só pode governar neste mundo através de um homem fraco como ele. Artur não é fraco. - Ela respirou bem fundo.

- Mas Lancelot é, e talvez ele governe aqui quando os Saxões vierem, mas se houver alguém que controle Lancelot não serei eu, nem nenhuma mulher, mas Cerdic, e esse, segundo consta, é tudo menos fraco.

Ela levantou-se, passou por mim e arrancou-me a carta das mãos. Desdobrou-a, leu-a uma última vez, depois atirou o pergaminho para no meio das chamas. Escureceu, encaracolou-se, depois consumiu-se nas chamas.

- Vá - disse ela, olhando para as labaredas - e diga a Artur que eu chorei com as suas notícias. É o que ele quer ouvir, por isso diga-lhe. Diga-lhe que chorei.

Deixei-a. Nos dias que se seguiram, a neve derreteu, mas as chuvas voltaram e as árvores despidas e escuras gotejavam numa região que parecia decompor-se no desânimo das brumas.

O solstício aproximava-se, apesar do Sol nunca aparecer. O mundo mergulhava num desespero sombrio e profundo. Esperei pelo regresso de Artur, mas ele não mandou me chamar. Levou a sua nova noiva para *Durnovária* e celebrou ali o solstício. Se ele se importava com o que Guinevere pensava sobre o seu novo casamento, não me perguntou. Demos o festim do solstício de Inverno no palácio de *Dun Carie* e não havia uma única pessoa presente que não suspeitasse que aquele seria o nosso último festim.

Fizemos as nossas oferendas ao Sol do solstício de Inverno, mas sabíamos que quando o sol nascesse de novo não traria vida à região, mas sim morte. Traria

lanças, espadas e machados saxões. Rezamos, festejamos e tememos que estávamos condenados. E a chuva continuou a cair sem parar.

SEGUNDA PARTE

Mynydd Baddon

- Quem? - perguntou Igraine depois de ter lido a primeira folha da última pilha de pergaminhos.

Ela aprendeu algumas coisas em língua saxônica nos últimos meses e sente-se muito orgulhosa com essa proeza, apesar de na verdade ser uma língua bárbara e muito menos sutil do que o britânico.

- Quem? - repeti a pergunta.

- Quem foi a mulher que levou a Bretanha à destruição? Foi Nimue, não foi?

- Se me conceder tempo para escrever a história, querida senhora, descobrirá.

- Eu sabia que diria isso. Nem tão-pouco sei porque perguntei. - Sentou-se no grande rebordo do peitoril da minha janela com uma mão na barriga saliente e a cabeça inclinada para um dos lados, como se estivesse à escuta. Passado algum tempo, um olhar de deleite travesso surgiu-lhe no rosto.

- O bebê está dando pontapés - disse ela. - Quer senti-lo?

Estremeci.

- Não.

- Porque não?

- Nunca me interessei por bebês.

Mostrou-me o seu desacordo.

- Irá adorar o meu, Derfel.

- Será?

- Ele será lindo!

- Como sabe - inquiri, - que é um rapaz?

- Porque nenhuma garota consegue chutar com tamanha força, é por isso. Olha!

- E a minha Rainha alisou bem o vestido azul por cima da sua barriga e riu quando aquela parte do tecido estremeceu. - Fale-me de Argante - disse ela, largando o vestido.

- Pequena, morena, magra, bela.

Igraine mostrou-se discordante diante da inadequação da minha descrição.

- Ela era esperta?

Refleti sobre isso.

- Ela era astuta, por isso sim, tinha um certo tipo de esperteza, mas nunca foi desenvolvida pela educação.

Como resposta a esta declaração, a minha Rainha encolheu os ombros desdenhosamente.

- E a educação, é assim tão importante?

- Penso que é, sim. Sempre lamentei nunca ter aprendido Latim.

- Porquê? - perguntou Igraine.

- Porque muitas das experiências da humanidade estão escritas nessa língua, senhora, e uma das coisas que uma educação nos dá é o acesso a todas as coisas que os outros povos conheceram, temeram, aquilo com que sonharam e o que alcançaram.

Quando está em apuros ajuda a descobrir alguém que tenha anteriormente passado pela mesma aflição. Isso explica as coisas.

- Tais como? - perguntou Igraine. Encolhi os ombros.

- Recordo-me de uma coisa que Guinevere me disse certa vez. Eu não sabia o

que significava, porque era em Latim, mas ela traduziu-o, e isso explicou exatamente Artur. Também nunca o esqueci.

- Então? Continua.

- *Odi at amo* - *citei* as estranhas palavras devagar - excrucior.

- Que significa?

- Odeio *e* amo, sofro. Um poeta escreveu o verso, esqueci-me do seu nome, mas Guinevere havia lido o poema e, um dia, quando falávamos de Artur, ela citou o verso.

Sabe que ela o compreendia perfeitamente.

- Argante compreendia-o?

- Oh, não.

- Ela sabia ler?

- Não tenho certeza. Não me recordo. Provavelmente não.

- Como era ela?

- Tinha uma pele muito pálida - disse eu, - porque se recusava a apanhar sol.

Gostava da noite, isso sim. E tinha um cabelo muito escuro, tão brilhante como as penas de um corvo.

- Você disse que ela era pequena e magra? - perguntou Igraine.

- Muito magra e bastante baixa - respondi, - mas do que melhor me recordo em relação a Argante é que muito raramente sorria. Observava tudo e nada lhe escapava, transparecendo sempre um olhar avaliador no seu rosto. As pessoas confundiam esse olhar com esperteza, mas não o era de todo. Ela era simplesmente a mais nova de sete ou oito filhas e, desse modo, estava sempre com receio de ser posta de parte. Estava constantemente atenta ao seu quinhão, e nem por um momento deixava de pensar que não o recebia.

Igraine fez uma careta.

- Você a faz parecer horrível!

- Ela era gananciosa, fria e muito jovem - afirmei, - mas também era bonita. Tinha uma delicadeza muito comovente. - Fiz uma pausa e suspirei. - Pobre Artur. Na verdade, escolheu muito mal as suas mulheres. Exceto Ailleann, claro, mas no fim de contas ele não a escolheu. Ela foi-lhe dada como escrava.

- O que aconteceu a Ailleann?

- Morreu durante a Guerra Saxônica.

- Foi morta? - Igraine estremeceu.

- Por uma epidemia - respondi. - Era uma morte muito comum. Cristo.

Este nome parece realmente estranho na página, mas vou deixá-lo aí. No preciso instante em que Igraine e eu falávamos sobre Ailleann, o bispo Sansum entrou nos aposentos. O santo não sabe ler, e porque desaprovaria terminantemente o meu relato sobre esta história de Artur, Igraine e eu fingimos que estou escrevendo um Evangelho na língua saxônica. Digo que ele não sabe ler, mas Sansum tem a habilidade de reconhecer algumas palavras e Cristo é uma delas. Por isso a escrevi. Ele também a viu e soltou um gemido em tom duvidoso. Ultimamente parece muito velho. Quase todos os seus cabelos desapareceram, embora ainda tenha dois tufos brancos como as orelhas de Lughtigern, o *Lorde Rato.* Sente dores quando urina, mas não submeterá o seu corpo às feiticeiras para que o curem, porque afirma serem todas pagãs. Deus, reclama o santo, vai curá-lo, embora haja momentos, Deus me perdoe, em que eu rezo para que o santo esteja prestes a morrer, porque então este pequeno mosteiro teria um novo bispo.

- A minha Senhora está bem? - perguntou ele a Igraine depois de olhar de soslaio para o pergaminho.

- Obrigada, bispo, estou sim.

Sansum percorreu o aposento, olhando aqui e ali à procura de algo de errado, embora eu não saiba dizer o que esperava ele encontrar. O quarto é muito simples; uma cama pequena, uma escrivaninha, um banquinho e uma lareira. Ele teria gostado de me criticar por queimar muita lenha, mas hoje está um dia de Inverno mais ameno e estou poupando a pouca lenha que o santo me permite ter.

Com uma palmada afastou um pedaço de sujeira. Decidiu não comentar o fato, e em vez de fazê-lo examinou Igraine.

- Deverá ser para breve o seu momento, senhora.

- Menos de duas luas, segundo dizem, bispo - informou Igraine, e fez o sinal da cruz batendo no seu vestido azul.

- Sabe, certamente, que os nossos sacerdotes intercederão nos céus a favor de vossa Senhoria - disse Sansum, sem sentir uma só palavra que proferia.

- Reze também - disse Igraine - para que os saxões não estejam próximos.

- Estão? - perguntou Sansum, alarmado.

- Dizem a meu esposo que eles estão preparando-se para atacar Ratae.

- Ratae fica bem distante - disse o bispo, rejeitando a sua afirmação.

- Um dia e meio? - disse Igraine - e se Ratae cair, que fortaleza resta entre nós e os saxões?

- Deus nos protegerá - afirmou o bispo, ecoando inconscientemente a crença há

muito desaparecida do pio rei Meurig de *Gwent*, - tal como Deus protegerá vossa Senhoria na hora da provação.

Ele ficou mais alguns minutos, mas não tinha nenhum assunto, nem nada digno desse nome, a tratar com nenhum de nós. Hoje em dia, o santo anda enfadado. Falta-lhe o favorecimento dos prejuízos morais. O irmão Maelgwyn, o mais forte de todos nós é

quem fazia muito do trabalho físico do mosteiro, morreu há algumas semanas e, com a sua morte, o bispo perdeu um dos alvos favoritos do seu menosprezo. Ele sente pouco prazer em me atormentar, porque eu tolero o seu desprezo, pacientemente, e além disso, sou protegido de Igraine e do seu esposo.

Por fim, Sansum saiu e Igraine fez uma careta nas suas costas.

- Diga-me, Derfel - disse ela depois do santo estar fora do nosso alcance - o que

devo preparar para o parto?

- Porque diabo me pergunta? - inquiri, espantado. - Nada sei sobre partos, graças a Deus! Nem nunca tão pouco vi uma criança nascer, nem pretendo ver.

- Mas você conhece as coisas antigas - disse ela, rapidamente, - é isso que quero dizer.

- As mulheres no seu *caer* saberão bem mais sobre isso do que eu, mas em todas as ocasiões em que Ceinwyn deu à luz verificamos sempre se havia ferro na cama, urina de mulher no degrau da porta, artemísia na lareira e, claro, tínhamos uma virgem pronta para levantar o recém-nascido da palha onde nascia. O mais importante de tudo -

continuei, seriamente - não pode haver nenhum homem nos aposentos. Nada traz pior sorte do que ter um homem presente durante o nascimento.

Toquei no prego protuberante da minha escrivaninha para afastar a má sorte por sequer mencionar semelhante circunstância azarenta. Sem dúvida que nós, cristãos, não acreditamos que tocar em ferro tenha qualquer influência sobre a boa ou a má fortuna, mas a cabeça do prego da minha mesa está ainda muito polida por eu lhe tocar.

- É verdade o que se diz sobre os Saxões? - perguntei.

Igraine assentiu com a cabeça.

- Eles estão se aproximando, Derfel.

Friccionei de novo a cabeça do prego.

- Então, avise o seu esposo para que tenha lanças afiadas.

- Ele não necessita de qualquer aviso - disse ela, de modo sinistro.

Questiono-me se alguma vez a guerra irá terminar. Porque durante todo o tempo em que vivi, os Bretões pelejaram contra os Saxões, e apesar de termos conseguido uma grande vitória sobre eles, nos anos que se seguiram temos visto muitas terras perdidas e, com elas, também as histórias ligadas aos vales e aos cumes das colinas. A História não é apenas um relato feito pelos homens, é algo

ligado à terra. Damos o nome de um herói à colina onde ele morreu, ou a um rio, o nome de uma princesa que fugiu para as suas margens, e quando os nomes antigos desaparecem, as histórias esfumam-se com eles e os novos nomes nenhuma recordação trazem do passado. Os Sais apoderam-se das nossas terras e da nossa história. Eles se alastram como uma doença contagiosa, e nós já não temos Artur para nos proteger. Artur, o tormento dos Sais, o Senhor da Bretanha e o homem cujo amor o feriu mais do que qualquer ferimento aberto com espada ou lança.

Como tenho saudades de Artur.

O solstício de Inverno ocorreu quando orávamos aos deuses, para que não abandonassem a terra às imensas trevas. No Inverno mais frio, muitas vezes essas preces pareceram rogos de desespero, e isso não mais voltou a repetir-se até ao ano anterior ao ataque dos Saxões, quando o nosso mundo havia já perdido as forças sob uma concha de gelo e neve antiga. Para aqueles entre nós que eram devotos de Mitras, o solstício teve um duplo significado, porque era também o altura da celebração do momento do nosso deus. Depois do grande festival do solstício, em *Dun Carie*, levei Issa para oeste, para as grutas onde realizamos as nossas cerimônias mais solenes, iniciando-o na veneração de Mitras. Ele passou os ordálios com êxito e, deste modo, foi acolhido no grupo de elite dos guerreiros que representam os mistérios de deus. Depois disso fizemos um banquete. Nesse ano eu matei o touro, primeiro jarretando o animal para que não conseguisse mexer-se, depois vacilando o machado na gruta baixa para fender o seu espinhaço. Recordo-me que o touro tinha um fígado ressequido, pressupondo mau agouro, e nesse Inverno frio não houve bons agouros.

Quarenta homens assistiram aos ritos, a despeito do tempo rigoroso. Apesar de há

muito ter sido iniciado, Artur não compareceu, mas Sagramor e Culhwuch haviam deixado os seus postos fronteiriços para estarem presentes nas cerimônias. No fim do banquete, quando a maior parte dos guerreiros já dormia sob o efeito do hidromel, nós três retirámo-nos para uma galeria baixa onde a fumaça não era espessa e podíamos falar em particular.

Tanto Sagramor como Culhwuch tinham certeza de que os Saxões atacariam justamente ao longo do vale do Tamisa.

- O que eu ouvi - disse-nos Sagramor - é que eles estão enchendo Londres e Pontes de mantimentos e provisões. - Fez uma pausa para arrancar de um osso um pedaço de carne com os dentes. Haviam passado meses desde que eu vira Sagramor, e achei a sua companhia tranquilizadora; o númida era o mais valente e o mais terrível *de* todos os senhores da guerra de Artur, e o seu heroísmo refletia-se no seu rosto estreito e afilado como um machado. Era o mais fiel dos homens, um amigo leal, e um excelente contador de histórias, mas acima de tudo era um guerreiro natural que conseguia levar a melhor sobre qualquer inimigo. Os Saxões temiam Sagramor, acreditando que ele era um demônio negro vindo do Outro Mundo. Nós ficávamos contentes por eles viverem em semelhante medo entorpecedor e, para nós, era reconfortante que, mesmo estando em menor número, tivéssemos a sua espada e os seus experimentados lanceiros do nosso lado.

- Cerdic não irá atacar a Sul? - perguntei.

Culhwuch abanou a cabeça.

- Não dá mostras disso. Não há quaisquer sinais em Venta.

- Eles não confiam um no outro - Sagramor falava de Cerdic e Aelle. - Não se atrevem a perder-se mutuamente de vista. Cerdic teme que nós subornemos Aelle, e Aelle teme que Cerdic o engane na repartição dos espólios, por isso se manterão mais juntos do que irmãos.

- Então, o que Artur irá fazer? - perguntei.

- Esperávamos que nos dissesse - respondeu Culhwuch.

- Ultimamente, Artur não tem falado comigo - afirmei, sem me dar ao trabalho de esconder a minha amargura.

- Então somos dois - resmungou Culhwuch.

- Três - disse Sagramor. - Ele se encontra comigo, faz perguntas, participa em ataques-surpresa e depois vai embora, sem dizer nada.

- Façamos votos para que ele esteja meditando - disse eu.

- Provavelmente está muito ocupado com aquela nova noiva - propôs Culhwuch,

irritado.

- Você já a conheceu? - perguntei.

- Uma garotinha irlandesa despachada - afirmou, negativamente, - com garras.

Culhwuch contou-nos que visitara Artur *e a* sua nova noiva quando viera para o norte, para esta reunião com Mitras.

- Ela tem alguma beleza - disse ele, com má vontade. - Se vocês a adquirissem como escrava, possivelmente gostariam de a manter nas cozinhas por algum tempo.

Bem, eu gostaria. Você não, Derfel. - Culhwuch espicaçava-me, com frequência, por causa da minha lealdade a Ceinwyn, embora a minha fidelidade não fosse coisa assim tão incomum. Sagramor tomara uma saxã cativa por mulher e, tal como eu, era famosamente leal à sua esposa. - Qual a utilidade de um touro que apenas serve uma vaca? - perguntou então Culhwuch, mas nenhum de nós respondeu à sua zombaria.

Em vez disso, Sagramor disse:

- Artur está assustado.

Fez uma pausa, organizando os seus pensamentos. O númida falava bem a língua britânica, apesar de ter um sotaque deplorável, mas esta não era a sua língua de origem e, com frequência, falava devagar para ter certeza que expressava exatamente as suas idéias.

- Ele desafiou os deuses, e não apenas em *Mai Dun*, mas ao assumir o poder de Mordred. Os cristãos odeiam-no e agora os pagãos dizem que ele é seu inimigo. Vêem quão só isso o torna?

- O problema de Artur é que ele não acredita nos deuses - disse Culhwuch, negativamente.

- Ele acredita em si mesmo - afirmou Sagramor - e quando Guinevere o traiu, sofreu um rude golpe no seu íntimo. Sente vergonha. Perdeu muito do orgulho que tinha, e ele é um homem orgulhoso. Pensa que todos rimos dele, e por isso afasta-se de nós.

- Eu não rio dele - protestei.

- Eu, sim - disse Culhwuch, estremecendo ao esticar a perna ferida. - Idiota.

Devia ter amaciado as costas de Guinevere, algumas vezes, com o cinto da sua espada.

Isso teria ensinado uma lição àquela cabra.

- Agora - continuou Sagramor, ignorando com jovialidade a opinião predizível de Culhwuch - teme a derrota. Que outra coisa poderá ele ser senão soldado? Ele gosta de pensar que é um homem bom, que governa por ser um governante genuíno, mas terá

sido a espada que lhe conferiu o poder? No seu íntimo ele sabe e, se perder esta guerra, então perderá aquilo que mais o preocupa: a sua reputação. Será recordado como o usurpador que não fosse suficientemente bom para conseguir manter o que usurpou. Está

aterrorizado com uma segunda derrota por causa da sua reputação.

- Talvez Argante consiga curar a primeira derrota - disse eu.

- Duvido - afirmou Sagramor. - Galaad me disse que Artur não queria, efetivamente, casar com ela.

- Então por que o fez? - perguntei, sombriamente.

Sagramor encolheu os ombros.

- Para envergonhar Guinevere? Para agradar a Oengus? Para nos mostrar que não precisa de Guinevere?

- Para dormir com uma garota bonita? - sugeriu Culhwuch.

- Se tão-pouco o fizer - disse Sagramor.

Culhwuch fitou o númida, aparentemente chocado.

- Claro que o faz - disse Culhwuch.

Sagramor abanou a cabeça.

- Ouvi dizer que não. Apenas rumores, claro, e os rumores são menos fiáveis quando falam do relacionamento entre um homem e a sua mulher. Mas eu acho que esta Princesa é jovem demais para o gosto de Artur.

- Elas nunca são jovens demais - resmungou Culhwuch.

Sagramor limitou-se a encolher os ombros. Era um homem muito mais sutil do que Culhwuch e isso dava-lhe uma visão muito mais ampla de Artur, que gostava de surgir tão reto, mas cuja alma era na verdade tão complicada como as curvas serpenteantes e os dragões enrolados que decoravam a lâmina da Excalibur.

Partimos de manhã com as lâminas das nossas lanças e das nossas espadas ainda tingidas com o sangue do touro sacrificado. Issa estava excitado. Alguns anos antes, ele era ainda um rapaz do campo, mas agora era um crente de Mitras e, em breve, dissera-me ele, seria pai, porque Scarach, a sua esposa, estava grávida. Tendo ganho confiança com a sua iniciação a Mitras, de repente, Issa tinha certeza que podíamos vencer os saxões sem o auxílio de *Gwent*, mas eu não acreditava em tal coisa. Eu podia não gostar de Guinevere, mas nunca julguei que fosse tola, e estava preocupado com a sua previsão de que Cerdic atacaria pelo sul. Claro que a alternativa fazia sentido; Cerdic e Aelle eram aliados relutantes e iriam querer manter uma cuidadosa vigilância um sobre o outro. Um ataque esmagador ao longo do Tamisa seria a forma mais rápida de chegar ao mar *Severn* e, assim, dividir os reinos britânicos em duas partes; mas por que razão haviam os saxões de sacrificar a sua vantagem numérica, dividindo as suas forças em dois pequenos exércitos que Artur podia derrotar um a seguir ao outro? Todavia, se Artur esperasse apenas um ataque, e se defendesse somente contra ele, as vantagens de um assalto a sul eram imensas. Enquanto Artur estivesse ocupado com um exército saxão no vale do Tamisa, o outro podia contornar o seu flanco direito e alcançar o *Severn* quase sem oposição. Contudo, Issa não estava preocupado com semelhantes coisas. Ele apenas se imaginava no escudo defensivo onde, nobilitado pela aceitação de Mitras, derrotaria os saxões como um agricultor ceifa o feno.

O tempo continuou frio depois do solstício. Todas as manhãs despontavam geladas e mortiças, com o Sol pouco maior do que um disco avermelhado pendurado a pouca altura nas nuvens, a sul. Os lobos penetravam bem no interior

das fazendas, à

procura das ovelhas que havíamos fechado em cercas de vimes, e num dia glorioso abatemos seis dessas feras cinzentas, conseguindo desse modo arranjar mais seis novas caudas de lobo para os meus elmos de guerra. Os meus homens haviam começado a usar semelhantes caudas nos picos dos seus elmos, nos profundos bosques da Armórica onde havíamos combatido os Francos, porque os havíamos surpreendido com um ataque súbito como feras devastadoras. Eles haviam nos chamado lobos e nós tornáramos o insulto como um elogio. Éramos os Caudas de Lobo, apesar dos nossos escudos, em vez de uma máscara de lobo, terem pintada uma estrela de cinco pontas como tributo prestado a Ceinwyn.

Ceinwyn continuava a insistir que não fugiria para Powys, na Primavera.

Morwenna e Seren podiam ir, afirmou, mas ela ficaria. Eu fiquei zangado com aquela decisão.

- Então, as meninas podem perder tanto o pai como a mãe? - perguntei.

- Se for isso o que os deuses decretarem, sim - disse ela, placidamente e depois encolheu os ombros. - Posso estar sendo egoísta, mas é isso o que pretendo.

- Pretende morrer? É isso egoísmo?

- Eu não quero estar tão longe, Derfel - disse ela. - Sabe o que é estar num país distante enquanto o nosso homem luta? Espera-se, em constante terror. Teme-se todos os mensageiros. Dá-se ouvidos a todos os rumores. Desta vez ficarei.

- Para me dar mais um motivo de preocupação?

- Que homem arrogante você é - disse ela, calmamente. - Acha que não sou capaz de tomar conta de mim?

- Esse pequeno anel não te manterá a salvo dos saxões - afirmei, apontando para o pedaço de ágata no seu dedo.

- Então me manterei a salvo. Não se preocupe, Derfel, não te atrapalharei e não deixarei que me capturem.

No dia seguinte, nasceram os primeiros cordeiros num redil, no sopé da colina

de *Dun Carie*. Era muito cedo para tais nascimentos, mas eu tomei-o como um sinal positivo dos deuses. Antes que Ceinwyn conseguisse evitar, o primeiro desses cordeiros foi sacrificado para garantir que no resto da estação os nascimentos corressem bem. A pequena pele ensanguentada do animal foi pregada a um salgueiro junto à nascente, florindo por baixo dele, no dia seguinte, um acônito, as pequenas pétalas amarelas mostrando os primeiros vestígios de cor na passagem do ano. Também nesse dia vi três guarda-rios brilhando junto às margens geladas da nascente. A vida despontava. Ao amanhecer, depois dos galos nos terem acordado, voltamos a ouvir o canto dos tordos, dos piscos, das cotovias, das carriças e dos pardais.

Artur mandou nos chamar duas semanas após o nascimento dos primeiros cordeiros. A neve havia derretido, e o seu mensageiro caminhara com dificuldade pelas estradas lamacentas para nos trazer as convocatórias exigindo a nossa presença no palácio de Lindinis. Devíamos estar lá nos festejos do Imbolc, a primeira festividade após o solstício, e que era dedicada à deusa da fertilidade. No Imbolc, passamos cordeiros recém-nascidos por aros em chamas e depois, quando julgam que ninguém está vendo, as jovens garotas atravessam de um salto os aros incandescentes e tocam com os seus dedos nas cinzas das fogueiras do Imbolc, esfregando a fuligem cinzenta bem fundo entre as suas coxas. Uma criança nascida em Novembro é chamada uma criança do Imbolc e tem as cinzas como mãe e o fogo como pai. Ceinwyn e eu chegamos na tarde da Véspera do Imbolc quando o sol invernoso atirava longas sombras sobre a relva pálida. Os lanceiros de Artur rodeavam o palácio, defendendo-o da hostilidade obstinada das pessoas que se lembravam ainda da invocação mágica de Merlim, da garota brilhante no pátio do palácio.

Para surpresa minha, descobri que o pátio estava preparado para o Imbolc. Artur nunca se importara com semelhantes coisas, deixando a maior parte dos ritos religiosos para Guinevere, e ela nunca celebrara os rudes e campesinos festivais como o Imbolc; mas agora, um grande aro com palha entrançada encontrava-se preparado para receber as chamas no centro do pátio, enquanto uma mão-cheia de cordeiros recém-nascidos estava encerrada com as suas mães no interior de uma pequena cerca de vime.

Culhwuch cumprimentou-nos, fazendo um dissimulado aceno de cabeça para o aro.

- Uma oportunidade de ter outro filho - disse ele a Ceinwyn.

- Por que outro motivo eu estaria aqui? - respondeu ela, dando-lhe um beijo. - E quantos você tem agora?

- Vinte e um - disse ele orgulhoso.

- De quantas mães?

- Dez - fez um sorriso largo, depois deu-me uma palmada nas costas. - Vamos receber as nossas ordens amanhã.

- Vamos?

- Você, eu, Sagramor, Galaad, Lanval, Balin, Morfans Culhwuch - encolheu os ombros - tods nós.

- Argante está aqui? - perguntei.

- Quem você acha que se lembrou do aro? - perguntou ele. - Foi tudo idéia dela.

Trouxe um druida de Demétia, e esta noite, antes de começarmos a comer, todos teremos de venerar Nantosuelta.

- Quem? - perguntou Ceinwyn.

- Uma deusa - disse Culhwuch, despreocupadamente.

Havia tantos deuses e deusas que era impossível alguém, exceto um druida, saber todos os seus nomes, e nem Ceinwyn nem eu alguma vez tínhamos ouvido falar de Nantosuelta.

Apenas vimos Artur e Argante depois de anoitecer quando Hygwydd, a serva de Artur, nos chamou a todos para o pátio iluminado por tochas umedecidas com resina luzindo nas suas aselhas de ferro. Lembrei-me da noite de Merlim que ali passamos e da multidão atemorizada que havia oferecido os seus bebês estropiados e doentes a Olwen, a Prateada. Agora, um grupo de lordes aguardava acanhadamente com as suas damas em cada lado do aro entrançado com palha, enquanto colocadas num estrado no extremo oeste do pátio, estavam três cadeiras cobertas com panos brancos. Um druida, estava de pé, junto ao aro, e presumi que fosse ele o feiticeiro que Argante trouxera do reino de seu pai. Era

um homem baixo e atarracado com uma barba preta em desalinho, entrançada com tufos de pêlo de raposa e pedacinhos de ossos pequenos.

- Ele chama-se Fergal - disse-me Galaad - e odeia os cristãos. Esteve toda a tarde fazendo feitiços contra mim, depois Sagramor chegou e Fergal quase desmaiou de terror. Pensou que via Crom Dubh em pessoa. - Galaad deu uma gargalhada.

De fato, Sagramor podia ser esse deus sombrio, porque estava vestido com couro preto e tinha à cintura uma espada com um punho preto. Chegara a Lindinis com a sua grande e plácida mulher saxônica, Ralla, e os dois mantiveram-se afastados de todos nós, no canto mais longínquo do pátio. Sagramor venerava Mitras, mas tinha pouco tempo para os deuses britânicos, enquanto Ralla ainda orava a Woden, Eostre, Thunor, Fir e Seaxnet: todas elas divindades saxônicas.

Todos os comandantes de Artur estavam presentes, embora, enquanto esperávamos por Artur, eu tivesse pensado nos homens ausentes. Cei, que crescera com Artur na distante Gwynedd, morrera na dumnoniana Isca durante a rebelião de Lancelot.

Fora assassinado por cristãos. Agravain, que durante anos fora o comandante dos cavaleiros de Artur, morrera durante o Inverno, atacado por uma febre. Balin assumira as obrigações de Agravain e trouxera três esposas a *Lindinis* juntamente com um grupo de criancinhas atarracadas que olhavam horrorizadas para Morfans, o homem mais feio da Bretanha, cujo rosto nos era agora tão familiar que nem reparávamos no seu lábio-leporino, no seu pescoço papudo ou no seu queixo torto. À exceção de Gwydre, que era ainda um *rapaz,* eu era provavelmente o homem mais novo que ali se encontrava, e essa percepção chocou-me. Precisávamos de novos senhores da guerra, e foi então que decidi que, mal a guerra contra os Saxões terminasse, daria a Issa o seu próprio grupo de homens. Se Issa sobrevivesse. Se eu sobrevivesse.

Galaad tomava conta de Gwydre e os dois vieram juntar-se a mim e a Ceinwyn.

Galaad sempre fora um homem bem-parecido, mas agora, à medida que chegava à meia-idade, a sua beleza adquiria uma nova dignidade. O seu cabelo dourado brilhante tornara-se grisalho e agora usava uma barba pequena e pontiaguda. Ele e eu sempre fôramos chegados, mas naquele Inverno difícil provavelmente ele esteve mais próximo de Artur do que de qualquer outro. Galaad não presenciara a vergonha de Artur no palácio do mar, e isso, juntamente com a sua serena

simpatia, tornara-o aceite por Artur. Mantendo a voz baixa para que Gwydre não a ouvisse, Ceinwyn perguntou-lhe como estava Artur.

- Quem me dera saber - respondeu ele.

- Está certamente feliz - observou Ceinwyn.

- Porquê?

- Uma nova esposa? - sugeriu Ceinwyn.

Galaad sorriu.

- Quando um homem faz uma viagem, querida Senhora, e lhe roubam o cavalo no seu percurso, precipita-se com frequência ao comprar um substituto.

- E não volta a montá-lo depois de a viagem terminar, conforme me consta -

acrescentei, abruptamente.

- Tem ouvido isso, Derfel? - respondeu Galaad, não confirmando nem negando o rumor. Ele sorriu. - O casamento é um tamanho mistério para mim... - acrescentou, vagamente.

O próprio Galaad nunca casara. De fato, ele nunca assentara desde que Ynys Trebes, a sua terra, caíra nas mãos dos Francos. Desde então, ele estivera na *Dumnônia* e vira uma geração de crianças chegar à idade adulta durante esse período, mas continuava a parecer um forasteiro. Tinha aposentos no palácio, em *Durnovária*, mas mantinha aí pouca mobília e um conforto escasso. Vagueou, errante, ao serviço de Artur, viajando por toda a Bretanha para resolver os problemas com outros reinos, ou então participando com Sagramor em ataques-surpresa, na fronteira saxônica, e parecia mais feliz quando estava ocupado com esses assuntos. Por vezes, suspeitei que ele estava apaixonado por Guinevere, mas Ceinwyn sempre gracejou dessa minha idéia. Galaad, dizia ela, está apaixonado pela perfeição e é enfadonho demais para amar uma mulher real. Ele ama a idéia de mulher, acrescentava Ceinwyn, mas não consegue suportar a realidade da doença, do sangue e da dor. Não mostra qualquer repulsa por tais coisas no campo de batalha, mas isso, declarava Ceinwyn, é porque aí são os homens que são feridos e falíveis, e Galaad nunca idealizou homens, apenas mulheres. E talvez ela tivesse razão. Eu apenas sabia que em determinados

momentos o meu amigo tinha de se sentir só, apesar de nunca se queixar.

- Artur tem muito orgulho em Argante - afirmou então, calmamente, embora num tom de voz que sugeria que deixava algo por dizer.

- Mas ela não é Guinevere! - sugeri.

- Certamente que ela não é Guinevere - concordou Galaad, agradecido por eu dar voz àquela idéia, - embora não seja diferente dela em alguns aspectos.

- Tais como? - perguntou Ceinwyn.

- Ela tem ambições - disse Galaad, dubiamente. - Acha que Artur devia ceder *Silúria* a seu pai.

- Não cabe a ele ceder *Silúria*! - afirmei.

- Não, - concordou Galaad, - mas Argante acha que ele podia conquistá-la.

Cuspi. Para conquistar *Silúria*, Artur teria de combater *Gwent* e até mesmo Powys, os dois países que em conjunto governavam o território.

- Louca - afirmei.

- Ambiciosa, senão mesmo irrealista - corrigiu-me Galaad.

- Você gosta de Argante? - perguntou-lhe Ceinwyn, diretamente.

Ele foi poupado à necessidade de responder, porque a porta do palácio abriu-se de rompante e Artur apareceu finalmente. Envergava o seu habitual traje branco, e o seu rosto, que se tornara tão lúgubre nos últimos meses, parecia, de repente, envelhecido.

Aquele era um cruel destino, porque apoiada no seu braço, vestida *a* ouro, estava a sua nova noiva, que pouco mais era do que uma criança.

Era a primeira vez que eu via Argante, Princesa do Uí Liatháin e irmã de Isolda, e em muitos aspectos ela assemelhava-se à falecida Isolda. Argante era uma criatura frágil, mantendo-se entre a criança e a mulher, e nessa noite da Véspera do Imbolc parecia mais próxima da infância do que da idade adulta, porque

estava envolta numa enorme capa de linho rijo que, certamente, pertencera em tempos a Guinevere. Não havia dúvida de que o vestido era muito grande para Argante, que caminhava, desajeitadamente, nas suas pregas de ouro. Lembro-me de ver a irmã com jóias e de pensar que Isolda parecia uma criança ataviada com o ouro da sua mãe, e Argante dava a mesma impressão de estar brincando com os seus vestidos. E tal como uma criança que finge ser adulta, ela comportava-se com uma solenidade compenetrada para encobrir a sua inata falta de dignidade. Usava o seu cabelo preto lustroso preso numa longa trança que serpenteava em volta do crânio e era mantida firme com um broche de âmbar-negro, a mesma cor dos escudos dos temíveis guerreiros de seu pai. O estilo adulto assentava de forma constrangedora no seu jovem rosto, tal como o pesado *torc* de ouro em volta do seu pescoço parecia maciço demais para a sua garganta delgada. Artur conduziu-a para o estrado, indicando-lhe a cadeira à esquerda, e eu tive dúvidas de que houvesse uma única alma no pátio, quer fosse convidado, druida ou guarda, que não pensasse na parecença entre pai e filha. Houve uma pausa depois de Argante tomar o seu lugar. Foi um momento desconfortável, como se uma parte do ritual tivesse sido esquecida e uma cerimônia solene corresse o risco de se tornar ridícula, mas nessa altura ouviu-se um tumulto junto à porta de entrada, risos abafados e Mordred surgiu.

O nosso Rei coxeou com o seu pé manco e com um sorriso dissimulado no rosto.

Tal como Argante, ele representava um papel, mas ao contrário dela ele era um ator indesejado. Sabia que todos os homens que se encontravam no pátio eram homens de Artur e que todos eles o odiavam e que, enquanto eles fingissem que ele era o seu Rei, viveria apenas pela sua tolerância.

Subiu para o estrado. Artur fez-lhe uma vênia e todos nós o acompanhamos nesse gesto. Mordred, com o seu cabelo espigado, mais rebelde do que nunca, e com a sua barba formando uma feia orla em volta do rosto redondo, assentiu com a cabeça num gesto breve, depois sentou-se na cadeira do centro. Argante lançou-lhe um olhar surpreendentemente amigável. Artur tomou a última cadeira, e aí se sentaram, Imperador, Rei e jovem noiva.

Não pude evitar pensar que Guinevere teria preparado tudo aquilo muito melhor.

Teria havido hidromel quente para beber, mais fogueiras para nos aquecer e música para preencher os embaraçosos silêncios, mas nessa noite ninguém parecia saber o que devia acontecer, até que Argante sibilou para o druida de seu

pai. Fergal lançou um olhar nervoso em volta, depois atravessou apressadamente o pátio e agarrou numa das tochas que estavam nas aselhas. Usou a tocha para acender o aro, depois murmurou feitiços incompreensíveis assim que as chamas atingiram a palha.

Os cinco cordeiros recém-nascidos foram trazidos do redil por escravos. As ovelhas gritavam de forma deplorável pelas suas crias que se contorciam nos braços dos escravos. Fergal esperou até o aro se transformar num círculo de fogo completo, depois ordenou que os cordeiros fossem passados através das chamas. Seguiu-se a confusão.

Os cordeiros, não fazendo a mínima idéia que a fertilidade de *Dumnônia* dependia da sua obediência, correram em todas as direções menos na do fogo e os filhos de Balin juntaram-se felizes à caçada em alvoroço, conseguindo apenas acrescentar-lhe confusão.

Por fim, um a um, os cordeiros foram apanhados e enxotados na direção do aro, e depressa os cinco foram convencidos a saltar pelo círculo de fogo. Todavia, nessa altura, a planejada solenidade do pátio já fora abalada. Argante, que estava sem dúvida habituada a assistir a tais cerimônias muito mais bem representadas na sua nativa Demétia, franziu as sobrancelhas, mas todos nós ríamos e conversávamos. Fergal restituiu a dignidade da noite ao soltar, de repente, um grito selvagem que nos gelou a todos. O druida estava de pé, com a sua cabeça inclinada para trás, fitando as nuvens, e na sua mão direita estava erguida uma grosseira faca de sílex, enquanto na mão esquerda, lutando indefeso, havia um cordeiro.

- Oh, não - protestou Ceinwyn e virou-se. Gwydre fez uma careta e eu coloquei um braço em volta dos seus ombros.

Fergal bramiu o seu desafio à noite, depois elevou ambos, cordeiro e faca, bem acima da sua cabeça. Voltou a gritar, depois matou o cordeiro, penetrando e rasgando o seu pequeno corpo com a faca tosca e embotada. O cordeiro lutou cada vez com menos força e baliu para a sua mãe que lhe respondia, desesperada, enquanto todo o sangue esguichava do seu velo para o rosto levantado de Fergal e para a sua barba desalinhada com ossos pendurados e tranças de pêlo de raposa.

- Sinto-me muito feliz - murmurou Galaad ao meu ouvido por não viver na

Demétia.

Olhei de relance para Artur enquanto este extraordinário sacrifício tinha lugar e vi um olhar de imediata reação súbita no seu rosto. Depois reparou que eu o observava e o seu rosto endureceu. Com a boca avidamente aberta, Argante inclinava-se para diante para observar o druida. Mordred fazia um sorriso rasgado.

O cordeiro morreu e Fergal, para horror de todos nós, começou a caminhar arrogante pelo pátio, abanando o cadáver e gritando orações. Pingos de sangue salpicaram-nos. Atirei a minha capa, protetoramente, sobre Ceinwyn quando o druida, com o seu próprio rosto escorrendo sangue, passou por nós a dançar. Manifestamente, Artur não tinha a menor idéia de que esta morte bárbara teria lugar. Sem dúvida, pensara que a sua nova noiva planejara uma cerimônia decorosa para anteceder o festim, mas o rito transformara-se numa orgia de sangue. Os cinco cordeiros foram mortos, e quando a última pequena garganta foi cortada pela lâmina escura e romba, Fergal recuou e fez um gesto na direção do aro.

- Nantosuelta os aguarda - gritou-nos ele. - Aqui está ela! Venham até ela!

Era evidente que ele esperava uma resposta, mas nenhum de nós se mexeu.

Sagramor fitava a Lua e Culhwuch perseguia um piolho na sua barba. Pequenas labaredas tremeluziram ao longo do aro e fagulhas de palha ardendo caíram no lugar onde os cadáveres dilacerados e ensanguentados jaziam sobre as pedras do pátio. Ainda assim, nenhum de nós se mexeu.

- Venham a Nantosuelta! - gritou Fergal com uma voz rouca.

Então, Argante levantou-se. Com um encolher de ombros retirou o manto de ouro, mostrando um vestido azul simples que a fazia parecer ainda mais infantil. Tinha umas ancas estreitas como as de um rapaz, umas mãos pequenas e um rosto delicado, tão alvo como os velos dos cordeiros haviam sido antes da faca negra lhes ter tirado a vida. Fergal chamou-a.

- Venha - entoou ele - venha até Nantosuelta, ela a chama, venha até Nantosuelta e - continuou o trauteio, chamando Argante à sua deusa.

Argante, agora quase em transe, avançava devagar para frente, fazendo para cada

passo um esforço separado de forma que se movia e parava, movia e parava, à medida que o druida a incitava para continuar.

- Venha até Nantosuelta - entoou Fergal - Nantosuelta a chama, venha até

Nantosuelta.

Argante tinha os olhos fechados. Pelo menos para ela este era um momento terrível, enquanto para todos nós, suponho, era embaraçoso. Artur pareceu consternado, e não era de admirar, pois parecia que ele apenas trocara ísis por Nantosuelta, enquanto Mordred, que em tempos havia sido prometido a Argante, observava com uma expressão impaciente a garota vacilar para frente.

- Venha até Nantosuelta, Nantosuelta a chama - incitava-a Fergal, simplesmente agora a sua voz elevara-se a um grito simulado e feminino.

Argante alcançou o aro e quando o calor das últimas chamas lhe tocou o rosto, ela abriu os olhos e quase pareceu surpresa por se encontrar junto ao fogo da deusa. Ela olhou para Fergal, depois curvou-se de súbito, passando pelo anel fumegante. Sorriu triunfante e Fergal aplaudiu-a, convidando-nos a todos a nos juntarmos ao seu aplauso.

Educadamente o fizemos, embora o nosso, sem entusiasmo, terminasse assim que Argante se inclinou junto dos cordeiros mortos. Ficamos todos em silêncio enquanto ela enfiava um dedo delicado numa das feridas provocadas pela faca. Retirou o dedo e elevou-o para que todos víssemos o sangue espesso na sua extremidade. Depois virou-se, para que Artur pudesse ver. Olhava-o fixamente enquanto abria a boca, mostrando pequenos dentes brancos, depois lentamente colocou o dedo entre os dentes e fechou os lábios à volta dele. Chupou-o até estar limpo. Vi que Gwydre estava estarrecido fitando a madrasta. Ela não era muito mais velha do que ele. Ceinwyn estremeceu e a sua mão agarrou a minha com firmeza.

Argante ainda não havia terminado. Virou-se, molhou o dedo de novo no sangue, e enterrou-o ensanguentado no meio das brasas quentes do aro. Depois, ainda inclinada, tateou por baixo da bainha do seu vestido azul, transferindo o sangue e as cinzas para as suas coxas. Assegurava-se de que teria filhos. Usava o poder de Nantosuelta para iniciar a sua própria dinastia e todos nós éramos testemunhas dessa ambição. Tinha de novo os olhos fechados, quase em êxtase, depois de repente o rito terminou. Ela ergueu-se, de novo com a mão visível e chamou

Artur com um aceno. Pela primeira vez, nessa tarde, ela sorriu e eu vi como era bonita. Tinha uma beleza hirta, no entanto, a seu modo tão insensível como a de Guinevere, mas sem o emaranhado de cabelo brilhante de Guinevere que a suavizasse.

Ela voltou a acenar a Artur, pois parecia que o ritual exigia que também ele tivesse de passar pelo aro. Por um segundo ele hesitou, depois olhou para Gwydre e, incapaz de suportar por mais tempo a superstição, levantou-se e abanou a cabeça.

- Vamos comer - disse ele, com severidade, e depois atenuou o seco convite sorrindo para os convidados, todavia, nesse instante olhei de relance para Argante e vi um olhar de fúria extrema no seu pálido rosto. Por um breve momento pensei que ela fosse gritar com Artur. O seu pequeno corpo estava hirto de tão tenso e tinha os punhos cerrados, mas Fergal, que tal como eu parecera reparar na sua ira, sussurrou-lhe ao ouvido e ela tremeu enquanto a fúria se dissipava. Artur nada notara. - Tragam as tochas

- ordenou ele aos guardas, e as chamas foram levadas para o interior do palácio para iluminar o salão de banquetes. - Venham - disse-nos Artur e nós, reconhecidamente, dirigimo-nos para as portas do palácio.

Argante hesitou, mas Fergal sussurrou-lhe novamente e ela obedeceu ao chamamento de Artur. O druida permaneceu junto ao aro fumegante.

Ceinwyn e eu fomos os últimos convidados a deixar o pátio. Um impulso havia me mantido para trás, e toquei no braço de Ceinwyn puxando-a para o lado, para as sombras da arcada, de onde vimos que mais alguém havia também permanecido no pátio. Depois, quando pareceu já sem ninguém, à exceção das ovelhas ensanguentadas e do druida cheio de sangue, essa pessoa saiu das sombras. Era Mordred. Passou pelo estrado coxeando, percorreu as lajes e deteve-se junto ao aro. Por instantes, ele e o druida olharam-se fixamente, depois Mordred fez um gesto estranho com a mão, como se pedisse autorização para passar pelos restos incandescentes do círculo de fogo. Fergal hesitou e depois, abruptamente, anuiu com a cabeça. Mordred baixou a cabeça e atravessou o aro. Parou no lado mais distante e molhou o dedo no sangue, mas eu não esperei para ver o que ia fazer. Conduzi Ceinwyn para o interior do palácio, onde as chamas fumegantes iluminavam as enormes paredes pintadas com deuses e caçadas romanos.

- Se servirem cordeiro - disse Ceinwyn recuso-me - a comer.

Artur serviu salmão, varrão e veado. Um harpista tocava. Mordred, cuja chegada tardia não foi notada, tomou seu lugar na cabeceira da mesa onde se sentou com um sorriso matreiro no rosto embotado. Não falou com ninguém e ninguém falou com ele, mas de quando em vez olhava de soslaio para a pálida e magra Argante, que parecia ser a única na sala que não retirava qualquer prazer do festim. Vi-a captar o olhar de Mordred uma vez e ambos trocaram encolhimentos de ombros exasperados, como se sugerissem que nos desprezavam a todos. Mas além desse único olhar, ela apenas permaneceu amuada, deixando Artur embaraçado por sua causa, enquanto todos nós fingíamos não reparar na sua disposição. Claro que Mordred apreciou a sua insociabilidade.

Na manhã seguinte fomos caçar. Uma dúzia de nós, todos homens, nos afastamos a cavalo. Ceinwyn gostava de caçar, mas Artur havia lhe pedido que passasse a manhã com Argante e Ceinwyn assentiu, relutante.

Percorremos as matas a oeste, embora sem grande esperança porque Mordred caçava com frequência por entre estas árvores e o batedor tinha dúvidas que aí

encontrássemos caça grossa. Os galgos escoceses de Guinevere, agora ao cuidado de Artur, saltaram para o meio dos troncos escuros e conseguiram levantar uma corça que nos proporcionou um belo galope no meio do arvoredo, mas o batedor deteve os cães ao ver que a corça estava grávida. Artur e eu cavalgáramos tangencialmente à corrida, pensando apanhar a presa no extremo do bosque, mas obrigamos os cavalos a seguir a passo assim que ouvimos as trompas. Artur olhou em volta, como se esperasse encontrar mais alguém que nos acompanhasse, depois resmungou quando viu que estava sozinho comigo.

- Uma situação estranha, a de ontem à noite - disse ele pouco à vontade. - Mas as mulheres gostam destas coisas - acrescentou, negativamente.

- Ceinwyn não gosta - afirmei.

Ele me lançou um olhar cortante. Deveria ter se interrogado se ela me falara da sua proposta de casamento, mas o meu rosto nada traiu e ele deve ter concluído que ela nada dissera.

- Não - disse ele. Voltou a hesitar, depois riu acanhadamente. - Argante acha que eu devia ter passado pelas chamas como forma de marcar o casamento, mas

disse-lhe que não preciso que cordeiros mortos me digam que me casei.

- Não tive oportunidade de felicitá-lo pelo casamento - afirmei, com grande formalidade - por isso deixe que faça isso agora. Ela é uma bonita garota.

Aquilo agradou-lhe.

- É verdade - disse ele, depois corou. - Mas é apenas uma criança.

- Culhwuch diz que todas elas deviam ser tomadas jovens, senhor - disse eu, levianamente.

Ele ignorou a minha frivolidade.

- Eu não pretendia me casar - disse ele em voz baixa.

Eu nada disse. Ele não olhava para mim, fitando antes os terrenos de pouso.

- Mas um homem deve se casar - disse ele com firmeza, como se tentasse convencer-se.

- Efetivamente - concordei.

- E Oengus estava entusiasmado. Assim que a Primavera vier, Derfel, ele trará

todo o seu exército. E os Escudos Negros são bons lutadores.

- Não há melhores, senhor - disse eu, mas perguntei a mim mesmo se Oengus traria os seus guerreiros, quer Artur casasse quer não com Argante.

O que Oengus havia, sem dúvida, desejado era a aliança de Artur contra Cuneglas de Powys, cujas terras os lanceiros de Oengus atacavam constantemente. Mas, de fato, o astuto Rei irlandês havia sugerido a Artur que o casamento garantiria a chegada dos seus Escudos Negros para a campanha da Primavera. O casamento fora obviamente preparado depressa e agora, com a mesma evidência, Artur arrependia-se dele.

- Certamente que ela deseja crianças - disse Artur, pensando ainda nos horripilantes ritos que haviam ensanguentado o pátio de *Lindinis*.

- O senhor não?

- Ainda não - disse ele, concisamente. - Acho que é melhor esperar até a questão dos saxões estar resolvida.

- A propósito da qual - afirmei - tenho um pedido a fazer, da parte da senhora Guinevere.

Artur lançou-me outro olhar cortante, mas nada disse.

- Guinevere teme - continuei - ficar vulnerável se os saxões atacarem pelo Sul. Ela lhe pede que mude o seu cárcere para um local mais seguro.

Artur inclinou-se para frente para acariciar as orelhas do seu cavalo. Esperava que ele ficasse zangado com a menção de Guinevere, mas não mostrou qualquer irritação.

- Talvez os saxões ataquem no Sul - disse ele, calmamente - na verdade espero que o façam, porque então dividirão as suas forças em duas e nós poderemos vencê-las uma de cada vez. Mas o maior perigo, Derfel, é se eles fizerem um único ataque ao longo do Tamisa, e eu tenho de fazer planos para o maior perigo, não para o menor.

- Mas não seria, certamente, prudente - insisti no pedido - afastar tudo o que é

valioso do sul da *Dumnônia*?

Ele se virou para olhar para mim. O seu olhar era trocista, como se me desprezasse por mostrar simpatia por Guinevere.

- Ela é valiosa, Derfel? - perguntou-me ele. - Eu nada disse e Artur desviou os olhos para os fixar nos campos pálidos, onde tordos e melros percorriam os regos à

procura de minhocas. - Deverei matá-la? - perguntou-me, de repente.

- Matar Guinevere? - respondi, chocado com a sugestão, depois concluí que aquelas eram possivelmente palavras de Argante. Ela devia estar ressentida por Guinevere continuar viva depois de ter cometido uma ofensa pela qual a sua irmã

morrera. - A decisão, senhor não é minha, mas sem dúvida que, se era a morte o

que ela merecia, já a devia ter tido há meses! Não agora.

Ele fez uma careta perante este conselho.

- O que irão os saxões fazer-lhe? - perguntou ele.

- Ela acha que a violarão. Suponho que a colocarão num trono.

Ele olhou, ameaçadoramente, a pálida paisagem. Sabia que eu me referia ao trono de Lancelot, e ele imaginava o embaraço de ter o seu inimigo de morte no trono de *Dumnônia* com Guinevere a seu lado e Cerdic garantindo o poder de ambos. Era uma idéia insuportável.

- Se ela correr o risco de ser capturada - disse ele, rudemente, - então a matarei.

Quase não acreditei no que acabara de ouvir. Fiquei olhando para ele, estarrecido, mas ele recusou-se a olhar-me nos olhos.

- Sem dúvida que é mais simples - disse eu - deslocá-la para um lugar seguro.

Não poderá ela ir para *Glevum*?

- Tenho muito com que me preocupar - disse ele, bruscamente - sem ser desperdiçar o pensamento com a segurança de traidores. - Por alguns instantes, o seu rosto pareceu mais zangado do que nunca, mas depois abanou a cabeça e suspirou. -

Sabe quem eu invejo?

- Diga-me, senhor.

- Tewdric.

Dei uma gargalhada.

- Tewdric! Quer ser um monge com obstipação?

- Ele é feliz - disse Artur, com firmeza - encontrou a vida que sempre quis. Eu não quero a tonsura e não me interessa o seu Deus, mas de qualquer modo o invejo. - Fez uma careta. - Esgoto-me preparando-me para uma guerra em que ninguém, exceto eu, acredita que podemos ganhar, e eu não quero nada disso.

Nada disso! Mordred devia ser Rei, nós prestamos o juramento de fazer dele Rei, e se derrotarmos os saxões, Derfel, eu o deixarei governar. - Falou de forma desafiadora, e eu não acreditei nele. - Tudo o que sempre quis foi um palácio, um pedaço de terra, algum gado, colheitas na época própria, madeira para queimar, um ferreiro para trabalhar o ferro e um poço para ter água. Será

isto demais?

Raramente ele se entregava a semelhante autocomiseração, e eu apenas deixei que a sua ira se libertasse. Já por várias vezes ele expressara o sonho de ter uma casa cercada com a sua própria paliçada, resguardada do mundo por densos bosques e vastas planícies *e* povoado apenas com as suas gentes. Agora, porém, com Cerdic e Aelle juntando as suas lanças, ele devia saber que era um sonho impossível.

- Eu não consigo manter a *Dumnônia* para sempre - disse ele - e quando nós conseguirmos derrotar os saxões essa poderá ser o momento certo para deixar que outros homens refreiem Mordred. Quanto a mim, seguirei os passos de Tewdric na felicidade. - Juntou as rédeas. - Agora não posso pensar em Guinevere, mas se ela correr algum perigo, você cuidará dela.

E com esta breve ordem bateu os joelhos e conduziu o seu cavalo, afastando-se.

Eu permaneci no mesmo lugar. Estava aterrado, mas se pensasse em algo mais para além do meu descontentamento por essa ordem, certamente que teria sabido o que me ia no espírito. Ele sabia que eu não mataria Guinevere e, por isso, sabia que ela estava em segurança. No entanto, ao dar me a desapiedada ordem, ele não era obrigado a demonstrar qualquer afeto por ela.

Odi aí amo, excrucior.

Nada matamos, nessa manhã.

À tarde, os guerreiros reuniram-se no salão de banquetes. Mordred estava presente, de costas arqueadas na cadeira que lhe servia de trono. Nada tinha a acrescentar, porque era um rei sem reino, contudo Artur conferia-lhe as devidas cortesias.

De fato, Artur começou por dizer que quando os saxões chegassem, Mordred montaria com ele e que todo o exército lutaria sob o estandarte do dragão

vermelho de Mordred.

Este assentiu a sua concordância, mas que mais podia fazer? Na verdade, e todos nós o sabíamos, Artur não oferecia a Mordred uma oportunidade de redimir a sua reputação no campo de batalha, certificando-se pelo contrário de que ele não lançaria qualquer discórdia. A melhor oportunidade de Mordred voltar a recuperar o seu poder era aliar-se aos nossos inimigos oferecendo-se a Cerdic como um rei fantoche. Em vez disso, ele permaneceria um prisioneiro dos severos guerreiros de Artur.

Depois, Artur confirmou que o rei Meurig de *Gwent* não lutaria. Esta notícia, apesar de não ser surpreendente, foi recebida com um resmungo de ódio. Artur silenciou o protesto. Meurig, afirmou, estava convencido que a guerra que se aproximava não era uma batalha de *Gwent*, mas o Rei havia dado a sua autorização contrariada para que Cuneglas trouxesse o exército de Powys pelo sul, atravessando as terras de *Gwent*, e para que Oengus fizesse os seus Escudos Negros marcharem através do seu reino. Artur nada disse relativamente à vontade de Meurig de governar a *Dumnônia*, talvez por saber que tal anúncio apenas faria com que ficássemos ainda mais zangados com o Rei de *Gwent*, e Artur desejava ainda de alguma forma mudar a opinião de Meurig e, por isso, não quis provocar mais ódio entre nós e *Gwent*. As forças de Powys e Demétia, afirmou Artur, se juntariam em *Corinium*, porque essa cidade romana rodeada de muralhas deveria ser a base de Artur e o lugar onde todas as nossas provisões deveriam estar concentradas.

- Começamos a abastecer *Corinium*, amanhã - disse Artur. - Quero-a farta em mantimentos, porque será lá que iremos travar a nossa batalha. - Fez uma pausa. - Uma longa batalha com todas as suas forças contra todos os homens que conseguirmos reunir.

- Um cerco? - perguntou Culhwuch, surpreso.

- Não - respondeu Artur.

Explicou que a sua intenção era usar *Corinium* como um engodo. Os Saxões cedo saberiam que a cidade estava cheia de carne salgada, peixe seco e cereais e, tal como acontecia normalmente, eles próprios ficariam sem comida e, desse modo, seriam atraídos a *Corinium* como uma raposa a um lago de patos. E era aí que ele planejara destruí-los.

- Eles a sitiarão - disse ele - e Morfans a defenderá.

Morfans, prevenido de tal incumbência, assentiu a sua concordância.

- Todavia, os restantes - continuou Artur - estaremos nas colinas ao norte da cidade. Cerdic ouvirá e saberá que tem de nos destruir, por isso quebrará o seu cerco.

Nessa altura, combateremos no local que escolhermos.

Todo o plano dependia do avanço dos dois exércitos saxões pelo vale do Tamisa, e tudo indicava que esta era, de fato, a intenção dos saxões. Eles reforçavam Londres e Pontes com provisões e não faziam quaisquer preparativos na fronteira sul. Culhwuch, que vigiava essa fronteira a sul, penetrara bem no interior de *Lloegyr* e disse-nos que não havia visto nenhuma concentração de lanceiros, nem qualquer indicação de que Cerdic estava armazenando cereais ou carne em Venta ou em qualquer outra das cidades fronteiriças. Tudo apontava, segundo Artur, para um assalto simples, brutal e arrasador acima do Tamisa dirigido à margem do mar *Severn* com a batalha decisiva sendo travada em algum lugar próximo de *Corinium*. Os homens de Sagramor haviam construído enormes sinalizações luminosas nos cumes das colinas de cada um dos lados do vale do Tamisa, e ainda mais sinalizações haviam sido erguidas nas colinas que se espalhavam para sul e para oeste da *Dumnônia*. Quando víssemos a fumaça dessas fogueiras todos deveríamos dirigir-nos para os nossos lugares.

- Isso será apenas depois do *Beltain* - disse Artur.

Ele tinha espiões, tanto no castelo de Aelle como no de Cerdic, e todos haviam afirmado que os saxões aguardariam até depois das festividades em honra da sua deusa Eostre, que seriam celebradas durante uma semana inteira a seguir ao *Beltain*. Artur explicou que os Saxões desejavam ter a bênção da deusa e queriam dar aos seus novos barcos tempo para atravessarem o mar com os seus cascos cheios com homens ainda mais sedentos de luta.

Todavia, depois das festividades de Eostre, afirmou, os saxões avançariam e ele os deixaria penetrar bem no interior da *Dumnônia* sem oferecer resistência, embora planejasse persegui-los durante o percurso. Sagramor, com os seus lanceiros endurecidos pelas batalhas, bateria em retirada diante da horda de saxões mas ofereceria toda a resistência com um pequeno escudo defensivo, enquanto Artur se juntaria ao exército aliado em *Corinium*.

Culhwuch e eu tínhamos instruções diferentes. A nossa tarefa era defender as colinas a sul do vale do Tamisa. Não devíamos esperar derrotar qualquer arremetida de saxões determinados que viesse do sul dessas colinas, mas Artur não contava com um ataque semelhante. Os saxões, dizia ele vezes sem conta, continuariam a marchar para oeste, até mesmo para oeste ao longo do Tamisa, mas seriam obrigados a fazer ataques súbitos nas montanhas, a sul, em busca de cereais e gado. A nossa tarefa era travar esses ataques súbitos, e com isto forçá-los a seguirem para norte. Isso levaria os saxões a atravessarem a fronteira gwentiana, o que poderia incitar Meurig a uma declaração de guerra. A esperança não revelada nessa idéia, embora todos os que nos encontrávamos naquele aposento cheio de fumaça a compreendêssemos pelo menos, era que sem os lanceiros bem treinados de *Gwent* a grande batalha perto de *Corinium* seria uma questão verdadeiramente desesperada.

- Por isso combatam-nos duramente - disse Artur, dirigindo-se a Culhwuch e a mim. - Matem os seus forrageados, assustem-nos, mas não sejam surpreendidos na batalha. Persigam-nos, assustem-nos, mas quando eles estiverem a um dia de caminho de *Corinium*, deixem-nos em paz. Prossigam apenas para se juntarem a mim.

Ele precisaria de todos os lanceiros que conseguisse reunir para travar essa grande batalha às portas de *Corinium*, e Artur parecia ter certeza que nós conseguiríamos vencer, desde que as nossas forças estivessem em terreno elevado.

Era, à sua maneira, um bom plano. Os saxões seriam atraídos bem para o interior da *Dumnônia* e aí seriam forçados a atacar subindo uma colina íngreme qualquer. Mas o plano dependia do inimigo fazer exatamente o que Artur pretendia, e Cerdic, pensei, não era um homem obsequiador. Contudo, Artur parecia bastante confiante, e pelo menos isso era reconfortante.

Regressamos todos para casa. Tornei-me pouco popular por revistar todas as casas da minha região e por confiscar cereais, carne salgada e peixe seco. Deixamos mantimentos suficientes para as pessoas se alimentarem, mas enviamos o resto para *Corinium*, para o exército de Artur. Aquela era uma questão desagradável, porque os camponeses temiam a fome quase tanto como os lanceiros do inimigo, e nós fomos forçados a procurar esconderijos e a ignorar os gritos das mulheres que nos acusavam de tirania. Eram preferíveis as nossas buscas, disse-lhes eu, do que os saques dos saxões.

Também nós nos preparamos para a batalha. Aprestei o meu ornamento de guerra *e* os meus escravos olearam o justilho de couro, poliram a cota de malha, alisaram o penacho de pêlo de lobo do elmo e voltaram a pintar a estrela branca no meu pesado escudo. Chegou o novo ano, com os primeiros sons dos melros. Tordoveias cantavam nos altos galhos dos larícios, por trás da colina de *Dun Carie*, e pagamos às crianças da vila para que corressem com púcaros e paus pelos pomares de maçãs para afugentar os piscos que roubavam as minúsculas bagas de fruta. Os pardais faziam ninhos e o ribeiro cintilava com o regresso dos salmões. O crepúsculo tornava-se ruidoso por causa dos bandos de lavandiscas malhadas. Em poucas semanas havia flores nas aveleiras, violetas-sem-perfume nas matas e estróbilos com laivos dourados nos salgueiros. Lebres-macho bailavam nos campos onde brincavam os cordeiros. Em Março, havia um magote de sapos e eu temi o seu significado, mas Merlim não se encontrava ali para interpelá-lo, porque tanto ele como Nimue haviam desaparecido e parecia que tínhamos de lutar sem o seu auxílio. As cotovias cantavam e as pegas predadoras procuravam ovos acabados de pôr ao longo das sebes que ainda não tinham qualquer folhagem.

Por fim, surgiram as folhas e, com elas, notícias dos primeiros guerreiros que chegavam de *Powys* pelo sul. Eram escassos em número, porque Cuneglas não quisera esgotar as provisões de alimentos que estavam empilhadas em *Corinium*, mas a sua chegada foi uma amostra do grande exército que Cuneglas conduziria para sul depois do *Beltain*. Os nossos vitelos haviam nascido, a manteiga estava batida e Ceinwyn afadigava-se limpando o palácio depois do longo e fuliginoso Inverno.

Foram dias estranhos e amargos, porque havia a promessa de guerra numa nova Primavera que, subitamente, se revelava gloriosa, com os céus cheios de sol e os prados floridos. Os cristãos pregavam ”os últimos dias”, referindo-se àqueles tempos antes do fim do mundo, e talvez nesse momento as pessoas sintam o que nós sentimos nessa doce e bela Primavera. Havia uma qualidade irreal para a vida diária que tornava todas as pequenas tarefas especiais. Talvez esta fosse a última vez que queimávamos a palha de Inverno das nossas camas e talvez a última vez que trazíamos ao mundo um vitelo todo ensanguentado de dentro do ventre da sua mãe. Tudo era especial, porque tudo estava ameaçado.

Também percebemos que o *Beltain* que se aproximava podia ser o último a que assistiríamos como família e, por isso, tentamos fazer com que fosse memorável. O

Beltain saúda a vida do novo ano, e na véspera do festim deixamos que todas as fogueiras se extinguissem em *Dun Carie*. As lareiras das cozinhas, que haviam ardido o Inverno inteiro, estiveram o dia todo sem ser alimentadas e, à noite, nada mais havia do que brasas. Nós as apagamos, limpamos os fogões e depois ateamos novos fogos, enquanto na colina a leste da vila amontoamos duas enormes pilhas de lenha, uma das quais colocada em medas próximo da árvore sagrada que Pyrlig, o nosso bardo, escolhera. Era uma jovem aveleira que tínhamos cortado e transportado cerimoniosamente pela vila, atravessando o ribeiro e subindo a colina. A árvore tinha pendurados pedaços de roupa, e todas as casas, bem como o próprio castelo, estavam cobertas com jovens galhos de aveleira.

Nessa noite, por toda a Bretanha, as fogueiras foram extintas. Na Véspera do *Beltain* reinava a escuridão. O festim teve lugar no nosso palácio, mas não havia nenhuma lareira para cozinhar nem nenhuma chama que iluminasse os altos barrotes.

Não havia nenhuma luz em parte alguma, exceto nas cidades cristãs onde as pessoas espevitavam as suas fogueiras para desafiar os deuses. Contudo, no campo, tudo mergulhava na escuridão. Ao anoitecer, tínhamos subido a colina, uma massa de aldeãos e de lanceiros levando gado e ovelhas que foram colocados em cercas de vime. Algumas crianças brincavam, mas quando a escuridão se intensificou as crianças menores adormeceram e os seus corpinhos deitaram-se na relva como os restantes de nós, reunidos junto das fogueiras apagadas, e aí cantamos o Lamento de Annwn.

Então, na zona mais escura da noite, fizemos a fogueira do novo ano. Pyrlig ateou a chama friccionando dois paus, enquanto Issa deitava, cuidadosamente, aparas de larícios para o meio das fagulhas que libertavam um pequeno pedaço de fumaça. Os dois homens inclinaram-se para a chama minúscula, assopraram-na, inflamaram-na ainda mais e, por fim, uma chama forte surgiu, começando todos nós a entoar o Cântico de Belenos, enquanto Pyrlig levava o novo fogo para as duas pilhas de lenha. As crianças que dormiam acordaram e correram à procura dos pais, enquanto as chamas do *Beltain* subiam, longas e brilhantes.

Foi sacrificado um bode depois das fogueiras estarem ardendo. Ceinwyn, como sempre, virou-se quando a garganta do animal foi cortada e enquanto Pyrlig espalhava o seu sangue pela relva. Atirou o corpo do bode para a fogueira onde ardia a aveleira sagrada, depois os aldeãos reuniram o seu gado e as cabras e

conduziram-nos por entre os dois enormes braseiros. Penduramos colares de palha entrançada em volta dos pescoços das vacas, e depois observamos as jovens dançando por entre as fogueiras, pretendendo que os deuses abençoassem os seus ventres. Haviam dançado por entre as fogueiras no Imbolc, mas voltavam a fazê-lo no *Beltain*.

Este era o primeiro ano que Morwenna tinha idade suficiente para fazê-li, e eu senti uma ponta de tristeza ao observar a minha filha serpenteando e saltando. Ela parecia tão feliz. Pensava no casamento e sonhava com filhos, contudo, dentro de poucas semanas, pensei, podia estar morta ou ter sido feita escrava.

Este pensamento encheu-me de uma imensa ira, fazendo com que me virasse de costas para as nossas fogueiras, mas sobressaltei-me ao ver as chamas brilhantes de outras fogueiras do *Beltain* ardendo ao longe. Por toda a *Dumnônia* ardiam fogueiras para saudar a chegada do novo ano.

Os meus lanceiros haviam levado para o topo da colina dois enormes caldeirões de ferro e nós enchemos o seu interior com lenha queimando. Depois nos apressamos a descer a colina com os dois recipientes em chamas. Uma vez na vila, o novo fogo foi distribuído, cada cabana retirando uma chama da fogueira e colocando-a na madeira que se encontrava no fogão. Por último, fomos para o palácio e levamos o novo fogo para o interior das cozinhas. Por essa hora era já quase manhã, e os aldeãos amontoavam-se no interior da paliçada aguardando o nascer do Sol. No preciso instante em que surgiram os primeiros raios de luz brilhante por cima do horizonte a leste, entoamos a canção do nascimento do Lugh; um hino festivo e dançante de regozijo. Viramo-nos para leste enquanto dávamos as boas-vindas ao Sol, e mesmo para lá do horizonte conseguíamos ver a fumaça lenta e escura do *Beltain*, elevando-se no céu cada vez mais pálido.

Começamos a preparar a refeição assim que o fogo espevitou nos fogões. Eu planejara um enorme festim para a vila, pensando que este poderia ser o nosso último dia de felicidade por longo tempo. O povo raramente comia carne, mas no *Beltain* tínhamos cinco veados, dois javalis, três porcos e seis cabras para assar; tínhamos barris de hidromel recém-fermentado e dez cestos de pão, cozido nos fogos da antiga estação.

Havia queijo, nozes com mel e bolo de farinha de aveia com a cruz de *Beltain* levemente queimada na côdea. Dentro de aproximadamente uma semana viriam os saxões, por isso esta era o momento de fazer uma festa que ajudasse as nossas

gentes a passar os horrores que se aproximavam.

Os aldeãos faziam jogos enquanto a carne era preparada. Havia corridas a pé

pela rua, combates e uma competição para ver quem conseguia levantar o maior peso. As garotas entrançavam flores nos seus cabelos e, muito antes do festim ter início, vi casais escapulindo-se. Comemos à tarde, e enquanto nos banqueteamos, os poetas recitaram versos e os bardos da vila cantaram para nós, sendo o sucesso das suas composições ajuizado pela quantidade de aplausos que cada um conseguiu obter. Dei ouro a todos os bardos e poetas, até mesmo aos piores, e destes houve muitos. A maior parte dos poetas era jovem que, corando, declamavam versos desengraçados dirigidos às suas amadas; as garotas pareciam envergonhadas e os aldeãos zombavam, riam e depois pediam que cada uma recompensasse o poeta com um beijo. Todavia, se o beijo fosse demasiado fugidio, o casal seria mantido com os rostos juntos e obrigado a beijar como devia ser. A poesia tornava-se visivelmente melhor à medida que bebíamos.

Eu bebi demais. Na verdade, todos festejamos bem e bebemos ainda melhor. A determinada altura fui desafiado para um jogo de luta pelo camponês mais rico da vila e a multidão exigiu que eu o aceitasse. Desse modo, já meio bêbado, cravei as mãos no corpo do camponês e ele me fez o mesmo, e consegui sentir o cheiro dos vapores do hidromel no seu hálito, tal como ele sentia, sem dúvida, no meu. Tentou levantar-me, eu tentei levantá-lo, e nenhum de nós conseguiu mover o outro, por isso ficamos ali, de pé, olhando para a cabeça um do outro como veados em luta, enquanto a multidão motejava do nosso triste desempenho. No fim voltei-o, mas apenas porque ele estava mais bêbado do que eu. Continuei a beber, tentando talvez esquecer o futuro.

Ao cair da noite sentia-me enjoado. Fui até à plataforma de luta que havíamos construído no talude leste e aí inclinei-me no alto do muro e olhei, fixamente, para o horizonte que começava a escurecer. Dois fios de fumaça espalhavam-se saindo do topo da colina onde havíamos ateado as nossas novas fogueiras noturnas, apesar de para a minha mente cheia de hidromel parecer que eram pelo menos uma dúzia de piras de fumaça. Ceinwyn subiu para a plataforma e riu do meu rosto sombrio.

- Você está bêbado - disse ela.

- Estou - concordei.

- Vai dormir como um porco - afirmou, acusadoramente, - e também ressonará

como um porco.

- É *Beltain* - disse eu desculpando-me, e fiz um gesto com a mão para os distantes fios de fumaça.

Ela inclinou-se ao meu lado sobre o parapeito. Tinha flores de abrunho entrelaçadas no cabelo dourado e estava mais bonita do que nunca.

- Temos de falar com Artur sobre Gwydre - disse ela.

- *Sobre* o casamento com Morwenna? - perguntei, depois fiz uma pausa para organizar os meus pensamentos. - Ultimamente, Artur parece tão pouco amistoso -

consegui finalmente dizer - e talvez ele tenha em mente casar Gwydre com outra garota.

- Talvez ele tenha isso em mente - disse Ceinwyn, calmamente - e nesse caso devíamos encontrar alguém para Morwenna.

- Quem?

- É exatamente nisso que quero que pense - disse Ceinwyn - quando estiver sóbrio. Talvez um dos filhos de Culhwuch? - Espreitou para as sombras da noite, no sopé

da colina de *Dun Carie*. Havia aí um emaranhado de arbustos na base da encosta e conseguiu ver um casal ativo no meio das folhas. - Aquela é Morfudd.

- Quem?

- Morfudd - respondeu Ceinwyn - a leiteira. Está para chegar outro bebê, suponho.

É mesmo hora dela casar. - Suspirou e olhou fixamente para o horizonte. Durante muito tempo permaneceu em silêncio, depois franziu o sobrolho. - Não acha que este ano há

mais fogueiras do que no ano passado? - perguntou ela.

Respeitosamente fitei o horizonte, mas para ser honesto não conseguia distinguir o rasto de uma fumaça de outra.

- É possível - disse eu, evasivamente. Ela continuou a franzir o sobrolho.

- Ou talvez não sejam de todo fogueiras do *Beltain*.

- Claro que são! - disse eu com toda a certeza de um homem bêbado.

- Mas sinalizações luminosas - continuou ela.

Passaram alguns instantes até as suas palavras fazerem sentido para mim.

Depois, de repente, deixei de me sentir embriagado. Sentia-me enjoado, mas não bêbado. Olhei fixamente para leste. Um grande número de linhas verticais manchava o céu com o sua fumaça, mas duas das linhas eram muito mais espessas do que as outras e ainda mais espessas para serem os restos de fogueiras acesas na noite anterior e deixadas extinguindo-se de madrugada.

E, de repente, de forma chocante, percebi que eram sinalizações luminosas de aviso. Os saxões não haviam esperado até passarem as festividades de Eostre, tinham antes vindo no *Beltain*. Eles sabiam que tínhamos preparado sinalizações de aviso, mas também sabiam que as fogueiras do *Beltain* estariam acesas no topo das colinas por toda a *Dumnônia*, e deveriam ter calculado que não notaríamos as sinalizações luminosas de aviso durante o ritual das fogueiras. Eles haviam nos enganado. Nós tínhamos festejado, nos embriagado até ficarmos insensíveis, e durante todo esse tempo os saxões atacavam.

E, *Dumnônia* estava em guerra.

Eu era o comandante de setenta guerreiros experientes, mas também comandava outros cento e dez mais jovens que treinara durante o Inverno. Esses cento e oitenta homens representavam aproximadamente um terço de todos os lanceiros da *Dumnônia*, mas apenas dezesseis estavam preparados para avançar ao amanhecer. Os restantes, ou ainda estavam bêbados ou estavam de tal modo debilitados que ignoraram as minhas pragas e maldições. Issa e eu arrastamos os que estavam em estado mais calamitoso para o ribeiro e os atiramos para a água gelada, mas pouco resultado teve. Eu apenas podia esperar, hora após hora, que

mais homens recuperassem a consciência.

Um grande número de saxões sóbrios podia ter arrasado *Dun Carie* nessa manhã.

As fogueiras de sinalização ainda ardiam, dizendo-nos que os saxões se aproximavam, e eu senti uma terrível culpa por ter decepcionado tanto Artur. Mais tarde soube que quase todos os guerreiros de *Dumnônia* estavam igualmente inconscientes nessa manhã, apesar dos cento e vinte homens de Sagramor terem permanecido sóbrios e terem cumpridoramente batido em retirada diante dos exércitos saxões que avançavam.

Os restantes de nós, porém, cambaleávamos, nos esforçávamos por vomitar, arfávamos e engolíamos água como cães.

Pelo meio do dia, a maioria dos meus homens estava de pé e apenas alguns estavam prontos para uma longa caminhada. A minha armadura, o meu escudo e lanças de guerra estavam aprestados num cavalo de carga, enquanto dez mulas levavam os cestos de mantimentos que Ceinwyn tão apressadamente enchera durante toda a manhã.

Ela aguardaria em *Dun Carie*, quer pela vitória, ou mais provavelmente, por um mensageiro que lhe dissesse para fugir.

Então, alguns instantes depois do meio-dia, tudo mudou.

Um cavaleiro chegou do sul num cavalo todo suado. Era Einion, o filho mais velho de Culhwuch, que tinha levado o seu cavalo quase à exaustão na tentativa frenética de nos alcançar. Por pouco não caiu da sela.

- Senhor - arfou ele, depois tropeçou, equilibrou-se e fez-me uma vênia descuidada. Durante alguns instantes ele esteve aflito demais e sem fôlego para falar, mas depois as palavras saíram-lhe precipitadamente numa excitação frenética. Contudo, estava tão ansioso por entregar a sua mensagem e antecipara de tal modo o drama do momento que foi incapaz de fazer qualquer sentido, apesar de eu ter percebido que ele vinha do sul e que os saxões avançavam nessa zona. Levei-o para um banco junto ao palácio e o fiz sentar-se.

- Bem-vindo a *Dun Carie*, Einion Culhwuch - disse eu, com grande formalidade -

repita tudo o que disse.

- Os saxões, senhor - disse ele, - atacaram Dunum.

Então, Guinevere tivera razão e os saxões haviam entrado pelo sul. Tinham vindo pelas terras de Cerdic, para lá de Venta, e estavam já bem no interior da *Dumnônia*. *Dunum*, a nossa fortaleza perto da costa, caíra na véspera ao amanhecer. Culhwuch abandonara o forte, em vez de ver os seus cem homens derrotados, e agora batia em retirada diante do inimigo. Einion, um jovem com a mesma estatura atarracada de seu pai, olhava-me funestamente.

- Eles são muitos, senhor.

Os saxões haviam feito de nós tolos. Primeiro, haviam-nos convencido de que não queriam atacar pelo sul, depois haviam atacado na noite das nossas festividades, sabendo que iríamos confundir as distantes fogueiras de aviso com as chamas do *Beltain* e, agora, estavam à vontade no nosso flanco sul. Calculei que Aelle descia o Tamisa, enquanto as tropas de Cerdic tomavam livremente a sua posição junto à costa. Einion não tinha certeza se o próprio Cerdic comandava o ataque do sul, porque não vira o estandarte do Rei saxão com a caveira do lobo pendurada e pintada de vermelho e a pele esfolada de um homem que haviam morto, tendo pelo contrário visto a bandeira de Lancelot da águia-marinha com o peixe preso nas suas garras. Culhwuch acreditava que Lancelot dirigia os seus próprios seguidores e mais duzentos ou trezentos saxões.

- Onde estavam eles quando você partiu? - perguntei a Einion.

- Ainda a sul de Sorviodunum, senhor.

- E o seu pai?

- Ele estava na cidade, senhor, mas não se atrevia a deixar-se cercar.

Então Culhwuch preferia entregar a fortaleza de Sorviodunum a ver-se cercado.

- Ele quer que eu o reforce? - perguntei. Einion abanou a cabeça.

- Ele enviou uma comunicação para *Durnovária*, senhor, dizendo ao povo que fosse para norte. Ele acha que devia protegê-los e levá-los para *Corinium*.

- Quem está em *Durnovária*? - perguntei.

- A princesa Argante, senhor.

Blasfemei em voz baixa. A nova mulher de Artur não podia ser simplesmente abandonada, e então percebi a sugestão de Culhwuch. Ele sabia que Lancelot não podia ser travado, por isso queria que eu resgatasse tudo o que tinha valor na zona central da *Dumnônia* e retirasse para norte em direção a *Corinium*, enquanto Culhwuch fazia o possível para retardar o inimigo. Era uma estratégia desesperada e de emergência e no final, nós teríamos entregado a maior parte da *Dumnônia* às forças inimigas, embora houvesse ainda a possibilidade de todos conseguirmos chegar ao mesmo tempo a *Corinium* para travar a batalha de Artur. Mas, para resgatar Argante, eu teria de abandonar os planos de Artur de arrasar os saxões nas colinas a sul do Tamisa. Era uma pena, mas raramente as guerras se desenrolam de acordo com os planos.

- Artur sabe disso? - perguntei a Einion.

- O meu irmão dirige-se ao seu encontro - garantiu-me Einion, o que significava que Artur ainda não sabia das notícias. O irmão de Einion chegaria apenas ao fim da tarde a *Corinium*, onde Artur passara o *Beltain*. Entretanto, Culhwuch estava perdido em algum lugar no sul da vasta planície, enquanto o exército de Lancelot se encontrava.

Onde? Provavelmente, Aelle ainda se dirigia para oeste, e talvez Cerdic estivesse com ele, o que significava que Lancelot podia continuar ao longo da costa e conquistar *Durnovária*, ou então virar para norte e seguir Culhwuch em direção a *Caer Cadarn* e *Dun Carie*. ”Mas em qualquer dos casos”, pensei, ”esta região estaria repleta de lanceiros saxões em apenas três ou quatro dias.”

Dei a Einion um cavalo vigoroso e enviei-o para norte, ao encontro de Artur, com a mensagem de que eu levaria Argante para *Corinium*, mas sugerindo que ele enviasse cavaleiros para *Aquae Sulis* ao nosso encontro, para depois a levarem para norte. Enviei, então, Issa e cinquenta dos meus melhores homens para sul, para *Durnovária*. Ordenei-lhes que caminhassem depressa e fossem leves, transportando apenas as suas armas, e preveni ainda Issa para a probabilidade de encontrar Argante e os outros fugitivos de *Durnovária* dirigindo-se para norte, pela estrada. Issa devia levá-los a todos para *Dun Carie*.

- Com sorte - disse-lhe eu – você estará de volta amanhã pelo cair da noite.

Ceinwyn fez os preparativos para a sua partida. Esta não era a primeira vez que fugia da guerra, e sabia bem que ela e as nossas filhas apenas podiam levar o que conseguissem transportar. Tudo o resto tinha de ser abandonado, por isso dois lanceiros escavaram uma gruta na encosta da colma de *Dun Carie* e ela escondeu aí o nosso ouro e a nossa prata. Depois disso, os dois homens encheram o buraco e disfarçaram-no com turfa. Os aldeões faziam o mesmo com potes de cozinha, pás, pedras de amolar, fusos, peneiras, de fato, tudo o que fosse muito pesado para transportar e valioso demais para perder. Por toda a *Dumnônia* enterravam-se tais valores.

Eu pouco podia fazer em *Dun Carie* a não ser aguardar o regresso de Issa, por isso rumei para sul, para *Caer Cadarn* e *Lindinis*. Nós mantínhamos uma pequena guarnição em *Caer Cadarn*, não por uma qualquer razão militar, mas porque a colina era o nosso local real e, por isso, merecia ser guardado. Essa guarnição era composta por um elevado número de homens idosos, na sua maioria mutilados, e dos vinte apenas cinco ou seis seriam verdadeiramente úteis nos escudos defensivos. Eu, porém, ordenei que todos se dirigissem para norte, para *Dun Carie*, depois virei a mula para oeste na direção de Lindinis.

Mordred pressentira as terríveis notícias. Os rumores passavam pelo campo a uma velocidade inimaginável, e embora nenhum mensageiro tivesse ido ao palácio, ele calculou qual fosse a minha missão. Fiz-lhe uma vênia e depois, delicadamente, pedi-lhe que se aprontasse para deixar o palácio dentro de uma hora.

- Oh, isso é impossível! - disse ele com o seu rosto redondo, traindo o seu contentamento pelo caos que ameaçava a *Dumnônia*. Mordred sempre se deleitara com o infortúnio.

- Impossível, meu rei e senhor? - perguntei.

Com a mão percorreu o salão do trono cheio de mobília romana, na sua maioria lascada ou já sem os seus embutidos, mas ainda suntuosa e bela.

- Tenho coisas para embalar - disse ele, - pessoas para visitar. Talvez amanhã?

- Rumará para norte, para *Corinium* dentro de uma hora, meu rei e senhor -

afirmei com brusquidão.

Era importante retirar Mordred do caminho dos saxões, razão pela qual eu fora até ali em vez de me dirigir para sul, ao encontro de Argante. Se Mordred tivesse ficado, seria, sem dúvida, usado por Aelle e por Cerdic, e Mordred sabia. Por instantes, me pareceu que ia argumentar, depois ordenou que deixasse os aposentos e gritou por um escravo para que aprestasse a sua armadura. Depois de muito procurar, encontrei Lanval, o velho lanceiro que Artur encarregara da guarda do Rei.

- Leve todos os cavalos que estão no estábulo - disse eu a Lanval - e escolte o imbecil para *Corinium*. Entregue-o pessoalmente a Artur.

Mordred partiu daí a uma hora. O rei cavalgou na sua armadura e com o seu estandarte esvoaçando. Quase lhe ordenei que o enrolasse, porque a visão do dragão apenas provocaria mais rumores na região. Contudo, talvez não fosse má idéia espalhar o alarme, porque as pessoas precisam de tempo para se preparar e para esconderem os seus bens. Observei os cavalos do Rei atravessando ruidosamente o portão e virando para norte, depois regressei ao palácio onde o camareiro, um lanceiro coxo chamado Dyrrig, gritava aos escravos que reunissem os tesouros do palácio. Tocheiros, potes e caldeirões eram levados para o jardim dos fundos para serem escondidos num poço seco, enquanto colchas, linhos e roupas eram empilhados em carroças para serem escondidos nos bosques mais próximos.

- A mobília pode ficar - disse-me Dyrrig com amargura. - Os saxões podem ficar com ela.

Vagueei pelos aposentos do palácio e tentei imaginar os saxões, em grande assuada por entre os pilares, esmagando as frágeis cadeiras e destruindo os delicados mosaicos. Quem viria viver aqui, pensei? Cerdic? Lancelot? Se alguém fosse, conclui, seria Lancelot, porque parecia que os saxões não tinham gosto para o luxo romano. Eles haviam deixado apodrecer lugares como *Lindinis* e haviam construído as suas próprias casas senhoriais de madeira e colmo nas imediações.

Detive-me no salão do trono, tentando imaginá-lo forrado com os espelhos de que Lancelot tanto gostava. Ele vivia num mundo de metal polido para que pudesse admirar, constantemente, a sua própria beleza. Ou talvez Cerdic destruísse o palácio para mostrar que o mundo antigo da Bretanha terminara e que o novo e brutal reinado dos Saxões começava. Foi um momento melancólico

e auto-indulgente, quebrado com a entrada de rompante de Dyrrig no salão, arrastando a sua perna estropiada.

- Porei a mobília a salvo se o desejar - disse ele, com má vontade.

- Não - respondi.

Dyrrig retirou com um puxão um cobertor de cima de um sofá.

- O idiota deixou aqui três garotas, e uma delas grávida. Presumo que terei de lhes dar algumas moedas de ouro. Ele não o fez. Mas o que é isto? - Detivera-se atrás da cadeira entalhada que servia de trono a Mordred e eu caminhei para junto dele e vi que havia um buraco no chão. - Não estava aqui ontem - insistiu Dyrrig.

Ajoelhei-me e descobri que toda uma seção do chão de mosaicos fora levantada.

A seção situava-se numa extremidade do aposento, onde ramos de videira formavam uma cercadura em volta da figura central de um deus reclinado, assistido pelas ninfas, e um cacho inteiro de uvas fora cuidadosamente retirado da orla. Vi que as pequenas lajes haviam sido coladas em um pedaço de couro cortado com a forma das uvas e, por baixo delas, estivera uma fileira de pequenos ladrilhos romanos, que formavam agora um monte por baixo da cadeira. Era um esconderijo evidente, que dava acesso aos tubos da antiga câmara de aquecimento que corriam por baixo do chão.

Algo brilhou no fundo da câmara de aquecimento e eu ajoelhei-me e tateei por entre a poeira e detritos, retirando dois pequenos botões de ouro, um pedaço de couro e o que, com uma careta, concluí serem excrementos de rato. Sacudi as mãos para limpá-las, depois entreguei um dos botões a Dyrrig. O outro, que eu examinava, revelava um rosto barbudo, beligerante e com elmo. Era um trabalho grosseiro, mas poderoso pela intensidade do olhar.

- Feito por saxões - afirmei.

- Este também, senhor - disse Dyrrig, e eu vi que o seu botão era quase idêntico ao meu. Espreitei de novo para o interior da câmara de aquecimento, mas não vi mais botões nem moedas. Obviamente, Mordred escondera aí uma grande quantidade de ouro, mas os ratos haviam roído o saco de couro, e, desse modo, ao retirar o tesouro do esconderijo dois dos botões haviam caído.

- Então, por que razão terá Mordred ouro saxão? - perguntei.

- Diga-me o senhor - pediu Dyrrig, cuspindo para dentro do buraco. Dispus, cuidadosamente, as lajes romanas nas baixas aduelas de pedra que suportavam o chão, depois voltei a colocar as lajes revestidas de couro no lugar. Podia calcular a razão por que Mordred tinha ouro em seu poder, e a resposta não me agradou. Mordred estivera presente quando Artur revelara os planos da sua campanha contra os saxões, e essa, pensei, era a razão pela qual os saxões haviam conseguido apanhar-nos desprevenidos.

Eles haviam sabido que nós concentraríamos as nossas forças no Tamisa, por isso durante todo o tempo em que nos levaram a pensar que era esse o local onde o assalto teria lugar, Cerdic organizara lenta e secretamente as suas forças a sul. Mordred havia nos traído. Eu não podia ter certeza disso, porque dois meros botões de ouro não constituíam a prova, mas faziam um terrível sentido. Mordred quisera recuperar o seu poder, e apesar de não conseguir reaver todo esse poder através de Cerdic, certamente conseguiria a vingança, que tanto ambicionava, sobre Artur.

- Como teriam os saxões conseguido falar com Mordred? - perguntei a Dyrrig.

- É simples, senhor. Por aqui passam sempre visitantes - disse Dyrrig. -

Mercadores, bardos, malabaristas, garotas.

- Devíamos ter-lhe cortado a garganta - afirmei, amargamente, colocando o botão no bolso.

- Porque não o fez? - perguntou Dyrrig.

- Porque ele é neto de Uther - expliquei - e Artur nunca permitiria.

Artur jurara proteger Mordred, e esse juramento limitara os movimentos de Artur para sempre. Além disso, Mordred era o nosso Rei legítimo, e nele corria o sangue de todos os nossos reis anteriores até ao próprio *Beli Mawr*. É apesar de Mordred ser um inútil, o seu sangue era sagrado, por isso Artur o mantivera vivo.

- A tarefa de Mordred - disse eu a Dyrrig - é gerar um herdeiro na mulher adequada, mas uma vez que ele nos deu um novo rei será para ele prudente usar

uma gola de ferro.

- Não admira que ele não se case - disse Dyrrig. - E o que acontece se nunca o fizer? Presumo que não haverá herdeiros?

- Aí está uma boa questão - disse eu, - mas derrotemos primeiro os saxões antes de nos preocuparmos com essa resposta.

Deixei Dyrrig disfarçando o velho poço seco com arbustos. Eu podia ter regressado de imediato a *Dun Carie*, porque percebera da gravidade da situação; Issa seguia o seu caminho para escoltar Argante até um local seguro, Mordred fora em segurança para o norte, mas eu tinha ainda uma pequena questão para resolver e, por isso, rumei para norte, pelo Caminho Valado, que seguia junto aos vastos pântanos e lagos que bordejavam *Ynys Wydryn*. As aves canoras estavam barulhentas por entre os juncos enquanto andorinhões em vôos picados se afadigavam enchendo os bicos de lama para fazerem os seus novos ninhos por baixo dos nossos beirais. Cucos cucavam em cima dos salgueiros e dos vidoeiros que circundavam as extremidades do pântano. O sol surgiu na *Dumnônia*, os carvalhos tinham novamente as folhas verdes e as campinas para leste resplandeciam com primaveras e margaridas. Não cavalguei depressa, deixando a minha mula andar a farta-passo até que, alguns quilômetros a norte de *Lindinis*, virei para oeste, para a ponte de terra que conduzia a *Ynys Wydryn*. Até aí, eu servira os melhores interesses de Artur, garantindo a segurança de Argante e protegendo Mordred, mas agora eu arriscava a sua desaprovação. Ou talvez eu fizesse exatamente o que ele sempre quisera que eu fizesse.

Dirigi-me ao santuário do Espinheiro Sagrado, onde encontrei Morgana preparando-se para partir. Ela não ouvira nenhuma notícia fidedigna, apenas os rumores haviam feito o seu trabalho, e soubera que *Ynys Wydryn* estava ameaçada. Contei-lhe o pouco que sabia e depois de ouvir essas escassas notícias espreitou por cima da sua máscara de ouro para me ver.

- Então, onde está o meu esposo - perguntou com uma voz esganiçada.

- Não sei, senhora - respondi.

Tanto quanto eu sabia, Sansum continuava prisioneiro na casa do bispo Emrys, em *Durnovária*.

- Não sabe - disse-me Morgana, com brusquidão, - e não se importa!

- Na verdade, senhora, não me importo - respondi-lhe. - Mas presumo que ele fugirá para norte como todo mundo.

- Então lhe diga que fomos para a *Silúria*. Para *Isca*. Naturalmente, - Morgana estava bem preparada para uma emergência.

Tinha estado embalando os tesouros do santuário antevendo a invasão dos saxões, e havia barqueiros prontos para levar esses tesouros e as mulheres cristãs pelos lagos de *Ynys Wydryn* até à costa, onde outros barcos aguardavam para levá-los para norte, atravessando o mar *Severn* até à *Silúria*.

- E diga a Artur que eu rezo por ele - acrescentou Morgana, - apesar de ele não merecer as minhas orações. Diga-lhe ainda que tenho a sua prostituta em segurança.

- Não, senhora - afirmei, porque essa fora a razão da minha ida a *Ynys Wydryn*.

Até hoje não tenho exata certeza da razão pela qual não deixei que Guinevere fosse com Morgana, mas penso que os deuses me guiaram. Ou então, na agitação do momento quando os saxões fizeram com que os nossos cuidadosos preparativos se precipitassem, eu quisera dar a Guinevere uma última oferenda. Nunca fôramos amigos, mas no meu espírito eu associava-a aos bons velhos tempos, e apesar de ter sido o sua burrice a causar o mal, eu vira quão triste Artur ficara desde que Guinevere desaparecera. Ou talvez soubesse que naqueles tempos terríveis precisávamos de todas as almas fortes que conseguíssemos reunir, e havia poucas almas tão fortes como a da Princesa Guinevere de *Henis-Wyren*.

- Ela vem comigo! - insistiu Morgana.

- Tenho ordens de Artur - insisti com Morgana, e isso resolveu a questão, embora na verdade as ordens do seu irmão fossem terríveis e vagas. Se Guinevere estiver em perigo, dissera-me Artur, eu teria de ir buscá-la ou talvez de matá-la, mas decidira ir buscá-la, e em vez de enviá-la em segurança para além do *Severn*, eu a levaria ainda para mais próximo do perigo.

- É quase como ver uma manada de vacas ameaçada por lobos - disse Guinevere quando cheguei ao seu quarto.

Ela estava de pé, à janela, de onde via as mulheres de Morgana correndo numa

azáfama por entre os seus edifícios e os barcos que aguardavam para lá da paliçada oeste do santuário.

- O que está acontecendo, Derfel?

- Tinha razão, senhora. Os saxões estão atacando pelo sul. - Decidi não lhe dizer que era Lancelot quem comandava esse assalto pelo sul.

- Acha que eles virão aqui? - perguntou ela.

- Não sei. Sei apenas que não podemos defender lugar algum a não ser onde Artur se encontra, e ele está em *Corinium*.

- Por outras palavras - disse ela, sorrindo, - está tudo num alvoroço?

Deu uma gargalhada, pressentindo uma oportunidade nessa confusão.

Envergava as suas habituais vestes pesadas, mas o Sol brilhava através da janela aberta, dando ao seu esplêndido cabelo ruivo uma aura dourada.

- Então, o que quer Artur fazer comigo? - perguntou ela.

A morte? Não, decidi, ele nunca o quisera verdadeiramente. O que ele pretendia era o que a sua alma orgulhosa não o deixaria alcançar.

- Apenas recebi ordens para vir buscá-la, senhora - respondi.

- Para ir para onde, Derfel?

- Pode atravessar o *Severn* com Morgana - respondi, - ou vir comigo. Levo as pessoas para norte, para *Corinium* e atrevo-me a dizer que a partir daí pode viajar para *Glevum*. Ali estará em segurança.

Ela afastou-se da janela e sentou-se numa cadeira junto à lareira vazia.

- Pessoas - disse ela, retirando a palavra da minha frase. - Que pessoas, Derfel?

Corei.

- Argante. Ceinwyn, claro.

Guinevere riu.

- Eu gostaria de conhecer Argante. Acha que ela gostaria de me conhecer?

- Tenho dúvidas quanto a isso, senhora.

- Eu também. Imagino que ela preferiria que eu estivesse morta. Então, posso viajar com você para *Corinium*, ou ir para a *Silúria* com as vacas cristãs? Creio que ouvi suficientes hinos cristãos que me chegaram para toda a vida. Além disso, a maior aventura será em *Corinium*, não te parece?

- Receio que sim, senhora.

- Receia? Oh, não receie, Derfel. - Ela deu uma gargalhada de felicidade hilariante. - Todos vocês se esquecem de como Artur é bom quando nada dá certo. Será

uma maravilha observá-lo. Por isso, quando partimos?

- Agora - respondi, - ou assim que estiver pronta.

- Estou pronta - disse ela, feliz. - Estou pronta para deixar este lugar há um ano.

- Os seus servos?

- Há sempre outros servos - disse ela, despreocupadamente. - Vamos?

Eu tinha apenas um cavalo e por isso, sem cortesias, ofereci-o e caminhei ao seu lado enquanto deixávamos o santuário. Raramente vi um rosto tão radiante como o de Guinevere nesse dia. Durante meses ela estivera encarcerada no interior dos muros de *Ynys Wydryn* e, de repente, montava um cavalo ao ar livre, por entre vidoeiros de folhas novas e sob o céu sem os limites da paliçada de Morgana. Subimos para a ponte de terra para lá do *Tor* e uma vez nesse alto terreno sem erva ela riu e lançou-me um olhar malicioso.

- O que me impede de partir, Derfel?

- Absolutamente nada, senhora.

Ela gritou como uma menina e deu um toque de calcanhares nos flancos da

mula, depois deu outro para obrigar o animal cansado a galopar. O vento ondulava nos seus caracóis ruivos à medida que ela galopava livremente pela relva. Gritou de alegria, girando o cavalo à minha volta num grande círculo. A sua saia voou para trás, mas ela não se importou, continuando a bater no cavalo e a andar em círculos até o cavalo soprar e ela estar sem fôlego. Só nessa altura pôs freio na mula e deslizou da sela.

- Estou tão dorida! - disse ela, feliz.

- Monta bem, senhora - disse eu.

- Eu sonhava em poder voltar a montar um cavalo. A caçar de novo. E a fazer tantas outras coisas. - Compôs a saia e depois lançou-me um olhar furtivo e divertido. - O

que te ordenou Artur, exatamente?

Hesitei.

- Ele não foi específico, senhora.

- Que me matasses? - perguntou ela.

- Não, senhora! - respondi-lhe, parecendo chocado. Eu conduzia a mula pelas rédeas e Guinevere caminhava a meu lado.

- Certamente que não me quer nas mãos de Cerdic - disse ela, com mordacidade. - Eu seria apenas um embaraço! Calculo que ele tenha se entretido com a idéia de me degolar. Argante deve tê-lo desejado. No seu lugar sem dúvida que eu o desejaria. Pensava nisso agora mesmo enquanto cavalgava à sua volta. Pensava: creio que Derfel tem ordens para me matar? Devo continuar cavalgando? Depois pensei que talvez não me matasse, ainda que tivesse essas ordens. Se ele me quisesse morta teria enviado Culhwuch. - De repente ela gemeu e arqueou os joelhos para imitar o andar coxo de Culhwuch. - Culhwuch teria me degolado e não teria pensado duas vezes. - Ela riu, não conseguindo dominar o seu desassossego. - Então Artur não foi específico?

- Não, senhora.

- Então, na verdade, Derfel, isto é idéia sua? - Ela fez um aceno para o vasto

campo.

- Sim, senhora - confessei.

- Espero que Artur ache que você fez o mais acertado - afirmou ela. - De outro modo estará em apuros.

- Já estou em muitos apuros, senhora - confessei. - A velha amizade parece ter-se desvanecido.

Ela deve ter ouvido a tristeza na minha voz, porque de repente colocou um braço em volta do meu.

- Pobre Derfel. Creio que ele está envergonhado.

Fiquei embaraçado.

- Sim, senhora.

- Portei-me muito mal - disse ela, num tom de voz pesaroso. - Pobre Artur. Mas sabe o que o fará reviver? A ele e à sua amizade?

- Muito me agradaria saber, senhora.

Ela retirou o seu braço do meu.

- Reduzir os Saxões a nada, Derfel, é isso que nos trará de novo Artur. Vitória!

Dá a vitória a Artur e ele nos devolverá a sua antiga alma.

- Os Saxões, senhora - avisei-a, - estão a um passo da vitória.

Contei-lhe o que sabia: que os Saxões faziam livremente grande alvoroço para leste e para sul, que as nossas forças estavam dispersas e que a nossa única esperança era reunir o nosso exército antes dos saxões alcançarem *Corinium*, onde o pequeno grupo de guerra de Artur, constituído por duzentos lanceiros, aguardava sozinho. Eu imaginava que Sagramor estivesse retirando na direção de Artur, que Culhwuch vinha do sul, e eu iria para norte assim que Issa regressasse com Argante. Cuneglas avançaria, sem dúvida, do norte e Oengus Mac Airem apressaria-se de oeste assim que tivesse notícias, mas se os Saxões

chegassem primeiro a *Corinium*, então todas as esperanças se desvaneceriam. Havia, no entanto, pouca esperança, ainda que ganhássemos a corrida, porque sem os lanceiros de *Gwent* estaríamos em número tão inferior que apenas um milagre poderia nos salvar.

- Besteira! - disse Guinevere quando acabei de lhe explicar a situação. - Artur nem começou a lutar ainda! Nós vamos vencer, Derfel, nós vamos vencer!

E com esta declaração peremptória ela riu e, esquecendo a sua preciosa dignidade, dançou na beira do caminho. Tudo parecia lúgubre, mas, de repente, Guinevere estava em liberdade e cheia de luz e eu nunca gostei tanto dela como naquele instante. De repente, pela primeira vez desde que vira a fumaça das fogueiras de sinalização turvando o crepúsculo do *Beltain*, senti uma réstia de esperança.

A esperança desvaneceu-se bem depressa, porque em *Dun Carie* nada mais restava do que o caos e a incerteza. Issa não regressara e a pequena aldeia junto ao castelo estava cheia de refugiados que fugiam dos rumores, apesar de ninguém ter efetivamente visto nenhum saxão. Os refugiados haviam trazido o seu gado, as suas ovelhas, os seus bodes e os seus porcos, e todos tinham convergido para *Dun Carie*, uma vez que os meus lanceiros ofereciam uma ilusão de segurança. Usei os meus servos e escravos para iniciar novos rumores que diziam que Artur estaria a retirar para oeste, para a região fronteiriça com *Kernow*, e que eu decidira selecionar os rebanhos e as manadas dos refugiados para conseguir mais rações para os meus homens. Estes falsos rumores eram suficientes para levar a maioria das famílias a dirigirem-se para a distante fronteira de *Kernow*. Elas deveriam estar em perfeita segurança nas vastas charnecas e, ao fugirem para oeste, o seu gado e as ovelhas não obstruiriam as estradas de *Corinium*. Se eu lhes tivesse ordenado simplesmente que se dirigissem para *Kernow*, teriam desconfiado e retardariam o passo para se certificarem de que eu não as enganava.

Ao cair da noite, Issa ainda não se juntara a nós. Por ora, eu não estava excessivamente preocupado, uma vez que a estrada para *Durnovária* era longa e certamente estaria apinhada de refugiados. Preparamos uma refeição no castelo e Pyrlig cantou para todos nós a canção da grande vitória de Uther sobre os saxões em *Caer Idern*. Depois de terminada a canção, e de eu ter atirado a Pyrlig uma moeda de ouro, recordei-me que certa vez ouvira Cynyr de *Gwent* cantar essa canção, e Pyrlig ficara impressionado.

- Cynyr foi o maior de todos os bardos - disse ele, melancólico, - embora alguns digam que Amairgin de *Gwynedd* foi melhor. Muito me agradaria ouvir qualquer um deles.

- Meu irmão - notou Ceinwyn - afirma que agora existe um bardo ainda melhor em *Powys*. E é também ainda muito jovem.

- Quem? - perguntou Pyrlig, pressentindo um rival indesejado.

- Taliesin é o seu nome - disse Ceinwyn.

- Taliesin! - Guinevere repetiu o nome, agradada. Significava ”testa luzidia”.

- Nunca ouvi falar dele - disse Pyrlig, com severidade.

- Depois de derrotarmos os Saxões - afirmei - pediremos a esse Taliesin uma canção de vitória. E a você também, Pyrlig - acrescentei apressadamente.

- Certa vez ouvi Amairgin cantar - disse Guinevere.

- Ouviu, senhora? - perguntou Pyrlig, novamente impressionado.

- Eu era apenas uma criança - disse ela, - mas recordo-me que ele conseguia produzir um ensurdecedor som cavernoso. Era bastante assustador. Os seus olhos tornavam-se enormes, ele engolia o ar, e depois mugia como um touro.

- Ah, o estilo antigo - disse Pyrlig, reprovadoramente. - Hoje em dia, senhora, buscamos a harmonia das palavras em vez do mero volume do som.

- Devia buscar ambos - disse Guinevere, incisivamente. - Não duvido que este Taliesin seja um mestre do estilo antigo e igualmente habilidoso no metro, mas como pode prender a atenção de uma audiência se tudo o que lhe oferece é um ritmo inteligente? Terá de fazer com que o seu sangue gele, terá de fazê-la chorar, terá de fazê-la rir!

- Qualquer homem consegue fazer barulho, senhora, - Pyrlig defendeu a sua arte, - mas é necessário um artista habilidoso para imbuir as palavras de harmonia.

- E, em breve, as únicas pessoas que conseguirão perceber a complexidade da harmonia - contrapôs Guinevere - serão outros artistas habilidosos, e, desse

modo, se tornarão ainda mais inteligentes num esforço de impressionar seus companheiros poetas.

Mas está se esquecendo que ninguém exterior à arte tem a noção do que está fazendo. O

bardo canta para o bardo, enquanto nós imaginamos o que significa todo esse barulho. A sua tarefa, Pyrlig, é manter vivas as histórias dos povos e, para fazê-lo, não podem ser sutis.

- Certamente não nos deseja vulgares, senhora! - disse Pyrlig e, como protesto, bateu nas cordas de crina de cavalo da sua harpa.

- Desejaria que fossem vulgares com o que é vulgar, e inteligentes com o que é

inteligente - disse Guinevere. - E ambos os caracterizariam em simultâneo, mas se apenas forem inteligentes, então negam aos povos as suas histórias, e se apenas conseguem ser vulgares, nenhum senhor ou dama lhes atirará moedas de ouro.

- Exceto os senhores vulgares - acrescentou Ceinwyn, dissimuladamente.

Guinevere lançou-me um olhar rápido e reparei que ela estava prestes a dirigir-me um insulto; depois reconheceu o impulso e deu grandes gargalhadas.

- Se eu tivesse moedas de ouro, Pyrlig - disse ela, - eu o remuneraria, porque canta maravilhosamente; todavia, infelizmente, não tenho nenhuma moeda.

- O seu apreço é recompensa suficiente, senhora - disse Pyrlig.

A presença de Guinevere surpreendera os meus lanceiros e durante toda a tarde vi pequenos grupos de homens fitá-la maravilhados. Ela ignorou a sua contemplação.

Ceinwyn tinha-a acolhido sem qualquer vislumbre de admiração, e Guinevere fora suficientemente esperta para ser amável com as minhas filhas, Morwenna e Seren, que agora dormiam no chão junto dela. Elas, tal como os meus lanceiros, haviam ficado fascinadas pela mulher alta e ruiva, cuja reputação era tão inquietante como o seu olhar.

E Guinevere estava apenas feliz por estar ali. Não tínhamos mesas nem cadeiras no nosso palácio, apenas o chão forrado de junco e tapetes de lã, mas ela sentou-se ao lado da lareira e, sem esforço, dominou o salão. Havia uma ferocidade nos seus olhos que a tornava intimidativa, o seu cabelo ruivo caindo em cascata e desalinho tornava-a atraente e a sua alegria por estar livre era contagiante.

- Quanto tempo ela ficará em liberdade? - perguntou-me Ceinwyn, mais tarde, nessa noite. Havíamos cedido os nossos aposentos privados a Guinevere, e ficamos no salão com as outras pessoas.

- Não sei.

- Então, o que você sabe? - perguntou Ceinwyn. - Esperamos por Issa, depois vamos para norte. Para *Corinium*?

- Eu irei para *Corinium*, mas te enviarei e às famílias, para *Glevum*. Lá estarão suficientemente próximo da batalha e se acontecer o pior, podem dirigir-se para norte, para *Gwent*.

No dia seguinte comecei a afligir-me, uma vez que Issa ainda não aparecera. No meu espírito, íamos disputar uma corrida com os saxões em direção a *Corinium*, e quanto mais eu me atrasasse, mais chances essa corrida teria de estar perdida. Se os saxões conseguissem derrotar-nos grupo por grupo, então *Dumnônia* cairia como uma árvore podre, e o meu grupo de guerra, que era um dos mais fortes do país, estava detido em *Dun Carie*, porque Issa e Argante não haviam aparecido.

Ao meio-dia, a premência era ainda maior, porque foi então que voltamos a ver os primeiros vestígios de fumaça distante no céu a leste e a sul. Ninguém comentou os longos e esguios galardões, mas todos percebemos que víamos colmo queimando. Os saxões destruíam à medida que avançavam, e agora estavam suficientemente próximo de nós para que conseguíssemos ver a fumaça por eles provocada.

Enviei um cavaleiro para sul, em busca de Issa, enquanto nós percorríamos os três quilômetros atravessando os campos até ao Caminho Valado, a longa estrada romana que Issa devia ter usado. Planejei esperar por ele, depois continuar a subir o Caminho Valado até *Aquae Sulis*, que se situa a cerca de quarenta quilômetros para norte, e depois para *Corinium*, mais quarenta e oito quilômetros de caminho. Ao todo, oitenta e oito quilômetros de estrada. Três dias de longo e intenso esforço.

Aguardamos num campo cheio de montículos de terra, junto à estrada, levantados pelas toupeiras. Comigo estavam mais de cem lanceiros e pelo menos esse número de mulheres, crianças, escravos e servos. Tínhamos cavalos, mulas e cães, e todos aguardavam. Seren, Morwenna e as outras crianças apanhavam campainhas no bosque próximo, enquanto eu subia e descia a pedra quebrada da estrada. Refugiados passavam constantemente, mas nenhum deles, até mesmo aqueles que haviam vindo de *Durnovária*, tinham quaisquer notícias da princesa Argante. Um sacerdote pensou ter visto Issa e os seus homens chegando a essa cidade, porque vira a estrela de cinco pontas nos escudos de alguns lanceiros, contudo não sabia se ainda se encontravam lá

ou se haviam partido. A única coisa que todos os refugiados tinham certeza era que os saxões estavam próximo de *Durnovária*, apesar de ninguém ter efetivamente visto um único lanceiro saxão. Apenas tinham ouvido os rumores que se haviam avolumado à

medida que as horas passavam. Dizia-se que Artur estava morto, ou então que fugira para *Rheged*, enquanto se acreditava que Cerdic tinha cavalos possuídos que expiravam fogo e cinzas mágicas que conseguiam fender o ferro como se fosse tecido.

Guinevere pedira emprestados um arco e uma flecha a um dos meus batedores e disparava flechas para um ulmeiro já seco que crescera junto à estrada. Tinha boa pontaria, cravando seta após seta na madeira apodrecida, mas quando a felicitei pela destreza, fez uma careta.

- Estou sem prática - disse ela. - Costumava conseguir matar um veado em corrida a uma distância de cem passos, agora duvido que acertasse num parado a cinquenta. - Retirou as setas da árvore com um puxão. - Mas creio que conseguiria atingir um saxão, se me fosse dada essa oportunidade. - Devolveu o arco ao meu batedor, que lhe fez uma vênia e se afastou. - Se os saxões estão próximo de *Durnovária*, o que farão eles em seguida?

- Eles vêm justamente subindo esta estrada - informei-a.

- Não vão mais para oeste?

- Eles conhecem os nossos planos - afirmei, soturnamente, e falei-lhe nos botões de ouro com os rostos barbudos que eu havia encontrado nos aposentos de Mordred. -

Aelle dirige-se para *Corinium* enquanto os outros correm desenfreados para sul. E nós estamos aqui presos por causa de Argante.

- Deixe-a apodrecer - disse Guinevere, furiosamente, depois encolheu os ombros. - Eu sei que não pode. Será que ele a ama?

- Não sei dizer, senhora - respondi.

- Sem dúvida que sabe - disse Guinevere, rispidamente. - Artur adora fingir que é

regido pela razão, mas ele anseia ser comandado pela paixão. Ele viraria o mundo do avesso por amor.

- Ultimamente não o virou do avesso - afirmei.

- Embora o tivesse feito por mim - disse ela, calmamente, e sem qualquer ponta de orgulho. - Então, onde vamos?

Eu caminhara até ao meu cavalo, que comia a parte de cima da erva por entre os montículos deixados pelas toupeiras.

- Eu vou para o sul - respondi.

- Faça isso - disse Guinevere - e nós correremos o risco de te perder também.

Ela tinha razão, e eu sabia, mas a frustração começava a ferver dentro de mim.

Por que razão Issa não enviara uma mensagem? Ele tinha cinquenta dos meus melhores guerreiros e todos haviam desaparecido. Amaldiçoei o dia desperdiçado, esbofeteei um rapaz inocente que se pavoneava para cima e para baixo fingindo ser um lanceiro e pontapeei os cardos.

- Podíamos começar a nos dirigir para o norte - sugeriu Ceinwyn, calmamente, indicando as mulheres e as crianças.

- Não - disse eu. - Temos de ficar juntos.

Olhei, atentamente, para o sul, mas ninguém mais se via na estrada exceto outros refugiados tristes arrastando-se para o norte. A maioria eram famílias com uma

valiosa vaca e talvez um vitelo, apesar de muitos destes vitelos da nova estação serem ainda muito pequenos para andar. Alguns vitelos, abandonados junto à estrada, chamavam lastimosamente pelas mães. Outros refugiados eram mercadores que tentavam salvar os seus bens. Um homem tinha uma carroça de bois cheia de cestos de terra de pisoeiro, outros tinham peles e outros, ainda, cerâmicas. Ao passarem por nós lançavam-nos olhares cheios de indignação, culpando-nos por não termos travado os saxões há mais tempo.

Seren e Morwenna, aborrecidas com a tentativa de descarnarem o caule de campainhas, tinham encontrado uma toca de lebres por baixo de alguns fetos e madressilvas na base das árvores. Excitadas, chamaram Guinevere para ir ao seu encontro e ver o que ali estava, depois cuidadosamente tocaram nos pequenos corpos de pêlo que estremeceram com o toque. Ceinwyn observava-as.

- Ela conquistou as meninas - disse-me ela.

- Também conquistou os meus lanceiros - afirmei, e era verdade. Apenas alguns meses antes os meus lanceiros haviam amaldiçoado Guinevere, chamando-a de prostituta, e agora fitavam-na com adoração. Ela conseguira enfeitiçá-los, e quando Guinevere decidia ser simpática, ela conseguia deslumbrar. - Depois disto, Artur irá ter grande dificuldade em encarcerá-la de novo.

- Provavelmente por isso é que quis libertá-la - observou Ceinwyn. - Sem dúvida que não a queria morta.

- Argante quer.

- Não duvido que ela o pretenda - concordou Ceinwyn.

Depois olhamos fixamente para o sul, mas não havia ainda nenhum sinal de qualquer um dos meus lanceiros na longa estrada reta.

Finalmente, Issa chegou ao anoitecer. Trazia os seus cinquenta lanceiros, com os trinta homens que haviam estado de guarda ao palácio em *Durnovária*, uma dúzia de Escudos Negros, os soldados pessoais de Argante e pelo menos, duzentos outros refugiados. Pior ainda, trazia seis carroças puxadas por bois, tendo sido esses pesados veículos que os haviam atrasado. A velocidade máxima de uma carroça bem carregada e puxada por bois é mais lenta do que o caminhar de um velho, e Issa fizera todo o percurso no seu passo de caracol.

- O que te deu? - gritei-lhe. - Não há tempo para arrastar carroças.

- Eu sei, senhor - respondeu ele, infeliz.

- Está louco? - Eu estava furioso. Montara para ir ao seu encontro e agora revoluteava a minha mula na beira da estrada. - Desperdiçou horas! - gritei.

- Não tive outra alternativa! - protestou ele.

- Tinha uma lança! - disse eu, com rispidez. - Que te dá o direito de escolher aquilo que quer.

Ele encolheu simplesmente os ombros e fez um gesto na direção da princesa

Argante, que seguia em cima da carroça da frente. Os quatro bois dessa carroça, com as ancas sangrando dos acicatanços que os haviam impulsionado durante todo o dia, pararam na estrada com as cabeças baixas.

- As carroças ficam aqui! - gritei para ela. - A partir daqui, ou caminha ou vai a cavalo!

- Não! - insistiu Argante.

Deslizei de cima da mula e desci ao longo da fila de carroças. Uma tinha apenas as estátuas romanas que adornavam o pátio do palácio de *Durnovária*, outra estava cheia de mantos e vestidos, enquanto a terceira estava carregada de potes de cozinha, aselhas e tocheiros em bronze.

- Retirem-nas da estrada - gritei, furioso.

- Não! - Argante havia descido do alto poleiro e corria agora na minha direção. -

Artur ordenou-me que as trouxesse.

- Artur, senhora - virei-me para ela, controlando a minha fúria, - não precisa de estátuas!

- Elas vão conosco - gritou Argante. - De outro modo, ficarei aqui!

- Nesse caso fique, senhora - respondi, furiosamente. - Saiam da estrada! - gritei aos seis condutores das carroças. - Mexam-se! Saiam da estrada, já! - Eu havia desembainhado a *Hywelbane* e dei uma estocada no boi mais próximo, para que levasse os animais para a beira da estrada.

- Não vão! - gritou Argante para os condutores das carroças. Puxou um dos cornos do boi, fazendo com que o confuso animal voltasse para a estrada. - Não deixo isto para o inimigo - gritou-me ela.

Guinevere observava na beira da estrada. Havia um olhar de frio divertimento no seu rosto, e não admirava, porque Argante se comportava como uma criança mimada.

Fergal, o druida de Argante, acorrera em auxílio da sua Princesa, protestando que todos aqueles caldeirões mágicos e ingredientes estavam juntos numa das

carroças.

- E o tesouro - acrescentou ele em jeito de reflexão.

- Que tesouro? - perguntei.

- O tesouro de Artur - disse Argante, sarcasticamente, como se ao revelar a existência do ouro fizesse valer o seu argumento. - Ele o quer em *Corinium*. - Ela dirigiu-se à segunda carroça, levantou alguns dos pesados mantos e deu uma pancada seca numa caixa de madeira escondida por baixo deles. - O ouro de *Dumnônia*! Você o daria aos Saxões?

- Prefiro fazê-lo, a entregá-la ou a mim, senhora - disse eu e depois desferi um golpe com a *Hywelbane*, soltando os arrestos dos bois.

Argante gritou, jurando que me puniria e que eu lhe roubava os tesouros, mas eu caminhei simplesmente até ao arresto seguinte enquanto gritava aos seis condutores dos bois para que soltassem os seus animais.

- Escute senhora - disse eu, - nós temos de ir mais depressa do que os bois conseguem caminhar. - Apontei para a fumaça distante. - Aquilo são os saxões! Dentro de algumas horas estarão aqui.

- Não podemos deixar as carroças - gritou ela.

Os seus olhos estavam marejados de lágrimas. Ela podia ser a filha de um rei, mas crescera com pouca riqueza e agora, casada com o governante da *Dumnônia*, era rica e não podia perder essas novas riquezas.

- Não soltem esses arrestos! - gritou ela para os condutores, e eles, confusos, hesitaram.

Dirigi-me para outra tira de couro e Argante começou a bater-me com os punhos, jurando que eu era ladrão e seu inimigo.

Empurrei-a com cautela, mas ela não se afastava e não me atrevi a forçar demaiso. Agora ela estava com um acesso de raiva, blasfemando e batendo-me com as suas pequenas mãos. Tentei afastá-la de novo, mas ela continuava a gritar e a bater-me e, depois gritou para os seus rapazes da guarda dos Escudos Negros para que fossem em seu auxílio.

Os doze homens hesitaram, mas eram guerreiros de seu pai e haviam jurado servir Argante, por isso dirigiram-se a mim com as lanças em punho. Os meus homens acorreram de imediato para me defender. Os Escudos Negros estavam em tremenda inferioridade numérica, mas não recuaram e o seu druida mantinha-se na expectativa, em frente deles, com a sua barba com pêlo de raposa sacudida pelos pequenos ossos pendurados nas suas pontas a tilintarem enquanto dizia aos Escudos Negros que eram abençoados e que as suas almas iriam ao encontro de uma recompensa dourada.

- Matem-no! - gritou Argante aos seus guarda-costas e apontou para mim. -

Matem-no, já!

- Basta! - disse Guinevere, incisiva.

Caminhou para o meio da estrada e olhou, fixa e imperiosamente, para os Escudos Negros.

- Não sejam loucos, baixem as suas lanças. Se querem morrer, levem alguns saxões, não dumnonianos. - Virou-se para Argante. - Venha, minha filha - disse ela, e puxou a garota para si, usando uma ponta da sua pesada capa para limpar as lágrimas de Argante. - Procedeu bem ao tentar salvar o tesouro - disse ela a Argante, - mas Derfel também tem razão. Se não nos apressarmos seremos apanhados pelos saxões. - Virou-se para mim. - Não existe nenhuma forma de levarmos o ouro?

- Nenhuma - respondi com brevidade, e não havia. Ainda que eu pusesse arreios em lanceiros para puxar as carroças, eles nos atrasariam.

- O ouro é meu! - gritou Argante.

- Agora pertence aos saxões - respondi, e gritei a Issa para que retirasse as carroças da estrada e desprendesse os bois.

Argante gritou um último protesto, mas Guinevere segurou-a e abraçou-a.

- Não é digno de princesas - murmurou-lhe Guinevere, com suavidade - mostrar ira em público. Seja misteriosa, minha querida, e nunca deixe que os homens saibam o que pensa. O seu poder está na penumbra, mas à luz do Sol os homens a subjugarão sempre.

Argante não fazia idéia de quem era a mulher alta e bela, mas permitiu que Guinevere a confortasse enquanto Issa e os seus homens arrastávamos carroças para a erva da beira da estrada. Deixei que as mulheres levassem as capas e os vestidos que quisessem, mas abandonamos os caldeirões e os tocheiros, apesar de Issa ter descoberto um dos estandartes de guerra de Artur, um enorme pano de linho branco decorado com um grande urso preto adornado com lã, e que guardamos para impedir que caísse nas mãos dos saxões, mas não pudemos levar o ouro. Em vez disso, levamos as caixas do tesouro para um dique de escoamento de águas num terreno próximo e despejamos as moedas na água fedorenta, na esperança de que os saxões nunca as descobrissem.

Argante soluçava enquanto nos observava despejar o ouro na água preta.

- O ouro *é* meu! - protestou ela, uma última vez.

- E outrora foi meu, filha - disse Guinevere, muito calmamente. - E eu sobrevivi à

sua perda, tal como você agora fará.

Argante afastou-se, abruptamente, para levantar os olhos para a mulher mais alta.

- Seu? - perguntou ela.

- Não me apresentei, filha? - perguntou Guinevere, com um menosprezo delicado. - Sou a princesa Guinevere.

Argante gritou, simplesmente, depois fugiu para a estrada na direção do local para onde os seus Escudos Negros haviam se retirado. Soltei um murmúrio, embainhei a *Hywelbane*, depois esperei até que o último ouro estivesse escondido. Guinevere havia encontrado uma das suas velhas capas, um vestido de lã dourado acondicionado em pêlo de urso, e pusera de parte o velho vestido monótono que usara na prisão.

- Sem dúvida o seu ouro - disse-me ela, zangada.

- Parece que tenho outra inimiga - disse eu, olhando para Argante que estava mergulhada em grandes conversas com o seu druida, sem dúvida instigando-o a rogar-me uma praga.

- Se partilhamos um inimigo, Derfel - disse Guinevere com um sorriso, - então isso faz de nós aliados, finalmente. Isso me agrada.

- Obrigado, senhora - disse eu, e pensei que não eram apenas as minhas filhas e os lanceiros que tinham ficado enfeitiçados.

O último ouro foi afundado no dique e os meus homens regressaram à estrada para apanharem as suas lanças e escudos. O Sol brilhava por cima do mar *Severn*, enchendo o poente com um brilho carmesim enquanto eu, finalmente, começava a dirigir-me para norte, para a guerra.

Percorremos apenas alguns quilômetros antes da noite cair e nos atirar para fora da estrada em busca de abrigo; mas pelo menos havíamos alcançado as colinas a norte de *Ynys Wydryn*. Passamos essa noite num castelo abandonado, onde preparamos uma humilde refeição de pão duro e peixe seco. Argante sentou-se afastada de todos nós, protegida pelo seu druida e os seus guardas, e apesar de Ceinwyn tentar puxá-la para a nossa conversa ela recusou-se e, por isso, nós a deixamos entregue ao seu amuo.

Depois de termos comido caminhei com Ceinwyn e Guinevere para o cume da pequena colina por trás do castelo, onde se erguiam duas antigas sepulturas. Pedi perdão aos mortos e subi para cima de uma delas, acompanhado por Ceinwyn e Guinevere.

Olhamos os três para sul. O vale, por baixo de nós, era agradavelmente branco com as macieiras em flor sob o brilho acetinado da Lua; mas nada vimos no horizonte, exceto a luminosidade tênue de fogueiras.

- Os saxões caminham depressa - afirmei, amargamente.

Guinevere puxou a capa, aconchegando os ombros.

- Onde está Merlim? - perguntou ela.

- Desapareceu - respondi.

Houvera relatos de que Merlim estava na Irlanda, ou então numa região inóspita a norte, ou talvez nos terrenos despojados de *Gwynedd*, enquanto ainda outro afirmava que estava morto e que Nimue abatera toda uma encosta de árvores para fazer a sua pira funerária. ”Eram apenas rumores”, pensei, ”apenas

rumores.”

- Ninguém sabe onde está Merlim - disse Ceinwyn, suavemente, - mas sem dúvida que ele sabe onde nós estamos.

- Rezo para que ele saiba - disse Guinevere, fervorosamente, e eu questionei-me a que deus ou deusa orava ela agora. Ainda a Ísis? Ou convertera-se ela aos deuses britânicos? E talvez, estremeci com a idéia, esses deuses nos tivessem, finalmente, abandonado. A sua fogueira de alarme teriam sido as chamas no *Mai Dun* e a sua vingança eram os grupos de guerra que agora devastavam *Dumnônia*.

Voltamos a caminhar ao amanhecer. O céu enchera-se de nuvens durante a noite e uma chuva miudinha começou a cair com os primeiros raios de luz. O Caminho Valado estava povoado de refugiados e, por isso, coloquei um grande número de guerreiros armados à nossa frente com ordens para afastar todas as carroças de bois e rebanhos da estrada, uma vez que avançávamos ainda lamentavelmente devagar. Muitas das crianças não conseguiam continuar a caminhar e tinham de ser colocadas nos animais de carga que transportavam as nossas lanças, armaduras e mantimentos, ou então içadas para os ombros dos lanceiros mais jovens. Argante montou a minha mula enquanto Guinevere e Ceinwyn caminhavam e se revezavam a contar histórias às crianças. A chuva começou a cair com maior intensidade, precipitando-se sobre o cume das colinas em vastas zonas e gorgolando nos baixos taludes de ambos os lados da estrada romana.

Eu esperara chegar a *Aquae Sulis* ao meio do dia, mas a tarde já ia adiantada quando o nosso grupo enlameado e cansado entrou no vale onde se encontra a cidade. O

rio transbordara e uma massa sufocante de detritos flutuantes havia ficado presa aos pilares de pedra da ponte romana, formando um açude que inundara os terrenos elevados de ambas as margens. Uma das tarefas do magistrado da cidade era manter os desaguadouros da ponte livres de tais detritos, mas a tarefa fora ignorada, tal como fora ignorada a conservação da muralha da cidade. Essa muralha ficava apenas a cem passos a norte da ponte e, porque *Aquae Sulis* não era uma praça forte, nunca fora uma muralha imponente. Agora, todavia, quase não era sequer um obstáculo. Zonas inteiras da paliçada de madeira e taludes em pedra haviam sido destruídas para arranjar lenha ou para construções, enquanto

os próprios taludes estavam tão corroídos que os saxões podiam atravessar a muralha da cidade sem a danificarem ainda mais. De quando em vez, eu via homens frenéticos tentando reparar partes da paliçada, mas teriam sido necessários quinhentos homens durante um mês inteiro para reconstruir essas proteções.

Entramos em fila pelo belo portão sul da cidade e eu vi que, embora a cidade não tivesse nem a energia para preservar os taludes nem a mão-de-obra para impedir que a ponte ficasse obstruída com os detritos, alguém arranjara tempo para retirar a bela máscara da deusa romana Minerva, que em outros tempos embelezara a arcada do portão. Onde outrora estivera o seu rosto havia agora apenas uma massa insensível de pedra trabalhada na qual fora cortada uma rude cruz cristã.

- É uma cidade cristã? - perguntou-me Ceinwyn.

- Quase todas as cidades são cristãs - respondeu Guinevere por mim.

Também era uma bonita cidade. Ou em tempos fora bonita, apesar de com o tempo os telhados de telhas terem caído e sido substituídos por espesso colmo e algumas das casas terem desmoronado e agora nada mais fossem do que montes de tijolos ou pedras. Todavia as ruas continuavam pavimentadas e os altos pilares e o frontão suntuosamente entalhado do magnífico templo de Minerva ainda se elevassem acima dos insignificantes telhados. A minha guarda avançada forçou uma passagem brutal pelas ruas apinhadas para chegarmos ao templo, que se erguia com um florão com desníveis no centro sagrado da cidade. Os romanos haviam construído uma muralha interior em torno desse santuário central, uma muralha que envolvia o templo de Minerva e os banhos públicos que haviam trazido à cidade a sua fama e prosperidade. Os romanos haviam coberto os banhos públicos, que eram alimentados por uma nascente mágica de água quente, mas algumas das telhas haviam caído e rolos de vapor saíam dos buracos como fumaça. O próprio templo, despojado das suas caleiras de chumbo, estava manchado com a água das chuvas e líquenes, enquanto o gesso pintado no interior do alto pórtico caía em lascas e enegrecia; todavia, e apesar da ruína, era ainda possível permanecer no vasto recinto pavimentado do santuário interior da cidade e imaginar um mundo onde os homens conseguiam construir lugares semelhantes e viver sem medo de lanças que viessem do bárbaro leste.

O magistrado da cidade, um homem de meia-idade agitado e nervoso chamado

Cildydd que usava uma toga romana para impor a sua autoridade, saiu correndo do templo para me receber. Eu o conhecia da época da rebelião em que, apesar de ele próprio ser cristão, fugira dos loucos fanáticos que se tinham apoderado dos santuários de *Aquae Sulis*. Fora restituído à magistratura após a rebelião, mas eu calculava que a sua autoridade fosse escassa. Trazia um pedaço de ardósia no qual fizera uns cálculos, naturalmente os números respeitantes às tropas recrutadas nos domínios do santuário.

- Estão sendo feitas reparações! - saudou-me Cildydd sem outra cortesia. -

Tenho homens cortando madeira para as paredes. Ou tive. As inundações são um problema, sem dúvida que são, mas se a chuva parar? - Deixou a frase suspensa.

- As inundações? - perguntei.

- Quando o rio sobe, senhor - explicou-me, - a água recua através dos esgotos romanos. Está já na zona mais baixa da cidade. E receio que não seja apenas água. O

cheiro, entende? - Inspirou com suavidade.

- O problema - afirmei é - que os arcos da ponte estão obstruídos com detritos.

Era sua tarefa mantê-los limpos. Era também sua tarefa preservar os muros.

A sua boca abriu-se e fechou-se sem proferir uma única palavra. Tomou o peso da ardósia como que para demonstrar a sua eficiência, depois pestanejou simplesmente, sem saber o que fazer.

- Não que agora tenha importância - prossegui, - a cidade não pode ser defendida.

- Não pode ser defendida! - protestou Cildydd. - Não pode ser defendida! Tem de ser defendida! Não podemos simplesmente abandonar a cidade!

- Se os saxões vierem - afirmei com brusquidão, - vocês não terão alternativa.

- Mas nós temos de defendê-la, senhor - insistiu Cildydd.

- Com quê? - perguntei.

- Os seus homens, senhor - disse ele, gesticulando para os meus lanceiros que se haviam refugiado da chuva sob o alto pórtico do templo.

- Na melhor das hipóteses - disse eu - conseguimos guarnecer quatrocentos metros da muralha, ou o que dela resta. E quem defende o resto?

- As tropas recrutadas, claro. - Cildydd acenou a sua ardósia na direção da sostra coleção de homens que aguardava junto aos banhos públicos. Eram poucos os que tinham armas e ainda menos os que possuíam armaduras.

- Já viu alguma vez os saxões atacando? - perguntei a Cildydd. - Primeiro, eles enviam grandes cães de guerra e depois vêm atrás com machados de um metro de comprimento e lanças com hastes de dois metros e meio. Estarão bêbados e enfurecidos e do interior da sua cidade não pretenderão nada mais do que as mulheres e o ouro.

Quanto tempo acha que as suas tropas recrutadas conseguirão aguentar?

Cildydd pestanejou ao olhar para mim.

- Não podemos simplesmente desistir - disse ele, em voz baixa.

- As suas tropas têm armas adequadas? - perguntei-lhe, indicando os homens de olhar carrancudo que aguardavam à chuva.

Dois ou três dos sessenta homens tinham lanças, eu conseguia ver uma velha espada romana, e a maior parte dos outros tinha machados ou picaretas, mas alguns deles nem tão-pouco possuíam aquelas armas rudes, tendo apenas fueiros temíveis que haviam sido aguçados em pontas pretas.

- Estamos revistando a cidade, senhor - disse Cildydd. - Tem de haver lanças.

- Com ou sem lanças - afirmei, bruscamente - se lutar aqui, serão todos mortos.

Cildydd ficou embasbacado olhando para mim.

- Então o que fazemos? - perguntou ele, finalmente.

- Vão para *Glevum* - respondi.

- Mas a cidade! - Ele empalideceu. - Há mercadores, ferreiros, igrejas, tesouros. -

A sua voz esmorecia à medida que imaginava a enormidade da queda da cidade, mas essa queda, se os saxões viessem, era inevitável.

Aquae Sulis não era uma praça-forte, apenas um belo lugar que se erguia entre duas colinas. Cildydd pestanejou à chuva.

- *Glevum* - disse ele, tristonho. - E nos escoltará até lá, senhor?

Abanei a cabeça.

- Eu vou para *Corinium* - afirmei, mas vocês devem ir para *Glevum*. - Estive quase tentado a enviar Argante, Guinevere, Ceinwyn e as famílias com ele, mas não acreditava que Cildydd conseguisse protegê-las. Era melhor, decidi, eu mesmo levar as mulheres e as famílias para norte, depois mandá-las com uma pequena escolta de *Corinium* para Glevum.

Todavia, pelo menos Argante foi afastada de mim, já que como eu destruíra de forma brutal as poucas esperanças de Cildydd de defender *Aquae Sulis*, um grupo de cavaleiros armados entrou ruidosamente no recinto do templo. Eram homens de Artur, que desfraldaram ao vento o seu estandarte do urso, e quem os comandava era Balin que amaldiçoava rudemente a multidão dos refugiados. Pareceu aliviado por me ver, depois incrédulo quando reconheceu Guinevere.

- Trouxe a princesa errada, Derfel? - perguntou ele, enquanto deslizava de cima do seu cavalo cansado.

- Argante está dentro do templo - respondi, fazendo um movimento seco e brusco com a cabeça na direção do grande edifício onde Argante se refugiara da chuva. Ela não me falara durante todo o dia.

- Estou aqui para levá-la a Artur - disse Balin.

Era um homem brusco e barbudo com a tatuagem de um urso na testa e uma cicatriz denteada e branca na bochecha esquerda. Perguntei-lhe por notícias e ele contou-me o pouco que sabia e nada do que ouvi era bom.

- Os canalhass estão descendo o Tamisa nesta direção - disse ele. - Calculamos que estão apenas a três dias de marcha de *Corinium*, *e* ainda não há sinais de

Cuneglas nem de Oengus. É o caos, Derfel, é o que é, o caos. - De repente ficou horrorizado. - Que fedor é este aqui?

- Os esgotos estão subindo - respondi.

- Por toda a *Dumnônia* - disse ele, de modo sinistro. - Tenho de me apressar continuou. Artur queria a sua noiva em *Corinium* anteontem.

- Tem ordens para mim? - gritei nas suas costas enquanto se dirigia para os degraus do templo a passos largos.

- Vá para *Corinium*! E depressa! E deve levar tantos mantimentos quantos conseguir!

Ele gritou a última ordem enquanto desaparecia pelas enormes portas de bronze do templo. Trouxera seis cavalos a mais, sendo suficientes para instalar Argante, as suas servas e Fergal, o druida, o que significava que os doze homens Escudos Negros da escolta de Argante seriam deixados comigo. Tive a sensação que eles tinham ficado tão satisfeitos quanto eu por ser verem livres da sua Princesa.

Balin rumou para norte, ao fim da tarde. Eu próprio quisera fazer-me à estrada, mas as crianças estavam cansadas, a chuva caía incessantemente, e Ceinwyn convenceu-me que avançaríamos mais depressa se todos descansassem nessa noite sob os telhados de *Aquae Sulis* e caminhássemos frescos pela manhã. Coloquei guardas nos banhos públicos e deixei que as mulheres e as crianças fossem para o grande tanque de vapor de água quente; depois enviei Issa e um grupo de homens pela cidade em busca de armas para equipar as tropas recrutadas. Mais tarde, mandei chamar Cildydd e perguntei-lhe qual a quantidade de mantimentos que havia na cidade.

- Praticamente nada, senhor! - hesitou ele, clamando que enviara já dezesseis carroças de cereais, carne seca e peixe salgado para norte.

- Revistou as casas das pessoas? - perguntei. - As igrejas?

- Apenas os celeiros da cidade, senhor.

- Então, vamos fazer uma busca como deve ser - sugeri e, ao anoitecer, havíamos recolhido mais sete carroças de preciosos mantimentos. Enviei-as para norte nessa mesma noite, apesar do adiantado da hora. As carroças de bois são lentas e

era melhor que começassem a viagem ao anoitecer do que esperar pela manhã.

Issa aguardou-me no recinto do templo. A sua busca pela cidade valera sete velhas espadas e uma dúzia de lanças de varrão, enquanto os homens de Cildydd haviam descoberto mais quinze lanças, oito das quais partidas. Issa, no entanto, também tinha novas.

- Dizem que há armas escondidas no templo, senhor - disse-me ele.

- Quem o diz?

Issa gesticulou na direção de um homem jovem de barba vestido com um ensanguentado avental de carniceiro.

- Ele acredita que um grande número de lanças foi escondido no templo depois da rebelião, mas o sacerdote nega.

- Onde está o sacerdote?

- Lá dentro, senhor. Ele me mandou sair quando lhe perguntei isso. - Subi os degraus do templo correndo e empurrei as grandes portas. Outrora este fora um santuário a Minerva e Sulis, a primeira uma deusa romana e a segunda britânica, mas as divindades pagãs tinham sido rejeitadas e o Deus cristão instalara-se. Da última vez em que eu estivera no templo, havia uma enorme estátua de bronze de Minerva ladeada por tremeluzentes lamparinas de óleo; todavia, a estátua havia sido destruída durante a rebelião cristã e agora apenas restava o buraco da cabeça da deusa, tendo essa sido empalada num mastro, permanecendo como um troféu por trás do altar cristão. O

sacerdote desafiou-me.

- Esta é a casa de Deus! - resmungou ele.

Estava celebrando um mistério no altar, rodeado por mulheres lamuriosas, mas interrompeu as suas cerimônias para me fitar. Era um homem jovem, cheio de entusiasmo, um daqueles sacerdotes que fomentara o tumulto na *Dumnônia* e a quem Artur permitira que vivesse daquele modo, para que esse amargor pela rebelião fracassada não supurasse. Todavia, este sacerdote, não havia sem dúvida perdido nenhum do seu fervor insurreto.

- A casa de Deus! - voltou ele a gritar. - E vocês a desafiam com espadas e lanças! Não iam levar as suas armas para o castelo do seu senhor? Então, porquê trazê-las para a casa do meu Senhor?

- Dentro de uma semana - disse eu - haverá um templo de *Thunor* e eles sacrificarão as suas crianças nesse mesmo lugar onde está. Há lanças por aqui?

- Nenhuma! - afirmou ele, desafiadoramente.

As mulheres gritaram e fugiram encolhidas quando eu subi os degraus do altar. O

sacerdote empunhou uma cruz na minha direção.

- Em nome de Deus - disse ele, - e em nome do Seu Filho Santíssimo, e em nome do Espírito Santo. Não!

Este último grito fora, porque eu desembainhara a *Hywelbane* e com ela retirara a cruz da sua mão. O pedaço de madeira fez um ruído arrastado pelo chão de mármore do templo ao mesmo tempo que eu enterrava a lâmina no interior da sua barba emaranhada.

- Derrubarei abaixo este lugar, pedra por pedra até encontrar as lanças - afirmei.

- E enterrarei a sua miserável carcaça debaixo dos seus escombros. Vamos, onde estão elas?

A sua provocação esmoreceu. As lanças que ele juntara na esperança de outra campanha destinada a colocar um cristão no trono de *Dumnônia*, estavam escondidas numa cripta por baixo do altar. A entrada para a cripta estava disfarçada, porque era o local onde os tesouros doados pelo povo que outrora buscava o poder curativo de Sulis fora escondido. Todavia, o sacerdote assustado mostrou-nos como se levava a laje de mármore, revelando um fosso cheio de ouro e armas. Deixamos o ouro, mas levamos as armas para as tropas recrutadas de Cildydd. Tive dúvidas que os sessenta homens fossem de uma verdadeira utilidade no campo de batalha, mas pelo menos um homem armado com uma lança parecia um guerreiro e, à distância, talvez retardassem os saxões. Disse às tropas recrutadas para estarem prontas pela manhã e para carregarem tantos mantimentos quantos conseguissem encontrar.

Nessa noite dormimos no templo. Esvaziei o altar dos ornamentos cristãos e coloquei a cabeça de Minerva no meio das duas lamparinas a óleo, para que ela nos guardasse durante a noite. Pingaram gotas de chuva do telhado que formaram poças no mármore, mas às vezes, pela madrugada, a chuva parava e a aurora trazia um céu limpo e um vento fresco e úmido de leste.

Deixamos a cidade antes do raiar do Sol. Apenas quarenta dos homens da tropa recrutada da cidade caminhavam conosco, porque os restantes haviam desaparecido durante a noite. Contudo, era melhor ter quarenta homens voluntários do que sessenta aliados incertos. Agora, o nosso caminho estava livre de refugiados, porque eu espalhara o boato de que o local seguro não era *Corinium* mas *Glevum* e, deste modo, era a estrada de oeste que estava cheia de gado e pessoas. A nossa levou-nos para leste, em direção ao nascente pelo Caminho Valado, que naquele troço segue recto como uma lança por entre sepulturas romanas. Guinevere traduziu as inscrições, ficando maravilhada por os homens que ali estavam enterrados terem nascido na verdadeira Grécia, Egipto ou Roma.

Tinham sido veteranos das Legiões e haviam desposado mulheres britânicas, instalando-se próximo das fontes curativas de *Aquae Sulis,* e as suas sepulturas cobertas de líquenes agradeciam por vezes a Minerva ou a Sulis a dádiva daqueles anos. Uma hora depois, deixamos os túmulos para trás e o vale diminuía à medida que as íngremes colinas a norte da estrada se aproximavam das campinas junto ao rio; em breve percebi que a estrada viraria, abruptamente, para norte para subir as colinas que ficavam entre *Aquae Sulis* e *Corinium*.

Foi quando chegamos à parte estreita do vale que vimos os condutores dos bois que regressavam correndo. Tinham deixado *Aquae Sulis* no dia anterior, mas as suas lentas carroças não tinham conseguido ir além da curva norte da estrada, e agora, ao amanhecer, haviam abandonado os seus sete carregamentos de preciosos mantimentos.

- Sais! - gritou um homem, enquanto corria na nossa direção. - Há Sais!

- Tolo, - murmurei, depois gritei a Issa para que detivesse os homens em fuga.

Eu permitira que Guinevere montasse o meu cavalo, mas agora ela desmontara-o e, desajeitadamente, fui arrastado ao tentar subir para o dorso do animal; mas esporeei-o para seguir para frente.

A estrada virava para norte a oitocentos metros mais adiante. Os bois e as suas carroças haviam sido abandonados justamente na curva e eu passei por eles para espreitar do alto da encosta. Por instantes nada consegui ver, depois um grupo de cavaleiros surgiu junto a algumas árvores no cume. Estavam a oitocentos metros de distância, delineados pelo céu brilhante, e eu não consegui distinguir nenhum detalhe dos seus escudos, mas calculei que fossem bretões e não saxões, uma vez que o nosso inimigo não dispunha de muitos cavaleiros.

Apressei a mula a subir a encosta. Nenhum dos cavaleiros se mexeu. Ficaram apenas olhando para mim, mas então, à minha direita, surgiram mais homens no cume da colina. Eram lanceiros e, por cima deles, pendia um estandarte que me disse o pior.

O estandarte era um crânio pendurado com aquilo que parecia serem farrapos, e eu me lembrei da habitual caveira de lobo de Cerdic com a sua cauda esfarrapada feita de pele humana esfolada. Os homens eram saxões e barravam-nos o caminho. Não havia muitos lanceiros à vista, talvez uma dúzia de cavaleiros e cinquenta ou sessenta homens a pé, mas estavam no terreno mais elevado e eu não sabia dizer quantos mais podiam estar escondidos depois do cume. Parei a égua e olhei fixamente para os lanceiros, desta vez vendo o brilho da luz do sol nas toscas lâminas dos machados que alguns homens transportavam. Tinham de ser saxões. Mas de onde eles haviam surgido? Balin dissera-me que tanto Cerdic como Aelle avançavam ao longo do Tamisa, por isso parecia provável que esses homens tivessem vindo do sul do amplo vale do rio, mas talvez fossem alguns dos lanceiros de Cerdic que serviam Lancelot. Não que fosse, de fato, importante saber quem eles eram; tudo o que interessava era que o nosso caminho estava bloqueado. Surgiram ainda mais inimigos com as suas lanças penetrando a linha do horizonte a todo o comprimento da zona de junção das duas superfícies.

Virei a égua vendo Issa, que trazia os meus lanceiros mais experientes, passar o bloqueio na curva da estrada.

- Saxões! - gritei-lhe. - Formem aqui um escudo defensivo!

Issa levantou os olhos para os lanceiros distantes.

- Vamos combatemo-los aqui, senhor? - perguntou ele.

- Não. - Não me atrevia a lutar em lugar tão ruim. Seríamos forçados a lutar

subindo a colina e ficaríamos sempre preocupados pelas nossas famílias estarem atrás de nós.

- Em vez disso, tomaremos a estrada para *Glevum*? - sugeriu Issa.

Abanei a cabeça. A estrada de *Glevum* estava juncada de refugiados e se eu fosse comandante saxão outra coisa não quereria senão perseguir um inimigo em desvantagem numérica por essa estrada. Não conseguiríamos ultrapassá-lo, porque seríamos barrados pelos refugiados, e ele acharia uma forma simples de abrir caminho por entre aquelas pessoas em pânico para nos matar. Era possível, até mesmo provável, que os saxões não empreendessem qualquer perseguição *e,* em vez disso, fossem tentados a saquear a cidade, mas era um risco que eu não me atrevia a correr. Olhei para cima, para a alta colina, e vi ainda mais inimigos chegando ao cume que brilhava ao sol.

Era impossível contá-los, mas não era um grupo de guerra pequeno. Os meus homens formavam um escudo defensivo, mas eu sabia que não podia lutar ali. Os saxões tinham mais homens e estavam em terreno elevado. Lutar ali era morrer. Virei-me na sela. A oitocentos metros de distância, a norte do Caminho Valado, estava uma das fortalezas dos povos antigos, e o seu antigo muro de terra nessa época muito corroído pelo tempo erguia-se no cume de uma íngreme colina. Apontei para os taludes de relva.

- Vamos para lá - disse eu.

- Lá, senhor?

Issa estava confuso.

- Se tentarmos escapar - expliquei, - eles nos seguirão. As nossas crianças não conseguem andar depressa e, eventualmente, os canalhas nos apanharão. Seremos forçados a fazer um escudo defensivo, a colocar as nossas famílias no centro, e o último de nós a morrer ouvirá o primeiro grito das nossas mulheres. Melhor será irmos para um lugar onde eles hesitarão em atacar. Eventualmente, terão de fazer uma opção. Ou nos deixam em paz e vão para norte, caso em que os seguiremos, ou então combatem, e se nós estivermos no topo de uma colina teremos ainda uma chance de vencer. Uma chance melhor - acrescentei, - porque Culhwuch virá nesta direção. Dentro de um dia ou dois poderemos suplantá-los em número.

- Então abandonamos Artur? - perguntou Issa, chocado com essa idéia.

- Mantemos um grupo de guerra afastado de *Corinium* - afirmei.

Mas eu não estava satisfeito com a minha opção, porque Issa tinha razão. Eu abandonava Artur, mas não me atrevia a arriscar as vidas de Ceinwyn nem das minhas filhas. Toda a cuidadosa campanha que Artur planejara era, assim, destruída. Culhwuch estava excluído, em algum lugar no sul, eu estava encurralado em *Aquae Sulis*, enquanto Cuneglas e Oengus Mac Airem estavam ainda a muitos quilômetros de distância.

Voltei para trás, para ir buscar a minha armadura e as armas. Não tinha tempo para vestir a armadura, mas coloquei o elmo com o pêlo de lobo, agarrei a minha lança mais pesada e o meu escudo. Devolvi a mula a Guinevere e disse-lhe que levasse as famílias para o alto da colina, depois ordenei aos homens das tropas recrutadas e aos meus lanceiros mais novos que virassem as sete carroças dos mantimentos e as levassem para a fortaleza.

- Não me interessa como vão fazê-lo - disse-lhes. - Quero apenas esses mantimentos fora do alcance do inimigo. Puxem vocês mesmos as carroças, se tiverem de fazer!

Eu podia ter abandonado as armas de Argante, mas em guerra uma carroça carregada de mantimentos é ainda mais preciosa do que ouro e eu estava determinado a manter esses mantimentos longe do inimigo. Se fosse necessário, queimaria as carroças e o seu conteúdo, mas naquele instante tentaria salvar a comida.

Voltei para junto de Issa e tomei o meu lugar no centro do escudo defensivo. As fileiras do inimigo adensavam-se e eu pensei que eles fossem carregar, loucamente, pela colina abaixo a todo o momento. Suplantavam-nos em número, mas ainda assim não avançaram e cada hesitação sua era um momento extra em que as nossas famílias e as preciosas carroças carregadas de mantimentos podiam alcançar o cume da colina. Eu olhava para trás de relance, constantemente, observando a progressão das carroças, e quando já iam a mais de metade do íngreme caminho ordenei aos meus lanceiros que recuassem.

Essa retirada estimulou o avanço dos saxões. Gritaram um desafio e desceram rapidamente a colina, mas haviam retardado demais o seu ataque. Os meus homens recuaram ao longo da estrada, passaram um vau pouco profundo onde

um ribeiro gorgolejava da colina em direção ao rio, e alcançamos assim terreno mais elevado, uma vez que havíamos recuado, subindo a colina, pela encosta íngreme, em direção à

fortaleza. Os meus homens mantiveram-se em linha reta com os escudos sobrepostos e seguraram as suas longas lanças com firmeza, e essa evidência do seu treino deteve a perseguição dos saxões apenas a quarenta e cinco metros de nós. Contentaram-se em gritar desafios e insultos, enquanto um dos seus feiticeiros nus, com o cabelo guarnecido com excremento de vaca, dançava para nos amaldiçoar. Chamava-nos de porcos, covardes e bodes. Ele nos amaldiçoava e eu os contava. Havia cento e setenta homens no seu paredão, e ainda mais que não tinham descido a colina. Contei-os, e os comandantes de guerra dos saxões, levantados nos seus cavalos atrás do seu muro de escudos, contavam-nos. Agora, eu conseguia distinguir claramente a sua bandeira e era o estandarte da caveira do lobo de Cerdic que estava pendurado com a pele esfolada de um homem morto. O próprio Cerdic, porém, não se encontrava ali. Este tinha de ser um dos seus grupos de guerra que vinha do sul, do Tamisa. O grupo de guerra suplantava-nos em número, mas os seus comandantes eram prudentes demais para atacar. Sabiam que podiam nos derrotar, mas também conheciam o terrível dobre que setenta guerreiros experimentados provocariam nas suas fileiras. Para eles bastava que nos tivessem retirado da estrada.

Nós recuamos lentamente para o alto da colina. Os saxões observavam-nos, mas apenas o seu feiticeiro nos seguia e após algum tempo também ele perdeu o interesse. Cuspiu na nossa direção e foi embora. Nós zombamos bastante da timidez do inimigo, mas na verdade eu sentia um enorme alívio por eles não terem atacado.

Demoramos uma hora para fazer as sete carroças de preciosos mantimentos subirem para o antigo talude de turfa e depois para o topo da colina, suavemente abobadado. Caminhei por esse terreno abobadado e descobri que era uma excelente posição defensiva. O cume era em forma de triângulo, e em cada um dos seus três lados, o terreno era muito íngreme, de tal modo que qualquer atacante seria forçado a empreender um grande esforço em direção às nossas lanças. Tive esperança de que esta característica daquela encosta impedisse o grupo de guerra saxão de fazer qualquer ataque, e que num dia ou dois o inimigo partisse e nós pudéssemos retomar o nosso caminho para norte, para *Corinium*. Chegaríamos tarde, e sem dúvida que Artur estaria furioso comigo, mas por enquanto eu mantivera aquela parte de *Dumnônia* em segurança.

Éramos mais de duzentos lanceiros e protegemos uma imensidão de mulheres e crianças, sete carroças e duas princesas, e o nosso refúgio era o topo de uma colina com relva, bem acima de um profundo vale do rio. Encontrei um dos homens da tropa recrutada e perguntei-lhe o nome da colina.

- Tem o mesmo nome da cidade, senhor - disse ele, aparentemente abismado por eu sequer querer saber o nome.

- *Aquae Sulis*? - perguntei-lhe.

- Não, senhor! O nome antigo! O nome que tinha antes dos Romanos chegarem.

- Baddon - afirmei.

- E isto é *Mynydd Baddon*, senhor - confirmou ele.

Monte Baddon. Com o passar do tempo, os poetas fariam com que esse nome corresse toda a Bretanha. Seria entoado num milhar de palácios e inflamaria o sangue de crianças que ainda não haviam nascido, mas nessa época nada significava para mim. Era apenas uma colina conveniente, um forte com muros de erva, e o lugar onde, contra a vontade de todos, eu enterrei os meus dois estandartes na turfa. Um mostrava a estrela de Ceinwyn, enquanto o outro, que havíamos encontrado e retirado das carroças de Argante, ostentava a bandeira do urso de Artur.

Assim, aos primeiros raios de luz da manhã, flutuando ao sabor do vento seco, o urso e a estrela desafiavam os saxões.

Em *Mynydd Baddon*.

Os saxões eram cautelosos. Ao ver-nos pela primeira vez não nos haviam atacado, e agora que estávamos a salvo no cume de *Mynydd Baddon* contentavam-se em permanecer sentados na base da colina, observando-nos simplesmente. À tarde, um grande contingente dos seus lanceiros caminhou para *Aquae Sulis*, onde devem ter encontrado uma cidade quase deserta. Eu esperara ver as chamas e a fumaça do colmo queimado, mas não houve fogos e, ao cair da tarde, os lanceiros regressaram da cidade carregados com o resultado da pilhagem. As sombras da penumbra escureciam o vale do rio e, enquanto nós no cume de *Mynydd Baddon* tínhamos ainda os últimos raios da luz do dia, as fogueiras do acampamento dos nossos inimigos juncavam a escuridão por baixo

de nós.

Ainda mais fogueiras surgiram nos terrenos montanhosos para o nosso lado norte. No meio dessas colinas *Mynydd Baddon* parecia uma ilha no alto mar, e estava separada delas por uma elevada depressão oblonga arrelvada. Eu quase pensara que podíamos atravessar aquele amplo vale à noite, subir a serrania depois dele e prosseguir o nosso caminho, por entre as colinas em direção a *Corinium*; assim, antes de anoitecer, mandei Issa e um grupo de homens fazerem um reconhecimento da estrada, mas eles voltaram dizendo que havia inúmeras sentinelas saxãs por toda a serrania depois da depressão oblonga. Eu continuava tentado a tentar fugir pelo norte, mas percebi que os cavaleiros saxões nos veriam e que ao raiar o dia teríamos todos os seus grupos de guerra no nosso encalço. Essa opção preocupou-me durante grande parte da noite, mas depois me decidi pelo menor dos dois males: permaneceríamos em *Mynydd Baddon*.

Para os saxões, nós devemos ter parecido um exército formidável. Agora, eu comandava duzentos e sessenta e oito homens sem que o inimigo soubesse que menos de cem deles eram lanceiros de primeira. Quarenta dos que haviam ficado pertenciam à

tropa recrutada da cidade, trinta e seis eram guerreiros calejados no campo de batalha, que haviam guardado *Caer Cadarn* ou o palácio de *Durnovária*, embora a maior parte destas três dúzias de homens estivessem agora velhos e fossem lentos, enquanto cento e dez eram jovens que não eram de raça. Os meus setenta experientes lanceiros e os doze Escudos Negros de Argante contavam-se entre os melhores guerreiros da Bretanha, e apesar de eu não ter dúvidas de que os trinta e seis veteranos seriam úteis e de que os mais jovens podiam muito bem revelar-se excelentes, continuava sendo uma força lamentavelmente pequena com a qual protegíamos as nossas cento e catorze mulheres e setenta e nove crianças. Todavia, pelo menos tínhamos muitos mantimentos e água, porque tínhamos as sete preciosas carroças e havia três nascentes nos flancos de *Mynydd Baddon*.

Ao cair da noite, nesse primeiro dia, nós havíamos contado o inimigo. Havia cerca de trezentos e sessenta saxões no vale e, pelo menos, outros oitenta nos terrenos para norte. Era um número suficiente de lanceiros para nos encurralar em *Mynydd Baddon*, mas provavelmente não suficientes para nos assaltarem. Cada um dos três lados planos e sem árvores do cume tinha trezentos passos de comprimento, perfazendo um total que era demais para o meu pequeno número de lanceiros defender; mas se o inimigo atacasse nós o veríamos vindo a uma

longa distância e eu teria tempo para movimentar lanceiros que fizessem frente ao seu assalto. Calculei que, ainda que eles fizessem dois ou três assaltos simultâneos eu conseguiria aguentar, porque os saxões teriam de subir uma terrível e íngreme encosta, e os meus homens estariam frescos. Mas se o número de inimigos aumentasse, então eu sabia que seria suplantado em número.

Rezava para que esses saxões fossem apenas um grande grupo de saqueadores, e que depois de despojarem *Aquae Sulis* e o vale do seu rio de todos os mantimentos que conseguissem encontrar seguissem para norte, para se juntarem a Aelle e a Cerdic.

O despontar do dia seguinte mostrou-nos que os saxões ainda permaneciam no vale, onde a fumaça das fogueiras do seu acampamento se misturava com a neblina do rio. À medida que esta se dissipava vimos que eles derrubavam árvores para construírem cabanas, triste prova de que tencionavam ficar ali. Os meus homens estavam, eles próprios, ocupados nas encostas do monte, cortando com machados os pequenos espinheiros-alvar e os vidoeiros mais jovens que pudessem defendê-los de um ataque inimigo. Arrastaram os arbustos e as pequenas árvores para o cume e empilharam-nos como defesas rudimentares no que restava do palácio dos povos antigos. Eu tinha outros cinquenta homens no cume da colina, a norte da depressão oblonga, onde cortavam a lenha que levaríamos para o monte numa das carroças de bois de onde havíamos retirado os mantimentos. Os homens trouxeram madeira suficiente para construirmos uma grande cabana de madeira, apesar da nossa, ao contrário dos abrigos saxãos, cobertos de colmo ou turfa, ser apenas uma decrépita estrutura de troncos não aparados, estendidos entre quatro das carroças e rudemente cobertos com ramos. Todavia, era suficientemente grande para abrigar as mulheres e as crianças.

Durante a primeira noite enviei dois dos meus lanceiros para norte. Ambos eram habilidosos meliantes, escolhidos entre os mais jovens sem linhagem. Ordenei a cada um que tentasse chegar a *Corinium* e falasse a Artur da nossa situação. Tive dúvidas de que ele pudesse ajudar, mas pelo menos ficaria sabendo o que estava acontecendo. Durante todo o dia seguinte receei voltar a ver aqueles dois jovens, temendo vê-los serem arrastados como prisioneiros por um cavaleiro saxão. Eles, contudo, desapareceram.

Conforme soube mais tarde, ambos conseguiram chegar a *Corinium* sãos e salvos.

Os saxões construíram os seus abrigos e nós empilhamos mais espinheiros e arbustos no nosso néscio palácio. Nenhum inimigo se aproximou de nós, e nós não descemos a colina para desafiá-los. Dividi o cume em seções e deixei cada uma entregue a um grupo de lanceiros. Os meus setenta experientes guerreiros, os melhores do meu pequeno exército, vigiavam a intercepção dos taludes virados a sul para o nosso inimigo.

Dividi os mais jovens em dois grupos, cada um flanqueado por homens experientes, depois conferi a defesa do lado norte da colina aos doze Escudos Negros, apoiados pela tropa recrutada e pelos guardas de *Caer Cadarn* e *Durnovária*. O chefe dos Escudos Negros era um bruto com cicatrizes chamado Niall, um veterano de uma centena de ataques súbitos devastadores, cujos dedos estavam cheios de anéis de guerreiro. Niall ergueu, assim, o seu estandarte temporário no talude norte. Era apenas um ramo estreito e comprido de um vidoeiro jovem enterrado na turfa com um pedaço de tecido preto a esvoaçar na extremidade, mas havia algo de bárbaro e satisfatoriamente desafiador naquela bandeira irlandesa em farrapos.

Eu ainda tinha esperança de fugir. Os saxões podiam estar construindo abrigos no vale do rio, mas o terreno elevado a norte continuava a tentar-me, e naquela segunda tarde atravessei a cavalo a depressão oblonga por baixo da bandeira de Niall subindo, desse modo, para o pico oposto. Uma enorme extensão de charnecas estendia-se sob as nuvens, que corriam velozes. Eachern, um guerreiro experiente que eu colocara no comando de um dos grupos dos mais jovens a cortar lenha no pico, deteve-se junto à

minha égua. Viu que eu fitava a charneca vazia e calculou o que me ia ao espírito.

Cuspiu.

- Os imbecis estão ali em algum lugar, disso não há dúvida - disse ele.

- Tem certeza?

- Eles vão e vêm, senhor. Sempre cavaleiros. - Tinha um machado na mão direita e apontava-o para oeste, onde um vale se estendia de norte para oeste junto à charneca.

Algumas árvores cresciam no pequeno vale, embora tudo o que delas

conseguíssemos ver fossem as suas copas cheias de folhas.

- Existe uma estrada no meio daquelas árvores - disse Eachern, - e é ali que eles estão escondidos.

- A estrada deverá seguir diretamente para *Glevum* - disse eu.

- Primeiro vai dar diretamente nos saxões, senhor - disse Eachern. - Os imbecis estão ali, disso não há dúvida. Ouvi os seus machados.

O que significava, calculei, que o caminho no vale estava bloqueado com árvores derrubadas. Eu ainda estava tentado. Se destruíssemos os mantimentos e deixássemos para trás tudo o que retardasse a nossa marcha, então conseguiríamos ainda fugir daquele círculo saxão e alcançar o exército de Artur. Durante todo o dia, a minha consciência espicaçara-me como uma espora, porque o meu dever era, evidentemente, estar com Artur e quanto mais tempo eu estivesse retido em *Mynydd Baddon*, mais difícil seria a sua tarefa. Questionei-me se poderíamos atravessar a charneca durante a noite.

Estaria quarto crescente e haveria luz suficiente para iluminar o caminho, e se caminhássemos depressa certamente deixaríamos para trás o principal grupo de guerra saxão. Podíamos ser perseguidos por uma mão-cheia de cavaleiros saxãos, mas os meus lanceiros conseguiriam fazer-lhes frente. Todavia, o que estaria para lá da charneca?

Certamente terreno montanhoso e, sem dúvida, entrecortado por rios engrossados pelas recentes chuvas. Eu precisava de uma estrada, de vaus e de pontes, precisava de velocidade ou então as crianças ficariam para trás, os lanceiros abrandariam o passo para protegê-las e, de repente, os saxões saltariam sobre nós como lobos ultrapassando um rebanho de cordeiros. Eu podia nos imaginar fugindo de *Mynydd Baddon*, mas não conseguia ver como iríamos fazer para percorrer os quilômetros de terra entre nós e *Corinium* sem sermos vítimas das lanças do inimigo.

A decisão me foi arrancada ao amanhecer. Contemplava ainda um norte envolto na penumbra, esperando que ao deixarmos as nossas fogueiras acesas conseguíssemos enganar o inimigo e levá-lo a pensar que ainda permanecíamos no cume de *Mynydd Baddon*. Contudo, ao anoitecer daquele segundo dia chegaram ainda mais saxões.

Vinham de noroeste, da direção de *Corinium*, e uma centena deles dirigia-se para a charneca, e eu desejei que a atravessassem. Depois vieram para sul, para afastar os meus lenhadores das árvores, atravessaram a depressão oblonga e, deste modo, voltaram para *Mynydd Baddon*. Agora estávamos, sem dúvida, cercados.

Nessa noite, sentei-me com Ceinwyn junto à fogueira.

- Me faz recordar - disse eu, - aquela noite em *Ynys Mon*.

- Estava pensando nisso - disse ela.

Fora na noite em que descobríramos o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn*, e nos amontoáramos num aglomerado de rochedos com as forças de Diwrnach a cercar-nos.

Nenhum de nós esperara sobreviver, mas então Merlim acordara dos mortos e troçara de mim.

- Estamos cercados? - perguntara ele. - Estamos em menor número?

Eu concordara com as duas perguntas e Merlim sorrira.

- E você se considera um chefe de guerreiros!

- Você nos colocou numa situação difícil - disse Ceinwyn, citando Merlim, e eu sorri ao recordar-me, depois suspirei. - Se não estivéssemos com você - continuou ela, indicando as mulheres e as crianças em volta das fogueiras, - o que vocês fariam?

- Íamos para norte. Travávamos ali uma batalha - fiz um aceno com a cabeça na direção das fogueiras dos saxões, que continuavam a crepitar no terreno alto para lá da depressão oblonga, - depois continuávamos a caminhar para norte.

Eu não tinha inteira certeza de que o faria, porque semelhante fuga significava abandonar todos os homens feridos em combate pela serrania, mas os restantes, sem terem de se ocupar das mulheres e crianças, poderiam sem dúvida avançar mais depressa do que a perseguição saxã.

- Pensou - disse Ceinwyn, suavemente, - em pedir aos saxões para deixarem

passar em segurança as mulheres e as crianças?

- Eles concordarão - respondi, - e assim que vocês estiverem fora do alcance das nossas lanças, capturam-lhes, violam, matam e fazem das crianças escravos.

- Então, não é exatamente uma boa idéia? - perguntou ela, com delicadeza.

- Não exatamente.

Ela inclinou a cabeça sobre o meu ombro, tentando não incomodar Seren, que dormia com a cabeça deitada no colo da mãe.

- Então, quanto tempo conseguimos aguentar? - perguntou Ceinwyn.

- Eu podia morrer de velhice em *Mynydd Baddon* - respondi, - desde que eles não mandem mais de quatrocentos homens para nos atacar.

- E farão isso?

- Provavelmente não - menti, e Ceinwyn percebeu que eu mentia.

Claro que eles enviariam mais de quatrocentos homens. Eu aprendera que na guerra o inimigo faz normalmente aquilo que mais receamos, e este inimigo certamente enviaria todos os lanceiros que tinha.

Ceinwyn permaneceu em silêncio por algum tempo. Cães ladravam nos distantes acampamentos saxões, e o som chegava-nos distintamente através da noite silenciosa.

Os nossos cães começaram a responder e a pequena Seren estremeceu, mergulhada no seu sono. Ceinwyn alisou o cabelo da filha.

- Se Artur está em *Corinium* - perguntou ela, em voz baixa, - então porque os saxões vêm para cá?

- Não sei.

- Acha que, provavelmente, se dirigem para norte para se juntarem ao seu exército principal?

Eu pensara nisso, mas a chegada de mais saxões suscitara-me dúvidas. Agora, eu

suspeitava que estivéssemos diante de um grande grupo de guerra inimigo, que tentara caminhar para sul em torno de *Corinium*, descendo bem fundo pelas colinas para voltar a surgir em *Glevum* e, deste modo, ameaçar a retaguarda de Artur. Não conseguia encontrar outra razão para a presença de tantos saxões no vale de *Aquae Sulis*, mas isso não explicava o motivo para eles não prosseguirem a sua marcha. Em vez disso, construíam abrigos, o que sugeria que pretendiam sitiar-nos. ”Em qualquer dos casos”, pensei, ”talvez estivéssemos prestando um serviço a Artur ao permanecermos ali.”

Mantínhamos um grande número dos seus inimigos afastados de *Corinium*, ainda que se os nossos cálculos estavam certos em relação às forças inimigas, os saxões tivessem homens mais do que suficientes para nos destruir tanto a nós como a Artur.

Ceinwyn e eu permanecemos em silêncio. Os doze Escudos Negros tinham começado a cantar e, no fim da canção, os meus homens responderam com o cântico de guerra de *Illtydd*. Pyrlig, o meu bardo, acompanhou o canto com a sua harpa. Ele encontrara uma carapaça de couro e aprestara-se com um escudo e uma lança, mas o equipamento de guerra parecia estranho na sua figura magra. Fiz votos para que ele nunca tivesse de abandonar a sua harpa e usar a lança, porque nessa altura toda a esperança teria se desvanecido. Imaginei os saxões invadindo em grande número o cume da colina, e em grande assuada ao encontrarem tantas mulheres e crianças, mas depois afastei aquele horrível pensamento. Tínhamos de permanecer vivos, tínhamos de defender os nossos muros, tínhamos de vencer.

Na manhã seguinte, sob um céu de cinzentas nuvens, com as quais um vento fresco trouxe pingos de chuva de oeste, vesti o meu equipamento de guerra. Era pesado e, deliberadamente, não o vestira até esse momento. Todavia, a chegada dos reforços saxões convencera-me de que teríamos de combater e, desse modo, para encorajar os meus homens decidi usar a minha melhor armadura.

Primeiro, por cima da camisa de linho e das calças de lã, vesti uma túnica de couro que me caía até aos joelhos. O couro era suficientemente grosso para deter uma cutilada de espada, mas não um golpe de lança. Por cima da túnica vesti a preciosa capa de pesada malha romana, que os meus escravos haviam polido até as pequenas argolas brilharem. A cota de malha era ornamentada com laçadas de ouro na bainha, nas mangas e na gola. Era uma cota cara, uma das mais ricas da Bretanha, e suficientemente bem forjada para deter os mais selvagens golpes de

lança. As minhas botas altas até os joelhos tinham tiras de bronze bordadas para me defender das lâminas que me atacassem por baixo do escudo defensivo, e calçara luvas até o cotovelo com chapas de ferro que me protegiam os antebraços. O meu elmo estava decorado com dragões de prata, que trepavam para o seu pico dourado onde estava presa a cauda de lobo. O elmo caía-me sobre as orelhas, tinha uma aba de malha que me protegia a nuca, e proteções de rosto prateadas que podiam ser baixadas sobre o meu rosto para que o inimigo não visse um homem, mas um assassino vestido de metal com duas sombras negras em vez de olhos. Era a rica armadura de um importante senhor da guerra e fora desenhada para provocar medo no inimigo. Apertei o cinto da *Hywelbane* em torno da malha, ajustei uma capa em volta do pescoço e tomei o peso à minha maior lança de guerra. Depois, assim vestido para o combate, e com o escudo balançando nas costas, caminhei em torno da muralha de *Mynydd Baddon* para que todos os meus homens e todos os inimigos que nos observavam me vissem e percebessem que um chefe de guerreiros aguardava o combate. Terminei o meu circuito no cume sul da nossa zona defensiva e aí, de pé, bem acima do inimigo, levantei as camisas de malha e couro para urinar pela colina abaixo em direção aos saxões.

Não reparara que Guinevere estava próximo, e só percebi quando ela riu, e aquele riso comprometeu o meu gesto porque fiquei embaraçado. Ela recusou as minhas desculpas com um aceno.

- Você fica com uma bela figura, Derfel - disse ela.

Levantei as proteções do rosto.

- Tinha esperança, senhora - afirmei, que não mais voltaria a usar este equipamento de guerra.

- Você parece Artur falando - disse ela, asperamente, depois caminhou atrás de mim, admirando as faixas de prata trabalhada que formavam a estrela de Ceinwyn do meu escudo. - Eu nunca entendi - disse ela, voltando para junto de mim, - por que razão a maior parte do tempo vocês se vestem como guardadores de porcos, mas se arranjam tão bem para a guerra.

- Não pareço nenhum guardador de porcos - protestei.

- Não como os meus, - disse ela, - porque não suporto ter gente suja à minha volta, ainda que sejam guardadores de porcos, por isso faço sempre o possível

para que tenham roupas decentes.

- Tomei banho no ano passado - insisti.

- Tão recentemente assim! - disse ela, fingindo-se impressionada. Segurava o arco e as setas de caça e tinha uma aljava de setas às costas - Se eles vierem, pretendo enviar algumas das suas almas para o Outro Mundo.

- Se eles vierem - respondi, sabendo que assim aconteceria, - tudo o que verá

serão elmos e escudos e desperdiçará as suas setas. Aguarde até que eles levantem as cabeças para lutar contra o nosso escudo defensivo, então aponte nos olhos.

- Eu não desperdiçarei setas, Derfel - prometeu-me, ameaçadoramente.

A primeira ameaça veio do norte, onde os recém-chegados saxões haviam formado um escudo defensivo por entre as árvores, acima da depressão oblonga que separava *Mynydd Baddon* do terreno elevado. A nossa nascente mais abundante ficava nessa depressão e talvez a intenção dos saxões fosse negar-nos o seu uso, porque pouco passava do meio-dia quando o seu escudo defensivo desceu para o pequeno vale.

Niall observava-os dos nossos taludes.

- Oitenta homens - disse-me ele.

Levei Issa e cinquenta homens para os taludes a norte, um número mais do que suficiente de lanceiros para defrontar oitenta saxões que atuavam no cimo da colina. Mas cedo se tornou evidente que a intenção dos saxões não era atacar, mas sim levar-nos a descer para a depressão onde podiam lutar conosco em igualdade de circunstâncias. E

não havia dúvidas que depois de descermos mais saxões irromperiam do meio das árvores altas para nos armarem uma cilada.

- Fiquem aqui - disse eu aos meus homens. - Não desçam! Fiquem aqui!

Os saxões zombaram de nós. Alguns sabiam algumas palavras de inglês, o suficiente para nos chamarem covardes, meninas ou vermes. Por vezes, um

pequeno grupo subia até meio da nossa encosta para nos tentar a quebrar fileiras e fazer-nos descer a colina apressadamente, mas Niall, Issa e eu mantivemos os nossos homens calmos. Um feiticeiro saxão subiu, escorregando de quando em vez, pela encosta úmida na nossa direção em pequenos ímpetos nervosos, proferindo feitiços de forma atabalhoada. Vestia apenas uma capa curta de pêlo de lobo sem mangas e o seu cabelo estava estrumado num único espigão alto. Guinchou as suas pragas, lamuriou as palavras mágicas e depois atirou uma mão-cheia de pequenos ossos aos nossos escudos, mas ainda assim nenhum de nós se mexeu. O feiticeiro cuspiu três vezes, depois desceu correndo escorregando para a depressão, onde um chefe de tribo saxão tentava agora desafiar um de nós para uma luta individual.

Era um homem corpulento com uma crina emaranhada e gordurosa, um cabelo dourado imundo que pendia sobre um suntuoso colar dourado. A sua barba estava entrançada com fitas negras, a carapaça era de ferro, as caneleiras de bronze romano decorado e o escudo tinha pintada a máscara de um lobo mostrando os dentes. O seu elmo tinha dois cornos de boi em cada um dos lados e encimava-o uma caveira de lobo à

qual ele havia apertado uma massa de fitas pretas. Tinha faixas de pêlo preto presas em volta dos braços e coxas, trazia um enorme machado de guerra de lâmina dupla, enquanto do seu cinto pendia uma longa espada e uma das facas pequenas e de lâmina larga chamada *seax*, a arma que conferiu aos saxões o seu nome. Durante algum tempo, ele exigiu que o próprio Artur descesse e lutasse com ele, e depois de se cansar de fazê-

lo desafiou-me, chamando-me de covarde, escravo com coração de galinha e filho de uma prostituta leprosa. Falou na sua língua, o que significou que nenhum dos meus homens entendeu o que ele disse e eu deixei, simplesmente, que as suas palavras passassem por mim levadas pelo vento.

Então, no meio da tarde, depois da chuva ter parado e os saxões estarem cansados de tentar convencer-nos a descer para lutar, trouxeram três crianças capturadas para a depressão oblonga. As crianças eram muito pequenas, não tendo mais de cinco ou seis anos, e eles seguravam-nas com *seax* encostados às suas gargantas.

- Desçam - gritou o enorme chefe de tribo saxão - ou elas morrem!

Issa olhou para mim.

- Deixe-me ir, senhor - pediu ele.

- Este talude é meu - insistiu Niall, o chefe dos Escudos Negros. - Eu basto para o cretino.

- O topo da colina é meu - disse eu.

Era mais do que apenas o meu topo de colina, também era meu dever travar o primeiro combate individual numa batalha. Um rei podia deixar que o seu paladino lutasse, mas um senhor da guerra não devia enviar homens para onde ele próprio não fosse, por isso baixei as proteções de rosto do meu elmo, toquei com a mão enluvada nos ossos de porco do copo da *Hywelbane* e depois pressionei a minha cota de malha para sentir a pequena protuberância formada pelo broche de Ceinwyn. Deste modo, tranquilizado, empurrei a nossa paliçada de madeira colada e comecei a descer a encosta íngreme.

- Você e eu! - gritei para o alto saxão na sua própria língua - pelas suas vidas - e apontei a minha lança para as três crianças.

Os saxões murmuraram aprovação por finalmente, terem conseguido que um bretão descesse da colina. Eles recuaram, levando as crianças consigo, deixando a depressão oblonga livre para mim e para o paladino deles. O corpulento saxão tomou o peso do grande machado na sua mão esquerda, depois escarrou ranúnculo amarelo.

- Você fala bem a nossa língua, porco - felicitou-me ele.

- É uma língua de porcos - respondi.

Ele atirou o machado ao ar, fazendo-o rodar com a lâmina luzindo à luz fraca do sol, que tentava romper por entre as nuvens. O machado era longo e a sua cunha de lâmina dupla era pesada, mas ele apanhou-o facilmente pelo cabo. A maior parte dos homens acharia difícil manejar uma arma tão maciça mesmo por pouco tempo, mais ainda atirá-la ao ar e apanhá-la, mas este saxão fez parecer fácil.

- Artur não se atreveu a vir lutar comigo - disse ele, - por isso terei de te matar no seu lugar.

A sua referência a Artur confundiu-me, mas não me cabia desiludir o inimigo se ele pensava que Artur estava em *Mynydd Baddon*.

- Artur tem coisas melhores para fazer do que matar um verme - afirmei, - por isso me pediu para te matar, e depois enterrar o teu gordo cadáver com os pés virados para o sul para que para todo o sempre vagueie solitário, sem nunca conseguir encontrar o teu Outro Mundo.

Ele cuspiu.

- Você guincha como um porco esparvoado.

Os insultos eram um ritual, tal como o combate individual. Artur desaprovava ambos, acreditando que os insultos eram um desperdício de fôlego e o combate individual um desperdício de energia, mas eu não tinha quaisquer objeções em lutar contra um paladino inimigo. Esse combate servia um propósito, porque se eu matasse aquele homem as minhas tropas ficariam imensamente animadas e os saxões veriam na sua morte um terrível presságio. O risco era perder o combate, mas naquele tempo eu era um homem confiante. O saxão era um bom bocado mais alto do que eu, e de ombros muito mais largos, mas eu tive dúvidas que fosse rápido. Parecia um homem que confiava na força para vencer, enquanto eu tinha orgulho em ser tão esperto quanto forte. Ele levantou os olhos para o nosso talude, que agora estava povoado de homens e mulheres.

Não consegui ver Ceinwyn, mas Guinevere sobressaía por entre os homens armados pela altura e a figura admirável.

- É aquela a tua mulher? - perguntou-me o saxão, empunhando o machado na sua direção. - Esta noite será minha, meu verme.

Aproximou-se mais dois passos de mim, ficando apenas a uma dúzia de passos de distância, depois atirou de novo o grande machado ao ar. Os seus homens aplaudiam-no da encosta norte, enquanto os meus homens gritavam roucos encorajamentos dos taludes.

- Se está com medo - disse-lhe eu, - dou-lhe tempo para esvaziar as tripas.

- Vou esvaziálas em cima do seu cadáver - gritou-me ele. Indaguei-me se deveria matá-lo com a lança ou com a *Hywelbane* e decidi que a lança seria mais rápida, desde que ele não detivesse o golpe. Era evidente que ele atacaria em breve,

porque começara a balançar o machado em curvas rápidas e complexas que entonteciam ao fitá-lo, e eu suspeitei que a sua intenção fosse carregar sobre mim com aquela lâmina desfocada, afastar a minha lança para o lado com o seu escudo, depois enterrar o machado no meu pescoço.

- Me chamo-me Wulfger - disse ele, formalmente, - Chefe da tribo Sarnaed do povo de Cerdic, e esta região será minha.

Deslizei o braço esquerdo para fora das presilhas do meu escudo, passei-o para o braço direito e segurei a lança com a mão esquerda. Não apertei o escudo ao braço direito, segurando apenas com força a pega de madeira. Wulfger de Sarnaed era canhoto e isso significava que o seu machado me atacaria do meu lado sem guarda, se eu mantivesse o escudo no braço onde o trazia. Eu não era tão bom com a lança na mão esquerda, mas tive a noção de que podia acabar com este combate bem depressa.

- O meu nome - respondi-lhe, formalmente - é Derfel, filho de Aelle, Rei dos Aenglish. E sou o homem que fez a cicatriz no rosto de Liofa.

O meu alarde fora intencional para desconcertá-lo, e talvez tenha conseguido, mas ele pouco o demonstrou. Em vez disso, com um bramido repentino, atacou e os seus homens aplaudiram ruidosamente. O machado de Wulfger sibilava no ar, o seu escudo estava pronto a afastar a minha lança para o lado, e ele carregava como um touro, mas nessa altura arremessei violentamente o meu escudo ao seu rosto. Voltei a afastá-lo para o lado, para que girasse na sua direção como um pesado disco de madeira com cercadura de metal.

A visão repentina do escudo pesado voando com força na direção do seu rosto forçou-o a levantar o seu e a parar o violento serpentear do seu machado desfocado. Ouvi o meu escudo bater ruidosamente no dele, mas eu arqueara já um joelho, mantendo a minha lança baixa e pronto a lancetar para cima. Wulfger de Sarnaed detivera o meu escudo com bastante rapidez, mas não conseguiu deter a sua forte investida para diante, nem conseguiu largar o escudo a tempo e, deste modo, correu direito à longa, pesada e cruel lâmina. Eu apontara à sua barriga, abaixo da sua carapaça de ferro, onde a única proteção que tinha era um justilho de couro grosso, e a minha lança trespassou esse couro como uma agulha deslizando no linho. Ergui-me assim que a lâmina se afundou no couro, na pele, nos músculos e na carne alojando-se no baixo ventre de Wulfger.

Endireitei-me e torci o punho, bradando agora o meu desafio quando vi a lâmina do machado esmorecer. Estoquei, novamente, com a lança sempre afundada na sua barriga e torci a lâmina em forma de folha uma segunda vez, e Wulfger de Sarnaed abriu a boca enquanto me fitava e vi o terror surgir nos seus olhos. Tentou erguer o machado, mas sentiu apenas uma terrível dor na barriga e uma fraqueza liquefeita nas pernas e, então, tropeçou, arfou e caiu de joelhos. Larguei a lança e recuei enquanto retirava a *Hywelbane*.

- Esta região é nossa, Wulfger de Sarnaed - disse eu, suficientemente alto para que os seus homens me ouvissem, - e continuará sendo a nossa região.

Serpenteei a lâmina uma vez, mas com força para que, através da massa baça de cabelo abatido lhe cortasse o cachaço e chegasse à coluna.

Ele caiu morto, num abrir e fechar de olhos.

Agarrei a haste da minha lança, coloquei um pé na barriga de Wulfger e soltei a relutante lâmina com um puxão. Depois inclinei-me e arranquei a caveira de lobo do seu elmo. Empunhei o osso amarelecido na direção dos nossos inimigos, depois atirei-o ao chão e pisei-o fazendo-o em mil pedaços debaixo do meu pé. Desapertei o colar de ouro do homem morto, peguei o seu escudo, o seu machado e a sua faca e acenei esses troféus na direção dos seus homens, que permaneciam em silêncio observando-me. Os meus homens dançavam e gritavam o seu contentamento. Por último, inclinei-me e desapertei as suas pesadas caneleiras de bronze, decoradas com imagens do meu deus, Mitras.

Ergui-me com o meu saque.

- Mande as crianças! - gritei aos saxões.

Venha buscá-las! - replicou um homem e, depois, com um golpe rápido cortou a garganta de uma das crianças. As outras duas gritaram, depois também elas foram mortas e os saxões cuspiram nos seus pequenos corpinhos. Por instantes, pensei que os meus homens perdessem o controle e carregassem sobre a depressão oblonga, mas Issa e Niall detiveram-nos no talude. Cuspi no corpo de Wulfger, fiz um sorriso escarninho ao pérfido inimigo e levei os meus troféus para o alto da colina.

Dei o escudo de Wulfger a um dos homens da tropa recrutada, a faca a Niall e o machado a Issa.

- Não os utilizem no campo de batalha - afirmei, - mas podem cortar lenha com isso.

Levei o colar de ouro a Ceinwyn, mas ela abanou a cabeça.

- Não gosto do ouro de homens mortos - afirmou.

Ela deitava as nossas filhas e vi que estivera chorando. Ceinwyn não era uma mulher que traísse as suas emoções. Aprendera em criança que podia manter as tímidas emoções de seu pai sendo naturalmente resplandecente e, de alguma forma, aquele hábito de jovialidade impregnara-se bem fundo na sua alma. Naquele momento, porém, ela não fora capaz de esconder a sua amargura.

- Você podia ter morrido! - disse ela.

Eu nada tinha para dizer, por isso baixei-me ao seu lado, arranquei uma mão cheia de erva e limpei o sangue da ponta da *Hywelbane*. Ceinwyn franziu-me as sobrancelhas.

- Eles mataram aquelas crianças?

- Sim - respondi.

- Quem eram elas?

Encolhi os ombros.

- Quem sabe? Apenas crianças, capturadas num ataque súbito.

Ceinwyn suspirou e afagou o farto cabelo de Morwenna.

- Tinha mesmo de lutar?

- Preferia que tivesse mandado Issa?

- Não - admitiu ela.

- Então, sim, tinha mesmo de lutar - respondi e, na verdade, eu apreciara o combate.

Apenas um louco deseja a guerra, mas uma vez iniciada não pode ser levada a

cabo sem ânimo. Nem tão-pouco com arrependimento; tem de ser empreendida com uma satisfação selvagem em derrotar o inimigo, e é essa satisfação selvagem que inspira os nossos bardos a escrever as suas mais formidáveis canções sobre o amor e a guerra.

Nós, guerreiros, nos vestimos para a batalha como nos embelezamos para o amor; tornamo-nos garridos, usamos o nosso ouro, colocamos penachos nos nossos elmos adornados com prata, pavoneamo-nos, vangloriamo-nos, e quando as lâminas assassinas nos atingem caímos como se o sangue dos deuses nos corresse nas veias. Um homem devia amar a paz, mas se ele não conseguir lutar com todo o seu coração então não alcançará a paz.

- O que nós faríamos se você tivesse sido morto? - perguntou-me Ceinwyn, enquanto me via colocar as belas caneleiras de Wulfger por cima das minhas botas.

- Vocês teriam me queimado, meu amor - respondi. - E enviado a minha alma para junto de Dian. - Beijei-a, depois levei o colar de ouro a Guinevere, que ficou encantada com a oferenda. Ela perdera as suas jóias com a liberdade, e apesar de não gostar do pesado trabalho saxão, colocou o colar em volta do pescoço.

- Apreciei aquela luta - disse ela, ajeitando as placas de ouro. - Quero que me ensine um pouco de saxão, Derfel.

- Certamente.

- Insultos. Pretendo ofendê-los. - Deu uma gargalhada. - Insultos grosseiros, Derfel, os mais grosseiros que conheça.

E haveria inúmeros saxões para Guinevere insultar, uma vez que mais lanceiros inimigos haviam chegado ao vale. Os meus homens que se encontravam no ângulo sul gritaram avisando-me, e eu fui colocar-me no talude por baixo dos nossos dois estandartes e vi as duas longas fileiras de lanceiros descendo as colinas de leste até às campinas do rio.

- Começaram a chegar há pouco - disse Eachern - e agora não se vê o fim.

Nem havia. Não se tratava de nenhum grupo de guerra que vinha para lutar, mas de um exército, uma horda, todo um povo em marcha. Homens, mulheres,

animais e crianças, todos espalhando-se das colinas de leste para o vale de *Aquae Sulis*. Os lanceiros marchavam nas suas longas colunas e entre elas havia manadas, rebanhos de ovelhas e grupos dispersos de mulheres e crianças. Nos flancos seguiam cavaleiros, e mais cavaleiros agrupavam-se em volta dos dois estandartes que marcavam a chegada dos Reis saxões. Não se tratava de um exército, mas de dois, das forças combinadas de Cerdic *e* de Aelle, e em vez de surgirem pela frente de Artur no vale do Tamisa, haviam ido ali, ao meu encontro, e as suas lanças eram tão numerosas como as estrelas no céu, na grande abóbada celeste.

Observei-os a chegar durante uma hora e Eachern tinha razão. Não se via o fim, e eu toquei nos ossos do copo da *Hywelbane* e percebi, então mais do que nunca, que estávamos condenados.

Nessa noite, as luzes das fogueiras saxãs assemelhavam-se a uma constelação sobre o vale de *Aquae Sulis*; um resplendor de fogueiras de acampamento estendendo-se para sul e bem fundo para oeste, mostrava como os acampamentos inimigos seguiam o curso do rio. Havia ainda mais fogueiras nas colinas a leste, onde a guarda da retaguarda da horda de saxões acampara no elevado terreno; mas ao amanhecer vimos esses homens a descerem para o vale por baixo de nós.

Estava uma manhã úmida, embora prometesse um dia de calor. Ao despontar o Sol, quando o vale estava ainda escuro, a fumaça das fogueiras saxãs misturava-se com a bruma do rio, assemelhando-se então *Mynydd Baddon* a um navio verde à deriva num mar cinzento e sinistro. Eu dormira mal, porque uma das mulheres dera à luz durante a noite e os seus gritos haviam me despertado. A criança havia nascido morta e Ceinwyn disse que devia ter nascido apenas três ou quatro meses depois.

- Acho que é um mau presságio - acrescentou Ceinwyn, sombriamente.

”E talvez assim fosse”, pensei, mas não me atrevi a admiti-lo. Em vez disso, tentei parecer confiante.

- Os deuses não nos abandonarão - afirmei.

- Foi Terfa - disse Ceinwyn, dizendo o nome da mulher que torturara a noite com os seus gritos. - Teria sido o seu primeiro filho. Um rapaz. Muito pequenino. - Ela hesitou, depois sorriu-me com tristeza. - Teme-se, Derfel, que os deuses nos

tenham abandonado no *Samain*.

Ela dizia apenas aquilo que eu mesmo temia. Todavia, uma vez mais, não me atrevi a admiti-lo.

- Você acredita nisso? - perguntei-lhe.

- Não quero acreditar nisso - disse ela. Refletiu por breves instantes e ia começar a dizer mais alguma coisa quando um grito vindo do talude sul nos interrompeu.

Permaneci imóvel e o grito repetiu-se. Ceinwyn tocou-me no braço.

- Vá - disse ela.

Corri para o talude sul ao encontro de Issa, que passara a noite de sentinela olhando fixamente para as sombras fumegantes do vale.

- Cerca de uma dúzia dos canalhas - disse ele.

- Onde?

- Está vendo a sebe? - Apontou para baixo, para a encosta sem erva onde uma sebe de espinheiros-alvar com flores brancas marcava o fim da encosta da colina e o início dos terrenos cultivados do vale. - Estão ali. Nós os vimo atravessar o campo de trigo.

- Estão apenas nos observando - afirmei, rispidamente, zangado por ele me ter afastado da companhia de Ceinwyn por tão pouco.

- Não sei, senhor. Havia algo de estranho neles. Olhe! - Voltou a apontar e vi um grupo de lanceiros trepando por cima da sebe,

Eles penetraram no nosso lado da sebe e parecia que olhavam para trás, em vez de olharem na nossa direção. Aguardaram alguns minutos, depois de repente correram na nossa direção.

- Desertores? - Calculou Issa.

- Certamente que não!

E, na verdade, parecia estranho que alguém desertasse daquele vasto exército

saxão para se juntar ao nosso grupo sitiante, mas Issa tinha razão, porque quando os onze homens estavam já a meio da subida da encosta viraram ostensivamente os seus escudos ao contrário. As sentinelas saxãs haviam, finalmente, visto os traidores e um grande número de lanceiros inimigos vinha agora em perseguição dos fugitivos. Contudo, os onze homens iam bem mais adiantados, conseguindo chegar até nós sem dificuldade.

- Traga-os à minha presença quando chegarem - disse eu a Issa. Depois afastei-me até ao centro do cume onde vesti a minha cota de malha e prendi a *Hywelbane* à

cintura.

- Desertores - informei Ceinwyn.

Issa levou os onze homens pela relva. Primeiro reconheci os escudos, uma vez que mostravam a águia-marinha de Lancelot com o peixe presos nas garras, e depois reconheci Bors, o primo e paladino de Lancelot. Sorriu, nervosamente, ao me ver, depois fiz um largo sorriso e ele se descontraiu.

- Lorde Derfel - cumprimentou-me. O seu rosto largo estava ruborescido da subida, e o seu corpo robusto agitava-se para recuperar o fôlego.

- Lorde Bors - afirmei, formalmente, depois abracei-o.

- Se tenho de morrer - afirmou - prefiro morrer do meu próprio lado.

Disse o nome dos seus lanceiros, todos eles bretões que haviam estado ao serviço de Lancelot e todos eles homens que haviam se ressentido por serem forçados a erguer as suas lanças a favor dos saxões.

Fizeram uma vênia a Ceinwyn, depois sentaram-se enquanto lhes era trazido pão, hidromel e carne salgada. Lancelot, afirmaram, dirigira-se para norte para ir ao encontro de Aelle e Cerdic, e agora todas as forças saxãs estavam reunidas no vale abaixo de nós.

- Para cima de duzentos homens, calculam eles - disse Bors.

- Eu tenho menos de trezentos.

Bors fez uma careta.

- Mas Artur está aqui, não é assim?

Abanei a cabeça.

- Não.

Bors levantou os olhos fitando-me com a boca cheia de comida.

- Não está aqui? - perguntou ele, por fim.

- Tanto quanto sei, está em algum lugar no Norte.

Engoliu tudo o que tinha na boca, depois praguejou em voz baixa.

- Então quem está aqui? - perguntou.

- Apenas eu. - Fiz um gesto abrangendo a vasta colina. - E aquilo que a sua vista alcança.

Ergueu um corno de hidromel e engoliu longos tragos.

- Então presumo que iremos morrer - afirmou, soturnamente.

Ele pensara que Artur estava em *Mynydd Baddon*. De fato, afirmou Bors, tanto Cerdic como Aelle pensavam que Artur estava na colina *e* que era por essa razão que haviam caminhado para sul a partir do Tamisa para *Aquae Sulis*. Os saxões, que nos haviam inicialmente conduzido para este refúgio, haviam visto o estandarte de Artur no cume de *Mynydd Baddon* e haviam enviado a notícia da sua presença ali aos Reis saxões, que haviam ido à procura de Artur nas paragens mais elevadas do Tamisa.

- Os canalhas sabem quais são os seus planos - advertiu-me Bors - e sabem que Artur desejava combater próximo de *Corinium*, mas não o encontraram lá. E é isto o que eles pretendem fazer, Derfel, pretendem encontrar Artur antes que Cuneglas se junte a ele. Matam Artur, calculam eles, e o resto da Bretanha capitulará.

Mas Artur, o astuto Artur, havia enganado Cerdic e Aelle, e depois aos reis

saxões havia constado que o estandarte do urso estava sendo hasteado numa colina próximo de *Aquae Sulis* e, deste modo, haviam virado as suas poderosas forças para o sul e ordenado que as forças de Lancelot se juntassem a eles.

Você tem notícias de Culhwuch? - perguntei a Bors.

- Ele está em algum lugar por aí - disse Bors, evasivamente, acenando para sul. -

Não o encontramos. - Subitamente endireitou-se, e eu olhei em volta vendo Guinevere olhar para nós.

Ela despira a túnica que usara na prisão e vestira um justilho de couro, calças de lã e botas altas: roupas de homem como as que usava quando ia à caça. Mais tarde descobri que encontrara aquelas roupas em *Aquae Sulis* e, apesar de serem de fraca qualidade, ela conseguia de algum modo conferir-lhes elegância. Tinha o ouro saxão ao pescoço, uma aljava de setas às costas, o arco de caça na mão e uma pequena faca presa ao pulso.

- Lorde Bors - cumprimentou o velho paladino do seu amante com frieza.

- Senhora, - Bors levantou-se e fez-lhe uma vênia, desajeitadamente. Ela olhou para o escudo dele, ainda com a insígnia de Lancelot e depois ergueu uma sobrancelha.

- Também está farto dele? - perguntou ela.

- Eu sou bretão, senhora - afirmou Bors, com aspereza.

- E um bravo bretão - disse Guinevere, calorosamente. - Creio que temos sorte tê-lo aqui.

As suas palavras foram minuciosamente corretas e Bors, que estivera embaraçado por causa do encontro, de repente pareceu timidamente agradado.

Murmurou alguma coisa sobre estar contente por ver Guinevere, mas ele não era homem de fazer elogios de forma galante e corou enquanto falava.

- Posso presumir - perguntou-lhe Guinevere, - que o seu antigo senhor está do lado dos saxões?

- Assim é, senhora.

- Então rezo para que ele venha na direção do meu arco - disse Guinevere.

- Talvez não o faça, senhora - afirmou Bors, porque conhecia a relutância de Lancelot em se expor ao perigo, - mas terá muitos saxões para matar antes do dia terminar. Mais do que suficientes.

E ele tinha razão, porque abaixo de nós, onde as últimas brumas do rio eram afastadas pelo sol, a chusma de saxões estava reunida. Cerdic e Aelle, ainda julgando que o seu maior inimigo estava cercado em *Mynydd Baddon*, planejavam um assalto arrasador. Não seria um ataque sutil, uma vez que nenhum lanceiro estava sendo instruído para nos tomar pelo flanco, mas seria antes um simples e cruel ataque com machados, que surgiria numa força poderosa diretamente do lado sul de *Mynydd Baddon*.

Centenas de guerreiros estavam sendo reunidos para o ataque e as suas lanças, em fileiras cerradas, brilhavam à luz da manhã.

- Quantos são eles? - perguntou-me Guinevere.

- Muitos, senhora - respondi, soturnamente.

- Metade do seu exército - afirmou Bors, e explicou-lhe que os reis saxões acreditavam que Artur e os seus melhores homens estavam sitiados no cume da colina.

- Então ele os enganou? - perguntou Guinevere, não sem uma ponta de orgulho.

- Ou o fizemos nós - afirmei, sombriamente, indicando o estandarte de Artur que flutuava de forma irregular agitados pela leve brisa.

- Então, agora teremos de vencê-los - respondeu Guinevere com vivacidade, embora eu não soubesse dizer de que forma.

Desde que fora cercado em *Ynys Mon* pelos homens de Diwrnach que não me sentia tão impotente. Todavia, nessa noite cruel eu tivera Merlim como aliado e a sua magia havia nos libertado da armadilha. Agora, eu não tinha nenhuma magia que me ajudasse e nada mais conseguia antever do que a ruína.

Durante toda a manhã observei os guerreiros saxões reunidos por entre o trigo que crescia, e vi como os seus feiticeiros dançavam ao longo das linhas e como os seus comandantes discursavam para os lanceiros. Os homens da linha da frente saxônica eram bastante firmes, já que eram os guerreiros treinados que haviam prestado juramento aos seus senhores; mas os restantes da vasta assembléia teriam de ser o equivalente à

nossa tropa recrutada, o *fyrd* como os Saxões lhe chamavam, e esses homens vagueavam sem cessar. Alguns iam para o rio, outros voltavam para os campos, e do nosso alto comando era como observar pastores tentando reunir um vasto rebanho; assim que uma parte do exército era reunida, outra se dispersava e tudo voltava ao início novamente, e os tambores saxões não paravam de soar. Usavam enormes cepos ocos que batiam com mocas de madeira para que o som da morte ecoasse desde a encosta arborizada até ao extremo mais longínquo do vale. Os saxões estariam bebendo cerveja, para ganhar a coragem necessária para subirem em direção às nossas lanças. Alguns dos meus homens faziam uma pândega com hidromel. Desencorajei-os a fazê-lo, mas impedir que um soldado bebesse era como impedir um cão de ladrar, e muitos dos meus homens precisavam do ardor que o hidromel deixa no estômago, porque sabiam contar tão bem quanto eu. Mil homens viriam lutar contra tão poucos como trezentos.

Bors perguntara-me se ele e os seus homens podiam lutar no centro da nossa linha e eu concordei. Desejei que ele morresse rapidamente, derrubado por um machado ou uma lança, já que se fosse apanhado vivo a sua morte seria longa e horrível. Ele e os seus homens haviam atirado os seus escudos para o denso bosque, e agora bebiam hidromel, e eu não os censurei por isso.

Issa estava sóbrio.

- Eles nos suplantarão, senhor - disse ele, preocupado.

- Assim será - concordei, e desejei poder dizer algo mais útil, mas na verdade estava petrificado com os preparativos do inimigo e desesperado por saber o que fazer em relação ao ataque. Não tive dúvidas de que os meus homens pudessem lutar contra os melhores lanceiros saxões, mas eu apenas tinha lanceiros suficientes para fazer um escudo defensivo com cem passos de extensão e o ataque saxão, quando acontecesse, teria três vezes essa largura. Nós lutaríamos no centro, mataríamos, e o inimigo surgiria por todos os nossos flancos para se apoderar do cume da colina e nos matar por trás.

Issa fez uma careta. O seu elmo com cauda de lobo era um dos meus antigos, onde ele colocara como adorno um desenho de estrelas de prata. Scarach, a sua mulher grávida, encontrara alguma verbena próximo de uma das nascentes e Issa usava um raminho no seu elmo, esperando que isso o impedisse de ser ferido. Ofereceu-me um pouco da planta, mas eu recusei.

- Fique você com ela - respondi.

- O que faremos, senhor? - perguntou-me ele.

- Não podemos fugir - respondi-lhe.

Eu pensara em fazermos uma desesperada retirada para norte, mas havia saxões depois da depressão a norte e nós teríamos de lutar para subir aquela encosta em direção às suas lanças. Tínhamos poucas chances de fazê-lo, e uma enorme possibilidade de ficarmos cercados na depressão oblonga entre dois inimigos em terreno mais elevado.

- Temos de vencê-los aqui - afirmei, disfarçando a minha convicção de que não conseguiríamos derrotá-los de forma alguma. Eu conseguiria lutar contra quatrocentos homens, talvez mesmo contra seiscentos, mas não contra os mil saxões que agora se aprontavam no sopé da encosta.

- Se tivéssemos um druida - disse Issa, depois deixou esmorecer a idéia, mas eu sabia exatamente o que lhe custava.

Ele pensava que não era bom ir para uma batalha sem orar. Os cristãos do nosso lado rezavam com os braços abertos, imitando a morte do seu Deus e haviam me dito que não precisavam de nenhum sacerdote que intercedesse por eles. Mas nós, pagãos, gostávamos de ter as pragas de um druida chovendo sobre os nossos inimigos antes de uma batalha. Contudo, não tínhamos nenhum druida, e a sua ausência não só

nos negava o poder das suas pragas, como sugeria que a partir desse dia teríamos de combater sem os nossos deuses, porque eles haviam fugido, desgostosos, dos ritos interrompidos em *Mai Dun*.

Chamei Pyrlig e ordenei-lhe que amaldiçoasse o inimigo. Ele ficou lívido.

- Mas eu sou um bardo, senhor, não um druida - protestou ele.

- Iniciou o treino de druida?

- Todos os bardos o fazem, senhor, mas nunca me foram ensinados os mistérios.

- Os saxões desconhecem isso - afirmei. - Desça a colina, salte sobre uma perna e amaldiçoe as suas almas imundas com o monte de esterco de *Annwn*.

Pyrlig deu o seu melhor, mas não conseguia equilibrar-se e pressenti que fosse mais por medo do que por vitupério nas suas pragas. Os saxões, ao vê-lo, enviaram seis dos seus feiticeiros fazer o contra-feitiço com a sua magia. Os feiticeiros nus com os cabelos com pequenos amuletos pendurados e entesados em grotescas puas com excremento de vaca a emoldurá-los, subiram a encosta para cuspir em Pyrlig e amaldiçoá-lo. Este, ao vê-los aproximarem-se, recuou nervosamente. Um dos feiticeiros saxões trazia um fêmur humano, que usou para correr com o pobre Pyrlig ainda mais para o alto da colina e, ao ver o evidente terror dos nossos bardos, o saxão sacudiu o corpo com gestos obscenos. Os feiticeiros inimigos aproximaram-se ainda mais, de modo que conseguíamos ouvir as suas vozes esganiçadas por cima do troar grave e ressonante dos tambores no vale.

- O que eles dizem? - Guinevere viera colocar-se ao meu lado.

- Estão usando amuletos, senhora - respondi. - Estão implorando aos seus deuses que nos encham de medo e que nos virem as pernas para a água. - Escutei os cânticos, novamente. - Pedem que os nossos olhos ceguem, que as nossas lanças se partam e as nossas espadas embotem.

O homem do fêmur vislumbrou Guinevere e virou-se para ela, gritando uma torrente vitupérica de obscenidades.

- O que está ele dizendo agora? - perguntou ela.

- Não quer saber, senhora.

- Quero, Derfel, quero sim.

- Então não quero dizer.

Ela deu uma gargalhada. O feiticeiro, agora apenas a trinta passos de nós, sacudiu o seu traseiro tatuado para ela e abanou a cabeça, revolveu os olhos, e

gritou que ela era uma bruxa amaldiçoada e prometeu que o seu ventre secaria até ficar uma crosta e os seus seios seriam amargos como fel. Nesse momento, o ruído seco e abrupto de uma corda soou junto ao meu ouvido e o feiticeiro emudeceu de repente. Uma seta trespassara o seu pescoço de tal modo que metade da seta apareceu por trás da nuca e a haste com penas deteve-se por baixo do seu queixo. Ele fitou Guinevere, gorgolejou e, depois, o osso caiu-lhe da mão. Agarrou a seta, continuando a fitá-la, depois estremeceu e de repente caiu.

- É um imenso azar matar um feiticeiro inimigo - afirmei, numa delicada reprimenda.

- Não agora - disse Guinevere, vingativa, - não agora.

Puxou outra seta da sua aljava e ajustou-a à corda, mas os outros feiticeiros haviam visto a sorte do seu companheiro feiticeiro e desciam a colina aos tropeções para fora do seu alcance. Guinchavam, iradamente, enquanto se afastavam, protestando o nosso mau destino. Eles tinham razão em protestar, e eu temi que a morte do feiticeiro apenas enchesse os atacantes de uma ira ainda maior. Guinevere retirou a seta do arco.

- Então, o que eles irão fazer, Derfel? - perguntou-me ela.

- Dentro de alguns minutos - respondi, - aquela enorme massa de homens subirá

a colina. Veja como eles vêm - apontei para baixo para a formação de saxões que estava ainda sendo empurrada e reunida para a formação. - Cem homens na fileira da frente, e nove ou dez homens em todas as filas para empurrar aqueles homens da frente em direção às nossas lanças. Conseguiremos enfrentar aqueles cem homens, senhora, mas as nossas fileiras terão apenas dois ou três homens cada uma, e não conseguiremos empurrá-los pela colina abaixo. Nós os deteremos por algum tempo, e o escudo defensivo se cerrará, mas não os faremos recuar e quando virem que todos os nossos homens estão encerrados na linha de combate, mandarão as suas fileiras da retaguarda darem a volta e atacar-nos por trás.

Os seus olhos verdes fitavam-me, imprimindo ao seu rosto um ar levemente trocista. Foi a única mulher que conheci que conseguia olhar-me nos olhos, e eu sempre achei desconcertante o seu olhar fixo. Guinevere tinha o dom de fazer com que um homem se sentisse tolo, embora nesse dia, enquanto os tambores

saxões soavam e a imensa horda se aprestava para subir em direção às nossas lâminas, ela apenas me desejasse êxito.

- Está dizendo que perdemos? - perguntou-me, de modo frívolo.

- Estou dizendo, senhora, que não sei se consigo vencer - respondi, severamente.

Questionava-me se devia fazer o inesperado e formar os meus homens em cunha, carregando pela colina abaixo e penetrando bem no interior da massa saxã. Era possível que semelhante ataque os surpreendesse e até mesmo os pusesse em pânico, mas o perigo era que os meus homens fossem cercados por inimigos na encosta da colina e que quando o último de nós fosse morto, os saxões subissem até ao cume e tomassem as nossas famílias indefesas.

Guinevere balançou o arco no seu ombro.

- Podemos vencer - afirmou ela, confiante, - - podemos vencer com facilidade.

Por instantes não a tomei a sério. - Eu consigo arrancar-lhes o coração - disse ela, ainda com maior convicção.

Lancei-lhe um olhar rápido e vi a temível satisfação no seu rosto. Se ela ia fazer algum homem passar por tolo naquele dia seria Cerdic e Aelle, não eu.

- Como podemos vencer? - perguntei-lhe.

Um olhar malicioso surgiu no seu rosto.

- Você confia em mim, Derfel?

- Confio senhora.

- Então, me dê vinte homens em forma.

Hesitei. Eu fora forçado a deixar alguns lanceiros no talude norte da colina para vigiarem algum ataque feito a partir da depressão oblonga, e não podia arriscar-me a perder vinte dos homens que restavam virados para sul; mas ainda que eu tivesse mais duzentos lanceiros sabia que iria perder esta batalha no cume da colina, por isso assenti.

- Eu lhe darei vinte homens da tropa recrutada - concordei - e você me dá a vitória. - Ela sorriu e afastou-se em passos largos, e eu gritei a Issa para que encontrasse vinte jovens e lhes mandasse. - Ela vai nos dar a vitória! - afirmei em voz suficientemente alta para que os meus homens ouvissem e eles, sentindo esperança num dia em que nenhuma havia, sorriram e deram gargalhadas.

Todavia, a vitória, concluíra eu, precisava de um milagre, ou então da chegada de aliados. Onde estaria Culhwuch? Durante todo o dia, eu esperara ver as suas tropas a sul, mas não houvera sinais dele e concluí que teria feito um enorme desvio em torno de *Aquae Sulis* na tentativa de se juntar a Artur. Não me ocorriam quaisquer outras tropas que pudessem vir em nosso auxílio, mas na verdade, ainda que Culhwuch tivesse se juntado a mim, o seu número podia não aumentar o nosso de forma suficiente para fazer frente ao assalto saxão.

Agora, esse assalto aproximava-se. Os feiticeiros haviam cumprido a sua tarefa e um grupo de cavaleiros saxões deixara as fileiras e subia, velozmente, a colina. Gritei pelo meu cavalo, pedi a Issa que juntasse as mãos para me ajudar a subir para a sela, depois cavalguei encosta abaixo ao encontro dos enviados inimigos. Bors podia ter me acompanhado, uma vez que ele também era lorde, mas não quis encarar os homens que acabara de deixar, por isso fui sozinho.

Aproximaram-se nove saxões e três bretões. Um dos bretões era Lancelot, belo como lhe era habitual na sua armadura de lâminas brancas que reluziam à luz do sol. O

seu elmo era prateado e encimado por um par de asas de cisne que esvoaçavam com a leve brisa. Os seus dois companheiros eram Amhar e Loholt, que combatiam contra seu pai sob a caveira de pele pendurada e sob a enorme caveira de boi de meu pai salpicada com sangue fresco, em homenagem a esta nova guerra. Cerdic e Aelle subiram a colina e acompanhavam-nos meia-dúzia de chefes de tribos saxãos; todos homens grandes em vestes de pêlo e com bigodes caindo-lhes sobre os cinturões das espadas. O último saxão era um intérprete e ele, tal como os outros saxões, montava desajeitadamente, tal como eu. Apenas Lancelot e os gêmeos eram bons cavaleiros.

Nos encontramos no meio da colina. Nenhum dos cavalos gosta de encostas e todos eles se moviam nervosamente. Cerdic olhou carrancudo para o nosso talude. Ali viu os nossos dois estandartes, e um feixe de pontas de lanças por cima da nossa barricada temporária, mas nenhuma se moveu. Aelle fez-me um

aceno ameaçador com a cabeça, enquanto Lancelot evitava o meu olhar de soslaio.

- Artur está aqui? - perguntou-me Cerdic, finalmente. Os seus olhos baços olharam-me por trás de um elmo decorado a ouro e macabramente encimado pela mão de um homem morto. ”Sem dúvida”, pensei, ”que é uma mão britânica”. O troféu fora enfarruscado para que a pele escurecesse e os dedos enclavinhassem como garras.

- Artur está ganhando tempo, meu rei e senhor - respondi. - Ele deixou a mim a tarefa de lhes esmagar, enquanto planeja a forma de retirar o cheiro da sua imundície da Bretanha.

O intérprete murmurou ao ouvido de Lancelot.

- Artur está aqui? - perguntou Cerdic. A convenção ditava que os comandantes dos exércitos conferenciassem antes da batalha, e Cerdic interpretou a minha presença como um insulto. Ele esperara que Artur viesse ao seu encontro, não um simples subalterno.

- Ele está aqui, senhor - afirmei, com desenvoltura, e em toda a parte. - Merlim transporta-o pelas nuvens.

Cerdic cuspiu. Envergava uma armadura sombria, sem exibir outra coisa que não a sinistra mão no pico do seu elmo orlado a ouro. Aelle tinha vestida a sua habitual pele negra, tinha ouro nos pulsos e em volta do pescoço e um único corno de touro projetava-se da parte da frente do seu elmo. Ele era o mais velho; todavia, como sempre acontecia, Cerdic assumira a liderança. O seu rosto vivo e comprimido lançou-me um olhar reprovador.

- Seria melhor - disse ele, se vocês descessem a colina e depusessem as suas armas na estrada. Mataremos alguns como tributo para os nossos deuses e ficaremos com os restantes como escravos, mas tem de nos entregar a mulher que matou o nosso feiticeiro. Queremos matá-la.

- Ela matou o feiticeiro sob as minhas ordens - afirmei, - como pagamento pela barba de Merlim.

Fora Cerdic quem cortara um pedaço da barba de Merlim, um insulto que eu não fizera tenções de perdoar.

- Então, teremos de te matar - disse Cerdic.

- Liofa tentou isso uma vez - afirmei, espicaçando-o - e ontem, Wulfger de Sarnaed tentou arrebatar a minha alma, mas foi ele quem regressou ao covil dos seus antepassados.

Aelle interveio.

- Nós não te mataremos, Derfel - resmungou ele, - não o faremos se você se render.

Cerdic começou a protestar, mas Aelle silenciou-o com um gesto repentino da sua mão direita mutilada.

- Não o mataremos - insistiu ele - Deu o anel à sua mulher? - perguntou-me.

- Ela o usa neste momento, meu rei e senhor - afirmei, gesticulando para o alto da colina.

- Ela está aqui? - Pareceu surpreso.

- Com as suas netas.

- Deixe-me vê-las - pediu Aelle. Cerdic voltou a protestar. Estava ali para nos preparar para uma carnificina, não para assistir ao feliz encontro de uma família; contudo, Aelle ignorou o protesto do seu aliado.

- Gostaria de vê-las uma vez - disse-me ele, pelo que me virei e gritei para o alto da colina.

Ceinwyn surgiu instantes depois com Morwenna por uma mão e Seren pela outra. Elas hesitaram no talude, depois desceram cuidadosamente a encosta relvada.

Ceinwyn trazia simplesmente um vestido de linho, mas o seu cabelo brilhava como ouro à luz do sol primaveril e eu pensei, como sempre, que a sua beleza era mágica.

Senti um nó na garganta e lágrimas nos olhos enquanto ela descia tão suavemente a colina. Seren parecia nervosa, mas do rosto de Morwenna

irradiava um olhar provocador.

Detiveram-se junto ao meu cavalo e levantaram os olhos para os reis saxões, fitando-os.

Ceinwyn e Lancelot trocaram olhares e Ceinwyn cuspiu, deliberadamente, na relva para evitar o mal da sua presença.

Cerdic fingiu desinteresse, mas Aelle deslizou desajeitadamente da sua sela de couro já gasta.

- *Diga-lhes* que estou contente por conhecê-las - disse-me, - e diga-me o nome das crianças.

- A mais velha chama-se Morwenna - respondi - e a mais nova é Seren. Significa estrela. - Olhei para as minhas filhas. - Este rei - disse-lhes eu em bretão, - *é* seu avô.

Aelle remexeu no interior da sua túnica negra e retirou duas moedas de ouro.

Deu uma a cada neta, depois olhou em silêncio para Ceinwyn. Ela percebeu o que ele pretendia e, largando as mãos das filhas, deu um passo em frente para abraçá-lo. Ele devia feder, porque a sua túnica de pêlo estava oleosa e imunda, mas ela não vacilou.

Depois de beijá-la recuou, levou a sua mão aos lábios e sorriu ao ver o pequeno pedaço de ágata azul-esverdeada no seu anel de ouro.

- Diga-lhe que pouparei a sua vida, Derfel - pediu-me ele. Eu o disse e ela sorriu.

- Diga-lhe que seria melhor se regressasse ao seu país - afirmou ela - e que ficaríamos bem mais agradados se o visitássemos lá.

Aelle sorriu quando isto foi traduzido, mas Cerdic franziu simplesmente as sobrancelhas.

- Esta terra é nossa! - insistiu ele, e o seu cavalo bateu com o casco no chão enquanto ele falava e as minhas filhas se afastavam diante da sua maldade.

- Diga-lhes que vão embora - resmungou-me Aelle, - porque temos de falar de

guerra. - Ele as observou subindo a colina. - Herdou de teu pai o gosto por mulheres bonitas - afirmou ele.

- E o gosto bretão pelo suicídio - disse Cerdic, com brusquidão. - A sua vida será

poupada - prosseguiu ele, - mas apenas se descer a colina de imediato e depuser as lanças na estrada.

- Eu as deporei na estrada, meu rei e senhor - afirmei, - com o seu corpo espetado nelas.

- Você mia como um gato - disse Cerdic com ironia.

Depois olhou-me, ao passar por mim e *a* sua expressão tornou-se mais ameaçadora ainda. Virei-me e vi que Guinevere estava agora de pé, no talude. Parecia muito alta e as suas pernas longas naquela roupa de caça, coroada por uma massa de cabelo ruivo, e o seu arco atravessado nas costas, assemelhavam-na a uma deusa da guerra. Cerdic devia tê-la reconhecido como a mulher que matara o seu feiticeiro.

- Quem é ela? - perguntou-me, furioso.

- Pergunte ao seu cãozinho de salão - afirmei, gesticulando na direção de Lancelot, e depois, desconfiando que o intérprete não havia traduzido as minhas palavras corretamente, voltei a proferi-las na língua britânica. Lancelot ignorou-me.

- Guinevere - disse Amhar ao intérprete de Cerdic - é a prostituta de meu pai -

acrescentou ele, com sarcasmo.

Em tempos, eu apelidara Guinevere de coisas piores, mas não tinha paciência para ouvir o escárnio de Amhar. Nunca sentira qualquer afeição por Guinevere. Era arrogante demais, convencida demais, esperta demais e trocista demais para se tornar uma companhia agradável, mas nos últimos dias começara a admirá-la e, de repente, dei por mim a gritar insultos contra Amhar. Neste momento não me recordo do que disse, apenas sei que a ira imprimiu às minhas palavras um azedume rancoroso. Devo tê-lo chamado de verme, monte de merda traiçoeiro, criatura sem honra, um garoto que seria espetado na espada de um homem antes do Sol se pôr. Cuspi-lhe, amaldiçoei-o e empurrei-o, ele e ao irmão, pela colina

abaixo com os meus insultos, e depois virei-me para Lancelot.

- O seu primo Bors manda-lhe cumprimentos - disse-lhe - promete arrancar-lhe o estômago pela boca, e será melhor rezar para que ele o faça, porque se eu o apanhar até

a tua alma gemerá.

Lancelot cuspiu, sem se dar ao incômodo de responder. Cerdic observara o confronto, divertido.

- Você terá uma hora para vir prostrar-se diante de mim - terminou ele a conferência - e se não o fizer, viremos aqui matá-lo. - Volteou o cavalo e desceu a colina, esporeando-o. Lancelot e os outros seguiram-no, deixando Aelle de pé ao lado do seu cavalo.

Dirigiu-me um sorriso acanhado, quase um esgar.

- Parece que temos de nos bater, meu filho.

- Parece que temos de fazê-lo.

- É verdade que Artur não está aqui?

- Foi por isso que veio, meu rei e senhor? - perguntei, embora não respondesse à

sua pergunta.

- Se matarmos Artur - disse ele, - simplesmente, a guerra está ganha.

- Tendes de me matar primeiro, pai - afirmei.

- Acha que não o faria? - perguntou-me ele com brusquidão, depois levantou a sua mão mutilada na minha direção. Apertei-a, brevemente, e fiquei a observá-lo enquanto conduzia o seu cavalo pela encosta abaixo.

Issa acolheu o meu regresso com um olhar motejador.

- Vencemos a batalha das palavras - afirmei, ameaçador.

- É um início, senhor - disse ele, de modo leviano.

- Mas eles a acabarão - respondi em voz baixa e virei-me, observando os reis inimigos juntando-se aos seus homens.

Os tambores começaram a soar. Os últimos saxões haviam finalmente sido reunidos numa densa massa de homens que subiria a colina para nos matar, mas, a menos que Guinevere fosse, de fato, uma deusa da guerra, eu não sabia como iríamos derrotá-los.

No início, o ataque saxão foi grosseiro, porque as sebes em torno dos pequenos terrenos no sopé da colina desmancharam o seu cuidadoso alinhamento. O Sol afundava-se a oeste, já que fora necessário um dia inteiro para preparar aquele ataque; mas agora o momento aproximava-se e nós ouvíamos os chifres de carneiro retumbando o seu desafio cheio de ódio, enquanto os lanceiros inimigos irrompiam pelas sebes e atravessavam os pequenos terrenos.

Os meus homens começaram a cantar. Cantávamos sempre antes de travar uma batalha e, naquele dia, entoamos a Canção da Guerra de Beli Mawr. Como este terrível hino consegue comover um homem! Fala de morte, de sangue no trigo, de corpos mutilados e de inimigos conduzidos como gado ao matadouro. Fala das botas de Beli Mawr esmagando montanhas e dos lamentos de viúvas chegadas a essa condição pela sua espada. Cada verso da canção termina num uivo triunfante e eu não consegui conter-me, chorando pelo desafio dos cantores.

Eu desmontara e ocupara o meu lugar na fileira da frente, perto de Bors, que estava por baixo dos nossos dois estandartes. As minhas proteções do rosto estavam fechadas, o meu escudo firme no braço esquerdo e a minha lança de guerra pesava na minha mão direita. A toda a minha volta, as vozes vigorosas avolumavam-se, mas eu não cantava porque o meu coração estava muito cheio de maus presságios. Eu sabia o que estava para acontecer. Lutaríamos durante algum tempo no escudo defensivo, mas depois os saxões irromperiam pelas frágeis barricadas de espinheiros de ambos os lados e as suas lanças viriam por trás e seríamos mortos um a um, e o inimigo escarneceria da nossa morte. O último de nós a morrer veria a primeira das nossas mulheres ser violada.

Todavia, nada podíamos fazer para o impedir e, deste modo, aqueles lanceiros cantavam e alguns homens dançavam a dança da espada no cume do talude onde não havia nenhuma barricada de espinheiros.

Havíamos deixado o centro do talude livre de espinheiros, na escassa esperança

de que isso pudesse tentar o inimigo a vir em direção às nossas lanças em vez de tentar flanquear-nos.

Os saxões passaram a última sebe e iniciaram a sua longa subida pela encosta vazia. Os seus melhores homens encontravam-se na fileira da frente e pude ver quão fechados estavam os seus escudos, quão juntas avançavam as suas lanças e de que forma tão brilhante a luz se refletia nos seus machados. Não havia sinais dos homens de Lancelot; parecia que esta matança seria deixada unicamente a cargo dos saxões.

Precediam-nos feiticeiros, chifres de carneiro incitavam-nos a prosseguir e, acima deles, pendiam as caveiras ensanguentadas dos seus reis. Alguns dos homens da fileira da frente seguravam cães-de-guerra pela trela, que seriam soltos a alguns metros da nossa linha. Meu pai estava nessa fileira da frente, enquanto Cerdic vinha a cavalo atrás da massa saxônica.

Avançavam muito devagar. A colina era íngreme, as suas armaduras pesadas, e não precisavam se apressar para esta matança. Sabiam que seria uma tarefa lúgubre, contudo duraria pouco tempo. Eles viriam num escudo defensivo bem cerrado, e uma vez no talude os nossos escudos ressoariam e, então, eles tentariam empurrar-nos para trás.

Os seus machados dardejariam sobre o rebordo dos nossos escudos, as suas lanças golpeariam, trespassariam e feririam. Ouviriam-se gemidos, uivos e guinchos, e homens gritando de dor e homens morrendo, mas o inimigo estava em maior número; eventualmente eles nos flanqueariam e, desse modo, as minhas caudas de lobo pereceriam.

Todavia, nesse instante as minhas caudas de lobo cantavam enquanto tentavam abafar o cruel som dos lures e o incessante troar dos tambores feitos de árvores. Os saxões esforçavam-se por se aproximar. Agora víamos as divisas nos seus escudos redondos; máscaras de lobo dos homens de Cerdic e de touro dos de Aelle, e entre eles os escudos dos seus senhores da guerra: falcões e águias e um cavalo empinado. Os cães puxavam as suas trelas, desejosos de cravar os dentes no nosso escudo defensivo.

Os feiticeiros gritavam com vozes esganiçadas. Um deles chocalhou na nossa direção um feixe de costelas, enquanto outro esgaravatava com os pés e as mãos como um cão e uivava as suas pragas.

Aguardei no ângulo sul do cume do talude, que avançava por cima do vale como a proa de um barco. Seria ali no centro que os saxões atacariam. Diverti-me com a idéia de deixá-los se aproximar e, justamente no último instante, recuar depressa para formar um círculo de escudos em volta das nossas mulheres. Contudo, ao retirar cederia o cume da colina, que seria o meu campo de batalha, e desistiria da vantagem do terreno mais elevado. Seria preferível deixar que os meus homens matassem tantos inimigos quantos conseguissem antes de sermos esmagados.

Tentei não pensar em Ceinwyn. Não lhe dera, nem a ela nem às minhas filhas, um beijo de despedida, e talvez elas vivessem. Talvez, no meio daquele horror, alguns lanceiros de Aelle reconhecessem o pequeno anel e as levassem a salvo até ao seu rei.

Os meus homens começaram a bater com as hastes das lanças nos escudos.

Ainda não necessitavam cerrar os seus escudos. Podiam esperar até ao último instante.

Os saxões levantaram os olhos quando o barulho lhes chegou aos ouvidos. Nenhum deles se adiantou para atirar uma lança a colina era muito íngreme para fazê-lo mas um dos seus cães-de-guerra partiu a trela e subiu correndo, ziguezagueando, pela relva.

Eirrlyn, um dos meus dois batedores, trespassou-o com uma flecha e o cão começou a ganir e correr em círculos com a haste da flecha saindo-lhe pela barriga. Os dois batedores começaram a lançar flechas sobre outros cães e os saxões puxaram os animais para trás dos seus escudos. Os feiticeiros correram apressadamente para os flancos, sabendo que a batalha estava prestes a iniciar-se. A flecha de um dos batedores cravou-se num escudo saxão e outra ricocheteou num elmo. Naquele instante, não faltava muito.

Cem passos.

Lambi os meus lábios secos, limpei o suor que me escorria para os olhos e fitei os rostos barbudos ferozes. O inimigo gritava, contudo não me recordo de ouvir o som das suas vozes. Recordo-me apenas do som dos seus lures, do troar dos seus tambores, do baque surdo das suas botas na relva, do tinido das bainhas nas armaduras e do entrechocar dos escudos.

- Abram alas! - Gritou Guinevere, atrás de nós, com uma voz cheia de entusiasmo. - Abram alas! - repetiu ela.

Virei-me e vi que os seus vinte homens empurravam duas das carroças de mantimentos, atravessando os taludes. As carroças de bois eram enormes e andrajosos veículos com sólidos discos de madeira como rodas, e Guinevere aumentara o seu peso com outras duas armas. Retirara as hastes da parte da frente das carroças e cravara lanças no seu lugar, enquanto as armações das carroças, em vez dos mantimentos, levavam agora bolas de fogo feitas de ramos de espinheiro. Ela transformara as carroças num maciço conjunto de projéteis em chamas, que planejara rolar pela colina abaixo em direção às fileiras inimigas juntas em feixes. Atrás das suas carroças, desejosa de ver o caos, vinha uma multidão excitada de mulheres e crianças.

- Saiam! Gritei aos meus homens. Saiam! - Eles pararam de cantar e apressaram-se a afastar-se, deixando todo o centro dos taludes sem defesa.

Os saxões estavam agora a apenas setenta ou oitenta passos de distância e, ao verem o nosso escudo defensivo dispersando, pressentiram a vitória e apertaram o passo.

Guinevere gritou aos seus homens para que se apressassem e mais lanceiros acorreram para imprimir mais força atrás das carroças fumegantes.

- Avancem! - Gritou ela. - Avancem! - E eles gemeram enquanto empurravam vigorosamente e puxavam com todas as suas forças, ao mesmo tempo que as carroças começavam a rolar mais depressa. - Avancem! Avancem! Avancem! - Gritava-lhes Guinevere, e ainda mais homens acorreram à parte de trás das carroças para obrigar os pesados veículos a subir a rampa de terra do antigo talude. Por instantes pensei que a pequena rampa de terra iria nos derrotar, já que as duas carroças abrandaram até

estacarem e o sua densa fumaça envolveu os nossos homens sufocando-os; mas Guinevere voltou a gritar aos lanceiros e eles rangeram os dentes e fizeram um último esforço para fazer passar as carroças por cima da barreira de turfa.

- Empurrem! - gritou Guinevere. - Empurrem!

As carroças vacilaram no talude, depois começaram a subir enquanto alguns homens as empurravam por baixo.

- Agora! - gritou Guinevere e, de repente, nada mais havia que detivesse as carroças, além de uma inclinada elevação de relva mais adiante e do inimigo, embaixo.

Os homens que as haviam empurrado afastaram-se, exaustos, assim que os dois veículos em chamas começaram a rolar pela colina abaixo.

No início desceram devagar, mas depois ganharam velocidade e de tal modo ressaltaram sobre a turfa irregular que os ramos em chamas saltaram pelos lados das carroças. A encosta tornava-se mais íngreme, e agora os dois enormes projéteis deslocavam-se ruidosamente; quantidades maciças de madeira e fogo que desciam como trovões em direção à aterrada formação saxônica.

Os saxões não tiveram chance. As suas fileiras eram muito compactas para que os homens fugissem das carroças, e estas haviam sido bem apontadas, já que ribombavam envoltas em fumaça e chamas em direção ao centro do ataque inimigo.

- Fechem alas! - Gritei para os meus homens. - Formem uma barreira! Formem uma barreira!

Nos apressamos a voltar à nossa posição inicial no preciso instante em que as carroças os atingiram. A linha inimiga quebrou-se e alguns homens tentaram dispersar, mas não havia fuga possível para os que estavam justamente no caminho das carroças.

Ouvi um grito, enquanto as longas lanças presas à parte dianteira das carroças se enterravam na massa de homens, em seguida, uma das carroças empinou-se depois de as suas rodas dianteiras ressaltarem por cima de corpos caídos; todavia, continuou a rolar esmagando, queimando e despedaçando homens à sua passagem. Um escudo quebrou-se em dois quando uma roda o pisou. A segunda carroça mudou de direção ao bater na linha saxônica. Por instantes ficou suspensa sobre duas rodas, depois caiu violentamente para o lado espalhando uma torrente de fogo por cima das fileiras saxãs. Onde houvera uma massa compacta e disciplinada, reinava agora o caos, o medo e o pânico. Até

mesmo nos lugares onde as fileiras não tinham sido atingidas era o caos, já que o impacto dos dois veículos obrigara as fileiras ordenadas a vacilarem e a separarem-se.

- Carreguem sobre eles! - Gritei. - Vamos!

Dei um grito de guerra enquanto saltava do talude. Não fora minha intenção seguir as carroças pela colina abaixo, mas a destruição que haviam causado fora tal, e o pânico inimigo era tão evidente, que havia chegado a hora de nos juntarmos àquele horror.

Gritamos enquanto descíamos a colina correndo. Era um grito de vitória, calculado para imprimir terror num inimigo já meio derrotado. Os saxões ainda nos suplantavam em número, mas o seu escudo defensivo fora quebrado, eles estavam sem fôlego e nós surgíamos como animais vingativos, vindos das alturas. Enterrei a minha lança na barriga de um homem, soltei a *Hywelbane* da bainha e ceifei tudo em meu redor como um homem que ceifa feno. Num combate como este não existem cálculos nem táticas, apenas um imenso prazer de dominar um inimigo, de matar, de ver o medo nos seus olhos e de ver as suas últimas fileiras em debandada. Eu fazia um impressionante barulho estridente, deliciando-me com a matança e, ao meu lado, as minhas caudas de lobo mutilavam, estocavam e escarneciam de um inimigo que devia estar dançando em cima dos nossos cadáveres.

Eles podiam ainda ter-nos derrotado, porque o seu número era descomunal, mas é difícil lutar num escudo defensivo quebrado pela colina acima e o nosso ataque súbito desestabilizara o seu estado de espírito. Muitos dos saxões também estavam bêbados.

Um homem bêbado luta bem quando está vencendo, mas quando está sendo derrotado rapidamente entra em pânico, e apesar de Cerdic tentar mantê-los em combate, os seus lanceiros entraram em pânico e fugiram. Alguns dos meus lanceiros mais jovens estiveram tentados a segui-los um pouco mais pela encosta, e uma mão-cheia não resistiu à tentação e foi longe demais, pagando pela sua temeridade. Eu, porém, gritei aos outros para que permanecessem onde estavam. A maior parte dos inimigos fugiu, mas nós havíamos vencido e, a prová-lo, permanecemos de pé em cima do sangue dos saxões, tendo o nosso lado da colina ficado juncado com os seus mortos, os seus feridos e as suas armas. A carroça voltada queimava a encosta com um saxão aos gritos preso por baixo dela, enquanto a outra continuava ainda a rolar com estrondo até que estacou na sebe, no sopé da colina.

Algumas das nossas mulheres desceram para saquear os mortos e matar os

feridos. Nem Aelle nem Cerdic estavam entre os saxões deixados na colina, mas encontramos um importante chefe de tribo com fios de ouro e uma espada com o copo decorado a ouro, enfiada numa bainha de couro preto macio com linhas de prata cruzadas; retirei o cinto e a espada do homem morto e levei-os a Guinevere. Ajoelhei-me diante dela, algo que nunca fizera.

- A vitória foi sua, senhora - disse eu, - inteiramente sua.

Ofereci-lhe a espada. Ela firmou-a com a correia, depois levantou-me.

- Obrigada, Derfel - disse ela.

- É uma bela espada - afirmei.

- Não agradeço pela espada - disse Guinevere, - mas por confiar em mim. Eu sempre soube que conseguiria lutar.

- Melhor do que eu, senhora - afirmei, pesarosamente. Por que razão não pensara eu em utilizar as carroças?

- Melhor do que eles! - disse Guinevere, apontando para os saxões derrotados.

Ela sorriu. - E amanhã o faremos novamente.

Os saxões não voltaram nessa tarde. Estava um belo crepúsculo, sereno e brilhante. As minhas sentinelas guardavam o palácio enquanto as fogueiras saxãs luziam por entre as sombras dispersas ao longe. Comemos, e após a refeição falei com Scarach, a mulher de Issa, e ela recrutou outras mulheres que entre si conseguiram algumas agulhas, facas e fio. Dei-lhes algumas capas que retirara dos saxões mortos e as mulheres trabalharam até escurecer e depois pela noite dentro, à luz das nossas fogueiras.

Então, na manhã seguinte, assim que Guinevere acordou, havia três estandartes no talude sul de *Mynydd Baddon*. O urso de Artur e a estrela de Ceinwyn, mas no meio, no lugar de honra como convém a um senhor da guerra vitorioso, estava um estandarte que mostrava a insígnia de Guinevere: um veado com a lua a coroá-lo. O vento da manhã

obrigara-a a levantar-se. Ela viu a insígnia e reparei que sorria.

Enquanto, por baixo de nós, os saxões voltavam a juntar as suas lanças.

Os tambores soaram ao amanhecer e, uma hora depois, cinco feiticeiros surgiram nas encostas mais baixas de *Mynydd Baddon*.

Naquele dia, conforme parecia, Cerdic e Aelle estavam determinados a exigir a vingança pela sua humilhação.

Os corvos dilaceravam mais de cinquenta cadáveres saxões que jaziam ainda na encosta, próximo dos restos chamuscados das carroças, e alguns dos meus homens quiseram arrastar aqueles mortos para o longo talude da trincheira e fazer *aí* uma horripilante fileira de corpos para receber o novo assalto saxão, mas eu os proibi. Em breve, calculei, os nossos cadáveres estariam à disposição dos saxões e se nós profanássemos os seus mortos seríamos então, também nós, profanados.

Rapidamente percebemos que, desta vez, os saxões não se arriscariam a um assalto que pudesse transformar-se num caos por uma carroça desenfreada. Pelo contrário, eles preparavam um grande número de colunas que subiriam a colina pelo sul, por leste e por oeste. Cada grupo de atacantes seria apenas de setenta ou oitenta homens, mas ao todo os poucos atacantes nos suplantariam. Talvez conseguíssemos derrotar três ou quatro colunas, mas as outras facilmente passariam os taludes e, deste modo, pouco mais podíamos fazer do que rezar, cantar, comer e, para aqueles que precisassem, beber. Prometemos uns aos outros uma boa morte, significando que lutaríamos até ao fim e cantaríamos durante tanto tempo quanto conseguíssemos, mas acho que todos sabíamos que tudo acabaria não com uma canção de desafio, mas num tumulto de humilhação, dor e terror. Seria pior ainda para as mulheres.

- Devo me render? - perguntei a Ceinwyn. Ela pareceu surpreendida.

- Não me cabe a mim dizê-lo.

- Nunca fiz nada sem o seu conselho - disse-lhe eu.

- Em relação à guerra - afirmou ela, - não tenho nenhum conselho a dar, exceto talvez perguntar o que acontecerá às mulheres se você se render.

- Serão violadas, feitas escravas, ou dadas como esposas a homens que precisam de uma mulher.

- E se você se render?

- Praticamente o mesmo - admiti. Simplesmente a violação seria menos premente.

Ela sorriu.

- Afinal, não precisa do meu conselho. Vá combater, Derfel, e se eu não te vir senão no Outro Mundo, saiba que atravessou a ponte das espadas com o meu amor.

Abracei-a, depois beijei as minhas filhas, e voltei para a proa saliente do talude sul para observar o início da subida dos saxões. Este ataque não demorara tanto tempo como o primeiro, já que aquele necessitara da organização e do encorajamento de uma massa de homens, enquanto neste dia o inimigo não precisava de nenhuma motivação.

Vinha por vingança e em grupos tão pequenos que ainda que tivéssemos rolado uma carroça pela colina abaixo conseguiriam fugir dela com facilidade. Não se apressavam, mas não precisavam fazê-lo.

Dividi os meus homens em dez grupos, cada um deles responsável por duas colunas saxãs. Todavia, tive dúvidas que até mesmo os melhores dos meus lanceiros ficassem de pé mais de três ou quatro minutos. O mais provável, pensei, era os meus homens recuarem para protegerem as suas mulheres assim que o inimigo ameaçasse contorná-los e, nessa altura, a luta decairia numa infeliz carnificina apenas num dos lados em volta da nossa cabana de recurso e das suas fogueiras de acampamento.

Assim seja, pensei, e caminhei por entre os meus homens, agradecendo-lhes os seus serviços e encorajando-os a matar tantos saxões quantos conseguissem. Recordei-lhes que os inimigos que matassem na batalha seriam seus servos no Outro Mundo,

”Por isso matem-nos” afirmei ”e deixem que os seus sobreviventes recordem esta batalha com horror”. Alguns começaram a cantar a Canção da Morte de Werlinna, uma canção lenta e melancólica que era cantada em volta das piras funerárias dos guerreiros. Cantei com eles, observando os saxões subindo e aproximando-se cada vez mais, e por estar cantando, e o meu elmo estar bem ajustado aos meus ouvidos, não ouvi Niall, dos Escudos Negros, chamando-me

da orla mais distante da colina.

Só quando ouvi os aplausos das mulheres é que me virei. Porém, nada vi de fora do comum, mas depois, por cima do som dos tambores saxões, ouvi a nota estridente e alta de um lur.

Já anteriormente ouvira aquele toque do lur. Ouvira-o, pela primeira vez, quando ainda era um jovem lanceiro e Artur acorrera salvando a minha mulher, e agora surgia novamente.

Ele viera a cavalo com os seus homens, e Niall gritara-me quando os cavaleiros bem aprestados em pesadas armaduras irromperam em direção aos saxões, na colina para lá da depressão oblonga, e desceram a encosta a galope. Em *Mynydd Baddon,* as mulheres corriam para os taludes para vê-lo, uma vez que Artur não subia para o cume, conduzindo antes os seus homens em torno da encosta mais elevada da colina. Ele envergava a armadura polida de lâminas metálicas, trazia o elmo com incrustações a ouro e empunhava o escudo de prata trabalhada. O seu grande estandarte de guerra não estava desfraldado com o urso preto tremulando, resoluto, num campo de linho tão branco como as penas de ganso do elmo de Artur. A sua capa branca ondeava dos seus ombros e uma flâmula de fita branca estava presa à base da lâmina da sua longa espada.

Todos os saxões que se encontravam nas encostas mais baixas de *Mynydd Baddon* sabiam quem ele era e sabiam o que aqueles grandes cavalos podiam fazer às suas pequenas colunas. Artur trouxera apenas quarenta homens, já que a maior parte dos seus grandes cavalos de guerra havia sido roubada por Lancelot no ano anterior. Todavia, quarenta homens bem aprestados com armaduras em quarenta cavalos podiam provocar o terror na infantaria.

Artur obrigou o cavalo a seguir a passo por baixo do ângulo sul dos taludes. O

vento soprava fraco, de modo que o estandarte de Guinevere não era visível, vislumbrando-se apenas uma bandeira irreconhecível pendurada do seu mastro provisório. Ele andou à minha procura e, por fim, reconheceu o meu elmo e a minha armadura.

- Tenho duzentos lanceiros a cerca de quilômetro e meio daqui! - gritou-me ele.

- Excelente, Senhor! - respondi-lhe. Seja bem-vindo!

- Podemos aguentá-los até que os lanceiros cheguem! - gritou-me ele, depois acenou para os seus homens. Não desceu a colina, continuando a cavalgar em torno das encostas mais altas de *Mynydd Baddon* como se desafiasse os saxões a subirem e a defrontá-lo.

Porém, a visão daqueles cavalos era suficiente para os suster, porque nenhum saxão queria ser o primeiro a subir e a defrontar-se com aquelas lanças galopantes. Se o inimigo tivesse avançado em conjunto podia com facilidade ter derrotado os homens de Artur; todavia, a curva da colina fazia com que a maior parte dos saxões fosse invisível para os outros, e cada grupo deve ter tido esperança que outro se atrevesse a atacar os cavaleiros em primeiro lugar, e deste modo todos eles hesitaram. De vez em quando, um grupo de homens mais afoitos escalava, mas sempre que os cavaleiros de Artur surgiam, eles desciam nervosamente a colina. O próprio Cerdic reagrupou imediatamente os homens por baixo do ângulo sul, mas assim que os homens de Artur se viraram para fazer frente àqueles saxões, eles vacilaram. Haviam esperado uma batalha fácil contra um pequeno número de lanceiros, e não estavam preparados para defrontar a cavalaria.

Não subindo a colina, não a cavalaria de Artur. Outros guerreiros a cavalo podiam não assustá-los, mas sabiam o significado daquela capa branca, do penacho com penas de ganso e do escudo que brilhava como o próprio sol. Significava que a morte viera ao seu encontro, e nenhum deles pretendia subir até ela.

Meia hora mais tarde, a infantaria de Artur chegou à depressão oblonga da colina. Os saxões, que haviam tomado a colina a norte da depressão fugiram com a chegada dos nossos reforços, e aqueles lanceiros cansados subiram até aos nossos taludes ensurdecidos pelas nossas exclamações. Os saxões ouviram os aplausos e viram as novas lanças surgirem por cima do antigo palácio, tudo aquilo terminando com as suas ambições daquele dia. As colunas retiraram-se e *Mynydd Baddon* ficou a salvo por mais um dia.

Artur retirou o elmo enquanto esporeava o fatigado *Llamrei* pela colina acima, em direção aos nossos estandartes. Uma brisa soprou e ele levantou os olhos, vendo o veado de Guinevere coroado pela lua esvoaçando ao lado do seu urso. O largo sorriso no seu rosto não se alterou. Nem disse nada a propósito do estandarte ao deslizar do dorso de *Llamrei.* Ele devia saber que Guinevere estava comigo, já que Balin a vira em *Aquae Sulis* e os dois homens que eu enviara com

as mensagens podiam ter lhe dito; porém, fingiu nada saber. Tal como nos velhos tempos, e como se nenhuma frieza alguma vez tivesse existido entre nós, ele me abraçou.

Toda a sua melancolia se dissipara. A vida ressurgira no seu rosto, um entusiasmo que se espalhava por entre os meus homens, que se reuniam em volta dele para ouvir as novas que trazia, embora primeiro tivesse querido saber as nossas novidades.

Cavalgara por entre os mortos saxões na encosta e queria saber como e quando eles tinham morrido. Desculpavelmente os meus homens exageraram o número dos que haviam atacado na véspera, e Artur riu quando ouviu dizer que havíamos empurrado duas carroças em chamas pela encosta abaixo.

- Bravo, Derfel - disse ele, - bravo.

- Não se deveu a mim, senhor - respondi, - mas a ela. - Fiz um breve e rápido aceno com a cabeça em direção à bandeira de Guinevere. - Foi tudo obra dela, senhor.

Eu estava preparado para morrer, mas ela tinha em mente outra coisa.

- Sempre teve - disse ele em voz baixa, mas nada mais perguntou. Não se via Guinevere em lugar nenhum, e ele não perguntou por ela. Viu Bors e insistiu em abraçá-lo e ouvir as suas novidades, e só depois subiu para a muralha de turfa e olhou, fixamente, os acampamentos saxões abaixo. Permaneceu ali durante longo tempo, mostrando-se a um inimigo desalentado, mas algum tempo depois chamou por Bors e por mim para que nos juntássemos a ele.

- Nunca planejei combatê-los aqui - disse ele, - mas é um lugar tão bom como qualquer outro. Na verdade, é melhor do que a maioria. Estão todos aqui? - perguntou a Bors.

Bors estivera novamente a beber antevendo o ataque saxão, mas fez o possível por parecer sóbrio.

- Todos, senhor. Exceto talvez a guarnição de Caer Ambra. Eles deviam ir atrás de Culhwuch. - Bors fez um movimento brusco com a barba em direção à colina leste, de onde desciam ainda mais saxões para se juntarem ao acampamento.

- Talvez sejam eles, senhor? Ou talvez sejam apenas saqueadores?

- A guarnição de Caer Ambra nunca encontrou Culhwuch - afirmou Artur, -

porque ontem recebi uma mensagem sua. Não está longe, e Cuneglas também está

próximo. Dentro de dois dias teremos aqui mais quinhentos homens e, nesse momento, eles apenas terão vantagem de um para dois - deu uma gargalhada. - Bravo, Derfel!

- Bravo? - perguntei, com alguma surpresa. Eu esperara a reprovação de Artur por ter sido cercado tão longe de *Corinium*.

- Tínhamos de defrontá-los em algum lugar - afirmou, e você escolheu o local.

Agrada-me. Ficamos com o terreno mais elevado - proferiu estas palavras em voz alta, para que a sua confidência chegasse aos meus homens. - Eu teria chegado aqui antes -

acrescentou ele, virando-se para mim, - no entanto, não tinha certeza se Cerdic morderia a isca.

- Isca, senhor? - Eu estava confuso.

- Você, Derfel, você - deu uma gargalhada e saltou do talude.

- A guerra é perfeitamente casual, não é? E, por casualidade, encontrou um local onde conseguíssemos derrotá-los.

- Quer dizer que subirão a colina? - perguntei.

- Não serão tão tolos - afirmou ele, satisfeito. - Não, receio que tenhamos de descer a colina e lutar com eles no vale.

- Com quê? - perguntei, amargurado, porque até mesmo com as tropas de Cuneglas estaríamos em muito menor número.

- Com todos os homens que temos - disse Artur, confiante. - E sem nenhuma mulher. Chegou o momento de levarmos as nossas famílias para um lugar mais

seguro.

As nossas mulheres e crianças não iriam para longe; havia uma vila a uma hora de caminho para norte e a maioria encontraria abrigo ali.

No preciso instante em que deixavam *Mynydd Baddon*, mais lanceiros de Artur chegaram do norte. Eram os homens que Artur havia reunido próximo de *Corinium* e contavam-se entre os melhores da Bretanha. Sagramor chegou com os seus melhores guerreiros e, tal como Artur, subiu para o elevado ângulo sul de *Mynydd Baddon* de onde conseguia ver o inimigo, lá embaixo e também eles podiam olhar para cima e ver a sua figura esguia numa armadura preta recortada na linha do horizonte. Um breve sorriso surgiu no seu rosto.

- O excesso de confiança os faz parecerem tolos - afirmou, de forma trocista. -

Sitiaram-se num terreno baixo e agora não sairão dali.

- Não?

- Uma vez construído um abrigo, o saxão não gosta de se mudar. Cerdic levará

uma semana, ou mais, para retirá-los daquele vale.

Os saxões e as suas famílias haviam sem dúvida se instalado, e o vale do rio assemelhava-se a duas solitárias vilas de pequenas cabanas de colmo. Uma das vilas situava-se próximo de *Aquae Sulis*, enquanto a outra ficava a três quilômetros para leste, onde o vale do rio fazia uma curva pronunciada para sul. Os homens de Cerdic encontravam-se naquelas duas cabanas a leste, ao passo que os lanceiros de Aelle estavam aquartelados na cidade ou nos abrigos exteriores recentemente construídos.

Eu ficara surpreso pelos saxões usarem a cidade como abrigo, em vez de simplesmente a queimarem; mas todas as manhãs, um cortejo isolado de homens atravessava os portões, deixando atrás de si a visão acolhedora da fumaça dos cozidos subindo dos telhados de colmo e de telha de *Aquae Sulis*. A primeira invasão dos saxões fora repentina, mas agora o seu ímpeto desaparecera.

- E por que razão dividiram eles o exército em dois? - perguntou-me Sagramor, fitando incrédulo o enorme espaço vazio entre o acampamento de Aelle e as cabanas de Cerdic.

- Para nos deixar apenas um lugar para ir - respondi - diretamente ali para baixo -

apontei para o vale, - onde seremos cercados por eles.

- E onde podemos mantê-los separados - notou Sagramor, satisfeito, - e dentro de alguns dias a enfermidade os devastará ali.

A enfermidade parecia surgir sempre que um exército se instalava num local.

Fora, simplesmente, uma praga semelhante que pusera fim à última invasão da *Dumnônia* por Cerdic, e uma terrível doença contagiosa que enfraquecera o nosso exército quando avançamos sobre Londres.

Eu temia que, naquele momento, semelhante doença pudesse enfraquecer-nos, mas não sei por que razão fomos poupados, talvez por ainda sermos poucos ou por Artur ter disposto o seu exército ao longo dos quase cinco quilômetros do elevado terreno do cume, que se expandia para trás de *Mynydd Baddon*. Eu e os meus homens permanecemos no monte, mas os lanceiros recém-chegados ficaram nas colinas, a norte.

Nos primeiros dois dias que se seguiram à chegada de Artur, o inimigo podia ainda ter se apoderado daquelas colinas, já que os seus cumes estavam precariamente guarnecidos.

No entanto, os cavaleiros de Artur eram sempre visíveis e ele manteve os seus lanceiros em movimento por entre as árvores do cume para parecer que eram mais numerosos do que na verdade eram. Os saxões observavam-nos, contudo não atacaram. Então, ao terceiro dia após a chegada de Artur, Cuneglas e os seus homens chegaram de *Powys* e nós conseguimos guarnecer todo o vasto cume com vigias, que poderiam dar o alarme se algum ataque saxão, de fato, nos ameaçasse. Estávamos ainda em grande desvantagem numérica, mas ocupávamos o terreno mais elevado e agora tínhamos os lanceiros para nos defender.

Os saxões deviam ter abandonado o vale. Podiam ter avançado para o *Severn* e sitiado *Glevum* e, nesse caso, teríamos sido forçados a abandonar o nosso terreno elevado e a segui-los, mas Sagramor tinha razão; homens que se instalam confortavelmente têm relutância em deslocar-se, por isso Cerdic e Aelle permaneceram teimosamente no vale do rio, acreditando que nos cercavam quando, na verdade, éramos nós que os sitiávamos. De fato, por fim,

empreenderam alguns ataques pelas colinas acima, mas nenhum desses assaltos foi suficientemente enérgico. Os saxões subiam em grande número pelas colinas, mas assim que no cume surgia uma linha de escudos prontos a fazerem-lhes frente e uma horda da pesada cavalaria de Artur lhes aparecia pelos flancos com as lanças em punho, a sua veemência esmorecia e recuavam para as aldeias; e cada fracasso dos saxões apenas aumentava a nossa confiança.

Estávamos tão confiantes que, depois do exército de Cuneglas chegar, Artur sentiu que podia deixar-nos. No início fiquei estupefato, já que não dera outra explicação senão a de ter uma importante incumbência que lhe tomava um dia de viagem para norte.

Acho que a minha admiração foi evidente, porque colocou um braço sobre os meus ombros.

- Ainda não vencemos - disse-me ele.

- Bem sei, senhor.

- Mas quando chegar a hora, Derfel, quero que esta vitória seja esmagadora.

Nenhuma outra pretensão me tiraria daqui. - Sorriu. - Confia em mim?

- Certamente, senhor.

Deixou Cuneglas no comando do nosso exército, mas com ordens expressas para que não atacássemos o vale uma única vez. Os saxões deviam pensar que nos dominavam, e para dar mais consistência a esta fraude uma mão-cheia de voluntários fingiu desertar e correu para os campos saxões com novas de que os nossos homens tinham tão fraco moral que alguns preferiam fugir a entrar numa luta; e, ainda, que os nossos comandantes estavam em furiosa disputa sobre se havíamos de ficar e fazer frente ao ataque saxão ou fugir para norte e pedir refúgio em *Gwent*.

- Ainda não sei se conseguiremos encontrar uma forma de acabar com isto -

admitiu Cuneglas um dia depois de Artur ter partido. - Estamos bastante fortes para mantê-los afastados do terreno mais elevado, mas não tanto para descermos até o vale e derrotá-los.

- Então, talvez Artur tenha ido buscar auxílio, meu rei e senhor, - sugeri.

- Que auxílio? - perguntou Cuneglas.

- Talvez Culhwuch? - respondi, apesar de ser improvável, já que se dizia que Culhwuch estava para leste dos saxões, e Artur rumara para norte. - Oengus Mac Airem?

- aventei. O Rei da *Demétia* prometera o seu exército de Escudos Negros, mas esses irlandeses ainda não haviam chegado.

- Talvez Oengus - concordou Cuneglas, - mas até com os Escudos Negros não teremos homens suficientes para vencer aqueles canalhas. - Acenou para baixo, em direção ao vale. - Precisamos dos lanceiros de *Gwent* para conseguir isso.

- E Meurig não avançará - afirmei.

- Meurig não avançará - concordou Cuneglas, - mas há alguns homens em *Gwent* que o farão. Ainda se recordam do Vale do *Lugg*.

Dirigiu-me um sorriso perverso, já que por essa ocasião Cuneglas era nosso inimigo e os homens de *Gwent*, que eram nossos aliados, haviam temido marchar contra o exército liderado pelo pai de Cuneglas. Em *Gwent*, alguns ainda sentiam vergonha por tamanho fracasso, uma vergonha agravada por Artur ter vencido sem o seu auxílio, e achei possível que, se Meurig permitisse, Artur conduziria alguns desses voluntários para sul, para *Aquae Sulis*; todavia, ainda assim, eu não via como ele conseguiria reunir homens suficientes que nos permitisse descer àquele ninho de saxões e matá-los.

- Talvez - sugeriu Guinevere, - ele tenha ido à procura de Merlim.

Guinevere recusara-se a partir com as outras mulheres e as crianças, insistindo que veria a batalha até o fim, quer vencêssemos quer fôssemos derrotados. Achei que Artur insistiria para que ela partisse, mas sempre que Artur vinha ao cume da colina, Guinevere escondia-se na tosca cabana que havíamos construído no planalto, e só

depois de Artur ter partido voltava a aparecer. Certamente, Artur sabia que ela permanecera em *Mynydd Baddon*, já que observara demoradamente a partida das nossas mulheres, devendo ter visto que ela não estava com elas; porém, nada

dissera. Nem Guinevere, quando surgiu, falou em Artur, apesar de sorrir ao ver que ele permitira que a sua bandeira permanecesse nos taludes. No início encorajei-a a deixar o monte, mas ela rejeitou a minha sugestão e nenhum dos meus homens quis que ela partisse. Atribuíam a sua sobrevivência a Guinevere, e com grande justiça, e a sua recompensa foi aprontá-la para a batalha. Haviam retirado uma bela cota de malha do cadáver de um saxão abastado, e depois de terem limpo o sangue dos anéis de malha, ofereceram-na a Guinevere, pintaram a sua insígnia num escudo capturado, e um dos meus homens emprestou o seu muito estimado elmo com cauda de lobo para que, desse modo, ela ficasse vestida como os meus lanceiros, embora, tratando-se de Guinevere, a indumentária de guerra assentasse de forma perturbadoramente sedutora. Ela tornara-se o nosso talismã, uma heroína para todos os meus homens.

- Ninguém sabe onde está Merlim - afirmei, respondendo à sua sugestão.

- Corria o rumor de que estaria em *Demétia* - disse Cuneglas, - por isso talvez venha com Oengus.

- Mas o seu druida veio? - perguntou Guinevere a Cuneglas.

- Malaine está aqui - confirmou Cuneglas, - e sabe amaldiçoar bastante bem.

Talvez não como Merlim, mas o faz bastante bem.

- E que é feito de Taliesin? - perguntou Guinevere.

Cuneglas não se mostrou surpreso por ela ter ouvido falar no jovem bardo, porque não havia dúvida que a fama de Taliesin se espalhava rapidamente.

- Foi à procura de Merlim - afirmou ele.

- E ele é assim tão bom? - perguntou Guinevere.

- Muito bom - afirmou Cuneglas. - Ele canta as águias que pairam nos céus e os salmões que saltam nas águas.

- Rezo para que em breve o escutemos - disse Guinevere e na verdade, aqueles estranhos dias passados naquele cume soalheiro da colina pareciam mais apropriados ao canto do que à peleja. A Primavera chegara suavemente, o Verão não estava distante, e nós nos estendíamos sobre a relva quente e observávamos

os nossos inimigos que pareciam atacados por uma repentina falta de energia. Tentavam os seus escassos e inúteis ataques às colinas, mas não faziam um verdadeiro esforço para deixar o vale.

Mais tarde, soubemos que discutiam. Aelle quisera juntar todos os lanceiros saxões e irromper pelas colinas a norte para deste modo, dividir o nosso exército em dois e destruí-los separadamente, mas Cerdic preferia aguardar até que a nossa comida escasseasse e a nossa confiança esmorecesse, embora essa fosse uma esperança vã, já que tínhamos muitos mantimentos e a nossa confiança aumentava a cada dia que passava. Foram os saxões que começaram a ficar sem alimentos, já que os ágeis cavaleiros de Artur saquearam o seu grupo de salteadores, desvanecendo a confiança dos saxões. Passada uma semana, vimos montes de terra fresca surgir nas campinas junto às suas cabanas e percebemos que o inimigo cavava sepulturas para enterrar os seus mortos. A doença que esvazia as entranhas a jorros e rouba toda a força a um homem assolara o inimigo e, todos os dias, os saxões enfraqueciam um pouco mais. No rio, algumas mulheres montaram armadilhas para os peixes em busca de alimento para os seus filhos, os homens saxões abriam sepulturas, e nós nos estendíamos ao sol quando ele ia alto e falávamos de bardos.

Artur regressou um dia depois das primeiras sepulturas saxãs serem abertas.

Esporeou o seu cavalo ao atravessar a depressão oblonga e ao subir a íngreme encosta norte de *Mynydd Baddon*, incitando Guinevere a colocar o seu novo elmo e a pôr-se de cócoras no meio de um grupo dos meus homens. O seu cabelo ruivo ondulava como uma bandeira por baixo da orla do elmo, mas Artur fingiu não reparar. Caminhei ao seu encontro e, no meio da subida para o cume da colina, detive-me e fitei-o estarrecido.

O seu escudo era um círculo de pranchas de salgueiro cobertas de couro, e por cima do couro tinha sido trabalhada uma fina folha de prata polida, que brilhava com *o* reflexo da luz do sol; mas um novo símbolo era visível no seu escudo. Era uma cruz; uma cruz vermelha, feita com pedaços de pano que haviam sido colados em cima da prata. A cruz cristã. Viu a minha perplexidade e fez um sorriso largo.

- Agrada-o, Derfel?

- Se tonou cristão, senhor? - pareci consternado.

- Todos nos tornamos cristãos - afirmou ele, - você também. Aquece uma lâmina e marque uma cruz nos seus escudos.

Cuspi para afastar o mal.

- Quer que façamos isso, senhor?

- Você ouviu o que eu disse, Derfel - afirmou ele, depois deslizou do dorso de *Llamrei e* caminhou em direção aos taludes ao sul, de onde conseguia observar o inimigo.

- Ainda estão aqui - disse ele. - Ótimo.

Cuneglas viera colocar-se ao meu lado e, casualmente, ouviu as últimas palavras de Artur.

- Quer que sejamos nós a pôr uma cruz nos nossos escudos? - perguntou ele.

- Não posso lhe exigir nada, meu rei e senhor - disse Artur, - mas se colocásse uma cruz no seu escudo e nos dos seus homens, eu lhe ficaria grato.

- Porquê? - perguntou Cuneglas, iradamente. Era conhecida a sua oposição à

nova religião.

- Porque, - disse Artur, continuando a olhar para o inimigo, - a cruz é o preço a pagar pelo exército de *Gwent*.

Cuneglas fitou Artur como se lhe fosse difícil acreditar no que ouvia.

- Meurig está a caminho? - perguntei.

- Não - respondeu Artur, virando-se para nós, - Meurig não. Virá o rei Tewdric. O

bom Tewdric.

Tewdric era o pai de Meurig, o rei que renunciara ao seu trono para tornar–se

monge, e Artur fora a *Gwent* para pedir auxílio ao ancião.

- Eu sabia que seria possível - disse-me Artur, - porque Galaad e eu havíamos falado com Tewdric durante todo o Inverno.

No início, disse Artur, o velho Rei estivera relutante em desistir da sua vida religiosa e modesta, mas outros homens de *Gwent* juntaram as suas vozes ao pedido de Artur e de Galaad e, após várias noites passadas rezando na sua pequena capela, Tewdric declarara, com relutância, que temporariamente reassumiria o seu trono e conduziria o exército de *Gwent* para sul. Meurig insurgira-se contra essa decisão, que ele com razão viu como uma censura e uma humilhação, mas o exército de *Gwent* apoiara o velho Rei e, desse modo, dirigia-se agora para sul.

- Houve um preço a pagar - admitiu Artur. - Tive de me ajoelhar diante do seu Deus e prometer atribuir-Lhe a vitória, mas atribuirei a vitória a qualquer deus que Tewdric queira desde que ele traga os seus lanceiros.

- E que mais teremos de fazer? - perguntou Cuneglas, mostrando perspicácia.

Artur fez uma careta.

- Eles esperam que deixem os missionários de Meurig irem para *Powys*.

- Apenas isso? - perguntou Cuneglas.

- Eu posso ter dado a impressão - admitiu Artur, - que o senhor os acolheriam.

Lamento, meu rei e senhor. O pedido chegou-me apenas há dois dias, e a idéia partiu de Meurig, cuja reputação tem de ser salvaguardada.

Cuneglas fez uma careta. Ele fizera todo o possível para impedir que o cristianismo entrasse no seu reino, calculando que *Powys* não necessitava da acrimônia que se seguia sempre à implantação de uma nova fé, mas não protestou com Artur. Seria preferível cristãos em *Powys*, deverá ter ele concluído, do que saxões.

- Foi tudo o que prometeu a Tewdric, senhor? - perguntei, desconfiado, a Artur.

Lembrei-me de Meurig ter pedido que lhe entregássemos o trono da *Dumnônia* e

do desejo de Artur de se ver livre dessa responsabilidade.

- Estes tratados têm sempre alguns detalhes com os quais nem devemos nos incomodar - respondeu Artur, alegremente, - mas na verdade prometi libertar Sansum.

Agora, é o Bispo de *Dumnônia*! E, novamente, um conselheiro real. Tewdric insistiu para que fosse assim. Sempre que derrubo o nosso bom Bispo ele volta a surgir - subitamente deu uma gargalhada.

- Foi tudo o que prometeu, senhor? - voltei a perguntar, ainda desconfiado.

- Prometi o suficiente, Derfel, para ter certeza de que *Gwent* viria em nosso auxílio - afirmou Artur, - e eles comprometeram-se a estar aqui dentro de dois dias com seiscentos dos seus melhores lanceiros. Até mesmo Agrícola concluiu que não estava muito velho para combater. Lembra-se de Agrícola, Derfel?

- Sem dúvida que me recordo dele, senhor - respondi.

Agrícola, o velho senhor da guerra de Tewdric, podia nessa época ter já uma idade avançada, mas continuava sendo um dos mais famosos guerreiros da Bretanha.

- Virão todos de *Glevum* - Artur apontou para oeste, onde a estrada de *Glevum* surgia no vale do rio, - e quando chegarem, me juntarei a eles com os meus homens e, em conjunto, atacaremos imediatamente o vale.

Ele estava de pé, no talude, olhando fixamente para o profundo vale, todavia no seu espírito não via os campos, as estradas, as colheitas sendo agitadas pelo vento, nem as pedras tumulares do cemitério romano, mas toda a batalha desenrolando-se diante dos seus olhos.

- No início, os saxões ficarão confusos - continuou, - mas provavelmente se transformarão numa massa de inimigos em fuga por aquela estrada apontou para o Caminho Valado, imediatamente abaixo de *Mynydd Baddon* e o senhor, meu rei, - fez uma vênia a Cuneglas - e você, Derfel, - saltou do baixo talude e enterrou um dedo na minha barriga – os atacarão pelos flancos.

- Colina abaixo, em direção aos seus escudos! Nos juntaremos a vocês, -

desenhou uma curva com a mão para mostrar como as suas tropas circundariam o flanco norte dos saxões e depois aniquilamo-los empurrando-os para o rio.

Artur viria de oeste e nós atacaríamos a partir do norte.

- E eles fugirão para leste - afirmei, irritado.

Artur abanou a cabeça.

- Culhwuch marchará para norte amanhã, para se juntar aos Escudos Negros de Oengus Mac Airem e, neste momento, já está descendo de *Corinium*. - Ele estava satisfeito consigo mesmo, e não admirava, porque se tudo funcionasse cercaríamos o inimigo e depois os mataríamos. Todavia, este plano comportava riscos. Calculei que quando os homens de Tewdric chegassem e os Escudos Negros de Oengus se juntassem a nós, o nosso número não seria muito inferior ao dos saxões. Artur, porém, propunha dividir o nosso exército em três partes e, se os saxões resistissem, conseguiriam destruir cada uma delas separadamente. No entanto, se entrassem em pânico, e se os nossos ataques fossem implacáveis e arrasadores, e se eles ficassem confusos com o barulho, a poeira e o horror, poderíamos simplesmente arrastá-los como gado para o matadouro.

- Dois dias - disse Artur, - apenas dois dias. Rezem para que os saxões não saibam disto e para que permaneçam onde estão.

Pediu *Llamrei*, lançando um olhar rápido aos lanceiros ruivos, depois foi juntar-se a Sagramor na serrania depois da depressão oblonga.

Na noite anterior à batalha, todos gravamos cruzes nos nossos escudos. Era um pequeno preço a pagar pela vitória, embora não fosse, eu sabia, tudo o que teríamos de pagar. O resto seria pago com sangue.

- Acho, senhora - disse eu a Guinevere, nessa noite, - que será melhor que permaneça aqui em cima amanhã.

Ambos partilhávamos um corno de hidromel. Constara-me que ela gostava de conversar até tarde e eu adquirira o hábito de me sentar junto à sua fogueira antes de ir dormir. Agora, ela ria da minha sugestão de que devia permanecer em *Mynydd Baddon* enquanto descêssemos a colina para combater.

- Sempre pensei que você era um homem pouco inteligente, Derfel - afirmou ela,

- pouco inteligente, sujo e teimoso. Agora começo a gostar de você, por isso peço que não me faças pensar que sempre tive razão a seu respeito.

- Senhora - pedi-lhe, - o escudo defensivo não é lugar para uma mulher.

- Nem a prisão, Derfel. Além disso, você acha que consegue vencer sem mim?

Estava sentada à entrada da cabana que construíramos com as carroças e algumas árvores. Havia-lhe sido concedida toda uma parte da cabana para dela fazer os seus aposentos e, nessa noite, convidara-me para partilhar uma ceia de carne chamuscada cortada da anca de um dos bois que haviam puxado as carroças até o cume de *Mynydd Baddon*.

O fogo que servira para cozinhar a nossa ceia extinguia-se naquele momento, lançando fumaça em direção às brilhantes estrelas que formavam um arco sobre nós. A Lua em forma de foice estava baixa, por cima das colinas a sul, contornando as sentinelas que caminhavam, pausadamente, nos nossos taludes.

- Eu quero vê-la até o fim - disse ela, com os olhos brilhando por entre as sombras. - Há anos que não me divertia tanto, Derfel, há anos.

- O que irá acontecer amanhã no vale, senhora - afirmei, - não será divertido.

Será uma tarefa penosa.

- Eu sei - ela fez uma pausa. - Mas os seus homens acreditam que eu lhes darei a vitória.

Vai negar-lhes a minha presença, se a tarefa for difícil?

- Não, senhora - consenti. - Mas tenha cuidado, peço-lhe.

Ela sorriu perante a veemência das minhas palavras.

- Isso é uma prece pela minha sobrevivência, Derfel, ou o medo que Artur se zangue contigo se eu for ferida?

Hesitei.

- Acho que ele pode ficar zangado, senhora - admiti.

Guinevere saboreou aquela resposta durante algum tempo.

- Ele fez perguntas a meu respeito? - quis saber por fim.

- Não, - afirmei, com sinceridade. - Nem uma única vez.

Ela fitou as brasas.

- Talvez ele esteja apaixonado por Argante - disse ela, melancolicamente.

- Creio que ele nem suporta vê-la - respondi. Há uma semana atrás, eu nunca teria sido tão sincero, mas Guinevere e eu sentíamo-nos agora muito mais próximos um do outro. - Ela é muito jovem para ele, e nem tão-pouco medianamente esperta.

Os seus olhos brilhavam à luz do fogo quando os levantou e me fitou, desafiadoramente.

- Esperta - disse ela. - Eu costumava pensar que era esperta. Mas todos vocês acham que sou uma tola, não é?

- Não, senhora.

- Você sempre foi um péssimo mentiroso, Derfel. Por essa razão, nunca foi cortês. Para se ser verdadeiramente cortês tem de se mentir com um sorriso.

Ela olhou fixamente para o fogo. Permaneceu em silêncio durante muito tempo, e ao voltar a falar o tom jocoso, mas gentil, da sua voz desvanecera-se. Talvez tenha sido a proximidade da batalha que a transportou para um estado de verdade que nunca antes lhe ouvira.

- Fui uma tola - disse ela, num tom de voz tão baixo que tive de me inclinar para diante para ouvi-la por cima da crepitação do fogo e da canção que os meus homens entoavam. - Agora digo para mim mesma que era uma espécie de demência - continuou ela, - mas não creio que fosse. Era apenas ambição - continuou, novamente em voz baixa, observando as pequenas chamas crepitantes. - Quis ser a mulher de um César.

E foi - afirmei.

Ela abanou a cabeça.

- Artur não é nenhum César. Não é um tirano, mas creio que desejei que fosse; alguém como Gorfyddyd. - Gorfyddyd fora o pai de Ceinwyn e de Cuneglas, um Rei de *Powys* inumano, inimigo de Artur, e, se os rumores se confirmavam, amante de Guinevere. Ela deve ter pensado nesse rumor, porque de repente me desafiou com um olhar franco e directo. - Alguma vez te disse que ele tentou violar-me?

- Sim, senhora - respondi.

- Não, foi verdade - disse ela, sombriamente. - Não só tentou, como me violou.

Ou, pelo menos, afirmei para mim mesma que era violação. - As palavras saíam-lhe em breves espasmos, como se a verdade fosse algo extremamente difícil de admitir. -

Contudo, talvez não tenha sido violação. Eu queria ouro, honra e posição - brincava com o debrum do seu justilho, puxando pequenos pedaços do tecido já puído. Eu estava constrangido, mas não a interrompi, porque sabia que ela queria falar. - Mas não os obtive dele. Ele sabia exatamente o que eu queria, mas sabia melhor ainda o que pretendia para si próprio, e nunca teve intenções de pagar o meu preço. Em vez de fazê-lo, prometeu-me em casamento a Valerin. Sabe o que eu ia fazer com Valerin? - Os seus olhos voltaram a desafiar-me e, desta vez, o seu brilho não era apenas por causa do fogo, mas por um tremeluzir de lágrimas.

- Não, senhora.

- Eu ia fazer dele Rei de *Powys* - disse ela, vingativa. - Ia usar Valerin para me vingar de Gorfyddyd. Também podia tê-lo feito, mas depois conheci Artur.

- No Vale do *Lugg* - afirmei, cautelosamente, - matei Valerin.

- Eu sei.

- E ele tinha um anel no dedo, senhora - prossegui, - com a sua divisa.

Ela fitou-me. Sabia a que anel me referia.

- E tinha uma cruz de amantes? - perguntou-me ela, em voz baixa.

- Sim, senhora - respondi, e toquei no meu próprio anel de amante, o par do anel de Ceinwyn. Muita gente usava anéis de amantes com uma cruz incrustada, mas poucos tinham anéis com cruzes feitos de ouro retirado do Caldeirão de Clyddno Eiddyn como Ceinwyn e eu.

- O que fez com o anel? - perguntou-me Guinevere.

- Lancei-o no rio.

- Contou a alguém?

- Apenas a Ceinwyn - afirmei. - E Issa também sabe - acrescentei, - porque encontrou o anel e me entregou.

- E você não contou a Artur?

- Não.

Ela sorriu.

- Acho que você tem sido melhor amigo do que alguma vez pensei, Derfel.

- Para Artur, senhora. Eu protegia a ele, não a senhoa.

- Sim, acho que fazia isso - voltou a olhar para a fogueira. - Quando tudo isto terminar, tentarei dar a Artur o que ele deseja.

- A si mesma?

A minha sugestão pareceu surpreendê-la.

- É isso o que ele deseja? - perguntou ela.

- Ele a ama - respondi. - Pode não perguntar pela senhora, mas ele a procura sempre que vem aqui. Procurou-a mesmo quando estava em *Ynys Wydryn*. Nunca me falou da senhora, mas enfadou os ouvidos de Ceinwyn.

Guinevere fez uma careta.

- Sabe quão enfastiante pode ser o amor, Derfel? Eu não quero ser venerada.

Não quero que me sejam satisfeitos todos os caprichos. Quero sentir que sou contrariada em alguma coisa - falou com veemência, e eu abri a boca para defender Artur, mas ela fez-me sinal para que nada dissesse. - Eu sei, Derfel - afirmou, - agora, não tenho o direito de querer o que quer que seja. Vou me comportar, prometo - sorriu. - Sabe por que razão Artur me ignora agora?

- Não, senhora.

- Porque não quer me encarar até conseguir a vitória.

Pensei que talvez ela tivesse razão, mas Artur não mostrara, de fato, sinais do seu afeto e, por isso, achei melhor que soasse como uma advertência.

- Talvez a vitória seja para ele satisfação suficiente - afirmei. Guinevere abanou a cabeça.

- Eu o conheço melhor do que você, Derfel. Conheço-o tão bem que consigo descrevê-lo numa única palavra.

Tentei lembrar-me que palavra seria aquela. Corajoso? Certamente, mas isso deixaria de parte todo o seu cuidado e dedicação. Perguntei-me se dedicado não seria uma palavra melhor, mas não descreveria a sua insatisfação. Bom? Certamente que ele era bom, mas essa palavra simples escondia a ira que podia torná-lo imprevisível.

- Que palavra, senhora? - perguntei.

- Só - disse Guinevere, e recordei-me de que na gruta de Mitras, Sagramor usara justamente a mesma palavra. - Ele está só - disse Guinevere, - tal como eu. Por isso vamos entregar-lhe a vitória e talvez não volte a sentir-se solitário.

- Que os deuses a guardem, senhora - afirmei.

- A deusa, creio - disse ela, e viu o olhar de horror estampado no meu rosto. Deu uma gargalhada. - Não é ísis, Derfel, não é ísis. - Fora a sua veneração a ísis que conduzira Guinevere ao leito de Lancelot e provocara a infelicidade de Artur. - Creio que esta noite irei orar a Sulis. Parece mais apropriada.

- Juntarei as minhas preces às suas, senhora.

Ela estendeu uma mão na minha direção para me deter quando me levantei para deixá-la.

- Vamos vencer, Derfel - disse ela, com seriedade, - vamos vencer, e tudo se modificará.

Havíamos dito aquilo tantas vezes, e nunca nada havia acontecido. Mas agora, em *Mynydd Baddon*, voltaríamos a tentar.

Montamos a nossa armadilha num dia tão bonito que oprimia o coração. Também prometia ser um dia longo, já que as noites eram cada vez menores e a extensa luz da tarde se alongava pelas horas tardias.

Na noite anterior à batalha, Artur retirara as suas tropas colocadas ao longo das colinas por trás de *Mynydd Baddon*. Ordenou a esses homens que deixassem as suas fogueiras de acampamento ardendo para que os saxões achassem que ainda se encontravam no mesmo lugar, depois levou-os para oeste ao encontro dos homens de *Gwent*, que se aproximavam pela estrada de *Glevum*. Os guerreiros de Cuneglas também deixaram as colinas, contudo deslocaram-se para o cume de *Mynydd Baddon* onde, juntamente com os meus homens, aguardaram.

Malaine, o chefe druida de Powys, andou por entre os lanceiros durante a noite.

Distribuiu verbena, seixos de gnomos e pedaços de visco-branco seco. Os cristãos reuniram-se e rezaram em conjunto, embora eu tivesse reparado que muitos aceitavam as oferendas do druida. Orei junto aos taludes, rogando a Mitras uma grande vitória, e depois disso tentei dormir. Mas *Mynydd Baddon* estava agitada com o murmúrio de vozes e o monótono som de pedras batendo em aço.

Eu já afiara a minha lança e aprestara um novo gume na *Hywelbane*. Nunca deixei que um servo afiasse as minhas armas antes de uma batalha, fazendo-o eu próprio e de forma tão obsessiva como todos os meus homens. Assim que tive certeza que as armas estavam tão afiadas quanto eu conseguia aprestá-las, deitei-me próximo do abrigo de Guinevere. Queria dormir, mas não conseguia afastar o medo de me ver num escudo defensivo. Pressenti maus agouros, receando ver uma coruja e voltei a rezar. Por fim, devo ter adormecido, mas foi um sono agitado, perturbado por sonhos. Já passara muito tempo desde que eu lutara num escudo defensivo e quebrara, sozinho, uma defesa inimiga.

Acordei bem cedo, com frio e tremendo. O orvalho cobria tudo com uma camada espessa.

Os homens roncavam, tossiam, urinavam e gemiam. A colina fedia, uma vez que, apesar de todos termos cavado latrinas, não havia um ribeiro que levasse dali a sujeira.

- O cheiro e os ruídos dos homens, - pronunciou a voz perversa de Guinevere da penumbra do seu abrigo.

- Dormiu, senhora? perguntei-lhe.

- Um pouco - inclinou-se para passar pelos ramos baixos que serviam de telhado e de porta. - Está frio.

- Em breve estará calor.

Ela arrastou-se para junto de mim, envolta na sua capa. O seu cabelo estava desgrenhado e os seus olhos papudos por causa do sono.

- Em que você pensa durante uma batalha? - perguntou-me ela.

- Em sair dela vivo - afirmei, - em matar, em vencer.

- Isso é hidromel? - perguntou ela, gesticulando para o corno que eu segurava.

- Água, senhora. O hidromel torna um homem mais lento no campo de batalha.

Retirou-me a água, chapinhou um pouco nos olhos e bebeu o resto. Estava nervosa, mas eu sabia que nunca conseguiria convencê-la a permanecer na colina.

- E Artur - perguntou ela, - em que pensa ele durante a batalha?

Sorri.

- Na tranquilidade que se segue ao combate, senhora. Ele acredita que cada batalha é a última.

- Todavia, as batalhas - disse ela, sonhadoramente - nunca terão fim.

- Talvez assim seja - concordei, - mas nesta batalha, senhora, permaneça junto a mim. Bem junto a mim.

- Sim, Lorde Derfel - motejou ela, depois brindou-me com um sorriso. - E

obrigada, Derfel.

Tínhamos as nossas armaduras aprestadas, quando o Sol rompeu por trás das colinas a leste tocando farrapos de nuvens carmesim, lançando numa profunda obscuridade o vale dos saxões. A penumbra clareava e tornava-se mais diminuta à

medida que o Sol se elevava. Fragmentos de neblina elevavam-se do rio em espiral, adensando a fumaça das fogueiras de acampamento, por entre as quais o inimigo se movia com uma energia incomum.

- Algo se prepara ali embaixo - disse-me Cuneglas.

- Talvez eles saibam que vamos descer? - aventei.

- O que nos dificultará a vida - afirmou Cuneglas.

Todavia, no caso dos saxões conhecerem os nossos planos, eles seriam sutis nos preparativos. Não estava formado nenhum escudo defensivo frente a *Mynydd Baddon*, e tropa alguma marchava para oeste, pela estrada de *Glevum*. Pelo contrário, à

medida que o Sol se elevava suficientemente alto para dissipar o nevoeiro das margens do rio, parecia que todos haviam, por fim, decidido abandonar o local ao mesmo tempo e se preparavam para marchar, embora fosse difícil dizer se haviam planejado ir para oeste, norte ou sul, já que a sua primeira tarefa fora reunir as carroças, os cavalos de carga, os rebanhos e as pessoas. Do nosso posicionamento elevado, parecia um formigueiro em pânico, mas aos poucos surgiu alguma ordem. Os homens de Aelle reuniram a sua bagagem junto ao portão norte de *Aquae Sulis*, enquanto os homens de Cerdic organizavam a sua progressão junto ao seu acampamento na curvatura do rio.

Queimaram um considerável número de cabanas e, sem dúvida, que haviam planejado queimar os dois acampamentos antes de partirem. Os primeiros homens a fazê-lo foi uma companhia de cavalaria pouco aprestada, que se dirigia

para oeste, passando por *Aquae Sulis* e tomando a estrada de *Glevum*.

- Que pena - disse Cuneglas, em voz baixa.

Os cavaleiros faziam o reconhecimento da estrada que os saxões iriam tomar e dirigiam-se diretamente para o local de onde surgiria o ataque surpresa de Artur.

Aguardamos. Não desceríamos a colina enquanto as forças de Artur não estivessem bem visíveis e, nessa altura, teríamos de nos apressar para preencher o espaço vazio entre os homens de Aelle e as tropas de Cerdic. Aelle teria de defrontar a fúria de Artur, enquanto Cerdic se veria impedido pelos meus homens e as tropas de Cuneglas de auxiliar o seu aliado. Com quase toda certeza, nós estaríamos em menor número, mas Artur tinha esperança de conseguir irromper por entre os homens de Aelle para levar as suas tropas em nosso auxílio. Lancei um olhar rápido para a minha esquerda, buscando um vislumbre dos homens de Oengus no Caminho Valado, mas aquela estrada distante ainda permanecia vazia. Se os Escudos Negros não chegassem, então Cuneglas e eu ficaríamos em dificuldades entre os dois blocos do exército saxão.

Olhei para os meus homens, reparando no seu nervosismo. A sua visão não alcançava o vale, porque eu insistira para que se escondessem até o nosso flanco lançar o ataque.

Uns tinham os olhos fechados, alguns cristãos haviam-se ajoelhado com os braços abertos, enquanto outros homens batiam com pedras afiadas ao longo das lâminas das suas lanças já aprestadas numa ponta fina e cortante. Malaine, o druida, proferia palavras mágicas de proteção, Pyrlig rezava e Guinevere olhava-me fixamente de olhos muito abertos, como se conseguisse dizer pela minha expressão o que estava prestes a acontecer.

As sentinelas avançadas saxãs desapareceram a oeste, mas agora voltavam inesperadamente a galope. Rolos de poeira saíam em jatos dos cascos dos seus cavalos.

A sua velocidade era suficiente para percebermos que haviam visto Artur e, em breve pensei aquela agitação confusa de preparativos saxões se transformaria num muro de escudos e lanças. Agarrei a longa haste da minha lança, fechei os olhos e dirigi uma prece aos céus azuis, até onde Bei e Mitras me ouvissem.

- Olhe para eles! - exclamou Cuneglas, enquanto eu rezava.

Abri os olhos e vi o ataque de Artur invadir a orla oeste do vale. O Sol brilhava nos seus rostos e cintilava em centenas de lanças desembainhadas e elmos polidos. A sul, junto ao rio, os cavaleiros de Artur esporeavam os cavalos para se apoderarem da ponte a sul de *Aquae Sulis*, ao passo que as tropas de *Gwent* avançavam numa imensa linha atravessando o centro do vale. Os homens de Tewdric envergavam um aprestamento romano: armaduras de bronze, capas vermelhas e elmos cheios de plumas, de tal modo que do cume de *Mynydd Baddon* pareciam falanges de carmesim e ouro sob uma hoste de bandeiras que mostravam, em vez do touro negro de *Gwent*, cruzes vermelhas cristãs. A norte deles, estavam os lanceiros de Artur, liderados por Sagramor sob o seu enorme estandarte preto preso num mastro encimado por uma caveira saxã.

Ainda hoje fecho os olhos e vejo aquele exército avançar, vejo o vento ondular suavemente as bandeiras por cima das suas linhas firmes, vejo a poeira levantar-se da estrada atrás deles e vejo as espigas já altas dos cereais ficarem esmagadas à sua passagem.

Entretanto, à sua frente instalara-se o pânico e o caos. Saxões corriam em busca das armaduras, tentavam salvar as suas mulheres, procuravam os seus chefes ou reagrupavam-se, juntando-se lentamente até formarem o primeiro escudo defensivo próximo do seu acampamento, às portas de *Aquae Sulis*. Todavia, era um escudo defensivo fraco, parco e grosseiro, e vi um cavaleiro acenar para que os seus homens se afastassem. À nossa esquerda vi que os homens de Cerdic eram mais rápidos a formar as suas fileiras, mas estavam ainda a mais de três quilômetros das tropas avançadas de Artur, o que significava que os homens de Aelle teriam de suster a força do ataque. Por trás desse ataque, andrajosas e indistintas na distância, as nossas tropas recrutadas avançavam com gadanhas, machados, picaretas e mocas.

Vi o estandarte de Aelle erguido no meio das sepulturas do cemitério romano, e reparei que os seus lanceiros se apressavam a voltar para se reagruparem sob a sua caveira ensanguentada. Os saxões haviam já abandonado *Aquae Sulis*, o seu acampamento a oeste e a sua bagagem reunida fora da cidade, e talvez tivessem esperança que os homens de Artur parassem para pilhar as carroças e os cavalos de carga. Mas Artur percebera esse perigo e, por isso, conduziu os seus homens bem para norte da muralha da cidade. Lanceiros *gwent* ianos haviam guarnecido a ponte, aliviando do seu peso os aprestados cavaleiros para poderem subir por trás daquela linha dourada e carmesim. Tudo parecia acontecer muito devagar. De *Mynydd Baddon* tínhamos uma panorâmica geral e víamos os últimos saxões

fugindo por cima da muralha danificada de *Aquae Sulis*, o escudo defensivo de Aelle finalmente engrossando e os homens de Cerdic apressando-se ao longo da estrada para os reforçar.

Em silêncio, instigamos Artur e Tewdric, desejando que ambos esmagassem os homens de Aelle antes de Cerdic conseguir entrar na batalha, mas pareceu-nos que o ataque abrandava até ao passo de caracol. Mensageiros a cavalo lançavam-se entre as tropas de lanceiros, mas mais ninguém parecia apressar-se.

As forças de Aelle haviam recuado até cerca de setecentos e cinquenta metros de *Aquae Sulis* antes de formarem a sua linha e, agora, aguardavam o ataque de Artur.

Os seus feiticeiros saltavam no campo de batalha por entre os exércitos, mas eu não via nenhum druida diante dos homens de Tewdric. Eles avançavam à guarda do seu Deus cristão e, por fim, depois de estreitarem o seu escudo defensivo, aproximaram-se do inimigo. Eu esperava assistir a um confronto entre as linhas enquanto os comandantes dos exércitos trocavam os tradicionais insultos e os dois escudos defensivos se avaliavam mutuamente. Constara-me que havia escudos defensivos que ficavam olhando-se fixamente durante horas enquanto os homens se enchiam de coragem para atacar, mas aqueles cristãos de *Gwent* não avaliavam a sua velocidade. Não haveria qualquer confronto de comandantes de facções opostas e não havia tempo para os feiticeiros saxões rogarem as suas pragas, porque os cristãos baixaram simplesmente as suas lanças, tomaram o peso dos seus escudos oblongos, pintados com a cruz, e avançaram direto por entre as sepulturas romanas e em direção aos escudos inimigos.

Na colina, ouvimos o entrechocar dos escudos. Era um som monótono e rouco, como um trovão vindo debaixo da terra, o som de centenas de escudos e lanças entrechocando-se como dois imensos exércitos esmagando-se um de encontro ao outro.

Os homens de *Gwent* foram impedidos de prosseguir, contidos pelo peso dos saxões que se lançaram sobre eles, e eu percebi que naquele instante morriam ali homens. Estavam sendo trespassados por lanças, cortados por machados, esmagados pelos pés dos outros soldados. Homens gritavam e falavam iradamente por cima dos rebordos dos seus escudos, e a sua pressão era tão grande que uma espada dificilmente seria levantada naquele aperto.

Então, os guerreiros de Sagramor atacaram do flanco norte. O númida havia sem dúvida desejado flanquear Aelle, mas o rei saxão calculara esse perigo e ordenara às suas tropas de reserva que formassem uma linha que, com os seus escudos e lanças, deteve a carga de Sagramor. Soou novamente o entrechocar estilhaçado de escudos, e depois, para nós que tínhamos uma visão panorâmica, estranhamente, a batalha deixou de progredir. Dois aglomerados de homens haviam-se emaranhado, e os da retaguarda empurravam os da zona avançada e estes debatiam-se para libertar as suas lanças e golpeá-las de novo para diante e durante todo esse tempo, os homens de Cerdic corriam pelo Caminho Valado por baixo de nós. Assim que esses homens conseguissem chegar ao campo de batalha facilmente conseguiriam flanquear Sagramor. Podiam contornar o seu flanco e atacar o seu escudo defensivo por trás, e fora por essa razão que Artur nos mantivera na colina.

Cerdic deve ter calculado que nós ainda ali nos encontrávamos. Do vale ele não conseguia ver nada, já que os nossos homens se escondiam por trás dos baixos taludes de *Mynydd Baddon*, mas eu o vi galopar em direção a um grupo de homens e apontar-lhes o cimo da encosta. Chegara o momento, calculei, de nós descermos, e olhei para Cuneglas. Ao mesmo tempo, ele olhou para mim e dirigiu-me um sorriso.

- Que os deuses estejam contigo, Derfel.

- E contigo também, meu rei e senhor.

Toquei na sua mão estendida, depois apertei a palma da minha mão de encontro à minha cota de malha para sentir a protuberância apaziguadora do broche de Ceinwyn por baixo dela.

Cuneglas desceu do talude e virou-se, encarando-me.

- Não sou homem de discursos - gritou ele, - mas ali embaixo estão saxões, e vocês são conhecidos como os melhores destruidores de saxões da Bretanha. Por isso, venham e provem! E lembrem-se! Quando chegarem ao vale, mantenham o escudo defensivo bem firme! Mantenham-no firme! Agora, venham!

Ele animou-nos enquanto nós transpúnhamos a orla da colina. Os homens de Cerdic, que haviam sido mandados ao cume para examiná-lo, detiveram-se e depois se retiraram, à medida que cada vez mais lanceiros nossos surgiam acima deles. Éramos quinhentos homens descendo aquela colina, e nós o fizemos

depressa, dirigindo-nos para oeste para atacar as tropas dianteiras dos reforços de Cerdic.

O chão tinha tufos, era íngreme e irregular. Não descemos por nenhuma ordem, correndo apenas velozmente para chegarmos ao vale, e aí, depois de atravessarmos o campo de trigo pisado e de treparmos duas sebes enleadas com espinheiros, formamos o nosso escudo defensivo. Eu tomei o lado esquerdo da linha, Cuneglas o direito, e depois de estarmos corretamente formados e de os nossos escudos estarem bem juntos, gritei aos meus homens para que avançassem. Um escudo defensivo saxão formava-se no campo diante de nós, enquanto outros homens se apressavam a sair da estrada para virem barrar-nos o caminho. Olhei para a minha direita enquanto avançávamos e vi que havia uma enorme distância entre nós e os homens de Sagramor, e tão grande ela era que eu nem conseguia ver a sua bandeira. Odiava a idéia daquele espaço vazio, odiava pensar no horror que poderia assolá-lo e, deste modo, surgir por trás de nós, mas Artur fora inflexível. Não hesitem, disse ele, não esperem que Sagramor se junte a vocês, ataquem. Deveria ter sido Artur, pensei, que convencera os cristãos de *Gwent* a atacar sem delonga. Ao não dar tempo aos saxões, ele tentava que entrassem em pânico e, agora, chegara a nossa vez de entrar rapidamente na batalha.

O escudo defensivo saxão era improvisado e pequeno, talvez com duzentos homens de Cerdic que não haviam contado lutar naquele local, pensando pelo contrário juntar a sua força às fileiras mais recuadas de Aelle. Além disso, estavam nervosos. Nós também estávamos, mas não era hora para deixar que o medo suplantasse a bravura.

Tínhamos de fazer o que os homens de Tewdric haviam feito, teríamos de carregar sem hesitar para apanhar o inimigo desequilibrado e, por isso, brami um grito de guerra e apressei o passo. Desembainhara a *Hywelbane* e segurava-a pela parte superior do punho na minha mão esquerda, deixando que o escudo pendesse, preso pelas correias, do meu antebraço. A minha pesada lança estava na minha mão direita. O inimigo avançava arrastando os pés numa massa compacta, escudo contra escudo, lanças levantadas, e em algum lugar à minha esquerda um enorme cão de guerra foi liberto e começou a correr na nossa direção. Ouvi o uivo do animal, depois a fúria da batalha fez-me pensar apenas nos rostos barbudos que estavam diante de mim.

Um ódio terrível irrompeu no campo de batalha, um ódio que surge do mais

recôndito da alma e invade um homem com uma raiva feroz e sangrenta. Prazer também.

Eu sabia que o escudo defensivo saxão se quebraria. Sabia muito antes de atacá-lo. Era pouco compacto, fora feito depressa, e os homens estavam muito nervosos, por isso irrompi da nossa fileira da frente e gritei o meu ódio ao mesmo tempo que corria para o inimigo. Nesse instante, tudo o que eu queria era matar. Não, queria mais do que isso, queria que os bardos cantassem os feitos de Derfel Cadarn em *Mynydd Baddon*. Queria que os homens olhassem para mim e dissessem, aqui está o guerreiro que quebrou o escudo defensivo em *Mynydd Baddon*, desejei o poder que advém da fama. Na Bretanha, apenas uma dúzia de homens detinha esse poder; Artur, Sagramor e Culhwuch contavam-se entre eles, e era um poder que suplantava todos os outros exceto a soberania. O nosso era um mundo onde as espadas conferiam estatuto, e fugir à peleja era perder a honra, por isso corri adiante, com a raiva transbordando-me do coração e a exultação dando-me um terrível poder, enquanto escolhia as minhas vítimas. Eram dois jovens, ambos mais baixos do que eu, ambos nervosos, ambos com barbas ainda curtas e ambos se encolheram antes mesmo de eu lhes acertar. Viram um senhor da guerra britânico, resplandecente, e eu vi dois saxões mortos.

A minha lança apanhou um pelo pescoço. Larguei a lança assim que um machado se cravou no meu escudo; mas eu vira-o dirigir-se a mim e desviei o golpe, depois bati com o escudo no segundo homem e empurrei o ombro de encontro à cavidade do escudo enquanto agarrava a *Hywelbane* com a mão direita. Golpeei-a e vi uma lasca voando da haste da lança saxã, depois senti os meus homens chegarem em torrentes atrás de mim. Rodopiei a *Hywelbane* por cima da cabeça, voltei a golpeá-la, voltei a gritar, serpenteei-a para o lado, e de repente diante de mim nada mais havia do que terreno vazio, rainúnculo amarelo, a estrada e as campinas depois do rio. Eu havia transposto o escudo defensivo e gritava a minha vitória. Virei-me, enterrei a *Hywelbane* nos rins de um homem, libertei-a torcendo-a, vi o sangue escorrer da sua ponta, e de repente deixou de haver inimigos. O escudo defensivo saxão desaparecera, ou melhor, transformara-se em mortos ou carne moribunda que se esvaía em sangue sobre a relva. Lembro-me de erguer o escudo e a lança em direção ao sol e lançar bem alto um grito de agradecimento a Mitras.

- Escudo defensivo! - ouvi Issa bradar a ordem enquanto eu festejava. Inclinei-me para apanhar a minha lança, depois virei-me e vi mais saxões vindo de leste, na nossa direção.

- Escudo defensivo! - repeti o grito de Issa.

Cuneglas formava o seu próprio escudo defensivo, virando-se para oeste, para nos defender dos homens da retaguarda de Aelle, enquanto eu formava a nossa linha virada para leste de onde surgiam os homens de Cerdic. Os meus homens gritavam-lhes e insultavam-nos.

Haviam transformado um escudo defensivo em destroços e agora queriam mais.

Atrás de mim, no espaço entre os homens de Cuneglas e os meus, alguns saxões feridos ainda viviam, mas três dos meus homens acabavam com eles. Cortaram-lhes as gargantas, porque não era hora de fazer prisioneiros. Reparei que Guinevere os ajudava.

- Senhor, senhor!

Era Eachern, gritando da orla direita do nosso pequeno escudo defensivo, eu olhei, vendo-o apontando para uma massa de saxões que corria pelo imenso espaço vazio entre nós e o rio. Mas os saxões não nos ameaçavam, já que iam em auxílio de Aelle.

- Deixe-os estar! - gritei.

Preocupava-me mais com os saxões que estavam diante de nós, porque haviam parado para formar fileiras. Eles tinham visto o que acabáramos de fazer, e não nos deixariam fazer-lhes o mesmo, por isso juntaram-se em quatro ou cinco grandes fileiras, depois aplaudiram quando um dos seus feiticeiros caminhou empertigado, rogando-nos pragas. Era um dos feiticeiros loucos, porque o seu rosto se contorcia descontroladamente enquanto nos gritava obscenidades. Os saxões estimavam muito homens semelhantes, julgando que eles tinham poder sobre os ouvidos dos deuses, e que estes empalideciam ao ouvir as suas pragas.

- Devo matá-lo? - perguntou-me Guinevere. Ela aprestava o dedo no arco.

- Eu preferia que não estivésse aqui, senhora - afirmei.

- É um pouco tarde para expressar tal desejo, Derfel -disse ela.

- Deixe-o viver - respondi.

As pragas do feiticeiro não perturbavam os meus homens, que gritavam aos saxões que se aproximassem e experimentassem as suas lâminas, mas os saxões não estavam com vontade de avançar. Aguardavam reforços, que já vinham próximo.

- Meu rei e senhor! - gritei a Cuneglas. Ele virou-se.

- Consegue ver Sagramor? - perguntei-lhe.

- Ainda não.

Eu também não via Oengus Mac Airem, cujos Escudos Negros deviam irromper das colinas para penetrar ainda mais o flanco dos saxões. Comecei a temer a possibilidade de termos atacado muito cedo, e de estarmos agora cercados pelas tropas de Aelle, que se recobravam do pânico inicial, e pelos lanceiros de Cerdic, que engrossavam cuidadosamente o seu escudo defensivo antes de virem nos derrotar.

Depois, Eachern voltou a gritar e eu olhei para sul e vi que os saxões corriam agora para leste, em vez de se dirigirem para oeste. Os campos entre o nosso escudo defensivo e o rio estavam cheios de homens em pânico e, por instantes, senti-me muito confuso para entender o que via. Depois ouvi o barulho. Um barulho semelhante a um trovão. Barulho de cascos.

Os cavalos de Artur eram grandes. Certa vez, Sagramor dissera-me que Artur capturara os cavalos de Clovis, o Rei dos Francos, e que antes de pertencer a Clovis aquela manada fora criada pelos romanos e que nenhum outro cavalo da Bretanha se assemelhava ao seu tamanho. Para montá-los, Artur escolheu os seus homens mais corpulentos. Haviam-lhe sido roubados por Lancelot muitos dos grandes cavalos de guerra, e eu quase esperara ver aqueles enormes animais no meio das fileiras inimigas.

Todavia, Artur zombara desse meu receio. Dissera-me que Lancelot capturara, sobretudo, éguas jovens e cavalos com um ano não adestrados, e seriam necessários tantos anos para treinar um cavalo como para ensinar um homem a lutar no dorso de um cavalo, armado com uma pesada lança. Lancelot não tinha tais homens, mas Artur possuía alguns, e agora liderava-os desde a encosta norte em direção aos homens de Aelle, que lutavam contra Sagramor.

Havia apenas sessenta dos enormes cavalos, e estavam cansados, porque haviam

galopado primeiro para defender a ponte a sul e depois haviam-se deslocado para o campo de batalha, no flanco oposto. Mas Artur os fez galopar, levando-os rapidamente para a retaguarda da linha de batalha de Aelle. Esses homens da retaguarda haviam-se lançado para diante, na tentativa de empurrarem as suas fileiras avançadas sobre o escudo defensivo de Sagramor, mas o aparecimento de Artur foi tão repentino que eles não tiveram tempo de se virar e formar, eles próprios, um escudo defensivo. Os cavalos quebraram as suas fileiras abrindo-as por completo, e como os saxões dispersavam em todas as direções, os guerreiros de Sagramor fizeram avançar novamente as fileiras da frente e, de repente, o flanco direito do exército de Aelle fendeu-se. Alguns saxões correram para sul, buscando segurança no meio do restante exército de Aelle. Outros, no entanto fugiram para leste, em direção a Cerdic, sendo esses os homens que víamos nas campinas junto ao rio. Artur e os seus cavaleiros espezinharam esses fugitivos sem misericórdia. A cavalaria usou as suas longas espadas para derrubar os homens que fugiam até a campina junto ao rio estar juncada de corpos e cheia de escudos e espadas abandonados. Vi Artur passar a galope pela minha linha, com a sua capa branca cheia de sangue, com a Excalibur ensanguentada na mão e um olhar de imensa satisfação no seu rosto magro. Hygwydd, o seu servo, transportava o estandarte do urso que tinha agora uma cruz vermelha no canto inferior. Hygwydd, normalmente o mais taciturno dos homens, lançou-me um largo sorriso ao passar, seguindo novamente Artur até ao alto da colina onde os cavalos podiam recuperar o fôlego e ameaçar o flanco de Cerdic. Morfans, *o Feio*, fora morto no primeiro ataque pelos homens de Aelle, mas era a única baixa de Artur.

A carga de Artur quebrara o flanco direito de Aelle, e Sagramor conduzia agora os seus homens ao longo do Caminho Valado para juntar os seus escudos aos meus. Ele ainda não cercara o exército de Aelle, mas nós o havíamos encurralado entre a estrada e o rio, e os disciplinados cristãos de Tewdric avançavam, subindo por essa passagem e matando os que encontravam no seu caminho. Cerdic encontrava-se ainda fora do cerco, e deve ter-lhe ocorrido deixar Aelle ali e, desse modo, deixar o seu rival saxão ser destruído. Contudo, ao invés, ele achou que a vitória era ainda possível. Vencer nesse dia e toda a Bretanha se tornaria *Lloegyr*.

Cerdic ignorou a ameaça dos cavalos de Artur. Ele devia saber que eles tinham derrubado os homens de Aelle, onde reinava a maior desordem. E aqueles disciplinados lanceiros, num escudo defensivo como uma massa densa, não teriam nada a recear quanto à cavalaria, por isso ordenou aos seus homens que

cerrassem os escudos, baixassem as lanças e avançassem.

- Fechem! Fechem! - gritei, e abri caminho para a fileira da frente, onde me certifiquei que o meu escudo se sobrepunha aos dos meus vizinhos. Os saxões arrastavam-se para diante, tentando manter os escudos encostados uns aos outros, os seus olhos buscando na nossa linha uma zona enfraquecida, enquanto toda a massa caminhava na nossa direção. Eu não via nenhum feiticeiro, mas o estandarte de Cerdic estava no centro da grande formação. Avaliava barbas e elmos com chifres, ouvia um toque contínuo e monótono de um chifre de carneiro e observava as lâminas das lanças e dos machados. O próprio Cerdic estava em algum lugar, no meio daquela massa de homens, uma vez que eu ouvia a sua voz gritando aos seus homens.

- Escudos cerrados! Escudos cerrados! - gritava o Rei.

Dois enormes cães de guerra foram largados na nossa direção e, ao ouvir gritos, pressenti um alvoroço em algum lugar à minha direita, enquanto os cães atacavam a linha. Os saxões deviam ter visto o meu escudo defensivo vacilar no local onde os cães haviam atacado porque, de repente, gritaram vivas e avançaram mais depressa.

- Fechem! - gritei, depois tomei o peso da minha lança acima da cabeça. Pelo menos três saxões olhavam para mim ao mesmo tempo em que se apressavam a avançar. Eu era um senhor, pois adornava-me com ouro, e se eles conseguissem enviar a minha alma para o Outro Mundo conseguiriam fama e riqueza. Dado à glória, um deles correu adiante dos seus companheiros com a lança apontada ao meu escudo, e eu calculei que ele baixasse a ponta no último instante para me apanhar pelo tornozelo.

Depois, deixou de haver tempo para tais pensamentos, apenas para lutar. Bati com a minha lança no rosto do homem e empurrei o meu escudo para diante e para baixo, para aparar o seu golpe. A sua lança raspou ainda no meu tornozelo, cortando o couro da minha bota direita por baixo da caneleira que eu retirara de Wulfger. Todavia, a minha lança atingiu cruelmente o seu rosto e ele caiu para trás quando a retirei. Os outros homens avançaram para me matar.

Fizeram-no no exato instante em que os escudos das duas linhas bateram uns nos outros com um barulho semelhante ao som de mundos a colidirem. Agora, eu conseguia sentir o cheiro dos saxões, o cheiro de couro, de suor e de

excrementos, todavia não sentia cheiro de cerveja. Esta batalha travava-se bem cedo pela manhã, os saxões haviam sido surpreendidos e não haviam tido tempo para beber até ganharem coragem. Atrás de mim, os homens precipitavam-se, esmagando-me de encontro ao meu escudo que, por sua vez, empurrava um escudo saxão. Cuspi no rosto barbudo, volteei a lança sobre os seus ombros e senti-a agarrada por uma mão inimiga. Larguei-a e, com um enorme puxão, libertei-me apenas o suficiente para desembainhar a *Hywelbane*.

Desferi um golpe com a espada no homem que estava à minha frente, o seu elmo tinha apenas um gorro de couro atulhado com pedaços de tecido e a ponta da *Hywelbane*, acabada de afiar, enterrou-se nele até ao cérebro. Estacou aí um instante e eu me debati com o peso do homem morto. Enquanto tentava libertar a minha espada, um saxão serpenteou um machado em direção à minha cabeça.

O meu elmo aparou o golpe. Ouvi um barulho metálico que encheu o universo, e no interior da minha cabeça fez-se uma súbita escuridão entrecortada por raios de luz.

Mais tarde, os meus homens disseram-me que eu ficara sem sentidos por momentos, mas não caí porque a pressão dos corpos me manteve de pé. Não me recordo de nada, mas poucos são os homens que se recordam de mais alguma coisa depois do choque dos escudos. Empurra-se, amaldiçoa-se, cospe-se e luta-se quando se consegue fazê-lo.

Um dos homens que estava ao meu lado contou-me que eu vacilei depois do golpe do machado e quase tropecei nos corpos dos homens que havia morto. Contudo, o homem que se encontrava atrás de mim agarrou-me com firmeza pelo cinto da espada e ergueu-me, e as minhas caudas de lobo fecharam um círculo à minha volta para me protegerem.

O inimigo percebeu que eu estava ferido e lutou com mais afinco. Machados desferiam cutiladas em escudos já muito usados e em lâminas de espadas com brechas já abertas, mas aos poucos fui me recompondo, deparando-me na segunda fileira, ainda a salvo pela abençoada proteção dos escudos e com a *Hywelbane* ainda na mão. Doía-me a cabeça, mas ignorava-o, preocupando-me apenas com a urgência de estocar, cutilar, gritar e matar. Issa defendia o espaço vazio que os cães haviam provocado, matando iradamente os saxões que tinham irrompido pela nossa fileira da frente, cerrando, desse modo, a nossa linha com os seus corpos.

Cerdic suplantava-nos em número, mas não podia flanquear-nos pelo norte, já

que os aprestados cavaleiros ali se encontravam e ele não queria lançar os seus homens pela colina acima, de encontro à sua carga. Deste modo, enviou homens que nos flanqueassem a sul. Todavia, Sagramor antecipou-se e conduziu os seus lanceiros para o interior do espaço vazio. Recordo-me de ouvir aquele entrechocar de escudos. A minha bota direita encheu-se com tanto sangue que fazia um ruído áspero quando assentava o peso do corpo sobre o pé, o meu crânio latejava com dores e a minha boca mantinha-se aberta e imóvel mostrando os dentes. O homem que tomara o meu lugar na fileira da frente não o devolveria.

- Eles estão cededo, senhor - gritou-me ele, - estão cedendo!

E, sem dúvida, que a pressão do inimigo diminuía. Não estavam derrotados, apenas recuavam e, de repente, um grito inimigo chamou-os e eles desferiram um último golpe de lança ou cutilada com os machados e recuaram rigidamente. Não os seguimos.

Estávamos muito ensanguentados, machucados e cansados para perseguições, e tínhamos uma pilha de corpos obstruindo-nos a passagem e marcando o compacto limite de uma batalha com lanças e escudos. Nessa pilha, alguns estavam mortos, outros estremeciam em agonia e rogavam para que os matássemos.

Cerdic fizera recuar os seus homens para formar um novo escudo defensivo suficientemente grande para irromper por entre os homens de Aelle, agora em perigo, graças às tropas de Sagramor que haviam preenchido a maior parte do espaço vazio entre os meus homens e o rio. Soube mais tarde que os homens de Aelle eram empurrados em direção ao rio pelos lanceiros de Tewdric, e que Artur deixara apenas homens suficientes para manter aqueles saxões cercados, enviando o restante para reforçar os homens de Sagramor.

O meu elmo tinha um amassado em todo o comprimento do lado esquerdo e uma fenda na base do amassado, que atravessava o ferro e o forro de couro. Quando retirei o elmo repuxei o coágulo de sangue do meu cabelo. Fui tateando aos poucos o couro cabeludo, mas não senti nenhum osso lascado, apenas uma ferida e uma dor intermitente. Tinha uma ferida irregular no meu antebraço esquerdo, o peito pisado e o meu tornozelo direito ainda sangrava. Issa coxeava, mas

afirmava que era apenas a pele ferida. Niall, o chefe dos Escudos Negros, morrera. Uma lança trespassara a sua armadura e ele jazia de costas com a lança apontada para o céu e a boca aberta transbordando de sangue. Eachern perdera um olho. Tapou a cavidade aberta com um pedaço de tecido, que amarrou em volta da cabeça, depois comprimiu o elmo por cima da ligadura grosseira e jurou vingar o olho cem vezes.

Artur desceu a colina para incitar os meus homens.

- Detenham-nos de novo! - gritou-nos ele, - detenham-nos até Oengus chegar e depois acabem com eles para sempre!

Mordred cavalgava atrás de Artur com a sua grande bandeira ao lado do estandarte do urso. O nosso Rei trazia uma espada desembainhada e os seus olhos estavam arregalados com a excitação desse dia. Ao longo dos três quilômetros que se estendiam pela margem do rio havia pó, sangue, mortos e gente moribunda, ferro espetado em carne.

As fileiras douradas e escarlate de Tewdric circundavam os sobreviventes de Aelle. Aqueles homens ainda lutavam, e agora Cerdic fazia nova tentativa para irromper pelo meio deles. Artur conduziu Mordred de novo pela colina acima, enquanto nós voltávamos a cerrar os escudos.

- Eles estão impacientes - comentou Cuneglas, quando viu as fileiras saxãs avançarem novamente.

- É por não estarem bêbados - afirmei.

Cuneglas não estava ferido e parecia possuir o júbilo do homem que acredita que é intocável. Ele lutara na frente de batalha, matara, e não sofrera um só arranhão. Nunca tivera fama como guerreiro, não como seu pai, e naquele instante acreditava que devia tentar merecer a coroa.

- Tenha cuidado, meu rei e senhor - disse eu, enquanto ele voltava para junto dos seus homens.

- Estamos vencendo, Derfel! - gritou, e apressou-se a defrontar o ataque. Desta vez, o ataque seria bem maior do que o primeiro assalto saxão, já que Cerdic colocara a sua guarda pessoal no centro da nova linha, e esses homens soltavam enormes cães-de-guerra que corriam velozmente para Sagramor, cujos homens

formavam o centro da nossa linha. Instantes depois, os lanceiros saxões atacaram, estocando do interior dos espaços vazios que os cães haviam aberto na nossa linha. Ouvi os escudos entrechocarem, depois deixei de pensar em Sagramor, porque a ala direita saxã

carregava sobre os meus homens.

De novo, os escudos bateram ruidosamente uns nos outros. Depois golpeamos com lanças ou desferimos golpes furiosos com espadas, e ficamos novamente esmagados uns de encontro aos outros. O saxão que me defrontava abandonara a sua lança e tentava enfiar a sua pequena faca abaixo das minhas costelas. A faca não conseguia furar a minha armadura de malha e ele resmungava, empurrava e rangia os dentes, ao mesmo tempo que torcia a lâmina de encontro aos anéis de ferro. Eu não tinha espaço para baixar o braço direito e agarrar o seu pulso, por isso desferi um golpe no seu elmo com o punho da *Hywelbane* e continuei a bater-lhe até o afundar junto aos meus pés e conseguir pôr-me em cima dele. Ainda tentou cortar-me com a faca, mas o homem que estava atrás de mim cravou-lhe uma lança e bateu-me com o seu escudo nas minhas costas para me forçar a avançar para o inimigo. À minha esquerda, um herói saxão varria violentamente o seu machado à esquerda e à direita, abrindo uma clareira no nosso escudo defensivo, mas alguém o rasteirou com a haste de uma lança e meia-dúzia de homens precipitaram-se com espadas e lanças sobre o homem caído. Morreu no meio dos corpos das suas vítimas.

Cerdic cavalgava para cima e para baixo por trás da sua linha, gritando aos seus homens que empurrassem e matassem. Eu chamei-o, desafiando-o a desmontar e a vir lutar como um homem, contudo ou não me ouviu ou ignorou os meus motejos. Esporeou o cavalo para sul, até o local onde Artur lutava ao lado de Sagramor. Artur percebera a pressão sobre os homens de Sagramor e conduzira os seus cavaleiros por trás da linha para reforçar o númida e, agora, a nossa cavalaria empurrava os seus cavalos para cima dos homens e estocava as cabeças dos homens da fileira da frente com as suas longas lanças. Mordred encontrava-se entre eles, e os homens disseram mais tarde que ele lutou como um demônio. Ao nosso rei nunca faltou força bruta no campo de batalha, apenas senso e decência na vida. Não era um soldado de cavalaria, por isso desmontara e tomara lugar na fileira da frente. Vi-o mais tarde e estava coberto de sangue, mas não era seu. Guinevere estava atrás da nossa linha. Ela vira o cavalo abandonado de Mordred, montara-o e puxara algumas setas das suas costas. Vi uma bater e estremecer no próprio escudo de Cerdic, que ele varreu com a mão como se

fosse uma mosca.

A completa exaustão terminou com aquele segundo entrechocar dos escudos defensivos. Chegou um momento em que estávamos muito cansados para voltar a levantar uma espada, sendo apenas capazes de nos inclinar sobre os escudos do nosso inimigo e gritar-lhe insultos. Ocasionalmente, um homem reunia forças para erguer um machado ou desferir um golpe de lança e, por breves instantes, a fúria da batalha reavivava-se, diminuindo apenas quando os escudos consumiam todas as forças. Todos sangrávamos, estávamos feridos e tínhamos a boca seca, e assim que o inimigo se afastou ficamos satisfeitos por termos tréguas.

Também nós recuamos, libertando-nos dos mortos que jaziam numa pilha onde os escudos defensivos haviam se encontrado. Recolhemos os nossos feridos. Entre os mortos do nosso lado havia alguns cujas testas tinham sido marcadas com a lâmina de uma lança incandescente, mostrando serem os homens que haviam se juntado à rebelião de Lancelot no ano anterior, mas que agora haviam morrido por Artur. Também encontrei Bors ferido. Ele tremia e queixava-se com frio. O seu ventre fora de tal modo rasgado que mal o levantei as entranhas caíram-lhe no chão. Fez um barulho semelhante a um miado quando o deitei e lhe disse que o Outro Mundo o esperava com extraordinárias fogueiras, bons companheiros e muito hidromel, e ele agarrou-me a mão esquerda com força enquanto eu lhe cortava a garganta com uma única e rápida cutilada da *Hywelbane*. Um saxão rastejava com dificuldade e de forma deplorável por entre os mortos, com sangue pingando-lhe da boca até que Issa apanhou um machado caído e com ele desferiu um golpe na coluna do homem. Vi um dos meus lanceiros mais jovens vomitar e cambalear, antes de um companheiro o amparar e segurar. O jovem chorava, porque se esvaíra em dejetos e estava com vergonha de si próprio, mas não fora o único. O campo de batalha fedia a excrementos e sangue.

Os homens de Aelle, bem atrás de nós, estavam de costas voltadas para o rio num escudo defensivo bem cerrado. Os homens de Tewdric estavam voltados para eles, mas contentavam-se em manter aqueles saxões dóceis em vez de atacá-los, uma vez que homens encurralados são terríveis inimigos. E Cerdic continuava a não abandonar o seu aliado. Continuava a achar que podia irromper pelo meio dos lanceiros de Artur para se juntar a Aelle e depois atacar a norte, dividindo as nossas forças em duas. Ele tentara isso duas vezes e, agora, reunia o que restava do seu exército para a última grande investida. Ainda tinha homens frescos, alguns deles guerreiros mercenários do exército dos Francos de Clóvis, e

esses homens eram agora levados para a linha da frente. Nós os observávamos, enquanto os feiticeiros discursavam diante deles e depois se viravam, rogando-nos as suas pragas aos gritos. Nada havia que forçasse o desencadeamento desse ataque. Não era necessário apressá-lo, porque o dia mal havia começado. Nem era ainda meio-dia e Cerdic tinha tempo para deixar os seus homens comer, beber e aprontar-se. Um dos seus tambores de guerra fez soar o seu batuque soturno, à medida que ainda mais saxões formavam os flancos do seu exército, alguns segurando cães pela trela. Nós estávamos todos exaustos. Ordenei que alguns homens fossem ao rio e trouxessem água; depois a distribuimos, bebendo dos elmos dos mortos em longos tragos. Artur veio ao meu encontro e fez uma careta ao ver o meu estado.

- Consegue detê-los uma terceira vez? - perguntou-me.

- Temos de fazê-lo, senhor - respondi, embora fosse difícil. Perdêramos um grande número de homens e o nosso escudo defensivo seria pouco cerrado. Nesse momento, as nossas lanças e espadas estavam embotadas e não havia suficientes pedras aguçadas para afiá-las novamente, enquanto o inimigo era reforçado com homens frescos cujas armas estavam intactas. Artur deslizou do dorso de *Llamrei,* atirou as suas rédeas a Hygwydd, depois caminhou comigo até à compacta e extensa fileira de mortos.

Ele sabia o nome de alguns homens e franziu as sobrancelhas quando viu jovens lanceiros mortos, que mal tinham tido tempo de viver antes de se defrontarem com o inimigo. Deteve-se e tocou com um dedo na fronte de Bors, depois prosseguiu, parando mais adiante ao lado de um saxão que jazia com uma seta cravada na boca aberta. Por instantes, julguei que dissesse alguma coisa, depois limitou-se a sorrir. Ele sabia que Guinevere estava com os meus homens, na verdade deveria tê-la visto a cavalo bem como à sua bandeira, que agora esvoaçava junto à minha com estrelas. Voltou a olhar para a seta e reparei num vislumbre de felicidade no seu rosto. Tocou-me no braço e conduziu-me novamente para junto dos nossos homens, que estavam sentados ou apoiados nas suas lanças.

Um homem que se encontrava nas fileiras saxãs reconhecera Artur e caminhava, agora, a passos largos para o amplo espaço entre os dois exércitos, desafiando-me aos gritos. Era Liofa, o esgrimista que eu defrontara em Thunreslea, e chamava Artur de covarde e menina. Eu não traduzi o que ouvia e Artur não me pediu para fazê-lo. Liofa aproximou-se mais. Vinha sem escudo e sem armadura

e tão-pouco usava o elmo, empunhando apenas a sua espada, embainhando-a naquele instante como que para nos mostrar que não nos temia. Eu conseguia ver-lhe a cicatriz no rosto, e estive tentado a avançar e a fazer-lhe outra ainda maior, que o atirasse para o túmulo. Todavia, Artur deteve-me.

- Deixe-o - disse ele.

Liofa continuou a insultar-nos. Ele falava com afetação, como uma mulher, sugerindo que era isso que nós éramos, e permaneceu de pé de costas voltadas para nós, provocando um homem qualquer a atacá-lo. Ainda assim, ninguém se mexeu.

Voltou-se novamente para nós, abanou a cabeça lamentando a nossa covardia, depois avançou em largas passadas para a compacta fileira de mortos. Os saxões aplaudiram-no, enquanto os meus homens observavam em silêncio. Passei a palavra à nossa linha, dizendo que ele era o paladino de Cerdic, que era perigoso e devia ser ignorado. Os nossos homens sentiam-se vexados por verem um saxão tão altivo, mas naquele instante seria melhor deixar Liofa viver do que conceder-lhes a oportunidade de humilharem um dos nossos fatigados lanceiros. Artur tentou dar alento aos nossos homens ao voltar a montar *Llamrei*, ignorando os insultos de Liofa, e ao galopar ao longo da fileira de cadáveres. Dispersou os feiticeiros saxões, depois desembainhou a Excalibur e esporeou o seu cavalo ainda para mais próximo da linha saxã, exibindo as suas plumas brancas e a capa ensanguentada. O seu escudo com a cruz vermelha reluziu e os meus homens ovacionaram-no ao vê-lo. Os saxões esquivaram-se dele, ao mesmo tempo que Liofa, deixado indefeso sob a vigilância de Artur, lhe dizia que tinha coração de mulher. Artur volteou o cavalo e esporeou-o de novo até junto de mim. O seu gesto significava que Liofa não era um opositor à altura, o que deverá ter ferido o orgulho do paladino saxão, já

que ele se aproximou ainda mais da nossa linha em busca de um adversário.

Liofa deteve-se junto a uma pilha de cadáveres. Avançou, pisando uma poça de sangue, depois agarrou num escudo caído, libertando-o com um puxão. Segurou-o no ar para que todos pudéssemos ver a águia de Powys, e depois de ter certeza que víramos o símbolo, atirou o escudo ao chão, abriu as calças e urinou sobre a insígnia de Powys.

Mexeu-se, fazendo agora pontaria para que a urina caísse em cima do dono do

escudo que jazia morto, o que foi para nós um enorme insulto.

Cuneglas murmurou a sua ira e correu para o exterior da linha.

- Não! - gritei e avancei na direção de Cuneglas.

Seria melhor, pensei, lutar eu com Liofa, porque pelo menos eu conhecia os seus truques e a sua velocidade, mas era tarde demais. Cuneglas tinha a sua espada desembainhada e ignorou-me. Nesse dia, achava-se invulnerável. Ele era o rei da batalha, um homem que tivera necessidade de se revelar um herói, e conseguira-o. Agora, acreditava que tudo era possível. Ele mataria aquele saxão insolente diante dos seus homens e, durante anos, os bardos cantariam os feitos do rei Cuneglas, o Grandioso, do rei Cuneglas, o Assassino de saxões, do rei Cuneglas, o Guerreiro.

Não podia detê-lo, porque sofreria uma humilhação se se arrependesse ou se outro homem tomasse o seu lugar, por isso observei tudo aquilo, horrorizado, enquanto ele avançava confiante, a passos largos, em direção ao esguio saxão sem armadura.

Cuneglas estava aprestado com o velho equipamento de guerra de seu pai, com ferro entrelaçado a ouro, e um elmo encimado por uma asa de águia. Sorria. Nesse instante, sentia-se acima de tudo, cheio do heroísmo do dia e acreditava estar próximo dos deuses.

Não hesitou e desferiu um golpe em Liofa, e todos juramos que aquele golpe o atingira.

Contudo, Liofa esquivou-se da estocada, afastou-se para o lado, riu, depois voltou a afastar-se enquanto a espada de Cuneglas silvava no ar uma segunda vez.

Tanto os nossos homens como os saxões gritavam encorajamentos. Apenas Artur e eu estávamos em silêncio. Eu assistia à morte do irmão de Ceinwyn e nada havia que pudesse fazer para impedi-lo. Ou algo honroso, já que se acorresse em auxílio de Cuneglas, o desonraria. Da sua sela, Artur baixou os olhos para mim, preocupado.

Eu não podia aliviar a preocupação de Artur.

- Lutei com ele - afirmei amargamente, - e é um assassino.

- Você sobreviveu.

- Eu sou um guerreiro, senhor - afirmei.

Cuneglas nunca fora um guerreiro, razão pela qual quis hoje mostrar que pode sê-lo. Contudo, Liofa troçava dele. Cuneglas atacava, tentando atingir Liofa com a sua espada, e de todas as vezes o saxão fez simples esquivas ou deslizes para o lado, e nem uma só vez contra-atacou. Aos poucos, os nossos homens foram ficando em silêncio, porque viram que o rei estava ficando cansado e Liofa se divertia com ele.

Então, um grupo de homens de *Powys* apressou-se a avançar para salvar o seu Rei, e Liofa deu três passos rápidos atrás e em silêncio gesticulou-lhes com a espada.

Cuneglas virou-se e viu os seus homens.

- Recuem! - gritou-lhes ele. - Recuem! - repetiu, mais irado.

Ele devia saber que estava condenado, mas não estava disposto a sofrer a humilhação. A honra é tudo.

Os homens de *Powys* detiveram-se. Cuneglas virou-se novamente para Liofa e, desta vez, não se apressou a avançar, sendo mais cauteloso. Pela primeira vez, a sua espada tocou, de fato, na lâmina de Liofa e vi-o escorregar na relva. Cuneglas deu um grito de vitória e ergueu a espada para matar o seu carrasco, mas Liofa fez um movimento giratório, deu deliberadamente um passo em falso e o serpentear da sua oscilação fez com que a sua espada ficasse apenas um pouco acima da relva e, desse modo, retalhasse a perna direita de Cuneglas. Por instantes, Cuneglas manteve-se de pé

com a espada vacilando, depois, enquanto Liofa se endireitava, fraquejou. O saxão aguardou enquanto o rei caía, depois deu um pontapé no escudo de Cuneglas atirando-o para o lado e deu uma única estocada com a ponta da sua espada.

Os saxões aplaudiram, estrondosamente, porque o triunfo de Liofa era um prenúncio da sua vitória. O próprio Liofa apenas teve tempo de apanhar a espada

de Cuneglas e fugir com agilidade dos homens que o perseguiam para se vingarem. Deixou-os para trás sem dificuldade, depois virou-se e insultou-os. Não precisaria lutar com eles, uma vez que vencera o seu desafio. Ele matara um rei inimigo, e não tive dúvidas de que os bardos saxões cantariam o feito de Liofa, *o Terrível*, o assassino de reis. Ele havia dado aos saxões a sua primeira vitória do dia.

Artur desmontou e ambos insistimos em levar o corpo de Cuneglas para junto dos seus homens. Ambos chorávamos. Ao longo de todos aqueles anos, não havíamos tido nenhum outro aliado tão leal como Cuneglas Gorfyddyd, Rei de *Powys*. Ele nunca se opusera a Artur e nem uma única vez o decepcionara, enquanto para mim fora como um irmão. Era um homem bom, que distribuía riquezas, um amante da justiça e, agora, estava morto. Os guerreiros de *Powys* pegaram seu Rei morto e levaram-no para trás do escudo defensivo.

- O nome do seu assassino - informei-os, - é Liofa, e darei cem moedas de ouro ao homem que me trouxer a sua cabeça.

Depois, um grito fez-me virar. Os saxões, seguros da vitória, haviam iniciado o seu avanço.

Os meus homens levantaram-se. Limparam o suor dos olhos. Coloquei o meu elmo amassado e ensanguentado, fechei as proteções do rosto e peguei uma lança caída.

Chegara a hora de lutar, novamente.

Este foi o maior dos ataques saxões naquele dia, e foi empreendido por uma vaga de lanceiros confiantes que haviam recuperado do último ataque-surpresa e que agora vinham fracionar as nossas linhas para resgatar Aelle. Bramiam os seus cânticos de guerra enquanto se aproximavam, batiam com as lanças nos escudos e prometiam uns aos outros um grande número de mortes britânicas para cada um. Os saxões sabiam que tinham vencido. Eles haviam conseguido o pior que Artur podia fazer-lhes, tinham combatido até nos fazerem paralisar, haviam visto o seu paladino matar um rei e, agora, com as suas tropas refrescadas na dianteira, avançavam para acabar conosco. Os francos retiraram as suas leves lanças de arremesso, preparando-se para fazer cair sobre o nosso escudo defensivo uma chuva de ferros aguçados.

Quando, de repente, soou um lur vindo de *Mynydd Baddon*.

Primeiramente, poucos fomos os que ouvimos o lur, tão sonoros eram os gritos e tamanho era o barulho da marcha e dos gemidos dos moribundos; mas depois o lur voltou a soar, e ainda uma terceira vez, e ao terceiro chamamento os homens viraram-se e levantaram os olhos, fitando os taludes abandonados de *Mynydd Baddon*. Até os francos e os saxões se detiveram. Estavam apenas a cinquenta passos de nós quando o lur os deteve e eles, tal como nós, se viraram e levantaram os olhos para a vasta encosta verde da colina.

Vendo um único cavaleiro e um estandarte.

Era uma única bandeira, mas era enorme; um pano branco descomunal onde se via bordado o dragão vermelho da *Dumnônia*, ondulando ao vento. O animal, todo ele garras, cauda e fogo, empinava-se na bandeira serpenteante quase derrubando o cavaleiro que a empunhava. Até mesmo àquela distância conseguíamos ver que o cavaleiro montava de forma hirta e estranha, como se não conseguisse dominar o seu cavalo preto nem segurar a grande bandeira com firmeza. Então, surgiram atrás de si dois lanceiros, com cujas armas picaram o seu cavalo. O animal deu um salto descendo a colina a correr, velozmente, e o cavaleiro foi sacudido com força para trás pelo movimento repentino. Voltou a oscilar para diante, ao mesmo tempo que o cavalo descia pela encosta correndo e a sua capa preta voava para trás e para cima. Reparei que a sua armadura, por baixo da capa, era de um branco tão alvo como o tecido da sua bandeira flutuante. Por trás dele emergiu em torrente, vinda de *Mynydd Baddon*, tal como nós havíamos surgido logo pela manhã, uma massa de homens gritando. Uns traziam escudos negros e outros varrões com dentes de elefante nos seus escudos. Oengus Mac Airem e Culhwuch haviam chegado. Em vez de atacarem pela estrada de *Corinium*, primeiro abriram caminho por *Mynydd Baddon*, para que os seus homens se juntassem aos nossos.

Contudo, era o cavaleiro que eu observava. Cavalgava de modo estranho, e eu percebia agora que ele vinha amarrado ao cavalo. Os seus tornozelos estavam presos com uma corda, por baixo da barriga do garanhão preto, e o seu corpo havia sido fixado à

sela por aquilo que teriam de ser tábuas de madeira presas à armação da sela. Ele não tinha elmo, de modo que o seu longo cabelo esvoaçava solto ao vento e, por baixo do cabelo, o rosto do cavaleiro mais não era do que uma caveira com um largo sorriso, coberta com pele amarela ressequida. Era Gawain, o defunto Gawain, lábios e gengivas contraídos para trás dos dentes, as narinas duas fendas

negras e as suas órbitas buracos ocos.

A cabeça pendia-lhe balanceando, enquanto o corpo, ao qual o estandarte do dragão da Bretanha estava preso, oscilava de um lado para o outro.

Era a morte num cavalo preto chamado *Anbarr,* e com a visão daquele espírito dirigindo-se ao seu flanco, a confiança dos saxões esmoreceu. Os Escudos Negros gritavam atrás de Gawain, conduzindo o cavalo e o cavaleiro morto para lá das sebes e diretamente para o flanco dos saxões. Os Escudos Negros não atacavam em linha, surgindo numa massa vociferante. Este era o modo de ataque irlandês, um terrível assalto de homens enfurecidos que se dirigiam ao inimigo como loucos.

Por instantes, o campo de batalha ficou em grande agitação. Os saxões haviam estado próximo da vitória, mas ao ver a sua hesitação Artur gritou inesperadamente para que avançássemos.

- Preparar! - gritou ele.

- Avancem! - Mordred acrescentou a sua ordem à de Artur: - Avancem!

Deste modo se iniciou a matança de *Mynydd Baddon*. Todos os bardos cantam o feito e, pela primeira vez, não exageraram. Transpusemos a nossa cerrada fileira de mortos e empunhamos as nossas lanças em direção ao exército saxão, enquanto os Escudos Negros e os homens de Culhwuch batiam os seus flancos. Por breves instantes, ouviu-se o clangor de espadas entrechocando-se, as pancadas surdas dos machados nos escudos, o resmoneio, a agitação e o esforço da luta dos escudos defensivos bem cerrados; mas depois, o exército saxão separou-se e lutamos por entre as suas fileiras retalhadas em campos tornados escorregadios com sangue franco e saxão. Os saxões fugiram, divididos por uma carga selvagem conduzida por um homem morto num cavalo preto, e nós os matamos até não pensarmos em mais nada senão em matar. Enchemos a ponte das espadas com sais mortos. Nós os estocamos, estripamos, e foram poucos os que afogamos no rio. No início, não fizemos prisioneiros, descarregando apenas anos de ódio sobre os nossos odiosos inimigos. O exército de Cerdic ficara destruído neste duplo assalto, e nós bramíamos por entre as suas fileiras quebradas e competíamos uns com os outros para ver quem mais matava. Era uma orgia de morte, um tumulto de carnificina.

Havia alguns saxões tão aterrorizados que não conseguiam se mexer, ficando

literalmente de pé de olhos esbugalhados aguardando a sua vez de morrer, enquanto outros lutavam como demônios, outros ainda morriam correndo e outros mais tentavam fugir para o rio. Nós havíamos perdido toda a semelhança com um escudo defensivo, tendo-nos tornado apenas uma matilha de cães-de-guerra enraivecidos que despedaçava o inimigo. Vi Mordred coxeando sobre o seu pé defeituoso enquanto matava saxões, vi Artur no seu cavalo perseguindo os fugitivos, vi os homens de *Powys* vingando o seu rei milhares de vezes. Vi Galaad cutilando à direita e à esquerda do dorso do seu cavalo, com a mesma expressão calma de sempre. Vi Tewdric, em trajes de sacerdote, esqueleticamente magro e mostrando a sua tonsura, golpeando selvagemente com uma enorme espada. O velho bispo Emrys estava presente, com uma enorme cruz pendurada ao pescoço e uma velha armadura presa em volta da sua túnica com uma corda feita de crina.

- Vão para o inferno! - resmungava ele, enquanto trespassava com uma lança os desesperados saxões. - Consumam-se no fogo purificador para sempre!

Vi Oengus Mac Airem, com a barba ensopada de sangue saxão, trespassando ainda mais sais. Vi Guinevere montada no cavalo de Mordred dando estocadas com a espada que lhe havíamos oferecido. Vi Gawain, com a cabeça quase desprendendo-se do corpo, sumindo bruscamente com o seu cavalo quando este caiu pesadamente sobre a relva, no meio de cadáveres saxões. Finalmente, vi Merlim, pois fora ele quem acompanhara o corpo de Gawain, e apesar de já estar velho, batia nos saxões com o seu bastão e os amaldiçoava chamando-os de vermes miseráveis. Ele tinha uma escolta de Escudos Negros. Viu-me, sorriu, e acenou para a carnificina.

Invadimos a aldeia de Cerdic, onde as mulheres e as crianças se refugiavam em cabanas. Culhwuch e um bom número de homens abriam um frio caminho de terror por entre os poucos lanceiros saxões que tentavam proteger as suas famílias e a bagagem abandonada de Cerdic. Os guardas saxões morreram e o ouro pilhado foi espalhado como algo sem valor. Recordo-me da poeira elevando-se como nevoeiro, dos gritos aterrorizados e da fuga das mulheres, dos homens, das crianças e dos cães, das cabanas em chamas vomitando fumaça e dos enormes cavalos de Artur troando por entre aquele pânico e oscilando as lanças rapidamente, para cima e para baixo, para atacarem os lanceiros inimigos pela retaguarda. Não existe maior felicidade do que a destruição de um exército vencido. O escudo defensivo quebrou-se e reinou a morte e, deste modo, matamos até os nossos braços estarem muito cansados para levantar uma espada.

Depois de terminada a matança, nos vimos num lago de sangue e foi, então, que os nossos homens descobriram a cerveja e o hidromel na bagagem saxã e começaram a beber. Algumas mulheres saxãs encontraram proteção entre os poucos de nós que permaneciam sóbrios, que transportavam água do rio para os nossos feridos. Procuramos amigos vivos e os abraçamos, vimos amigos mortos e choramos por eles. Conhecemos o delírio da vitória absoluta, partilhamos lágrimas e risos, e alguns homens, cansados como estavam, dançaram de pura felicidade.

Cerdic fugiu. Ele e a sua escolta atravessaram o caos e subiram as colinas, a leste. Alguns saxões atravessaram o rio a nado para sul, enquanto outros seguiam Cerdic; poucos fingiram-se mortos fugindo durante a noite, mas a maioria permaneceu no vale abaixo de *Mynydd Baddon* e aí permanecem até hoje.

Porque nós havíamos vencido. Transformáramos os campos junto ao rio num matadouro. Havíamos salvo a Bretanha e tornado real o sonho de Artur. Éramos os reis da carnificina e os senhores da morte, e gritamos para o céu o nosso triunfo sanguinário.

Porque o poder dos Sais fora destruído.

TERCEIRA PARTE

A Maldição de Nimue

A rainha Igraine sentou-se junto à minha janela e leu as últimas folhas de pergaminho, perguntando-me, por vezes, o significado de uma palavra saxã, mas sem dizer mais nada. Passou os olhos pela história da batalha e depois atirou o pergaminho ao chão, descontente.

- O que aconteceu a Aelle? - perguntou-me, indignada, - ou a Lancelot?

- A bom tempo chegarei à sua sorte, senhora - afirmei. Eu tinha uma pena presa na escrivaninha com o coto do meu braço esquerdo e aparava a sua ponta com uma faca.

Assoprei as aparas para o chão. - Tudo a seu tempo.

- Tudo a seu tempo! - zombou ela. - Não pode deixar uma tutoria sem um fim, Derfel!

- Terá um final - prometi.

- Precisa de um aqui e agora, - insistiu a minha rainha. - É essa a razão de ser das histórias. A vida não tem finais ordenados, por isso as histórias têm de tê-los.

Agora ela está muito inchada, porque a criança está prestes a nascer. Rezarei por ela, e bem precisará das minhas orações, porque muitas mulheres morrem ao dar à

luz. As vacas não sofrem tanto, nem as gatas, as cadelas, as porcas, as ovelhas, as raposas, nem nenhuma outra criatura que não pertença à humanidade. Sansum afirma que isso se deve ao fato de Eva ter comido a maçã no Jardim do Éden e, desse modo, ter tornado amargo o nosso paraíso. As mulheres, prega o santo, são o castigo de Deus sobre os homens, e as crianças o seu castigo sobre as mulheres.

- Então, o que aconteceu a Aelle? - perguntou Igraine com aspereza, como eu não respondesse às suas perguntas.

- Ele foi morto - afirmei, - com um golpe de lança. Atingiu-o exatamente aqui, -

bati de leve nas minhas costelas, - abaixo do coração.

Claro que a história era mais longa do que aquilo, mas não me ocorrera contar-lhe nesse momento, uma vez que não tenho prazer em recordar a morte de meu pai, embora creia que deva pô-la por escrito já que esta será a história completa.

Artur deixara os seus homens pilhando o acampamento de Cerdic e havia voltado para ver se os cristãos de Tewdric tinham acabado com o exército sitiado de Aelle.

Descobriu alguns daqueles saxões derrotados, ensanguentados e agonizantes, mas ainda provocadores. O próprio Aelle fora ferido e já nem um escudo era capaz de segurar, contudo não se dava por vencido. Pelo contrário, rodeado pela sua escolta e os seus últimos lanceiros, aguardava que os soldados de Tewdric viessem ao seu encontro e o matassem.

Os lanceiros de *Gwent* mostraram-se relutantes em atacar. Um inimigo cercado é

perigoso, e se ainda possui um escudo defensivo, como acontecia com os

homens de Aelle, então é duplamente perigoso. Já tinham morrido muitos lanceiros de *Gwent*, entre eles o bom velho Agrícola, e os sobreviventes não queriam fazer nova investida sobre os escudos saxões. Artur não insistiu para que tentassem fazê-lo. Em vez disso, falou com Aelle, e assim que este recusou render-se, Artur chamou-me. Ao chegar junto de Artur, pensei que ele trocara a sua capa branca por outra de cor vermelha-escura; todavia, era o mesmo traje que trazia vestido, simplesmente de tão manchada de sangue parecia vermelha. Ele saudou-me com um abraço, depois, com o braço em volta dos meus ombros, conduziu-me para o espaço vazio entre os dois escudos defensivos inimigos.

Recordo-me de estar ali um cavalo moribundo, homens mortos, escudos abandonados e armas quebradas.

- O seu pai não quer se render - disse Artur, - mas creio que ele te ouvirá. Diga-lhe que terá de ficar nosso prisioneiro, mas que viverá com honrarias e poderá passar os seus dias com todas as comodidades. Garanto igualmente a vida dos seus homens. Tudo o que ele tem de fazer é entregar-me a sua espada.

Ele olhou para os saxões derrotados, em escasso número e cercados. Estavam em silêncio. No seu lugar estaríamos cantando, mas aqueles lanceiros aguardavam a morte envoltos num silêncio sepulcral.

- Diga-lhes que já houve mortes suficientes, Derfel - pediu-me Artur. Desfivelei a *Hywelbane*, pousei-a juntamente com o meu escudo e a minha lança, depois caminhei ao encontro de meu pai. Aelle estava abatido, vencido e ferido, mas avançou com dificuldade para vir ao meu encontro de cabeça bem erguida. Não trazia o seu escudo, segurando apenas uma espada na sua mão direita mutilada.

- Achei que te chamariam - disse ele, com uma voz rouca. A ponta da sua espada estava bastante amolgada e a lâmina incrustada de sangue. Fez um gesto repentino com a arma assim que comecei a falar-lhe na proposta de Artur.

- Eu sei que o que ele quer de mim - interrompeu-me, - é a minha espada, mas eu sou Aelle, o Bretwalda da Bretanha, e não entregarei a minha espada.

- Pai - voltei a insistir.

- Trata-me por rei! - disse ele, com rispidez.

Sorri diante do desafio e fiz uma vênia com a cabeça.

- Meu rei e senhor, devolvemos aos seus homens as suas vidas, e nós...

Voltou a cortar-me a palavra.

- Quando um homem morre no campo de batalha - disse-me ele, - vai para um refúgio abençoado no céu. Todavia, para chegar a esse enorme salão de banquetes tem de morrer de pé com a espada na mão e as feridas bem visíveis - fez uma pausa e, ao voltar a falar, o seu tom de voz era bem mais suave. - Nada me deve, meu filho, todavia eu tomaria como uma gentileza, se me concedesse o meu lugar nesse salão de banquetes.

- Meu rei e senhor - afirmei, mas ele interrompeu-me uma quarta vez.

- Eu seria sepultado aqui - continuou como se eu nada tivesse dito, - com os pés virados para norte e a minha espada na mão. Nada mais te peço - voltou-se para os seus homens, e reparei que tinha dificuldade em se manter em pé. Devia estar gravemente ferido, contudo a sua enorme capa de pêlo de urso escondia-lhe a ferida.

- Hrothgar! - chamou um dos seus lanceiros.

- Entregue a tua lança a meu filho. - Um jovem e alto saxão saiu do escudo defensivo e, obediente, entregou-me a sua lança.

- Pegue-a! - ordenou-me Aelle, asperamente, e eu obedeci. Hrothgar lançou-me um olhar nervoso, depois recuou rapidamente para junto dos seus companheiros.

Aelle fechou os olhos por breves instantes e vi um esgar perpassar-lhe o rosto severo. A sua palidez era visível por baixo da sujeira e do suor. De repente, rangeu os dentes quando outra dor lancinante o percorreu, contudo resistiu-lhe, tentando mesmo sorrir enquanto avançava para me abraçar. Inclinou-se, apoiando todo o seu peso nos meus ombros, e eu ouvi a respiração arranhando-lhe a garganta.

- Creio - disse-me ao ouvido, - que você é o melhor dos meus filhos. Agora, concede-me uma coisa. Uma boa morte, Derfel, porque muito me agradaria ir para o salão de banquetes dos verdadeiros guerreiros.

Deu pesadamente um passo atrás e encostou a espada ao seu corpo, depois cuidadosamente desapertou as fitas de couro da sua capa de pêlo. Esta soltou-se

e vi que todo o lado esquerdo do seu corpo estava ensopado em sangue. Sofrera um golpe de lança por baixo da armadura, enquanto outro golpe o atingira no ombro, deixando o seu braço esquerdo pendendo, inerte. Por isso, fora forçado a utilizar a mão direita estropiada para desapertar as correias de couro que lhe seguravam a armadura à cintura e aos ombros. Atrapalhou-se com as fivelas, mas assim que dei um passo em frente para ajudá-lo, afastou-me com um aceno da mão.

- Estou facilitando a tarefa - disse-me ele, - mas quando estiver morto, volte a colocar a armadura no meu cadáver. Precisarei da armadura no salão de banquetes, porque muito por lá se peleja. Peleja, festeja e... - inclinou-se, torturado novamente pela dor. Rangeu os dentes, gemeu, depois endireitou-se para me encarar. - Agora mate-me -

ordenou-me.

- Não posso matá-lo - respondi, recordando-me, no entanto, da profecia de minha mãe de que seria o filho de Aelle que o mataria.

- Então, terei de te matar - disse ele, e meneou desajeitadamente a sua espada na minha direção.

Afastei-me, e ele tropeçou quase caindo ao tentar seguir-me. Parou, arfou e olhou-me fixamente.

- Pela saúde da tua mãe, Derfel - rogou-me, - vai me deixar morrer estendido no chão como um cão? Não pode conceder-me nada?

Meneou novamente a espada para mim e, desta vez, o esforço foi demasiado, começando a vacilar. Vi-lhe lágrimas nos olhos, percebendo então que a forma como iria morrer era para ele importante. Determinou-se a manter-se em pé e fez um enorme esforço para levantar a espada. Sangue vivo brilhou no seu lado esquerdo, os seus olhos estavam vidrados, mas mantinha-se olhando para mim enquanto dava um último passo em frente e me dava uma fraca estocada no diafragma.

Deus me perdoe, mas nesse momento golpeei a lança para frente. Pus todo o meu peso e força naquele golpe, e a pesada lâmina trespassou-o e manteve-o em pé

mesmo quando lhe quebrou as costelas e se enterrou bem fundo no coração. Teve uma enorme convulsão e no seu rosto moribundo surgiu um olhar de terrível determinação. Por instantes, julguei que desejava erguer a espada para um último golpe, mas depois reparei que apenas se certificava de que a sua mão direita ferida agarrava, rapidamente e com força, o punho da sua espada. Depois, caiu, morrendo antes de chegar ao chão, mas agarrando ainda a sua espada romba e ensanguentada. Soou um murmúrio vindo dos seus homens. Alguns choravam.

- Derfel? - disse Igraine. - Derfel!

- Senhora?

- Você estava dormindo - acusou-me ela.

- A idade, querida senhora - respondi, - apenas a idade.

- Então, Aelle morreu no campo de batalha - disse ela, com vivacidade, - e Lancelot?

- Isso será mais tarde - disse eu, com firmeza.

- Conte-me agora! - insistiu ela.

-Eu disse - afirmei, - que a seu tempo virá e odeio histórias que revelam o final antes de começarem.

Por instantes, achei que ela iria protestar, mas limitou-se a suspirar diante da minha obstinação e prosseguiu com a sua lista de assuntos inacabados.

- O que aconteceu ao paladino saxão, Liofa?

- Morreu - afirmei, de forma bem horrível.

- Excelente! - disse ela, parecendo interessada. - Conte-me.

- Foi uma doença, senhora. Algo que lhe cresceu na virilha, fazendo com que não conseguisse sentar-se nem deitar-se, e até mesmo de pé agonizava. Foi ficando cada vez mais magro e, por fim, morreu, suando e tremendo. Ou assim soube.

Igraine estava indignada.

- Então, não foi morto em *Mynydd Baddon*?

- Fugiu com Cerdic.

Igraine encolheu os ombros, pouco satisfeita, como se de algum modo tivéssemos falhado ao deixar que o paladino saxão fugisse.

- Mas os bardos - disse ela, e eu deixei escapar um gemido, porque sempre que a minha rainha menciona os bardos sei que estarei prestes a ser confrontado com a sua versão da história que, inevitavelmente, Igraine prefere, ainda que eu tivesse estado presente à medida que os acontecimentos decorriam e os bardos nem sequer fossem nascidos.

- Os bardos - disse ela com firmeza, ignorando o meu gemido de protesto, todos eles afirmam que a batalha de Cuneglas com Liofa durou grande parte de uma manhã, - e que Cuneglas matou seis paladinos antes de ser abatido pelas costas.

- Eu ouvi essas canções - afirmei, com prudência.

Ela me olhou, irritada. Cuneglas fora o avô do seu marido e estava em questão o orgulho familiar.

- Então?

- Eu estava lá, senhora - afirmei, simplesmente.

- Você tem a memória de um velho, Derfel - disse ela, de forma desaprovadora, e não tenho dúvidas de que quando Dafydd, o escriba que transcreve a tradução inglesa dos meus pergaminhos, chegar à passagem sobre a morte de Cuneglas fará alterações, ajustando-a à vontade da minha Senhora. E porque não? Cuneglas fora um herói e não fará mal algum se a história o recordar como um grande guerreiro, apesar de, na verdade, ele não ser sequer um soldado. Sempre fora um homem bom, sensível e sensato, mas não era um homem que se envaidecia quando agarrava a haste de uma lança. A sua morte foi a nossa tragédia de *Mynydd Baddon*, mas uma tragédia de que nenhum de nós percebeu no delírio da vitória. Nós o queimamos no campo de batalha e a sua pira funerária ardeu durante três dias e três noites e, na última alvorada, quando havia apenas brasas por entre as quais estavam os restos derretidos da armadura de

Cuneglas, nos reunimos em volta da pira e cantamos o Cântico da Morte de Werlinna. Também matamos um número considerável de prisioneiros saxões, enviando as suas almas para escoltarem Cuneglas honrosamente para o Outro Mundo, e recordo-me de pensar que era bom para a minha querida Dian o fato do seu tio atravessar a ponte das espadas para lhe fazer companhia no etéreo mundo de Annwn.

- E Artur - perguntou Igraine, impaciente, - correu para Guinevere?

- Não testemunhei a sua reconciliação - afirmei.

- Não importa o que você viu - disse Igraine severamente, - precisamos incluir isso agora - moveu, com o pé, o monte dos pergaminhos que estavam já terminados. -

Devia ter descrito o seu encontro, Derfel.

- Já disse que não o presenciei.

- O que importa isso? Teria dado um belíssimo final à batalha. Nem todas as pessoas gostam de ouvir falar em lanças e mortes, Derfel. Após algum tempo, as histórias sobre as lutas travadas entre os homens podem tornar-se muito aborrecidas e uma história de amor pode tornar tudo muito mais interessante.

E não há dúvida que a batalha ficará cheia de romance quando ela e Dafydd alterarem a minha história. Por vezes, gostaria de escrever esta história na língua inglesa, mas dois dos monges sabem ler e qualquer um deles podia trair-me perante Sansum; por isso, tenho de escrever em saxão e esperar que Igraine não altere a história quando Dafydd a traduzir. Sei que aquilo que Igraine pretende é que Artur corra por entre os cadáveres e que Guinevere espere por ele de braços abertos, e que os dois tenham um encontro arrebatador. Talvez tenha sido assim que as coisas, na verdade, aconteceram, mas não creio porque ela era muito orgulhosa e ele muito tímido. Imagino que choraram quando se encontraram, mas nunca nenhum deles me disse, por isso não inventarei nada. Sei como Artur se tornou um homem feliz depois de *Mynydd Baddon*, e que não foi apenas a vitória sobre os saxões que lhe deu essa felicidade.

- E em relação a Argante? - Igraine quis saber. - Você deixa tanta coisa de fora, Derfel!

- A bom tempo chegarei a Argante.

- Mas o seu pai estava presente. Oengus não ficou zangado por Artur voltar para Guinevere?

- Contarei tudo sobre Argante prometi, a seu devido tempo.

- E Amhar e Loholt? Não os esqueceu?

- Eles fugiram - respondi. - Encontraram um barco e atravessaram o rio, remando. Receio que venhamos a encontrá-los novamente nesta história.

Igraine tentou arrancar de mim mais alguns pormenores, mas insisti que contaria a história de acordo com o meu ritmo e seguindo a minha própria ordem. Finalmente, ela desistiu das perguntas e inclinou-se para colocar os pergaminhos escritos no saco de couro que usava para levá-los para o Caer; teve dificuldade em se inclinar, recusando, no entanto, o meu auxílio.

- Ficarei muito aliviada quando o bebê nascer - disse ela. - Os meus seios estão doloridos, as pernas e as costas doem e já nem consigo andar, apenas me bamboleio como um ganso. Brochvael também se aborrece com isto.

- Os maridos nunca se sentem bem quando as suas esposas estão grávidas -

respondi.

- Então, não deviam tentar com tanto afinco encher-lhes as barrigas - disse Igraine, com mordacidade.

Fez uma pausa ao ouvir Sansum gritando com o irmão Llewellyn por ter deixado a sua selha de leite na passagem. Pobre Llewellyn. É um noviço do nosso mosteiro e ninguém trabalha tanto por tão pouco reconhecimento e agora, por causa de um alcatruz, será condenado a uma semana de vergastadas diárias pelo Santo Tudwal, o jovem de fato, pouco mais é do que uma criança que está sendo preparado para suceder a Sansum. Todo o nosso mosteiro vive com medo de Tudwal, e apenas eu escapo ao pior do seu ressentimento, graças à amizade de Igraine. Sansum precisa demais da proteção do seu marido para arriscar o desagrado de Igraine.

- Esta manhã - disse-me ela, - vi um veado apenas com um chifre. É um mau

presságio, Derfel.

- Nós, cristãos - disse-lhe eu, - não acreditamos em presságios.

- No entanto, vejo-o tocar nesse prego que tem na tua escrivaninha - disse ela. -

Nem sempre somos bons cristãos. - Fez uma pausa. - Estou preocupada com o nascimento.

- Todos rezamos pela senhora - respondi, e percebi que aquela fora uma resposta inadequada.

Todavia, eu fizera mais do que simplesmente orar na capela do nosso pequeno mosteiro. Encontrara uma pedra-d'águia, gravara o seu nome na superfície e enterrara-a junto a um freixo. Se Sansum soubesse que eu praticara este antigo sortilégio, se esqueceria da necessidade da proteção de Brochvael e me entregaria ao Santo Tudwal para que me batesse, durante um mês, até sangrar. Mas, então, se o santo soubesse que eu escrevia esta história de Artur faria o mesmo.

Todavia, eu a escreverei, e durante algum tempo o farei sem dificuldade, porque agora seguem-se os tempos felizes, os anos de paz. Contudo, foram também os anos das trevas invasoras, mas não percebemos isso, porque vimos apenas a luz do Sol e nunca cuidamos da obscuridade. Pensamos que havíamos vencido as trevas e que o Sol iluminaria a Bretanha para sempre. *Mynydd Baddon* era a vitória de Artur, a sua maior conquista, e talvez a história devesse terminar ali; no entanto, Igraine tem razão, a vida não tem fins ordenados, por isso tenho de continuar esta história de Artur, do meu senhor, do meu amigo e do libertador da Bretanha.

Artur deixou que os homens de Aelle vivessem. Depuseram as suas lanças e foram distribuídos pelos vencedores como escravos. Utilizei alguns para ajudarem a cavar a sepultura de meu pai. Escavamos bem fundo, naquela terra mole e pantanosa junto ao rio e nela depositamos Aelle com os pés virados para norte, a sua espada na mão, a armadura por cima do seu coração trespassado, o escudo atravessado sobre a sua barriga e a lança que o havia morto ao longo do seu cadáver. Depois enchemos a sepultura e eu orei a Mitras, enquanto os saxões rezavam ao seu deus de Thunder.

Ao cair da noite, foram ateadas as primeiras piras funerárias. Ajudei a deitar os

corpos dos meus homens nas suas piras, depois deixei que os seus companheiros entoassem cânticos às suas almas, que se dirigiam já para o Outro Mundo, enquanto eu volteava o meu cavalo e rumava para norte, por entre as longas e indefinidas sombras.

Cavalguei em direção à aldeia onde as nossas mulheres haviam encontrado abrigo, e enquanto subia as colinas pelo lado norte, o barulho do campo de batalha foi ficando para trás. Agora, ouvia o som do crepitar de fogueiras, do choro de mulheres, de elegias cantadas e de homens bêbados que vaiavam selvagemente.

Dei a Ceinwyn a notícia da morte de Cuneglas. Ela fitou-me quando eu o disse e, por instantes, não reagiu; mas depois os seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

Puxou a sua capa para cima da cabeça.

- Pobre Perddel - disse ela, referindo-se ao filho de Cuneglas, que era agora o rei de Powys.

Contei-lhe como o seu irmão morrera, e depois retirou-se para a choupana onde ela e as nossas filhas estavam instaladas. Quis ligar-me a ferida da cabeça, que parecia ser mais grave do que, de fato, era, mas não podia fazê-lo porque tanto ela como as suas filhas tinham de estar de luto por Cuneglas, e isso significava que tinham de se recolher durante três dias e três noites, durante os quais tinham de se esconder do sol e não podiam ver nem tocar em nenhum homem.

Nesse momento, já caíra a noite. Eu podia ter permanecido na aldeia, mas estava impaciente. Por isso, sob a luz de uma lua tênue, voltei de novo para sul.

Inicialmente, dirigi-me a *Aquae Sulis*, julgando que encontraria Artur na cidade, contudo, encontrei apenas com os restos das tochas da carnificina. A nossa tropa recrutada havia atacado em grande número o escudo defensivo pouco compacto e havia morto todos quantos estavam no seu interior. O horror terminara quando as tropas de Tewdric ocuparam a cidade. Esses cristãos esvaziaram o templo de Minerva, espalhando as entranhas de três touros sacrificados, que os saxões haviam deixado pingando barbaramente pelas telhas, e assim que o santuário foi reparado os cristãos praticaram um rito de ação *de* graças. Ouvi os seus cânticos e fui em busca dos cânticos dos meus homens, mas eles haviam permanecido no acampamento em ruínas de Cerdic e *Aquae Sulis* cheio de estranhos. Não

encontrei Artur, nem nenhum outro amigo, exceto Culhwuch, que murmurava, bêbado; por isso, na penumbra, rumei para leste ao longo do rio. O ar fedia a sangue e estava cheio de fantasmas, mas aventurei-me por entre os espectros, desesperado por encontrar um companheiro. Encontrei um grupo de homens de Sagramor cantando em volta de uma fogueira, mas eles não sabiam onde estava o seu comandante, por isso continuei a dirigir-me ainda mais para leste, ao mesmo tempo em que era observado pelos homens que dançavam em volta de uma fogueira.

Os dançarinos eram Escudos Negros e os seus passos eram pesados, porque dançavam por entre as cabeças decepadas dos seus inimigos. Preparava-me para circundar os Escudos Negros saltitantes quando percebi duas figuras vestidas de branco, calmamente sentadas junto à fogueira no meio do círculo de dançarinos. Uma delas era Merlim.

Prendi as rédeas do meu cavalo ao tronco de um espinheiro e avancei, transpondo o círculo de dançarinos. Merlim e o seu companheiro faziam uma refeição de pão, queijo e cerveja e, ao olhar para mim, pela primeira vez, Merlim não me reconheceu.

- Vá embora - disse ele, com brusquidão, - ou te transformo em sapo. Ah, é você, Derfel! - Pareceu decepcionado. - Eu sabia que se encontrasse comida, uma barriga vazia qualquer esperaria que a partilhasse. Suponho que está com fome?

- estou, senhor.

Fez um gesto para que eu me sentasse ao seu lado.

- Desconfio que o queijo é saxão - disse ele, hesitante, e tinha bastante sangue quando o encontrei, - mas lavei-o bem. Bom, de qualquer modo, esfreguei-o com um pano e é surpreendentemente comestível. Creio que há que bastante para você.

Na verdade havia queijo em quantidade para uma dúzia de homens.

- Este é Taliesin - apresentou ele, com brevidade, o seu companheiro. - É um conhecido bardo de *Powys*.

Olhei para o famoso bardo e vi um jovem com um rosto esperto e cheio de vivacidade. Ele rapara a parte da frente da cabeça como um druida, usava uma

pequena barba preta, tinha maxilares compridos, faces encovadas e nariz afilado. A sua testa rapada era circundada por um fino fio de prata. Sorriu e fez uma vênia com a cabeça.

- A sua fama o precede, Lorde Derfel.

- Bem como a sua - afirmei.

- Oh, não! - lamentou-se Merlim. - Se vocês vão começar com mesuras um com o outro, então vão fazê-lo para outro lugar. Derfel combate - disse ele a Taliesin, - porque na verdade nunca chegou a crescer, e você é famoso porque aconteceu de ter uma voz sofrível.

- Eu componho canções e também as canto - disse Taliesin, modestamente.

- E qualquer homem consegue compor uma canção, desde que esteja suficientemente bêbado - disse Merlim, desaprovadoramente, depois olhou-me de soslaio.

- Isso é sangue, o que tem no cabelo?

- É sim, senhor.

- Devias estar agradecido por não ter sido ferido em nenhum lugar vital - riu com o que disse, depois gesticulou para os Escudos Negros. - O que acha da minha escolta?

- Dançam bem.

- Têm muitas razões para dançar. Que dia excepcional - disse Merlim. - E

Gawain, não representou bem o seu papel? É tão gratificante quando um pateta prova ser de alguma utilidade, e que pateta era Gawain! Um rapaz entediante! Constantemente tentando melhorar o mundo. Por que razão os jovens acreditam sempre que sabem mais do que os mais velhos? Você, Taliesin, não sofre desse entediante equívoco. Taliesin -

explicou-me Merlim, então - veio para aprender com a minha sabedoria.

- Tenho muito para aprender - murmurou Taliesin.

- É bem verdade, bem verdade - disse Merlim. Empurrou um pote de cerveja na minha direção. - Gostou da sua batalhazinha, Derfel?

- Não na verdade, - sentia-me estranhamente abatido. - Cuneglas morreu -

expliquei.

- Eu soube o que aconteceu a Cuneglas - afirmou Merlim. - Que tolo! Devia ter deixado o heroísmo para patetas como você. Em todo o caso, é uma pena ter morrido.

Não era propriamente um homem esperto, pelo menos não era aquilo a que chamo esperto, mas não era nenhum pateta, o que é raro nos tristes dias que correm. E ele sempre foi bom para mim.

- Para mim, ele era a bondade em pessoa - acrescentou Taliesin.

- Então, agora terá de encontrar um novo protetor - disse Merlim ao bardo, - e não olhe para Derfel. Ele não sabe distinguir uma boa canção do peido de um boi castrado. O segredo para uma vida de sucesso, - agora dava uma lição a Taliesin - é

nascer com pais ricos. Eu vivi muito confortavelmente das minhas rendas, apesar de, a propósito, não recebê-las há anos. Você tem me pago a renda, Derfel?

- Devia, senhor, mas nunca sei para onde enviá-la.

- Não que isso agora tenha importância - disse Merlim. - Estou velho e fraco.

Sem dúvida que, em breve, estarei morto.

- Que tolice - afirmei, - está em perfeita forma.

Claro que ele estava velho, mas havia um vislumbre de travessura nos seus olhos e uma vivacidade no seu rosto enrugado de ancião. O seu cabelo e a sua barba estavam cuidadosamente penteados e presos com fitas pretas, enquanto a sua túnica, à

exceção do sangue seco, estava limpa. Ele também estava feliz, julgo não apenas por termos conseguido a vitória, mas porque apreciava a companhia de Taliesin.

- A vitória dá vida - disse ele, desaprovador. - Todavia, muito em breve esqueceremos a vitória. Onde está Artur?

- Ninguém sabe - afirmei. - Soube que passou longo tempo falando com Tewdric, mas já não está com ele. Presumo que encontrou Guinevere.

Merlim fez um sorriso escarninho.

- Um cão volta ao seu vômito.

- Começo a gostar dela - afirmei, defensivamente.

- Sim - disse ele, com desprezo, - e me atrevo a dizer que agora ela não fará mal algum. Ela seria uma boa protectora para você - disse ele a Taliesin, - tem um respeito absurdo por poetas. Apenas uma coisa, não suba para a sua cama.

- Não há qualquer perigo de isso acontecer, senhor - disse Taliesin.

Merlim riu.

- Aqui o nosso jovem bardo é celibatário. É uma cotovia castrada. Ele renegou o maior prazer que um homem pode ter para preservar o seu dom.

Taliesin viu a minha curiosidade e sorriu.

- Não a minha voz, Lorde Derfel, mas o dom da profecia.

- E é um dom genuíno! - afirmou Merlim, com efetiva admiração. - Embora eu duvide que mereça o celibato. Se alguma vez me fosse pedido para pagar esse preço teria abandonado o bastão de druida! Em vez disso, teria aceito uma humilde atividade, como tornar-me bardo ou lanceiro.

- Conhece o futuro? - perguntei a Taliesin.

- Hoje, ele previu a vitória - disse Merlim - e soube da morte de Cuneglas há um mês atrás, embora não tivesse adivinhado que um inútil e inchado saxão viria roubar todo o meu queijo. Arrancou-me o queijo das mãos. Creio que agora - afirmou, - pretenderá

que ele preveja o seu futuro, Derfel?

- Não, senhor.

- Tem razão - disse Merlim, - é sempre melhor desconhecer o futuro. Tudo termina em lágrimas, é sempre assim.

- Todavia, a alegria é renovada - disse Taliesin, suavemente.

- Valha-me Deus, não! - gritou Merlim. - A alegria é renovada! Raia o dia! A árvore floresce! As nuvens dissipam-se! O gelo derrete-se! Consegue dizer coisas melhores do que esse tipo de besteira sentimental. - Permaneceu em silêncio. A sua escolta havia terminado a sua dança e tinha ido divertir-se com algumas mulheres saxãs feitas prisioneiras. As mulheres tinham filhos, e os seus gritos soavam suficientemente alto para aborrecer Merlim, que franziu as sobrancelhas. - O destino é inexorável -

afirmou, irritado, - e tudo termina em lágrimas.

- Nimue está com o senhor? - perguntei-lhe, e percebi de imediato, pela expressão de advertência de Taliesin, que fizera a pergunta errada.

Merlim olhou, fixamente, para a fogueira. As chamas cuspiram brasas à sua volta e ele cuspiu-lhes, devolvendo, assim, a malícia ao fogo.

- Não me fale de Nimue - disse ele, depois de cuspir. A sua boa disposição tinha desaparecido e eu me senti embaraçado por ter feito a pergunta.

Ele tocou no seu bastão negro, depois suspirou.

- Ela está zangada comigo - explicou ele.

- Porquê, senhor?

- Porque não consegue fazer as coisas à sua maneira, claro. É isso o que normalmente faz com que as pessoas se zanguem. - Outro cepo estalou na fogueira, espalhando fagulhas que ele sacudiu da sua túnica, irritado, depois de cuspir para as chamas. - Madeira de larício. O larício acabado de cortar odeia ser queimado. - Fitou-me, pensativo. - Nimue não concordou que eu trouxesse Gawain para esta batalha. Ela acha que foi um desperdício e creio que, possivelmente, terá razão.

- Deu-nos a vitória, senhor - afirmei.

Ele fechou os olhos e pareceu suspirar, insinuando que eu era muito tolo para entender.

- Dediquei toda a minha vida - disse ele, após algum tempo - a uma coisa. A uma única coisa. Pretendi revigorar os deuses. É isto assim tão difícil de entender? Porém, fazer alguma coisa bem feita, Derfel, leva uma vida inteira. Oh, para tolos como você está

tudo bem, vocês podem desperdiçar o seu tempo sendo um dia magistrados, e lanceiros no dia seguinte. E quando tudo terminar, o que terá conseguido alcançar? Nada! Para mudar o mundo, Derfel, tem de ter um único objetivo. Artur está próximo dele, sem dúvida. Ele pretende fazer com que a Bretanha fique a salvo dos saxões e, provavelmente, conseguirá por algum tempo, mas eles continuam a existir e voltarão.

Talvez não durante o tempo que me resta de vida, talvez também não no que lhe resta, mas os seus filhos e os filhos dos seus filhos terão de voltar a travar esta batalha. Existe apenas um caminho para a verdadeira vitória.

- O caminho dos deuses - afirmei.

- O caminho dos deuses - concordou ele, - e essa foi a tarefa da minha vida. -

Baixou os olhos fitando por instantes o seu bastão negro de druida e Taliesin permaneceu muito quieto, observando-o. - Quando era criança tive um sonho - disse Merlim, brandamente. - Fui para a gruta de *Carn Ingli* e sonhei que tinha asas e conseguia voar suficientemente alto para ver a ilha da Bretanha. E ela era tão bela. Bela, verde e rodeada por uma imensa bruma que mantinha todos os nossos inimigos afastados. A ilha abençoada, Derfel, a ilha dos deuses, o único lugar na terra que era digno deles. E desde esse sonho, Derfel, é tudo o que sempre tenho querido. Reaver essa ilha abençoada.

Reaver os deuses.

- Mas, - tentei interromper.

- Não sejas absurdo! - gritou ele, provocando o sorriso de Taliesin. - Pense! -

pediu-me Merlim. - A tarefa da minha vida, Derfel!

- *Mai Dun* - afirmei, suavemente.

Ele assentiu e depois, por instantes, ficou calado. Os homens cantavam ao longe e por toda a parte havia fogueiras. Os feridos gritavam na escuridão, onde cães e necróforos devoravam os mortos o os moribundos. Ao amanhecer, aquele exército acordaria bêbado, deparando-se com o horror de um campo depois da batalha, mas por enquanto cantavam e saciavam-se com a cerveja roubada.

- Em *Mai Dun* - Merlim quebrou o seu silêncio, - cheguei tão próximo. Muito próximo. Mas eu estava tão fraco, Derfel, tão fraco. Gosto demais de Artur. Porquê? Ele não é espirituoso, as suas conversas podem ser tão entediantes como as de Gawain e ele tem uma absurda devoção à virtude, mas gosto muito dele. Por acaso, de você também.

Uma fraqueza, bem sei. Posso apreciar homens flexíveis, mas gosto de homens honestos. Admiro a força simples, entende, e em *Mai Dun* deixei que essa admiração me enfraquecesse.

- Gwydre - afirmei.

Ele assentiu.

- Devíamos tê-lo morto, mas senti que não conseguia fazê-lo. Não ao filho de Artur. Essa foi uma terrível fraqueza.

- Não.

- Não sejas absurdo! - disse ele, penosamente. - O que é a vida de Gwydre para os deuses? Ou para a perspectiva de revigorar a Bretanha? Nada! Mas eu não consegui fazê-lo. Ah, tenho desculpas. O pergaminho de Caleddin é bem claro, quando diz que ”o filho do Rei da região” tem de ser sacrificado, e Artur não é rei, mas isso é um mero trocadilho. O rito precisava da morte de Gwydre e eu não consegui forçar-me a obtê-la.

Não tive qualquer dificuldade em matar Gawain, foi até um prazer roubar a tagarelice àquele tolo virgem, mas não Gwydre, e, desse modo, o rito ficou inacabado. - Agora ele estava infeliz, de costas arqueadas e infeliz. - Falhei - acrescentou, amargamente.

- E Nimue não lhe perdoa? - perguntei, hesitante.

- Perdoar? Ela não conhece o significado da palavra! Para Nimue, o perdão é

uma fraqueza! E agora ela irá representar os ritos, e não falhará, Derfel. Se isso significar matar todos os filhos de mães bretãs, ela o fará. Colocará todos eles no caldeirão e avivará o fogo com o atiçador! - Esboçou um sorriso, depois encolheu os ombros. -

Porém, desta vez eu lhe compliquei muito mais as coisas. Como o velho tolo sentimental que sou, tinha de ajudar Artur a vencer esta contenda. Usei Gawain para fazê-lo e agora, segundo creio, ela me odeia.

- Porquê?

Levantou os olhos para o céu cheio de fumaça, como se apelasse aos deuses para que me concedessem um pouco, que fosse, de inteligência.

- Você acha, seu tolo - perguntou-me, - que o cadáver de um jovem príncipe está

tão prontamente disponível? Levei anos enchendo a cabeça daquele pateta com besteiras até ele estar pronto para o sacrifício! E o que fiz eu hoje? Desperdicei Gawain! Apenas para ajudar Artur.

- Mas nós vencemos!

- Não sejas absurdo. - Ele olhou para mim, irado. - Você venceu? O que é aquela coisa revoltante no seu escudo?

Voltei-me e olhei para o meu escudo.

- A cruz.

Merlim esfregou os olhos.

- Há uma guerra entre os deuses, Derfel, e hoje ofereci a vitória a Yahweh.

- Quem?

- É o nome do Deus cristão. Por vezes, chamam-lhe Jehovah. Tanto quanto pude saber, não passa de um humilde Deus do fogo de um país distante qualquer e

desditoso, que está agora empenhado em suplantar todos os outros deuses. Deve ser um sapinho ambicioso, porque vence, e fui eu quem hoje lhe consagrou a vitória. O que você acha que os homens recordarão desta batalha?

- A vitória de Artur - afirmei, convicto.

- Dentro de cem anos, Derfel - disse Merlim, - eles não se lembrarão se foi uma vitória ou uma derrota.

Fiz uma pausa.

- A morte de Cuneglas? - aventei.

- Quem quer saber de Cuneglas? Apenas mais um rei esquecido.

- A morte de Aelle? - sugeri.

- Um cão moribundo mereceria mais atenção.

- Então, o quê?

Ele fez uma careta diante da minha tacanhez.

- Eles se recordarão, Derfel, que essa cruz estava nos seus escudos. Hoje, seu tolo, entregamos a Bretanha aos cristãos, e fui eu quem o fez. Dei a Artur aquilo que ele desejava, mas o preço, Derfel, fui eu que o estipulei Compreende agora?

- Sim, senhor.

- E, por isso, dificulto muito mais a tarefa de Nimue. Todavia, ela tentará, Derfel, e ela não é como eu. Não é fraca. Existe uma dureza dentro de Nimue, uma dureza tão grande.

Sorri.

- Ela não matará Gwydre - afirmei, confiante, - porque nem Artur nem eu permitiremos, e não lhe sendo dada a Excalibur, como pode vencer?

Ele olhou-me fixamente.

- Acha, idiota, que você ou Artur são suficientemente fortes para resistirem a

Nimue? Ela é uma mulher, e o que as mulheres querem, conseguem, e se para o conseguirem tiverem de destruir o mundo e os seus senhores, fazem-no. Primeiro, ela conseguirá vergar-me, depois se virará para vocês. Não é esta a verdade, meu jovem profeta? - perguntou ele a Taliesin, mas o bardo fechara os olhos. Merlim encolheu os ombros. – Vou levar-lhe as cinzas de Gawain e a auxiliarei no que puder - afirmou, -

porque prometi. Mas tudo terminará em lágrimas, Derfel, tudo terminará em lágrimas. Que confusão criei. Que terrível confusão - colocou a sua capa em volta dos ombros. - Agora vou dormir.

Depois da fogueira, os Escudos Negros violavam as suas prisioneiras e eu me sentei, olhando fixamente para as chamas. Eu ajudara a construir uma grande vitória e sentia-me inexplicavelmente triste.

Nessa noite não vi Artur, encontrando-o apenas por breves instantes na penumbra enevoada, quase ao amanhecer. Ele saudou-me com toda a sua antiga vivacidade, atirando um braço em volta dos meus ombros.

- Quero te agradecer - disse ele, - por cuidar de Guinevere nestas últimas semanas - estava aprestado com a sua armadura e fazia um comia uma fatia de pão com bolor.

- Se há algo a dizer - respondi, - é que foi Guinevere quem cuidou de mim.

- Refere-se às carroças! Gostaria de ter visto aquilo! - Atirou o pão para o chão quando Hygwydd, o seu servo, passou levando *Llamrei* para a claridade. - Talvez nos encontremos esta noite, Derfel - disse-me Artur, enquanto deixava que Hygwydd o ajudasse a subir para a sela, - ou talvez amanhã.

- Onde vai, senhor?

- Atrás de Cerdic, claro.

Instalou-se no dorso de *Llamrei,* juntou as rédeas e pegou o seu escudo e a lança que Hygwydd lhe entregava. Bateu com os calcanhares no cavalo, indo juntar-se aos seus cavaleiros, que se assemelhavam a formas sombreadas no nevoeiro. Mordred também montou com Artur, já não sob escolta, mas sendo aceito como um soldado útil à

sua direita. Observei-o pondo o freio ao seu cavalo e lembrei-me do ouro saxão que encontrara em *Lindinis*. Mordred teria nos traído? Se o tivesse feito, eu não podia prová-lo, e o resultado da batalha negava a sua traição; ainda assim senti ódio pelo meu rei. Ele percebeu o meu olhar fixo e malevolente e afastou-se no seu cavalo. Artur gritou aos seus homens para que avançassem e escutei o retumbar dos seus cascos que marcava a sua partida.

Acordei os meus homens, que dormiam, espicaçando-os com a extremidade de uma lança, e ordenei-lhes que trouxessem prisioneiros saxões para cavarem mais sepulturas e construirem outras tantas piras funerárias. Calculei que iria passar o dia ocupado com esta penosa tarefa, mas no meio da manhã Sagramor enviou um mensageiro pedindo-me que levasse um destacamento de lanceiros para *Aquae Sulis*, onde haviam irrompido tumultos. Os distúrbios tinham começado com o rumor entre os lanceiros de Tewdric de que fora descoberto o tesouro de Cerdic e que Artur ficara com tudo para si. A prova era o desaparecimento de Artur e, como vingança, propunham destruir o santuário do centro da cidade, porque outrora fora um templo pagão. Consegui acalmar aquele furor, anunciando que aqueles dois cofres com ouro haviam, de fato, sido descobertos, mas que estavam sendo vigiados por guardas, e o seu conteúdo seria repartido com justiça assim que Artur voltasse. Seguindo a sugestão de Tewdric, enviamos meia-dúzia dos seus soldados para ajudar a guardar os cofres, que ainda permaneciam no que restava do acampamento de Cerdic.

Os cristãos de *Gwent* acalmaram, mas depois os lanceiros de *Powys* causaram novo alvoroço ao culparem Oengus Mac Airem pela morte de Cuneglas. A animosidade entre *Powys e Demétia* remontava a longa data, já que era bem conhecido o gosto de Oengus Mac Airem por empreender ataques súbitos às colheitas dos seus vizinhos mais abastados; de fato, *Powys* era conhecida na *Demétia* como ”a nossa despensa”; no entanto, naquele dia, eram os homens de *Powys* quem iniciava a disputa, ao insistirem que Cuneglas nunca teria morrido se os Escudos Negros não tivessem se atrasado a chegar ao campo de batalha. Os Irlandeses nunca se mostravam relutantes em entrar numa batalha, e ninguém foi capaz de acalmar os homens de Tewdric enquanto não se ouviu o entrechocar de espadas e lanças fora do tribunal, momento em que powysianos e Escudos Negros se defrontaram numa escaramuça sangrenta. Sagramor trouxe uma paz inquieta, recorrendo, simplesmente, à morte dos líderes das duas facções. No entanto, durante o resto do dia houve distúrbios entre as duas nações. A discórdia aumentou quando se soube que Tewdric enviara um destacamento de soldados para ocupar *Lactodurum*, uma fortaleza a norte, que há dezenas de anos não

estava em mãos britânicas, mas que os homens sem chefe de *Powys* reclamavam por sempre ter estado no seu território, e não no de *Gwent*. Então, um grupo de lanceiros powysianos, que rapidamente se formou, correu atrás dos homens de Tewdric desafiando a sua pretensão.

Os Escudos Negros, que não haviam testemunhado a luta de *Lactodurum*, insistiram, no entanto que os homens de *Gwent* tinham *razão,* apenas porque sabiam que essa opinião iria enfurecer os powysianos, ocorrendo, deste modo, mais batalhas. Envolveram-se em rixas por causa de uma cidade sobre a qual muitos combatentes nunca tinham ouvido falar e que, em todo o caso, podia ainda estar guardada com uma guarnição saxã.

Nós, dumnonianos, conseguimos evitar aquelas batalhas e, deste modo, foram os nossos lanceiros que guardaram as estradas, confinando assim a luta às tabernas. No entanto, à tarde, fomos arrastados para as disputas quando Argante, acompanhada de um grande séquito, chegou de *Glevum* e descobriu que Guinevere ocupara a casa do bispo, construída por trás do templo de Minerva. O palácio do bispo não era o maior nem o mais confortável de *Aquae Sulis*, pertencendo essa distinção ao palácio de Cildydd, o magistrado. No entanto, Lancelot usara a casa de Cildydd enquanto estivera em *Aquae Sulis* e, por essa razão, Guinevere evitara ficar nela. Contudo, Argante insistiu que a casa do bispo devia pertencer-lhe, uma vez que ficava no interior do recinto sagrado, e uma facção entusiástica de Escudos Negros foi expulsar Guinevere, travada apenas por um grande número dos meus homens, que pretendeu defendê-la. Dois homens morreram antes de Guinevere anunciar que não se importava com a casa onde iria ficar, e de se mudar para os aposentos dos sacerdotes, construídos ao lado dos amplos banhos públicos. Saindo vitoriosa daquele encontro inesperado, Argante declarou que os novos aposentos de Guinevere eram apropriados, porque, afirmava ela, os aposentos dos sacerdotes haviam sido outrora um bordel, e Fergal, o druida de Argante, conduziu uma multidão de Escudos Negros até aos banhos públicos onde se divertiram perguntando pelos preços do bordel e gritando a Guinevere para que lhes mostrasse o corpo. Outro contingente de Escudos Negros ocupara o templo e derrubara a cruz que Tewdric colocara por cima do altar, e agora inúmeros lanceiros de *Gwent* vestidos de vermelho juntavam-se para lutar à sua maneira e voltarem a colocar a cruz no seu lugar.

Sagramor e eu trouxemos alguns lanceiros para o recinto sagrado, que, ao fim da tarde, prometia transformar-se num mar de sangue. Os meus homens montaram

guarda às portas do templo, os de Sagramor protegeram Guinevere, mas éramos suplantados em número pelos guerreiros embriagados de *Demétia* e *Gwent*, enquanto os powysianos, satisfeitos por terem um motivo para arreliar os Escudos Negros, gritavam o seu apoio a Guinevere. Avancei pelo meio da multidão encharcada em hidromel, empurrando-a e agredindo os piores causadores dos distúrbios. Contudo, temi que a violência aumentasse de forma ainda mais ameaçadora à medida que o Sol se escondia. Foi Sagramor quem, por fim, trouxe uma paz pouco tranquila ao fim de tarde. Subiu para o telhado dos banhos públicos e aí, de pé entre duas estátuas, bradou para que se fizesse silêncio. Despira-se até à cintura de modo que, em contraste com o mármore branco dos dois guerreiros que o ladeavam, a sua pele escura parecia mais admirável ainda.

- Se algum de vocês tiver alguma questão - anunciou ele, na sua estranha pronúncia britânica, - vai resolvê-la primeiro comigo. De homem para homem! Com espada ou lança, escolha. - Desembainhou a sua espada comprida e curva e olhou, irritado e com ferocidade, para os homens que se encontravam embaixo.

- Desembarace-se da prostituta! - gritou uma voz anônima do meio dos Escudos Negros.

- Você é contra as prostitutas? - perguntou-lhe Sagramor. - Que espécie de guerreiro é você? Casto? Se é grande o teu desígnio de ser virtuoso, atreva-se a vir aqui em cima que te castro, - esta troca de palavras provocou gargalhadas e, deste modo, passou o perigo imediato.

Argante amuou no seu palácio. Apelidou-se Imperatriz da *Dumnônia* e exigiu que Sagramor e eu lhe concedêssemos guardas dumnonianos. Todavia, ela tinha já a servi-la uma quantidade tão grande de Escudos Negros de seu pai que nenhum de nós obedeceu. Ao invés, nos despimos por completo e descemos para os amplos banhos romanos para nos recuperarmos da exaustão. A água quente era maravilhosamente repousante. O vapor saía em pequenos rolos pelas telhas quebradas do telhado.

- Disseram-me – Sagramor disse - que este é o maior edifício da Bretanha.

Levantei os olhos para o imenso teto.

- Provavelmente, é verdade.

- Mas em criança - disse Sagramor, - fui escravo numa casa ainda maior do que esta.

- Na Numídia?

Ele assentiu com a cabeça.

- Apesar de eu ter vindo de uma região ainda mais a sul. Fui vendido como escravo quando era muito jovem. Nem tão pouco me recordo dos meus pais.

- Quando partiu da Numídia? - perguntei-lhe.

- Quando, pela primeira vez, tirei a vida a alguém. Foi de um camareiro. Tinha eu dez ou onze anos. Fugi e juntei-me ao exército romano como fundibulário. Ainda consigo acertar com uma pedra entre os olhos de um homem a cinquenta passos de distância.

Depois, aprendi a montar. Lutei na Itália, na Trácia e no Egipto, e aceitei dinheiro para me juntar ao exército franco. Foi aí que Artur me fez prisioneiro.

Raramente era tão falador. Na verdade, o silêncio era uma das armas mais eficazes de Sagramor, isso, o seu rosto de falcão e a sua temível reputação. Em particular, no entanto, ele era uma alma gentil e franca.

- De que lado estamos? - perguntou-me então, com um olhar confuso.

- O que quer dizer?

- Guinevere? Argante?

Encolhi os ombros.

- Diga-me você.

Mergulhou a cabeça na água, depois veio à tona e limpou os olhos.

- Creio que do lado de Guinevere - respondeu, - se os rumores forem verdadeiros.

- Que rumores?

- Que Artur e ela estiveram juntos ontem à noite - afirmou, - embora, tratando-se de Artur, o mais certo é que tenham passado a noite conversando. Ele gastará bem mais depressa a língua do que a espada.

- Não corre qualquer perigo do mesmo te acontecer.

- Não - disse ele com um sorriso, que se rasgou à medida que demorava o seu olhar em mim.

- Soube que você quebrou um escudo defensivo.

- Era pouco compacto - afirmei, - e era composto apenas por jovens.

- Eu quebrei um compacto - disse-me ele, com um esgar, - um bem compacto e cheio de guerreiros experientes, - e, por vingança, afundei-o na água. Depois fugi, salpicando tudo antes de ele conseguir fazer-me o mesmo.

Os banhos públicos caíam na penumbra, porque as tochas estavam apagadas e os últimos raios de Sol que passavam pelos buracos do telhado não chegavam até nós. O

vapor toldava a grande sala, e apesar de eu pressentir que outras pessoas usavam os amplos banhos, não reconhecera ninguém. Contudo, naquele instante, ao atravessar a piscina a nado, vi uma figura de vestes brancas inclinando-se para um homem que estava sentado num dos degraus imersos. Reconheci os tufos de cabelo de cada um dos lados da testa calva do homem curvado e, instantes depois, captei as suas palavras.

- Quanto a isso, confie em mim - dizia ele, com um fervor discreto, - deixe isso comigo, meu rei e senhor.

Nesse instante levantou os olhos e me viu. Era o bispo Sansum, recentemente liberto do seu cativeiro e a quem haviam sido conferidas novamente todas as anteriores honrarias, devido às promessas que Artur fizera a Tewdric. Pareceu surpreso por me ver, mas, conseguiu dirigir-me um sorriso enjoado.

- Lorde Derfel - disse ele, recuando cautelosamente e afastando-se da borda da piscina, - um dos nossos heróis!

- Derfel. - O homem que se encontrava na piscina levantou-se em grande

alvoroço, e vi que se tratava de Oengus Mac Airem, que agora avançava na minha direção para me dar um abraço tão forte como o de um urso. - Foi a primeira vez que abracei um homem nu - disse o Rei dos Escudos Negros, - e não posso dizer que perceba o encanto disso. Também é a primeira vez que tomo banho. Acha que me matará?

Não respondi, depois olhei de relance na direção de Sansum.

- Está acompanhado de pessoas estranhas, meu rei e senhor.

- Os lobos têm pulgas, Derfel, os lobos têm pulgas - resmungou Oengus.

- Então, em que questão - perguntei a Sansum, - deverá o meu rei e senhor confiar em você?

Sansum não respondeu, e o próprio Oengus pareceu estranhamente envergonhado.

- O santuário - por fim, deu uma resposta. - O bom bispo dizia que, por algum tempo, conseguiria que os meus homens o usassem como templo. Não é assim, Bispo?

- Efetivamente, meu rei e senhor - disse Sansum.

- Vocês são péssimos mentirosos - afirmei, e Oengus deu uma gargalhada.

Sansum lançou-me um olhar hostil, depois retirou-se apressadamente descendo os degraus de laje. Estava em liberdade apenas há algumas horas, porém já conspirava. - O

que ele dizia, meu rei e senhor? - pressionei Oengus, que era um homem de quem eu gostava. Um homem simples, forte, um malandro, mas um amigo excepcional.

- O que você acha?

- Falava da sua filha - adivinhei.

- É uma coisinha adorável, não é? - disse Oengus. - Muito magra, sem dúvida, e com um espírito igual ao de uma loba manhosa. Este é um mundo estranho,

Derfel. Gerei filhos lerdos como touros e filhas astutas como lobos - fez uma pausa para saudar Sagramor, que me seguira pela piscina. - Então, o que irá acontecer a Argante? -

perguntou-me Oengus.

- Não sei, senhor.

- Artur desposou-a, não foi?

- Nem tão pouco tenho certeza disso - afirmei.

Ele lançou-me um olhar penetrante, depois sorriu quando percebeu a minha intenção.

- Ela afirma que eles casaram devidamente, mas só podia ser assim. Eu não tinha certeza que Artur quisesse, de fato, desposá-la, mas forcei-o a fazê-lo.

Compreende, era menos uma boca para alimentar - fez uma pausa por breves instantes. -

A questão, Derfel - prosseguiu, - é que Artur não pode enviá-la simplesmente de volta!

Será um insulto, e além disso, eu não a quero lá novamente. Tenho muitas filhas além dela. Muitas vezes, nem tão pouco sei quais são minhas e quais não são. Se alguma vez precisar de uma esposa, venha a *Demétia* e escolhae a que quiser, mas aviso que são todas como ela. Bonitas, mas com dentes bem aguçados. Então, o que irá fazer Artur?

- O que sugere Sansum? - inquiri.

Oengus fingiu ignorar a pergunta, mas sabia que, por fim, nos diria porque não era homem que guardasse segredos.

- Ele apenas me recordava - acabou por confessar, - que em tempos Argante esteve prometida a Mordred.

- Esteve? - perguntou Sagramor, surpreso.

- Falou-se disso - afirmei, - há algum tempo.

E quem levantara a questão fora o próprio Oengus, que procurava desesperado qualquer coisa que pudesse reforçar a sua aliança com a *Dumnônia*, a sua principal proteção contra *Powys*.

- E se Artur não a desposou conforme devia - continuou Oengus, - então Mordred será uma esperança, não é verdade?

- Bela esperança - disse Sagramor, com azedume.

- Ela será rainha - afirmou Oengus.

- Sim - concordei.

- Então, não é má idéia - afirmou Oengus de modo frívolo, embora eu desconfiasse que era uma idéia que ele apoiaria com grande entusiasmo.

Um casamento com Mordred compensaria o orgulho ferido da Demétia, mas também conferiria à *Dumnônia* a obrigação de proteger o país da rainha. Pensei para comigo que a proposta de Sansum era a pior das idéias que eu ouvira em todo o dia, porque imaginava já o infortúnio que a junção de Mordred e Argante podia gerar, mas nada disse.

- Sabe o que falta nestes banhos públicos? - perguntou-me Oengus.

- Diga-me, meu rei e senhor.

- Mulheres - soltou um riso abafado. - Então, onde está a sua mulher, Derfel?

- De luto - respondi.

- Ah, por Cuneglas, claro! - O Rei dos Escudos Negros encolheu os ombros. - Ele nunca gostou de mim, mas eu até gostava dele. Era dos poucos em cujas promessas se podia acreditar! - Oengus deu uma gargalhada, porque ele próprio nunca tivera intenções de cumprir nenhuma. - Contudo, não posso dizer que lamento a sua morte. O seu filho é

apenas um garoto e gosta demais da mãe. Ela e aquelas horríveis tias dela governarão por algum tempo. Três bruxas! - Riu de novo. - Creio que podemos

nos apossar de umas porções de terra daquelas três senhoras lentamente, - baixou o rosto para a piscina. - Vou apanhar os piolhos subindo explicou, depois apertou entre os dedos um dos pequenos insetos cinzentos que subiam pela sua barba em desalinho, para fugirem da água que a umedecia.

Durante todo aquele dia não vi Merlim e, nessa noite, Galaad informou-me que o druida já abandonara o vale e se dirigira para norte. Encontrei Galaad, de pé, junto à pira funerária de Cuneglas.

- Sei que Cuneglas não gostava dos cristãos - explicou-me Galaad, - mas creio que ele não faria objeções a uma oração cristã - convidei-o a dormir junto aos meus homens, e ele caminhou a meu lado até o lugar onde eles estavam acampados. - Merlim me pediu que te entregasse uma mensagem da sua parte - disse-me Galaad. - Ele diz que encontrará o que busca entre as árvores que estão mortas.

- Não estou bem certo de procurar alguma coisa - afirmei.

- Então, reviste as árvores mortas - disse Galaad, - e encontrará o que quer que seja que não está procurando.

Nessa noite, não fui à procura de nada e dormi enrolado na minha capa, no meio dos meus homens, no campo de batalha. Acordei cedo com dores de cabeça e as articulações doloridas. O bom tempo terminara e caía um chuvisco vindo de oeste. A chuva ameaçava extinguir as piras funerárias, então, começamos a apanhar madeira para alimentar as chamas, e isso me recordou a estranha mensagem de Merlim. No entanto, não via nenhuma árvore morta. Usamos machados de guerra saxões para cortar carvalhos, olmeiros e faias poupando apenas os freixos sagrados, e todas as árvores que cortamos gozavam de perfeita saúde. Perguntei a Issa se havia reparado em alguma árvore morta e ele abanou a cabeça, mas Eachern afirmou ter visto algumas, embaixo, junto à margem do rio.

- Mostre-me.

Eachern conduziu um grupo enorme até ao talude e, no local onde o rio fazia uma curva apertada para oeste, encontramos uma enorme massa de árvores mortas, feridas pelas raízes semiexpostas de um salgueiro. Os ramos secos estavam emaranhados num labirinto de outros detritos que haviam sido trazidos pelo rio, mas nada havia de valor no meio deles.

- Se Merlim diz que há aqui alguma coisa - disse Galaad, - então devemos procurar.

- Ele podia não estar se referindo a estas árvores - afirmei.

- Servem tão bem como quaisquer outras - disse Issa. Desembainhou a espada para que não se molhasse e saltou para o emaranhado. Partiu os frágeis ramos superiores e saltou para a margem baixa do rio. – Me dê uma lança! - gritou ele.

Galaad estendeu-lhe uma lança, e Issa enterrou-a entre os ramos. Num certo lugar, o pedaço de uma rede de pesca puída fora desimpedida de troncos, adquirindo a forma de uma tenda cheia de folhas mortas, e Issa teve de usar toda a sua força para içar aquela massa emaranhada para o lado.

Foi então que um fugitivo irrompeu do meio dos arbustos. Escondera-se por baixo da rede, equilibrara-se desconfortavelmente num tronco quase submerso, mas agora, como uma lontra afugentada pelos cães, fugia da lança de Issa aos tropeções e tentava escapar rio acima. Tropeçava nas árvores mortas e o peso da sua armadura retardou-o, e os meus homens, aplaudindo no talude, apanharam-no com facilidade. Se o fugitivo não estivesse com armadura podia ter-se atirado ao rio e nadado para a outra margem, mas agora restava-lhe apenas render-se. Durante duas noites e um dia, o homem devia ter planejado a forma de subir o rio, mas depois terá descoberto o esconderijo e pensado que conseguiria ali permanecer até nós termos abandonado o campo de batalha. Agora, fora apanhado.

Era Lancelot. Fui o primeiro a reconhecê-lo por causa do seu longo cabelo preto, no qual tinha tanto orgulho. Então, por entre a lama e os galhos, vi o famoso esmalte branco da sua armadura. O seu rosto apenas expressava terror. Afastou os olhos de nós e deteve-os no rio, como se avaliasse a hipótese de se atirar para a corrente, depois voltou olhando para nós e viu o seu meio-irmão.

- Galaad! - gritou ele. - Galaad!

Galaad olhou para mim, por breves instantes, depois fez o sinal da cruz, virou e afastou-se.

- Galaad! - gritou, novamente, Lancelot ao seu irmão que agora desaparecia pelo talude mais acima.

Galaad continuou, simplesmente, a caminhar.

- Traga-o para cima - ordenei.

Issa feriu Lancelot com a lança e o aterrorizado homem subiu aos tropeções por entre as urtigas que cresciam no talude. Segurava ainda a sua espada, apesar da lâmina estar ferrugenta depois de ter estado imersa no rio. Encarei-o, assim que conseguiu libertar-se das urtigas.

- Lutará comigo aqui e agora, meu rei e senhor? - perguntei-lhe, desembainhando a *Hywelbane*.

- Deixe-me partir, Derfel! Eu lhe enviarei dinheiro, prometo! - Continuou a balbuciar, prometendo-me mais ouro do aquele com que eu alguma vez sonhara, mas só

desembainhou a espada quando dei uma forte estocada no seu peito com a ponta da *Hywelbane*. Nesse instante, percebeu que tinha de morrer. Cuspiu-me, deu um passo atrás e desembainhou a espada. Certa vez, haviam-lhe chamado *Tanlladwr*, que significa Destemida Assassina, mas ele mudara-lhe o nome para a Lâmina de Cristo quando Sansum o batizara. Agora, a Lâmina de Cristo estava enferrujada, mas era ainda uma excelente arma e, para surpresa minha, Lancelot não era mau esgrimista. Eu sempre o tomara por covarde, mas nesse dia lutou com bastante bravura. Estava desesperado, e o desespero revelou-se numa série de ataques rápidos e violentos que me forçaram a recuar. Contudo, também estava cansado, molhado e com frio, e o cansaço adveio-lhe tão depressa que, depois de eu aparar a sua primeira grande quantidade de golpes, consegui ganhar tempo enquanto decidia a forma como iria matá-lo. Ficou ainda mais desesperado e os seus golpes tornaram-se mais ferozes , mas eu terminei o combate quando diante de um desses golpes violentos me baixei, esquivando-me, e segurei de tal modo em *Hywelbane* que a sua ponta o apanhou no braço. O ímpeto da oscilação abriu-lhe as veias do pulso ao cotovelo. Ele gemeu assim que o sangue jorrou, depois a sua espada caiu-lhe da mão inerte e ele aguardou, num terror abjecto, o golpe misericordioso.

Limpei a lâmina da *Hywelbane* com uma mão-cheia de relva, sequei-a na minha capa e depois embainhei-a.

- Não quero a sua alma na minha espada - disse eu a Lancelot e, por instantes, ele pareceu reconhecido, mas sem delonga deitei por terra as suas esperanças. -

Os seus homens mataram a minha filha - disse-lhe, - os mesmos que enviou para levarem Ceinwyn para a tua cama. Acha que posso perdoá-lo por qualquer uma destas coisas?

- Não fui eu quem deu essas ordens - disse ele, desesperado. - Acredite em mim!

Cuspi-lhe no rosto.

- Devo entregá-lo a Artur, meu rei e senhor?

- Não, Derfel, eu te peço! - Juntou as mãos. Tremia. – Eu te peço!

- Dê-lhe a morte das mulheres - sugeriu Issa, apressadamente, querendo dizer que devíamos despi-lo, castrá-lo e deixá-lo esvaindo-se em sangue até morrer.

Estive tentado, mas receei sentir prazer com a morte de Lancelot. Existe um certo prazer na vingança, e eu havia dado aos assassinos de Dian uma morte terrível, não sentindo nenhum rebate de consciência por sentir gozo no seu sofrimento. Contudo, não tinha coragem de torturar aquele homem que tremia à minha frente. Tremia de tal modo que senti pena dele, e dei comigo a pensar se havia ou não de deixá-lo vivo. Eu sabia que ele era um traidor e um covarde, e que merecia ser morto, contudo o seu terror era tão abjeto que, na verdade, senti pena dele. Sempre fora meu inimigo, sempre me desprezara, todavia ao cair de joelhos diante de mim com as lágrimas rolando pelo rosto, senti o impulso de lhe conceder misericórdia, e percebi então que havia tanto prazer nesse exercício de poder como na sua condenação à morte. Por instantes desejei a sua gratidão, mas depois me recordei do rosto moribundo da minha filha e uma raiva intensa fez-me estremecer. Artur era conhecido por perdoar aos seus inimigos, mas este era um inimigo a quem eu nunca poderia perdoar.

- A morte das mulheres - voltou a sugerir Issa.

- Não - respondi, e Lancelot levantou os olhos para mim com uma esperança renovada. – Vamos enforcá-lo como um pobre coitado - afirmei.

Lancelot gritou, mas eu endureci o meu coração aos seus lamentos.

- Vamos enforcá-lo - voltei a ordenar, e assim fizemos.

Encontramos um pedaço de corda de crina, amarramos em volta do ramo de um carvalho e o içamos. Balançou no ar, estremecendo, e assim continuou até Galaad voltar e dar um puxão nos calcanhares do seu meio-irmão para acabar com o seu sofrimento.

Tirei toda a roupa de Lancelot. Atirei a espada e a sua bela armadura de lâminas metálicas no rio, queimei as suas vestes, depois usei um grande machado de guerra saxão para cortar o seu cadáver. Não o queimamos, lançando-o antes aos peixes, para que a sua alma negra não conspurcasse o Outro Mundo com a sua presença. Obliterámo-lo da face da terra e guardei apenas o cinturão da sua espada, como uma oferenda para Artur.

Encontrei Artur a meio do dia. Regressava com os seus homens da perseguição a Cerdic, e desciam agora para o vale montados nos cavalos cansados.

- Não apanhamos Cerdic - disse ele, - mas outros - fez uma festa no pescoço de *Llamrei,* que brilhava com o suor. - Cerdic está vivo, Derfel - disse ele, - mas está tão enfraquecido que durante muito tempo não teremos problemas, - sorriu, depois percebeu que eu não estava com a sua boa disposição. - O que foi?

- Apenas isto, senhor - respondi, e ergui o caro cinturão de esmalte. Por momentos, julgou que eu lhe mostrava um produto do saque, depois reconheceu o cinturão da espada, que ele próprio oferecera a Lancelot. Por instantes, do seu rosto transpareceu o olhar que surgira há tantos meses atrás, antes de *Mynydd Baddon*: o olhar secreto e duro da amargura. Depois levantou os olhos, fitando-me.

- O seu dono?

- Morto, senhor. Enforcado para sua vergonha.

- Ótimo - disse ele, em voz baixa. - E isso, Derfel, pode jogar fora - atirei o cinturão no rio.

E, deste modo, morreu Lancelot, ao contrário do que dizem as canções pelas quais pagou para que continuassem sendo cantadas, sendo até hoje celebrado como um herói que se iguala a Artur. Artur é recordado como um governante, mas Lancelot é

lembrado como guerreiro. Na verdade, ele era um rei sem reino, um covarde, e o maior traidor da Bretanha, e a sua alma vagueia até hoje por *Lloegyr*, gritando pelo seu corpo-sombra que nunca poderá existir, porque esquartejamos o seu cadáver e com ele alimentamos o rio. Se os cristãos tiverem razão, e o inferno existir, que ele sofra nele para sempre.

Galaad e eu seguimos Artur até à cidade, passando pela pira funerária onde Cuneglas ardia, e abrindo caminho por entre as sepulturas romanas, no meio das quais tantos homens de Aelle haviam perecido. Eu avisara Artur do que o esperava, mas ele não se mostrou receoso ao ouvir que Argante viera para a cidade.

A sua chegada a *Aquae Sulis* instigou um grande número de ansiosos suplicantes a chamarem a sua atenção. Uns pediam reconhecimento por atos de bravura durante a batalha, outros, grandes quantidades de escravos ou de ouro, e outros ainda pediam justiça por disputas muito anteriores à invasão saxã. Artur disse a

todos que o aguardassem no templo, apesar de depois de lá estar os ignorar. Chamou, então, Galaad para uma antecâmara do templo e, após algum tempo, mandou chamar Sansum. O Bispo foi escarnecido pelos lanceiros dumnonianos ao apressar-se a atravessar os domínios.

Falou com Artur durante bastante tempo, e depois Oengus Mac Airem e Mordred foram chamados à presença de Artur. Os lanceiros que se encontravam na zona cercada faziam apostas sobre se Artur iria ter com Argante à casa do Bispo, ou com Guinevere aos aposentos dos sacerdotes.

Artur prescindira do meu conselho. Em vez de fazê-lo, ao convocar Oengus e Mordred, pediu-me que fosse dizer a Guinevere que ele voltara. Deste modo, atravessei o pátio, dirigindo-me aos aposentos dos sacerdotes, e encontrei Guinevere com Taliesin num dos aposentos mais elevados. O bardo, com uma túnica branca alva e o fio de prata em volta do seu cabelo preto, levantou-se e fez-me uma vênia quando entrei. Segurava uma pequena harpa, mas percebi que ambos haviam estavam conversando e não tocando. Ele sorriu e saiu, recuando até à porta do quarto, deixando o pesado reposteiro cair em frente à entrada.

- Um homem muito esperto - disse Guinevere, levantando-se para me saudar.

Ela tinha um vestido creme bordado com um debrum de fitas azuis, usava o cordão saxão que eu lhe dera em *Mynydd Baddon*, e o seu cabelo ruivo estava enrolado no alto da cabeça com uma corrente de prata. Não era tão elegante como a Guinevere de que eu me lembrava antes dos tempos conturbados, mas estava bem longe da mulher de armadura que cavalgara tão entusiasticamente pelo campo de batalha. Ela sorriu e eu me aproximei.

- Você está limpo, Derfel!

- Tomei banho, senhora.

- E não morreu! - Motejou com delicadeza, depois beijou-me no rosto e segurou-me nos ombros por um instante. - Devo-lhe muito - disse ela, em voz baixa.

- Não, senhora, não - afirmei, corando e afastando-me.

Ela riu do meu embaraço e depois foi sentar-se à janela, de onde avistava os vastos domínios. A chuva caía por entre as pedras e gotejava diante da fachada manchada do templo, onde o cavalo de Artur estava preso a um aro fixo a um

dos pilares.

Quase não precisava que eu lhe dissesse que Artur voltara, já que ela própria deveria tê-lo visto chegando.

- Quem está com ele? - perguntou-me.

- Galaad, Sansum, Mordred e Oengus.

- E você não foi convocado para o conselho de Artur? - perguntou, com laivos do seu antigo escárnio.

- Não, senhora - afirmei, tentando esconder a minha decepção.

- Tenho certeza de que não se esqueceu de você.

- Assim espero, senhora - respondi e depois, de forma muito mais hesitante, disse-lhe que Lancelot morrera.

- Taliesin já me contou - afirmou, baixando os olhos e fitando as mãos.

- Como ele soube? - perguntei, porque a morte de Lancelot ocorrera havia pouco tempo e Taliesin não estivera presente.

- Sonhou com isso esta noite - disse Guinevere, e depois fez um gesto brusco como que a dar o assunto por terminado. - Então, o que eles estão discutindo? -

perguntou, olhando de relance para o templo. - A jovem noiva?

- Imagino que sim, senhora - afirmei, depois contei-lhe que o bispo Sansum havia sugerido a Oengus Mac Airem que Argante desposasse Mordred. - Creio que é a pior idéia que alguma vez ouvi - protestei, indignado.

- Acha mesmo isso?

- É uma idéia absurda - afirmei.

- Não foi uma idéia de Sansum - disse Guinevere, com um sorriso, - foi minha.

Fitei-a de olhos esbugalhados, muito surpreso para conseguir falar por alguns instantes.

- Sua, senhora? - perguntei, por fim.

- Não diga a ninguém que a idéia foi minha - advertiu-me. - Argante não a consideraria nem por um instante, se soubesse que a idéia foi minha. Ela preferia casar-se com um guardador de porcos do que com alguém que eu sugerisse. Foi por isso que mandei chamar o mesquinho Sansum e pedi-lhe que me confirmasse o rumor sobre Argante e Mordred. Depois, disse-lhe o quanto abominava essa idéia e, claro, o fiz sentir-se ainda mais entusiasmado com isso, embora ele fingisse o contrário. Cheguei mesmo a chorar um pouco e a pedir-lhe que nunca dissesse a Argante o quanto eu detestava essa idéia. Aliás, Derfel, nada melhor do que casarem um com o outro - sorriu, triunfante.

- Mas porquê? - inquiri. - Mordred e Argante? Eles apenas causarão problemas!

- Independentemente de casarem um com o outro, causarão sempre problemas.

E Mordred tem de se casar, Derfel, se quiser ter um herdeiro, o que significa que ele tem de se casar como um rei - fez uma pausa, percorrendo o colar com os dedos. - Confesso que preferia que ele não tivesse herdeiros, porque deixaria o trono livre quando morresse,

- não deu continuidade a esta idéia e eu olhei-a de forma curiosa.

Ela retorquiu-me com uma simulação de inocência. Julgaria ela que Artur podia subir ao trono de um Mordred sem filhos? Mas Artur nunca quisera governar. Percebi, então, que se Mordred morresse, Gwydre, o filho de Guinevere, teria tanto direito como qualquer homem. Esta percepção deverá ter transparecido no meu rosto, porque Guinevere sorriu.

- Não que devamos especular sobre a sucessão - continuou ela, antes de eu conseguir dizer alguma coisa, porque Artur insiste que deve deixar que Mordred case, se assim desejar, e parece que o desprezível rapaz sente-se atraído por Argante. Talvez eles até se ajustem bem um ao outro. Como duas víboras num ninho infecto.

- E Artur terá dois inimigos unidos na maldade - afirmei.

- Não - disse Guinevere, depois suspirou e olhou pela janela. - Não, se lhes dermos o que querem e se eu conceder a Artur aquilo que ele quer. E você sabe do que se trata, não é?

Refleti por um instante, depois entendi tudo. Percebi sobre o que Artur e ela haviam falado durante toda a noite seguinte à batalha. Percebi, também, o que Artur preparava agora no templo de Minerva.

- Não! - protestei.

Guinevere sorriu.

- Também não o quero, Derfel, mas quero Artur. E tenho de lhe dar aquilo que ele quer. Devo-lhe alguma felicidade, não acha? - perguntou-me.

- Ele quer desistir do seu poder? - perguntei, e ela assentiu.

Artur sempre falara do seu sonho de levar uma vida simples com a esposa, a sua família e um pedaço de terra. Ele queria um palácio, uma paliçada, um ferreiro e terrenos.

Imaginava-se um proprietário rural, sem outras preocupações que não os pássaros que lhe roubavam as sementes, os veados que lhe comiam as colheitas e a chuva que lhe estragava as culturas.

Ele acalentara este sonho durante anos e agora, depois de derrotar os saxões, parecia que chegara a hora de transformar esse sonho em realidade.

- Meurig quer, igualmente, que Artur desista do seu poder - disse Guinevere.

- Meurig! - gritei. - Porque havemos de nos preocupar com o que Meurig quer?

- Foi o preço que Meurig cobrou antes de concordar em deixar o seu pai conduzir o exército de *Gwent* para nos ajudar - disse Guinevere. - Artur nada te disse antes da batalha, porque sabia que tentaria dissuadi-lo.

- Mas por que razão havia Meurig de querer que Artur desistisse do seu poder?

- Porque ele acha que Mordred é cristão - disse Guinevere, estremecendo com um arrepio, - e porque ele quer que a *Dumnônia* seja mal governada. Desse modo, Derfel, Meurig terá a oportunidade de um dia ascender ao trono da *Dumnônia*. Ele é um sapinho ambicioso.

- Eu chamei-lhe de algo pior, - e Guinevere sorriu.

- Isso também - disse ela, - mas o que ele exigiu, tem de receber, por isso Artur e eu iremos viver em *Isca*, na *Silúria*, onde Meurig poderá vigiar-nos. Não me importo de viver em *Isca*. Terei uma vida melhor do que num palácio decadente qualquer. Existem belos palácios romanos em *Isca* e esplêndidos lugares para caçar. Levaremos conosco alguns lanceiros. Artur pensa que não precisamos de nenhum, mas ele tem inimigos e precisa de um grupo de guerra.

Percorri o aposento de um lado para o outro.

- Mas Mordred! - queixei-me, amargamente. - Será lhe restituído o poder?

- Foi o preço que tivemos de pagar pelo exército de *Gwent* - disse Guinevere, - e se Argante desposar Mordred, ele terá de ter novamente poder, caso contrário Oengus nunca concordará com o casamento. Ou, pelo menos, Mordred terá de ter algum poder, e ela terá de partilhá-lo.

- E tudo o que Artur conseguiu será deitado por terra! - afirmei.

-Artur libertou a *Dumnônia* dos Saxões - disse Guinevere, - e não pretende ser Rei. Você e eu sabemos. Não é o que eu desejo, Derfel. Eu sempre quis que Artur fosse o monarca e que Gwydre lhe sucedesse, mas ele não quer e não lutará por isso. Disse-me que quer sossego. E se ele não governar a *Dumnônia*, então Mordred tem de fazê-lo. A insistência de *Gwent* e o juramento de Artur a Uther garantem-no.

- Então ele, abandonará simplesmente a *Dumnônia* à injustiça e à tirania! -

protestei.

- Não - disse Guinevere, - porque Mordred não deterá todo o poder. - Olhei para ela de olhos esbugalhados e calculei, pela sua voz, que eu não entendera tudo.

- Continue - pedi, com prudência.

- Sagramor ficará. Os saxões foram derrotados, mas continua a haver uma fronteira, e ninguém melhor do que Sagramor para defendê-la. O restante exército da *Dumnônia* jurará lealdade a outro homem. Mordred poderá governar, porque ele é o rei, mas não comandará os lanceiros, e um homem sem lanceiros é um homem sem poder real. Você e Sagramor terão isso a seu cargo.

- Não!

Guinevere sorriu.

- Artur sabia que você diria isso, razão pela qual eu lhe disse que te convenceria.

- Senhora - iniciei o protesto, mas ela levantou uma mão para me silenciar.

- Você vai governar a *Dumnônia*, Derfel. Mordred será rei, mas você terá os lanceiros, e o homem que comandar os lanceiros governará. Tem de fazê-lo por Artur, porque só com a tua concordância ele poderá deixar a *Dumnônia* com a consciência tranquila. Por isso, para lhe dar sossego, faça-lo por ele e, também - ela hesitou, - quem sabe, por mim?

Merlim tinha razão. Quando uma mulher quer alguma coisa, consegue. E eu devia governar a *Dumnônia*.

Taliesin compôs uma canção a propósito de *Mynydd Baddon*. Propositadamente, a compôs no estilo antigo, com um ritmo que vibrava com drama e heroísmo. Era uma canção bem longa, já que era importante que todos os guerreiros que haviam bravamente pelejado lhes vissem dedicada meia linha de enaltecimento, enquanto a cada um dos nossos comandantes foram dedicados versos inteiros. Após a batalha, Taliesin recolheu-se à casa de Guinevere e, sensibilizado, cantou os feitos da sua protetora, descrevendo de modo muito belo as ruidosas carroças com as suas pilhas de fogo, mas evitando qualquer menção ao feiticeiro saxão que ela matara com o arco e a flecha. Usou o seu cabelo ruivo como imagem da cevada ensanguentada, no meio da qual alguns saxões morreram, e apesar de eu não ter visto cevada crescendo no campo de batalha, notava uma inteligente sensibilidade. Cantou a morte do seu antigo patrono, Cuneglas, num arrastado lamento, onde o nome do Rei morto surgia repetido como o batuque de um tambor, e transformou a carga de Gawain num relato arrepiante de como os espectros dos nossos lanceiros mortos vinham da ponte das espadas para atacar o flanco do inimigo. Enalteceu Tewdric, foi simpático para comigo e honrou Sagramor, mas acima de tudo a sua canção era uma celebração de Artur. Na canção de Taliesin, fora Artur quem inundara o vale com o sangue do inimigo, e Artur quem derrotara o rei inimigo, e ainda Artur quem fizera toda a *Lloegyr* fugir aterrorizada.

Os cristãos odiaram a canção de Taliesin. Eles criaram as suas próprias canções, nas quais era Tewdric quem derrotava os Saxões. O Deus Todo-Poderoso, diziam

as canções saxãs, ouvira as preces de Tewdric e reunira os exércitos do céu, levando-os até ao campo de batalha, e foi aí que os Seus anjos pelejaram contra os sais com espadas de fogo. Artur não foi mencionado nas suas canções, de fato, não foram atribuídos quaisquer méritos aos pagãos pela vitória, e até hoje há quem afirme que Artur nem tão pouco esteve em *Mynydd Baddon*. Na verdade, uma canção cristã chega a atribuir a Meurig o mérito pela morte de Aelle, e ele não esteve presente em *Mynydd Baddon*, encontrando-se nessa ocasião em *Gwent*. Depois da batalha foi devolvido a Meurig o seu trono, tendo Tewdric regressado ao seu mosteiro, onde foi declarado santo pelos bispos de *Gwent*.

Nesse Verão, Artur esteve muito ocupado para se importar com canções e santos. Nas semanas que se seguiram à batalha, conseguimos reaver várias regiões de *Lloegyr*, apesar de não conseguirmos reavê-la toda, porque muitos saxões haviam permanecido na Bretanha. Quanto mais para leste fôssemos, mais feroz se tornava a sua resistência. Contudo, no Outono, o inimigo foi escorraçado para um território apenas com metade do tamanho do que havia anteriormente governado. Nesse ano, Cerdic chegou mesmo a pagar-nos um tributo, prometendo pagá-lo durante os dez anos seguintes, apesar de não mais o ter feito. Ao invés, acolheu todos os barcos que atravessaram o mar e, aos poucos, reconstruiu as suas forças destruídas.

O reino de Aelle estava dividido. A parte sul voltara para as mãos de Cerdic, ao passo que a zona norte fora dividida em três ou quatro pequenos reinos, que sofriam incessantes ataques de grupos de guerra de *Elmet*, *Powys* e *Gwent*. Milhares de saxões ficaram sob o governo britânico; de fato, todas as novas terras da *Dumnônia*, a leste, eram habitadas por eles. Artur queria que voltássemos a instalar-nos naquelas zonas, mas poucos britânicos quiseram ocupá-las, sendo por essa razão que aí permaneceram os saxões, cultivando-as e sonhando com o dia em que os seus reis regressariam.

Sagramor tornou-se o governante virtual das terras reclamadas da *Dumnônia*. Os chefes de tribo saxões sabiam que o seu rei era Mordred, mas, naqueles primeiros anos depois de *Mynydd Baddon*, foi a Sagramor que eles pagaram a sua renda e os seus impostos, e era a sua resoluta bandeira preta que serpenteava acima do velho forte do rio, em Pontes, de onde os seus guerreiros partiam para manter a paz.

Artur liderou a campanha para reconquistar a região roubada, mas, uma vez

fortificada e depois dos saxões terem concordado com as nossas novas fronteiras, ele deixou a *Dumnônia*. Alguns de nós tinham esperança que, por fim, ele quebrasse a promessa que havia feito a Meurig e a Tewdric. Mas ele não desejava ficar. Nunca quisera deter o poder. Assumira-o como um dever, numa época em que a *Dumnônia* tinha um rei ainda criança e um grande número de senhores da guerra ambiciosos, cujas rivalidades teriam levado o país ao tumulto. No entanto, ao longo dos anos ele sempre se manteve fiel ao seu sonho de levar uma vida simples, e uma vez os saxões derrotados sentiu-se livre para tornar o seu sonho realidade. Roguei-lhe para que reconsiderasse, mas ele abanou a cabeça.

- Estou velho, Derfel.

- Não mais do que eu, senhor.

- Então, você está velho - respondeu-me, com um sorriso. - Mais de quarenta!

Quantos homens vivem quarenta anos?

Na verdade, poucos. Ainda assim, creio que Artur teria desejado permanecer na *Dumnônia*, se tivesse recebido o que queria, gratidão. Ele era um homem orgulhoso, e sabia o que fizera pelo país. Porém, o país recompensou-o com um descontentamento geral. Primeiro, os cristãos quebraram a sua paz, depois, a seguir às fogueiras de *Mai Dun*, os pagãos haviam-se revoltado contra ele. Conseguira que houvesse justiça na *Dumnônia*, recuperara muito do seu território perdido, assegurara as suas novas fronteiras e governara honestamente. E a recompensa que tivera fora ser escarnecido como o inimigo dos deuses. Além disso, prometera a Meurig que deixaria a *Dumnônia*, e essa promessa reforçara o juramento prestado a Uther de fazer de Mordred rei, e agora declarava que cumpriria totalmente as duas promessas.

- Não me sentirei feliz enquanto as promessas estiverem por cumprir - disse-me ele, e ninguém seria capaz de convencê-lo do contrário, por isso, quando a nova fronteira com os saxões ficou decidida e o primeiro tributo de Cerdic foi pago, ele partiu.

Levou consigo sessenta cavaleiros e cem lanceiros e foi para a cidade de *Isca*, na *Silúria*, situada ao norte, do outro lado do mar *Severn*, para lá da *Dumnônia*.

Inicialmente, propusera não ficar com nenhum lanceiro, mas o conselho de

Guinevere prevaleceu. Artur, disse ela, tem inimigos e necessita de proteção. Além disso, os seus cavaleiros contavam-se entre os mais poderosos guerreiros da Bretanha e ela não queria que eles passassem para o comando de outro homem. Artur deixou-se convencer, apesar de, na verdade, eu não achar que precisasse de grande persuasão. Ele podia sonhar tornar-se um simples proprietário rural, vivendo numa região pacífica sem outras preocupações além da abundância dos seus víveres e do estado das suas colheitas, mas sabia que a única paz que alguma vez teria seria à sua custa, e que um senhor que vive sem guerreiros não permanecerá em paz por muito tempo.

A *Silúria* era um reino pequeno, pobre e quase esquecido. O último rei da sua velha dinastia fora Gundleus, que morrera no Vale do *Lugg*. Depois disso, Lancelot fora aclamado rei, mas não gostava de *Silúria* e trocou-a de bom grado pelo abastado trono do país belga. Novamente sem rei, a *Silúria* fora dividida em dois reinos subservientes a *Gwent* e a *Powys*. Cuneglas autodenominara-se rei da *Silúria* Ocidental, enquanto Meurig se proclamara rei da *Silúria* Oriental. No entanto, na verdade, nenhum dos monarcas demonstrara grande valor nos seus vales profundos e estreitos que corriam para o mar a partir das montanhas escarpadas a norte. Cuneglas recrutara lanceiros dos vales, ao passo que, de *Gwent*, Meurig pouco mais fizera do que enviar missionários para o território, e o único rei que alguma vez se interessara pela *Silúria* fora Oengus Mac Airem, que empreendia ataques súbitos aos vales em busca de mantimentos e escravos. De outro modo, a *Silúria* teria sido ignorada. Os seus chefes de tribo arranjavam questiúnculas entre si e, de má vontade, pagavam os seus impostos a *Gwent* ou a *Powys*, mas a vinda de Artur alterou tudo isto. Quer ele pretendesse quer não, tornou-se o habitante mais importante da *Silúria* e, deste modo, o seu governante efetivo e, embora expressasse a sua vontade de ser um homem comum, não conseguia resistir a usar os seus lanceiros para pôr fim às querelas ruinosas dos chefes de tribo. Um ano depois de *Mynydd Baddon*, quando visitamos Artur e Guinevere em *Isca*, pela primeira vez, ele apelidava-se perversamente o Governador, um título romano, que lhe agradava por não ter nenhuma conotação de reinado.

Isca era uma bonita cidade. Inicialmente os romanos haviam construído um forte para vigiarem a travessia do rio, mas ao empurrarem as suas legiões mais para oeste e para norte, a necessidade do forte diminuíra, e eles viraram-se então para *Isca*, um lugar não muito diferente de *Aquae Sulis*: uma cidade onde os romanos iam se divertir. Tinha um anfiteatro e, apesar de lhe faltarem as nascentes quentes, *Isca* possuía ainda seis banhos públicos, três palácios e tantos templos

quantos os deuses romanos que havia.

Agora, a cidade estava bastante decadente, mas Artur recuperava os tribunais e os palácios, um trabalho que sempre lhe agradou. O maior dos palácios, aquele onde Lancelot habitara, foi dado a Culhwuch, agora nomeado comandante da escolta de Artur, e a maioria dos guardas partilhava o grande palácio com Culhwuch. O segundo maior palácio era agora a casa de Emrys, outrora Bispo de *Dumnônia* e agora Bispo de *Isca*.

- Ele podia ficar na *Dumnônia* - disse-me Artur, enquanto me mostrava a cidade.

Passara um ano sobre *Mynydd Baddon*, e Ceinwyn e eu fazíamos a primeira visita à nova residência de Artur.

- Na *Dumnônia* não há espaço para ambos, Emrys e Sansum - explicou-me Artur

- por isso Emrys me ajuda aqui. Ele tem um apetite insaciável pela administração e, melhor ainda, mantém os cristãos de Meurig à distância.

- Todos? - perguntei.

- A maior parte - afirmou, com um sorriso - e, depois, é um belo lugar, Derfel -

continuou, admirando as ruas pavimentadas de *Isca*, - um belo lugar! - Estava verdadeiramente orgulhoso da sua nova residência, afirmando que a chuva caía com menor intensidade em *Isca* do que na região periférica.

- Já vi as colinas cheias de neve - disse - e o Sol brilhando aqui sobre a relva verdejante.

- Sim, senhor - respondi, com um sorriso.

- É verdade, Derfel! É verdade! Quando saio da cidade levo uma capa e chega uma hora em que, de repente, esfria e tenho de colocá-la. Verá quando formos caçar amanhã.

- Parece magia - afirmei, espicaçando-o com delicadeza, porque, normalmente, ele desprezava toda e qualquer conversa sobre magia.

- Creio que bem pode ser! - afirmou, com toda a seriedade e conduziu-me pela

álea que descia junto ao santuário cristão até um curioso monte que se erguia no centro da cidade. Um caminho em espiral subia até ao cume do monte, onde os antigos haviam feito um fosso pouco profundo. Este fosso tinha inúmeras oferendas pequenas deixadas aos deuses: pedaços de fita, tufos de velo, botões, todas elas provas de que os missionários de Meurig, ocupados como deviam andar, não haviam vencido por completo a antiga religião.

- Se aqui houver magia - disse-me Artur, enquanto subíamos para o cume do monte e olhávamos fixamente para o fosso com relva que se encontrava em baixo - é

daqui que ela emana. Dizem os nativos que é uma entrada para o Outro Mundo.

- E acredita neles?

- Apenas sei que é um local sagrado - disse ele, satisfeito.

E assim era *Isca*, nesse final de um dia de Verão. O fluxo da maré aumentara o volume do rio, provocando a inundação dos verdes taludes, o Sol brilhava nos edifícios caiados de branco e nas árvores cheias de folhas que cresciam nos seus pátios, enquanto para norte as pequenas colinas, com as suas herdades em grande bulício, se estendiam serenamente pelas montanhas. Era difícil acreditar que, não muitos anos antes, uma facção saxã tivesse alcançado aquelas colinas e morto lavradores, feito escravos e queimado as suas searas. Esse ataque súbito tivera lugar durante o reinado de Uther, e a proeza de Artur fora rechaçar o inimigo para tão longe que, nesse Verão bem como durante muitos Verões a partir de então, parecia que nenhum saxão livre jamais voltaria a aproximar-se de *Isca*.

O palácio menor da cidade situava-se a oeste do monte e era aí que Artur e Guinevere viviam. Do nosso ponto alto, no misterioso monte, avistávamos, abaixo, o pátio onde Guinevere e Ceinwyn caminhavam, sendo evidente que era Guinevere quem mais falava.

- Ela planeja o casamento de Gwydre - disse-me Artur - com Morwenna, claro -

acrescentou com um breve sorriso.

- Ela está preparada - disse eu, fervoroso.

Morwenna era uma boa garota, mas com o tempo tornara-se taciturna e irascível.

Ceinwyn assegurou-me que o comportamento de Morwenna era um mero sintoma de uma garota que está preparada para casar, e desde há muito que eu aguardava a cura com ansiedade.

Artur sentou-se no buraco relvado do monte e olhou, fixamente, para oeste.

Reparei que as suas mãos estavam salpicadas com pequenas cicatrizes escuras, por causa da fornalha do ferrador que ele próprio construíra no pátio do estábulo do seu palácio. Sempre o intrigara o trabalho dos ferreiros e conseguia falar com entusiasmo durante horas sobre as suas habilidades. Todavia, agora tinha outros assuntos a ocuparem-lhe o espírito.

- Importa-se - perguntou-me, com acanhamento - que o bispo Emrys abençoe o casamento?

- Porque me importaria? - perguntei. Eu gostava de Emrys.

- Apenas o bispo Emrys - disse Artur. - Sem druidas. Tem de compreender, Derfel, que vivo aqui de acordo com a vontade de Meurig. Afinal, ele é o rei desta região.

- Senhor - iniciei o meu protesto, mas ele me silenciou erguendo a mão e não me deixou prosseguir com a minha indignação. Eu sabia que o jovem rei Meurig não era um vizinho pacífico. Ele melindrara-se com o fato de, temporariamente, o pai lhe ter retirado o poder, ofendera-se por ele não ter partilhado consigo a glória de *Mynydd Baddon* e por, obstinadamente, ter inveja de Artur. O território *gwent* iano de Meurig começava apenas a alguns metros deste monte, na extremidade mais distante da ponte romana, que atravessava o rio Usk, e esta parte leste da *Silúria* era, legalmente, outra das possessões de Meurig.

- Foi Meurig quem quis que eu aqui vivesse como seu locatário - explicou-me Artur - mas foi Tewdric quem me concedeu os privilégios de todas as antigas rendas. Ele, pelo menos, está reconhecido por tudo o que alcançamos em *Mynydd Baddon*, mas tenho sérias dúvidas de que o jovem Meurig aprove a combinação, por isso apaziguo-o mostrando submissão ao cristianismo - simulou o sinal da cruz e dirigiu-me uma careta desaprovadora.

- Não precisa apaziguar Meurig - afirmei, zangado. - Dê-me um mês e arrastarei o cão miserável até aqui, de joelhos.

Artur deu uma gargalhada.

- Outra guerra? - Abanou a cabeça. - Meurig pode ser um tolo, mas nunca foi homem que buscasse a guerra, portanto não pode desagradar-me. Ele me deixará em paz, desde que eu não o ofenda. Além disso, tenho preocupações que cheguem sem ter de me preocupar com Gwent.

As suas lutas eram de pouca monta. Os Escudos Negros de Oengus ainda faziam ataques à fronteira oeste da *Silúria*, e Artur colocara aí pequenas guarnições de lanceiros para impedirem aquelas incursões. Ele não estava zangado com Oengus, a quem via, na verdade, como um amigo, mas Oengus não conseguia resistir aos devastadores raides, tal como um cão não consegue deixar de coçar as pulgas. A fronteira norte da *Silúria* causava mais problemas, porque se juntara a *Powys*, e, desde a morte de Cuneglas, *Powys* caíra no caos. Perddel, o filho de Cuneglas, fora aclamado rei, mas pelo menos meia dúzia de poderosos chefes de tribo acreditavam que tinham maior direito à coroa do que Perddel ou, pelo menos, tinham poder para tomar a coroa e, deste modo, o outrora poderoso reino de *Powys* degenerara num esquálido campo de batalha.

Gwynedd, o país empobrecido a norte de Powys, era assaltado à vontade de cada um.

Grupos de guerra digladeavam-se, faziam alianças temporárias, quebravam-nas, massacravam as famílias uns dos outros e, sempre que corriam o risco de serem massacrados, recuavam para as montanhas. Lanceiros em número suficiente haviam permanecido fiéis a Perddel, para garantir que ele se mantivesse no trono. Porém, eram em número bastante reduzido para conseguirem derrotar os chefes de tribo revoltosos.

- Creio que seremos forçados a intervir - disse-me Artur.

- Nós, senhor?

- Meurig e eu. Oh, sei que ele odeia a guerra, mas mais cedo ou mais tarde alguns dos seus missionários serão mortos em *Powys*, e suspeito que essas mortes o convencerão a enviar lanceiros para auxiliar Perdell. Desde que, é certo, Perdell concorde em estabelecer o cristianismo em *Powys*, coisa que sem dúvida fará, se isso lhe devolver o seu reino. E se Meurig entrar em guerra, possivelmente me pedirá para ir com ele. Ele deverá preferir que morram os meus homens em vez dos dele.

- Sob o estandarte cristão? - perguntei, com azedume.

- Duvido que ele queira outro - disse Artur, calmamente. - Tornei-me seu cobrador de impostos na *Silúria*, então por que razão não seria eu o seu senhor da guerra em *Powys*? - Sorriu com um motejo diante da perspectiva, depois fez um ar acanhado. -

Existe outra razão para fazer a Gwydre e Morwenna um casamento cristão - disse ele, algum tempo depois.

- Que é? - Eu tinha de prepará-lo, porque era evidente que esta segunda razão o embaraçava.

- Creio que Mordred e Argante não têm filhos? - perguntou-me. Por breves instantes, nada respondi. Guinevere aventara a mesma hipótese quando conversáramos em *Aquae Sulis*, mas parecia uma suposição improvável. Pelo menos, assim me parecia.Mas se eles não tiverem filhos - insistiu Artur, - quem estaria em melhor posição para suceder ao trono da *Dumnônia*?

- O senhor, sem dúvida – insisti.

Artur era filho de Uther, ainda que bastardo, e não havia outros filhos que pudessem reclamar o seu trono.

- Não, não - disse ele, rapidamente. - Eu não o quero. Nunca o quis! - Baixei os olhos para Guinevere, suspeitando que fora ela quem levantara a questão da sucessão de Mordred.

- Então, seria Gwydre? - perguntei.

- Seria Gwydre - concordou.

- E ele quer? - perguntei.

- Creio que sim. Ele ouve mais a sua mãe do que a mim.

- Quer que Gwydre venha a ser rei?

- Quero que Gwydre seja aquilo que desejar ser - disse Artur, - e se Mordred não tiver nenhum herdeiro e Gwydre desejar proclamar-se rei, eu o apoiarei.

Ele fitava Guinevere enquanto falava, e calculei que ela fosse a verdadeira força que estava por trás da sua ambição. Ela sempre desejara ser casada com um rei, mas aceitaria ser simplesmente a mãe de um rei, se Artur recusasse o trono.

- No entanto, conforme afirma - prosseguiu Artur, - é uma suposição improvável.

Espero que Mordred tenha muitos filhos, mas se assim não acontecer, e no caso de Gwydre ser chamado a governar, então precisará do apoio cristão. Agora os cristãos governam na *Dumnônia*, não é?

- É verdade, senhor - afirmei, soturnamente.

- Então, seria uma estratégia política da nossa parte respeitar os ritos cristãos no casamento de Gwydre - disse Artur, depois dirigiu-me um sorriso dissimulado. - Vê como a sua filha está prestes a tornar-se rainha?

Sinceramente, tal coisa nunca me ocorrera, e o meu rosto deverá tê-lo espelhado, porque Artur deu uma gargalhada.

- Um casamento cristão não é o que eu desejaria para Gwydre e Morwenna -

admitiu. - Se dependesse de mim, Derfel, seriam casados por Merlim.

- Tem notícias dele, senhor? - perguntei-lhe, com um ar sério.

- Não. Esperava que você tivesse.

- Apenas rumores - afirmei.

Há um ano que Merlim não era visto. Deixara *Mynydd Baddon* levando consigo as cinzas de Gawain ou, pelo menos, uma trouxa que continha os ossos chamuscados e quebradiços de Gawain, e algumas cinzas que talvez pertencessem ao Príncipe defunto ou que bem podiam ser cinzas de madeira. E desde esse dia Merlim não mais fora visto.

Afirmavam alguns rumores que estava no Outro Mundo, outros diziam que se encontrava na Irlanda ou nas montanhas a oeste, mas ao certo ninguém sabia. Ele havia me dito que ia ajudar Nimue, mas onde ela estava também ninguém sabia.

Artur levantou-se e sacudiu a relva das calças.

- Está na hora do jantar - afirmou, - preciso te avisor que Taliesin comprometeu-se a cantar uma canção extremamente entediante sobre *Mynydd Baddon*. Pior, ainda está

inacabada! Ele não deixa de lhe acrescentar versos. Guinevere afirma que é uma obra-prima, e creio que deverá ser, se ela o diz, mas por que razão terei de suportá-la em todos os jantares?

Foi a primeira vez que ouvi Taliesin cantar e fiquei fascinado. Tal como Guinevere me diria mais tarde, era como se ele conseguisse fazer a música descer das estrelas até à terra. Tinha uma voz maravilhosamente pura e conseguia suster uma nota por mais tempo do que qualquer outro bardo que eu ouvira. Mais tarde, ele me disse que fazia exercícios de respiração, algo que eu nunca supusera que necessitava de exercícios, mas isso significava que ele conseguia demorar-se numa nota final enquanto a fazia vibrar até à sua extinção aguda com notas cadenciadas da sua harpa; ou então conseguia fazer o som ecoar por toda a sala e estremecê-la com a sua voz triunfante, e juro que nessa noite de Verão em *Isca*, ele deu de novo vida à batalha de *Mynydd Baddon*.

Ouvi Taliesin cantar muitas vezes, e sempre que o ouvia era com o mesmo assombro.

Contudo, ele era um homem modesto. Conhecia o seu poder e sentia-se bem com ele. Agradava-lhe ter Guinevere como sua protetora, porque ela era generosa, apreciava a sua arte e permitia-lhe que, de vez em quando, passasse algumas semanas fora do palácio. Perguntei-lhe onde ia durante essas ausências, e ele me disse que gostava de visitar as colinas e os vales e cantar para as pessoas humildes.

- E não apenas cantar - disse-me ele, - mas também ouvir. Aprecio as velhas canções. Por vezes, elas apenas se lembram de excertos e eu tento reconstitui-las novamente.

Era importante, afirmava ele, ouvir as canções das pessoas do povo, porque isso lhe dava a conhecer os seus gostos, mas ele também queria cantar-lhes as suas canções.

- É fácil divertir os Lordes - disse ele, - porque precisam de diversões, mas um

agricultor prefere dormir a ouvir canções, e se eu conseguir mantê-lo acordado, então sei que as minhas canções têm mérito. E, por vezes, - disse-me ele, cantava apenas para si mesmo. - Sento-me sob as estrelas e canto - confessou-me, com um sorriso forçado.

- Você prevê mesmo o futuro? - perguntei-lhe, durante esta conversa.

- Sonho com ele - respondeu-me, como se não fosse um dom excepcional. - Mas prever o futuro é como espreitar por entre o nevoeiro e a recompensa quase não vale o esforço. Além disso, senhor, nunca consigo dizer se as minhas visões do futuro vêm dos deuses ou provêm dos meus próprios temores. Afinal, sou um simples bardo.

Creio que ele estava sendo evasivo. Merlim dissera-me que Taliesin permanecera celibatário para preservar o seu dom da profecia, por isso ele devia tê-lo em maior conta do que insinuava, mas depreciava o seu dom para desencorajar os homens a fazerem-lhe perguntas a esse propósito. Creio que Taliesin previu o nosso futuro bem antes de qualquer um de nós ter sequer um vislumbre de como seria, e não quis revelá-lo.

Era um homem muito reservado.

- Um simples bardo? - perguntei, repetindo as suas últimas palavras. - As pessoas afirmam que você é o maior de todos os bardos.

Abanou a cabeça, rejeitando a minha lisonja.

- Um simples bardo - insistiu, - apesar de ter sido sujeito à instrução druida.

Aprendi os mistérios de *Celafydd*, em *Comovia*. Estudei durante sete anos e três meses e, no último dia, quando podia ter recebido o bastão de druida, saí da gruta de *Celafydd* e apelidei-me bardo.

- Porquê?

- Porque - disse ele, após uma longa pausa - um druida tem responsabilidades, e eu não queria tê-las. Gosto de observar, Lorde Derfel, e de narrar. O tempo é uma história, e eu seria o seu narrador, não o seu autor. Merlim quis mudar a história e falhou.

Eu não me atrevo a aspirar a tão altos desígnios.

- Merlim falhou? - perguntei-lhe.

- Não em pequenas coisas - disse Taliesin, calmamente - mas, nas grandes?

Sim. Os deuses afastaram-se ainda mais e desconfio que nenhuma das minhas canções, nem todas as fogueiras de Merlim conseguirão agora fazer com que os deuses regressem. Senhor, o mundo vira-se para o novo Deus, e talvez isso não seja mau. Um Deus é um Deus, e por que razão havemos nós de nos importar com qual governa?

Apenas o orgulho e o hábito nos mantêm presos aos velhos deuses.

- Sugere que todos devíamos tornar-nos cristãos? - perguntei-lhe, com severidade.

- Que deus venera não tem para mim qualquer importância, senhor - disse ele. -

Estou aqui apenas para observar, ouvir e cantar.

E, deste modo, Taliesin cantou, enquanto Artur governava na *Silúria* com Guinevere a seu lado. A minha tarefa era ser um freio das velhacarias de Mordred na *Dumnônia*. Merlim desaparecera, possivelmente no meio do nevoeiro obsidiante do profundo Ocidente. Os Saxões acovardavam-se, mas ainda ansiavam pelas nossas terras e, nos céus, onde não há freios para as suas velhacarias, uma vez mais os deuses lançavam os dados.

Naqueles anos que se seguiram à batalha de *Mynydd Baddon*, Mordred andava feliz. A batalha deixara-lhe um desejo pelo estado de guerra, e ele perseguia-o avidamente. Durante algum tempo, contentara-se em lutar sob o comando de Sagramor, perpretando ataques súbitos na diminuta *Lloegyr* ou derrotando grupos de guerra saxões, que vinham saquear as nossas colheitas e o nosso gado; contudo, após algum tempo sentiu-se frustado com a prudência de Sagramor. O númida não desejava iniciar uma guerra em grande escala com a conquista do território que Cerdic ainda possuía e onde os saxões continuavam fortalecidos. Mordred, porém, desejava desesperadamente outro recontro entre escudos defensivos. Certa vez, ordenou aos lanceiros de Sagramor que o seguissem até ao território de Cerdic, mas os homens recusaram-se a avançar sem ordens expressas de Sagramor, e este proibiu a invasão. Mordred amuou por algum

tempo, mas depois chegou de *Broceliande*, o reino britânico na *Armórica*, um pedido de auxílio, e Mordred comandou um grupo de guerra composto de voluntários para lutar contra os Francos, que atacavam as fronteiras do rei Budic. Permaneceu na *Armórica* por mais de cinco anos, e, durante todo esse tempo, tornou-se célebre. No campo de batalha, disseram-me os homens, era destemido, e as suas vitórias atraíam cada vez mais homens para combater sob o estandarte do dragão. Eram homens sem amo; vagabundos e fora-da-lei que podiam tornar-se ricos com as pilhagens. Mordred dera-lhes um propósito e confiança. Ele reconquistou uma boa parte do antigo reino de Benoic e os bardos começaram a compor canções em sua honra como um Uther renascido, até

mesmo como um segundo Artur, apesar de outras histórias, nunca cantadas pelos bardos, também terem chegado até nós através das águas cinzentas e essas histórias falavam de violações e assassínios, bem como de homens cruéis a quem havia sido permitida uma vida dissoluta.

O próprio Artur lutou durante esses anos, porque, tal como ele próprio havia previsto, alguns dos missionários de Meurig foram massacrados em *Powys*. Meurig pediu o auxílio de Artur, para que punisse os rebeldes que haviam morto os sacerdotes e, desse modo, Artur rumou para norte numa das suas maiores campanhas. Eu não estive presente para ajudá-lo, uma vez que tinha responsabilidades na *Dumnônia*, mas todos ouvimos as histórias que então se contava. Artur convenceu Oengus Mac Airem a atacar os rebeldes fora da *Demétia*, e enquanto os Escudos Negros de Oengus atacavam de oeste, os homens de Artur surgiram do sul. Saindo dois dias depois de Artur, o exército de Meurig encontrou já a rebelião dominada e a maior parte dos assassinos capturada.

Todavia, alguns dos assassinos dos sacerdotes haviam conseguido refúgio em *Gwynedd*, onde Byrthig, o rei da região montanhosa, se recusou a entregá-los. Byrthig esperara, deste modo, usar os rebeldes para conquistar mais terras em *Powys* e, por isso, ignorando o conselho de Meurig para que tivesse cuidado, Artur atacou a norte. Derrotou Byrthig em *Caer Gei* e, depois, sem interrupção e usando ainda a desculpa de que alguns dos assassinos dos sacerdotes haviam fugido mais para norte, conduziu o seu grupo de guerra pela Estrada Sombria, introduzindo-se no temido reino de *Lleyn*. Oengus seguiu-o, e nas areias de *Foryd*, onde o rio *Gwyrfair* corre para o mar, Oengus e Artur cercaram o rei Diwrnach com as duas forças, dominando, deste modo, os Escudos Sanguinários de *Lleyn*. Diwrnach foi assim subjugado, tendo sido massacrados mais de cem

lanceiros seus, e tendo os restantes fugido em pânico. Em dois meses de Verão, Artur terminara com a rebelião em *Powys*, intimidara Byrthig e destruira Diwrnach, e com este último cumprira o juramento feito a Guinevere de vingar a perda do reino de seu pai. Leodegan, o seu pai, fora Rei de *Henis-Wyren*, mas Diwrnach viera da Irlanda, tomara *Henis-Wyren* de assalto, chamara-lhe *Lleyn* e, deste modo, transformara Guinevere numa exilada arruinada. Agora, Diwrnach estava morto e julguei que Guinevere insistisse para que o seu reino capturado fosse entregue ao seu filho. Contudo, não levantou objeções quando Artur deixou *Lleyn* à guarda de Oengus, na esperança de que isso mantivesse os seus Escudos Negros muito ocupados para empreenderem ataques súbitos a *Powys*. Melhor era, disse-me mais tarde Artur, que *Lleyn* tivesse um governante irlandês, já que a grande maioria da sua população era irlandesa, e Gwydre seria sempre um estrangeiro para eles.

Deste modo, o filho mais velho de Oengus governou em *Lleyn* e Artur levou para *Isca*, e para Guinevere, a espada de Diwrnach como troféu.

Não presenciei nada disto, porque governava a *Dumnônia* onde os meus lanceiros cobravam os impostos de Mordred e faziam cumprir a sua justiça. Issa fazia a maior parte do trabalho, já que agora era Lorde por direito próprio, e eu entregara-lhe metade dos meus lanceiros. Também já era pai, e Scarach, a sua esposa, esperava outro filho. Ela vivia conosco em *Dun Carie*, de onde Issa partia para ir patrulhar o país, e de onde, todos os meses e agora cada vez com mais relutância, eu saía dirigindo-me a sul para assistir ao Conselho Real em *Durnovária*. Argante presidia a essas reuniões, já que Mordred ordenara que a sua rainha assumisse o seu alto cargo no conselho. Nem Guinevere assistira jamais às reuniões do conselho, mas Mordred insistira e, deste modo, Argante convocava o conselho, tendo como seu principal aliado o bispo Sansum. Tinham-lhe sido destinados bons aposentos no palácio e sussurrava continuamente ao ouvido de Argante, enquanto Fergal, o seu Druida, lhe sussurrava no outro. Sansum declamou ódio a todos os pagãos, porém, ao perceber que não teria qualquer poder a menos que o partilhasse com Fergal, o seu ódio desvaneceu-se numa sinistra aliança. Morgana, a esposa de Sansum, regressara para *Ynys Wydryn* depois da batalha de *Mynydd Baddon*, mas Sansum permanecera em *Durnovária*, preferindo as confidências da Rainha à

companhia da mulher.

Argante apreciava o exercício do poder real. Não creio que ela sentisse um

grande amor por Mordred, mas tinha de fato, uma paixão por dinheiro, e ao permanecer na *Dumnônia* garantia que a maior parte dos impostos do país lhe passasse pelas mãos.

Ela pouco fez com a fortuna. Não construiu, como Artur e Guinevere haviam feito, não se importou com a restauração de pontes ou de fortes, limitando-se a vender os impostos, quer fossem pagos em sal, cereais ou peles, em troca de ouro. Enviava algum do ouro ao seu esposo, que pedia continuamente mais dinheiro para o seu grupo de guerra, mas a maior parte ela empilhava nas caves do palácio até o povo de *Durnovária* crer que a sua cidade estava construída sobre alicerces de ouro. Há muito que Argante recuperara o tesouro que eu escondera junto ao Caminho Valado, e a esse juntava ela agora mais e mais, sendo encorajada no entesouramento pelo bispo Sansum que, também na qualidade de Bispo de toda a *Dumnônia*, fora nessa altura nomeado Primeiro Conselheiro e Tesoureiro Real. Eu não tinha dúvidas de que ele usava o último cargo para retirar pequenas somas do tesouro para o seu próprio armazenamento oculto. Certo dia, acusei-o disso e, de imediato, ele fez uma expressão ofendida.

- Não me interessa o ouro, senhor - disse ele piamente. - Não nos ordena nosso Senhor que não juntemos tesouros na terra, mas no céu?

Fiz uma careta.

- Ele pode ordenar o que bem lhe aprouver - afirmei, - que continuará vendendo a sua alma por ouro, Bispo, e assim deverá fazer, porque é um bom negócio.

Ele lançou-me um olhar desconfiado.

- Um bom negócio? Porquê?

- Porque trocaria imundície por ouro, claro - respondi.

Eu não conseguia fingir que não gostava de Sansum, nem ele que não gostava de mim. O *Lorde Rato* acusava-me, continuamente, de falsear os impostos dos homens em troca de favores e, como prova desta acusação, ele referia o fato de, em cada ano consecutivo, menos dinheiro chegar aos cofres do tesouro. Essa quebra, porém, nada tinha que ver comigo. Sansum convencera Mordred a assinar um decreto que isentava todos os cristãos do pagamento de impostos, e atrevo-me a dizer que a Igreja nunca encontrou melhor forma de conseguir tantos convertidos, apesar de Mordred ter revogado a lei assim que percebeu do

grande número de almas cristãs e do pouco ouro que amealhava. Então, Sansum convenceu o Rei de que a Igreja, e apenas ela, devia ficar responsável pela coleta dos impostos dos cristãos. Isto aumentou o lucro durante um ano, mas fê-lo decrescer daí em diante, quando os cristãos descobriram que pagavam menos subornando Sansum do que pagando ao seu rei. Então, Sansum propôs duplicar os impostos de todos os pagãos, mas Argante e Fergal opuseram-se a essa medida. Por sua vez, Argante sugeriu que todos os impostos dos saxões duplicassem, mas Sagramor recusou-se a coletar o aumento, afirmando que isso apenas provocaria a rebelião nas regiões de *Lloengyr*, onde havíamos nos instalado. Não admirava que eu odiasse comparecer a essas reuniões do conselho, e ao cabo de um ano ou dois de semelhantes altercações infrutíferas, abandonei definitivamente as reuniões. Issa continuou a coletar os impostos, mas apenas os homens honestos pagavam, e em cada ano que passava o número destes também parecia diminuir, por isso Mordred queixava-se continuamente de estar cada vez mais pobre, enquanto Sansum e Argante enriqueciam.

Argante ficou rica, mas continuava sem procriar. Por vezes, visitava *Broceliande* e, muito espaçadamente, Mordred regressava a *Dumnônia*. Todavia, o seu ventre não adquiria volume depois de tais visitas. Ela orava, fazia sacrifícios e visitas a nascentes sagradas na tentativa de ter um filho, mas continuava estéril. Recordo-me do fedor nas reuniões do conselho quando ela andava com uma faixa suja com as fezes de um recém-nascido, supostamente um tratamento para a esterilidade. No entanto, aquilo não resultou melhor do que as infusões de briónio e mandrágora que bebia diariamente. Talvez Sansum a tenha convencido que apenas o cristianismo podia conceder-lhe esse milagre, já que, dois anos depois de Mordred ter partido a primeira vez para *Broceliande*, Argante escorraçou o seu druida, Fergal, do palácio e foi publicamente batizada no rio Ffraw, que corre ao longo da orla norte de *Durnovária*. Durante seis meses, ela assistiu diariamente ao serviço religioso na enorme igreja que Sansum construira no centro da cidade, mas ao cabo desse tempo o seu ventre continuava tão liso como estivera antes de ter entrado no rio. Foi, então, ordenado a Fergal que voltasse para o palácio e trouxesse consigo novas misturas de excrementos de morcego e sangue de doninha, que supostamente tornariam Argante fértil.

Por essa época, Gwydre e Morwenna estavam casados e tinham tido o seu primeiro filho, um rapaz, ao qual haviam posto o nome de Artur, que, desde então, ficara conhecido por Artur-bach, Artur, o *Pequeno.* A criança foi batizada pelo bispo Emrys e Argante viu a cerimônia como uma provocação. Ela sabia que, nem Artur nem Guinevere eram devotos fervorosos do cristianismo e que,

ao batizarem o seu neto, estavam apenas tentando conquistar os cristãos da *Dumnônia*, cujo apoio seria necessário caso Gwydre viesse a ser pretendente ao trono. Além disso, a simples existência de Artur-bach era um vexame para Mordred. Um rei devia ser fecundo, era seu dever, e Mordred falhava nesse dever. Não importava que tivesse gerado bastardos de uma ponta à outra da *Dumnônia* e da *Armórica*, ele não conseguia gerar um herdeiro no ventre de Argante e a rainha falava, sombriamente, do seu pé aleijado, recordava-se dos maus presságios do seu nascimento e olhava com azedume para a *Silúria*, onde a sua rival, a minha filha, mostrava ser capaz de dar à luz novos príncipes. O desespero da rainha aumentou ainda mais, chegando mesmo a gastar, abundantemente o seu tesouro para pagar com ouro a todos os impostores que lhe prometessem um ventre dilatado. Todavia, nenhuma das feiticeiras da Bretanha conseguiu ajudá-la a conceber e os rumores eram verdadeiros, nem metade dos lanceiros da guarda do seu palácio. E, durante todo esse tempo, Gwydre aguardava na *Silúria*, e Argante sabia que se Mordred morresse, Gwydre governaria na *Dumnônia* a menos que ela conseguisse gerar um herdeiro.

Naqueles primeiros anos do governo de Mordred, fiz o possível para preservar a paz na *Dumnônia* e, durante algum tempo, os meus esforços foram auxiliados pela ausência do rei. Nomeei os magistrados e, desse modo, garanti que a justiça de Artur continuasse. Artur sempre gostara de boas leis, afirmando que elas uniam um país como as tábuas de salgueiro de um escudo são mantidas fixas pela sua cobertura de couro; e ele tivera uma tarefa árdua nomeando magistrados em quem podia confiar pela sua imparcialidade. Na sua maioria, eram proprietários rurais, mercadores e sacerdotes, e quase todos eram suficientemente abastados para resistirem aos efeitos corrosivos do ouro. Se os homens conseguirem comprar a lei, sempre dissera Artur, então a lei torna-se desnecessária. Os seus magistrados eram famosos pela sua honestidade, mas não demorou muito até as pessoas da *Dumnônia* descobrirem que os magistrados podiam ser contornados. Ao entregarem quantias em dinheiro a Sansum ou a Argante, eles tinham garantias de que Mordred escreveria da *Armórica* ordenando que uma decisão fosse alterada e, deste modo, ano após ano, dei comigo a lutar contra uma onda crescente de pequenas injustiças. Os magistrados honestos preferiram demitir-se a verem as suas decisões serem continuamente alteradas, ao passo que homens que podiam submeter as suas questões à avaliação de um tribunal preferiam resolvê-las com as lanças. Esta erosão da lei foi um processo lento, mas não consegui travá-la. Devia ser um freio para o temperamento caprichoso de Mordred, mas Argante e Sansum eram

esporas gêmeas, e as esporas triunfavam sobre o freio.

No entanto, em geral, foram tempos felizes. Poucos viviam mais de quarenta anos, todavia Ceinwyn e eu passáramos essa idade e, graças aos deuses, ambos em perfeita saúde. O casamento de Morwenna encheu-nos de alegria, e o nascimento de Artur-bach ainda mais; um ano mais tarde, a nossa filha Seren desposou Ederyn, o herdeiro de *Elmet*. Foi um casamento dinástico, porque Seren era prima direita de Perddel, Rei de *Powys*, e o casamento não foi contraído por amor, mas para fortalecer a aliança entre *Elmet* e *Powys*. Apesar de Ceinwyn se opor ao casamento, por não ver sinais de afeto entre Seren e Ederyn, Seren preparou o seu coração para ser rainha e, deste modo, desposou o herdeiro, indo viver para bem longe de nós. Pobre Seren, nunca chegou a ser rainha, porque morreu ao dar à luz o seu primeiro filho, uma menina que viveria apenas mais meio dia do que a sua mãe. Foi assim que a segunda das minhas três filhas entrou no Outro Mundo. Choramos por Seren, apesar de estas lágrimas não serem tão amargas como as que havíamos derramado pela morte de Dian, que morrera tão cruelmente jovem. No entanto, apenas um mês após a morte de Seren, Morwenna deu à luz o seu segundo filho, uma menina, a quem ela e Gwydre chamaram Seren, e aqueles netos enchiam as nossas vidas de uma vivacidade crescente. Não vinham à

Dumnônia, por poderem aí correr o perigo de serem alvo dos ciúmes de Argante, mas Ceinwyn e eu íamos com bastante frequência à *Silúria*. Na verdade, as nossas visitas tornaram-se tão frequentes que Guinevere manteve no palácio aposentos exclusivamente destinados à nossa utilização, e, passado algum tempo, passávamos mais tempo em *Isca* do que em *Dun Carie*. A minha barba e o meu cabelo tornavam-se grisalhos e eu contentava-me em deixar que Issa lutasse com Argante, enquanto eu brincava com os meus netos. Construí uma casa para a minha mãe na costa da *Silúria*, todavia nessa época estava já tão demente que não sabia o que se passava e não deixava de tentar regressar ao seu casebre de madeira, na falésia acima do mar. Morreu no Inverno, vitimada por uma peste e, tal como prometera a Aelle, enterrei-a como uma saxã com os pés virados para norte.

A *Dumnônia* ficou enfraquecida e parecia haver pouco que eu pudesse fazer para impedir aquela decadência, uma vez que Mordred tinha poder suficiente para me contornar. Issa, porém, preservou a ordem e a justiça que conseguiu, enquanto Ceinwyn e eu passávamos cada vez mais tempo na *Silúria*. Que doces recordações conservo de *Isca*; memórias de dias solarengos com Taliesin

entoando canções de embalar e Guinevere motejando com afabilidade da minha felicidade, quando elevava Artur-bach e Seren num escudo virado ao contrário e caminhava pela relva. Artur entrava nos jogos, porque sempre adorara crianças e, por vezes, Galaad estava presente, pois juntara-se a Artur e a Guinevere no seu confortável exílio.

Galaad ainda não se casara, apesar de, nessa época, ter uma criança a seu cargo, o seu sobrinho, o Príncipe Peredur, filho de Lancelot, que fora encontrado vagueando, desfeito em lágrimas, por entre os mortos de *Mynydd Baddon*. À medida que crescia, Peredur ia-se tornando cada vez mais parecido com o seu pai, com a mesma pele escura, o mesmo rosto magro e esbelto e o mesmo cabelo preto; mas em carácter saía a Galaad, não a Lancelot. Era um rapaz esperto, sério e sincero e estava ansioso por se tornar um bom cristão. Não sei quanto da história de seu pai ele sabia, mas Peredur sentia-se sempre intimidado na presença de Artur e de Guinevere, e creio que ambos o achavam perturbador. Não era por culpa sua, mas antes porque o seu rosto lhes recordava aquilo que todos preferíamos esquecer, e ambos ficaram satisfeitos quando, aos doze anos, Peredur foi enviado para a corte de Meurig, em *Gwent*, para aprender as artes de guerreiro. Era um bom rapazinho, porém, com a sua partida, foi como se uma sombra se dissipasse de *Isca*. Anos mais tarde, bem depois da história de Artur ter terminado, cheguei a conhecer bem Peredur e a reconhecer-lhe o valor que reconheceria em qualquer outro homem.

Peredur pode ter perturbado Artur, mas pouco mais sombras houve que o perturbassem. Naqueles dias sombrios, em que as pessoas olhavam para trás e se recordavam do que haviam perdido com a partida de Artur, normalmente falavam da *Dumnônia*; mas outros também choravam pela *Silúria*, porque durante aqueles anos ele concedeu àquele reino abandonado uma época de paz e justiça. No entanto, continuava a haver doença e pobreza, e os homens não cessavam de se embriagar e de matarem-se uns aos outros apenas porque Artur governava. As viúvas, porém, sabiam que os seus tribunais as compensariam, e os esfomeados sabiam que os seus celeiros tinham mantimentos para um Inverno inteiro. Nenhum inimigo empreendeu ataques súbitos à

fronteira da *Silúria*, e apesar da religião cristã se espalhar rapidamente pelos vales, Artur não deixou que os seus sacerdotes profanassem os santuários pagãos, nem permitiu que os pagãos atacassem as igrejas cristãs. Nesses anos, ele transformou a *Silúria* naquilo com que sonhara para toda a Bretanha: num céu. Não havia crianças escravizadas, as colheitas não eram queimadas e os

grupos de guerra não devastavam as herdades.

Todavia, para lá das fronteiras marítimas, coisas sombrias agigantavam-se. A ausência de Merlim era uma delas. Passavam os anos, e continuava a não haver notícias, e após algum tempo as pessoas presumiram que o druida teria morrido, porque seguramente nenhum homem, nem mesmo Merlim, conseguia viver tanto tempo. Meurig era um vizinho incômodo e irascível, pedindo continuamente impostos mais elevados ou uma expurgação dos druidas que viviam nos vales da *Silúria*, apesar de Tewdric, o seu pai, ser uma influência moderada quando se conseguia despertá-lo da sua auto-imposta existência próxima da inanição. *Powys* permaneceu enfraquecida, e a *Dumnônia* tornou-se, de forma sempre crescente, um reino sem lei, apesar de ser poupado ao pior do governo de Mordred devido à sua ausência. Apenas na *Silúria*, conforme parecia, reinava a felicidade, e Ceinwyn e eu começamos a pensar que viveríamos o resto dos nossos dias em *Isca*. Tínhamos riqueza, amigos, uma família, e éramos felizes.

Em suma, estávamos satisfeitos conosco, e o destino nunca fora inimigo do comprazimento, e o destino, tal como Merlim sempre me disse, é inexorável.

Eu caçava com Guinevere nas colinas a norte de *Isca* quando, pela primeira vez, ouvi falar da calamidade de Mordred. Estávamos no Inverno, as árvores não tinham folhas, e os estimados galgos escoceses de Guinevere haviam acabado de perseguir um enorme veado vermelho, quando um mensageiro de *Dumnônia* me encontrou. O homem entregou-me uma carta, depois ficou observando, de olhos arregalados, enquanto Guinevere avançava com dificuldade por entre os cães, que rosnavam, para libertar o animal do seu sofrimento com uma estocada misericordiosa da sua pequena lança. Os seus batedores afastaram os cães de cima da carcaça com chibatadas e, depois, agarraram as suas facas para retirarem as vísceras do veado. Desenrolei o pergaminho, li a breve mensagem e olhei para o mensageiro.

- Mostrou isto a Artur?

- Não, senhor - respondeu o homem. - A carta era dirigida ao senhor.

- Leve-a, então - ordenei, estendendo-lhe a folha de pergaminho.

Feliz, salpicada de sangue, Guinevere afastou-se da carcaça.

- Você parece ter recebido más notícias, Derfel.

- Pelo contrário afirmei, são boas notícias. Mordred foi ferido.

- Ótimo! - exultou Guinevere. - Com gravidade, espero?

- Assim parece. Um golpe de machado na perna.

- Pena é que não tenha sido no coração. Onde está ele?

- Ainda na *Armórica* - afirmei.

A mensagem fora ditada por Sansum, e afirmava que Mordred fora surpreendido e derrotado por um exército chefiado por Clóvis, sua Magestade, o Rei dos Francos, e que o nosso rei fora ferido com gravidade numa perna, no campo de batalha. Ele fugira, e estava agora cercado por Clóvis num dos antigos fortes, no topo de uma colina da antiga *Benoic*. Presumi que Mordred teria passado o Inverno no território que conquistara dos Francos e do qual pensara, sem dúvida, fazer um segundo reino para lá do mar, mas Clóvis conduzira o seu exército franco para oeste numa surpreendente campanha de Inverno. Mordred fora derrotado e, apesar de ainda viver, estava cercado.

- Quão fidedignas podem ser as notícias? - perguntou Guinevere.

- Bastante - respondi. - O rei Budic enviou um mensageiro a Argante.

- Excelente! - disse Guinevere. - Excelente! Façamos votos para que os francos o matem - recuou até à volumosa pilha de restos escorregadios, à procura de um pedaço pequeno para um dos seus adorados cães. - Eles o matarão, não é?

- Os Francos não são conhecidos pela sua misericórdia - afirmei.

- Espero que dancem em cima dos seus ossos - disse ela. - Autodenominar-se segundo Uther!

- Ele lutou bem por algum tempo, senhora.

- O que importa não é que lute bem, Derfel, é se vence ou não a última batalha -

atirou pedaços das entranhas do veado aos seus cães, limpou a lâmina da faca na sua túnica, depois atirou-a para o interior do estojo. - Então, o que Argante quer de você? -

perguntou-me. - Um resgate?

Argante pedia exatamente isso, bem como Sansum, razão pela qual ele me escrevera. A sua mensagem ordenava-me que marchasse com todos os meus homens para a costa sul, que nos metêssemos em barcos e fôssemos resgatar Mordred. Disse isto a Guinevere e ela lançou-me um olhar breve e motejador.

- E vai me dizer que seu juramento para com o canalhazinho te forçará a obedecer?

- Não prestei nenhum juramento a Argante - afirmei, - e seguramente nenhum a Sansum.

O *Lorde Rato* bem podia ordenar aquilo que quisesse, mas eu não precisava lhe obedecer nem ao desejo de ninguém de salvar Mordred. Além disso, tive dúvidas que um exército pudesse ser embarcado para *Armórica* no Inverno e, ainda que os meus lanceiros sobrevivessem à agitada travessia, estariam em número muito reduzido para defrontarem os Francos. O único auxílio com que Mordred podia contar era o do velho rei Budic de *Broceliande*, casado com Anna, a irmã mais velha de Artur. Mas enquanto Budic podia sentir-se feliz por ter Mordred matando os francos na região que outrora fora Benoic, não desejaria, por certo, atrair a atenção de Clóvis ao enviar lanceiros para salvarem Mordred. Pensei que Mordred estava condenado. Se a sua ferida não o matasse, Clóvis o faria.

Até o final do Inverno, Argante não deixou de me enviar mensagens, para que levasse os meus lanceiros para lá do oceano, mas eu permaneci na *Silúria* e ignorei-a. A Issa chegaram as mesmas exigências, mas ele recusou-se liminarmente a obedecer, enquanto Sagramor atirou simplesmente as mensagens de Argante para a fogueira. Ao ver o seu poder fugir-lhe com a diminuta vida do seu esposo, o desespero de Argante foi aumentando, chegando a oferecer ouro aos lanceiros que navegassem para a *Armórica*.

Apesar de muitos receberem o ouro, preferiram rumar para oeste, para *Kernow*, ou apressarem-se para norte, penetrando em *Gwent*, em vez de navegarem para sul, onde o cruel exército de Clóvis aguardava. E enquanto Argante desesperava, as nossas esperanças aumentavam. Mordred estava cercado e doente e, mais cedo ou mais tarde, chegariam notícias da sua morte, e quando isso acontecesse, planejavamos nos dirigir para a *Dumnônia* sob o estandarte de Artur com Gwydre como nosso pretendente ao trono. Sagramor viria da fronteira saxã para

nos apoiar, e nenhum homem na *Dumnônia* teria poder suficiente para nos fazer frente.

Porém, outros homens pensavam igualmente no trono da *Dumnônia*. Constara-me isso no início da Primavera, quando o Santo Tewdric morrera. Artur espirrava e tremia com a última das constipações daquele Inverno, e pediu a Galaad que fosse assistir aos ritos fúnebres do velho rei, em *Burrium*, a capital de *Gwent*, situada a pouca distância de *Isca*. Galaad, por sua vez, pediu-me que o acompanhasse. Senti grande pesar por Tewdric, que provara ser para nós um bom amigo, mas, não desejava assistir ao seu funeral para não ser forçado a suportar a interminável monotonia dos ritos cristãos. Artur, no entanto, juntou os seus rogos aos de Galaad.

- Nós vivemos aqui por vontade de Meurig - recordou-me ele - e devemos fazer o possível por lhe mostrar respeito. Eu iria, se pudesse - fez uma pausa para espirrar, - mas Guinevere diz que será a minha morte.

Então, Galaad e eu fomos no lugar de Artur e, na verdade, o serviço fúnebre pareceu não ter fim. Realizou-se numa enorme igreja semelhante a um celeiro, que Meurig construíra no ano que marcava o suposto quinto centenário do aparecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo nesta terra cheia de pecado. Depois dos crentes, no interior da igreja, estarem todos rezando ou cantando, tivemos de suportar ainda mais crentes junto à sepultura de Tewdric. Não havia pira funerária nem lanceiros cantando, apenas um buraco frio no chão, um grande número de sacerdotes de cabelo bem curto, e uma pressa pouco digna para regressarem à cidade e às suas tabernas depois de Tewdric ter sido, finalmente, enterrado.

Meurig ordenou-nos, a Galaad e a mim, que jantássemos com ele. Peredur, o sobrinho de Galaad, acompanhou-nos, bem como o Bispo de *Burrium*, uma alma sombria de nome Lladarn, que fora responsável pela mais entediante das orações do dia, e que iniciou o jantar com outra oração igualmente demorada, depois da qual fez um solene inquérito sobre o estado da minha alma, ficando ofendido quando lhe assegurei que estava salva à guarda de Mitras. Respostas semelhantes teriam normalmente irritado Meurig, mas ele estava muito distraído para reparar na provocação. Sei que não estava indevidamente perturbado com a morte de seu pai, porque Meurig ainda estava sentido por Tewdric ter lhe retirado o poder na época de *Mynydd Baddon*, mas pelo menos simulou estar destroçado, e enfastiou-nos com falsos elogios à santidade e sagacidade de seu pai. Expressei

o desejo de que a morte de Tewdric tivesse sido misericordiosa e Meurig disse-me que o seu pai jejuara até morrer, na tentativa de imitar os anjos.

- No final, nada restou dele - enfatuou o bispo Lladarn, - era apenas pele e osso, pele e osso! Mas os monges dizem que a sua pele estava inundada com uma luz celestial, louvado seja Deus!

- E, agora, o santo está sentado à direita de Deus Pai - disse Meurig, fazendo o sinal da cruz - onde um dia me encontrarei com ele. Prove uma ostra, Senhor.

Empurrou uma travessa de prata na minha direção, depois serviu-se de vinho.

Era um jovem pálido com olhos protuberantes, uma barba fina e uns modos irritantemente pedantes. Tal como seu pai, imitava os modos romanos. Usava uma grinalda de bronze no cabelo curto, vestia uma toga e comia deitado num canapé. Os canapés eram, imensamente desconfortáveis. Desposara uma Princesa de Rheged, triste e parecida com um boi, que chegara a *Gwent* pagã, gerara gêmeos masculinos e depois deixara que o cristianismo penetrasse na sua alma teimosa. Ela apareceu por breves instantes na sala de jantar debilmente iluminada, olhou-nos de soslaio, não comeu nem disse nada, depois desapareceu tão misteriosamente como chegara.

- Você tem notícias de Mordred? - perguntou-nos Meurig, depois da breve visita da sua esposa.

- Nada ouvimos de novo, meu rei e senhor - disse Galaad. - Ele está cercado por Clóvis, mas não sabemos se vive ou não.

- Eu tenho notícias - disse Meurig, satisfeito por as ter ouvido antes de nós. -

Chegou ontem de *Broceliande* um mercador e nos disse que Mordred está prestes a morrer. A sua ferida está ulcerando o rei, - palitou os dentes com uma lasca de marfim. -

Tem de ser o castigo de Deus, príncipe Galaad, o castigo de Deus.

- Louvado seja o Seu nome - interveio o bispo Lladarn.

A barba grisalha do Bispo era tão comprida que desaparecia por trás do seu canapé. Ele usava a barba como uma toalha, limpando a gordura que lhe pingava

das mãos às suas compridas e imundas tranças.

- Ouvimos tais rumores antes, meu rei e senhor - afirmei.

Meurig encolheu os ombros.

- O mercador parecia estar muito seguro de si - disse ele, depois enfiou com dois dedos uma ostra pela boca abaixo. - Então, se Mordred ainda não estiver morto -

prosseguiu, - certamente estará em breve, e sem deixar filhos!

- É verdade - disse Galaad.

- E Perddel de *Powys* também não tem filhos - continuou Meurig.

- Perddel não é casado, meu rei e senhor - chamei eu a atenção.

- Mas parece que ele irá se casar? - quis Meurig saber.

- Tem-se dito que ele casará com uma Princesa de *Kernow* - afirmei - e alguns dos reis irlandeses ofereceram as suas filhas, mas a sua mãe deseja que ele aguarde um ano ou dois.

- Ele é orientado pela mãe, não é? Não admira que seja fraco - disse Meurig, na sua voz petulante e num tom bastante alto, - fraco. Soube que as colinas a oeste de *Powys* estão cheias de homens fora-da-lei?

- Eu também ouvi o mesmo, meu rei e senhor - afirmei.

As montanhas junto ao mar Irlandês haviam sido infestadas por homens sem amo desde a morte de Cuneglas, e depois da campanha de Artur em *Powys*, *Gwynedd* e *Lleyn* nada mais haviam feito senão aumentar o seu número. Alguns desses refugiados eram lanceiros dos Escudos Sanguinários de Diwrnach e, agregados aos homens descontentes de *Powys*, podiam mostrar-se uma nova ameaça para o trono de Perddel.

Todavia, até então eles pouco mais haviam sido do que um incômodo. Empreendiam ataques súbitos ao gado e às colheitas, raptavam crianças para fazerem delas escravos, depois retiravam-se rapidamente para os seus esconderijos na colina para evitarem retaliações.

- E Artur? - perguntou Meurig. - Como o deixou?

- Não muito bem, meu rei e senhor - disse Galaad. - Ele teria preferido estar aqui, mas, infelizmente, está com uma febre de Inverno.

- Não é coisa séria? - perguntou Meurig, com uma expressão de quem sugeria que preferia que a constipação de Artur fosse fatal. - Esperemos que não, claro -

acrescentou apressadamente, - mas ele está velho, e os velhos sucumbem a coisas insignificantes da qual um jovem se libertaria facilmente.

- Não creio que Artur seja velho - afirmei.

- Deverá estar próximo dos cinquenta anos! - notou Meurig, indignado.

- Apenas dentro de um ou dois anos - respondi.

- Mas está velho - insistiu Meurig, - velho.

Ficou calado e eu lancei um olhar furtivo pelos aposentos do palácio, iluminados por mechas acesas em suportes de bronze achatados e cheios de óleo. Depois dos cinco canapés e de uma mesa baixa, não havia outra mobília e a única decoração era uma escultura de Cristo na cruz, pendurada bem alto numa parede. O Bispo roía uma costeleta de porco, Peredur estava sentado em silêncio, enquanto Galaad observava o rei com um olhar de vago divertimento. Meurig voltou a palitar os dentes, depois apontou-me a lasca de marfim.

- O que acontece se Mordred morrer? - Pestanejou, rapidamente, algo que sempre fazia quando estava nervoso.

- Terá de ser encontrado um novo rei, meu rei e senhor - afirmei, casualmente, como se a pergunta não tivesse para mim grande importância.

- Sei bem que terá de ser assim - disse ele, com azedume - mas quem?

- Os Lordes da *Dumnônia* decidirão - afirmei, evasivamente.

- E escolherão Gwydre? - Voltou a pestanejar, como se me desafiasse. - É isso que soube, eles escolherão Gwydre! Não estou certo?

Eu nada lhe disse e, por fim, Galaad respondeu ao rei.

- Certamente que Gwydre tem direito, meu eei e senhor - disse ele, cauteloso.

- Ele não tem direito nenhum, nenhum! Nenhum! - Meurig guinchava, irado. - O

seu pai, tenho de lhes recordar, é um bastardo!

- Tal como eu, meu rei e senhor - intervim.

Meurig ignorou esta minha observação.

- ”Um bastardo não deverá entrar para a congregação do Senhor!” - insistiu. -

Assim dizem as Escrituras. Não é assim, Bispo?

- ”Até à décima geração, o bastardo não deverá entrar na congregação do Senhor”, meu rei e senhor - salmodiou Lladarn, depois fez o sinal da cruz. - Graças à Sua sabedoria e orientação, meu rei e senhor.

- Aí está! - afirmou Meurig, como se toda a sua argumentação estivesse deste modo provada.

Sorri.

- Meu rei e senhor - chamei a atenção, com delicadeza, - se devêssemos negar o reinado aos descendentes de bastardos, não teríamos reis.

Ele fitou-me com os seus olhos mortiços e salientes, tentando perceber se eu insultava a sua própria linhagem, mas deverá ter decidido não iniciar uma contenda.

- Gwydre é um jovem - disse ele,- e não o filho de um rei. Os saxões estão ficando cada vez mais fortes e *Powys* é mal governada. À Bretanha faltam chefes, Lorde Derfel, faltam reis fortes!

- Diariamente damos graças ao Senhor, porque a sua estremosa pessoa prova o contrário, meu rei e senhor - afirmou Lladarn, untuosamente.

Pensei que a lisonja do Bispo nada mais fosse do que uma réplica elegante, o tipo de frase cortês sem sentido que se diz sempre aos reis, mas Meurig tomou-a

como uma verdade contida nos Evangelhos.

- Justamente! - disse o rei com entusiasmo, depois fitou-me com os olhos bem abertos como se esperasse que eu ecoasse os sentimentos do Bispo.

- Em vez de fazê-lo, perguntei-lhe.

- Quem o senhor gostaria de ver no trono da *Dumnônia*, meu rei e senhor? - O

seu pestanejo repentino e rápido mostrou que ficara desconcertado com a pergunta. A resposta era óbvia: Meurig queria o trono para si mesmo. Antes dos acontecimentos de *Mynydd Baddon*, ele tentara, afincadamente, conquistá-lo, e a sua insistência para que o exército de *Gwent* não ajudasse Artur a combater os Saxões a menos que Artur renunciasse ao seu próprio poder fora um esforço sagaz para enfraquecer o trono da *Dumnônia*, na esperança de que este, um dia, ficasse vago. No entanto, pelo menos agora, ele via a sua oportunidade, embora não se atrevesse a anunciar abertamente a sua própria candidatura até as notícias definitivas sobre a morte de Mordred chegarem à

Bretanha.

- Eu apoiarei - disse ele - qualquer pretendente que mostre ser um discípulo de nosso Senhor Jesus Cristo - fez o sinal da cruz. - Não posso apoiar nenhum outro, porque sirvo Deus Todo-Poderoso.

- Nosso Senhor seja louvado! - disse o Bispo, rapidamente.

- E eu estou seguramente informado, Lorde Derfel - prosseguiu Meurig, seriamente - que os cristãos da *Dumnônia* reclamam um bom governante cristão.

Reclamam!

- E quem o informou dessa reclamação, meu rei e senhor? - perguntei num tom de voz de tal modo ácido que o pobre Peredur pareceu alarmado. Meurig não respondeu, mas eu também não esperava que ele o fizesse, por isso, eu próprio a dei. - O Bispo Sansum? - sugeri, e vi pela expressão de indignação de Meurig que estava certo.

- Porque você acha que Sansum tem alguma coisa a dizer em relação a este assunto? - perguntou-me Meurig, corado.

- Sansum vem de *Gwent*, não é assim, meu rei e senhor? - inquiri-lhe, e Meurig ruboresceu ainda mais, tornando óbvio que Sansum, de fato, conspirava para colocá-lo no trono da *Dumnônia*. E Meurig, Sansum podia ficar tranquilo, não se esqueceria de recompensá-lo ainda com mais poder.

- Mas não creio que os cristãos da *Dumnônia* necessitem da sua proteção, meu rei e senhor - prossegui - nem da de Sansum. Tal como seu pai, Gwydre é um amigo da sua religião.

- Um amigo! Artur, um amigo de Cristo! - gritou-me, irado, o bispo Ladarn. -

Existem santuários pagãos na *Silúria*, animais são oferecidos em sacrifícios aos velhos deuses, as mulheres dançam nuas ao luar, são passadas crianças através das chamas, os druidas tagarelam! - Gotas de saliva saltaram da boca do Bispo enquanto enumerava, rapidamente, esta lista de iniquidades.

- Sem a bênção do governo de Cristo - Meurig inclinou-se para mim, - não poderá

haver paz.

- Não poderá haver paz, meu rei e senhor - afirmei, diretamente - enquanto dois homens desejarem o mesmo reino. O que deseja que eu comunique ao meu genro?

Meurig estava de novo desconcertado com a minha frontalidade. Ele dedilhava a concha de uma ostra, ao mesmo tempo que considerava a sua resposta. Depois encolheu os ombros.

- Pode garantir a Gwydre que ele terá terras, honra, posição e a minha proteção -

afirmou, pestanejando rapidamente, - mas não o verei tornar-se rei da *Dumnônia*.

Agora ruborescia, de fato, enquanto proferia as últimas palavras. Era um homem inteligente, mas um covarde, e deveria estar fazendo um enorme esforço para se expressar de forma tão rude.

Talvez ele temesse a minha ira, mas devolvi-lhe uma resposta cortês.

- Eu lhe direi, meu rei e senhor - afirmei, apesar de, na verdade, a mensagem não

se dirigir a Gwydre, mas a Artur. Meurig não só declarava a sua intenção de governar a *Dumnônia*, como avisava Artur que o formidável exército de *Gwent* se oporia a que Gwydre se apresentasse como pretendente ao trono.

O bispo Lladarn fez uma vênia a Meurig e proferiu um sussurro apressado. Falou em latim, confiante que nem Galaad nem eu compreenderíamos as suas palavras.

- Planeja manter Artur encurralado na *Silúria*? - acusou Lladarn na língua britânica.

Lladarn corou. Desde que era o Bispo de *Burrium*, Lladarn tornara-se o principal conselheiro do rei e, deste modo, um homem de poder.

- O meu rei e senhor - afirmou, arqueando a cabeça na direção de Meurig - não poderá permitir que Artur movimente lanceiros pelo território de *Gwent*.

- Isto é verdade, meu rei e senhor? - perguntou Galaad, educadamente.

- Sou um homem de paz - irrompeu Meurig - e uma forma de assegurar a paz é

manter os lanceiros em casa.

Eu nada disse, temendo que da minha ira irrompesse algum insulto, o que complicaria as coisas. Se Meurig insistisse que não podíamos movimentar lanceiros pelas suas estradas, conseguiria, dividindo as forças que apoiariam Gwydre. Significava que Artur não podia avançar para se juntar a Sagramor, nem este ir ao seu encontro, e se Meurig conseguisse manter as duas forças divididas, então era bem provável que se tornasse o próximo Rei da *Dumnônia*.

- Mas Meurig não lutará - afirmou Galaad, com desdém, enquanto descíamos o rio em direção a *Isca*, no dia seguinte. Os salgueiros estavam toldados com os primeiros vestígios de folhas da Primavera, mas o dia lembrava o Inverno com um vento frio e neblinas arrastadas pelo vento.

- É provável - afirmei, - se a contrapartida for suficientemente grande. - E a contrapartida era enorme, já que se Meurig governasse tanto *Gwent* como a *Dumnônia*, conseguiria o controle da parte mais rica da Bretanha. - Tudo dependerá do número de lanceiros que lhe fizer frente.

- Os seus, os de Issa, os de Artur e os de Sagramor - enumerou Galaad.

- Talvez quinhentos homens? - aventei. - Os de Sagramor estão bem longe e os de Artur teriam de atravessar o território de *Gwent* para chegar à *Dumnônia*. E quantos homens Meurig comanda Meurig? Mil?

- Ele não correrá o risco de provocar uma guerra - insistiu Galaad. - Quer a contrapartida, mas tem um medo terrível do risco que corre.

Ele parara o seu cavalo para observar um homem que pescava num barco, no meio do rio. O pescador lançou a sua rede com uma habilidade descuidada e, enquanto Galaad admirava a sua destreza, eu combinava cada lançamento com um presságio. Se este lançamento apanhar um salmão, disse para comigo, então Mordred morrerá. O

lançamento trouxe, de fato, um enorme peixe que se debatia, e então pensei que o augúrio era uma besteira, porque todos haveríamos de morrer; por isso, disse para comigo que o lançamento seguinte teria de apanhar um peixe, se Mordred morresse antes do *Beltain*. A rede veio vazia e toquei no copo da *Hywelbane*. O pescador vendeu-nos uma parte da sua pesca e empurramos os salmões para o interior dos nossos alforges e prosseguimos o nosso caminho. Orei a Mitras, para que os meus patéticos presságios estivessem errados, depois rezei para que Galaad tivesse razão e para que Meurig nunca se atrevesse a enviar as suas tropas. Todavia, e em relação à *Dumnônia*?

À rica *Dumnônia*? Esse era um risco que valia a pena correr, até mesmo para um homem cauteloso como Meurig.

Reis fracos são uma maldição na terra. Contudo, os nossos juramentos são prestados aos reis, e se não prestássemos juramentos não teríamos leis, e se não tivéssemos leis, teríamos a mera anarquia, por isso tínhamos de nos unir pela lei e mantê-la através dos juramentos. E se um homem conseguisse mudar os reis a seu bel-prazer podia abandonar os seus juramentos para com os seus inconvenientes reis. Por isso, precisávamos de reis, porque tínhamos de ter uma lei imutável. Tudo isto é verdade, contudo, enquanto Galaad e eu caminhávamos para casa, através do nevoeiro invernoso, eu lamentava-me por o único homem que deveria ter sido rei nunca vir a sê-lo, e por aqueles que nunca deveriam ter sido reis o terem sido.

Encontramos Artur no alpendre da sua oficina de ferreiro. Ele próprio a construíra e fizera uma fornalha coberta com tijolos romanos, depois adquirira

uma bigorna e um conjunto de ferramentas de ferreiro. Sempre manifestara vontade de ser ferreiro, apesar de, como tantas vezes notava Guinevere, querer e ser não serem exatamente o mesmo.

No entanto, Artur tentou, e, como o fez! Empregou um verdadeiro ferreiro, um homem lúgubre e taciturno, de nome Morridig, cuja tarefa era ensinar a Artur o engenho do ofício, mas Morridig há muito que desesperara de tentar ensinar a Artur qualquer coisa, que não entusiasmo. Todavia, todos nós possuíamos artigos feitos por Artur; suportes de velas em ferro com compridos e retorcidos cabos, recipientes de cozinha disformes com pegas mal soldadas ou espetos de ferro que arqueavam no fogo. No entanto, a oficina de ferreiro fazia-o feliz, e ele passava horas junto à sua fornalha incandescente, sempre convencido de que um pouco mais de prática o tornaria tão descontraidamente eficiente como Morridig.

Quando Galaad e eu regressamos de *Burrium*, ele estava sozinho na oficina de ferreiro. Resmungou uma saudação distraída, depois continuou a martelar um pedaço de ferro sem forma, que afirmou ser uma ferradura para um dos seus cavalos. Com relutância, largou o martelo quando lhe oferecemos um dos salmões que trouxéramos, depois interrompeu as nossas notícias, afirmando que já soubera que Mordred estava prestes a morrer.

- Ontem chegou um bardo da *Armórica* - disse-nos, - e afirma que a perna do rei está apodrecendo na anca. O bardo diz que ele fede como um sapo morto.

- Como o bardo sabe disso? - inquiri por julgar que Mordred estava cercado e separado de todos os outros bretões da *Armórica*.

- Ele afirma que é voz corrente em *Broceliande* - disse Artur e depois, satisfeito, acrescentou que esperava que o trono da *Dumnônia* ficasse vago numa questão de dias.

Mas nós estragamos a sua boa-disposição ao contar-lhe a recusa de Meurig em permitir que qualquer lanceiro nosso atravessasse o território de *Gwent*, e eu aumentei a sua tristeza ao acrescentar a minha desconfiança em relação a Sansum. Por instantes, pensei que Artur ia praguejar, algo que raramente fazia, mas controlou o impulso e, em vez disso, afastou o salmão da fornalha. - Não o quero muito passado - afirmou. - Então, Meurig barrou-nos todas as estradas?

- Ele diz que quer paz, senhor - expliquei.

Artur deu uma gargalhada amarga.

- Ele quer revelar-se, é o que pretende fazer. O seu pai morreu e ele está

desejoso por mostrar que é melhor homem do que Tewdric. A melhor forma de fazê-lo é

tornando-se um herói no campo de batalha, e a segunda melhor é roubar um reino sem combater. - Espirrou violentamente, depois abanou a cabeça zangado. - Odeio estar constipado.

- Devia estar descansando, senhor - afirmei, - não trabalhando.

- Isto não é trabalho, é prazer.

- Devíeis tomar tussilagem com hidromel - afirmou Galaad.

- Não bebi outra coisa durante uma semana. Apenas duas coisas curam as constipações: a morte ou o tempo.

Agarrou o martelo e deu uma pancada vibrante no pedaço de ferro já arrefecido, depois comprimiu o fole com revestimento de couro espevitando, deste modo, a fornalha.

O Inverno chegara ao fim, mas apesar da insistência de Artur de que o tempo era sempre ameno em *Isca*, aquele era um dia gelado.

- O que anda aprontando seu *Lorde Rato*? perguntou-me, enquanto comprimia o fole até a fornalha lançar um calor tremeluzente.

- Ele não é o meu *Lorde Rato* - objetei .

- Mas faz maquinações, não é assim? Ele quer colocar no trono o seu próprio pretendente.

- Mas Meurig não tem direito algum a ascender ao trono! - protestou Galaad.

- Absolutamente nenhum - concordou Artur, - mas tem muitos lanceiros. E teria parte desse direito se desposasse a viúva Argante.

- Ele não pode desposá-la - disse Galaad, - já é casado.

- Um cogumelo venenoso o livrará de uma rainha inconveniente - afirmou Artur.
-

Foi assim que Uther se livrou da sua primeira mulher. Um cogumelo venenoso num estufado de cogumelos. - Refletiu por breves instantes, depois empurrou a ferradura para o meio das chamas. - Traga Gwydre aqui - pediu ele a Galaad.

Artur torturou o ferro incandescente, enquanto nós aguardávamos. Uma ferradura era um objeto bastante simples, uma mera chapa de ferro que protegia das pedras o vulnerável casco, e tudo o que era necessário era um arco de ferro que deslizasse desde a parte da frente do casco e duas saliências na parte de trás, onde eram atados os cordões de couro. Artur, porém, parecia não conseguir acertar bem com aquela. O arco era muito estreito e alto, a chapa rugosa e as saliências muito grandes.

- Está quase bom - disse ele, depois de a martelar por mais um frenético minuto.

- Bom para quê?- perguntei.

Ele voltou a atirar descuidadamente a ferradura para o interior da fornalha, depois retirou o seu avental com borrões de fogo quando Galaad entrou com Gwydre.

Artur contou a Gwydre as novidades sobre a aguardada morte de Mordred, depois sobre a traição de Meurig, e terminou com uma pergunta simples.

- Você deseja ser o rei da *Dumnônia*, Gwydre?

Gwydre pareceu surpreendido. Era um bonito homem, mas jovem, muito jovem.

Creio que não era particularmente ambicioso, apesar da sua mãe o ser por ele. Era parecido com Artur, com um rosto comprido e ossudo, embora fosse marcado por uma expressão vigilante, como se esperasse, a todo o momento, que o destino lhe pregasse uma partida. Era magro, mas eu praticara com ele esgrima suficiente para saber que o seu corpo ilusoriamente frágil tinha uma força vigorosa.

- Tenho uma razão para ascender ao trono - respondeu, cautelosamente.

- Porque o seu avô se deitou com a minha mãe - disse Artur, irritado, - é essa a

sua razão, Gwydre, mais nenhuma. O que quero saber é se quer, de fato, ser rei.

Gwydre olhou-me de relance em busca de auxílio, mas não o acudi, e voltou a olhar para seu pai.

- Creio que sim.

- Porquê?

Gwydre hesitou de novo, e creio que uma imensidão de razões lhe vieram à

cabeça, mas, por fim, pareceu desafiador.

- Porque nasci para ser. Sou tanto herdeiro de Uther como Mordred.

- Calcula que nasceu para sê-lo, hã? - perguntou Artur, de forma sarcástica.

Inclinou-se e comprimiu o fole, fazendo com que a fornalha troasse e lançasse fagulhas de encontro à cobertura de tijolo. - Todos os homens que estão neste aposento são filhos de reis, à exceção de você, Gwydre - afirmou Artur, furiosamente, - e diz que nasceu para sê-lo?

- Nesse caso, seja o senhor, meu pai - afirmou Gwydre, - e então eu também serei filho de um rei.

- Bem visto - afirmei.

Artur lançou-me um olhar irado, depois retirou com um puxão um trapo de uma pilha colocada junto à sua bigorna e assoou-se nele. Atirou o trapo para a fornalha. Todos nós nos assoávamos comprimindo, simplesmente, as narinas entre o indicador *e* o polegar, mas ele sempre fora minucioso.

- Vamos admitir, Gwydre - disse ele, - que você pertence a uma geração de reis.

Que é neto de Uther e, por isso, tem razões para ascender ao trono da *Dumnônia*. Eu também tenho esse direito, como se reconhece, mas escolhi não exercê-lo. Estou muito velho. Mas por que haviam homens como Derfel e Galaad de lutar para colocá-lo no trono da *Dumnônia*? Diga-me.

- Porque serei um bom rei - afirmou Gwydre corando, depois olhou para mim. -

E

Morwenna será uma boa rainha - acrescentou.

- Todo o homem que alguma vez foi rei afirmou que queria ser um bom rei -

resmungou Artur, - e a maior parte revelou-se mau governante. Porque você seria diferente?

- Diga-me, meu pai - pediu Gwydre.

- Sou eu quem te pergunta!

- Mas se um pai não conhece o carácter de um filho - ripostou Gwydre, - quem conhecerá?

Artur dirigiu-se à porta da oficina, abriu-a e fitou o pátio do estábulo. Ali nada mexia, à exceção da habitual matilha de cães, por isso voltou para trás.

- Você é um homem decente, filho - disse ele, com ressentimento, - um homem decente. Tenho orgulho em você, mas acha o mundo bom demais. Lá fora existe o mal, o verdadeiro mal, e você não lhe dá valor.

O senhor mesmo não fez o mesmo - perguntou Gwydre, - quando era da minha idade?

Artur confirmou a pertinência da pergunta com um breve sorriso.

- Quando eu tinha a sua idade - afirmou, - acreditava que conseguiria mudar o mundo. Acreditava que tudo o que este mundo precisava era de honestidade e de bondade. Acreditava que se tratasse bem as pessoas, se lhes concedesse paz e lhes oferecesse justiça, elas responderiam com gratidão. Achei que conseguiria suprimir o mal com o bem - fez uma pausa. - Creio que julguei as pessoas como cães - continuou ele, pesarosamente, - e que se lhes concedesse bastante afeto, então seriam dóceis. Mas elas não são cães, Gwydre, são lobos. Um rei tem de governar mil ambições, e todas elas pertencem a velhacos. Você sentirá lisonjeado, e nas suas costas, troçado. Os homens jurarão lealdade eterna num instante e conjurarão a tua morte no seguinte. E, caso sobreviva às suas conspirações, um dia terá a barba grisalha como eu e refletirás sobre a sua vida passada, perceberá que não alcançou nada. Nada. Os bebês que admirou nos

braços das suas mães crescerão e se tornarão assassinos, a justiça que fez cumprir estará à venda, as pessoas que protegeu estarão ainda zangadas, e o inimigo que derrotou ainda ameaçará as suas fronteiras. - À medida que fora falando a sua ira aumentara, mas neste instante aplacou a ira com um sorriso. - É isto o que deseja?

Gwydre devolveu o olhar fixo de seu pai. Por instantes, julguei que ele hesitaria, ou que talvez argumentasse com o pai, mas, em vez disso, deu a Artur uma resposta apropriada.

- O que eu desejo, meu pai - afirmou, - é tratar bem as pessoas, conceder-lhes paz e justiça.

Artur sorriu ao ouvir as suas próprias palavras.

- Então, talvez o melhor seja tentarmos fazer de você nosso rei, Gwydre. Mas como? - Regressou à fornalha. - Não podemos fazer os lanceiros passarem por *Gwent*, Meurig nos impedirá de fazê-lo, contudo, sem lanceiros, não conseguiremos nos apoderar do trono.

- Barcos - afirmou Gwydre.

- Barcos? - perguntou Artur.

- Deve haver duas frotas de barcos de pesca na nossa costa - disse Gwydre, - e cada uma pode transportar de dez a doze homens.

- Mas não cavalos - afirmou Galaad, - duvido que consigam transportar cavalos.

- Então, teremos de combater sem cavalos - concluiu Gwydre.

- Podemos nem sequer precisar lutar - aventou Artur. - Se chegarmos primeiro à

Dumnônia, e se Sagramor se juntar a nós, acho que o jovem Meurig hesitará. E se Oengus Mac Airem enviar para leste um grupo de guerra que passe por *Gwent*, isso assustará Meurig ainda mais. Provavelmente poderemos gelar a alma de Meurig se parecermos suficientemente ameaçadores.

- Por que razão Oengus nos ajudaria a combater contra a sua própria filha? -

inquiri.

- Porque ele não se importa com ela - respondeu Artur. - E nós não lutamos contra a sua filha, Derfel, mas contra Sansum. Argante pode ficar na *Dumnônia*, mas não pode ser rainha, não se Mordred morrer - voltou a espirrar.- E acho que você devia ir para a *Dumnônia* mais cedo, Derfel - acrescentou.

- Por que razão, senhor?

- Para desmascarar o *Lorde Rato, é* essa a razão. Ele anda maquinando alguma coisa e precisa de um gato que lhe dê uma lição, e você tem garras aguçadas. Além disso, pode exibir o estandarte de Gwydre. Eu não posso ir, porque seria uma provocação muito grande a Meurig, mas você pode atravessar o *Severn* de barco sem levantar suspeitas, e quando chegarem as notícias da morte de Mordred, proclama o nome de Gwydre em *Caer Cadarn* e garante que nem Sansum nem Argante cheguem a *Gwent*.

Coloque ambos sob escolta e diga-lhes que é para sua própria proteção.

- Eu vou precisar de homens - adverti-o.

- Leve os que conseguir transportar e, depois, utilize os homens de Issa - afirmou Artur, revigorado com a necessidade de tomar decisões. - Sagramor te fornecerá tropas -

acrescentou, - e assim que eu ouvir anunciada a morte de Mordred, levarei Gwydre e todos os meus lanceiros. Se ainda estiver vivo, claro - afirmou, voltando a espirrar.

- Estará vivo - disse Galaad, de forma antipática.

- Na próxima semana. - Artur levantou os olhos vermelhos para mim, - parta na próxima semana, Derfel.

- Sim, senhor.

Inclinou-se para atirar outra mão-cheia de carvão para o interior da fornalha incandescente.

- Os deuses sabem que eu nunca quis o trono - afirmou, - mas, de qualquer

modo, gastei a minha vida lutando por ele. - Fungou. - Vamos começar a arranjar barcos, Derfel, e você reúne lanceiros em *Caer Cadarn*. Se parecermos suficientemente fortes, Meurig pensará duas vezes.

- E se não o fizer? perguntei.

- Nesse caso, perdemos - respondeu Artur, - perdemos. A menos que nos defrontemos numa guerra, e não estou certo de querer isso.

- Nunca quer, senhor - disse-lhe eu, - mas consegue vencê-los sempre.

- Até agora - disse Artur, sombriamente. - Até agora.

Agarrou as suas tenazes para retirar a ferradura do fogo, e eu fui à procura de um barco para arrebatar um reino.

Na manhã seguinte, durante a maré vazante, e *com* um vento que soprava de oeste e encapelava *o* rio Usk com pequenas e picadas ondas, embarquei no barco do meu cunhado. Balig era pescador, e desposara Linna, a minha meia-irmã, tendo achado divertido descobrir que era parente de um Lorde da *Dumnônia*. Aproveitou-se também do inesperado relacionamento, todavia merecia a boa-ventura, porque era um homem capaz e decente. Agora, ordenava a seis dos meus lanceiros que pegassem os longos remos do barco e aos outros quatro que permanecessem no fundo do porão. Em *Isca*, eu tinha apenas doze dos meus lanceiros, estando os restantes com Issa, mas considerei que estes dez homens me levariam são e salvo até *Dun Carie*. Balig convidou-me a sentar num baú de madeira junto ao leme.

- E vomite pela borda fora, senhor - acrescentou ele, alegremente.

- Não é o que sempre faço?

- Não. Da última vez encheu os embornais com o seu almoço. Foi um desperdício de peixe! Pare com isso, seu sapo comedor de vermes - gritou ele a um dos da sua tripulação, um escravo saxão feito cativo em *Mynydd Baddon*, mas que agora tinha uma mulher britânica, dois filhos e mantinha uma amizade ruidosa com Balig. - Ele conhece os seus batéis, isso garanto eu - disse Balig a respeito do saxão, depois inclinou-se para a amarra da popa, que ainda segurava o barco à margem. Estava prestes a soltar a corda quando se ouviu um grito, e ambos olhamos para cima, vendo Taliesin apressando-se na nossa direção,

descendo do monte relvado do anfiteatro de *Isca*. Balig manteve firme a amarra. - Quer que espere, Lorde?

- Sim - respondi, levantando-me ao mesmo tempo que Taliesin se aproximava.

- Partirei com vocês - gritou Taliesin. - Esperem! - Ele trazia apenas uma pequena sacola de couro e uma harpa dourada. - Esperem! - voltou a gritar, depois, com um rápido e forte puxão, levantou as saias da túnica branca, tirou os sapatos e entrou como um chumaço na glutinosa lama da margem do Usk.

- Não podemos esperar eternamente - resmungou Balig, enquanto o bardo se debatia para passar pela lama espessa e mole. - A maré está baixando rapidamente.

- Um momento, um momento - gritou Taliesin. Atirou para bordo a sua harpa, a sacola e os sapatos, levantou ainda mais as saias e avançou com dificuldade dentro da água. Balig inclinou-se, agarrou com força na mão do bardo e puxou-o sem cerimônias para dentro do batel. Taliesin ficou estatelado no convés, procurou os sapatos, o saco e a harpa, depois torceu a água das saias da sua túnica. - Não se importa que venha, senhor? - perguntou-me com o fio de prata de esguelha no seu cabelo preto.

- Por que me importaria?

- Não que tenha intenções de acompanhá-lo. Desejo apenas ir para a *Dumnônia*.

- Endireitou o fio de prata, depois franziu as sobrancelhas aos meus lanceiros que o observavam com largos sorrisos. - Estes homens sabem remar?

- Claro que não - respondeu Balig por mim. - São lanceiros, de nada servem quando se trata de fazer algo de útil. Todos ao mesmo tempo, seus cretinos! Prontos?

Empurrem para diante! Remos para baixo! Puxem! - Ele abanou a cabeça, simulando desespero. - É como ensinar porcos a dançar.

Eram cerca de nove milhas de *Isca* ao alto mar, nove milhas que percorremos rapidamente porque o nosso barco era levado pela maré vazante e os redemoinhos da corrente do rio. O Usk corria por entre as margens lamacentas que subiam até aos terrenos de pousio, aos bosques cujas árvores não tinham

agora folhas, e aos vastos pântanos. Armadilhas para peixes em vime haviam sido colocadas nas margens onde garças-reais e gaivotas debicavam os salmões que saltavam presos à margem pela maré-baixa. Fuselos piavam piedosamente, ao mesmo tempo que narcejas subiam às árvores e pousavam nos seus ninhos. Quase não precisávamos dos remos, porque tanto a maré

como a corrente nos transportavam com rapidez, e assim que alcançamos a vastidão de água onde o rio mergulha no *Severn*, Balig e a sua tripulação içaram uma vela castanha esfarrapada que, ao apanhar o vento oeste, fez com que o barco avançasse depressa.

Recolhei esses remos agora ordenou ele aos meus homens, depois agarrou com firmeza o grande remo do leme e levantou-se, feliz, enquanto o pequeno barco afundava a sua proa embotada nas primeiras grandes vagas.

- Hoje o mar está agitado, senhor - gritou, satisfeito. - Vazem essa água! - gritou ele aos meus homens. - As substâncias úmidas pertencem ao lado de fora do barco, não ao interior. - Balig fez um largo sorriso diante do meu incipiente enjôo. Três horas, senhor, é tudo, e estaremos na costa.

- Não gosta de barcos? - perguntou-me Taliesin.

- Odeio.

- Uma oração a *Manawydan* deverá prevenir o enjôo - disse ele, calmamente.

Puxara uma pilha de redes para junto do meu baú e sentava-se agora em cima delas. Ele estava absolutamente imperturbável com o violento movimento do barco; de fato, isso parecia diverti-lo.

- A noite passada dormi no anfiteatro - disse-me ele. - Agradou-me, - prosseguiu quando viu que eu estava enjoado demais para responder. - Os assentos em taludes fazem lembrar uma torre de sonho.

Lancei-lhe um olhar de soslaio, sentindo a minha má disposição de algum modo atenuada por aquelas duas últimas palavras, por me recordarem Merlim, que em tempos possuíra uma torre de sonho no cume do *Tor* de *Ynys Wydryn*. A torre de sonho de Merlim fora uma estrutura oca em madeira, que ele afirmava enaltecer as mensagens dos deuses, e percebi de que modo o anfiteatro romano de *Isca*, com os seus assentos em colinas elevadas colocados em volta da arena de areia

alisada servia o mesmo propósito.

- Consegue prever o futuro? - consegui perguntar-lhe.

- Algumas coisas - admitiu ele, - mas esta noite também vi Merlim nos meus sonhos.

A menção daquele nome afastou as últimas sensações de enjôo que tinha no estômago.

- Falou com Merlim? - perguntei-lhe.

- Foi ele que me falou - corrigiu-me Taliesin, - mas não conseguiu ouvir-me.

- O que ele disse?

- Mais do que posso contar, senhor, e nada que deseje ouvir.

- O quê? - perguntei.

Ele agarrou-se ao pilar da popa quando o barco tombou, ao descer uma enorme vaga. A água salpicou dos arções e borrifou os feixes que seguravam as nossas armaduras. Taliesin certificou-se de que a sua harpa estava bem protegida por baixo da sua túnica, depois tocou no fio de prata que circundava a sua cabeça com tonsura para se certificar de que ainda estava no devido lugar.

- Creio, senhor, que viaja para o meio do perigo - disse ele, calmamente.

- É essa uma mensagem de Merlim - perguntei-lhe, tocando no ferro do copo da *Hywelbane*, - ou uma das suas visões?

- Apenas uma visão - confessou ele, - e tal como certa ocasião lhe disse, senhor, melhor é ver o presente com clareza do que tentar ver o futuro e discernir uma simples forma indefinida nas suas visões. - Fez uma pausa, considerando, sem dúvida, com cautela as palavras que iria proferir. - Creio que não ouviu notícias definitivas sobre a morte de Mordred?

- Não.

- Se a minha visão estiver correta - disse ele, - então, o seu rei não está de todo

doente, tendo já se recuperado. Posso ter me enganado; na verdade, rezo para que esteja errado, mas teve algum presságio?

- Sobre a morte de Mordred? - perguntei.

- Sobre o seu próprio futuro, senhor - afirmou.

Refleti por instantes. Houvera o pequeno presságio da rede de pesca do salmão, mas atribui-o mais aos meus antigos receios supersticiosos do que aos deuses. Mais preocupante era o desaparecimento da pequena ágata azul-esverdeada do anel que Aelle dera a Ceinwyn, e o fato de uma das minhas velhas capas ter sido roubada. Contudo, apesar de os dois acontecimentos poderem ser interpretados como maus presságios, podiam bem ser meros contratempos. Era difícil de dizer, e nenhuma das perdas parecia suficientemente importante para as mencionar a Taliesin.

- Nada me preocupou, ultimamente - disse-lhe, então.

- Ótimo - afirmou, baançando com o movimento do barco.

O seu longo cabelo preto esvoaçava ao vento, que enfunava as velas para que a nossa navegação se fizesse em boas condições, tremulando as suas extremidades. O

vento também roçava as cristas brancas das ondas e arrastava os salpicos para bordo, apesar de eu achar que mais água vinha para bordo através das costuras abertas do navio do que pelo talabardão. Os meus lanceiros escoavam, energicamente, a água do barco.

- Mas creio que Mordred ainda vive - prosseguiu Taliesin, ignorando a frenética atividade no centro do barco, - e que as notícias sobre a sua morte iminente é um ardil.

Contudo, não vou jurar. Por vezes nos enganamos e tomamos os nossos temores por profecias. Porém, senhor, nem Merlim nem nenhuma das suas palavras nos meus sonhos foi imaginação minha.

Voltei a tocar no copo da *Hywelbane*. Sempre pensara que qualquer menção a Merlim seria apaziguadora, mas as calmas palavras de Taliesin gelavam.

- Sonhei que Merlim se encontrava num denso bosque - continuou Taliesin na sua voz meticulosa, - e que não conseguia sair dele; na verdade, sempre que um caminho se abria à sua frente, crescia uma árvore e movia-se como se fosse uma enorme fera deslocando-se para lhe barrar a passagem. Disse-me o sonho que Merlim está em apuros. Falei com ele no sonho, mas ele não conseguia me ouvir. Creio que o que isto significa é que ninguém conseguirá chegar até ele. Se enviássemos homens à sua procura, não o encontrariam e talvez até morressem. Mas ele quer ajuda, isso eu sei, porque me transmitiu no sonho.

- Onde é o bosque? - perguntei.

O bardo voltou os seus olhos negros e profundos para mim.

- Pode não ser bosque nenhum, senhor. Os sonhos são como as canções. A sua função não é dar uma imagem exata do mundo, mas uma impressão dele. O bosque, creio, diz-me que Merlim está prisioneiro.

- De Nimue - afirmei, porque não me ocorria outra pessoa que se atrevesse a desafiar o druida.

Taliesin assentiu.

- Acho que ela é o seu carcereiro. Ela quer o seu poder, e quando o possuir vai usá-lo para impor o seu sonho na Bretanha.

Eu achava aquilo difícil, mesmo tratando-se de Merlim e de Nimue. Durante anos vivêramos sem eles e, como resultado disso, as fronteiras do nosso mundo haviam adquirido uma determinada rigidez. Estávamos ligados pela existência de Mordred, pelas ambições de Meurig e pelas esperanças de Artur, não pelas incertezas nublosas e em torvelinho dos sonhos de Merlim.

- Mas o sonho de Nimue - objectei, - é o mesmo de Merlim.

- Não, senhor - disse Taliesin com delicadeza, - não é.

- Ela quer o mesmo que ele - insisti. - Restabelecer os deuses!

- No entanto - disse Taliesin, - Merlim entregou Excalibur a Artur. E não vê que ele deu parte do seu poder a Artur com essa entrega? Há muito que eu meditava sobre essa entrega, porque Merlim nunca a explicara, porém creio entendê-lo

agora. Merlim sabia que se os deuses falhassem, então Artur poderia ser bem sucedido. E Artur foi bem sucedido, mas a sua vitória em *Mynydd Baddon* não foi total. Conserva a ilha da Bretanha em mãos britânicas, mas não derrota os cristãos, e isso é uma derrota para os antigos Deuses. Senhor, Nimue nunca aceitará essa meia vitória. Para Nimue, ou vencem os deuses ou não existe vitória alguma. Ela não se importa com os horrores que assolam a Bretanha, desde que os deuses regressem e destruam os seus inimigos. E, para conseguir, isso senhor, ela precisa da Excalibur. Ela quer todos os fragmentos de poder, para que quando voltar a acender as fogueiras os deuses não tenham outra alternativa senão responder.

Nesse momento, - compreendi.

- E com a Excalibur - afirmei, - ela irá querer Gwydre.

- Assim é, senhor - concordou Taliesin. O filho de um governante é uma fonte de poder, e Artur, quer ele queira quer não, ainda é o mais famoso líder da Bretanha. Se alguma vez tivesse escolhido ser rei, Senhor, teriam lhe chamado de Majestade. Por isso, sim, ela quer Gwydre.

Olhei fixamente para o perfil de Taliesin. Na verdade, parecia apreciar o aterrador movimento do barco.

- Por que razão está me contando isto? - perguntei-lhe. A minha pergunta confundiu-o.

- Por que motivo não deveria contar?

- Porque ao me contar - respondi, me avisa para eu proteger Gwydre, e se eu fizer isso, então evito a volta dos deuses. E, se não estou enganado, você gostaria de ver esses deuses regressarem.

- Gostaria - reconheceu ele, - mas Merlim me pediu para lhe contar.

- Mas por que razão haveria Merlim de querer que eu proteja Gwydre? -

perguntei. - Ele quer que os deuses voltem!

- Está se esquecendo, senhor, que Merlim previu dois caminhos. Um, o caminho dos deuses, o outro, o caminho do homem, e Artur é este segundo caminho. Se

Artur for destruído, ficaremos apenas com os deuses, e creio que Merlim sabe que os deuses não nos escutarão. Lembre-se do que aconteceu a Gawain.

- Morreu - afirmei, tristemente, - mas ele levou o seu estandarte para o campo de batalha.

- Morreu - corrigiu-me Taliesin, - e foi então colocado no Caldeirão de Clyddno Eiddyn. Devia ter ressuscitado, mas isso não aconteceu. Não voltou a respirar e, sem dúvida, que isso significa que a antiga magia desapareceu. Não está extinta, mas suspeito que causará grande infortúnio antes de se extinguir. Todavia, creio que, para nossa ventura, Merlim nos diz para olharmos para o homem, e não para os deuses.

Fechei os olhos quando uma enorme vaga se quebrou, alva, na elevada proa do barco.

- Está me dizendo - afirmei, quando a espuma desapareceu, - que Merlim falhou?

- Creio que Merlim soube que falhara quando o Caldeirão não ressuscitou Gawain. Por que outra razão levou ele o seu corpo para *Mynydd Baddon*? Se Merlim tivesse pensado, por um único instante, que podia usar o corpo de Gawain para invocar os deuses, nunca teria dispersado a sua magia pelo campo de batalha.

- Ainda assim, ele levou as cinzas a Nimue - afirmei.

- É verdade - admitiu Taliesin, - mas isso porque prometera ajudá-la, e até

mesmo as cinzas de Gawain reteriam algum do poder do cadáver. Merlim pode saber que falhou, mas como qualquer homem, ele tem relutância em abandonar o seu sonho e talvez acreditasse que a energia de Nimue pudesse revelar-se verdadeira. Todavia, o que ele não previu, senhor, foi o abuso que ela exerceria sobre ele.

- Punindo-o - afirmei, amargamente. Taliesin assentiu.

- Ela o despreza, porque ele falhou e acha que ele esconde alguns conhecimentos dela. Por isso, mesmo agora, senhor, neste preciso instante, ela está

tentando que Merlim lhe revele os seus segredos. Ela sabe muito, mas não sabe tudo.

Porém, se o meu sonho for verdadeiro, ela está sugando-lhe os seus conhecimentos.

Pode levar meses ou anos a aprender tudo o que precisa, mas ela aprenderá, senhor, e quando souber, usará o poder. E o senhor, creio, será o primeiro a saber. - Agarrou as redes quando o barco balançou da popa à proa de modo alarmante. Merlim me ordenou que lhe avisasse, e assim fiz, mas de quê? Não sei - sorriu como que pedindo-me desculpa.

- Desta viagem à *Dumnônia*? - perguntei.

Taliesin abanou a cabeça.

Creio que correrá perigo bem maior do que todo aquele que tenha sido planejado pelos seus inimigos na *Dumnônia*. Na verdade, senhor, é tamanho o perigo, que Merlim chorava. Ele me disse também que desejava morrer. - Taliesin levantou os olhos fitando a vela. - E, senhor, se eu soubesse onde ele se encontra, e tivesse poder para tal, o enviaria até ele para que o matasse. Contudo, em vez disso, temos de aguardar que Nimue se revele.

Apertei na minha mão o copo frio da *Hywelbane*.

- Então, o que me aconselha a fazer? - perguntei-lhe.

Não é a mim que cabe aconselhar os Lordes - afirmou Taliesin. Virou-se para mim e sorriu-me, e, subitamente, vi que os seus olhos profundos eram frios. - Para mim não é importante, senhor, que viva ou morra, porque eu sou o cantor e o senhor é a minha canção; mas por enquanto, admito-o, sigo-lhe para descobrir a melodia e, se for necessário fazê-lo, modificá-la. Merlim me pediu isso, e o farei por ele. Todavia, creio que ele o salva de um perigo apenas para expô-lo a um outro ainda maior.

- O que você diz não faz sentido - afirmei, asperamente.

- Faz, senhor, mas nenhum de nós compreende ainda o seu significado. Estou certo que isso virá a tornar-se claro.

Ele pareceu tão calmo, mas os meus receios eram tão cinzentos como as nuvens que pairavam acima de nós e tão tumultuosos como o mar que sulcávamos. Toquei na tranquilizadora haste da *Hywelbane*, rezei a Manawydan, e disse para comigo que a advertência de Taliesin era apenas um sonho e nada mais, e que os sonhos não conseguiam matar.

Mas conseguem, e matam. E em algum lugar na Bretanha, num lugar sinistro, Nimue tinha o Caldeirão de Clyddno Eiddyn e usava-o para desordenar os nossos sonhos e torná-los pesadelos.

Balig deixou-nos numa praia, em algum lugar na costa dumnoniana. Taliesin despediu-se de mim alegremente, depois, com as suas compridas pernas, caminhou a passos largos por entre as dunas.

- Sabes onde vai? - gritei-lhe.

- Saberei quando chegar, senhor respondeu-me, depois desapareceu.

Colocamos as nossas armaduras. Eu não trouxera o meu melhor equipamento, apenas uma velha mas útil armadura e um elmo gasto. Lancei o meu escudo para trás das costas, apanhei a minha lança e segui Taliesin para a península.

- Sabe onde estamos, senhor? - perguntou-me Eachern.

- Bem próximo - respondi. Com a chuva caindo um pouco mais adiante consegui vislumbrar uma cordilheira de colinas. - Vamos para o sul daquelas colinas e chegaremos a *Dun Carie*.

- Quer que desfralde a bandeira, senhor? - perguntou-me Eachern. Além do meu estandarte das estrelas trazíamos o estandarte de Gwydre, que mostrava o urso de Artur entrelaçado com o dragão da *Dumnônia*, mas decidi não o transportar desfraldado. Um estandarte ao vento é arriscado e, além disso, onze lanceiros marchando sob uma enorme e garrida bandeira tinha uma aparência mais ridícula do que imponente. Por isso decidi aguardar até os homens de Issa reforçarem o meu pequeno grupo antes de desfraldar o estandarte no seu comprido mastro.

Encontramos um caminho nas dunas e seguimos por ele, entrando num bosque de pequenos espinheiros e aveleiras até chegarmos a um minúsculo povoamento de seis choupanas. As pessoas fugiram ao nos ver, deixando apenas uma mulher

idosa, curvada e manca para se movimentar com rapidez. Ela foi-se baixando e cuspiu, desafiadoramente, quando nos aproximamos.

- Vocês não conseguirão levar nada daqui - disse ela com uma voz rouca, -

porque nada mais temos do que estrumeiras. Muitas estrumeiras e fome, senhores, é

tudo o que conseguirão encontrar aqui.

Baixei-me ao seu lado.

- Nada queremos de vocês - respondi, - além de notícias.

- Notícias? - Aquela palavra parecia ser-lhe estranha.

- Sabe queum é o serei? - perguntei-lhe com cortesia.

- Uther, senhor - respondeu ela. - Um homem grande, isso é, senhor. Como um deus!

Era evidente que não obteríamos quaisquer notícias daquela povoação, ou, pelo menos, nenhuma que fizesse sentido, pelo que prosseguimos, parando apenas para comer algum pão e carne seca que trazíamos nas nossas bolsas. Eu estava no meu próprio país, mas, curiosamente, sentia-me como se caminhasse em solo inimigo, e censurei-me por dar demasiada importância às vagas advertências de Taliesin. Ainda assim, prosseguimos pelos caminhos arborizados e escondidos e, ao cair da noite, levei a minha pequena companhia a atravessar um bosque de faias e a subir para um terreno mais elevado, de onde podíamos avistar quaisquer outros lanceiros. Não vimos nenhum.

No entanto, bem para sul, uma tênua réstia do pôr-do-Sol atravessou um aglomerado de nuvens, tocando depois de leve o verde e luzidio Tor de *Ynys Wydryn*.

Não acendemos nenhuma fogueira e dormimos sob as faias, acordando gelados e rígidos pela manhã. Caminhamos para leste, permanecendo sob as árvores sem folhas, enquanto por baixo de nós, nos campos cobertos por uma densa neblina, homens abriam rígidos sulcos com charruas, mulheres semeavam os cereais e crianças de tenra idade corriam, gritando, para assustarem e afastarem os

pássaros das preciosas sementeiras.

- Eu costumava fazer aquilo na Irlanda - disse Eachern. - Passei metade da minha infância afugentando os pássaros.

- Pregar um corvo à charrua, é quanto basta - sugeriu um dos outros lanceiros.

- Pregar corvos em todas as árvores que estiverem próximo do terreno - sugeriu outro.

- Isso não os afasta - opinou um terceiro homem, - mas nos faz sentir melhor.

Seguíamos um caminho estreito por entre as compridas áleas formadas pelas árvores. As folhas ainda não haviam se desenrolado para esconderem os ninhos, por isso pegas e gaios afadigavam-se roubando ovos, piando ruidosamente como protesto quando nos aproximamos.

- As pessoas saberão que estamos aqui, senhor - disse Eachern, - podem não nos ver, mas saberão. Ouvirão os gaios.

- Não importa - respondi-lhe.

Nem eu sabia bem por que razão tomava tamanha cautela para nos mantermos escondidos, a não ser por sermos poucos e, tal como a maior parte dos guerreiros, por me preocupar com a segurança de um grande número de pessoas. Percebi, então, que me sentiria bem mais confortável quando o restante dos meus homens estivessem conosco. Até lá nos esconderíamos o melhor que conseguíssemos, apesar de a meio da manhã a nossa estrada nos conduzir para fora do bosque e de nos vermos nos campos abertos que nos levavam ao Caminho Valado. Lebres machos dançavam nos prados e cotovias cantavam sobre as nossas cabeças. Não vimos ninguém, apesar de, sem dúvida, os aldeões terem nos visto, e de, sem dúvida também, as notícias da nossa passagem serem rapidamente sussurradas pelos campos. Homens armados sempre foram motivo de alarme, por isso fiz com que alguns dos meus homens colocassem os seus escudos à frente para que a sua insígnia tranquilizasse as pessoas da região e lhes fizesse ver que éramos amistosos. Só depois de termos atravessado a estrada romana e de estarmos próximo de *Dun Carie* é que vimos outro ser humano. Era uma mulher que, devido à distância a que estávamos, não conseguiu ver as estrelas dos nossos escudos, fugindo para a mata por trás da vila para se esconder por entre as árvores.

- As pessoas estão nervosas - disse eu a Eachern.

- Souberam que Mordred estava morrendo - disse ele, cuspindo, - e temem o que possa acontecer a seguir, embora devessem estar contentes pelo canalha morrer.

Quando Mordred era criança, Eachern fora um dos seus guardas, e essa experiência fizera crescer no lanceiro irlandês um profundo ódio pelo rei. Eu gostava de Eachern. Não era um homem esperto, mas era persistente, leal e combativo no campo de batalha.

- Eles crêem que haverá guerra, senhor - afirmou.

Passamos com dificuldade o ribeiro situado abaixo de *Dun Carie*, contornamos as casas e chegamos ao íngreme caminho que nos levava à paliçada que circundava a pequena colina. Tudo estava calmo. Nem os cães se encontravam nas ruas da vila e, mais preocupante ainda, nenhum lanceiro guardava a paliçada.

- Issa não está aqui - afirmei, tocando no copo da *Hywelbane*. A ausência de Issa, por si só, não era incomum, porque passava muito do seu tempo em outras partes da *Dumnônia*, mas tive dúvidas que tivesse deixado *Dun Carie* sem guardas. Lancei um olhar rápido pela vila, e vi que todas as portas estavam fechadas. Não havia fumaça saindo dos telhados, nem da oficina do ferreiro.

- Não há cães na colina - disse Eachern, ominoso.

Usualmente havia uma matilha de cães em torno do palácio de *Dun Carie* e, por aquela altura, alguns deviam estar descendo a colina correndo para virem nos receber.

Contudo, ao invés, víamos apenas corvos barulhentos no telhado do palácio e ainda outros piando na paliçada. Um pássaro sobrevoou os domínios com um longo e vermelho pedaço de qualquer coisa rugosa no bico.

Nenhum de nós disse nada enquanto subíamos a colina. O silêncio fora o primeiro indicador do horror, depois os corvos, e a meio da subida sentimos o cheiro amargo e doce da morte que se aloja atrás da garganta. E esse cheiro, mais forte do que o silêncio e mais eloquente do que os corvos, avisou-nos do que nos aguardava depois do portão aberto. Era a morte que nos esperava, nada mais do que a morte. *Dun Carie* tornara-se um local de morte. Os corpos de homens e mulheres estavam espalhados por todo lado e apinhados no interior do palácio.

Quarenta e seis corpos no total, e nem um conservava a sua cabeça. O chão estava ensopado em sangue. O palácio fora saqueado, todos os cestos e baús haviam sido virados, e os estábulos estavam vazios. Até mesmo os cães haviam sido mortos, embora esses, pelo menos, conservassem as cabeças. As únicas coisas vivas eram os gatos e os corvos, e todos fugiam de nós.

Caminhei pelo horror como se percorresse um labirinto. Só após alguns instantes percebi que havia apenas dez homens jovens entre os mortos. Deviam ser os guardas deixados por Issa, enquanto os outros cadáveres pertenciam *as* famílias dos seus homens. Pyrlig encontrava-se entre eles. Pobre Pyrlig, que ficara em *Dun Carie* por saber que não conseguia competir com Taliesin, e agora estava morto com a sua túnica branca ensopada em sangue *e* as suas mãos de harpista com lenhos profundos por tentar defender-se dos golpes de espada. Issa não se encontrava ali, nem Scarach, a sua esposa, já que não havia mulheres jovens nem crianças naquele ossuário. Umas e outras deveriam ter sido levadas, para servirem de distração, no caso das primeiras ou para serem feitas escravas, no das segundas, enquanto os anciãos, os bebês e os guardas haviam sido massacrados e as suas cabeças levadas como troféus. A carnificina fora recente, porque nenhum dos corpos começara ainda a inchar ou a apodrecer. Enxames de moscas cobriam o sangue, mas por enquanto não havia larvas de mosca coleando nas feridas abertas pelas lanças e pelas espadas.

Vi que o portão fora arrancado dos gonzos, mas não havia sinais de luta e suspeitei que os autores daquela carnificina haviam entrado nestes domínios como convidados.

- Quem fez isto, senhor? - perguntou-me um dos meus lanceiros.

- Mordred - afirmei com tristeza.

- Mas ele está morto! Ou morrendo!

- Ele quer que achemos isso - respondi, e não conseguia encontrar outra explicação.

Taliesin avisara-me, e agora eu temia que o bardo tivesse razão. Mordred não estava, de modo algum, morrendo, mas regressara e soltara o seu grupo de guerra no seu próprio país. O rumor sobre a sua morte deveria ter sido conjurado para que as pessoas se sentissem seguras, e entretanto ele planejara o seu regresso e a morte de todos os lanceiros que pudessem fazer-lhe frente. Mordred

libertara-se do seu freio, e isso significava, sem dúvida, que após esta carnificina em *Dun Carie* ele deveria ter rumado para leste no encalço de Sagramor, ou então para oeste ao encontro de Issa. Se Issa ainda estivesse vivo.

Creio que a culpa fora nossa. Depois de *Mynydd Baddon*, quando Artur desistira do seu poder, pensáramos que a *Dumnônia* seria protegida pelas lanças de homens leais a Artur e às suas crenças, e que o poder de Mordred seria controlado, por não possuir lanceiros. Nenhum de nós previra que *Mynydd Baddon* daria ao nosso rei um especial gosto pela guerra, nem que o seu enorme sucesso no campo de batalha atrairia lanceiros para combaterem sob o seu estandarte. Agora, Mordred tinha lanceiros, e as lanças conferiam poder, e, nesse momento, eu via o primeiro exercício desse novo poder.

Mordred purgava o país das pessoas que haviam sido destacadas para restringir o seu poder e que podiam apoiar a subida ao trono de Gwydre.

- O que faremos, senhor? - perguntou-me Eachern.

- Vamos para casa, Eachern - respondi, - vamos para casa. - E entendia eu por

”casa”, a *Silúria*. Nada havia ali que pudéssemos fazer. Éramos apenas onze e tive dúvidas que conseguíssemos alcançar Sagramor, cujas forças se encontravam bem distantes à leste. Além disso, Sagramor não precisava do nosso auxílio para o protegermos. A pequena guarnição de *Dun Carie* podia ter sido empresa fácil para Mordred, mas ele descobriria, sem dúvida, que cortar a cabeça do númida era tarefa bem mais difícil. Nem podia eu ter esperança de encontrar Issa, se estivesse vivo. Deste modo, nada mais podia fazer do que voltar para casa e mergulhar numa ira frustrada. É

difícil descrever essa ira. No seu âmago havia um ódio frio por Mordred, mas era um ódio impotente, que doía, porque eu sabia que não podia fazer nada para vingar rapidamente estas pessoas que haviam pertencido ao meu povo. Também senti como se os tivesse decepcionado. Senti culpa, ódio, compaixão e uma dolorosa tristeza.

Coloquei um homem montando guarda no portão aberto, enquanto os outros, arrastavam os corpos para dentro do palácio. Teria preferido queimá-los, mas não havia madeira suficiente nestes domínios, nem tínhamos tempo para derrubar o telhado de colmo do palácio sobre os cadáveres, por isso nos contentamos em colocá-los decentemente alinhados; e depois orei a Mitras, para

que facultasse a oportunidade de eu dar a estas pessoas uma vingança condigna.

- Melhor será revistarmos a vila - disse eu a Eachern, quando terminei a oração, mas não tivemos tempo. Nesse dia, os deuses haviam nos abandonado.

O homem que estava ao portão não o vigiara convenientemente. Não posso censurá-lo. Nenhum dos que estavam no topo daquela colina estava no seu juízo perfeito, e a sentinela devia estar olhando para aqueles domínios ensopados em sangue, em vez de vigiar o portão. Por isso era já muito tarde quando viu os cavaleiros. Ouvi-o gritar, mas quando corri para fora do palácio a sentinela já estava morta e um cavaleiro de armadura negra arrancava uma lança do seu corpo.

- Peguem-no! - gritei, e corri em direção ao cavaleiro, esperando que ele virasse o cavalo e se afastasse, contudo abandonou a lança e esporeou o cavalo avançando pelos domínios e, de imediato, outros cavaleiros o seguiram.

- Reagrupar! - gritei, e os nove homens que me restavam amontoaram-se à

minha volta, formando um pequeno círculo de escudos, apesar da maior parte não possuir nenhum, porque os havíamos largado enquanto enterrávamos os mortos no palácio.

Alguns de nós nem tão pouco tinham lanças. Desembainhei *Hywelbane*, embora sabendo que não tínhamos chances, porque havia mais de vinte cavaleiros nos domínios mais ainda subiam a colina esporeando energicamente os seus cavalos. Deviam estar nos aguardando nos bosques depois da vila, esperando talvez o regresso de Issa. Eu próprio fizera o mesmo em Benoic. Havíamos morto os francos em algum longínquo local elevado, depois havíamos aguardado para emboscar outros mais, e agora eu caminhara para uma cilada idêntica.

Não reconheci nenhum dos cavaleiros, e nenhum deles trazia qualquer insígnia nos seus escudos. Alguns haviam coberto a parte exterior de couro dos seus escudos com pez negra, mas aqueles homens não eram Escudos Negros de Oengus Mac Airem.

Era um grupo de guerreiros veteranos cheio de cicatrizes, barbudos, de cabelos entrançados e ameaçadoramente confiantes. O seu chefe montava um cavalo preto e trazia um belo elmo com proteções laterais com gravações. Deu uma gargalhada quando um dos seus homens desfraldou o estandarte de Gwydre,

depois virou-se e esporeou o seu cavalo na minha direção.

- Lorde Derfel - saudou-me.

Por instantes, ignorei-o, percorrendo os domínios com o olhar com a remota esperança de descobrir alguma forma de fugirmos; mas estávamos cercados pelos cavaleiros, que, empunhando lanças e espadas, aguardavam a ordem para nos matar.

- Quem é você? - perguntei ao homem de elmo decorado.

Como resposta recuou, simplesmente, as suas proteções laterais. Depois sorriu.

Não era um sorriso de prazer, mas também ele não era um homem agradável.

Eu olhava fixamente para Amhar, um dos gêmeos de Artur.

- Amhar Artur - saudei-o, depois cuspi.

- Príncipe Amhar - corrigiu-me ele.

Tal como acontecia com o seu irmão Loholt, Amhar sempre se ressentira do seu nascimento ilegítimo, e agora devia ter decidido adotar o título de príncipe, apesar de seu pai não ser rei. Teria sido uma apresentação patética, caso Amhar não tivesse mudado tanto desde a última vez que o vira de relance, nas encostas de *Mynydd Baddon*. Parecia mais velho e muito mais imponente. A sua barba era cerrada, uma cicatriz marcava-lhe o nariz e as suas proteções laterais tinham vincados uma dúzia de golpes de lança.

Parecia-me que Amhar crescera nos campos de batalha da *Armórica*, embora a maturidade não tivesse apaziguado o seu ressentimento amargo.

- Não me esqueci dos insultos que me dirigiu em *Mynydd Baddon* - disse ele, - e ansiei pelo dia em que pudesse devolvê-los. Contudo, creio que o meu irmão ficará bem mais satisfeito por vê-lo. Fora eu quem segurara o braço de Loholt enquanto Artur lhe decepara a mão.

- Onde está seu irmão? - perguntei.

- Com o nosso rei.

- E quem é o seu rei? - perguntei. Eu sabia a resposta, mas quis confirmá-la.

- O mesmo que o seu, Derfel - disse Amhar. - O meu querido primo, Mordred.

E para que outro lugar haviam Amhar e Loholt de ir, depois da derrota de *Mynydd Baddon*? Tal como tantos homens da Bretanha sem senhor, eles haviam procurado refúgio junto de Mordred, que acolhera toda a espada desesperada que procurasse o seu estandarte. E como deverá ter agradado a Mordred ter a seu lado os filhos de Artur!

- O rei está vivo? - perguntei.

- Ele prospera! - afirmou Amhar. - A sua rainha enviou dinheiro a Clóvis, que preferiu aceitar o ouro a combater-nos. - Sorriu e gesticulou para os seus homens. -

Então, aqui estamos nós, Derfel. Para acabar o que iniciamos esta manhã.

- Tomarei a sua alma pelo que fez a esta gente - disse-lhe eu, gesticulando com a *Hywelbane* para o sangue que ainda continuava escuro no pátio de *Dun Carie*.

- O que irá ter, Derfel - disse Amhar, inclinando-se para diante na sua sela, - é o que eu, o meu irmão e o nosso primo decidirmos dar-lhe.

Olhei para ele desafiadoramente.

- Servi a seu primo com lealdade.

Amhar sorriu.

- Mas duvido que ele volte a querer os teus préstimos.

- Então deixarei o seu reino - afirmei.

- Não creio - disse Amhar, brandamente. - Acho que o meu rei gostará de vê-lo uma última vez, e sei que o meu irmão está ansioso por trocar algumas palavras contigo.

- Eu preferia partir - afirmei.

- Não, - insistiu Amhar. - Virá comigo. Deponha a sua espada.

- Você terá que tirá-la de mim, Amhar.

- Se tenho de fazê-lo - disse ele, e não pareceu preocupado com a situação.

Mas, porque havia ele de se preocupar? Eles eram em maior número do que nós, e, pelo menos, metade dos meus homens não tinha escudos nem lanças.

Virei-me para os meus homens.

- Se desejam render-se - disse-lhes eu, - saiam do círculo. Mas eu lutarei. - Dois dos meus homens desarmados deram um passo hesitante em frente, mas Eachern resmungou-lhes e eles estacaram. Acenei-lhes para que saíssem. - Vão - disse eu, com tristeza. - Não pretendo atravessar a ponte das espadas com companheiros que o fazem contrariados.

Os dois homens afastaram-se, mas Amhar assentiu simplesmente para os seus cavaleiros e estes circundaram o par, serpentearam as suas espadas e mais sangue correu no cume de *Dun Carie*.

- Seu cretino! - disse eu, e corri para Amhar.

Ele, contudo, limitou-se a torcer as rédeas e a esporear o seu cavalo saindo do meu alcance, e enquanto fugia de mim os seus homens avançaram na direção dos meus lanceiros.

Foi outra carnificina, mas nada pude fazer para impedir. Eachern matou um dos homens de Amhar, mas enquanto a sua espada ainda estava presa ao ventre do homem, outro cavaleiro abateu-o pelas costas. Todos os meus homens morreram quase tão depressa. Pelo menos nisso os lanceiros de Amhar foram misericordiosos. Não deixaram que as almas dos meus homens se detivessem, cortando e golpeando com uma energia furiosa.

Pouco me apercebi disso, porque enquanto eu perseguia Amhar um dos seus homens passou por trás de mim e desferiu um rude golpe na minha nuca. Caí, sentindo a cabeça rodando e uma escuridão negra trespassada por raios de luz. Lembro-me de cair de joelhos, depois, um segundo golpe atingiu-me no elmo e achei que morria. Porém, Amhar me queria vivo, e quando recuperei os sentidos me vi deitado numa das estrumeiras de *Dun Carie* com os pulsos amarrados por uma corda e a bainha de *Hywelbane* pendurada à cintura de Amhar. A minha armadura havia sido retirada, e um pequeno *torc* em ouro fora roubado do meu

pescoço. Todavia, Amhar e os seus homens não haviam encontrado o broche de Ceinwyn, que ainda estava a salvo preso por baixo do meu justilho. Agora afadigavam-se decepando as cabeças dos meus lanceiros com as suas espadas.

- Canalha - gritei o insulto a Amhar, mas ele limitou-se a fazer um largo sorriso e virou-me as costas, continuando o seu trabalho macabro. Golpeou a coluna de Eachern com a *Hywelbane*, depois agarrou a cabeça pelos cabelos e atirou-a para uma pilha de cabeças que crescia em cima de uma capa.

- Uma bela espada - disse-me ele, balançando a *Hywelbane* na mão.

- Então, use-a para me enviar para o Outro Mundo.

- O meu irmão nunca me perdoaria por mostrar tamanha misericórdia - disse ele, depois limpou a lâmina da *Hywelbane* à sua capa esfarrapada e empurrou-a para dentro da bainha. Acenou a três dos seus homens para que avançassem, depois retirou uma pequena faca do seu cinto.

- Em *Mynydd Baddon* - disse ele, virando-se para mim, - você me chamou de bastardo desprezível e cachorrinho cheio de vermes. Acha que sou homem de me esquecer dos insultos?

- A verdade é sempre memorável - disse-lhe eu, embora tivesse de forçar o tom de desafio na minha voz porque, no fundo, estava aterrorizado.

- Sem dúvida que a tua morte será memorável - disse Amhar, - mas por enquanto tem de se contentar com as atenções de um barbeiro.

Acenou para os seus homens.

Debati-me quando se aproximaram e me agarraram, mas com as mãos presas e a cabeça ainda latejando, pouco podia fazer para lhes resistir. Dois dos homens seguraram-me de encontro à estrumeira, enquanto o terceiro agarrava a minha cabeça pelo cabelo, e Amhar, com o joelho direito cravado no meu peito, me cortava a barba. Fê-lo de forma tosca, cortando em porções desiguais até à pele, e atirou os novelos de pêlo cortado a um dos seus homens que fazia um largo sorriso, enquanto desmanchava as tranças e com elas fazia uma pequena corda. Uma vez acabada, foi-lhe feito um nó

corredio e colocaram-na em volta do meu pescoço. Este era o insulto supremo

para um guerreiro capturado, a humilhação de ter uma trela de escravo feita com a sua própria barba. Depois de terminarem esta tarefa troçaram de mim dando estrondosas gargalhadas, depois Amhar obrigou-me a levantar dando fortes puxões à trela feita de pêlo.

- Fizemos o mesmo a Issa - disse ele.

- Liar - retorqui debilmente.

- E obrigamos a sua mulher a assistir - disse Amhar com um sorriso, - depois o obrigamos a observar-nos enquanto nos ocupávamos dela. Agora estão os dois mortos.

Cuspi no seu rosto, mas ele limitou-se a rir. Teria lhe chamado de mentiroso, mas acreditava no que dizia. Conclui que Mordred planejara o seu regresso à Bretanha de forma bem eficiente. Ele espalhara a notícia da sua morte iminente, e, entretanto, Argante embarcara o seu ouro amealhado para Clóvis, que deste modo comprado, libertara Mordred. Por sua vez, Mordred regressara à *Dumnônia* por barco, e agora matava os seus inimigos. Issa estava morto, e eu não tinha dúvidas que a maior parte dos seus lanceiros, bem como aqueles que eu deixara na *Dumnônia*, haviam morrido com ele. Eu fora feito prisioneiro. Restava apenas Sagramor.

Amarraram a trela feita com a minha barba à cauda do cavalo de Amhar e dirigiram-se comigo para sul. Os quarenta lanceiros de Amhar formavam uma escolta escarnecedora, rindo sempre que eu tropeçava. Arrastaram o estandarte de Gwydre pela lama que ia preso à cauda de outro cavalo.

Levaram-me para *Caer Cadarn*, e uma vez ali, me atiraram para o interior de uma cabana. Não era a mesma onde eu encarcerara Guinevere tantos anos antes, mas outra bem menor, com uma porta tão baixa que me vi obrigado a rastejar para entrar, ajudado pelas botas e as hastes das lanças dos meus captores. Gatinhei pelas sombras da cabana *e* vi que também se encontrava ali outro prisioneiro, um homem trazido de *Durnovária*, cujo rosto estava vermelho de tanto chorar. Por instantes não me reconheceu sem barba, mas depois estremeceu de admiração.

- Derfel!

- Bispo - disse eu penosamente, - porque era Sansum, *e* ambos fôramos feitos

prisioneiros de Mordred.

- Há um engano! - insistiu Sansum. - Eu não devia estar aqui!

- Diga isso a eles - afirmei, meneando a cabeça na direção dos guardas que estavam do lado de fora da cabana. - Não a mim.

- Eu não fiz nada. A não ser servir Argante! E veja como eles me recompensam!

- Cale-se - disse-lhe eu.

- Oh, bom Jesus! - Ele caiu de joelhos, afastou os braços e levantou os olhos fixos para as teias de aranha que estavam presas ao telhado de colmo. - Envie-me um anjo! Leve-me para a Vossa doce companhia.

- Faça o favor de ficar calado? - resmunguei, mas ele continuou a rezar e a lamuriar-se, enquanto eu olhava fixa e longamente para o cume brumoso de *Caer Cadarn*, onde uma pilha de inúmeras cabeças estava sendo erguida. Entre elas estavam as cabeças dos meus homens, juntamente com inúmeras outras que haviam sido recolhidas por toda a *Dumnônia*. Uma cadeira revestida com uma túnica de um azul pálido foi colocada no cimo da pilha; o trono de Mordred. Mulheres e crianças, as famílias dos lanceiros de Mordred, olharam atentamente para a macabra pilha, e depois alguns vieram espreitar à porta da baixa cabana e riram do meu rosto sem barba.

- Onde está Mordred? - perguntei a Sansum.

- Como posso saber? - respondeu-me, interrompendo a sua oração.

- Então o que você está fazendo? - perguntei. Ele recuou até ao banco arrastando os pés. Prestara-me um pequeno favor ao desatar-me os pulsos, mas a liberdade pouco me reconfortava, porque via seis lanceiros guardando a cabana, e não tive dúvidas que haveria outros que não conseguia ver. Um homem sentou-se virado para a entrada aberta da cabana com uma lança, rogando-me que rastejasse pela porta baixa e, lhe concedesse a oportunidade de me trespassar. Eu não tinha a mínima chance de derrotar qualquer um deles. - O que você sabe? - perguntei, de novo, a Sansum.

- O rei voltou há duas noites - disse ele, - com centenas de homens.

- Quantos?

Ele encolheu os ombros.

- Trezentos? Quatrocentos? Não consegui contá-los, eram tantos. Mataram Issa na *Durnovária*.

Fechei os olhos e rezei pelo pobre Issa e pela sua família.

- Quando te prenderam? - perguntei a Sansum.

- Ontem. - Pareceu indignado. - E por nada! Saudei-o com boas-vindas! Não sabia que estava vivo, mas fiquei contente por vê-lo. Regozijei-me! E por isso, eles me prenderam!

- Então, qual a razão por que te prendem? - perguntei-lhe.

- Argante afirma que eu escrevia a Meurig, senhor, mas isso não pode ser verdade! Não tenho habilidade para as letras. Você sabe disso.

- Os seus escribas sabem, Bispo.

Sansum olhou-me indignado.

- E por que razão havia eu de falar com Meurig?

- Porque conspiravas para lhe entregar o trono, Sansum - afirmei, - e não negue.

Eu falei com ele há duas semanas.

- Eu não lhe escrevi - disse ele com enfado.

Acreditei nele, porque Sansum nunca fora muito hábil ao passar as suas maquinações para o papel, mas não tive dúvidas que ele enviara mensageiros. E um desses mensageiros, ou talvez um servidor da corte de Meurig, traíra-o, contando o que se passava a Argante, que, sem dúvida, ansiava pelo ouro amealhado de Sansum.

- Você merece o que quer que venha a ter - disse-lhe.- Conspirou contra todos os reis que sempre se mostraram bondosos para contigo.

- Tudo o que sempre quis foi o melhor para o meu país, e para Cristo!

- Seu sapo cheio de vermes - disse eu, cuspindo no chão. – Você deseja apenas o poder.

Fez o sinal da cruz e fitou-me com repugnância.

- É tudo por culpa de Fergal - disse ele.

- Porquê culpá-lo?

- Porque ele quer ser tesoureiro!

- Quer dizer que ele quer ser rico como você?

- Eu?

Sansum fitou-me com uma surpresa fingida.

- Eu? Rico? Em nome do Senhor tudo o que sempre fiz foi colocar uma pitança de parte no caso do reino precisar! Fui prudente, Derfel, prudente.

Continuou a justificar-se, e, aos poucos, compreendi que ele acreditava em cada palavra que proferia. Sansum podia trair as pessoas, podia imaginar maquinações para as matar, como tentara fazer comigo e com Artur quando fomos prender Ligessac, *e* podia extorquir todo o tesouro, contudo, durante todo esse tempo, convencera-se de algum modo que as suas ações tinham uma justificativa. O único princípio pelo qual se regia era a ambição, e à medida que aquele infeliz dia mergulhava na escuridão, ocorreu-me, que quando o mundo fosse privado de homens como Artur e reis como Cuneglas, então criaturas como Sansum governariam em toda a parte. Se Taliesin tinha razão, então os nossos deuses haviam desaparecido, e com eles todos os druidas, e depois deles seriam os grandes reis, e então surgiria um clã de *Lordes Ratos* para nos governar.

O dia seguinte trouxe Sol e um vento incerto, que arrastava o cheiro pestilento do monte de cabeças para a nossa cabana. Não nos foi permitido sair da cabana, vendo-nos, assim, obrigados a fazer as necessidades num canto. Não nos foi dado qualquer alimento, apesar de uma bexiga de água fedorenta nos ter sido atirada. Os guardas eram outros, mas os novos homens eram tão vigilantes como os primeiros. Amhar veio à

cabana uma vez, mas apenas para se deleitar contemplando a nossa miséria.

Desembainhou a *Hywelbane*, beijou a lâmina, poliu-a na sua capa, depois tocou

com o dedo na ponta acabada de amolar.

- Suficientemente afiada para te cortar as mãos, Derfel - disse ele. - Tenho certeza que o meu irmão gostaria de ter uma mão sua. Podia com ela enfeitar o alto do seu elmo! E eu podia ficar com a outra. Preciso de uma nova crista.

Fiquei calado, e passado algum tempo ele se aborreceu de tentar me provocar e afastou-se, ceifando os cardos com a *Hywelbane*.

- Talvez Sagramor mate Mordred - segredou-me Sansum.

- Rezo para que isso aconteça.

- Tenho certeza que Mordred foi ao seu encontro. Ele veio aqui, enviou Amhar para *Dun Carie*, depois rumou para leste.

- Quantos homens tem Sagramor?

- Duzentos.

- Não tem tantos - afirmei.

- Ou talvez Artur venha - sugeriu Sansum.

- Nesta altura já deverá saber que Mordred voltou - afirmei, - mas ele não pode avançar sobre *Gwent*, porque Meurig não o deixará fazê-lo, o que significa que ele tem de transportar os seus homens por mar, e tenho dúvidas que o faça.

- Porque não?

- Porque Mordred é o rei legítimo, Bispo, e, por muito que odeie Mordred, Artur não lhe negará esse direito. Ele não quebrará o juramento que fez a Uther.

- Não tentará salvá-lo?

- Como? perguntei-lhe. - No preciso instante em que estes homens vissem Artur aproximando-se, cortariam imediatamente as nossas gargantas.

- Deus nos guarde - rogou Sansum. - Jesus, Maria e os Santos nos protejam.

- Eu prefiro orar a Mitras - afirmei.

- Pagão! - pronunciou Sansum numa voz sibilante, mas não tentou interromper a minha oração.

O dia avançou. Era um dia de Primavera de uma extrema beleza, mas para mim era um dia amargo como fel. Eu sabia que a minha cabeça aumentaria a pilha no cume de *Caer Cadarn*, mas esse não era o motivo mais forte do meu desespero; esse adivinha do conhecimento de que eu falhara diante da minha gente. Conduzira os meus lanceiros para uma cilada, vira-os morrer, falhara. Se no Outro Mundo me recebessem com censuras, era isso justamente o que eu merecia, mas eu sabia que me acolheriam com alegria, e isso apenas me faria sentir mais culpado. Porém, a perspectiva do Outro Mundo era para mim reconfortante. Tinha lá amigos e duas filhas, e quando terminasse a tortura e a minha alma fosse liberta para o seu corpo-sombra, eu sentiria a felicidade da reunião.

Percebi que Sansum não conseguia encontrar consolo na sua religião. Durante todo esse dia ele lastimara-se, gemera, chorara e queixara-se, mas nada conseguiu com o barulho que fez. Apenas podíamos esperar durante mais uma noite e outro longo e esfomeado dia.

Mordred voltou no fim da tarde desse segundo dia. Ele veio de leste, conduzindo uma longa coluna de lanceiros a pé, que gritaram saudações aos guerreiros de Amhar.

Um grupo de cavaleiros acompanhava o rei, e entre eles estava o maneta Loholt.

Confesso que fiquei aterrorizado ao vê-lo. Alguns dos homens de Mordred traziam trouxas, que suspeitei contivessem inúmeras cabeças, o que acontecia, de fato, mas eram em muito menor número do que eu temera. Talvez vinte ou trinta foram despejadas na pilha coberta de moscas, e nem uma parecia ter pele escura. Calculei que Mordred tivesse surpreendido e chacinado uma das patrulhas de Sagramor, mas falhara o seu principal alvo. Sagramor estava em liberdade, e isso me consolava. Ele era um magnífico amigo e um terrível inimigo. Artur era um bom inimigo, porque sempre fora propenso ao perdão, mas Sagramor era implacável. O númida perseguia um inimigo até o fim do mundo.

Todavia, nessa noite, a fuga de Sagramor era para mim de pouca utilidade. Ao saber da minha captura, Mordred gritara de contentamento, depois mandou que

lhe fosse mostrado o estandarte de Gwydre cheio de lama. Deu uma gargalhada ao ver o urso e o dragão, depois ordenou que se estendesse a bandeira na relva para que ele e os seus homens urinassem nela. Loholt chegou mesmo a dançar quando recebeu a notícia da minha captura, porque fora ali, no topo daquela mesma colina, que a sua mão fora decepada. A mutilação devera-se a um castigo por se atrever a rebeliar-se contra seu pai, e agora podia vingar-se no seu amigo.

Mordred chamou-me à sua presença, e Amhar foi buscar-me, trazendo consigo a trela feita com a minha barba. Estava acompanhado por um homem enorme, vesgo e sem dentes, que mergulhou no interior da cabana, me agarrou pelo cabelo e me forçou a ficar de gatas, empurrando-me depois pela porta baixa. Amhar colocou a trela em volta do meu pescoço e, quando tentei levantar-me, forçou-me a permanecer de gatas.

- Rasteje - ordenou-me. O bruto desdentado forçou-me a baixar a cabeça, Amhar puxou a trela, e fui, deste modo, obrigado a rastejar em direção ao cume por entre filas de homens, mulheres e crianças que motejavam. Todos me cuspiram à minha passagem, alguns me deram pontapés, outros açoitaram-me com a extremidade mais grossa de lanças, mas Amhar impediu-os de me mutilarem. Ele me queria inteiro para aumentar o prazer do seu irmão.

Loholt aguardou junto à pilha de cabeças. O coto do seu braço direito estava revestido com prata, e na extremidade do revestimento, no lugar da mão, fora fixa a garra de um urso. Fez um sorriso rasgado quando me aproximei dele rastejando, mas a satisfação também o tornara muito incoerente para conseguir falar. Deste modo, balbuciou e cuspiu-me, e durante todo aquele tempo chutou-me no ventre e nas costelas.

Os seus pontapés eram fortes, mas estava de tal modo furioso que batia cegamente e, por isso, pouco mais me fez do que nódoas negras. Mordred observava do seu trono colocado em cima da pilha de inúmeros crânios cheia de moscas.

- Basta! - gritou após algum tempo, e Loholt deu-me um último pontapé e afastou-se para o lado.

- Lorde Derfel - saudou-me Mordred com uma cortesia motejadora.

- Meu rei e senhor - respondi-lhe. Eu estava entre Loholt e Amhar, enquanto a toda a volta da pilha de cabeças uma multidão ávida se havia reunido para

assistir à

humilhação.

- Erga-se, Lorde Derfel - ordenou-me Mordred.

Levantei-me e olhei-o fixamente, mas não conseguia ver-lhe o rosto, porque o Sol punha-se a oeste atrás de si e ofuscava-me. Conseguia ver Argante de pé junto à

pilha de cabeças, e com ela estava Fergal, o seu druida. Deveriam ter seguido de *Durnovária* para norte, e cavalgado durante todo o dia, porque não os vira antes. Ela sorriu ao ver o meu rosto sem barba.

- O que aconteceu à sua barba, Lorde Derfel? - perguntou-me Mordred com uma preocupação fingida.

Permaneci calado.

- Fale! - ordenou-me Loholt, e socou-me o rosto com o seu coto. As garras de urso arranharam-me a pele.

- Foi cortada, meu rei e senhor - respondi.

- Cortada! - Ele deu uma gargalhada. - E sabe por que motivo foi cortada, Derfel?

- Não, senhor.

- Porque você é meu inimigo - afirmou.

- Não é verdade, meu rei e senhor.

- Você é meu inimigo! - Gritou ele num repentino acesso de cólera, batendo num dos braços da cadeira e observando-me com atenção para ver se eu mostrava algum temor diante da sua ira.

- Em criança - anunciou ele à multidão,- esta coisa me criou. Bateu-me!

A multidão insultou-me até Mordred levantar uma mão para silenciá-la.

- E este homem - disse ele, apontando-me um dedo para acrescentar má-fortuna às suas palavras, - ajudou Artur a decepar a mão de Loholt.

De novo, a multidão gritou enfurecida.

- E ontem - prosseguiu Mordred, - Lorde Derfel foi encontrado no meu reino com um estandarte estrangeiro.

Fez sinal com a sua mão direita e dois homens acorreram com a bandeira de Gwydre encharcada em urina.

- De quem é este estandarte, Lorde Derfel? - perguntou-me Mordred.

- Pertence a Gwydre ap Artur, senhor.

- E por que motivo o estandarte de Gwydre está na *Dumnônia*?

Por breves instantes pensei em mentir. Talvez eu pudesse afirmar que trazia o estandarte como uma forma de prestar tributo a Mordred, mas eu sabia que ele não iria acreditar em mim e, pior ainda, eu mesmo me desprezaria por essa mentira. Por isso, ergui a cabeça.

- Esperava içá-la com a notícia da sua morte, meu rei e senhor.

A minha verdade surpreendeu-o. A multidão murmurou, mas Mordred limitou-se a tamborilar os dedos no braço da cadeira.

- Declara-se traidor - afirmou, algum tempo depois.

- Não, meu rei e senhor - afirmei, - eu posso ter desejado a sua morte, mas nada fiz para consumá-la.

- Você não foi à *Armórica* me salvar! - gritou ele.

- É verdade - respondi.

- Porquê? - perguntou-me ameaçadoramente.

- Porque isso significaria enviar homens bons salvarem homens maus - afirmei, gesticulando para os seus guerreiros. Eles riram.

- E teve esperança que Clóvis me matasse? - perguntou-me Mordred depois de os risos esmorecerem.

- Muitos desejaram, meu rei e senhor - afirmei, e de novo a minha honestidade pareceu surpreendê-lo.

- Dê-me, então, uma boa razão, Lorde Derfel, para eu não matá-lo neste mesmo instante - ordenou-me Mordred.

Permaneci em silêncio por breves instantes, depois encolhi os ombros.

- Não me ocorre nenhum motivo, meu rei e senhor.

Mordred desembainhou a sua espada e atravessou-a sobre os joelhos, depois pousou sobre a lâmina as suas mãos abertas.

- Derfel - anunciou ele, eu o condeno à morte.

- É meu o privilégio, meu rei e senhor! - pediu Loholt avidamente. - Meu!

E a multidão latiu-lhe o seu apoio. Observar a minha morte lenta lhes abriria o apetite para a ceia que estava sendo preparada no cume da colina.

- É seu privilégio cortar-lhe a mão, príncipe Loholt - declarou Mordred.

Levantou-se e coxeou cautelosamente, enquanto descia da pilha de cabeças com a espada desembainhada na mão direita.

- Mas é meu privilégio - afirmou, quando estava próximo de mim, - tirar-lhe a vida.

Levantou a lâmina da espada entre as minhas pernas e lançou-me um sorriso matreiro.

- Antes de morrer, Derfel - disse ele, - vamos tirar mais do que as mãos.

- Mas não esta noite! - gritou uma voz severa vinda de trás da multidão. - Meu rei e senhor! Não esta noite!

Houve um murmúrio na multidão. Mordred pareceu mais estarrecido do que ofendido com a interrupção e nada disse.

- Não esta noite! - voltou a gritar o homem, e ao virar-me vi Taliesin caminhando calmamente por entre a multidão excitada, que se afastava para lhe dar passagem. Ele trazia a sua harpa e a pequena sacola de couro, mas agora segurava um bastão preto, parecendo um perfeito druida.

- Posso dar-lhe boas razões para que Derfel não morra esta noite, meu rei e senhor - disse Taliesin, enquanto caminhava até ao espaço aberto junto às cabeças.

- Quem é você? - perguntou Mordred.

Taliesin ignorou a pergunta *e* caminhou até Fergal. Os dois homens abraçaram-se e beijaram-se, e só depois desta saudação formal ter terminado Taliesin voltou a olhar para Mordred.

- Eu sou Taliesin, meu rei e senhor.

- Uma coisa de Artur - escarneceu Mordred.

- Não pertenço a homem algum, meu rei e senhor - disse Taliesin calmamente, -

e uma vez que escolheu insultar-me, deixarei as minhas palavras por proferir. Para mim são todos um único.

Virou as costas a Mordred e começou a afastar-se.

- Taliesin! - gritou Mordred.

O bardo voltou-se para olhar o rei, mas sem nada dizer.

- Não foi minha intenção ofendê-lo - disse Mordred, não desejando a inimizade de um feiticeiro.

Taliesin hesitou, depois aceitou as desculpas do rei com um aceno de cabeça.

- Meu rei e senhor - disse ele, sou-lhe grato.

Ele falou com um tom de voz grave e, como é próprio a um druida falar a um rei, sem deferência nem arrogância. Taliesin era famoso como bardo, não como druida, mas todos os presentes o trataram como se fosse um verdadeiro druida, e

ele nada fez para alterar o seu juízo. Usava a tonsura druídica, transportava o bastão preto, falava com uma autoridade sonora e saudara Fergal como seu par. Sem dúvida que Taliesin queria que eles acreditassem na sua decepção, porque um druida não pode ser morto nem mal tratado, ainda que seja inimigo de druidas. Até mesmo no campo de batalha os druidas podem caminhar em segurança e, ao fazer passar-se por druida, Taliesin garantia a sua própria segurança. Um bardo não possuía a mesma imunidade.

- Então, diga-me por que motivo esta coisa - Mordred apontou para mim com a sua espada, - não deverá morrer esta noite.

- Há alguns anos, meu rei e senhor - disse Taliesin, - o Lorde Derfel deu-me ouro para que eu lançasse um feitiço sobre a sua esposa. O feitiço levou-a a não ter filhos.

Para o lançar, usei o ventre de uma corça, que enchi com as cinzas de uma criança morta.

Mordred olhou para Fergal, que assentiu com a cabeça.

- Essa é, sem dúvida, uma das formas de fazê-lo, meu rei e senhor, - confirmou o druida irlandês.

- Não é verdade! - gritei e, para aumentar o meu sofrimento, recebi outro rude golpe com as garras de urso do coto de prata de Loholt.

- Posso anular o feitiço - prosseguiu Taliesin calmamente, - mas tem de ser anulado enquanto o Lorde Derfel estiver vivo, porque foi ele quem o pediu. Se eu o anular agora, enquanto o Sol se põe, não poderá ser feito devidamente. Tenho de fazê-lo, meu rei e senhor, ao amanhecer, porque o encantamento tem de ser anulado enquanto o Sol nasce, caso contrário, a sua rainha ficará para sempre impossibilitada de dar à luz.

Mordred voltou a lançar um rápido olhar a Fergal, e os pequenos ossos balançaram na barba do druida, provocando uma série de ruídos secos, enquanto ele anuía o seu assentimento.

- Ele diz a verdade, meu rei e senhor.

- Ele mente! - protestei.

Mordred empurrou a sua espada para o interior da bainha.

- Por que razão você me oferece isto, Taliesin? - perguntou ele.

Taliesin encolheu os ombros.

- Artur está velho, meu rei e senhor. O seu poder definha. Os druidas e os bardos têm de buscar patronos onde o poder ascende.

- Fergal é o meu druida - disse Mordred. Eu julgara que ele era cristão, mas não me admirava que tivesse se convertido ao paganismo. Mordred nunca fora um bom cristão, apesar de esse, suspeitava eu, ser o mais insignificante dos seus pecados.

- Me sentirei honrado por conseguir mais engenho com o meu irmão - disse Taliesin, fazendo uma vênia a Fergal, - e jurarei seguir a sua orientação. Nada busco, meu rei e senhor, além de uma oportunidade de usar os meus parcos poderes para sua imensa glória.

Ele era sereno. Falava de modo convincente. Eu não lhe dera ouro em troca de feitiço algum, mas todos os que ali se encontravam acreditaram nele, sobretudo Mordred e Argante. Foi deste modo que Taliesin me concedeu mais uma noite de vida. Loholt estava desiludido, mas Mordred prometeu-lhe a minha alma, bem como a minha mão ao amanhecer, e isso consolou-o um pouco.

Fui obrigado a rastejar de novo até à cabana. Nesse percurso voltaram a bater-me e a chutar-me, mas sobrevivi.

Amhar retirou a trela de pêlo do meu pescoço, depois deu-me um pontapé para que entrasse na cabana.

- Nós nos encontraremos ao amanhecer, Derfel - disse-me ele. Com o Sol batendo-me nos olhos e uma lâmina na garganta.

Nessa noite Taliesin cantou para os homens de Mordred. Haviam se reunido na igreja por acabar, cuja construção Sansum iniciara em *Caer Cadarn*, e que agora se transformara simplesmente num palácio sem telhado e com paredes rachadas. Era aí que Taliesin os deleitava com a sua música. Nunca antes nem depois o ouvi cantar de forma tão maravilhosa. No início, como qualquer bardo que entretém guerreiros, ele teve de se debater com a troada de vozes, mas, aos

poucos, a sua habilidade silenciou-os. Fez-se acompanhar da harpa e escolheu cantar elegias, mas de tamanha beleza eram que os lanceiros de Mordred o ouviram num silêncio aterrado. Até os cães deixaram de uivar e permaneceram em silêncio, enquanto Taliesin, o Bardo, cantava pela noite dentro.

Quando fazia pausas mais longas entre cada canção os lanceiros pediam mais, e, deste modo, ele voltava a cantar, com a sua voz diminuindo no final das melodias, depois surgindo, de novo, com os novos versos, mas sempre suaves. As homens de Mordred beberam e escutaram, e a bebida e as canções fizeram com que chorassem, e ainda assim Taliesin continuava a cantar para eles. Sansum e eu também o ouvíamos, e também nós choramos pela tristeza etérea das elegias. Contudo, à medida que a noite avançava, Taliesin começou a cantar canções de embalar, doces canções de embalar, delicadas canções de embalar, canções de embalar que adormecem também os bêbados, e enquanto cantava, o ar tornou-se mais frio e vi que se formava uma neblina por cima de *Caer Cadarn*.

A neblina adensou-se e Taliesin continuou a cantar. Se o mundo tiver de atravessar pelo reinado de mil reis, não creio que alguma vez os homens ouçam canções tão maravilhosamente cantadas. Entretanto, a bruma envolvia de tal modo o cume da colina que as fogueiras ficaram esbatidas no vapor *e* as canções encheram a escuridão como canções espectrais, ecoando da terra dos mortos. Depois, na escuridão, as canções cessaram e nada mais ouvi do que doces acordes serem tirados da harpa, parecendo-me que se aproximavam cada vez mais da nossa cabana e dos guardas que haviam estado sentados na relva úmida ouvindo a música.

O som da harpa aproximou-se mais ainda e, por fim, vi Taliesin na bruma.

- Trouxe-lhes hidromel - disse ele aos meus guardas, - dividam entre si.

E, da sua sacola, retirou um frasco com rolha, entregando-o a um dos meus guardas. E, enquanto iam passando o frasco de um lado para o outro, ele cantava para eles. Entoou a canção mais suave da noite, uma canção de embalar que faria adormecer um mundo agitado, e o mesmo fizeram eles. Um a um, os guardas encostaram-se, e Taliesin continuou a cantar, encantando com a sua bela voz toda aquela fortaleza.

Apenas quando um dos guardas começou a ressonar, ele deixou de cantar e

retirou a mão da harpa.

- Creio , Lorde Derfel, que pode sair agora - disse ele muito calmamente.

- Eu também! - afirmou Sansum, e puxou-me, passando por mim para ser o primeiro a sair, ao mesmo tempo que tropeçava para fora da cabana.

Taliesin sorriu quando ele surgiu.

- Merlim ordenou-me que o salvasse, senhor - disse ele, - embora diga que não tem de lhe agradecer por isto.

- Claro que lhe agradecerei - afirmei.

- Vamos! - latiu Sansum. - Não há tempo para conversas. Venham! Depressa!

- Espere, miserável - disse-lhe, depois me inclinei e agarrei a lança de um dos guardas adormecidos.

- Que feitiço você usou? - perguntei a Taliesin.

- Um homem quase não precisa de feitiço algum para adormecer gente embriagada - disse ele, - mas com estes guardas usei uma infusão de raízes de mandrágora.

- Esperem-me aqui - pedi-lhes.

- Derfel! Temos de ir! - sussurrou-me Sansum alarmado.

- Precisa esperar, Bispo - ordenei-lhe, e esgueirei-me por entre o nevoeiro, dirigindo-me ao brilho enevoado das enormes fogueiras. Estas ardiam na igreja meia construída que nada mais era do que partes de altas paredes inacabadas com enormes fendas entre os barrotes. O espaço interior estava cheio de gente adormecida, embora agora alguns começassem a despertar e olhassem de olhos esbugalhados como gente que assiste a um encantamento.

Os cães cheiravam por entre os adormecidos em busca de comida e a sua excitação acordava ainda mais gente. Alguns dos que acabavam de acordar observavam-me, mas nenhum me reconheceu. Para eles eu era mais um lanceiro que caminhava na noite.

Encontrei Amhar junto a uma das fogueiras. Dormia com a boca aberta, e morreu do mesmo modo. Estoquei a lança na sua boca aberta, detive-a o tempo suficiente para que ele abrisse os olhos e me reconhecesse, e depois, quando vi que isso acontecia, empurrei a lâmina trespassando-lhe o pescoço e a coluna para que ficasse preso ao chão. Ele estremeceu enquanto o matava, e a última coisa que a sua alma viu na terra, foi o meu sorriso. Depois, inclinei-me, agarrei a trela feita com a minha barba que estava no seu cinto, desprendi a *Hywelbane*, e afastei-me da igreja. Quis ir em busca de Mordred e de Loholt, mas agora mais adormecidos despertavam, e um homem gritou para me perguntar quem eu era, por isso limitei-me a mergulhar nas sombras nublosas, e apressei-me a subir a colina até ao local onde Taliesin e Sansum me aguardavam.

- Temos de ir! - baliu Sansum.

- Tenho freios junto às rampas, senhor - disse-me Taliesin.

- Você pensa em tudo - afirmei admirado.

Detive-me para atirar os restos da minha barba para uma pequena fogueira que aquecera os nossos guardas, e quando vi que a última trança se retorcia e consumia em cinzas segui Taliesin para os taludes a norte. Ele encontrou os dois freios nas sombras, depois subimos para a plataforma de combate e aí, escondidos dos guardas pelo nevoeiro, trepamos *e* passamos o muro, rebolando depois pela encosta da colina. A meio da descida deixava de haver nevoeiro e nós nos apressávamos a dirigir-nos para a campina onde a maior parte dos cavalos de Mordred dormia. Taliesin acordou devagar dois dos animais, afagou-lhes os focinhos e cantou-lhes aos ouvidos, e, tranquilamente, deixaram que ele colocasse os freios por cima das suas cabeças.

- Consegue montar sem sela, senhor? - perguntou-me ele.

- Esta noite, até sem cavalo, se for necessário.

- E eu? - perguntou Sansum, enquanto eu imprimia o impulso para subir para o dorso de um dos cavalos.

Baixei os olhos para ele. Senti-me tentado a deixá-lo na campina, porque durante toda a sua vida fora um traidor, e eu não tinha vontade de prolongar a sua existência, mas nessa noite também nos podia ser útil, e, desse modo, agarrei-o e içei-o para o dorso do meu cavalo.

- Eu devia deixá-lo aqui, Bispo - afirmei, enquanto ele se compunha. Não me respondeu, apertando bem os braços em volta da minha cintura.

Taliesin dirigia o segundo cavalo para o portão da campina que abrira com um empurrão.

- Merlim disse-lhe o que devíamos fazer agora? - perguntei ao bardo, enquanto esporeava o meu cavalo para passar pelo portão aberto.

- Não, senhor, mas sugere a sensatez que devíamos ir para a costa e procurar um barco. E que nos apressemos, senhor. No topo daquela colina o sono não se prolongará, e assim que descobrirem que o senhor desapareu, enviarão homens no nosso encalço.

Taliesin usou o portão como uma barreira.

- O que fazemos? - perguntou Sansum em pânico, agarrando-se a mim com toda a força.

- Devemos matá-lo? - sugeri. - Taliesin e eu poderemos avançar mais depressa.

- Não, senhor, não! Peço-lhe, não!

Taliesin levantou os olhos para as estrelas toldadas pelas nuvens.

- Seguimos para oeste? - sugeriu ele.

- Eu sei exatamente para onde vamos - afirmei, dando um toque no cavalo com o calcanhar, e obrigando-o a seguir pelo caminho que nos conduziria a *Lindinis*.

- Onde? - perguntou Sansum.

- Encontrar a tua mulher, Bispo - respondi. - Encontrar a tua mulher.

Foi por essa razão que, nessa noite, salvei a vida de Sansum, porque Morgana era, então, a nossa maior esperança. Tive dúvidas que ela me ajudasse, tinha certeza que cuspiria no rosto de Taliesin se ele lhe pedisse auxílio, mas por Sansum ela faria tudo. E, deste modo, rumamos para *Ynys Wydryn*.

Acordamos Morgana e ela veio à porta do seu palácio de mau humor, ou melhor,

com pior humor do que era habitual. Não me reconheceu sem barba e não viu o marido que, dolorido da caminhada, se arrastava atrás de nós; mas Morgana viu Taliesin como um druida que se atrevera a entrar nos domínios sagrados do seu santuário.

- Pecador! - guinchou-lhe ela, sem que o seu recente despertar enfraquecesse a imensa violência do seu vitupério. - Profanador! Idólatra! Em nome do santíssimo Deus e da Sua abençoada Mãe, ordeno que vá embora!

- Morgana! - gritei, e só nesse instante ela viu a figura suja de lama e coxa de Sansum. Soltou um pequeno gemido de satisfação e correu na sua direção. O quarto-crescente brilhava na máscara de ouro com que ela cobria o rosto enraivecido.

- Sansum! - gritou ela. - Meu querido!

- Bem-amada! - disse Sansum, e os dois agarraram-se na penumbra.

- Meu Deus - balbuciou Morgana, limpando-lhe o rosto, - o que eles te fizeram?

Taliesin sorriu, e até eu, que odiava Sansum e não sentia afeto algum por Morgana, não consegui resistir a sorrir diante do seu evidente prazer. De todos os casamentos que eu conhecera, este era o mais estranho. Sansum era o homem mais desonesto que já existiu, e Morgana a mais honesta que alguma vez foi criada, contudo, era evidente que se adoravam, ou, pelo menos, que Morgana adorava Sansum. Ela nascera bela, mas o terrível fogo, que lhe matara o primeiro marido, desfigurara o seu corpo e marcara-lhe o rosto com cicatrizes horríveis. Nenhum homem teria conseguido amar Morgana pela sua beleza, nem pelo seu carácter, que fora tão retorcido pelo fogo e tornado amargo como o seu rosto fora consumido pela fealdade. Mas um homem conseguia amar Morgana pelas suas relações, porque ela era irmã de Artur, e isso, sempre acreditei, fora o que levara Sansum a aproximar-se dela. Todavia, se ele não a amava por aquilo que ela era, pelo menos, demonstrava de tal modo que a amava que a convencia e a fazia feliz, e por isso eu estava na disposição de perdoar ao *Lorde Rato* a sua dissimulação. Ele também a admirava, porque Morgana era uma mulher inteligente, e Sansum apreciava a inteligência. Deste modo, ambos lucravam com o casamento; Morgana recebia ternura, Sansum recebia proteção e conselho, e desde que nenhum deles experimentasse os prazeres da carne com outros, provava-se ser um casamento melhor do que a maioria.

- Dentro de uma hora - interrompi abruptamente o seu feliz encontro, - os homens de Mordred estarão aqui. Nesse momento teremos de estar longe, e as suas mulheres, enhora - disse eu a Morgana, - deverão procurar segurança nos pântanos. Os homens de Mordred não vão querer saber se elas são mulheres sagradas, serão todas violadas.

Morgana olhou-me fixamente com o seu único olho, que brilhava no interior da sua máscara.

- Você fica melhor sem a barba, Derfel - disse ela.

- Ficarei pior sem cabeça, senhora, e Mordred tem uma pilha de cabeças em *Caer Cadarn*.

- Não sei por que razão Sansum e eu devemos salvar as suas vidas pecaminosas - resmungou ela, - mas Deus diz para sermos misericordiosos.

Ela abandonou os braços de Sansum e guinchou numa voz terrível para acordar as suas mulheres. A Taliesin e a mim foi ordenado que entrássemos na igreja, foi nos dado um cesto, e dito que o enchêssemos com o ouro do santuário, enquanto Morgana enviava mulheres à vila para acordarem os barqueiros. Ela era excepcionalmente eficiente. O santuário estava inundado de pânico, mas Morgana controlou tudo, levando apenas alguns minutos até as primeiras mulheres serem ajudadas a entrar para os barcos de fundo chato, que depois penetraram nos pântanos escondidos pela bruma.

Partimos no último, e jurei ouvir cascos a leste, enquanto os nossos barqueiros empurravam o barco de fundo chato para as águas escuras. Sentado na borda, Taliesin começou a entoar a elegia de *Idfael*, mas Morgana deu-lhe uma palmada para que não entoasse a sua música pagã. Ele retirou os dedos da sua pequena harpa.

- A música não conhece fidelidade, senhora, - censurou-a ele com cortesia.

- A sua é a música do diabo - resmungou ela.

- Nem toda ela - disse Taliesin, e voltou a cantar, mas, desta vez, uma canção que eu nunca ouvira.

- Junto às margens da Babilônia, - cantou ele, onde nos sentamos, ela verteu

lágrimas amargas ao lembrar-se da nossa terra, e reparei que Morgana deslizava um dedo por baixo da sua máscara como se estivesse limpando as lágrimas. O bardo continuou a cantar e o elevado Tor ia desaparecendo à medida que a bruma dos pântanos nos envolvia, e que os nossos barqueiros nos levavam serpenteando por entre os canaviais pelas águas escuras. Quando Taliesin terminou a sua canção, ouvia-se apenas o barulho do lago ondulando no casco e o chapinhar da vara do barqueiro entrando na água, surgindo de novo mais adiante.

- Você devia cantar por Cristo - disse Sansum, reprovadoramente.

- Canto para todos os deuses - afirmou Taliesin, - e nos tempos vindouros precisaremos de todos eles.

- Existe apenas um Deus! - disse Morgana, iradamente.

- Se a senhora diz - disse Taliesin, humildemente, - mas temo que, esta noite, Ele de pouco tenha lhe servido, - e apontou para trás para *Ynys Wydryn*. Todos nos voltamos vendo um brilho lívido espalhando-se para lá do nevoeiro. Certa vez, eu vira aquele brilho a partir daqueles mesmos pântanos, naquele mesmo lago. Era o brilho de edifícios incendiados, o brilho do colmo queimando. Mordred nos seguira, e o santuário do Espinheiro Sagrado, onde estava enterrada a sua mãe, estava sendo incendiado.

Contudo, nós estávamos a salvo nos pântanos onde homem nenhum se atrevia a ir a menos que tivesse um guia.

O mal assolara de novo sobre a *Dumnônia*.

Mas nós estávamos a salvo, e ao amanhecer encontramos um pescador que se prestou a ir a *Silúria* em troca de ouro. E, deste modo, voltei para casa, para Artur.

E para um novo horror.

Ceinwyn estava doente.

Guinevere me disse que a doença surgira rapidamente, poucas horas depois de eu embarcar de *Isca*. Ceinwyn começara a tremer, depois a suar e, nessa mesma noite, deixara de ter forças para se levantar, por isso deitara-se, e Morwenna

tratara dela. Uma curandeira dera-lhe uma poção de tussilagem e arruda e colocara um amuleto de panacéia entre os seus seios. Contudo, pela manhã, a sua pele havia gretado com furúnculos. Doía-lhe as articulações, não conseguia engolir e a sua respiração ressoava-lhe na garganta. Foi então que começou a delirar, agitando-se violentamente na cama e gritando de forma horrível por Dian. Morwenna tentou preparar-me para a morte de Ceinwyn.

- Ela crê que foi amaldiçoada, pai - disse, - porque no dia em que o senhor partiu veio aqui uma mulher pedir comida. Demos-lhe grãos de cevada, mas depois de partir vimos que havia sangue na umbreira da porta.

Toquei no copo da *Hywelbane*.

- As pragas podem ser anuladas.

- Nós trouxemos o druida de Cefu-crib - disse-me Morwenna, - e ele raspou o sangue da porta e nos deu uma pedra de feiticeira. - Ela se deteve, fitando com os olhos marejados de lágrimas a pedra furada, que estava agora pendurada por cima do leito de Ceinwyn. - Mas a praga não desaparecerá! Ela vai morrer!

- Ainda não - consolei-a.- Ainda não.

Eu não conseguia acreditar na morte iminente de Ceinwyn, porque ela sempre fora muito saudável. Nem um único cabelo seu estava grisalho, ainda conservava a maioria dos dentes, e era tão ágil como uma garotinha quando deixei *Isca*. Agora, de repente, ela parecia velha e gasta. E sofria com dores. Não nos falava nas dores que sentia, mas o seu rosto a traía, e as lágrimas que corriam pelo rosto gritavam-nas bem alto.

Taliesin passou longo tempo olhando fixamente para ela, e concordou em como fora amaldiçoada. Todavia, Morgana cuspiu ao ouvir essa opinião.

- Superstição pagã! - resmungou ela, e afadigou-se procurando novas ervas que ferveu em hidromel, molhando com uma colher os lábios de Ceinwyn. Vi como Morgana era muito delicada, apesar de, ao verter o líquido, acusar Ceinwyn de ser uma pecadora pagã.

Eu me sentia impotente. Tudo o que podia fazer era sentar-me junto ao leito de Ceinwyn, segurar-lhe na mão e chorar. O seu cabelo tornou-se liso e, dois dias após o meu regresso, começou a cair às mãos-cheias. Os seus furúnculos

rebentavam, ensopando a cama de pus e sangue. Morwenna e Morgana faziam a cama de novo com palha fresca e lençóis lavados, mas todos os dias Ceinwyn sujava a cama, e os lençóis tinham de ser fervidos numa tina. A dor persistia, e era tão forte que passado algum tempo eu próprio comecei a desejar que a morte a arrancasse do seu sofrimento, mas Ceinwyn não morreu. Sofreu apenas, e, por vezes, gritava com dores, a sua mão apertava-me os dedos com uma força terrível, e a única coisa que eu podia fazer era limpar-lhe a fronte, pronunciar o seu nome e sentir o medo da solidão crescer dentro de mim.

Eu amava tanto a minha Ceinwyn. Até mesmo agora, anos passados, sorrio ao pensar nela e, por vezes, acordo de noite com lágrimas no rosto e sei que são por ela. O

nosso amor começara num ímpeto de paixão, e as pessoas sensatas diziam que um semelhante ímpeto de paixão acabava sempre. O nosso, porém, nunca viu o fim, em vez disso, transformou-se num longo e profundo amor. Eu a amava e a admirava, os dias pareciam mais brilhantes na sua presença e, de repente, eu nada mais podia fazer do que observar os demônios torturando-a e a dor fazendo-a estremecer, e os furúnculos crescendo vermelhos e retesados e espalhando imundície. E, ainda assim, ela não morria.

Alguns dias, Galaad e Artur revesavam-me junto ao seu leito. Todos tentavam ajudar. Guinevere mandou chamar as mulheres mais afamadas das colinas da *Silúria*, e colocou ouro na palma das suas mãos para que trouxessem novas ervas ou frascos de água de uma nascente sagrada e remota. Culhwuch, agora calvo mas ainda rude e beligerante, chorou por Ceinwyn, e me deu uma ponta de seta de sílex que encontrara nas colinas a oeste, apesar de Morgana a ter deitado fora quando encontrou o amuleto pagão no leito de Ceinwyn, tal como fizera com a pedra de feiticeira do druida e o amuleto que encontrara entre os seios de Ceinwyn. O bispo Emrys rezou por Ceinwyn, e até

mesmo Sansum, antes de partir para *Gwent*, se juntou a ele em oração, apesar de eu ter dúvidas que as suas preces fossem tão sentidas como as que Emrys enviava a Deus.

Morwenna era dedicada a sua mãe, e ninguém se debateu com mais afinco pela sua cura. Tratou-a, limpou-a, rezou e chorou por ela. Claro que Guinevere não conseguia suportar a doença de Ceinwyn, nem o cheiro de doença no quarto, mas caminhava comigo durante horas, enquanto Galaad ou Artur seguravam na

mão de Ceinwyn.

Recordo-me de, certa vez, ela caminhar até o anfiteatro e, dando passadas pela arena de areia, tentar de forma desajeitada consolar-me.

- Você tem sorte, Derfel - disse ela, - porque experimentou uma coisa rara. Um grande amor.

- A senhora também - afirmei.

Ela fez uma careta, e desejei não ter evocado o indizível, apesar do seu grande amor ter sido degradado, embora ambos, Artur e ela, tivessem sobrevivido a essa infelicidade. Creio que ainda deveria permanecer neles, surgindo, por vezes, como uma sombra profunda, quando ao longo desses anos um louco fazia referência ao nome de Lancelot e um silêncio repentino percorria o ar. Certa vez, um bardo que nos visitou cantou-nos ingenuamente a Elegia de *Blodeuwedd*, uma canção que fala da infidelidade de uma esposa, e o salão de festas ficou envolto em silêncio no final da canção. Porém, a maior parte do tempo, Artur e Guinevere foram verdadeiramente felizes.

- Sim - disse Guinevere, - também eu tenho sorte.

Falou com brevidade, não por discordar, mas porque se sentia sempre incomodada com conversas íntimas. Apenas em *Mynydd Baddon* ela suplantara essa reserva e, nessa época, eu e ela estivéramos bem próximo de nos tornarmos amigos. No entanto, desde então tínhamos nos afastado, chegando não à antiga hostilidade, mas a uma relação circunspecta embora afetuosa.

- Você fica bem sem barba - disse ela, então, mudando de assunto. - Fica mais novo.

- Jurei deixá-la crescer de novo apenas depois da morte de Mordred - afirmei.

- Pode ser em breve. Como eu odiaria morrer antes de esse verme alimentar os seus desertos.

Ela proferiu estas palavras furiosamente, e com verdadeiro temor que a velhice pudesse matá-la antes de Mordred morrer. Nessa altura, estávamos todos nos quarenta, e eram poucas as pessoas que viviam mais tempo. Merlim, claro, durara duas vezes esses quarenta anos e talvez mais, e todos nós conhecíamos

outros que haviam feito cinquenta, sessenta ou até mesmo setenta anos; porém, pensávamos em nós como pessoas idosas. O cabelo ruivo de Guinevere estava bastante raiado de cabelos grisalhos, mas ela ainda era bela, e o seu rosto forte olhava para o mundo com toda a sua antiga força e arrogância. Deteve-se para observar Gwydre, que montava um cavalo no interior da arena. Ele levantou-lhe a mão, depois obrigou o cavalo a andar a passo.

Treinava o garanhão para se tornar um cavalo de guerra; recuando, batendo com os cascos no chão, mantendo as pernas em movimento, mesmo estando parado, para que nenhum inimigo pudesse cortar-lhe os tendões dos jarretes. Guinevere observou-o por algum tempo.

- Acha que ele chegará a ser rei? - perguntou-me ela, e notei-lhe um vago desejo na voz.

- Creio que sim, senhora - respondi. - Mais cedo ou mais tarde, Mordred cometerá um erro e, nesse momento, nós avançamos.

- Assim espero - disse ela, retirando o seu braço do meu. Não creio que ela estivesse tentando confortar-me, mas antes alentando a si própria. - Artur falou a você de Amhar?

- Brevemente, senhora.

- Ele não te censura. Sabe isso, não é?

- Prefiro acreditar que sim - afirmei.

- Bom, pode acreditar - disse ela, com brusquidão. - O seu desgosto é por ter falhado como pai, não pela morte daquele bastardozinho.

Creio que Artur estava bem mais desgostoso pela *Dumnônia* do que por Amhar, já que ficara profundamente abalado com as notícias dos massacres. Tal como eu, ele desejava vingança, mas Mordred comandava um exército e Artur tinha menos de duzentos homens, que teriam de atravessar o *Severn* de barco se quisessem combater Mordred. Com toda a sinceridade, ele não conseguia encontrar uma forma de fazê-lo.

Chegara mesmo a preocupar-se com a legalidade de semelhante vingança.

- Os homens que ele matou - disse-me Artur, - eram homens que lhe haviam prestado juramento. Ele tinha direito de matá-los.

- E nós temos o direito de vingá-los - insisti, mas não tenho certeza se Artur concordava inteiramente comigo. Ele sempre tentara colocar a lei acima das paixões privadas e, de acordo com a nossa lei de juramentos, que transforma o rei na fonte de todas as leis e, deste modo, de todos os juramentos, Mordred podia fazer o que desejasse no seu país. Essa era a lei, e Artur, sendo como era, tinha renitência em infringi-la, mas também ele chorava pelos homens e mulheres que haviam morrido e pelas crianças que haviam sido escravizadas, percebendo igualmente que mais ainda morreriam ou seriam colocadas a ferros enquanto Mordred vivesse. Segundo parecia, a lei teria de ser contornada, mas Artur não sabia como podia fazê-lo. Se conseguíssemos que os nossos homens atravessassem *Gwent*, e depois os levássemos o mais longe possível, para leste, que conseguíssemos penetrar nas regiões fronteiriças com *Lloegyr* e, deste modo, juntarmo-nos às forças de Sagramor, conseguiríamos reunir uma força suficiente para derrotar o feroz exército de Mordred, ou, pelo menos, defrontá-lo em igualdade de circunstâncias. Contudo, o rei Meurig, recusava-se obstinadamente a deixar-nos atravessar a sua região. Se atravessássemos o *Severn* de barco não poderíamos levar os cavalos, *e* depois teríamos um longo caminho a percorrer até nos juntarmos a Sagramor e teríamos nos separando dele o exército de Mordred. Ele podia derrotar-nos primeiro e depois, recuar para se defrontar com o númida.

Pelo menos Sagramor ainda estava vivo, mas isso pouco nos acalentava.

Mordred havia morto alguns dos homens de Sagramor, mas não conseguira encontrá-lo, e expulsara os seus homens da região fronteiriça antes que Sagramor conseguisse empreender ferozes represálias. Agora, soubemos, Sagramor e cento e vinte homens refugiavam-se num forte, na zona sul do país.

Mordred receava fazer um assalto ao forte, e Sagramor não tinha força suficiente para avançar e derrotar o exército de Mordred, por isso vigiavam-se mutuamente sem combaterem, enquanto os saxões de Cerdic, encorajados pela impotência de Sagramor, voltavam a espalhar-se pelas nossas regiões a oeste. Mordred destacou grupos de guerra para defrontarem esses saxões, esquecendo-se dos mensageiros que se atreviam a atravessar a sua região para unirem Artur a Sagramor. As mensagens refletiam a frustração de Sagramor como podia ele desmobilizar os seus homens e levá-los para a *Silúria*? A distância era enorme e

o inimigo, bem mais numeroso do que eles, barrava-lhes o caminho. Parecia que estávamos verdadeiramente impossibilitados de vingar aquelas mortes, mas depois, três semanas após o meu regresso da *Dumnônia*, chegaram notícias da corte de Meurig.

O rumor nos chegara através de Sansum. Ele viera para *Isca* comigo, mas achara a companhia de Artur muito vexatória e, por isso, deixando Morgana ao cuidado do irmão, o Bispo partira para *Gwent*. Agora, talvez para nos mostrar quão próximo era do Rei, enviava-nos uma mensagem dizendo que Mordred pedia a autorização de Meurig para fazer o seu exército passar por *Gwent*, a fim de atacar a *Silúria*. Meurig, dizia Sansum, ainda não se decidira por uma resposta.

Artur repetiu-me a mensagem de Sansum.

- Estará o *Lorde Rato* conspirando de novo? - perguntou-me ele.

- Ele apoia a ambos, ao senhor e a Meurig - afirmei, com amargura, - para que ambos lhe fiquem reconhecidos.

- Mas será isto verdade? - conjecturou Artur. O seu desejo era, de fato, que fosse verdade, uma vez que se Mordred atacasse Artur, então, nenhuma lei poderia condená-lo por retaliar, e se Mordred fizesse o seu exército marchar para norte, por *Gwent*, nós poderíamos navegar para sul, pelo mar *Severn*, e juntar forças com os homens de Sagramor no sul da *Dumnônia*. Tanto Galaad como o bispo Emrys tinham dúvidas que Sansum dissesse a verdade, mas eu discordava deles. Mordred odiava Artur mais do que qualquer outro homem, e eu acreditava que ele seria incapaz de resistir à tentação de derrotar Artur no campo de batalha.

Por isso, durante alguns dias fizemos planos. Os nossos homens treinavam com lanças e espadas, e Artur enviava mensageiros a Sagramor, delineando a campanha onde ele esperava combater. Porém, ou Meurig negou a Mordred a autorização que ele necessitava, ou Mordred decidiu não atacar a *Silúria*, porque nada aconteceu. O exército de Mordred permaneceu entre nós e Sagramor, e não mais ouvimos rumores por parte de Sansum, e tudo o que podíamos fazer era aguardar.

Aguardar, e observar o sofrimento agonizante de Ceinwyn. Ver o seu rosto tornar-se macilento. Ouvir os seus delírios, sentir o horror quando nos apertava as mãos e sentir o cheiro da morte que não chegava.

Morgana experimentou novas ervas. Colocou uma cruz no corpo nu de Ceinwyn, mas ao toque da cruz Ceinwyn gritou. Certa noite, quando Morgana dormia, Taliesin fez um feitiço para anular a maldição, que ele ainda acreditava ser a causa do padecimento de Ceinwyn. Contudo, apesar de termos morto uma lebre e de termos pintado o rosto de Ceinwyn com o seu sangue, e apesar de tocarmos na sua pele crivada de furúnculos com a ponta queimada de uma varinha de condão e de rodearmos o seu leito com pedras-d'águia, pontas de setas de sílex e pedras de feiticeira, e apesar de pendurarmos um raminho de espinheiro e um ramo de visco-branco cortado de uma tília por cima do seu leito, e apesar de colocarmos a Excalibur, um dos Tesouros da Bretanha, ao seu lado, a enfermidade não foi curada. Oramos a *Grannos*, o deus da panacéia, mas as nossas preces não obtiveram resposta e os nossos sacrifícios foram ignorados.

- É uma magia muito poderosa - disse Taliesin, com tristeza. Na noite seguinte, de novo enquanto Morgana dormia, trouxemos um druida do norte da *Silúria* para os aposentos da enferma. Era um druida do campo, fedorento e com uma longa barba.

Entoou uma ladainha, depois esmigalhou os ossos de uma cotovia até ficarem reduzidos a pó, despejando-o numa infusão de artemísia que estava dentro de um cálice sagrado.

Gotejou a mistura para a boca de Ceinwyn, mas o curativo nenhum resultado obteve. O

druida tentou dar-lhe para comer pequenos pedaços de coração de gato preto assado, mas ela cuspiu-os e, por isso, ele usou o seu feitiço mais forte, o toque da mão de um cadáver. A mão, que me recordava o cimo do elmo de Cerdic, estava enegrecida. O

druida tocou com ela na fronte, no nariz e na garganta de Ceinwyn, depois pressionou-a de encontro ao seu crânio, enquanto murmurava um encantamento, mas tudo o que conseguiu foi transferir um grande número dos seus piolhos para a cabeça dela, e quando tentamos afastá-los da sua cabeça com o pente, arrancamos-lhe o último cabelo. Paguei ao druida, depois segui-o até ao pátio, para fugir da fumaça das fogueiras onde Taliesin queimava ervas. Morwenna acompanhou-me.

- O senhor tem de descansar, pai - disse ela.

- Haverá tempo para descansar, mais tarde - respondi, observando o caminhar arrastado do druida dirigindo-se para a escuridão.

Morwenna colocou os seus braços em volta de mim e deitou a cabeça no meu ombro. O seu cabelo era tão dourado como fora o de Ceinwyn, e tinha o mesmo cheiro do dela.

- Talvez não seja magia alguma - disse ela.

- Se não fosse magia - disse-lhe eu, - ela já teria morrido.

- Dizem que, em *Powys*, há uma mulher que tem grande habilidade.

- Então, mande chamá-la - disse-lhe com seriedade, apesar de não acreditar mais em nenhum feiticeiro. Haviam vindo muitos e levado ouro, mas nenhum havia curado a enfermidade. Eu oferecera sacrifícios a *Mitras*, orara a *Bei* e a *Don*, e nada funcionara.

Ceinwyn gemia, e os gemidos elevavam-se até ao grito. Estremeci ao ouvi-la, depois, com delicadeza afastei Morwenna.

- Tenho de ficar com ela.

- Descanse, pai - disse-me Morwenna. – Eu ficarei com ela.

Foi, então, que vi a figura embrulhada numa capa, de pé no centro do pátio. Não conseguia dizer se era um homem ou uma mulher, nem há quanto tempo ali se encontrava. Parecia-me que apenas há instantes o pátio estava vazio, mas agora aquela figura estranha estava diante de mim com o rosto escondido da luminosidade da lua por um largo capuz; e senti um temor repentino, pressentindo que era a morte que me aparecia. Avancei para a figura.

- Quem é você? - perguntei-lhe.

- Ninguém que conheça, Lorde Derfel Cadarn.

Era uma mulher quem proferia tais palavras, e enquanto falava levantou o capuz, e vi que pintara o rosto de branco. Depois passou os dedos com fuligem em volta dos olhos, parecendo agora uma caveira viva. Morwenna arfou.

- Quem é você? - voltei a perguntar-lhe.

- Sou a brisa do vento de oeste, Lorde Derfel - disse ela, numa voz sibilante, - e a chuva que cai em *Cadair Idris*, e a geada que cobre os cumes de *Eryri*. Eu sou a mensageira que vem do tempo anterior aos reis, sou a Dançarina.

Nesse ponto ela riu, e o seu riso era semelhante ao da demência nas trevas. O

seu som atraiu Taliesin e Galaad à porta dos aposentos da enferma, onde permaneceram de pé e de olhos fixos na mulher de rosto branco que ria. Galaad fez o sinal da cruz, enquanto Taliesin tocou no ferro dos gonzos da porta.

- Aproxime-se, Lorde Derfel! - ordenou-me a mulher. - Aproxime-se de mim, Lorde Derfel.

- Vá, senhor - encorajou-me Taliesin, e eu senti uma esperança repentina que os feitiços do druida cheio de piolhos tivessem, afinal, funcionado, já que, apesar de não terem curado o mal de Ceinwyn, haviam, pelo menos, trazido esta aparição ao pátio. Por isso, avancei para o luar e aproximei-me da mulher envolta na capa.

- Abrace-me, Lorde Derfel - disse a mulher, e algo soou na sua voz que revelou decadência e imundície, arrepiando-me. Todavia, dei outro passo em frente e coloquei os meus braços em volta dos seus magros ombros. Ela cheirava a mel e a cinzas.

- Quer que Ceinwyn viva? - sussurrou-me ao ouvido.

- Sim.

- Então acompanhe-me agora - retorquiu-me em surdina, e afastou-se do meu abraço. - Agora - repetiu ao ver a minha hesitação.

- Deixe-me ir buscar uma capa e uma espada - afirmei.

- Onde vamos não precisará de espada alguma, Lorde Derfel, e pode partilhar a minha capa. Agora venha, ou deixarei que a sua esposa sofra.

Com estas palavras, ela virou-se e caminhou para fora do pátio.

- Vá! - apressou-me Taliesin. - Vá!

Galaad tentou acompanhar-me, mas a mulher virou-se ao chegar ao portão e ordenou-lhe que voltasse para trás.

- Lorde Derfel vem sozinho - disse ela -ou então não vem de todo.

E, deste modo, parti, seguindo a morte na noite e dirigindo-me para norte.

Caminhamos de tal modo durante toda a noite que, ao amanhecer, estávamos no alto das altas colinas, e ela continuava a apressar-me, escolhendo caminhos que nos levavam para bem longe de qualquer povoação. A mulher, que se apelidava a Dançarina, caminhava descalça e, por vezes, pulava como se estivesse cheia de uma satisfação inextinguível. Uma hora depois do amanhecer, quando o Sol inundava as colinas com uma nova luz dourada, ela deteve-se junto a um pequeno lago e borrifou o rosto com água, esfregando, então, as bochechas com as mãos cheias de relva para limpar a mistura de mel e cinzas com que embranquecera a pele. Até esse instante, eu não percebera se ela era jovem ou idosa, mas agora via que era uma mulher com cerca de trinta anos, e muito bela. Tinha um rosto delicado, cheio de vida, com olhos felizes e um sorriso fácil. Sabia-se bela e riu ao ver que também eu reconhecia a sua beleza.

- Deitá-se comigo, Lorde Derfel? - perguntou-me.

- Não - respondi.

- Se isso curasse Ceinwyn - perguntou, - deitará comigo?

- Sim.

- Mas não o fará! - informou-me. - Não o fará! - E deu uma gargalhada, correndo à minha frente e deixando cair a sua pesada capa para revelar um vestido de tecido leve, justo a um corpo ágil. - Lembra-se de mim? - perguntou ela, virando-se para me encarar.

- Devia me lembrar?

- Eu me lembro do senhor, Lorde Derfel. Olhou, estarrecido, para o meu corpo como um homem faminto, e estava faminto. Tão faminto. Recorda-se?

E com estas palavras fechou os olhos e desceu o caminho de cabras na minha direção, dando passos leves e precisos, apontando os seus dedos grandes para o chão a cada passo. Recordei-me dela, de imediato. Esta era a garota, cuja pele nua brilhara na escuridão de Merlim.

- Você é Olwen - afirmei, vindo-me à memória o seu nome, ao fim de tantos anos,

- Olwen, *a Prateada.*

- Então, recorda-se de mim. Agora estou mais velha. - A Olwen velha deu uma gargalhada. - Venha, Lorde! Traga a capa.

- Onde vamos? - perguntei.

- Para longe, senhor, para longe. Para onde os ventos surgem, as chuvas começam, as brumas se formam e nenhum rei governa.

Ela dançou no caminho com uma energia aparentemente interminável. Durante todo esse dia dançou e disse-me coisas sem sentido. Creio que estava demente. Certa vez, quando caminhávamos num pequeno vale, onde árvores com folhas de prata tremulavam sob a leve brisa, tirou o vestido e dançou nua pela relva, fazendo-o para me inflamar e tentar. E quando eu avancei, firme, mostrando que nada sentia por ela, limitou-se a rir, a atirar o vestido para cima dos ombros e a caminhar ao meu lado, como se a sua nudez não fosse uma coisa estranha.

- Fui eu quem levou a praga para o seu lar, - confessou-me, orgulhosa.

- Porquê?

- Porque tinha de ser feito, claro - disse ela com uma aparente sinceridade, - tal como agora tem de ser anulada! Razão pela qual nos dirigimos para as montanhas, senhor.

- Ao encontro de Nimue? - perguntei-lhe, sabendo já, tal como creio que sempre soubera assim que Olwen surgira no pátio, que era com Nimue que íamos ver.

- Ao encontro de Nimue - concordou Olwen, alegremente. - Compreende, senhor, chegou o momento.

- Que momento?

- O momento do fim de todas as coisas, claro - afirmou Olwen, e atirou o vestido para os meus braços para que ficasse mais leve. Avançou à minha frente, voltando-se de vez em quando para me lançar um olhar matreiro e motejar da minha expressão inalterável.

- Quando o Sol brilha - disse-me ela, - gosto de ficar nua.

- O que é o fim de todas as coisas? - perguntei-lhe.

- Faremos da Bretanha um local perfeito - disse Olwen. - Não haverá doença, sem fome, nem temores, nem guerras, nem tempestades, nem vestes. Tudo terminará, senhor! As montanhas ruirão e os rios consumirão a si mesmos, os mares ferverão e os lobos uivarão, mas, no fim, o país ficará verde e dourado e deixará de haver anos e tempo, e todos seremos deuses e deusas. Eu serei uma deusa-árvore. Governarei o larício e o álamo-branco, e todas as manhãs dançarei, e todas as noites me deitarei com homens dourados.

- Não teve intenção de se deitar com Gawain? - perguntei-lhe. - Quando ele veio do Caldeirão? Pensei que seria sua rainha.

- Na verdade deitei-me com ele, senhor, mas estava morto. Morto e rígido. Sabia a sal. - Deu uma gargalhada. - Morto, rígido e salgado. Durante uma noite inteira aqueci-o, mas ele não se mexeu. Não queria deitar-me com ele - acrescentou ela, num tom confidente, - mas desde essa noite, senhor, apenas tenho conhecido a felicidade! - Ela virou-se com leveza, dando um passo serpenteante sobre a relva primaveril.

Louca, pensei, louca e estonteantemente bela, tão bela como Ceinwyn fora outrora, apesar de esta garota, ao contrário da minha Ceinwyn de pele pálida e cabelo de ouro, ter cabelo preto e a sua pele estar queimada do sol.

- Porque te chamam Olwen, a Prateada?- perguntei-lhe .

- Porque a minha alma é de prata, senhor. O meu cabelo é escuro, mas a minha alma é prateada!

Ela correu velozmente pelo caminho, depois prosseguiu mais devagar. Detive-me alguns instantes para recuperar o fôlego e olhar fixamente para baixo, para o

vale profundo onde via um homem apascentando o seu rebanho. O cão do pastor subiu a encosta correndo, para fazer um dos animais reunir-se ao rebanho, e abaixo deste eu vi uma casa, junto à qual uma mulher estendia roupa molhada em cima de ramos de tojo.

Pensei que aquela era a realidade, enquanto esta viagem pelas colinas era uma loucura, um sonho. Toquei na cicatriz da palma da minha mão esquerda, a cicatriz que me mantinha ligado a Nimue, e vi que ruborescera. Durante anos fora branca, agora estava lívida.

- Temos de prosseguir, senhor! - gritou-me Olwen. - Cada vez mais! Subir até às nuvens. Para meu alívio, ela agarrou de novo o vestido e vestiu-o pela cabeça, abanando-o e fazendo-o escorregar pelo corpo magro. - Posso ter frio nas nuvens, senhor

- explicou-me e, depois, voltou a dançar. Lancei ao pastor e ao seu cão um último olhar pesaroso e segui a dançarina Olwen, subindo um caminho estreito que passava por entre rochedos elevados.

À tarde descansamos. Paramos no vale de encostas íngremes, onde cresciam freixos, sorveiras-bravas e sicômoros, e onde um longo e estreito lago tremulava, escuro, sob a leve brisa. Encostei-me a um pedregulho e devo ter adormecido por algum tempo, porque quando acordei vi que Olwen estava novamente nua, mas desta vez nadava nas águas frias e escuras. Saiu do lago tremendo, esfregou-se com a sua capa até secar, depois vestiu o vestido.

- Nimue - disse-me - afirmou, que se o senhor deitasse comigo, Ceinwyn morreria.

- Então, por que me pediu para me deitar com você? - perguntei-lhe, rispidamente.

- Para ver se amava a sua Ceinwyn, claro.

- Amo - afirmei.

- Então, pode salvá-la - disse Olwen, satisfeita.

- Como Nimue a amaldiçoou? - inquiri.

- Com uma maldição de fogo e outra de água, e com a maldição do espinheiro negro, - afirmou Olwen, depois aninhou-se aos meus pés e fitou-me nos olhos, - e com a sombria maldição do Outro Corpo - acrescentou, ominosa.

- Porquê? - perguntei-lhe, zangado, sem me importar com os pormenores das maldições, apenas querendo saber a razão do mal lançado sobre Ceinwyn.

- Porque não? - disse Olwen, depois deu uma gargalhada. Colocou a capa em volta dos ombros e continuou a caminhar. - Venha, senhor! Está com fome?

- Sim.

- O senhor comerá. Comerá, dormirá e falará. - Ela dançava novamente, e descalça, dando passos delicados no caminho pedregoso. Reparei que os seus pés sangravam, mas ela parecia não se incomodar com isso. - Estamos andando para trás -

disse-me ela.

- O que isso quer dizer?

Ela virou-se, de forma a saltar para trás mas de frente para mim.

- Recuar no tempo, senhor. Nós enrolamos os anos. Os anos de ontem passam por nós correndo, mas tão depressa que não conseguiria ver as suas noites nem os seus dias. Ainda não nasceu, os seus pais ainda não nasceram e continuamos recuando, sempre recuando, até o tempo em que não existiam reis. É para lá, senhor, que vamos.

Para o tempo anterior aos reis.

- Os seus pés estão sangrando - disse-lhe eu.

- Eles vão sarar - e virou-se, saltando. - Venha! - gritou ela. - Venha. Dará o tempo anterior aos reis!

- Merlim me aguarda lá? - perguntei.

Este nome fez com que Olwen se detivesse. Voltou-se e franziu-me as sobrancelhas.

- Deitei-me com Merlim, uma vez - disse ela, passado algum tempo. - Muitas vezes! - acrescentou, num acesso de honestidade.

Aquilo não me surpreendeu. Ele era um lúbrico.

- Ele nos aguarda? - perguntei-lhe.

- Ele se encontra no centro do tempo anterior aos reis - disse Olwen, seriamente.

Mesmo no seu centro, senhor. Merlim é o frio da geada, a água da chuva, a chama do sol, a brisa do vento. Agora, venha - ela me puxou pela manga com uma urgência repentina, -

agora não podemos conversar.

- Merlim está prisioneiro? - perguntei-lhe, mas Olwen não me respondeu. Ela corria diante de mim e esperava, impaciente, que eu subisse e a alcançasse, e assim que o conseguia, voltava a correr à minha frente. Seguiu por aqueles caminhos íngremes com ligeireza, ao mesmo tempo que eu me esforçava atrás dela, e durante todo esse tempo avançávamos cada vez mais para o interior das montanhas. Percebi, nesse momento, que havíamos deixado a *Silúria* e entráramos em *Powys*, mas apenas numa parte desse triste país, onde o governo do jovem Perddel não chegava. Esta era a terra sem lei, o refúgio de salteadores, mas Olwen escapulia-se cautelosamente por entre os seus perigos.

Caiu a noite. Nuvens avolumaram-se vindas de oeste, de tal modo, que bem depressa ficamos na mais completa escuridão. Olhei à minha volta e não vi nada. Não havia luzes, nem tão-pouco o luzir de uma chama distante. Teria sido assim, imaginei, que Bei encontrara a Bretanha quando chegara para lhe trazer vida e luz.

Olwen colocou as suas mãos nas minhas.

- Venha, senhor.

- Não se consegue ver nada! - protestei.

- Eu vejo tudo - afirmou. - Confie em mim, senhor - e com estas palavras conduziu-me, puxando-me para frente e, por vezes, avisando-me da existência de um obstáculo. - Aqui temos de atravessar um ribeiro, senhor. Pise com

cuidado.

Percebi que o caminho que subíamos era íngreme, mas pouco mais.

Atravessamos uma zona de argila traiçoeira, mas a mão de Olwen agarrava a minha com firmeza e, certa vez, pareceu-me que caminhávamos ao longo da extremidade de um alto espinhaço, onde o vento me uivava nos ouvidos e Olwen entoava uma estranha canção sobre duendes.

- Ainda existem duendes, nestas colinas - disse-me ela, quando deixou de cantar.

- Por toda a Bretanha eles foram mortos, mas aqui não. Já os vi. Ensinaram-me a dançar.

- Ensinaram bem - afirmei, não acreditando numa única palavra do que dizia, mas sentindo-me estranhamente confortado com o aperto forte da sua pequena mão.

- Usam capas de um tecido muito leve - disse ela.

- Não dançam nus? - perguntei, motejando.

- Uma capa de tecido leve nada esconde, senhor - replicou, - mas por que razão havíamos de esconder o que é belo?

- Você se deita com os duendes?

- Um dia farei isso. Ainda não fiz. No tempo depois dos reis, eu o farei. Com eles e com os homens dourados. No entanto, primeiro tenho de me deitar com outro homem salgado. Ventre com ventre com outra coisa rígida vinda do Caldeirão.

Ela deu uma gargalhada e deu-me um puxão na mão. Deste modo, deixamos o espinhaço e subimos uma pequena encosta de erva até ao pico mais alto. Ali, pela primeira vez desde que as nuvens haviam escondido a Lua, vi luz.

Bem depois da escura depressão oblonga de terra ficava uma colina, e aí devia haver um vale cheio de fogueiras, já que o cume da colina estava guarnecido com o seu brilho. Permaneci ali, de pé, inconscientemente com a minha mão na de Olwen, e ela riu com satisfação ao ver-me olhando fixamente a luz que

surgira de repente.

- Aquela é a terra anterior aos reis, senhor - informou-me. - Ali encontrará amigos e alimento.

Retirei a minha mão da sua.

- Que amigos lançariam um feitiço em Ceinwyn?

Ela voltou a agarrar-me a mão.

- Venha, senhor, já não estamos longe - afirmou, e puxou-me pela encosta abaixo, tentando obrigar-me a correr, mas eu não o fazia. Continuei devagar, recordando-me do que Taliesin me dissera no meio da bruma mágica que lançara sobre *Caer Cadarn*; que Merlim lhe ordenara que me salvasse, mas que eu podia não lhe agradecer por isso e, à medida que me aproximava daquele buraco de fogo temi que fosse descobrir o que Merlim queria dizer. Olwen riu do meu receio, e os seus olhos faiscaram com o reflexo do brilho das fogueiras, mas eu subi em direção à lívida linha do horizonte com o coração pesado.

Lanceiros vigiavam a orla do vale. Eram homens com um olhar selvagem, abafados em peles e com lanças de hastes ferrugentas e lâminas toscamente forjadas. Nada disseram ao passarmos, apesar de Olwen os saudar alegremente. Depois conduziu-me por um caminho que descia para o centro do vale fumegante. Havia um lago estreito no fundo do vale, e a toda a volta das margens do lago negro havia fogueiras, junto às quais se encontravam pequenas cabanas por entre choupanas feitas de árvores enfezadas. Um exército de pessoas estava aí acampado, já que havia duzentas ou mais fogueiras.

- Venha, senhor - disse-me Olwen, e puxou-me pela encosta abaixo. - Isto é o passado, e isto é o futuro. É aqui que o círculo do tempo se fecha.

- Isto é um vale, - disse eu para comigo, nas terras altas de Powys. Um local escondido, onde um homem desesperado talvez encontre abrigo. Garanti a mim mesmo que o círculo do tempo nada fazia, ainda assim, senti um arrepio de apreensão quando Olwen me fez descer até às cabanas junto ao lago, onde o exército estava acampado.

Julguei que as pessoas que ali se encontravam estivessem dormindo, porque chegamos bastante tarde. Contudo, enquanto caminhávamos entre o lago e as

cabanas uma multidão de homens e mulheres saiu das cabanas para nos observar, enquanto passávamos. Eram coisas estranhas, aquelas gentes. Alguns riam sem razão, outros balbuciavam coisas sem sentido, outros ainda estremeciam. Vi rostos com papeira, olhos cegos, lábios leporinos, massas de cabelo emaranhado e membros contorcidos.

- Quem são eles? - perguntei a Olwen.

- O exército dos loucos, senhor - disse-me ela.

Cuspi na direção do lago para afastar o mal. Nem todos eram dementes ou aleijados, pobres diabos, porque alguns eram lanceiros, e muito poucos, reparei, tinham escudos cobertos com pele humana, escurecida com sangue humano; os escudos dos Escudos Sanguinários da derrotada Diwrnach. Outros tinham a águia de *Powys* nos seus escudos, e um homem exibia até a raposa da *Silúria*, uma insígnia que não era levada para o campo de batalha desde o tempo de Gundleus. À semelhança do exército de Mordred, estes homens eram os vadios da Bretanha: homens derrotados, homens sem terra, homens que nada tinham a perder mas tudo a ganhar. O vale fedia a desperdícios humanos. Recordava-me a Ilha dos Mortos, o local para onde a *Dumnônia* enviava os seus terríveis loucos, e onde, em certa ocasião, eu fora buscar Nimue. Estas pessoas tinham o mesmo olhar selvagem e davam a mesma sensação perturbadora de que a todo o momento podiam saltar e rastejar sem razão aparente.

- Como os alimentam? - perguntei.

- Os soldados arranjam alimentos - disse Olwen, - os soldados certos. Nós comemos muitos carneiros. Eu gosto de carneiro. Pronto, senhor. Fim da viagem! - E, com estas felizes palavras, ela retirou a sua mão da minha e esgueirou-se à minha frente.

Havíamos alcançado o extremo do lago e diante de mim estava agora um bosque de enormes árvores, que cresciam ao abrigo de um elevado promontório rochoso.

Uma dúzia de fogueiras ardia sob as árvores, e vi que os seus troncos formavam duas linhas, conferindo ao bosque a aparência de um longo muro. No extremo mais distante do muro estavam duas pedras cinzentas de edifícios, como os altos pedregulhos que o antigo povo havia erguido, apesar de não conseguir dizer se estas eram pedras antigas, ou recentemente levantadas.

Entre as pedras, entronizada numa cadeira de madeira maciça, e segurando o bastão preto de Merlim numa das mãos, estava Nimue. Olwen correu para ela e atirou-se aos seus pés, colocando-lhe os braços em volta das pernas e deitando a cabeça nos seus joelhos.

- Eu o trouxe, senhora! - disse ela.

- Ele se deitou contigo? - perguntou Nimue, falando com Olwen mas fitando-me.

Duas caveiras encimavam as pedras eretas, cada uma delas coberta com uma espessa camada de cera derretida.

- Não, senhora - afirmou Olwen.

- Você o convidou? - O único olho de Nimue continuava a fitar-me.

- Sim, senhora.

- Mostrou-se a ele?

- Durante todo o dia mostrei-me a ele, senhora.

- Menina bonita - disse Nimue, acariciando o cabelo de Olwen, e quase consegui imaginar a garota ronronando por se sentir tão feliz aos pés de Nimue. Esta continuava a olhar-me fixamente, e eu, ao passar por entre aquelas duas altas pilhas de lenha e troncos de árvores, devolvi-lhe o mesmo olhar fixo.

Nimue tinha agora a mesma aparência que tinha quando eu a fora retirar da Ilha dos Mortos. Parecia que não se lavava, não se penteava nem cuidava de si havia anos. O

buraco do seu olho estava sem a pala, e não tinha nenhum olho falso, vendo-se apenas uma cicatriz contraída e engelhada aparecer no seu rosto desvairado. A sua pele estava profundamente impregnada de imundície, o seu cabelo era um emaranhado oleoso e enriçado que lhe caía até à cintura. Outrora, o seu cabelo fora preto, mas agora era branco como osso. O seu vestido branco estava imundo, mas por cima dele ela usava uma capa sem mangas, disforme, muito grande para o seu tamanho, percebendo, de repente, que era a Capa de Padarn, um dos Tesouros da Bretanha, enquanto num dos dedos da sua mão esquerda usava o Anel de Eluned, em ferro e sem enfeites. As suas unhas eram longas e os

poucos dentes que lhe restavam eram pretos. Parecia bem mais velha, ou talvez fosse apenas a sujeira que acentuasse as linhas severas do seu rosto.

Ela nunca fora aquilo a que o mundo chama bela, todavia o seu rosto fora avivado pela inteligência e isso tornara-a atraente. Todavia, agora a sua aparência era repugnante e o seu rosto, outrora vivo, mostrava amargura, apesar de me oferecer laivos de um sorriso ao levantar a sua mão esquerda. Ela mostrava-me a cicatriz, a mesma cicatriz que eu tinha na minha mão esquerda e, como resposta, levantei a palma da minha mão e ela anuiu em sinal de satisfação.

- Você veio, Derfel.

- Tinha outra alternativa? - perguntei-lhe com azedume, depois apontei para a cicatriz na minha mão. - Não me obriga isto a fazê-lo? Porquê atacar Ceinwyn para me forçar a vir ao seu encontro, quando já tinha isto?

Bati de novo na cicatriz.

- Porque você não teria vindo - afirmou Nimue. As suas criaturas dementes amontoavam-se em volta do seu trono como cortesãos, outras ateavam as fogueiras, e uma cheirava-me os tornozelos como um cão. - Nunca acreditou - acusou-me Nimue.

Reza aos deuses, mas não acredita verdadeiramente neles. Agora, ninguém acredita verdadeiramente neles, exceto nós. - Acenou o bastão roubado para os estropiados, os semicegos, os aleijados e os loucos que a fitavam em adoração. - Nós acreditamos, Derfel - disse ela.

- Eu também acredito - retorqui.

- Não! - Nimue guinchou a palavra, fazendo com que algumas das criaturas que estavam debaixo das árvores gritassem aterrorizadas. Ela apontou-me o bastão. - Você

estava presente quando Artur salvou Gwydre das fogueiras.

- Você não podia espera que Artur deixasse o seu filho morrer - afirmei.

- O que eu esperava, tolo, era ver Bei descer dos céus com o ar ressequido e

crepitante atrás de si, e as estrelas sendo atiradas como folhas durante uma tempestade!

Era isso o que eu esperava! Era isso que eu merecia! - inclinou a cabeça para trás e guinchou para as nuvens, e todos os loucos aleijados uivaram com ela. Apenas Olwen, *a Prateada*, permaneceu em silêncio. Ela me fitava com um parco sorriso, como se sugerisse que apenas ela e eu éramos sãos naquele refúgio de loucos. - Era isso o que eu queria! - Gritou-me Nimue, sobrepondo a sua voz à cacofonia de gemidos e latidos. - E

é isso que terei - acrescentou, e com estas palavras levantou-se, libertou-se do abraço de Olwen e chamou-me com o seu bastão. - Venha.

Segui-a, passando pelas pedras eretas até uma gruta que havia no promontório.

Não era uma gruta funda, apenas com a largura suficiente para que um homem pudesse deitar-se de costas, e, no início, julguei ver um homem nu deitado nas sombras da gruta.

Olwen viera para junto de mim e tentava tomar a minha mão, mas eu empurrei-a, ao mesmo tempo que, à minha volta, os loucos se comprimiam para bem perto de mim para verem o que estava deitado no chão de pedra da gruta.

Uma pequena fogueira tremeluzia na gruta, e à fraca luz vi que não era um homem que estava deitado na pedra, mas sim a figura em barro de um corpo de mulher.

Era uma figura em tamanho natural com seios rudes, pernas abertas e um rosto rudimentar. Nimue curvou-se para entrar na gruta, acocorando-se ao lado da cabeça da figura de barro.

- Observe, Derfel Cadarn - disse ela. - A sua mulher.

Olwen deu uma gargalhada e levantou os olhos para mim sorrindo.

- A sua mulher, senhor! - disse-me Olwen, caso eu não tivesse percebido.

Olhei fixamente a grotesca figura de mulher, depois fitei Nimue.

- A minha mulher?

- Este é o Outro Corpo de Ceinwyn, seu tolo! - afirmou Nimue. - E eu sou a causa da sua ruína.

Havia um cesto desfiado no extremo da gruta, o Cesto de Garanhir, outro Tesouro da Bretanha, e Nimue retirou do seu interior uma mão-cheia de bagas secas.

Inclinou-se e enterrou uma delas no corpo da figura de mulher.

- Mais um furúnculo, Derfel! - disse ela, e vi que a superfície do corpo estava cheia de outras bagas. - E outro, e outro!

Deu uma gargalhada, enterrando as bagas secas no corpo vermelho.

- Provocamos-lhe dor, Derfel? Fazemos ela gritar?

E com estas palavras retirou uma tosca faca do cinto, a Faca de Laufrodedd, e golpeou a cabeça da mulher com a sua lâmina romba.

- Ah, agora ela grita! - disse Nimue. - Eles estão tentando aquietá-la, mas a dor é

tão forte, tão forte!

E com isto volteou a lâmina. De repente, enfurecido, inclinei-me para sair da gruta. De imediato, Nimue largou a faca e colocou dois dedos sobre os olhos da figura.

- Devo cegá-la, Derfel? - sibilou ela. - É isso o que deseja?

- Porque está fazendo isto? - perguntei-lhe.

Retirou a Faca de Laufrodedd do crânio torturado.

- Devemos deixá-la dormir - trauteou ela, - ou não?

E com estas palavras deu uma gargalhada demente e, com um puxão, retirou uma concha de ferro do Cesto de Garanhir, encheu-a com algumas brasas incandescentes da fogueira fumegante e espalhou-as por cima do corpo. Imaginei Ceinwyn estremecendo e gritando, com as costas arqueando-se com a dor repentina, e Nimue ria ao ver a minha raiva impotente.

- Porque estou fazendo isto? - perguntou ela. - Porque me impediu de matar Gwydre. E porque você pode trazer os deuses de volta à terra. É por isso.

Olhei-a fixamente.

- Você também está louca - disse-lhe eu em voz baixa.

- O que você sabe da demência? - perguntou-me Nimue, bruscamente. - Você e a sua mente mesquinha, a sua mente mesquinha e patética. Você pode me julgar? Oh, dor! - E enterrou a faca nos seios da figura. - Dor! Dor!

Os dementes atrás de mim juntavam-se aos seus gritos.

- Dor! Dor! - exultavam eles, alguns batendo palmas e outros rindo de satisfação.

- Pare! - gritei-lhe.

Nimue acocorou-se por cima da figura torturada com a faca no ar.

- Você a quer de volta, Derfel?

- Sim - eu estava prestes a chorar.

- Ela te é muito querida?

- Você sabe que sim.

- Prefere deitar-se com isto - Nimue gesticulou para a grotesca figura de barro, -

do que com Olwen?

- Deito-me apenas com Ceinwyn - respondi-lhe.

- Então, eu a darei de novo - afirmou Nimue, e bateu com ternura na fronte da figura de barro. - Curarei a sua Ceinwyn - prometeu-me Nimue, - mas primeiro tem de me dar o que para mim é mais precioso. É esse o meu tributo.

- E o que é para você mais precioso? - perguntei-lhe, conhecendo a resposta mesmo antes de ela falar.

- Você tem de me trazer a Excalibur, Derfel - afirmou Nimue, e tem, igualmente,

de me trazer Gwydre.

- Porquê Gwydre? - perguntei-lhe. - Ele não é filho de nenhum governante.

- Porque foi prometido aos deuses, e eles exigem o que lhes foi prometido. Você

tem de trazê-los antes da próxima Lua-cheia. Levará Gwydre e a espada para onde as águas se encontram sob Nant Dduu. Conhece esse local?

Conheço-o - afirmei, sombriamente.

- E se não os levar, Derfel, juro que o sofrimento de Ceinwyn aumentará.

Colocarei vermes no seu ventre, tornarei líquidos os seus olhos, farei com que a sua pele descame e a sua carne apodreça nos ossos esboroados e, apesar de rogar pela morte, não lha enviarei, causando-lhe ainda mais dor.

Eu tinha vontade de dar um passo em frente e matar Nimue ali mesmo e naquele instante. Ela fora uma amiga e até mesmo, em certa ocasião, uma amante, mas agora distanciara-se tanto de mim para um mundo onde os espíritos eram reais e as pessoas eram fingimentos.

- Traga-me Gwydre e a Excalibur - prosseguiu Nimue com o seu único olho luzindo na obscuridade da gruta, - e libertarei Ceinwyn do seu Outro Corpo, e a você do juramento que me prestou. Concederei ambas as coisas.

Ela deu um passo atrás e agarrou um pedaço de tecido. Abriu-o com uma sacudidela e vi que era a velha capa que me fora roubada em *Isca*. Ela remexeu na capa, encontrou o que queria, e elevou-a entre o polegar e o indicador. Vi que segurava a pequena ágata desaparecida do anel de Ceinwyn.

- Uma espada e um sacrifício - disse ela, - por uma capa e uma pedra. Fará isso, Derfel? - perguntou-me ela.

- Sim - afirmei, sem intenção de fazê-lo, mas desconhecendo o que mais podia dizer. - Deixe-me com ela, agora?

- Não - respondeu Nimue sorrindo. - Mas quer que ela repouse esta noite? Então, apenas esta noite, Derfel, lhe darei um pouco de sossego.

Assoprou as cinzas de cima do corpo, apanhou as bagas e retirou com um puxão os amuletos que haviam sido pregados ao corpo.

- Pela manhã - informou-me Nimue, - vou colocá-los no mesmo lugar.

- Não!

- Nem todos - disse ela, - mas colocarei sempre mais um até o dia em que souber que se dirige para o local onde as águas se encontram em Nant Dduu. - Ela puxou um fragmento de osso queimado do ventre da figura. - E quando eu tiver a espada, o meu exército de dementes fará fogueiras tão grandes que a noite da Véspera do *Samain* se tornará dia. E Gwydre regressará para vovê, Derfel. Ele repousará no Caldeirão e os deuses o beijárão até viver de novo, Olwen se deitará com ele, e depois cavalgará em glória com a Excalibur na mão.

Ela pegou um jarro de água e jogou um pouco na testa da figura de barro, depois amaceou com delicadeza o corpo reluzente.

- Agora vá - disse ela, - a tua Ceinwyn dormirá e Olwen tem algo mais para te mostrar. Ao amanhecer você partirá.

Cambaleei atrás de Olwen, empurrando a multidão de gente horrível que sorria e se amontoava em volta da gruta, e segui a garota que dançava ao longo do promontório até outra gruta. No seu interior vi uma segunda figura de barro de um corpo humano, desta vez de um homem, e Olwen gesticulou na sua direção, depois deu um risinho abafado.

- Sou eu? - perguntei-lhe, porque reparei que o corpo estava liso e sem marcas, mas depois, ao examiná-la, vi que os olhos do corpo masculino haviam sido arrancados.

- Não, senhor - afirmou Olwen, não é o senhor. - Ela se deteve junto à figura e agarrou uma comprida agulha em osso que repousara ao lado das suas pernas. - Veja -

disse ela, e enterrou a agulha no pé do corpo. em algum lugar atrás de nós, um homem gritou de dor. Olwen fez um risinho. - Novamente - disse ela, e voltou a enterrar o osso no outro pé, ouvindo-se, de novo, a voz gritando de dor. Olwen riu, depois agarrou-me a mão. - Venha - disse ela, e levou-me a uma profunda fenda que dava para o promontório.

A fenda estreitava-se mais, depois parecia terminar abruptamente à nossa frente, já que eu conseguia ver apenas a luminusidade esbatida de luzes de fogueiras reflectidas no elevado rochedo, mas depois vi que uma espécie de jaula fora construída no final do desfiladeiro. Cresciam ali dois espinheiros-alvar e rudes barrotes de madeira haviam sido pregados, atravessados sobre os barrotes, para formarem grosseiras grades de prisão.

Olwen largou a minha mão e empurrou-me para diante. - Virei vê-lo pela manhã, senhor.

Tem mantimentos aguardando-o. Ela sorriu, virou-se e desapareceu correndo.

No início pensei que a rude prisão era uma espécie de abrigo, e que quando me aproximasse encontraria uma entrada por entre as grades, mas não havia nenhuma porta.

A jaula barrava os últimos e escassos metros da fenda, e os prometidos mantimentos aguardavam-me por baixo de um dos espinheiros-alvar. Encontrei pão, carneiro seco e um jarro de água. Sentei-me, parti o pão, e, de repente, algo se mexeu no interior da jaula. Virei-me alarmado, enquanto algo se movia na minha direção.

No início pensei que era um animal, depois vi que era um homem, e foi então que vi Merlim.

- Serei bom - disse-me Merlim, - serei bom.

Nesse instante percebi de quem era o corpo da segunda figura de barro, porque Merlim estava cego. Não tinha olhos. Era apenas horror.

- Espinheiros nos meus pés - disse ele. - Nos meus pés. - Depois deixou-se cair no interior das grades e murmurou: - Serei bom, prometo!

Inclinei-me.

- Merlim? - perguntei.

Ele estremeceu.

- Serei bom! - repetiu desesperado, e quando coloquei uma mão por entre as

grades tocando-lhe no cabelo emaranhado e imundo, ele recuou e arrepiou-se.

- Merlim? - repeti.

- Sangue no corpo - disse ele, - tem de pôr sangue no corpo. Mexa-o bem. O

sangue de uma criança funciona melhor, ou pelo menos assim me foi dito. Nunca o fiz, minha querida. Tanaburs o fez, eu sei, e, certa vez, falei com ele sobre isso.

Claro que ele estava louco, mas sabia ainda algumas coisas insignificantes. ”O

sangue de uma criança ruiva”, disse-me, ”e de preferência de uma criança ruiva aleijada.”

Qualquer criança servirá, claro, mas a ruiva aleijada será melhor.

- Merlim - disse eu. - Sou eu,Derfel.

Ele continuou a balbuciar, dando instruções sobre a melhor forma de fazer a figura de um corpo em barro para que o mal pudesse ser enviado de longe. Ele falou de sangue, de bagas e da necessidade de moldar o corpo durante o ribombar de um trovão.

Não me ouvia, e quando me levantei e tentei afastar as grades das árvores, surgiram atrás de mim, vindos das sombras da fenda, dois lanceiros a sorrir. Eram Escudos de Sangue, e as suas lanças detiveram-me, interrompendo a minha tentativa de libertar o ansião. Voltei a inclinar-me.

- Merlim! - chamei.

Ele arrastou-se para mais perto, cheirando.

- Derfel? - perguntou ele.

- Sim, senhor.

Ele tateou na minha direção, e estendi-lhe a minha mão, que ele agarrou com bastante força. Depois, continuando a segurá-la, deixou-se cair.

- Estou louco, sabe? - disse-me ele numa voz sã.

- Não, senhor - afirmei.

- Tenho sido punido.

- Por nada, senhor.

- Derfel? É mesmo você?

- Sou eu, senhor. Quer comer?

- Tenho muito que te contar, Derfel.

- Assim espero, senhor - afirmei, mas ele parecia incapaz de ordenar os seus pensamentos, e durante os instantes que se seguiram, voltou a falar no corpo de barro, depois, de outros encantamentos, e se esqueceu novamente de quem eu era, porque me chamava de Artur, ficando depois durante bastante tempo em silêncio. - Derfel? - voltou, por fim, a perguntar.

- Sim, senhor.

- Nada pode ser escrito, compreende?

- O senhor me disse tantas vezes, senhor.

- Todo o nosso saber tem de ser lembrado. Caleddin escreveu tudo, e foi então que os deuses iniciaram a retirada. Mas está na minha cabeça. Estava. E ela tirou-me.

Tudo. Ou quase tudo. - Sussurrou as três últimas palavras.

- Nimue? - perguntei, e ele apertou-me a mão com tamanha força à menção do seu nome, permanecendo depois, de novo, em silêncio.

- Ela o cegou? - perguntei-lhe.

- Oh, ela foi obrigada a fazê-lo! - respondeu, franzindo as sobrancelhas ao tom de desaprovação da minha voz. - Não havia outra forma de fazê-lo, Derfel. Devia ter-me ocorrido, porque isso era evidente.

- Não para mim - afirmei, amargurado.

- Bastante óbvio! É absurdo pensar o contrário - disse ele, depois largou-me a mão e tentou compor a barba e o cabelo.

A sua tonsura havia desaparecido por baixo de um novelo de cabelo emaranhado e sujo, a sua barba estava desgrenhada e cheia de folhas, enquanto o seu manto branco estava da cor da lama.

- Agora ela é um druida - afirmou ele num tom maravilhado.

- Achei que as mulheres não pudessem ser druidas - afirmei.

- Não seja absurdo, Derfel. Pela simples razão de as mulheres nunca serem druidas não significa que não possam sê-lo! Qualquer um pode ser druida! Tudo o que precisa é memorizar as seiscentas e oitenta e quatro maldições de Beli Mawr e os duzentos e sessenta e nove feitiços de Lleu, e ter presente cerca de cem outras coisas úteis. Nimue, devo confessar, foi uma excelente pupila.

- Mas porquê cegá-lo?

- Temos entre nós um olho. Um olho e uma mente. - Permaneceu de novo em silêncio.

- Fale-me da figura em barro do corpo humano, senhor - pedi-lhe.

- Não! - Ele afastou-se de mim com terror na voz. - Ela me disse para não te contar - acrescentou num sussurro rouco.

- Como a venço? - quis eu saber. Ele riu a esta minha pergunta.

- Você, Derfel? Você enfrentaria a minha magia?

- Diga-me como, - insisti.

Afastou-se das grades e voltou os buracos dos seus olhos vazados para a esquerda e para a direita como se procurasse algum inimigo que pudesse estar ouvindo escondido.

- Por sete vezes - disse ele, - sonhei com Carn Ingli.

Ele regressara ao estado de demência, e, durante toda essa noite, descobri que se

tentasse fazê-lo contar-me os segredos sobre a doença de Ceinwyn, ele faria o mesmo. Balbuciaria sobre os sonhos, sobre a garota de trigo que amara junto às águas de Claerwen ou sobre os cães de caça de Trygwylth que ele achava que o perseguiam.

- É por essa razão que tenho estas grades, Derfel - disse-me ele, pisando as ripas de madeira, - para que os cães não consigam alcançar-me. E por que razão não tenho olhos. Para que eles não consigam me ver. Sabe que os cães não conseguem vê-lo se não tiver olhos. Devia lembrar-se disso.

- Nimue - afirmei a dada altura, - trará os deuses de volta?

- Foi por essa razão que ela se apoderou da minha mente, Derfel - disse Merlim.

- Porque ela conseguiu fazê-lo?

- Uma boa questão! Uma excelente questão. Essa é uma questão que me coloco incessantemente. - Sentou-se e abraçou os joelhos ossudos. - Faltou-me força, não foi?

Traí a mim mesmo. Mas Nimue não o fará. Ela irá até o fim mais amargo, Derfel.

- Todavia, terá êxito?

- Muito me agradaria ter um gato - confessou-me após algum tempo. - Sinto verdadeiramente a falta dos gatos.

- Fale-me da invocação.

- Você já sabe tudo sobre isso! - disse ele indignado. - Nimue conseguirá a Excalibur, apanhará o pobre Gwydre, e os ritos serão representados devidamente. Aqui, na montanha. Contudo, os deuses virão? É essa a questão, não é? Você venera Mitras, não é?

- Sim, senhor.

- E o que você sabe sobre Mitras?

- Que é o deus dos soldados - respondi, - nascido numa gruta. Ele é o deus do

Sol.

Merlim deu uma gargalhada.

- Você sabe tão pouco! Ele é o deus dos votos. Sabia isso? Ou tem os graus do mitraísmo? Quantos graus você tem? - Hesitei, não desejando revelar-lhe os segredos dos meus mistérios. - Não seja absurdo, Derfel! - afirmou Merlim, com uma voz tão sã

como sempre fora ao longo de toda a sua vida. - Quantos? Dois? Três?

- Dois, senhor.

- Então, se esqueceu dos outros cinco! Quais são os teus dois?

- Soldado e Pai.

- *Miles* e *Pater,* assim deviam ser nomeados. E, outrora, existiram ainda *Leo, Corax, Perses, Nymphus e Heliodromus.* Quão pouco sabe sobre o teu miserável deus, mas então, a tua veneração é uma simples veneração-sombra. Sobe a escada dos sete degraus?

- Não, senhor.

- Bebe o vinho e come o pão?

- Esse é o preceito cristão, senhor - protestei.

- O preceito cristão! Que idiotas são todos vocês! A mãe de Mitras era virgem; pastores e sábios foram ver o seu filho recém-nascido, e o próprio Mitras cresceu para se tornar um curador e um pregador. Tinha doze discípulos, e, na véspera da sua morte, ofereceu-lhes uma última ceia de pão e vinho. Foi sepultado num túmulo de pedra e ressuscitou, e fez tudo isto antes dos cristãos pregarem o seu Deus a uma árvore. Vocês deixaram que os cristãos roubassem as vestes do seu deus, Derfel!

Olhei-o com os olhos bem abertos.

- Isso é verdade? - perguntei-lhe.

- É verdade, Derfel - afirmou Merlim, e ergueu o seu rosto destroçado para as rudes grades. - Você venera um deus-sombra. Ele passa, entende, justamente como os nossos deuses passam. Todos eles partirão, Derfel, partirão para o vazio. Olhe! - Apontou para as nuvens no céu. - Os deuses vêm e os deuses vão, Derfel, e já não sei se eles nos ouvem nem se nos vêem. Eles passam na grande roda dos céus, e agora é o Deus cristão quem reina, e o fará durante algum tempo, mas a roda também o levará para o vazio, e, uma vez mais, a humanidade estremecerá nas trevas e buscará novos deuses. E

os encontrará, porque os deuses vêm e vão, Derfel, eles vão e vêm.

- Mas, Nimue fará a roda girar ao contrário? - perguntei-lhe.

- Talvez faça - disse Merlim com tristeza, - e isso muito me agradaria, Derfel. Eu gostaria de reaver os meus olhos, a minha juventude, e a minha alegria. - Ele descansou a sua fronte nas grades. - Não te ajudarei a quebrar o feitiço - disse-me ele tão brandamente, que quase não ouvi. - Amo Ceinwyn, mas se ela tiver de sofrer pelos deuses, estará fazendo algo nobre.

- Senhor - iniciei o meu rogo.

- Não! - gritou ele tão alto que no acampamento por trás de nós alguns cães uivaram em resposta. - Não - repetiu mais brandamente. - Comprometi-me uma vez e não voltarei a fazê-lo, porque, qual seria o preço do compromisso? Sofrimento! Mas, se Nimue conseguir representar os ritos, então todo o nosso sofrimento terminará. Em breve, terminará. Os deuses regressarão, Ceinwyn dançará e eu voltarei a ver.

Ele cochilou por breves instantes e eu fiz o mesmo. Contudo, após algum tempo, acordou-me, estendendo uma mão através das grades e agarrando-me no braço.

- Os guardas estão dormindo? - perguntou-me.

- Creio que sim, senhor.

- Então busque a bruma prateada - sussurrou-me.

Por instantes, achei que ele regressara ao estado de demência.

- Senhor? - perguntei-lhe.

- Por vezes, penso - disse ele, e a sua voz parecia-me bastante lúcida, - que no mundo não resta muito mais do que a magia. É como o destino dos deuses. Todavia, não entreguei tudo a Nimue, Derfel. Ela acha que sim, mas guardei um último encantamento.

E guardei-o para você e para Artur, porque os amo mais do que a qualquer homem. Se Nimue falhar, Derfel, então procure Caddwg. Lembra-se de Caddwg?

Caddwg era o barqueiro que nos havia salvo de Ynys Trebes muitos anos antes, e o homem que apanhara os bivalves de Merlim.

- Recordo-me de Caddwg - afirmei.

- Agora vive em Camlann - informou-me Merlim num sussurro. - Procure-o, Derfel, a ele e à bruma prateada. Lembre-se disto. Se Nimue falhar e o horror advier, leve Artur para Camlann e procure Caddwg e a bruma prateada. É o encantamento final. A minha oferenda àqueles que foram meus amigos. - Os seus dedos apertaram-se no meu braço. - Prometa-me que o fará isso.

- Eu farei, senhor - prometi-lhe.

Ele pareceu aliviado. Sentou-se por breves instantes, agarrou-me no braço, depois suspirou.

- Gostaria de te acompanhar. Mas não posso.

- Pode, senhor, - afirmei.

- Não seja absurdo, Derfel. Devo ficar aqui. Nimue me usará uma última vez.

Posso estar velho, cego, semilouco e quase morto, mas ainda detenho poder dentro de mim. Ela o quer. - Ele soltou um breve mas horrível lamento. - Já nem sequer posso chorar, e há momentos em que aquilo que me dá vontade de fazer é chorar. Mas, na bruma prateada, Derfel, nessa bruma prateada, não encontrará choro algum, nem tempo, apenas alegria.

Voltou a adormecer, e quando acordou já amanhecera e Olwen vinha ter comigo.

Acariciei o cabelo de Merlim, mas ele voltara ao estado de demência. Uivou

como um cão, e Olwen riu ao ouvi-lo. Desejei poder dar-lhe alguma coisa, algo pequeno que o confortasse, mas eu não tinha nada. Por isso deixei-o, e parti com o seu último presente, apesar de não compreender o que era; o último encantamento.

Olwen não me levou pelo mesmo caminho que havia nos trazido ao acampamento de Nimue. Em vez desse, descemos uma colina íngreme, e depois entramos num escuro bosque onde um ribeiro corria por entre as rochas. Começara a chover e o nosso caminho era traiçoeiro, mas Olwen dançava diante de mim na sua capa ensopada.

- Gosto da chuva! - gritou-me ela uma vez.

- Julguei que gostasse do Sol - disse-lhe, sombriamente.

- Gosto de ambos, senhor - afirmou. Ela estava com a sua habitual disposição, mas eu quase não ouvia a maior parte do que dizia. Pensava em Ceinwyn e em Merlim, em Gwydre e em Excalibur. Pensava que estava numa ratoeira, e não encontrava forma de sair dela. Teria de escolher entre Ceinwyn e Gwydre? Olwen devia ter imaginado o que me ia no espírito, porque se aproximou de mim e enfiou o seu braço no meu. - Os seus tormentos em breve chegarão ao fim, senhor - disse-me ela, confortando-me.

Afastei o meu braço.

- Ainda agora começaram - afirmei, amargamente.

- Mas Gwydre não permanecerá morto! - afirmou, encorajadoramente. - Ele jazerá no Caldeirão, mas o Caldeirão confere vida.

Ela acreditava nisso, mas eu não. Continuava a acreditar nos deuses, mas já não acreditava que pudéssemos submetê-los à nossa vontade. Pensei que Artur tivera razão.

É para nós próprios que devemos olhar, não para os deuses. Eles têm os seus próprios divertimentos, e se não formos nós os seus brinquedos, então deveremos alegrar-nos.

Olwen deteve-se junto a um lago, sob as árvores.

- Aqui há castores - afirmou, olhando fixamente para a água que ondulava com a chuva, e como eu nada disse ela levantou os olhos e sorriu. - Se continuar a descer ao longo do ribeiro, senhor, chegará a um caminho. Siga-o, descendo a colina, e encontrará

uma estrada.

Segui o caminho e caminhei pela estrada, que surgia das colinas próximo do antigo forte romano de Cicucium. Este alojava, agora, um grupo de famílias nervosas. Os seus homens viram-me e irromperam do portão destruído do forte com lanças e cães, mas eu passei o ribeiro e subi a colina aos tropeções. Quando perceberam que não queria fazer-lhes mal, que não levava nenhuma arma e era evidente que não se tratava do batedor de nenhuma facção oposta à sua, contentaram-se em zombar de mim. Não me lembrava de ter andado tanto tempo desarmado, desde a minha infância. Isso fazia um homem sentir-se nu.

Levei dois dias para chegar em casa; dois dias de pensamentos sombrios, sem encontrar nenhuma resposta. Gwydre foi o primeiro a me ver descendo a rua principal de *Isca* e correu para saudar-me.

- Ela está melhor do que estava, senhor - gritou ele.

- Mas está piorando novamente - afirmei. Ele hesitou.

- Sim. Mas há duas noites atrás julgamos que ela se recuperava - olhou-me com ansiedade, preocupado com a minha aparência soturna.

- E desde então - afirmei, - ela tem piorado.

- Contudo, temos de ter esperança. - Gwydre tentou encorajar-me.

- Talvez - afirmei, embora já não tivesse nenhuma. Fui para junto do leito de Ceinwyn e ela reconheceu-me e tentou sorrir-me, mas a dor crescia novamente dentro de si e o sorriso surgiu como uma careta semelhante à de uma caveira. Ela tinha uma bela melena de cabelo novo, mas estava todo branco. Curvei-me, sujo como estava, e beijei-a na testa.

Mudei de roupa, lavei-me e escanhoei-me, prendi a *Hywelbane* à cintura e depois falei a Artur. Contei-lhe tudo o que Nimue me dissera, mas Artur não sabia o que dizer, ou não me disse nada. Ele não entregaria Gwydre, e isso

condenaria Ceinwyn, mas não podia dizer-me. Ao invés, pareceu irritado.

- Estou farto destas besteiras, Derfel.

- Uma besteira que está agonizando Ceinwyn, senhor - censurei-o.

- Então, temos de curá-la - afirmou ele, contudo a consciência obrigou-o a fazer uma pausa. Franziu o sobrolho. - Acha que Gwydre ressuscitará, se for colocado no Caldeirão?

Meditei na questão e não fui capaz de lhe mentir.

- Não, senhor.

- Nem eu - disse ele, e chamou Guinevere, mas a única sugestão que ela conseguiu dar foi que consultássemos Taliesin.

Taliesin escutou a minha história.

- Diga de novo o nome dos feitiços, senhor - pediu ele quando terminei.

- O feitiço do fogo - afirmei, - o feitiço da água, o feitiço do espinheiro negro e o cruel feitiço do Outro Corpo.

Ele estremeceu quando pronunciei este último.

- Os três primeiros consigo anular - afirmou, - mas o último? Não conheço ninguém que consiga anulá-lo.

- Porque não? - perguntou Guinevere, acutilante.

Taliesin encolheu os ombros.

- É o conhecimento mais elevado, senhora. A aprendizagem de um druida não cessa com a sua prática, prosseguindo em novos mistérios. Eu não segui esse caminho.

E suspeito que nenhum homem, à exceção de Merlim, o fez na Bretanha. O Outro Corpo é uma magia excepcional e para a anular precisamos de uma magia tão excepcional como ela. Infelizmente, não a possuo.

Olhei, fixamente, para as nuvens prenunciadoras de chuva, que pairavam sobre os telhados de *Isca*.

- Se eu cortar a cabeça de Ceinwyn, senhor - perguntei a Artur, - corta a minha instantes depois?

- Não - disse ele, com repugnância.

- Senhor! - roguei-lhe.

- Não! - disse ele, irado. Estava ofendido com a conversa sobre a magia.

Desejava um mundo onde a razão governasse, não a magia, mas nenhum dos seus raciocínios nos ajudava agora.

Então, Guinevere falou em voz baixa.

- Morgana - disse ela.

- O que tem ela? - perguntou-lhe Artur.

- Antes de Nimue foi ela a sacerdotisa de Merlim - afirmou Guinevere. - Se há

alguém que conheça a magia de Merlim, é Morgana.

Então, Morgana foi mandada chamar. Ela coxeou pelo pátio, fazendo o possível por vir envolta numa aura de ira. A sua máscara dourada luzia ao movimentar a cabeça para olhar para cada um de nós e, ao ver que não havia nenhum cristão presente, fez o sinal da cruz. Artur arranjou-lhe uma cadeira, mas ela recusou-a, dizendo que tinha pouco tempo disponível para nós. Desde que o marido partira para *Gwent,* Morgana afadigava-se num santuário cristão a norte de *Isca*. Doentes deslocavam-se até lá para morrer, e ela os alimentava, tratava deles e rezava por eles. As pessoas dizem até hoje que o seu marido foi um santo, mas creio que a mulher é considerada santa pelo próprio Deus.

Artur contou-lhe a história e Morgana resmungou a cada revelação, mas quando Artur falou no feitiço do Outro Corpo ela fez o sinal da cruz e, depois, cuspiu através da ranhura da máscara no nível da boca.

- Então, o que vocês querem de mim? - perguntou ela, beligerante.

- Consegue anular o feitiço? - perguntou-lhe Guinevere.

- Rezar pode anulá-lo! - declarou Morgana.

- Mas você tem rezado - disse Artur, desesperado, - e o bispo Emrys tem rezado.

Todos os cristãos de *Isca* têm rezado e Ceinwyn continua doente.

- Porque ela é pagã - afirmou Morgana, vituperante. - Por que razão havia Deus de desperdiçar a sua misericórdia com pagãos, quando tem o seu próprio rebanho para cuidar?

- Você não respondeu à minha - pergunta disse Guinevere, friamente. Ela e Morgana odiavam-se, mas por causa de Artur fingiam uma cortesia fria quando se encontravam.

Morgana permaneceu em silêncio por algum tempo, depois, abruptamente, assentiu com a cabeça.

- A praga pode ser anulada - disse ela, - se vocês acreditarem nessas superstições.

- Eu acredito - afirmei.

- Mas até mesmo pensar nisso é pecado! - gritou Morgana, e fez novamente o sinal da cruz.

- O seu Deus certamente a perdoará - afirmei.

- O que você sabe sobre o meu Deus, Derfel? - perguntou-me amargamente.

- Sei, senhora - afirmei, tentando lembrar-me de todas as coisas que Galaad me contara ao longo de anos, - que o seu Deus é um Deus que ama, um Deus que perdoa e um Deus que enviou o Seu próprio Filho à terra para que outros não sofressem - fiz uma pausa, mas Morgana nada respondeu. - Também sei - continuei, devagar - que Nimue prepara um imenso mal nas colinas.

A menção de Nimue deverá ter convencido Morgana, porque ela nunca se conformara com o fato da jovem ter usurpado o seu lugar junto de Merlim.

- É a figura de um corpo humano em barro? - perguntou-me ela, - feita com sangue de criança, orvalho, e moldada sob o ribombar do trovão?

- Justamente - afirmei.

Ela estremeceu, abriu os braços e orou em silêncio. Nenhum de nós disse nada.

A sua oração decorreu por longo tempo, e talvez esperasse que a deixássemos sozinha, mas como nenhum de nós deixasse o pátio, ela deixou cair os braços e voltou-se de novo para nós.

- Que amuletos usa a bruxa?

- Bagas - afirmei, - lascas de osso, brasas.

- Não, idiota! Que amuletos? Como chega ela a Ceinwyn?

- Ela tem a pedra de um dos anéis de Ceinwyn e uma das minhas capas.

- Ah! - exclamou Morgana, interessada, apesar da sua repulsa pelas superstições pagãs. - Porquê uma das suas capas?

- Não sei.

- É simples, seu tolo - disse ela, rispidamente, - o mal circula através de você!

- De mim?

- Não compreende nada? - perguntou ela, irada. - Claro que é através de você.

Esteve próximo de Nimue, não foi?

- Sim - afirmei, corando sem querer.

- Então, o que significa isso? - perguntou ela. - Ela deu-lhe algum amuleto? Uma lasca de osso? Alguma besteira pagã para colocar em volta do pescoço?

- Ela me deu isto - respondi, e mostrei-lhe a cicatriz na minha mão esquerda.

Morgana examinou a cicatriz, depois estremeceu. Permaneceu calada.

- Anule o feitiço, Morgana - pediu-lhe Artur.

Morgana continuou em silêncio.

- É proibido - disse ela, após alguns instantes - praticar feitiçaria como passatempo. As Sagradas Escrituras dizem-nos que não devemos experimentar a feitiçaria.

- Então diga-me como se faz - pediu-lhe Taliesin.

- Você? - gritou-lhe Morgana. - Você? Acha que consegue anular a magia de Merlim? Se tiver de ser feito, então que o seja com preceito.

- *Por* você *?* - perguntou-lhe Artur e Morgana lamureou. A sua mão intacta fez o sinal da cruz e, depois, abanou a cabeça e pareceu não conseguir proferir nem uma única palavra. Artur franziu o sobrolho. - O que o seu Deus deseja? - perguntou ele

- As suas almas! - gritou Morgana.

- Quer que me torne cristão? - perguntei-lhe.

A máscara de ouro com a sua cruz gravada elevou-se para me encarar.

- Sim - disse Morgana, simplesmente.

Eu o farei - afirmei com a mesma brevidade. Ela apontou-me a mão.

- Será batizado, Derfel?

- Sim, senhora.

- E jura obediência a meu esposo. - Aquilo deteve-me. Olhei fixamente para ela.

- A Sansum? - perguntei, debilmente.

- Ele é Bispo! - insistiu Morgana. - Ele tem a autoridade de Deus! Concordará em jurar-lhe obediência, concordará em ser batizado, e só então anularei a maldição.

Artur olhava-me, fixamente. Por instantes, não consegui engolir a humilhação do

pedido de Morgana, mas depois pensei em Ceinwyn e assenti.

- Eu o farei - disse-lhe eu.

Então, Morgana arriscou-se à ira do seu Deus e anulou a praga.

Ela o fez nessa tarde. Chegou ao pátio do palácio vestida com uma túnica negra e sem máscara, para que o horror do seu rosto deformado pelo fogo, todo vermelho, com cicatrizes, hirto e retorcido fosse visível para todos nós. Estava enfurecida consigo mesma, mas cumpria a sua promessa e apressou-se a fazer o que tinha a fazer. Foi ateado um brazeiro e alimentado com carvão e, enquanto o fogo espevitava, alguns escravos foram buscar cestos com corpos humanos em barro, que Morgana moldara na figura de uma mulher. Ela usou sangue de uma criança que morrera na cidade, nessa manhã, e água que um escravo trouxera do poço do pátio já com musgo, e misturou ambos com o corpo. Não havia trovões, mas Morgana afirmou que o contrafeitiço não necessitava de trovões. Cuspiu, horrorizada, para o que acabara de fazer. Era uma imagem grotesca, uma mulher com os seios enormes, de pernas abertas e com uma fenda como canal de nascimento. No ventre da figura, ela escavou um buraco, afirmando ser o ventre onde o mal se alojava. Artur, Taliesin e Guinevere observavam enfeitiçados, enquanto ela moldava a figura e, depois, quando caminhou três vezes em volta da figura obscena. Depois da terceira volta no sentido do sol ela deteve-se, levantou a cabeça para as nuvens e gemeu. Por instantes, achei que sentisse tantas dores que não pudesse prosseguir, e que o seu Deus lhe ordenava que parasse a cerimônia, mas depois virou o seu rosto deformado para mim.

- Preciso agora do mal - disse ela.

- Que é? - perguntei.

A fenda que era agora a sua boca pareceu sorrir.

- A tua mão, Derfel.

- A minha mão?

Agora, eu via que a ranhura sem lábios era, de fato, um sorriso.

- A mão que te liga a Nimue - afirmou Morgana. - De que outra forma pensa que o mal se propaga? Tem de cortá-la, Derfel e me entregar.

Certamente Artur iniciou o seu protesto.

- Vocês me forçam a pecar, - Morgana virou-se para o irmão com um guincho, - e depois desafiam a minha sabedoria?

- Não - disse Artur, apressadamente.

- Nada tenho com que me preocupar - disse ela, despreocupadamente. - Se Derfel quiser ficar com a sua mão, que seja. Ceinwyn pode sofrer.

- Não - afirmei. - Não.

Mandamos chamar Galaad e Culhwuch, depois Artur levou-nos aos três para a sua oficina de ferreiro, onde a forja ardia dia e noite. Retirei o meu anel de amantes do dedo da minha mão esquerda e entreguei-o a Morridig, o ferreiro de Artur, pedindo-lhe que fundisse o anel em torno do botão da *Hywelbane*. O anel era de ferro vulgar, um anel de guerreiro, mas tinha uma cruz feita em ouro que eu roubara do Caldeirão de Clyddno Eiddyn, e era o par de um anel que Ceinwyn usava.

Colocamos um pesado toro de madeira na bigorna. Galaad segurou-me com força, colocando os seus braços à minha volta, e eu firmei o braço e coloquei a minha mão esquerda sobre a madeira. Culhwuch agarrou-me na testa, não para que eu me mantivesse quieto, mas para o que viria depois.

Artur levantou a Excalibur.

- Você tem certeza, Derfel? - perguntou-me.

- Faça-o, senhor - afirmei.

Morridig observou de olhos esbugalhados quando a lâmina brilhante tocou nos cepos acima da bigorna. Artur fez uma pausa, depois desferiu um único golpe. Fê-lo com força e, por segundos, não senti qualquer dor, nada. Contudo, em seguida Culhwuch agarrou-me o pulso, que jorrava sangue, e impeliu-o para o carvão incandescente da forja. Foi então que a dor me percorreu como o golpe de uma lança. Gritei, e não me recordo de mais nada.

Soube, mais tarde, que Morgana agarrou a mão decepada, com a sua cicatriz fatal, e a enterrou no ventre do corpo da mulher. Depois, como um cântico pagão, tão antigo como o tempo, retirou a mão ensanguentada pelo canal do nascimento e atirou-a para o brazeiro.

E foi deste modo que me tornei cristão.

QUARTA PARTE

O Último Encantamento

A Primavera chegou a Dinnewrac. *O* mosteiro está mais quente e o silêncio das nossas orações é apenas quebrado pelos balidos dos carneiros e pelo canto das cotovias.

Violetas brancas e morugem crescem em lugares onde, outrora, só havia neve. O melhor de tudo, porém, é a notícia de que Igraine deu à luz uma criança. É um rapaz, e mãe e filho estão em perfeita saúde. Deus seja louvado por isso, e pela chegada do tempo quente. Além disso, pouco mais há a agradecer. A Primavera deveria ser uma estação alegre, mas de todo o lado nos chegam rumores sinistros e assustadores.

Os saxões voltaram, embora ninguém saiba se foram os seus guerreiros quem ateou as fogueiras que vislumbramos a noite passada, iluminando o horizonte, a leste daqui. E, no entanto, as fogueiras ardiam com intensidade, incendiando o céu noturno como um prenúncio do inferno. De madrugada, recebemos a visita de um camponês, que nos trouxe alguns toros de tília com os quais podemos fazer uma nova batedeira de leite, e nos disse que as fogueiras tinham sido ateadas por bandos de salteadores irlandeses.

Nós, todavia, duvidamos que assim seja, já que durante as últimas semanas têm circulado muitas histórias sobre bandos de guerreiros saxões. O grande feito de Arthur foi ter-nos mantido a salvo dos Saxões durante uma geração inteira e, para que isso fosse possível, ele ensinou os nossos reis a terem coragem. Mas quão fracos se tornaram os nossos governantes, desde então! E agora, os Sais estão de volta, como uma praga.

Dafydd, o escrivão encarregado de traduzir estes pergaminhos para a língua britânica, veio buscar as últimas peles, hoje, e confidenciou-me que era quase certo que as fogueiras eram obra dos Saxões. Depois informou-me que o novo filho de Igraine deverá chamar-se Artur. Artur ap Brochvael ap Perddel ap Cuneglas; um bom nome, embora fosse claro que Dafydd não o aprovava. A princípio, não consegui entender porquê. É um homem pequeno, parecido com Sansum, com a mesma expressão atarefada e o mesmo cabelo hirsuto. Sentou-se no peitoril da minha janela enquanto lia os pergaminhos concluídos, soltando breves interjeições e abanando a cabeça de impaciência perante a minha

caligrafia.

- Porque Artur abandonou a *Dumnônia*? - perguntou finalmente.

- Porque Meurig insistiu em que o fizesse - expliquei, - e porque o próprio Artur nunca quis governar.

- Mas foi uma irresponsabilidade da parte dele! - afirmou Dafydd, implacável.

- Artur não era rei - retorqui, e as nossas leis são claras: só os reis podem governar.

- As leis são maleáveis - continuou Dafydd com uma fungadela, - eu que o diga.

E Artur deveria ter sido rei.

- Concordo - disse eu, - mas não foi. Não nasceu para tal, ao contrário de Mordred.

- Nesse caso, Gwydre tão pouco nasceu para ser rei - opôs Dafydd.

- É verdade - disse eu, - mas se Mordred tivesse morrido, as pretensões de Gwydre seriam tão legítimas quanto as de outro qualquer, à exceção de Artur, claro. Artur, no entanto, não queria ser rei.

Pensei, atônito, nas vezes sem conta em que já explicara a mesma coisa.

- Artur veio para a Bretanha - continuei, - porque jurou proteger Mordred, e no momento em que partiu para a *Silúria* já tinha alcançado tudo aquilo a que se propusera.

Unira os reinos da Bretanha, impusera a justiça na *Dumnônia* e derrotara os Saxões.

Podia ter resistido às exigências de Meurig e ter se dado por vencido, mas no fundo essa não era a sua vontade. Por isso devolveu a *Dumnônia* ao monarca a quem ela pertencia por direito e assistiu ao desmoronar de tudo aquilo que tinha construído.

- Portanto, ele devia ter permanecido no poder - contrapôs Dafydd. Dafydd, acho

eu, parece-se muito com São Sansum: um homem que nunca se pode enganar.

- Pois devia - disse eu, - mas ele se sentia cansado. Queria que fossem outros homens a carregar o fardo. Se houve algum culpado, esse fui eu! Eu deveria ter ficado na *Dumnônia*, em vez de passar tanto tempo em *Isca*. Mas naquela época, nenhum de nós foi capaz de perceber o que estava acontecendo. Nenhum de nós percebeu que Mordred viria a revelar-se um bom soldado, e quando nós tomamos consciência do fato nos convencemos de que ele acabaria por morrer dentro de pouco tempo e Gwydre se tornaria rei. Então, tudo ficaria bem. Vivíamos com base na esperança e não no mundo real.

- Continuo achando que Artur nos deixou ficar mal - disse Dafydd, e o tom das suas palavras explicava o motivo por que não aprovava o nome do Herdeiro.

Quantas vezes tenho sido obrigado a ouvir a mesma condenação de Artur? Se, ao menos, ele tivesse permanecido no poder, dizem eles, ainda hoje os Saxões nos prestariam vassalagem, e a Bretanha se estenderia de mar a mar. Todavia, no tempo em que a Bretanha tinha Artur, tudo o que fazia era queixar-se e resmungar contra ele.

Quando ele dava ao povo aquilo que o povo queria, este queixava-se de que não era suficiente. Os cristãos acusavam-no de favorecer os pagãos, estes criticavam-no por tolerar os cristãos e os outros reis, à exceção de Cuneglas e de Oengus Mac Airem, invejavam-no. O apoio de Oengus de pouco valia, mas quando Cuneglas morreu, Artur perdeu o seu principal aliado real. Além do mais, Artur não abandonou ninguém. A Bretanha abandonou a si mesma. Foi a Bretanha que permitiu o regresso sorrateiro dos Saxões, foi a Bretanha que se envolveu em quezílias internas e, depois, arrependida, atribuiu a culpa a Artur. A Artur, que fora quem a fizera sair vitoriosa!

Dafydd passou os olhos pelas últimas páginas.

- E Ceinwyn, ficou curada? - perguntou-me.

- Sim, louvado seja Deus - respondi, - e viveu ainda muitos anos depois disso.

Preparava-me para contar a Dafydd alguns detalhes sobre aqueles anos derradeiros, mas percebi que ele não estava interessado em ouvir e decidi guardar para mim todas aquelas recordações. Ceinwyn acabou por morrer em consequência de uma febre. Eu estava junto dela e queria queimar o seu cadáver,

mas Sansum insistiu em sepultá-la à maneira cristã. Obedeci-lhe, mas passado um mês reuni um grupo de homens, filhos e netos do meus antigos lanceiros, e, juntos, desenterramos o corpo dela e o queimamos numa pira, para que a sua alma pudesse juntar-se à das filhas no Outro Mundo. Não guardo qualquer remorso por este ato pecaminoso. Duvido que algum homem faça o mesmo por mim, embora Igraine, se alguma vez ler estas palavras, talvez mande construir uma pira funerária para mim. Rezo para que assim seja.

- Você altera a história quando a traduz? - perguntei a Dafydd.

- Alterá-la? - ele soou indignado. - A minha Rainha não me deixa alterar nem uma sílaba!

- Está falando a verdade? - perguntei.

- Posso, eventualmente, corrigir alguns deslizes gramaticais - disse ele, juntando as peles, - mas nada mais. Suponho que o fim da história esteja próximo, não?

- Está, sim.

- Nesse caso, regresso dentro de uma semana - prometeu e, enfiando os pergaminhos dentro de um saco, apressou-se a sair.

Instantes mais tarde, o bispo Sansum entrou, precipitadamente, no meu aposento. Trazia um embrulho estranho que, a princípio, confundi com um pau enrolado numa velha capa.

- Dafydd trouxe alguma novidade? - perguntou.

- A Rainha está bem - disse eu, - e a criança também.

Decidi não contar a Sansum que a criança iria chamar-se Artur, pois isso apenas deixaria o santo aborrecido, e a vida em Dinnewrac tornava-se muito mais fácil quando Sansum estava de bom humor.

- Perguntei por novidades - retorquiu Sansum, sem demora e - não por coscuvilhices de mulheres acerca de crianças. E as fogueiras? Dafydd disse alguma coisa sobre as fogueiras?

- Ele sabe tanto como nós, Bispo - disse eu, - mas o rei Brochvael acha que são

saxões.

- Deus nos proteja - disse Sansum e caminhou até à minha janela, através da qual ainda era possível vislumbrar vestígios de fumaça, a leste. - Que Deus e os Santos nos protejam - implorou ele, após o que voltou para junto da minha mesa e sobre esta pele depôs o estranho embrulho que trazia. Afastou a capa e, para meu espanto, os olhos quase marejados de lágrimas, vi que se tratava da *Hywelbane*. Não me atrevi a demonstrar o menor indício da emoção que me invadira e, em vez disso, benzi-me como se o aparecimento de uma arma dentro do nosso mosteiro me tivesse deixado chocado.

- Há inimigos por perto - disse Sansum, explicando a presença da espada.

- Temo que tenha *razão*, Bispo - retorqui eu.

- E a presença de inimigos dá lugar ao aparecimento de homens esfomeados por estas colinas - continuou Sansum, - pelo que durante a noite ficará de guarda ao mosteiro.

- Assim seja, senhor - aquiesci, humilde. - Mas eu? Ficar de guarda? Os meus cabelos embranqueceram, estou velho e fraco. Confiar em mim ou pedir a uma criança que fique de guarda é a mesma coisa.

Eu, porém, não levantei qualquer objeção e depois de Sansum ter saído, desembainhei a *Hywelbane* e percebi quão pesada ela se tornara ao longo dos muitos anos em que permanecera no armário de tesouros do mosteiro. Era pesada e tosca, mas continuava sendo a minha espada. Procurei os ossos de porco amarelados, incrustados no seu copo, e depois o anel de noivado fixo perto do botão de punho da espada e, nesse anel achatado, distingui as minúsculas lascas de ouro que roubara do Caldeirão havia já

tanto tempo. Aquela espada trazia-me à memória tantas histórias. Havia uma mancha de ferrugem na lâmina que eu raspei, cuidadosamente, com a faca que utilizo para afiar as minhas penas. Depois segurei-a nos braços durante muito tempo, imaginando que ainda era jovem e forte o suficiente para manejá-la.

Mas eu? Ficar de guarda? Na verdade, Sansum não queria que eu ficasse de guarda. O que ele queria, na realidade, era que eu me oferecesse em sacrifício, como um pateta, enquanto ele se esgueirava pela porta dos fundos levando São Tudwal numa mão e o ouro do mosteiro na outra. Todavia, se é esse o meu

destino, que assim seja. Prefiro morrer como o meu pai, empunhando a espada, ainda que o meu braço seja frágil e a espada esteja romba. Não era este o destino que Merlim queria para mim, nem Artur, mas não é um mau fim para um soldado, e embora seja monge há muitos anos e um cristão há

mais tempo ainda, no fundo da minha alma pecaminosa continuo sendo um lanceiro de Mitras. E, assim, beijei a minha *Hywelbane*, contente por tornar a vê-la ao fim de tantos anos.

E agora, redigirei o fim da história com a minha espada ao meu lado, esperando que me seja dado tempo para concluir a história de Artur, o meu senhor, que foi traído, injuriado e cuja ausência foi mais sentida do que a de qualquer outro homem em toda a história da Bretanha.

Fui acometido por uma febre violenta depois de ter perdido a mão e quando acordei vi Ceinwyn sentada na cama, ao meu lado. De início, não a reconheci, pois tinha o cabelo curto e branco como a neve. Mas era a minha Ceinwyn, estava viva e quase em perfeita saúde, e quando viu um brilho nos meus olhos inclinou-se e encostou a sua face à minha. Coloquei o meu braço esquerdo em volta dela e descobri que já não tinha mão para poder acariciar-lhe as costas. Tudo o que me restava era um coto envolto num pano ensanguentado. Conseguia sentir a mão, conseguia até sentir o prurido, mas ela já não estava ali. Tinha sido queimada.

Uma semana mais tarde fui batizado no rio Usk. O bispo Emrys presidiu à

cerimônia e depois de ele me ter obrigado a mergulhar na água fria, Ceinwyn seguiu-me ao longo da margem lamacenta e insistiu em ser batizada.

- Seguirei o meu homem, para onde quer que ele vá - disse ela ao bispo Emrys, que, fazendo-a dobrar os braços sobre o peito a obrigou a mergulhar no rio.

Fomos batizados ao som de um coro de mulheres e, nessa noite, vestidos de branco, recebemos o pão e o vinho cristãos pela primeira vez. Depois da missa, Morgana apresentou-nos um pergaminho no qual escrevera a minha promessa de obediência ao marido dela, à luz da fé cristã, e exigiu que eu assinasse o meu nome.

- Já te dei a minha palavra - contrapuz.

- Você vai assinar, Derfel - insistiu Morgana, - e fará ainda um juramento sobre o crucifixo.

Suspirei e assinei. Os cristãos, segundo parecia, não confiavam na forma de juramento mais antiga, antes exigiam um pergaminho e tinta. E foi assim que reconheci Sansum como meu senhor e que, depois de eu ter escrito o meu nome, Ceinwyn insistiu em acrescentar o dela. Assim começou a segunda metade da minha vida, a metade durante a qual cumpri o juramento feito a Sansum, embora não tão bem quanto Morgana esperaria. Se Sansum soubesse que estou escrevendo esta história encararia o fato como a quebra do juramento e me puniria em conformidade. Nada disso, porém, tem mais importância para mim. Cometi inúmeros pecados, mas nunca quebrei um juramento.

Depois do meu batismo, fiquei à espera de uma convocação de Sansum que permanecia em *Gwent*, junto do rei Meurig. O *Lorde Rato,* no entanto, manteve a minha promessa escrita sem nada exigir, nem sequer dinheiro. Nessa época, pelo menos.

O coto à altura do pulso foi sarando, lentamente, e eu em nada ajudei à cura ao insistir em continuar treinando com um escudo. Durante a batalha, o guerreiro enfia o braço esquerdo através das duas aselhas do escudo e agarra a pega de madeira que está do outro lado. Eu, no entanto, já não tinha dedos para agarrar o escudo, por isso mandei transformar as aselhas em tiras de couro com fivelas que podiam ser apertadas em torno do meu antebraço. Não era tão seguro, mas era melhor do que não ter escudo, e uma vez habituado às correias apertadas exercitei-me com a espada e o escudo defrontando Galaad, Culhwuch e Artur. O escudo era tosco, mas mesmo assim era capaz de combater, ainda que no final de cada sessão de treino, o coto começasse a sangrar fazendo com que Ceinwyn me repreendesse enquanto fazia uma nova ligadura.

A Lua cheia chegou e eu não empunhei a espada, nem fiz qualquer sacrifício em honra de *Nant Dduu*. Fiquei à espera da vingança de Nimue, mas nada aconteceu. O

festival de *Beltain* realizava-se uma semana depois da Lua cheia e nem Ceinwyn nem eu, obedecendo às ordens de Morgana, extinguimos as nossas fogueiras ou ficamos acordados para assistir ao atear das novas. Culhwuch, no entanto, veio ter nos ver na manhã seguinte com um tição da nova fogueira que atirou para dentro da nossa lareira.

- Quer que vá até *Gwent*, Derfel? - perguntou ele.

- *Gwent*? - perguntei. - Porquê?

- Para matar Sansum, aquele patife, é claro.

- Ele não está me incomodando.

- Ainda não - resmungou Culhwuch, - mas há de incomodar. Não consigo imaginá-lo como um cristão. Sente-se diferente?

- Não.

Pobre Culhwuch. Estava esfuziante por ver Ceinwyn de boa saúde, mas odiava o acordo que eu fizera com Morgana, para que ela se curasse. Ele, tal como muitos outros, perguntava-se porque é que eu, muito simplesmente, não quebrava a promessa feita a Sansum. Eu, porém, temia que a doença de Ceinwyn regressasse, se o fizesse e, por isso, mantinha-me fiel ao prometido. Com o passar do tempo, esta obediência tornou-se um hábito e depois da morte de Ceinwyn descobri que não tinha alento para quebrar a promessa, ainda que a morte dela me tivesse libertado do juramento.

Tudo isto, porém, fazia ainda parte de um futuro longínquo naquele dia em que novas fogueiras aqueciam lareiras geladas. Era um belo dia de sol e de árvores em flor.

Lembro-me que, nessa manhã, compramos alguns gansos jovens no mercado, julgando que os nossos netos haveriam de gostar de vê-los crescer no pequeno lago atrás de nossa casa. Mais tarde acompanhei Galaad até ao anfiteatro, para mais uma sessão de treino com o meu escudo desajeitado. Éramos os únicos lanceiros que ali estavam, já que a maioria dos outros estavam ainda se recuperando de uma noite de folia.

- Os gansos não são uma boa idéia - disse Galaad, atingindo o meu escudo com um golpe firme da sua lança.

- Porque não?

- Quando crescem tornam-se mal-humorados.

- Besteira - disse eu. - Quando crescem transformam-se em comida.

Gwydre interrompeu-nos para nos comunicar que tínhamos sido chamados à

presença de seu pai e nós regressamos à cidade para descobrir que Artur tinha ido até o palácio do bispo Emrys. O Bispo estava sentado, enquanto Artur, em camisa e calças axadrezadas, se inclinava sobre uma mesa enorme coberta com aparas de madeira, onde o Bispo escrevera listas de lanceiros, armas e barcos. Artur ergueu os olhos para nós e durante uma fração de segundo nada disse. Mas eu não esqueço que o seu rosto coberto por uma barba grisalha ostentava uma expressão bastante carregada. Em seguida, proferiu uma só palavra.

- Guerra.

Galaad benzeu-se, enquanto eu, ainda preso aos meus velhos hábitos, levei a mão ao copo da *Hywelbane*.

- Guerra? - perguntei.

- Mordred marcha ao nosso encontro - disse Artur. - Neste preciso momento!

Meurig deu-lhe permissão para atravessar *Gwent*.

- Com trezentos e cinquenta lanceiros, segundo soube - acrescentou Emrys, Até hoje acredito que Meurig traiu Artur instigado por Sansum. Não tenho provas disso, e Sansum negou-o sempre, mas todo o plano parecia ser um produto inequívoco da astúcia do *Lorde Rato.* É certo que Sansum nos advertira, em certa ocasião, sobre a possibilidade de um ataque semelhante, mas o *Lorde Rato* era sempre extremamente cauteloso no que dizia respeito às suas traições, e se Artur tivesse vencido a batalha que Sansum esperava fosse travada em *Isca*, ele teria exigido uma recompensa de Artur. Não restavam dúvidas de que ele não pretendia obter nenhuma recompensa de Mordred, já

que o plano de Sansum, se é que foi ele de fato o seu autor, estava destinado a beneficiar Meurig. Deixe que Mordred e Artur lutem até à morte, já que depois Meurig poderia assumir o controle da *Dumnônia* e o *Lorde Rato* governaria em nome de Meurig.

E Meurig queria muito ficar com a *Dumnônia*. Queria os seus campos férteis e as suas prósperas cidades e, por isso, instigara a guerra, embora o negasse

fervorosamente.

Se Mordred queria visitar o tio, dizia ele, quem era ele para o impedir de o fazer? E se Mordred quisesse uma escolta de trezentos e quinze lanceiros, quem era Meurig para negar tal séquito a um Rei? E, assim, deu a Mordred a autorização que este queria e quando as primeiras notícias do ataque chegaram até nós, já os cavaleiros do exército de Mordred tinham passado *Glevum* e avançavam rapidamente para oeste, na nossa direção. E foi deste modo, por via de uma traição, e da ambição de um rei frouxo, que começou a última guerra de Artur.

Nós estávamos preparados para essa guerra. Esperávamos que o ataque ocorresse semanas antes, mas apesar de termos sido surpreendidos pelo sentido de oportunidade de Mordred, os nossos planos estavam já delineados. Navegaríamos para sul, através do mar *Severn*, e marcharíamos para *Durnovária*, onde, conforme esperávamos, os homens de Sagramor se juntariam a nós. Então, uma vez unidas as nossas forças, seguiríamos o urso de Artur para norte e defrontaríamos Mordred, que regressava da *Silúria*. Esperávamos uma batalha, esperávamos vencer e, mais tarde, aclamaríamos Gwydre como Rei da *Dumnônia* em *Caer Cadarn*. Era a velha história; mais uma batalha e tudo mudaria.

Foram enviados mensageiros até à costa, com a missão de persuadirem todos os silurianos a trazerem os seus barcos de pesca para *Isca*. E enquanto as embarcações avançavam rio acima, nós preparávamos a nossa apressada partida. Afiaram-se as lâminas de espadas e lanças, poliram-se as armaduras e encheram-se sacos e cestos com provisões. Guardamos os tesouros dos três palácios e as moedas do tesouro e prevenimos os habitantes de *Isca* para que estivessem preparados para fugir para oeste antes que os homens de Mordred chegassem.

Na manhã seguinte, tínhamos vinte e sete barcos de pesca ancorados no rio, por baixo da ponte romana de *Isca*. Cento e sessenta e três lanceiros estavam prontos para embarcar. A maior parte deles tinha família, mas os barcos não eram suficientemente grandes para transportar todos eles. Fomos forçados a deixar os cavalos, pois Artur descobrira que os cavalos são maus marinheiros. Enquanto eu estava em viagem tentando encontrar-me com Nimue, ele tentara embarcar os cavalos num dos barcos de pesca. Os animais, porém, entraram em pânico, mesmo sobre a ondulação fraca, e um deles chegou até a abrir caminho aos coices através do casco da embarcação. Assim, na véspera da nossa partida levamos os animais até às pastagens de uma fazenda distante e prometemos a

nós próprios que viríamos buscá-los, logo que Gwydre fosse aclamado rei. Só Morgana se recusou a partir conosco de barco e, em vez disso, foi juntar-se ao marido, em *Gwent*.

Começamos a carregar os barcos de madrugada. Começamos pelo ouro, que colocamos no fundo dos barcos. Por cima, empilhamos as nossas armaduras e a comida e, em seguida, sob um céu cinzento e fustigados por um vento agreste, demos início ao embarque. A maior parte dos barcos levava dez ou onze pessoas e, mal iam ficando cheios, iam deslizando até meio do rio, onde tornavam a lançar âncora e ficavam à espera que o resto da esquadra se juntasse a eles.

O inimigo chegou no exato momento em que o último barco estava sendo carregado. Era o maior de todos e pertencia a Balig, o marido da minha irmã. Nele estavam Artur, Guinevere, Gwydre, Morwenna e os seus filhos, Galaad, Taliesin, Ceinwyn e eu, juntamente com Culhwuch, a esposa deste e dois dos filhos de ambos. O estandarte de Artur esvoaçava no alto da proa do barco, enquanto as insígnias de Gwydre flutuava à

popa. Estávamos bem dispostos, pois partíamos com a missão de entregar a Gwydre o reino que lhe pertencia por direito. Todavia, exatamente no momento em que Balig gritava para Hygwydd, o criado de Artur, incitando-o a entrar a bordo, chegou o inimigo.

Hygwydd trazia o último pacote do palácio de Artur e estava a uns escassos cinquenta passos da margem quando se virou para trás e viu os cavaleiros passarem as portas da cidade. Teve tempo para deixar cair o pacote e conseguiu ainda sacar meia espada, mas nesse momento os cavalos alcançaram-no e uma lança atravessou-lhe o pescoço.

Balig atirou a prancha de embarque borda fora, sacou uma faca que tinha presa ao cinto e cortou as amarras que prendiam a popa do barco à margem do rio. O seu tripulante saxão soltou as amarras da proa e o nosso barco deslizou ao sabor da corrente no instante em que os cavaleiros alcançavam a margem. Artur permanecia de pé, fitando, horrorizado, o agonizante Hygwydd. Eu, porém, dirigi o meu olhar na direção do anfiteatro, onde acabava de surgir uma horda de guerreiros.

Aquele não era o exército de Mordred. Era uma chusma de dementes; uma turba desordenada de criaturas arqueadas, estropiadas e amarguradas que se

multiplicava em redor dos degraus de pedra do anfiteatro e corria na direção da margem do rio soltando pequenos gritos. Estavam cobertos com andrajos, tinham os cabelos desgrenhados e os olhos carregados de uma ira fanática. Era o exército de loucos de Nimue. A maioria estava armada com simples paus, embora alguns deles empunhassem lanças. Os cavaleiros traziam lanças e escudos e não eram loucos. Eram foragidos dos Escudos Sanguinários de Diwrnach e ainda usavam os mesmos esfarrapados mantos negros e ostentavam os mesmos escudos pintados de sangue. À medida que iam avançando ao longo da margem, acompanhando-nos, iam dispersando o exército de loucos.

Alguns destes ficaram esmagados debaixo dos cascos dos cavalos, mas logo muitos mais se atiraram ao rio, nadando atabalhoadamente na direção dos nossos barcos. Artur gritava aos barqueiros, ordenando-lhes que largassem as respectivas âncoras e, um após outro, os barcos atestados soltaram-se e começaram a deslizar.

Algumas das tripulações mostraram-se relutantes em abandonar as pesadas pedras que serviam de âncoras e tentaram içá-las, pelo que as embarcações em movimento foram bater nas que ainda estavam paradas. Enquanto isso, aquelas criaturas desesperadas, tristes e loucas continuavam a avançar, desajeitadamente, na nossa direção.

- Cabos das Lanças! - gritou Artur e, empunhando a sua própria lança, virou-a e atingiu com força a cabeça de um dos nadadores.

- Remos! - clamou Balig, mas ninguém lhe deu ouvidos. Estávamos muito atarefados empurrando os nadadores para longe do casco dos barcos. Eu trabalhava com uma só mão, afundando os nossos atacantes. Um deles, porém, conseguiu agarrar o cabo da minha lança e por pouco não me atirou à água. Deixei-o ficar com a arma, desembainhei a *Hywelbane* e brandi-a com força. As primeiras manchas de sangue tingiram as águas do rio. A margem norte do rio encontrava-se agora repleta dos ruidosos e irrequietos seguidores de Nimue. Alguns deles atiravam lanças na nossa direção, mas a maior parte limitava-se a gritar o seu ódio, enquanto outros corriam para o rio, no encalço dos outros nadadores. Um homem de cabelos compridos e lábios-leporinos tentou subir a bordo do nosso barco, mas o Saxão atingiu-o no rosto com um pontapé, continuando a agredi-lo até ele cair. Taliesin descobrira uma lança e usava a lâmina da mesma para atingir outros nadadores. Mais abaixo, a corrente arrastou um dos barcos até à margem lamacenta, onde a tripulação tentava

desesperadamente libertar-se da lama. Agiam com muita lentidão, contudo, os guerreiros de Nimue conseguiram abordá-los. Eram liderados por Escudos Sanguinários, e estes assassinos experimentados rasgaram a embarcação encalhada a golpes de lança enquanto gritavam desafios e provocações. Era o barco do bispo Emrys e eu vi que o bispo de cabelos brancos ainda conseguiu deter o curso de uma lança com a espada antes de ser morto. Uma chusma de loucos seguiu, depois, os Escudos Sanguinários através do convés escorregadio. A mulher do bispo soltou um grito breve, antes de ser selvatigemente trespassada por uma lança. Facas cortavam, rasgavam e apunhalavam, e o sangue escorria dos embornais e corria em direção ao mar. Um homem vestido com uma túnica feita de pele de veado tomou balanço na popa do barco abalroado e, no momento em que passávamos por ele, saltou para a borda do nosso barco. Gwydre ergueu a sua lança e o homem gritou quando o seu corpo se enfiou na longa haste. Ainda recordo as suas mãos agarrando o cabo da lança enquanto o seu corpo se contorcia na ponta da mesma. Depois, Gwydre deixou cair ambos, homem e lança, dentro do rio e desembainhou a espada. A sua mãe brandia uma lança por entre uma multidão de braços que se agitavam ao lado do barco. Várias mãos agarravam-se à

borda do barco e nós as pisávamos, ou as cortávamos com as lâminas das espadas, até

que, gradualmente, o nosso barco foi se distanciando dos seus atacantes. Todas as embarcações deslizavam, agora, algumas de lado, outras com a popa para a frente. Os barqueiros soltavam gritos e imprecações uns aos outros ou, então, ordenavam aos lanceiros que se agarrassem aos remos. Uma lança atravessou os ares, vinda da margem, e veio bater contra o casco do nosso barco e foi então que surgiram as primeiras flechas. Eram flechas de caçador e passavam, zumbindo, sobre as nossas cabeças.

- Escudos! - gritou Artur e todos nós formamos uma barreira de escudos ao longo da borda do barco.

As flechas batiam contra eles. Eu agachara-me, ao lado de Balig, protegendo-nos a ambos, e o meu escudo estremecia sempre que as pequenas flechas o atingiam.

Fomos salvos pela corrente rápida do rio e pela maré vazante, que arrastou o conjunto desordenado de barcos que seguia rio abaixo, colocando-se fora do alcance da ira dos arqueiros. Fomos seguidos pela horda de loucos delirantes,

mas a oeste do anfiteatro havia uma língua de terrenos pantanosos que fez diminuir a marcha dos nossos perseguidores e nos deu tempo para, finalmente, impor alguma ordem em todo o caos que se gerara. Os gritos dos nossos atacantes acompanhavam-nos, e os seus corpos deslizavam ao sabor da corrente, ao lado da nossa pequena frota. Nós, no entanto, já

tínhamos remos o que nos permitiu virar a proa do barco e seguir os outros barcos em direção ao mar. Os nossos dois estandartes estavam crivados de flechas.

- Quem são eles? - perguntou Artur, olhando para trás e observando a horda de dementes.

- O exército de Nimue - disse eu, com amargura.

Graças aos talentos de Morgana, os feitiços de Nimue tinham falhado, pelo que ela libertara os seus seguidores e ordenara-lhes que partissem em busca da Excalibur e de Gwydre.

- Porque é que não os vimos chegar? - quis saber Artur.

- Um feitiço, senhor? - alvitrou Taliesin, e eu me lembrei das inúmeras ocasiões em que Nimue recorrera a tais feitiços.

Galaad troçou daquela explicação pagã.

- Marcharam durante a noite - sugeriu ele e esconderam-se nos bosques até

estarem prontos. - E nós estávamos muito ocupados para ir à procura deles.

- Agora, a cadela pode lutar contra Mordred, em vez de nós - sugeriu Culhwuch.

- Não o fará - disse eu, - vai juntar-se a ele.

Nimue, porém, ainda não se dera por vencida. Um grupo de cavaleiros galopava ao longo do caminho que seguia para norte, na direção dos pântanos, perseguidos por uma horda de populares que os seguia a pé. O rio não corria diretamente para o mar.

Formava, antes, amplos meandros através da planície costeira, e eu sabia que

depois de cada curva para oeste encontraríamos o inimigo à nossa espera.

Os cavaleiros estavam, de fato, à nossa espera. O rio, porém, alargava-se à

medida que se ia aproximando do mar e a água corria, nervosa; assim, depois de cada curva éramos empurrados, velozmente, pela corrente que nos deixava a salvo e fora do alcance deles. Os cavaleiros soltavam imprecações e maldições na nossa direção e, em seguida, cavalgavam até à curva seguinte, de onde poderiam atirar lanças e flechas contra nós. Precisamente antes da zona onde começava o oceano, havia um braço de rio longo e reto e enquanto o percorríamos os cavaleiros de Nimue nunca nos abandonaram.

Foi então que vi Nimue. Montava um cavalo branco, trazia um vestido branco e tinha o cabelo cortado como um Druida. Carregava o bastão de Merlim e usava uma espada presa à cintura. Gritou na nossa direção, mas o vento abafou as suas palavras, e depois o rio descreveu uma curva para leste e nós deslizamos para longe dela, por entre as margens sulcadas de juncos. Nimue virou-se e esporeou o cavalo, guiando-o até à

embocadura do rio.

- Estamos a salvo, agora - disse Artur.

Sentíamos o cheiro do mar, ouvíamos o clamor das gaivotas por cima das nossas cabeças, diante de nós ecoava o som interminável das ondas quebrando-se numa praia, e enquanto isso Balig e o Saxão prendiam a verga da vela ao cordame que a içavam até ao mastro. Faltava ainda vencer o último meandro do rio, passar por um último encontro com os cavaleiros de Nimue, antes de sermos empurrados pela corrente para o mar *Severn*.

- Quantos homens perdemos? - quis saber Artur.

E nós gritamos perguntas e respostas entre as várias embarcações que constituíam a nossa pequena frota. Dois homens apenas tinham sido atingidos pelas flechas *e* o único barco encalhado tinha sido completamente abalroado. A maioria dos elementos do pequeno exército que seguia dentro dele, porém, encontrava-se sã e salva.

- Pobre Emrys - disse Artur, e depois calou-se durante algum tempo. - Dentro de três dias - continuou, afastando a melancolia, - estaremos com Sagramor.

Ele enviara mensagens para leste, e agora que o exército de Mordred deixara a *Dumnônia*, nada havia que impedisse Sagramor de partir ao nosso encontro.

- Teremos um pequeno exército - disse Artur, - mas um bom exército.

Suficientemente bom para derrotar Mordred e, depois, começaremos tudo de novo.

- Começaremos tudo de novo? - perguntei eu.

- Tornaremos a vencer Cerdic - disse ele - e a incutir algum juízo na cabeça de Meurig. - Riu, amargamente. - Há sempre mais uma batalha. Já reparou? Quando pensa que tudo está acabado, logo a confusão começa de novo. - Passou a mão pelo copo da Excalibur. - Pobre Hygwydd. Vou sentir falta dele.

- E a minha também, senhor - disse eu, em tom sombrio.

O coto do meu pulso esquerdo latejava dolorosamente e a sensação de comichão na mão que me faltava era de tal forma real que nada me fazia desistir de tentar coçá-la.

- Vou sentir a tua falta? - perguntou Artur, erguendo uma sobrancelha.

- Quando Sansum me chamar.

- Ah! *Lorde Rato*. - Esboçou um sorriso breve. - Acho que o nosso *Lorde Rato* desejará regressar a *Dumnônia*, não acha? Não consigo imaginá-lo tornando-se favorito em *Gwent*, lá existem bispos demias. Não, ele vai querer regressar, e a pobre Morgana há de voltar a querer o santuário em *Ynys Wydryn* e eu farei um acordo com eles. A tua alma em troca da autorização de Gwydre para que eles possam viver na *Dumnônia*. Nós o libertaremos do juramento, Derfel, não se preocupe.

Deu-me uma palmada no ombro e depois avançou, com esforço, para junto de Guinevere, que estava sentada debaixo do mastro.

Balig arrancou uma flecha do mastro da popa, torceu a sua ponta de ferro, que enfiou no bolso para que ficasse em segurança, e depois atirou a haste emplumada borda fora.

- Não gosto nada daquilo - disse-me, inclinando o queixo para oeste. Virei-me e vi uma massa de nuvens negras que se acumulava ao longe, no horizonte.

- Chuva? - perguntei.

- Pode trazer vento também - respondeu ele, em tom sinistro, cuspindo borda fora para afastar o azar. - Mas como a nossa viagem não é longa, talvez possamos evitá-las.

Inclinou-se sobre o remo da cauda no momento em que o barco deslizava para lá

da última grande curva do rio. Seguíamos para oeste, agora, de frente para o vento, e a superfície do rio era cortada pelas cristas brancas de pequenas ondas que vinham bater na proa do nosso barco e se quebravam ao longo do convés. A vela continuava por içar.

- Força, agora! - Balig incitava os nossos remadores.

O Saxão manobrava um dos remos, Galaad tomara conta do outro, Taliesin e Culhwuch ocupavam o banco do meio e os dois filhos de Culhwuch completavam a tripulação. Os seis homens remavam com força, lutando contra o vento, mas a corrente e a maré não deixaram de nos ajudar. Na proa e na popa, os estandartes esvoaçavam fustigados pelo vento, fazendo chocalhar as flechas que neles tinham ficado presas.

Diante de nós, o rio desviava-se para sul e eu sabia que seria aí que Balig hastearia a vela, para que o vento nos ajudasse a alcançar o mar. Uma vez no mar, seríamos forçados a nos manter dentro dos limites do canal que atravessava os enormes baixios até alcançarmos as águas profundas, onde poderíamos nos desviar do vento e navegar rapidamente até às costas da *Dumnônia*.

- A travessia não levará muito tempo - disse Balig, incentivador, olhando de relance para as nuvens. - Não levará muito tempo. Devemos conseguir escapar ao vento que aí vem.

- E os barcos, podem manter-se juntos? - perguntei.

- O suficiente - inclinou a cabeça na direção do barco que seguia imediatamente à nossa frente.- Aquela velha carcaça vai ficar para trás. Navega como uma porca prenhe, mas vai ficar suficientemente perto...

Os cavaleiros de Nimue aguardavam-nos numa língua de terra situada no local onde o rio se desviava para sul, na direção do mar. À medida que fomos nos aproximando, ela destacou-se da massa de lanceiros e dirigiu o cavalo para a beira da água. E quando ficamos ainda mais perto vi dois dos seus cavaleiros arrastando um prisioneiro até à borda da água, junto dela.

De início achei que fosse um dos nossos homens que tivesse sido retirado do barco encalhado, mas depois percebi que o prisioneiro era Merlim. A sua barba tinha sido cortada e o cabelo branco, despenteado, esvoaçava ao sabor do vento cada vez mais forte enquanto ele olhava inexpressivamente para nós, embora eu fosse capaz de jurar que estava sorrindo. Não conseguia distinguir o seu rosto com nitidez, pois a distância que nos separava era muito grande, mas juro que ele sorria à medida que era puxado para dentro das pequenas ondas. Ele sabia o que estava prestes a acontecer.

Então, subitamente, eu também fiquei sabendo, e nada havia que pudesse fazer para impedi-lo.

Nimue fora levada deste mar, em criança. Fora capturada em *Demétia* por um bando de recrutadores de escravos e depois trazida para *Dumnônia*, através do mar *Severn*. Durante a viagem, porém, levantou-se uma tempestade e os barcos dos recrutadores afundaram-se. As tripulações e os respectivos prisioneiros afogaram-se, todos exceto Nimue que conseguiu alcançar, sã e salva, a costa rochosa de *Ynys Wair*.

Ao salvar a criança, Merlim pusera-lhe o nome de Vivien, por ser tão obviamente amada por *Manawydan*, o Deus do mar, e por Vivien ser um nome pertencente a *Manawydan*.

Dotada de um temperamento intratável, Nimue recusara-se desde sempre a usar o nome, mas eu me lembrei dele naquele momento, tal como me lembrei que *Manawydan* a amava, e fiquei sabendo que ela se preparava para recorrer à ajuda da divindade para lançar uma grande maldição sobre nós.

- O que ela está fazendo? - perguntou Artur.

- Desvie os olhos, senhor - disse eu.

Os dois lanceiros tinham regressado a terra com esforço, deixando o cego Merlim sozinho, ao lado do cavalo de Nimue. Ele não esboçou qualquer

tentativa para escapar.

Ficou ali, apenas, os cabelos brancos ondulando sobre as águas, enquanto Nimue sacava uma faca da bainha da espada. Era a faca de *Laufrodedd*.

- Não! - gritou Artur, mas o vento trouxe o seu protesto de volta ao barco, aos pântanos e aos juncos, de volta a lugar nenhum. - Não!

Nimue apontou o seu bastão de Druida para oeste, ergueu a cabeça para o céu e uivou. Mesmo assim, Merlim continuou imóvel. A nossa esquadra passou por eles, veloz, e os barcos aproximaram-se dos baixios onde se encontrava o cavalo de Nimue antes de serem empurrados para sul, à medida que as tripulações içavam as respectivas velas.

Nimue esperou até que o nosso barco, estandarte elevado, se aproximasse e depois baixou a cabeça e fitou-nos com o seu único olho. Sorria, tal como Merlim. Encontrava-me agora suficientemente perto para ver com clareza, e ele continuava sorrindo quando Nimue se inclinou na sela da sua montaria, empunhando a faca. Um golpe único e firme era tudo o que era necessário.

E os longos cabelos brancos de Merlim, bem como as suas vestes alvas e compridas tingiram-se de vermelho.

Nimue tornou a uivar. Já a tinha ouvido uivar muitas vezes, mas nunca daquela forma, já que o seu uivo era um misto de agonia e triunfo. O seu feitiço estava lançado.

Deslizou do cavalo e largou o bastão. Merlim deve ter morrido rapidamente, embora o seu corpo ainda se agitasse no meio das ondas suaves; e durante uma fração de segundo tive a impressão de que Nimue se debatia com o homem morto. O seu vestido branco estava manchado de vermelho, e esse vermelho foi instantaneamente diluído nas águas do mar à medida que ela ia puxando o cadáver de Merlim e o enterrava cada vez mais dentro de água. Por fim, liberto da lama, flutuou e ela puxou-o na direção da corrente como uma oferenda a *Manawydan*, o seu Senhor.

E que oferenda ela lhe fez. O corpo de um Druida é uma magia poderosa, tão poderosa como qualquer uma das que este pobre mundo possui, e Merlim era o último e o maior dos druidas. Outros lhe sucederam, claro, mas nenhum possuía o seu saber, nenhum tinha a sua sabedoria e nenhum detinha metade do seu

poder. E todo esse poder era agora oferecido a um feitiço, um encantamento do deus do mar que, havia já tantos anos, salvara a vida de Nimue. Ela pegou o bastão, que flutuava sobre as ondas e apontou-a na direção do nosso barco. Depois riu. Atirou a cabeça para trás e riu como os loucos que a tinham seguido desde as montanhas até esta carnificina sobre as águas.

- Vocês viverão! - gritou ela para nós, - e havemos de tornar a encontrar-nos!

Balig içou a vela e, empurrados pelo vento, navegamos em direção ao mar.

Nenhum de nós falou. Limitamo-nos a virar-nos para trás e olhando fixamente para Nimue e para o lugar onde, uma mancha branca num torvelinho de águas cinzentas, o corpo de Merlim seguia atrás de nós, direto às profundezas do oceano.

Onde nos aguardava *Manawydan*.

Viramos o nosso barco para sudeste, a fim de permitir que o vento enfunasse o que restava da vela, e o meu estômago contraía-se num espasmo sempre que o barco era agitado por uma onda.

Balig debatia-se com o remo da cauda. Tínhamos recolhido os outros remos, deixando que o vento se encarregasse do resto, mas a maré estava contra nós e puxava sem cessar a cabeça do barco, virando-a para sul, onde o vento rasgaria a vela e o remo da cauda vergaria de modo alarmante. Lentamente, porém, o barco voltaria, a vela tornaria a enfunar-se com estrépito e as proas mergulhariam nas ondas, e a minha barriga se contrairia e a bílis subiria na minha garganta.

O céu escureceu. Balig examinou as nuvens, cuspiu e tornou a elevar o remo da cauda. Caiu a primeira chuva, grossas gotas que salpicaram o convés e escureceram a vela suja.

- Recolham esses estandartes! - gritou Balig, e Galaad desceu a bandeira dianteira enquanto eu lutava para soltar a da popa. Gwydre ajudou-me a descê-la, mas perdeu o equilíbrio quando o barco chocou com uma vaga. Caiu sobre a borda do navio quando a água passou por cima da popa.

- Desaguar! - gritou Balig. - Desaguar!

O vento tornava-se agora mais forte. Vomitei sobre o convés de bombordo e

quando levantei os olhos, vi o resto da esquadra balançando violentamente no meio de um pesadelo cinzento de trombas de água e espuma. Ouvi um estalido por cima da minha cabeça *e* quando olhei para cima percebi que a nossa vela tinha se rasgado em duas.

Balig soltou uma imprecação. Atrás de nós, a costa era uma linha escura, e depois dela, iluminada pelos raios de sol, cintilavam verdes as colinas da *Silúria*. À nossa volta, porém, tudo estava escuro, úmido e assustador.

- Desaguar! - tornou a gritar Balig, e todos os que estavam no bojo do barco pegaram os elmos e começaram a retirar a água que se acumulara em torno dos fardos do tesouro, das armaduras e da comida.

Foi então que a tempestade se abateu sobre nós. Até àquele momento, apenas sofrêramos os primeiros efeitos da tempestade, mas agora o vento varria, uivando, a superfície das águas e a chuva caía dura e cortante sobre a espuma branca das ondas.

Deixei de ver os outros barcos, tão grossa era a chuva e tão escuro estava *o* céu. A costa desapareceu e tudo o que eu conseguia distinguir era um tormento povoado pelas cristas brancas das ondas, ora baixas ora altas, das quais jorravam litros e litros de água que alagavam o nosso barco. Fustigada pelo vento, a vela transformara-se num monte de farrapos que esvoaçavam no mastro como se fossem estandartes destruídos. Os trovões rasgavam os céus, e no momento em que o barco bateu contra a crista de uma vaga vi a água, verde e negra, subir e espalhar-se sobre o convés. Sem que eu percebesse como, Balig manobrou a proa na direção da vaga e a água vacilou na borda do barco antes de desaparecer no instante em que a embarcação se elevou, pronta a enfrentar mais uma vaga torturada pelo vento.

- Alijar! - gritou Balig, erguendo a sua voz sobre o furor da tempestade.

Atiramos o tesouro borda fora. O tesouro de Artur, e o meu tesouro, e o tesouro de Gwydre e o tesouro de Culhwuch. Oferecemo-os todos a *Manawydan*, depondo moedas, cálices, candelabros e barras de ouro nas suas garras vorazes. Mas ele queria mais, e foi então que lançamos ao mar os cestos de comida e os estandartes enrolados.

Artur, no entanto, não estava disposto a ceder-lhe a sua armadura, tal como eu; por isso, guardamos as armaduras e as armas na minúscula cabina, debaixo da

coberta da popa e, em vez disso, lançamos ao mar uma parte do balastro de pedra. Cambaleávamos ao longo do barco como se estivéssemos bêbados, atirados de um lado para o outro pelo balanço das vagas, e os nossos pés escorregavam sobre uma superfície coberta por uma mistura líquida e imunda de vômitos e água. Morwenna agarrava-se aos filhos, Ceinwyn e Guinevere rezavam, Taliesin desaguava com a ajuda do elmo, enquanto Culhwuch e Galaad ajudavam Balig e o Saxão a baixar o que restava da vela. Atiraram a vela borda fora, mastro e tudo, mas ataram os destroços a uma longa corda feita de crina de cavalo, que enrolaram à volta do mastro da popa. O cabo do mastro e a vela viraram a cabeça do nosso barco na direção do vento, posicionando-nos de frente para a tempestade e obrigando-nos a enfrentar a sua ira em guinadas imensas e violentas.

-bNunca vi uma tempestade avançar tão depressa! - Balig gritou na minha direção.

Mas isso não era nenhuma surpresa. Aquela não era uma tempestade comum, era uma fúria convocada pela morte de um Druida, e o mundo gritava ar e mar nos nossos ouvidos à medida que o nosso barco subia e tornava a mergulhar nas vagas alterosas. A água entrava através das pranchas do casco, mas nós desaguávamos tão depressa quanto ela entrava.

Nesse momento vi os primeiros destroços na crista de uma onda, e um pouco mais tarde, vislumbrei um homem que nadava. Tentou chamar-nos, mas o mar arrastou-o para mais longe, ainda. A esquadra de Artur estava sendo destruída. Por vezes, quando as rajadas amainavam e o ar desanuviava por momentos, conseguíamos ouvir os homens gemendo desesperadamente e ver como os seus barcos mergulhavam bem fundo, nas águas revoltas do oceano. Logo em seguida, a tempestade tornava a cegar-nos e no momento de calma seguinte, nenhum dos barcos era visível, apenas uma massa de madeiras flutuantes. Barco após barco, a frota de Artur foi afundada, e os homens e mulheres que a constituíam afogaram-se. Os homens de armadura foram os primeiros a perecer.

E durante todo esse tempo, logo atrás dos destroços da nossa vela, que deslizavam atrás do nosso atarefado barco, seguia-nos o corpo de Merlim. Surgira pouco depois de termos atirado a vela borda fora e ficou conosco desde esse momento; eu conseguia ver as suas vestes brancas no alto de uma onda, depois via-o desaparecer para logo tornar a vislumbrá-lo acompanhando a ondulação da água. Uma vez, pareceu-me que ele erguia a cabeça sobre a água e

eu vi que a ferida na garganta dele tinha sido lavada pelo oceano. Olhou para nós do fundo das órbitas vazias, mas pouco depois as águas submergiram-no e eu toquei um dos pregos de ferro do mastro da popa e implorei a *Manawydan* que arrastasse o druida para as profundezas do oceano. Leve-o para o fundo, rezava eu, e envia a sua alma para o Outro Mundo. Todavia, sempre que olhava lá

estava ele, os cabelos brancos espalhados em forma de leque em torno da cabeça, no mar revolto.

Merlim estava lá, mas os barcos tinham desaparecido. Espreitamos por entre a chuva e a espuma, mas não se via nada exceto um céu escuro e ameaçador, um oceano cinzento e branco-sujo, destroços e Merlim, sempre Merlim. Creio que ele estava protegendo-nos, não porque nos quisesse a salvo, mas porque Nimue ainda não desistira de nós. O nosso barco transportava o que ela mais desejava e, por isso, era o único que deveria atravessar ileso as águas de *Manawydan*.

Merlim só desapareceu quando a tempestade amainou. Vi o seu rosto uma última vez e depois ele afundou-se, apenas. Durante uma fração de segundo, ele nada mais foi do que uma forma branca de braços abertos, no coração verde de uma vaga, e depois desapareceu. E com o seu desaparecimento, o furor do vento esmoreceu e a chuva parou.

O mar continuava agitado, mas o ar tornara-se límpido e as nuvens passaram de negras a cinzentas *e* depois a brancas, e à nossa volta estendia-se um oceano vazio. O

nosso era o único barco sobrevivente e quando Artur olhou em volta, através das ondas cinzentas, vi as lágrimas assomarem aos seus olhos. Os seus homens tinham partido ao encontro de *Manawydan*, todos eles, todos os seus bravos guerreiros, à exceção do nosso grupo diminuto. Um exército inteiro tinha desaparecido.

E estávamos sós.

Recuperamos o mastro e o que restava da vela e depois remamos durante todo aquele longo dia. Todos os homens, exceto eu, tinham as mãos cheias de bolhas. Eu próprio tentei remar, mas descobri que a única mão que me restava não era suficiente para manejar um remo, por isso deixei-me ficar sentado e observei a nossa progressão para sul através das ondas até que, ao fim do dia, a quilha do nosso barco roçou a areia e com algum esforço e o pouco que ainda possuíamos

alcançamos a costa.

Dormimos nas dunas e, na manhã seguinte, limpamos o sal que se acumulara nas nossas armas e contamos quantas moedas tínhamos. Balig e o seu saxão ficaram junto do barco deles, alegando que conseguiriam salvá-lo. Entreguei-lhe a minha última peça de ouro, abracei-o e depois parti para o sul atrás de Artur.

Encontramos uma casa senhorial nas colinas sobranceiras à costa. O dono da casa revelou-se um aliadp de Artur e cedeu-nos um cavalo selado e duas mulas.

Tentamos dar-lhe ouro, mas ele recusou a nossa oferta.

- Quem dera - disse ele, - poder ceder-lhes alguns guerreiros, mas infelizmente...

- encolheu os ombros.

Tinha uma casa modesta e já nos tinha dado mais do que podia. Comemos a sua comida, secamos as nossas roupas junto da sua lareira e, mais tarde, sentamo-nos juntamente com Artur à sombra da macieira, no pomar da propriedade.

- Não podemos combater Mordred, agora - disse Artur, num tom desolado.

Os exércitos de Mordred eram constituídos por trezentos e cinquenta lanceiros, pelo menos, e os seguidores de Nimue os ajudariam enquanto ele saísse em nossa perseguição. Sagramor, por seu lado, tinha menos de duzentos homens. A guerra estava perdida antes de ter sequer começado.

- Oengus virá nos ajudar - sugeriu Culhwuch.

- Tentará - concordará Artur, - mas Meurig nunca permitirá que os Escudos Sanguinários atravessem *Gwent*.

- E Cerdic virá também - disse Galaad em voz baixa. - Mal ouça dizer que Mordred se prepara para lutar contra nós, marchará ao nosso encontro. E conseguiremos juntar duzentos homens.

- Menos - cortou Artur.

- Para lutar contra quantos? - perguntou Galaad. - Quatrocentos? Quinhentos? E

os nossos sobreviventes, ainda que saiamos vitoriosos, terão de voltar e enfrentar Cerdic.

- Então, o que é que fazemos? - perguntou Guinevere.

Artur sorriu.

- Vamos para *Armórica* - anunciou ele. - Mordred não nos seguirá até lá.

- Pode fazê-lo - rugou Culhwuch.

- Nesse caso, enfrentaremos esse problema quando ele surgir - disse Artur, calmamente.

Estava amargo naquele dia, mas não zangado. O destino pregara-lhe um rude golpe, pelo que tudo o que podia fazer naquele momento era reformular os seus planos e tentar encher-nos de esperança. Recordou-nos que o rei Budic de *Broceliande* era casado com a sua irmã Anna, e estava certo de que o rei nos acolheria.

- Seremos pobres - sorriu para Guinevere, de maneira apologética, - mas temos amigos e eles nos ajudarão. E a *Broceliande* receberá os lanceiros de Sagramor. Não passaremos fome. E, quem sabe? - sorriu para o filho. - Talvez Mordred morra e nós possamos regressar.

- Mas Nimue - disse eu, - vai nos perseguir até o fim do mundo.

Artur fez uma careta.

- Então, Nimue tem de morrer - disse ele. - Esse problema, porém, terá de esperar até que a oportunidade certa se apresente. Agora temos de decidir como é que havemos de chegar a *Broceliande*.

- Vamos para *Camlann* - sugeri eu, - e perguntamos por Caddwg, o barqueiro.

Artur olhou para mim, surpreso com o tom decidido da minha voz.

- Caddwg?

- Merlim preparou tudo, senhor - informei, - e contou-me. É a última oferenda

dele para nós.

Artur fechou os olhos. Pensava em Merlim e durante alguns segundos achei que ele fosse começar a chorar. Em vez disso, porém, estremeceu apenas.

- Vamos, então, para *Camlann* - disse, abrindo os olhos.

Einion, o filho de Culhwuch, montou um cavalo selado e cavalgou para leste, em busca de Sagramor. Levava novas ordens, que instruíam Sagramor a tentar encontrar barcos e a seguir para sul, por mar, para *Armórica*. Einion diria ao Númida que nós iríamos procurar o nosso próprio barco em *Camlann* e esperávamos nos reunir a ele nas costas de *Broceliande*. Não haveria nenhuma batalha contra Mordred, nenhuma aclamação em *Caer Cadarn*, sómente uma fuga ignóbil por mar.

Depois de Einion ter partido, instalamos Artur-bach e a pequena Seren numa das mulas, empilhamos as nossas armaduras na outra e seguimos para sul. Naquele momento, Artur sabia, Mordred já teria descoberto que nós tínhamos fugido da *Silúria* e o exército de *Dumnônia* estaria já no seu encalço. Os homens de Nimue estariam, com certeza, com eles e beneficiavam da vantagem de viajarem pelas sólidas estradas romanas, enquanto nós tínhamos de atravessar quilômetros de colinas. Por isso nos apressamos.

Ou tentamos nos apressar. Mas as colinas eram íngremes, a estrada era longa, Ceinwyn ainda estava fraca, as mulas viajavam devagar e Culhwuch coxeava desde a longínqua batalha que travara contra Aelle, às portas de Londres. Avançamos lentamente, mas Artur parecia agora resignado ao seu destino.

- Mordred não saberá onde nos procurar - disse ele.

- Mas Nimue talvez saiba - sugeri eu. - Quem sabe o que terá ela obrigado Merlim a contar-lhe no final?

Artur ficou calado durante alguns instantes. Caminhávamos num bosque povoado de jacintos e juncado de folhas do ano novo.

- Sabe o que é que eu devia fazer? - disse ele, algum tempo depois. - Devia procurar um poço fundo e atirar a Excalibur lá para dentro e depois cobri-lo com pedras para que ninguém a encontrasse entre o momento presente e o fim do mundo.

- E porque não o faz, senhor?

Ele sorriu e tocou o copo da espada.

- Já estou habituado a ela. Vou guardá-la até já não precisar dela. Mas escondo-a, se for obrigado a isso. Mas não ainda, - continuou a andar, pensativo. – Você está

zangado comigo? - perguntou-me depois de algum tempo.

- Com o senhor? Porquê?

Esboçou um gesto, como se assim quisesse abranger toda a *Dumnônia*, todo aquele triste país, repleto de flores tão vivas e brilhantes e de novas folhas naquela manhã primaveril.

- Se eu tivesse ficado, Derfel - disse ele, - se eu tivesse negado a Mordred o seu poder, nada disto teria acontecido.

Soava pesaroso.

- Mas quem poderia adivinhar - perguntei eu, - que Mordred se revelaria tão bom soldado? Ou que seria capaz de reunir um exército?

- É verdade - admitiu ele, - e quando concordei em satisfazer a exigência de Meurig, achei que Mordred iria apodrecer em *Durnovária*. Achei que ele se embriagaria até morrer ou que se envolveria numa rixa e acabaria com uma faca espetada nas costas

- abanou a cabeça. - Ele nunca deveria ter sido rei. Mas que escolha tinha eu? Tinha feito um juramento a Uther.

Tudo se resumia àquele juramento e eu recordei o Conselho, o último que se realizara na Bretanha, em que Uther inventara o juramento que faria de Mordred rei. Uther era um homem velho nessa época, grosseiro, doente e moribundo, e eu era uma criança que não queria outra coisa senão tornar-se lanceiro. Tudo aconteceu há tanto tempo.

Nimue era minha amiga nesse tempo.

- Uther nem sequer queria que o senhor fosse um dos ajuramentados - disse eu.

- Nunca pensei que quisesse - disse Artur, - mas eu o fiz, mesmo assim. E um juramento é um juramento, e se quebrarmos um de propósito perderemos a fé em tudo.

”Havia mais juramentos quebrados do que honrados”, pensei, mas fiquei calado.

Artur tentara ser fiel aos seus juramentos e retirava daí grande conforto. Sorriu, de repente, e eu percebi que os seus pensamentos seguiam um curso mais feliz.

- Há muito tempo - disse-me, - vi um pedaço de terreno em *Broceliande*. Era um vale que ia dar à costa sul, e recordo-me que havia um ribeiro e alguns vidoeiros. Na época lembro-me de ter pensado que se tratava de um excelente lugar onde um homem poderia construir uma casa e iniciar uma nova vida.

Eu ri. Ainda agora, tudo o que ele desejava era ter uma casa, um pedaço de terra e amigos à sua volta; tudo o que ele sempre desejara. Nunca gostara de palácios, nem rejubilara com o poder, embora gostasse da prática da guerra. Tentava negar esse amor, mas era um bom guerreiro e tinha um raciocínio rápido, e esta combinação fazia dele um soldado terrível. Fora a vida de soldado que o tornara famoso e que lhe permitira unir os Bretões e derrotar os Saxões. No entanto, a sua atitude tímida em relação ao poder, aliada à sua crença perversa na bondade inata do homem e à sua fervorosa lealdade ao carácter sagrado dos juramentos, tinham deixado que homens mais mesquinhos destruíssem o seu trabalho.

- Uma casa de madeira - disse ele, com ar sonhador, - com uma arcaria assentada numa colunata, de frente para o mar. Guinevere adora o mar. O terreno é

inclinado para sul, na direção de uma praia, e poderíamos construir a nossa casa sobre ele de forma que dia e noite pudéssemos ouvir o rumor das ondas quebrando-se na areia da praia. E atrás da casa - continuou ele, - construirei uma nova forja.

- Para que possa torturar mais metal? - perguntei.

- *Ars longa* - disse ele, em tom jovial, - *vita brevis.*

- Latim? - perguntei. Ele aquiesceu.

- A arte é longa, a vida é curta. Hei de melhorar, Derfel. O meu defeito é a impaciência. Vejo a forma do metal que quero, apresso-o, mas o ferro não pode

ser apressado pôs uma das mãos sobre o meu braço enfaixado. Ainda temos alguns anos pela frente, Derfel.

- Espero que sim, senhor.

- Anos e anos - disse ele, - anos para envelhecer, para ouvir cantigas e contar histórias.

- E sonhar com a Bretanha? - perguntei.

Nós a servimos bem - disse ele, - e agora é ela quem deve servir a si própria.

- E se os Sais voltarem - perguntei, - e os homens chamarem novamente pelo senhor, regressará?

Sorriu.

- Poderia voltar para entregar a Gwydre o trono que lhe pertence, mas sem ser por essa razão pendurarei a Excalibur no prego mais elevado do telhado da minha casa, Derfel, e deixarei que as teias de aranha a envolvam. Contemplarei o mar, semearei as minhas colheitas e verei crescer os meus netos. Você e eu estamos acabados, meu amigo. Nos libertamos dos nossos juramentos.

- De todos menos de um - disse eu.

Ele fitou-me com olhos penetrantes.

- Está se referindo ao meu juramento para ajudar Ban?

Eu já esquecera este juramento, o único que Artur não conseguira manter, um fracasso que jamais deixara de pesar na sua consciência. *Benoic*, o reino de Ban, caíra em poder dos Francos e embora Artur tivesse enviado um destacamento de homens, ele próprio não se deslocara a *Benoic*. Mas tudo isso eram coisas do passado, e quanto a mim nunca culpara Artur por esse fracasso. Ele quisera ajudar, mas a pressão exercida pelos saxões de Aelle era enorme, nessa época, e ele nunca poderia ter lutado em duas guerras ao mesmo tempo.

- Não, senhor - respondi, - estava pensando no juramento que fiz a Sansum.

- *Lorde Rato* vai esquecê-lo - disse Artur, em tom despreocupado.

- Ele não se esquece de nada, senhor.

- Nesse caso teremos de obrigá-lo a mudar de idéia - disse Artur, - pois não creio que seja capaz de envelhecer sem você.

- Nem eu sem o senhor.

- Então vamos nos esconder, você e eu, e as pessoas hão de perguntar, onde está Artur? E onde está Derfel? E onde está Galaad? Ou Ceinwyn? E ninguém saberá

responder, pois estaremos escondidos sob os vidoeiros, à beira do oceano.

Riu, mas aquele sonho parecia-lhe agora tão próximo que a esperança de torná-lo realidade lhe deu o alento necessário para percorrer as últimas milhas da nossa longa viagem.

Ao fim de quatro dias e quatro noites chegamos, finalmente, à costa sul da *Dumnônia*. Tínhamos contornado o grande morro e alcançamos o oceano caminhando ao longo da beira de uma alta colina. Nos detivemos no alto da falésia enquanto a luz crepuscular se derramava sobre os nossos ombros e iluminava o vale imenso que desembocava no oceano, abaixo de nós. Estávamos em *Camlann*.

Já tinha estado aqui, antes. Esta era a região sul do país, abaixo da *Isca* dumnoniana, cujos habitantes eram conhecidos por cobrirem o rosto com tatuagens azuis.

Eu tinha começado por servir Lorde Owain, logo após a minha chegada à região, e fora sob a sua liderança que participara no massacre ocorrido no alto da charneca. Anos mais tarde, passara muito perto destas colinas, quando, juntamente com Artur, tentara salvar a vida de Tristão. A tentativa falhara, porém, e Tristão tinha morrido. E agora, ali estava eu de novo, pela terceira vez. Era uma região encantadora, tão bonita quanto todas as outras que me fora dado conhecer na Bretanha. No meu espírito, porém, despertava recordações de assassinatos e sabia que me sentiria satisfeito quando a visse desaparecer por trás do barco de Caddwg.

Olhamos para baixo, para o ponto onde terminava a nossa viagem. O rio *Exe* corria em direção ao mar, aos nossos pés. Antes de alcançar o oceano, porém, formava um vasto lago salgado, separado do mar por uma estreita língua de

areia. Este pedaço de areal era conhecido como *Camlann*, e na ponta, pouco visível a partir do nosso elevado posto de observação, os romanos tinham construído uma pequena fortaleza. Dentro dela, tinham erigido uma enorme estrutura em ferro que, outrora, servira de suporte a uma fogueira noturna, destinada a avisar as galeras que se aproximavam de que ali havia um perigoso banco de areia.

Contemplávamos agora o lago, o banco de areia e a costa verde. Não havia um único inimigo à vista. Nem uma lâmina refletia o brilho dos últimos raios de sol, nenhum cavaleiro cavalgava ao longo da costa e nem um lanceiro escurecia a estreita língua de areia. Podíamos perfeitamente ser os únicos habitantes do universo.

- Você conhece Caddwg? - perguntou-me Artur, rompendo o silêncio.

- Encontrei-o uma vez, senhor, há muitos anos atrás.

- Então descubra-o, Derfel, e diga-lhe que estaremos à espera dele no forte.

Olhei para sul, na direção do oceano. Vasto, vazio e cintilante, era aquele o caminho que nos conduziria para fora da Bretanha. Em seguida, desci a colina a fim de tornar possível essa viagem.

A última claridade vacilante do crepúsculo iluminava o percurso até à casa de Caddwg. Pedira indicações a várias pessoas e fora conduzido até uma pequena cabana, na costa a norte de *Camlann*. Naquele momento, uma vez que a maré estava apenas meio-cheia, a cabana tinha pela frente uma extensão reluzente de lama vazia. O barco de Caddwg não estava na água, mas sim empoleirado num local elevado e seco, a quilha apoiada sobre rodas e o casco assentado em postes de madeira.

- *Prydwen, é* como se chama - disse Caddwg, sem qualquer saudação. Vira-me, de pé, junto ao barco e saía agora de casa. O velho tinha uma barba espessa, a pele bem curtida pelo sol e estava vestido com um justilho de lã, manchado com pez e brilhante de escamas de peixe.

- Foi Merlim quem me enviou - disse eu.

- Calculei que o fizesse. Ele disse que o faria. E ele, não vem?

- Ele está morto - disse eu.

Caddwg cuspiu.

- Nunca pensei que fosse ouvir isso - cuspiu uma segunda vez. - Achei que a morte lhe desse uma borla.

- Foi assassinado - informei eu.

Caddwg baixou-se e atirou alguns toros de madeira para a fogueira que ardia sob um tacho borbulhante. Dentro deste havia pez, e eu pude ver que ele tinha calafetado as brechas entre as tábuas do casco de *Prydwen.* O barco parecia ser bonito. O casco de madeira fora raspado e o novo e reluzente revestimento de madeira contrastava com o negro escuro do pez usado na calafetagem, que impedia a água de penetrar por entre as tábuas de madeira do casco. A proa era alta, tal como o mastro de popa, e um longo mastro recém-acabado que agora assentava sobre um cavalete, ao lado do casco.

- Vai querer usá-lo, nesse caso - disse Caddwg.

- Somos treze - disse-lhe eu, - e estamos à espera no forte.

- Amanhã, a esta hora - retorquiu ele.

- Só? - perguntei eu, alarmado com o atraso.

- Não sabia que vinham - resmungou, - e não a posso lançar à água sem que a maré suba, o que só vai acontecer amanhã de manhã. Mas quando tiver embarcado o mastro e inclinado a vela e tiver colocado o leme a bordo, a maré terá baixado novamente. Tornará a flutuar no meio da tarde, ai isso é que vai, e eu irei encontrá-los o mais depressa que puder, mas queiram ou não queiram estará já anoitecendo. Deviam ter me avisado.

Era verdade, mas nenhum de nós se lembrara de enviar uma mensagem a Caddwg, pois nenhum de nós entendia fosse o que fosse sobre barcos. Tínhamos pensado em vir até aqui, descobrir um barco e zarpar , e nunca nos tinha passado pela cabeça que o barco pudesse estar fora de água.

- E não há outros barcos? - perguntei.

- Não para treze pessoas - respondeu ele, - e nenhum que possa levá-los até ao meu destino.

- Para *Broceliande* - acrescentei eu.

- Eu os levarei até onde Merlim me disse para levá-los - disse Caddwg, obstinadamente, e depois contornou a popa de *Prydwen* e apontou para uma pedra cinzenta do tamanho de uma maçã. A pedra nada tinha de extraordinário, a não ser o fato de ter sido habilmente incrustada na proa do barco, onde ficava apoiada no carvalho como uma pedra preciosa incrustada num engaste de ouro.

- Ele me deu aquele pedaço de pedra - disse Caddwg, referindo-se a Merlim. -

Uma pedra espectral.

- Uma pedra espectral? - perguntei eu, que nunca ouvira tal coisa.

- Conduzirá Artur até onde Merlim queria que ele fosse, e nada mais levará até

lá. E nenhum outro barco poderá transportá-lo até lá, apenas um barco que tenha sido batizado por Merlim - disse Caddwg.

- *Prydwen* significava Bretanha.

- Artur está com você? - perguntou ele, subitamente ansioso.

- Está, sim.

- Nesse caso, trarei também o ouro - disse Caddwg.

- O ouro?

- O velho o deixou para Artur. Acho que ele o queria. Para mim não serve. Não posso apanhar um peixe com ouro. Com ele comprei uma vela nova, isso é verdade, e Merlim me disse que a comprasse e, para isso, teve que me dar ouro, mas com ouro não se apanha peixe. Apanha-se mulheres - riu, - mas peixe, não.

Olhei para o barco, que estava em doca seca.

- Precisa de ajuda? - inquiri. Caddwg soltou uma gargalhada sem humor.

- E de que maneira é que pode me ajudar? Você e o seu braço curto? Consegue calafetar um barco? Sabe encaixar um mastro ou dobrar uma vela - cuspiu. - Basta que assobie para ter uma vintena de homens para me ajudar. Você vai ouvi-los cantando de manhã e isso significará que estaremos arreando-o e fazendo-o rolar até à água. Amanhã

à noite - meneou a cabeça num aceno seco. - Irei procurá-lo no forte.

Virou-se e desapareceu no interior da cabana.

E eu fui juntar-me a Artur. Já estava escuro e todas as estrelas celestes pontuavam o firmamento. A lua deixava um longo e cintilante rastro sobre o mar, iluminando as muralhas em ruínas do pequeno forte, onde esperaríamos por *Prydwen.*

“Restava-nos um último dia na Bretanha,” pensei eu. Uma última noite e um último dia, e depois zarparíamos na companhia de Artur, seguindo ao longo do trilho aberto pela lua, e então a Bretanha nada mais seria do que uma recordação.

O vento da noite soprava suavemente através da muralha arruinada do forte. Os restos enferrujados do farol de outrora oscilavam na extremidade do poste pálido, acima das nossas cabeças, enquanto pequenas vagas vinham quebrar-se na comprida praia, a Lua cedia lentamente ao abraço do oceano e a noite escurecia.

Dormimos abrigados pelas muralhas. Os romanos tinham construído as muralhas do forte com areia, que tinham coberto com turfa plantada com sargaço; depois tinham colocado uma paliçada ao longo do alto da muralha. A estrutura devia ter sido frágil mesmo no momento da sua construção, mas o forte nunca fora mais do que um ponto de observação e um local onde uma pequena guarnição encontrara abrigo contra os ventos marítimos, enquanto guardava o farol. A paliçada de madeira estava, agora, praticamente em ruínas e a chuva e o vento tinham desgastado quase toda a muralha de areia, embora em alguns lugares ainda tivesse cerca de quatro ou cinco metros de altura.

O dia amanheceu claro e nós avistamos um grupo de pequenos barcos saindo para o mar, para mais um dia de trabalho. Depois da sua partida, apenas o *Prydwen* ficou à beira do lago. Artur-bach e Seren brincavam na areia à beira do lago, onde não havia rebentação, enquanto Galaad e o outro filho de Culhwuch percorriam a costa em busca de comida. Regressaram com pão, peixe seco e uma

selha de madeira cheia de leite fresco, ainda morno. Sentíamo-nos todos estranhamente felizes naquela manhã. Lembro-me de como rimos enquanto víamos Seren rebolar ao longo de uma duna e de como aplaudimos quando Artur-bach tirou um monte de sargaço dos baixios e os atirou sobre a areia. A enorme massa verde devia pesar tanto quanto ele, mas ele puxava e sacudia e arrastava todo aquele pesado emaranhado até à arruinada muralha do forte. Gwydre e eu aplaudimos os seus esforços e, depois, começamos a conversar.

- Se não estou destinado a ser rei - disse Gwydre, - que assim seja.

- O destino é inexorável - disse eu, e vendo-o olhar-me com uma expressão perplexa, sorri. - Era uma das frases favoritas de Merlim. Esta e “Não diga tolices, Derfel.”

Para ele, eu não dizia outra coisa que não fossem tolices.

- Tenho certeza que não o fazia - disse ele, com lealdade.

- Todos nós fazíamos. Exceto Nimue e Morgana, talvez. O resto de nós, pura e simplesmente não éramos inteligentes o suficiente. A sua mãe, talvez, mas eles nunca foram realmente amigos.

- Gostaria de tê-lo conhecido melhor.

- Quando você for velho, Gwydre - disse eu, - sempre pode dizer às pessoas que conheceu Merlim.

- Ninguém acreditará em mim.

- Não, é provável que não - disse eu. - E quando você for velho, já terão inventado novas histórias acerca dele. E acerca do seu pai também.

Atirei a lasca de uma concha contra a parede do forte. Ao longe, do outro lado da água, chegava-me o som agudo das vozes de homens cantando e soube que estava ouvindo o lançamento à água de *Prydwen.* Falta pouco, disse para comigo, falta pouco.

- Talvez nunca venhamos a saber a verdade - disse eu a Gwydre.

- A verdade?

- Sobre o seu pai - acrescentei, - ou de Merlim.

Já se ouviam canções que atribuíam a Meurig os louros pela conquista de *Mynydd Baddon*, e muitos cânticos que louvavam Lancelot em detrimento de Artur. Olhei em volta, procurando Taliesin e perguntei a mim mesmo se ele corrigiria essas canções.

Nessa manhã, o bardo nos dissera que não pretendia nos acompanhar na travessia e que regressaria a *Silúria* ou a *Powys*. Creio que Taliesin só viera conosco até tão longe, para poder conversar com Artur e, assim, ficar sabendo da boca dele a história da sua vida.

Ou, talvez, Taliesin tivesse entrevisto o futuro. No entanto, fossem quais fossem as razões que o motivavam, o bardo conversava com Artur naquele preciso momento. Artur, porém, afastou-se subitamente de Taliesin e caminhou, apressado, em direção à margem do lago. Ficou ali durante muito tempo, olhando para norte. Então, inesperadamente, virou-se e correu até à duna mais próxima. Trepou-a e depois, virando-se, tornou a olhar para o norte.

- Derfel! - chamou Artur. - Derfel!

Deslizei ao longo da muralha do forte, atravessei o areal e, apressado, subi a encosta da duna.

O que você vê? - perguntou-me Artur.

Olhei para norte, para além do lago cintilante. Conseguia ver *Prydwen* a meio caminho do seu percurso, e as fogueiras onde o sal era cozido e o peixe do dia era defumado, e podia ver, ainda, algumas redes de pesca suspensas em postes enterradas na areia. Só depois vi os cavaleiros.

A luz do sol refletia-se na lâmina de uma lança, e depois em outra, até que, de súbito, consegui discernir uma vintena de homens, talvez mais, avançando ao longo de uma estrada que se perdia no interior da costa que bordejava o lago.

- Escondam-se! - gritou Artur, e nós deslizamos ao longo da duna, agarramos Seren e em Artur-bach e nos agachamos como criaturas culpadas, no interior das muralhas arruinadas do forte.

- Eles devem ter nos visto, senhor - disse eu.

- Talvez não.

- Quantos são? - perguntou Culhwuch.

- Vinte sugeriu Artur, trinta? Talvez mais. Vinham saindo de trás de umas árvores. Podem ser cem.

Ouvimos um arranhar suave *e* quando me virei vi que Culhwuch tinha desembainhado a espada. Sorriu para mim.

- Tanto faz que sejam duzentos homens, Derfel, não vão é cortar a minha barba.

- E por que razão haveriam de querer cortar a sua barba? - perguntou Galaad. -

Uma coisa malcheirosa, crivada de piolhos?

Culhwuch riu. Gostava de provocar Galaad, e de ser provocado em troca, e ainda estava pensando no que haveria de responder quando Artur ergueu, cautelosamente, a cabeça acima da muralha e olhou para oeste, na direção do local onde os soldados apareceriam. Ficou muito quieto, e a sua imobilidade teve o condão de nos obrigar a calar. Então levantou-se, de súbito, e acenou.

- É Sagramor! - anunciou, e a alegria na sua voz era inequívoca. - É Sagramor! -

repetiu, e a sua excitação era tal que Artur-bach logo se apropriou daquele grito alegre.

- É Sagramor! - gritou o rapazinho, enquanto trepávamos pela muralha para ver a sinistra bandeira negra de Sagramor esvoaçando no alto da haste de uma lança, encimada por uma caveira. O próprio Sagramor, com o seu elmo negro em forma de cone, liderava o grupo e, ao ver Artur, esporeou o cavalo e avançou rapidamente ao longo do areal. Artur correu para saudá-lo, Sagramor apeou-se do cavalo, caiu de joelhos e abraçou Artur pela cintura.

- Senhor! - disse Sagramor, numa rara demonstração de sentimento. - Senhor!

Achei que nunca mais o veria.

Artur ergueu-o e, em seguida, abraçou-o.

- Nós teríamos nos encontrado em *Broceliande*, meu amigo.

- Broceliande? - disse Sagramor e depois cuspiu. - Odeio o mar.

O seu rosto negro estava sulcado de lágrimas e lembrei-me de ele ter me falado, um dia, sobre os motivos por que seguia Artur. Porque, dissera ele, quando eu nada tinha, Artur deu-me tudo. Sagramor não viera até aqui por estar relutante em viajar de barco, mas sim porque Artur precisava de ajuda.

O Númida trouxera oitenta e três homens com ele, e Einion, o filho de Culhwuch, estava entre eles.

- Tinha apenas noventa e dois cavalos, senhor, - Sagramor disse a Artur. - Há

meses que ando reunindo-os.

Ele esperara superar as forças de Mordred e, assim, trazer todos os seus homens de volta à *Silúria*, em segurança. Em vez disso, porém, trouxera tantos quantos conseguira reunir até esta língua de areia ressequida, presa entre o lago e o oceano.

Alguns dos cavalos tinham ficado pelo caminho, mas oitenta e três tinham conseguido completar a viagem.

- Onde está o resto dos seus homens? - perguntou Artur.

- Zarparam ontem para oeste, com as nossas famílias - disse Sagramor e depois afastou-se um pouco do abraço de Artur e olhou para nós.

Devemos ter parecido um grupo com um aspecto miserável, já que ele nos brindou com um dos seus raros sorrisos antes de se curvar perante Guinevere e Ceinwyn.

- Temos apenas um barco - disse Artur, preocupado.

- Pois então, terá de apanhar esse único barco, senhor - disse Sagramor, calmamente, - enquanto nós cavalgaremos para oeste, até *Kernow*. Lá poderemos encontrar barcos e segui-lo para o sul. Eu queria encontrar-me com o senhor deste lado da água, não fossem os seus inimigos encontrá-los também.

- Até agora não vimos nenhum - disse Artur, tocando o copo da Excalibur, - pelo menos não deste lado do mar *Severn*. E rezo para que não vejamos nenhum em todo o dia. O nosso barco chega ao anoitecer e depois partimos.

- Nesse caso, vou guardá-los até o anoitecer - disse Sagramor, e dito isto os homens dele deslizaram ao longo das suas selas, soltaram os escudos que tinham presos às costas e enterraram as lanças na areia. Os cavalos, suados e ofegantes, ficaram de pé, enquanto os homens de Sagramor estiravam os braços e as pernas cansados.

Éramos agora um grupo de guerra, quase um exército, e o nosso estandarte era a bandeira negra de Sagramor.

Foi então que, uma hora mais tarde, montado em cavalos tão cansados quanto os de Sagramor, o inimigo chegou a *Camlann*.

Ceinwyn ajudou-me a vestir a armadura, já que me era difícil manusear a pesada cota de malha com uma mão apenas e impossível afivelar as caneleiras que trouxera de *Mynydd Baddon* e que protegiam as minhas pernas das estocadas de lança que conseguiam perfurar a barreira dos escudos. Uma vez as caneleiras e a malha ajustadas e cinto da *Hywelbane* preso à minha cintura, deixei que Ceinwyn prendesse o escudo ao meu braço esquerdo.

- Aperte mais - pedi-lhe, instintivamente fazendo pressão contra a cota de malha até sentir o pequeno alto, onde o pregador dela estava preso à minha camisa. Estava em local seguro, ali, um talismã que me acompanhara durante inúmeras batalhas.

- Talvez eles não ataquem - disse ela, ajustando as tiras de couro do escudo e apertando-as tanto quanto possível.

- Reze para que não o façam - respondi eu.

- Rezo a quem? - perguntou ela, com um sorriso sardõnico.

- À divindade em quem tiver mais confiança, meu amor - disse eu, e depois beijei-a.

Enfiei o elmo e ela apertou a tira debaixo do queixo. A amolgadela feita no alto do elmo em *Mynydd Baddon* tinha sido endireitada a golpes de martelo e um

novo banho de ferro tinha sido aplicado, para cobrir e disfarçar o amassado. Tornei a beijar Ceinwyn e, em seguida, desci os protetores laterais. O vento agitou a pluma feita de cauda de lobo em frente ao visor do elmo e eu atirei a cabeça para trás, tentando afastar a longa massa de pêlos cinzentos. Eu era a última cauda de lobo. Todas as outras tinham sido massacradas por Mordred ou tinham sido feitas prisioneiras de *Manawydan*. Eu era o último, tal como era também o último guerreiro vivo que ostentava a estrela de Ceinwyn no meu escudo. Sopesei a minha lança de guerra, cuja haste era tão grossa como o pulso de Ceinwyn e cuja lâmina afiada era feita com o melhor aço de *Morridig*.

- Em breve Caddwg se juntará a nós - disse-lhe eu, - já não nos resta muito que esperar.

- O dia todo, apenas - disse Ceinwyn, olhando para o lago e fitando o local onde *Prydwen* flutuava, junto à margem lamacenta.

Alguns homens içavam o mastro da embarcação para colocá-lo na posição vertical. Em breve, porém, a maré vazante tornaria a deixar o barco encalhado, forçando-nos a esperar que as águas subissem novamente. Mas, pelo menos, o inimigo não incomodara Caddwg e não tinha razões para fazê-lo. Para eles, ele era sem dúvida apenas mais um pescador e nada que lhes dissesse respeito. Quem lhes dizia respeito éramos nós.

O inimigo era constituído por cerca de sessenta ou setenta homens, todos eles cavaleiros, que deviam ter cavalgado duramente para nos alcançar. Agora, porém, esperava-nos no extremo interior da língua de areia, e todos nós sabíamos que outros lanceiros lhes seguiriam. Ao anoitecer, teríamos pela frente um exército, talvez dois, já

que os homens de Nimue certamente não demorariam muito tempo a chegar, na companhia dos soldados de Mordred.

Artur envergava o seu melhor equipamento de batalha. A armadura de escamas, onde se viam línguas de ouro por entre as lâminas de ferro, reluzia ao sol. Vi-o enfiar o elmo, encimado por penas de ganso brancas. Habitualmente, teria sido Hygwydd a vestir-lhe a armadura, mas Hygwydd estava morto. Por isso, fora Guinevere quem prendera a bainha entrançada da Excalibur à volta da cintura e colocara o manto branco sobre os seus ombros. Ele sorriu para ela, inclinou-se para escutar as palavras dela, riu e depois baixou os protetores laterais do elmo.

Dois homens ajudaram-no a montar um dos cavalos de Sagramor e, em seguida, passaram-lhe a lança e o escudo forrado de prata, do qual há muito a cruz fora arrancada. Segurou as rédeas com a mesma mão onde tinha o escudo e esporeou o cavalo na nossa direção.

- Vamos agitá-los - disse para Sagramor, que estava ao meu lado. Artur planejava comandar trinta cavaleiros e marchar sobre o inimigo, depois simular uma retirada em pânico que, esperava ele, atrairia as forças adversárias para uma armadilha.

Deixamos uma vintena de homens no forte, guardando as mulheres e as crianças, enquanto os outros seguiam Sagramor até uma depressão funda atrás de uma duna virada para o mar. O banco de areia a oeste do forte era uma confusão de dunas e depressões que formavam um labirinto de armadilhas e vias sem saída. Apenas os últimos duzentos passos de areal, a leste do forte, eram planos.

Artur esperou até estarmos todos escondidos e, depois, comandou os seus trinta homens para oeste, marchando ao longo da areia enrugada pela água do mar, junto à

zona de arrebentação. Nos agachamos, abrigados pela duna alta. Eu deixara a minha lança no forte, preferindo lutar nesta batalha apenas com a ajuda da *Hywelbane*.

Sagramor também planejava lutar somente com a espada. Neste momento, raspava uma mancha de ferrugem na lâmina curva com um punhado de areia.

- Você perdeu a barba - rosnou para mim.

- Troquei-a pela vida de Amhar.

Vi o cintilar dos seus dentes quando ele sorriu por trás da sombra projetada pelos protetores laterais do seu elmo.

- Boa troca - disse ele. - E a tua mão?

- Magia.

- Não é a mão com que empunha a espada, não é?

Segurou a lâmina de forma que a claridade se refletisse nela, satisfeito pelo fato da mancha de ferrugem ter desaparecido. Em seguida, inclinou a cabeça, à escuta, mas o único som que conseguíamos ouvir era o rumor da arrebentação, na praia.

- Eu não devia ter vindo - disse ele, finalmente.

- Porque não?

Nunca vira Sagramor esquivar-se de um combate.

- Eles devem ter me seguido - tornou ele, com um movimento de cabeça para oeste, indicando o inimigo.

- Eles podiam muito bem saber que vínhamos para cá - disse eu, tentando reconfortá-lo.

Todavia, a menos que Merlim tivesse traído *Camlann* junto de Nimue, o mais provável era que Mordred tivesse, de fato, deixado para trás alguns cavaleiros encarregados de vigiar Sagramor e que esses batedores tivessem revelado a localização do nosso esconderijo. Fosse como fosse, era muito tarde. Os homens de Mordred conheciam o nosso paradeiro e, naquele momento, Caddwg e o inimigo disputavam uma corrida entre si.

- Você ouviu? - perguntou Gwydre.

Tinha vestido a armadura e, no escudo, exibia o urso de seu pai. Estava nervoso, o que não era de surpreender, já que esta seria, verdadeiramente, a sua primeira batalha.

Prestei atenção. O forro de pele do elmo abafava o som, mas ao fim de algum tempo consegui ouvir o som de cascos de cavalos sobre a areia.

- Abaixem-se! - gritou Sagramor, dirigindo-se aos que se sentiam tentados a espreitar pelo topo da duna.

Os cavalos avançavam ao longo da praia. As dunas não deixavam que fôssemos vistos da praia. O som tornou-se mais próximo, crescendo até soar como um trovão formado por cascos de cavalos, enquanto nós pegávamos as lanças e as espadas. O

elmo de Sagramor era encimado pela máscara de uma raposa uivando. O meu olhar estava fixo na raposa, mas eu apenas ouvia o som crescente produzido pelas patas dos cavalos. Estava calor e o suor escorria-me pelo rosto abaixo. A cota de malha pesava, mas era sempre assim até ao início do combate.

O som ritmado das primeiras patas de cavalos passou por nós e, em seguida, Artur gritou na praia.

- Agora! - clamou ele. - Agora! Agora! Agora!

- Avançar - bradou Sagramor e todos nós trepamos pela duna acima. As nossas botas escorregavam sobre a areia e eu tive a sensação de que jamais alcançaria o topo.

Mas depois passamos para o outro lado da duna e corremos em direção à praia, onde um bando de cavaleiros revolvia a areia espessa e úmida à beira-mar. Artur virara-se e os trinta homens que o acompanhavam tinham ido ao encontro dos seus perseguidores, duas vezes mais numerosos do que os soldados de Artur. Aqueles, porém, viam-nos, agora, correndo em direção aos seus flancos e os mais prudentes voltaram-se e galoparam para oeste, procurando colocar-se em segurança. A maioria, porém, ficou para travar o combate.

Gritei um desafio, amparei a ponta de chumbo da lança de um dos cavaleiros com a parte central do meu escudo, passei a *Hywelbane* sobre a pata traseira do cavalo para paralisar o animal e, depois, quando o cavalo se inclinou na minha direção, enterrei a *Hywelbane* bem fundo nas costas do cavaleiro. Ele gritou de dor e eu dei um salto para trás à medida que homem e cavalo sucumbiam, num tumulto de cascos de cavalo, areia e sangue. Agredi a pontapé o rosto do homem, que se contorcia no solo, atingi-o com mais um golpe da *Hywelbane* e, em seguida, descrevendo um movimento de rotação, ataquei um cavaleiro que, em pânico, tentava me ferir com golpes fracos da sua lança. Sagramor entoava um grito de guerra medonho e Gwydre atacava um homem caído à beira-mar. O

inimigo começara a fugir em debandada, esporeando os cavalos e conduzindo-os até

local seguro, ao longo dos baixios, onde a maré vazante sugava um remoinho de areia e sangue juntamente com a rebentação. Vi Culhwuch instigar o cavalo de um soldado inimigo a aproximar-se e, com ambos os braços, içar o homem da sua sela. Este tentou pôr-se de pé, mas Culhwuch rodou a espada, virou o cavalo

e tornou a golpeá-lo. Os poucos adversários que tinham sobrevivido estavam agora presos entre nós e o mar, e nós os dizimamos feroz e implacavelmente. Os cavalos guinchavam e escoiceavam enquanto agonizavam. As ondas pequenas estavam tingidas de rosa e a areia estava negra de sangue.

Matamos vinte e fizemos dezesseis prisioneiros e depois destes nos terem confessado tudo o que sabiam, nós os matamos também. Artur fez uma careta ao dar a ordem de execução, pois não gostava de matar homens desarmados, mas não podíamos dispensar nenhum lanceiro para ficar de guarda aos prisioneiros, nem sentíamos qualquer tipo de misericórdia por inimigos como estes, que ostentavam escudos sem insígnia como marca da sua selvajeria. Nós os matamos depressa, obrigando-os a ajoelharem-se na areia, onde a *Hywelbane* ou a lâmina afiada da espada de Sagramor lhes decepou as cabeças. Eram os homens de Mordred, e fora o próprio Mordred que os conduzira até à

praia. O rei, porém, fizera recuar o cavalo aos primeiros indícios da nossa emboscada, gritando aos seus homens que batessem em retirada.

- Estive perto dele - disse Artur, pesaroso, - mas não o suficiente.

Mordred escapara, mas a primeira vitória era nossa, embora três dos nossos homens tivessem perecido em combate e outros sete estivessem gravemente feridos.

- Como lutou Gwydre? - perguntou-me Artur.

- Com bravura, senhor, com bravura - respondi.

A minha espada estava coberta por uma espessa camada de sangue, que eu tentava limpar com um punhado de areia.

- Ele gostou, senhor - tranquilizei Artur.

- Ainda bem - disse ele, indo ao encontro do filho e colocando-lhe a mão em volta dos ombros.

Usei a única mão que me restava para limpar o sangue da *Hywelbane*, desapertei a fivela que me prendia o elmo e tirei-o.

- Matamos os cavalos feridos, conduzimos os animais que tinham escapado

ilesos de volta ao forte e, em seguida, recolhemos as armas e os escudos inimigos.

- Não voltarão - disse eu a Ceinwyn, - a não ser que obtenham reforços.

Ergui os olhos na direção do Sol e vi que ele se elevava lentamente num céu sem nuvens.

Tínhamos muito pouca água, restando-nos apenas a provisão que os homens de Sagramor tinham trazido juntamente com os seus reduzidos haveres. Fomos obrigados a racionar os odres de água. Antevia-se um longo e sedento dia, sobretudo para os nossos feridos. Um deles tremia. O seu rosto estava pálido, quase amarelo, e quando Sagramor tentou enfiar um pouco de água na boca do homem, ele mordeu convulsivamente a pele do lábio. Começou a gemer, o som da sua agonia roçava as nossas almas e Sagramor apressou a morte do homem com um golpe da sua espada.

- Temos de acender uma pira - disse ele, no extremo da língua de areia.

Inclinou a cabeça na direção da extensão de areia plana, onde o mar abandonara um emaranhado de madeira flutuante, amarelecida pelo sol. Artur pareceu não ouvir a sugestão.

- Se quiser - disse ele a Sagramor, - pode seguir para oeste, agora.

- E deixá-los aqui?

- Se ficar - disse Artur, calmamente, - não sei como poderá sair daqui. Estamos à

espera de um barco, apenas. E mais homens se juntarão a Mordred. Mas ninguém virá ao nosso encontro.

- Mais homens para matar - disse Sagramor secamente, mas creio que ele sabia que, se ficasse estaria garantindo a sua própria morte. O barco de Caddwg poderia transportar vinte pessoas em segurança, mas mais do que isso não.

- Podemos nadar até à outra margem, senhor - disse ele, indicando com um movimento de cabeça a margem oriental do canal, que corria, fundo e rápido, ao longo do extremo da língua de areia. - Aqueles de nós que souberem nadar - acrescentou.

- Você sabe?

- Nunca é tarde demais para aprender - disse Sagramor, depois cuspiu. - Além disso, não estamos mortos ainda.

Nem estávamos vencidos, e cada minuto que passava deixava-nos mais perto da segurança. Eu via os homens de Caddwg transportando a vela até *Prydwen*, ancorado junto à orla das águas. O mastro estava agora na vertical, embora vários homens ainda montassem o cordame do calcês, e dentro de uma ou duas horas, a maré subiria e o barco voltaria a flutuar, pronto para iniciar a viagem. Apenas tínhamos de aguardar o anoitecer. Ocupamos o nosso tempo construindo uma enorme pira com a madeira flutuante. Quando estava, começou a arder, içamos o corpos dos nossos mortos e os atiramos para o meio das chamas. Os seus cabelos brilharam e depois surgiu o odor de carne queimada. Atiramos mais tábuas de madeira até o fogo se tornar um inferno ensurdecedor e abrasador.

Uma vedação de espíritos poderia deter o inimigo observou Taliesin depois de ter entoado uma prece pelos quatro homens em chamas, cujas almas flutuavam, juntamente com a fumaça, subindo ao encontro dos respectivos corpos-sombra.

Não via uma muralha de espíritos havia anos. Naquele dia, porém, construímos uma. Foi uma tarefa macabra. Tínhamos os cadáveres de trinta e seis inimigos, dos quais separamos trinta e seis cabeças, que enfiamos nas lâminas das lanças capturadas. Em seguida, enterramos as lanças ao longo da língua de areia e Taliesin, conspícuo nas suas vestes brancas e empunhando a haste de uma lança por forma a parecer um Druida, caminhava de uma lança para outra para que o inimigo julgasse que estava realizando um encantamento. Poucos seriam os homens que de boa vontade percorreriam uma muralha de espíritos sem a companhia de um druida que afastasse o mal que deles se libertava.

No entanto, uma vez terminada a muralha todos nós nos sentimos mais tranquilos.

Partilhamos uma magra refeição, ao meio do dia, e recordo-me de Artur contemplando, com uma expressão pesarosa, a muralha de espíritos enquanto comia.

- De *Isca* para isto - comentou ele, em voz baixa.

- De *Mynydd Baddon* para isto - retorqui eu.

Encolheu os ombros.

- Pobre Uther - disse ele, e devia estar pensando no juramento que fizera de Mordred rei, o juramento que o trouxera até àquela língua de areia aquecida pelo Sol, à

beira-mar.

Os reforços de Mordred chegaram ao início da tarde. Avançavam a pé, na sua maioria, formando uma longa coluna que se estendia ao longo da margem oeste do lago.

Contamos mais de cem homens e sabíamos que muitos mais lhes seguiriam.

- Eles devem estar cansados - disse-nos Artur, - e nós temos a muralha de espíritos.

Agora, porém, o inimigo possuía um druida. Fergal chegara juntamente com os reforços, e uma hora depois de termos avistado a coluna de lanceiros pela primeira vez, vimos o Druida aproximar-se da vedação e farejar o ar salgado como um cão. Atirou vários punhados de areia na direção da cabeça mais próxima, apoiou-se numa perna durante alguns instantes e, depois, correu para apanhar uma lança e arremessou-a. A muralha partiu-se e Fergal virou a cabeça para o Sol e soltou um imenso grito de triunfo.

Enfiamos os nossos elmos, recuperamos os escudos e passamos uns aos outros pedras de amolar.

A maré mudara, e os primeiros barcos de pesca regressavam a casa. Nós os saudamos quando passaram a língua de areia, mas a maior parte ignorou o nosso chamamento, pois as pessoas simples tem com frequência boas razões para temer os lanceiros. Galaad, no entanto, acenou-lhes com uma moeda de ouro e este estratagema fez com que um dos barcos se aproximasse, de fato. A embarcação avançou com cautela até à margem e ancorou no areal, próximo da pira mortuária em chamas. Os dois tripulantes, os rostos cobertos de tatuagens, concordaram em levar as mulheres e as crianças para o barco de Caddwg, que praticamente já flutuava de novo. Demos ouro aos pescadores, instalamos mulheres e crianças dentro do barco e enviamos um dos soldados feridos para guardá-las.

- Digam aos outros pescadores - disse Artur aos homens tatuados, - que haverá

ouro para aquele que conduzir o seu barco juntamente com o de Caddwg.

Despediu-se rapidamente de Guinevere, tal como eu fiz com Ceinwyn. Abracei-a durante alguns instantes e descobri que me faltavam as palavras.

- Viva - disse-me ela.

- Por você - disse eu, - assim farei.

Em seguida ajudei a empurrar o barco de volta ao mar e o vi afastar-se, lentamente, no canal.

Momentos mais tarde, um dos nossos batedores regressou, galopando, do local onde a muralha estava partida.

Eles vêm aí, senhor - gritou ele.

Deixei Galaad apertar a fivela do meu elmo. Ele entregou-me a minha lança.

- Deus esteja contigo - disse ele antes de pegar no seu próprio escudo, decorado com a cruz de Cristo.

Desta vez, não lutaríamos nas dunas, pois não tínhamos homens em número suficiente para formar um escudo defensivo que se estendesse ao longo da zona mais acidentada do banco de areia. Isto significava que os cavaleiros de Mordred poderiam ter avançado pelos nossos flancos, cercando-nos e condenando-nos a uma morte certa, encurralados num círculo de inimigos cada vez mais apertado. Tão pouco combatemos no forte, já que também ali corríamos o risco de ser cercados e ficar, em consequência, impedidos de ter acesso à água quando Caddwg chegasse. Assim, recuamos para a extremidade estreita da língua de areia, onde o nosso escudo defensivo poderia cobrir a distância que mediava entre as duas margens. A pira ardia, ainda, logo acima da linha de ervas daninhas que assinalava os limites da maré alta. Enquanto aguardávamos a chegada do inimigo, Artur ordenou que mais madeira flutuante fosse lançada ao braseiro.

Continuamos a alimentar a fogueira até vermos os homens de Mordred aproximando-se, e só então formamos o nosso escudo defensivo, a poucos passos das chamas.

Colocamos o estandarte negro de Sagramor no centro da nossa linha de combate, unimos as extremidades dos nossos escudos e esperamos.

Éramos oitenta e quatro homens e Mordred trouxe consigo mais de cem para nos atacar. Todavia, quando viram o nosso escudo defensivo formado e a postos, pararam.

Alguns dos cavaleiros de Mordred avançaram até à beira do lago, esperando poder cavalgar ao longo do nosso flanco, mas o nível da água tornava-se subitamente mais profundo, no lugar onde o canal acompanhava a margem sul, e eles descobriram que não podiam cavalgar à nossa volta. Desmontaram e carregaram escudos e lanças até se juntarem à longa frente de combate de Mordred. Olhei para cima e vi que o Sol deslizava, finalmente, na direção das altas colinas a oeste. *Prydwen* quase flutuava, embora alguns homens ainda se afadigassem, tentando lançá-lo à água. ”Caddwg”, pensei eu, ”não demoraria a aparecer”; no entanto, outros soldados inimigos avançavam ao longo da estrada, a oeste. As forças de Mordred fortaleciam-se, enquanto nós só podíamos ficar mais fracos.

Fergal, cuja barba estava entrelaçada com pêlo de raposa e pequenos ossos pendentes, aproximou-se do areal em frente ao nosso escudo defensivo e aí, apoiado numa perna, ergueu uma das mãos no ar e manteve um olho fechado. Amaldiçoou as nossas almas, prometendo-as ao verme do fogo de *Crom Dubh* e à alcateia de lobos que assola o Desfiladeiros de Setas de *Eryri*. As nossas mulheres se transformariam em joguetes nas mãos dos demônios de *Annwn* e as nossas crianças seriam presas por pregos aos carvalhos de *Arddu*. Amaldiçoou as nossas lanças e espadas e lançou um encantamento destinado a abalar os nossos escudos e a transformar as nossas entranhas em água. Gritou os seus feitiços, prometendo que para obter alimento, no Outro Mundo, teríamos de chafurdar nos excrementos dos cães de *Arawn* e que para conseguir matar a sede de água lamberíamos a bílis das serpentes de *Cefydd*.

- Os seus olhos serão sangue - entoou ele, as suas barrigas estarão cheias de vermes e as suas línguas se tornarão negras! Testemunharão a violação das suas mulheres e o assassínio dos seus filhos!

Chamou alguns de nós pelo nome, ameaçando-nos com tormentos inimagináveis, enquanto nós, para combatermos os seus feitiços, cantávamos o Cântico de Guerra de *Beli Mawr*.

Desde aquele dia não mais tornei a escutar este cântico cantado por guerreiros, e jamais o ouvi ser tão bem cantado como naquela faixa de areia aquecida pelo sol e rodeada pelo mar. Éramos poucos, mas éramos os melhores guerreiros que Artur alguma vez comandara. Naquele escudo defensivo havia apenas um ou dois jovens; os outros eram homens curtidos, endurecidos, que já tinham combatido e que já tinham sentido o cheiro de massacre e sabiam como matar. Éramos os senhores da guerra. Não havia ali um homem fraco, nem um a quem não se pudesse confiar a vida de um companheiro, nem um que fraquejasse ou a quem faltasse a coragem. E como nós cantamos, naquele dia! Abafamos as maldições de Fergal, e o som forte das nossas vozes deve ter atravessado as águas até ao local onde as nossas mulheres nos esperavam, a bordo do *Prydwen.* Cantamos a *Beli Mawr*, que atrelara o vento ao seu carro, e tinha uma árvore por haste de uma lança e cuja espada trespassava os seus inimigos como uma foice ceifando cardos. Entoamos cânticos sobre as suas vítimas, que jaziam espalhadas pelos campos de trigo e nos regozijamos com as viúvas resultantes da sua ira. Cantamos que as suas botas eram como moldes, o seu escudo um penhasco de ferro e a pluma do seu elmo suficientemente alta para roçar as estrelas. Cantamos até enchermos de lágrimas os nossos olhos e de medo o coração dos nossos inimigos.

O cântico terminou com um uivo selvagem, e ainda antes de este ter chegado ao fim Culhwuch já se destacava do nosso escudo defensivo e brandia a sua lança na direção do inimigo. Ridicularizou-os, chamando-os de covardes, cuspiu na sua linhagem e convidou-os a experimentarem a lâmina da sua lança. O inimigo observava-o, mas ninguém se mexia para aceitar o seu desafio. Formavam um grupo andrajoso, temível, tão endurecidos como nós, embora talvez não estivessem habituados a lutar em escudos defensivos. Eram a escumalha da Bretanha e da *Armórica*, os salteadores, foras-de-lei e homens sem dono, que tinham acorrido ao chamado de Mordred, atraídos pela promessa de pilhagem e violação. Minuto a minuto, as suas fileiras engrossavam, a medida que mais homens atravessavam a língua de areia. Os recém-chegados, porém, tinham os pés feridos e cansados e o estreitamento da faixa de areia restringia o número de homens que seriam capazes de avançar sobre as nossas lanças. Poderiam nos obrigar a recuar, mas não conseguiriam nos flanquear. Tão pouco havia um deles que parecesse disposto a enfrentar Culhwuch. Este colocou-se em frente de Mordred, que estava no centro da linha inimiga.

- Você foi gerado por uma rã-meretriz - gritou ele ao rei, - e o teu pai era um covarde. Lute comigo! Eu coxeio! Estou velho! Calvo! Mas você não se atreve a

desafiar-me!

Cuspiu sobre Mordred, mas nem assim algum dos homens de Mordred se moveu.

- Crianças! - Culhwuch escarneceu e, em seguida, virou as costas ao inimigo, numa demonstração do desprezo que sentia por ele.

Foi então que um jovem irrompeu, correndo, por entre as fileiras inimigas. O seu elmo era muito grande para a sua cabeça rapada, a couraça uma coisa feita de couro e o escudo uma brecha entre duas tábuas de madeira. Era um jovem que precisava matar um campeão para encontrar prosperidade e correu na direção de Culhwuch, soltando gritos de ódio, incitado pelos outros homens de Mordred.

Culhwuch virou-se, meio agachado, e apontou a sua lança na direção do baixo-ventre do inimigo. O jovem ergueu, então, a sua lança, com intenção de enfiá-la por cima do escudo baixo de Culhwuch e depois, com uma exclamação de triunfo, abateu-se ferozmente sobre ele. A sua exclamação, porém, transformou-se num grito sufocado quando a lança de Culhwuch rodopiou e arrancou a alma do jovem de dentro da sua boca aberta. Culhwuch, veterano na arte da guerra, recuou. O seu escudo nem sequer tinha sido tocado. O moribundo tropeçou, a lança enterrada na garganta. Virou-se de esguelha para Culhwuch e depois caiu. Com um pontapé, Culhwuch desarmou o guerreiro ferido, afastando a lança para longe da sua mão, libertou a sua arma e tornou a espetá-la no pescoço do jovem. Em seguida sorriu para os homens de Mordred.

- Mais alguém? - gritou.

Ninguém se moveu. Culhwuch cuspiu na direção de Mordred e regressou para junto das nossas fileiras, que aplaudiam ruidosamente. Piscou-me o olho quando se aproximou.

- Viu como se faz, Derfel? - disse. - Observe e aprenda.

E os homens ao meu lado desataram a rir.

Prydwen flutuava agora, o reflexo do seu casco pálido cintilando sobre as águas, cuja superfície era enrugada por uma brisa suave que soprava de oeste. O vento trazia até nós o fedor exalado pelos homens de Mordred; os cheiros combinados do couro com o suor e o hidromel. Muitos dos inimigos estariam bêbados e

muitos outros jamais ousariam enfrentar as nossas lanças se não estivessem embriagados. Perguntei a mim mesmo se o jovem, cuja boca e esófago estavam agora cobertos de moscas necessitara da coragem instilada pelo hidromel para enfrentar Culhwuch.

Mordred tentava convencer os seus homens a avançarem, e os mais bravos entre eles encorajavam os seus camaradas a fazerem o mesmo. Subitamente, o Sol parecia estar muito mais baixo, começando a encadear-nos; não tinha percebido o tempo que passara enquanto Fergal nos amaldiçoava e Culhwuch provocava o inimigo, sem que este conseguisse reunir coragem suficiente para atacar. Alguns dos guerreiros davam um passo em frente, mas o resto deixava-se ficar para trás, e Mordred amaldiçoava-os ao fechar o escudo defensivo, incitando-os novamente. Era sempre assim. É necessário uma grande coragem para cercar um escudo defensivo, e o nosso, embora pequeno, era muito compacto e estava repleto de guerreiros famosos. Olhei para *Prydwen* e *o* vi sair do estaleiro. E vi, também, que a nova vela tinha sido tingida de vermelho-sangue e estava decorada com o urso negro de Artur. Caddwg gastara muito ouro naquela vela. Depois, deixei de ter vagar para contemplar a embarcação distante, pois os homens de Mordred aproximavam-se, finalmente, e os mais corajosos incitavam os restantes a correr.

- Reunir forças! - gritou Artur e nós nos ajoelhamos, prontos a receber o impacto produzido pelo choque entre os dois escudos. O inimigo estava a uma dezena de passos de distância e preparava-se para atacar, gritando, quando Artur exclamou de novo.

- Agora! - clamou, e a sua voz fez com que o adversário se detivesse bruscamente, sem saber o que aquele grito de Artur significava. Então, Mordred gritou-lhes que atacassem para matar e eles, finalmente, chocaram-se conosco.

A minha lança bateu num escudo e foi atirada ao solo. Deixei-a ir e empunhei a *Hywelbane*, que tinha enterrado no areal, à minha frente. Segundos depois, os escudos de Mordred golpearam os nossos e uma espada curta passou, rasando, sobre a minha cabeça. Os meus ouvidos reverberaram depois de um golpe no meu elmo, no momento em que eu enfiava a *Hywelbane* debaixo do meu escudo, tentando encontrar a perna do meu agressor. Senti a lâmina morder, torci-a com força e vi o homem vacilar enquanto eu o mutilava. Ele estremeceu, mas manteve-se em pé. Tinha cabelo negro encaracolado, apertado debaixo de um elmo de ferro já danificado e cuspiu-me no momento em que consegui puxar a

Hywelbane que estava escondida atrás do meu escudo. Esquivei-me de um golpe violento da sua espada curta e depois deixei cair a minha pesada lâmina sobre a cabeça dele. Caiu na areia.

- À minha frente - gritei eu para o homem que estava atrás de mim, que se serviu da sua lança para matar o adversário derrubado que, de outro modo, teria me esfaqueado as entranhas.

Foi então que ouvi homens gritando de dor e de pânico e olhei para a esquerda, o campo de visão obscurecido por espadas e machados, e vi enormes toros de madeira em chamas sendo içados por cima das nossas cabeças e lançados na direção das linhas inimigas. Artur ia usar a pira funerária como arma, e a sua última palavra de comando antes do choque entre os dois escudos defensivos fora dirigida aos homens que se encontravam junto à fogueira, ordenando-lhes que segurassem nos toros de madeira e os lançassem para o meio das fileiras de Mordred. Os lanceiros inimigos afastaram-se, instintivamente, das chamas e Artur conduziu os homens para o espaço vazio que entretanto se formara.

- Afastem-se! - gritou uma voz atrás de mim, e eu me desviei quando um lanceiro surgiu correndo ao longo das nossas fileiras, carregando uma enorme viga de madeira em chamas.

Atirou-a no rosto dos adversários, que se contorceram para se esquivarem do objeto incandescente, e nós nos precipitamos para o espaço vazio.

O fogo queimava os nossos rostos enquanto trespassávamos e dilacerávamos corpos atrás de corpos. Outros pedaços de madeira em chamas voaram sobre as nossas cabeças. O inimigo que se encontrava mais próximo de mim tinha se esquivado do calor, expondo o seu flanco desprotegido ao meu vizinho, e eu ouvi as suas costelas estalarem quando a lança entrou no corpo e vi o sangue borbulhar-lhe nos lábios, quando ele caiu.

Eu estava agora na segunda fila da linha inimiga, e a madeira caída no chão queimava-me a perna. Deixei que a dor se transformasse numa raiva que guiou a *Hywelbane* num golpe duro aplicado no rosto de um homem, até que o guerreiro que estava atrás de mim atirou areia para as chamas que avançavam na nossa direção, obrigando-me a recuar até

à terceira fila. Não tinha espaço suficiente para manejar a minha espada, pois estava esmagado, escudo contra escudo, contra um homem que, entre

imprecações e cuspidelas, tentava passar a espada por baixo da borda do meu escudo. Por cima do meu ombro surgiu uma lança que atingiu a face do soldado fazendo com que a pressão do escudo dele abrandasse apenas o suficiente para que eu pudesse empurrar o meu próprio escudo para a frente e manejar a *Hywelbane*. Mais tarde, muito mais tarde, recordo-me de soltar um grito de raiva incoerente ao derrubar o homem, que sucumbiu na areia. Estávamos possuídos pela demência da batalha, a demência desesperada de lutar contra homens encurralados num espaço diminuto. No entanto, era o inimigo quem estava cedendo terreno. A raiva transformou-se em horror e nós lutamos como deuses. O

Sol ardia pouco acima da colina, a oeste dali.

- Escudos! Escudos! Escudos! - rugiu Sagramor, lembrando-nos que tínhamos de manter a barreira contínua, e o meu vizinho da direita bateu com o escudo dele no meu, sorriu e deu um passo em frente armado com a sua lança. Vi uma espada inimiga ganhar balanço, preparada para desferir um poderoso golpe e detive-a deixando cair a *Hywelbane* sobre o pulso do homem. A espada trespassou aquele pulso como se os ossos do inimigo fossem feitos de junco. A espada dele voou na direção da nossa retaguarda, uma mão ensanguentada segurando ainda o seu copo. O guerreiro que se encontrava à minha esquerda caiu, a barriga perfurada por uma lança inimiga, mas o companheiro da segunda fila tomou o seu lugar e gritou um grande juramento enquanto empurrava o escudo para a frente e fazia rodopiar a espada.

Outro tronco incandescente voou sobre nós e abateu-se sobre dois soldados inimigos, desequilibrando-os. Aproveitamos a abertura e, de súbito, diante de nós surgiu o areal vazio.

- Mantenham-se juntos! - gritei. - Mantenham-se juntos!

O inimigo estava dividindo-se. A fila da frente estava morta ou ferida, a segunda fila estava moribunda, e os homens da retaguarda eram os que menos vontade de lutar tinham tido, por isso, os mais fáceis de matar. A retaguarda estava cheia de homens hábeis no estupro e espertos na pilhagem, mas que nunca tinham enfrentado um escudo defensivo formado por assassinos endurecidos.

E como matávamos agora. A barreira adversária desmoronava-se, corroída pelo fogo e pelo medo, e nós gritávamos um cântico de vitória. Tropecei num corpo,

caí para a frente e rebolei com o escudo sobre o rosto. Uma espada bateu no escudo, produzindo um eco ensurdecedor. Depois, os homens de Sagramor passaram por cima de mim e um lanceiro ajudou-me a levantar.

- Ferido? - perguntou.

- Não.

Ele seguiu em frente. Olhei em volta tentando localizar os lugares onde o nosso escudo precisava ser reforçado, mas todas as posições estavam cobertas por três homens, pelo menos, e eram estas três filas que avançavam agora sobre os corpos trucidados dos nossos inimigos. Os homens resmungavam enquanto rodavam, apunhalavam e enterravam as lâminas em carne inimiga. É esta a sedutora e ilusória glória da guerra, o júbilo puro que vem de quebrar um escudo defensivo e de satisfazer um desejo de vingança enterrando a espada no corpo de um inimigo odiado. Observei Artur, o homem mais bondoso que conheci, e tudo o que consegui ver foi alegria nos seus olhos. Galaad, que rezava todos os dias, implorando a Deus que o ajudasse a cumprir os mandamentos de Cristo e a amar todos os homens, aniquilava-os agora com uma eficácia terrível. Culhwuch vociferava insultos. Livrara-se do escudo, para ter as duas mãos livres para manejar a sua pesada lança. Gwydre ria, atrás dos protetores laterais do elmo, enquanto Taliesin cantava ao matar o inimigo ferido deixado para trás pelo nosso escudo defensivo, que avançava sem parar. Os combates no escudo defensivo não se ganham com sensatez e moderação, mas sim com um assomo divino de demência pontuado por um coro de terríveis vociferações. E o inimigo não era capaz de suportar a nossa demência, começou a dispersar e a pôr-se em fuga. Mordred tentou detê-los, mas nenhum deles ficou para lutar, e ele fugiu com eles na direção do forte. Alguns dos nossos homens, ainda possuídos pelo furor da batalha, lançaram-se em sua perseguição, mas Sagramor ordenou-lhes que recuassem. Fora ferido no ombro, mas recusou todas as nossas tentativas para ajudá-lo e tornou a gritar aos seus homens que suspendessem a perseguição. Não nos atrevíamos a segui-los, embora eles estivessem batidos, pois nesse caso teríamos entrado na zona mais larga da língua de areia, convidando o inimigo a cercar-nos. Em vez disso, nos deixamos ficar no lugar onde tínhamos lutado e zombamos dos nossos inimigos, chamando-os de covardes.

Uma gaivota debicava os olhos de um homem morto. Olhei para o lado e vi que *Prydwen* navegava agora na nossa direção, livre de amarras, embora a sua vela cintilante mal se agitasse ao sabor da brisa suave. O barco, porém, movia-se

quase imperceptivelmente, e o colorido da vela projetava o seu longo reflexo trêmulo sobre a água transparente.

Mordred viu o barco, viu o enorme urso estampado na vela e percebeu que o seu inimigo poderia escapar pelo mar. Gritou, então, para os seus homens, ordenando-lhes que formassem um novo escudo. Novos reforços chegavam constantemente, e alguns dos recém-chegados eram homens de Nimue, pois vi dois Escudos Sanguinários tomarem o seu lugar na nova linha que se formava, preparando-se para nos atacar.

Retomamos as posições iniciais, formando o escudo defensivo sobre a areia empapada em sangue, em frente à fogueira que nos ajudara a vencer o primeiro ataque.

Os corpos dos nossos primeiros quatro mortos estavam apenas meio queimados, e nos seus rostos calcinados, os lábios retesados abriam-se num sorriso ignóbil que punha a descoberto uma série de dentes descolorados. Deixamos ficar os corpos dos inimigos mortos na areia, para servirem de obstáculos ao caminho dos vivos, mas recolhemos as nossas baixas, que reunimos junto à fogueira. Tínhamos dezesseis mortos e uma vintena de feridos graves; no entanto, possuíamos ainda homens suficientes para formar um escudo defensivo e ainda éramos capazes de combater.

Taliesin cantava para nós. Cantava a sua canção de *Mynydd Baddon*, e foi ao som do seu ritmo forte que os nossos escudos tornaram a chocar uns contra os outros. As nossas espadas e lanças estavam rombas e ensanguentadas, o inimigo estava fresco, mas nós soltamos gritos de triunfo quando ele se lançou sobre nós. *Prydwen* quase não se mexia. Fazia lembrar um navio pousado sobre um espelho, até que do seu casco saíram longos remos, como asas.

- Matem-nos! - gritou Mordred que, possuído pelo furor do combate, avançava agora na nossa direção.

Um punhado de homens corajosos apoiavam-no, seguidos por algumas das almas dementes de Nimue. A primeira investida às nossas linhas foi protagonizada por um grupo de homens andrajosos. Entre eles, porém, estavam recém-chegados empenhados em mostrar o seu valor, pelo que nós, uma vez mais, ajoelhamos e baixámo-nos protegidos pelos nossos escudos. O sol era agora abrasador, mas instantes antes da turba enlouquecida nos alcançar pude ver

um reflexo luminoso nas colinas, a oeste, e fiquei sabendo que mais lanceiros vinham a caminho. Tive a impressão de que um novo exército de lanceiros chegara ao alto das colinas, mas de onde vinham ou quem os liderava não sabia. Depois disto deixei de ter tempo para pensar nos recém-chegados, pois já empurrava o meu escudo para a frente. O choque de escudo contra escudo fez com que o coto do meu braço latejasse de dor e eu soltei um lamento agonizante ao deixar cair a *Hywelbane*. Um Escudo Sanguinário fez-me frente, e eu o golpeei duramente, encontrando espaço livre entre a couraça e o elmo. Depois de ter libertado a *Hywelbane* da pressão exercida pela carne dele, trucidei selvagemente o inimigo seguinte, uma criatura enlouquecida, e o fiz girar, faces, nariz e olhos jorrando sangue.

Estes primeiros inimigos tinham vindo à frente do escudo defensivo de Mordred e agora sofríamos o ataque do grosso das tropas adversárias. Nos baixamos para receber o seu ataque e lançamos brados de desafio ao mergulhar vigorosamente as nossas espadas por entre os rebordos dos nossos escudos. Recordo a confusão e o ruído das espadas roçando em outras espadas e o clamor dos escudos chocando contra outros escudos. Uma batalha é uma questão de centímetros e não de metros. Os centímetros que separam um homem do seu inimigo. Sentimos o seu hálito de hidromel, ouvimos a respiração presa nas suas gargantas, escutamos os seus rugidos, sentimos equilibrar o seu peso, sentimos a saliva deles nos nossos olhos e procuramos o perigo, olhamos bem fundo nos olhos do homem que está mais próximo de nós e que devemos matar, descobrimos uma abertura, a aproveitamos e tornamos a fechar o escudo, damos um passo em frente, sentimos a pressão dos homens nas nossas costas, quase tropeçamos nos corpos daqueles que matamos, recuperamos o equilíbrio, avançamos *e*, mais tarde, pouco mais recordamos além dos golpes que quase nos tiraram a vida. Esforçamo-nos, empurramos e apunhalamos para abrir uma brecha no escudo defensivo do adversário, e depois resmungamos, golpeamos e despedaçamos para alargar essa brecha. E só então somos possuídos pela fúria, à medida que o inimigo verga e podemos começar a matar como deuses, pois o inimigo está assustado e em fuga, ou assustado e petrificado, e tudo o que pode fazer é morrer enquanto nós vamos colhendo almas.

E, de novo, tornamos a batê-los. De novo usamos as chamas da nossa pira e de novo furamos o seu escudo. Ao fazê-lo, no entanto, desagregamos o nosso também.

Lembro-me do brilho intenso do sol, atrás das altas colinas a oeste, e lembro-me

de ter escorregado numa poça de sangue e de ter gritado aos homens pedindo-lhes que me ajudassem, e lembro-me de enterrar a *Hywelbane* na nuca exposta de um guerreiro inimigo e de ver o sangue jorrar profusamente através do cabelo cortado e de ver a cabeça dele cair para trás. Em seguidapercebi que as duas linhas de batalha tinham se quebrado e que nós mais não éramos do que dois pequenos grupos de homens ensanguentados lutando numa faixa de areia tingida de sangue e juncada de madeira queimada.

Mas tínhamos vencido. A retaguarda do inimigo estava em fuga, em vez de tentar apoderar-se das nossas espadas. No centro, porém, onde lutava Mordred, e Artur também, ninguém fugia e a luta entre os dois chefes tornou-se feia. Tentamos cercar os homens de Mordred, mas eles responderam e vi como éramos poucos e quantos de nós não mais poderiam tornar a combater, já que tínhamos derramado o nosso sangue nas areias de *Camlann*. Uma multidão de inimigos nos observava, nas dunas, mas não passavam de covardes e não se dispunham a avançar para vir ajudar os companheiros.

E, assim, o último dos nossos homens lutou contra o último homem de Mordred, *e* eu vi Artur manejar a Excalibur, tentando atingir o rei. Sagramor estava lá, e Gwydre também, e eu me juntei ao combate, lançando uma lança juntamente com o meu escudo, cortando o ar à minha frente com a *Hywelbane*, a garganta seca coma fumaça e a voz semelhante ao cacarejar de um corvo. Atingi outro homem, e a *Hywelbane* deixou uma marca ao longo do seu escudo. Ele recuou, vacilante, sem forças para tornar a avançar. Eu próprio sentia-

me fraquejar, por isso me deixei ficar ali, olhando-o com os olhos ardendo por causa do suor. Ele deu um passo em frente, apunhalei-o, ele titubeou, desequilibrado por um golpe no seu escudo e arremessou uma lança na minha direção. Desta vez fui eu quem recuou.

Estava ofegante, e ao longo da língua de areia homens cansados lutavam contra homens cansados.

Galaad estava ferido, o braço com que empunhava a espada estava quebrado e o tinha o rosto coberto de sangue. Culhwuch estava morto. Não vi quando tudo aconteceu, mas mais tarde encontrei o corpo dele com duas lanças enterradas nas entranhas desprotegidas pela armadura. Sagramor coxeava, mas a sua espada rápida era ainda mortal. Ele tentava proteger Gwydre, que estava ferido numa das faces e tentava aproximar-se do pai. As plumas de ganso de Artur estavam

tingidas de vermelho e o seu manto branco estava salpicado de sangue. Vi-o trespassar um homem alto, anular o assalto desesperado do inimigo com um pontapé certeiro e abater-se sobre ele, manejando ferozmente a Excalibur. Foi então que Loholt atacou. Eu ainda não o vira até

àquele momento, mas ele viu o pai; esporeou o cavalo e, com a mão que lhe restava, colocou a sua lança em posição. Gritou um cântico de ódio quando avançou na direção do emaranhado de homens cansados. O cavalo tinha os olhos esbugalhados e estava aterrorizado, mas as esporas incitavam-no a avançar enquanto Loholt continuava a apontar a sua lança para Artur. Então, Sagramor puxou de uma lança e arremessou-a com violência de forma que as pernas do cavalo ficaram presas na haste pesada e o animal caiu ao chão levantando uma nuvem de areia. Sagramor lançou-se sobre os cascos suspensos no ar e agitou a lâmina escura da sua espada e eu vi o sangue jorrar do pescoço de Loholt. Todavia, mal Sagramor tinha acabado de arrancar a alma de Loholt, um Escudo Sanguinário surgiu correndo e lançou-se sobre Sagramor armado com uma lança. Sagramor respondeu de imediato com um golpe de espada, espalhando o sangue de Loholt e o Escudo Sanguinário sucumbiu gritando. Foi então que outro grito anunciou que Artur tinha alcançado Mordred e nós, instintivamente, nos viramos para assistir ao confronto entre os dois homens. Uma vida inteira de ódios e rancores erguia-se entre ambos.

Mordred levou a mão à espada, com gestos lentos, depois lançou-a para trás, para mostrar aos seus homens que queria Artur só para si. O inimigo recuou, obediente.

Mordred estava todo vestido de negro, tal como no dia em que fora aclamado em *Caer Cadarn*. Manto negro, couraça negra, calças negras, botas negras e um elmo negro. A armadura apresentava marcas nos lugares onde as lâminas de espadas e lanças tinham rasgado a pez seca expondo o metal. O seu escudo estava forrado de pele, e os únicos vestígios de cor eram um rebento de verbena amarfanhado, no pescoço, e as órbitas da caveira que encimava o elmo dele. ”O crânio de uma criança”, pensei eu, pois era tão pequeno; as suas órbitas tinham sido preenchidas com farrapos de um tecido vermelho.

Avançou, coxeando e fazendo rodopiar a espada. Com um gesto, Artur nos pediu que recuássemos e lhe déssemos espaço suficiente para combater. Ergueu a Excalibur e elevou o escudo prateado que estava retorcido e ensanguentado. Quantos de nós restavam nesse momento? Não sei. Quarenta? Talvez menos, e

Prydwen chegara à

curva do canal do rio e deslizava na nossa direção com a vela apenas agitada pela brisa suave. Os remos mergulhavam na água e tornavam a elevar-se. A maré estava quase cheia.

Mordred fez um movimento brusco para frente, Artur esquivou-se, brandiu a sua própria espada e Mordred recuou. O rei era rápido, e jovem, mas o pé aleijado e o ferimento profundo na coxa, contraído em *Armórica*, tornava-o menos ágil do que Artur.

Umedeceu os lábios secos, tornou a dar um passo em frente, e as espadas de ambos encheram o ar da noite com os seus clamores metálicos. Um dos inimigos, que observava o confronto, vacilou inesperadamente e caiu sem razão aparente, mas não tornou a mexer-se quando Mordred passou por ele, rápido, e rodou a sua espada descrevendo um arco. Artur deteve o golpe com a ajuda da Excalibur e, em seguida, fez avançar o escudo para agredir o rei. Mordred recuou, vacilante. Artur levou o braço atrás, preparando um novo avanço, mas Mordred conseguiu manter o equilíbrio e avançou com dificuldade contrariando o ataque do adversário com a sua espada e respondendo com um golpe curto e veloz.

Conseguia ver Guinevere, de pé, na proa do *Prydwen*, com Ceinwyn logo atrás dela. Iluminado pela bela luminosidade vespertina, o casco da embarcação parecia feito de prata e a vela parecia tecida com o melhor linho escarlate. Os longos remos mergulhavam e tornavam a elevar-se, mergulhavam e tornavam a elevar-se, e o barco ia progredindo lentamente até que, finalmente, uma rajada de vento quente enfunou o urso estampado na vela e a água se enrugou mais depressa ao longo dos seus flancos prateados. E nesse preciso momento, Mordred gritou e atacou, as espadas chocaram, os escudos ressoaram e a Excalibur decepou a sinistra caveira que encimava o elmo de Mordred. Este recuou violentamente e eu vi Artur dar um passo atrás quando a espada do seu inimigo se abateu sobre ele. Artur, no entanto, empurrou o rei com o escudo e os dois homens separaram-se.

Artur pressionou a cintura com a mão com que empunhava a espada, no local onde fora atingido, e em seguida abanou a cabeça como negando que estava ferido.

Sagramor, no entanto, estava ferido. Tinha estado observando o combate, mas de súbito dobrou-se para a frente e caiu sobre a areia. Corri ao seu encontro.

- Uma lança na barriga - disse ele.

Vi que ele se agarrava ao estômago com as duas mãos para impedir que as entranhas se espalhassem sobre o areal. Do mesmo modo que ele matara Loholt, também o Escudo Sanguinário ferira Sagramor com a sua lança morrendo logo em seguida. Sagramor estava, agora, moribundo. Abracei-o com o meu único braço são e virei-o. Ele agarrou a minha mão com força. Os dentes tiritavam, e ele gemia. Depois, ergueu com esforço a cabeça ainda protegida pelo elmo para poder ver Artur avançar cautelosamente.

A cintura de Artur estava manchada de sangue. O último movimento de Mordred trespassara a armadura, furando por entre as lâminas de metal e ferindo seriamente o flanco de Artur. Sempre que Artur fazia um movimento em frente, o sangue jorrava no lugar onde a espada tinha rasgado a armadura. Inesperadamente, Artur deu um salto em frente e transformou o golpe inicialmente previsto numa estocada descendente que Mordred evitou com a ajuda do escudo. Mordred executou um movimento amplo com o escudo para afastar a Excalibur e arremessou a sua própria espada. Artur, porém, amparou este golpe com o escudo, puxou a Excalibur para trás e foi então que vi o escudo dele inclinar-se para trás e a espada de Mordred rasgar a cobertura prateada.

Mordred gritou e empurrou a espada ainda com mais força e Artur só percebeu a ponta da espada até ela passar o rebordo do escudo e entrar pela viseira do seu elmo.

Vi sangue. Mas também vi Excalibur descer dos céus, pronta a desferir o golpe mais violento que jamais vi Artur executar.

Excalibur trespassou o elmo de Mordred. Rasgou o ferro negro como se este fosse pergaminho e, em seguida, partiu o crânio do rei e furou-lhe o cérebro. E Artur, o sangue jorrando através da viseira, titubeou, recuperou o equilíbrio e depois libertou a Excalibur por entre uma chuva de gotas de sangue. Mordred, morto a partir do momento em que Excalibur rasgara o seu elmo, caiu para a frente, aos pés de Artur. O sangue escorria para a areia e sobre as botas de Artur, e os seus homens, ao ver que o seu rei estava morto e que Artur ainda vivia, soltaram um gemido baixo e recuaram.

Soltei a mão de Sagramor.

- Escudo defensivo! - gritei. - Escudo defensivo!

E, sobressaltados, os sobreviventes da nossa pequena força guerreira cerraram fileiras em frente de Artur. Os nossos escudos grosseiros tocaram uns nos outros e com um rugido, demos um passo em frente passando por cima do corpo inerte de Mordred.

Pensei que o inimigo poderia voltar e exigir vingança, mas em vez disso recuou. Os seus chefes estavam mortos, e nós ainda nos mostrávamos desafiadores, e naquele momento eles já não tinham ânimo para suportar outras mortes.

- Fiquem aqui! - gritei para o escudo e depois fui ter com Artur. Galaad e eu retiramos-lhe o elmo e, com isso, deixamos sair um rio de sangue. A espada errara o seu olho direito por pouco, mas partira o osso da face e a ferida sangrava profusamente.

- Um pano! - pedi, e um dos feridos rasgou uma faixa de linho da túnica de um dos guerreiros mortos, que usamos para tapar a ferida. Taliesin prendeu-a com um pedaço de tecido da sua túnica. Artur ergueu os olhos para mim quando Taliesin terminou o penso e tentou falar.

- Silêncio, senhor - disse eu.

- Mordred - insistiu ele.

- Está morto, senhor - disse eu, - está morto.

Creio que ele sorriu. Nesse momento, a proa de *Prydwen* tocou a areia. O rosto de Artur estava pálido e a sua face estava manchada por fios de sangue.

- Agora já pode deixar a barba crescer, Derfel - disse ele.

- Sim, Senhor - concordei. - Deixarei. Fique calado, senhor.

Tinha sangue na cintura, muito sangue, mas eu não conseguia tirar-lhe a armadura e procurar a ferida, ainda que receasse ser este o mais grave dos seus dois ferimentos.

- Excalibur - disse-me ele.

- Fique calado, senhor - pedi-lhe.

- Leve a Excalibur - disse ele. - Leve-a e atire-a ao mar. Promete?

- Assim farei, senhor. Prometo.

Tirei-lhe a espada ensanguentada da mão e depois afastei-me quando quatro homens levantaram Artur e o carregaram até ao barco. Passaram-no por cima da borda do barco e Guinevere ajudou a segurá-lo e a deitá-lo no convés de *Prydwen.*

Utilizou o manto ensanguentado para fazer uma almofada e, baixando-se junto dele, acariciou-lhe o rosto.

- Você vem, Derfel? - perguntou-me ela.

Indiquei com um gesto os homens que continuavam no areal, formando um escudo defensivo.

- Podem levá-los? - perguntei. - E os feridos, conseguem levá-los, também?

- Mais doze homens - disse Caddwg, que estava à popa. - E não mais do que doze. Não há espaço para mais.

Nenhum dos barcos de pesca tinha aparecido. E porque deveriam tê-lo feito? Por que razão deveriam os homens envolver-se em mortandades, em derramamentos de sangue e em loucuras quando a sua missão é retirar do mar o seu sustento? *Prydwen* era tudo o que tínhamos e teria de partir sem mim. Sorri para Guinevere.

- Não posso ir, senhora - disse eu, e depois me virei e tornei a indicar o escudo defensivo com um gesto. - Alguém tem de ficar para conduzi-los ao longo da ponte das espadas.

O sangue jorrava do coto do meu braço esquerdo, tinha uma equimose nas costelas, mas estava vivo. Sagramor estava morrendo, Culhwuch tinha morrido, Galaad e Artur estavam feridos. Eu era o único que restava. Eu era o último dos senhores da guerra de Artur.

- Eu posso ficar! - Galaad escutara a nossa conversa.

- Você não consegue combater com um braço quebrado - disse eu. - Entre no barco e leve Gwydre com você. E apressem-se! A maré está descendo.

- Eu devia ficar - disse Gwydre, nervoso. Segurei-o pelos ombros e empurrei-o para a água.

- Vá com seu pai, faça-o por mim. E diga-lhe que eu me mantive fiel até o fim.

Detive-o bruscamente, o fiz virar-se de frente para mim e pude ver o seu rosto jovem sulcado de lágrimas.

- Diga a seu pai - pedi, - que o amei até o fim.

Ele aquiesceu com um movimento de cabeça e depois subiu a bordo na companhia de Galaad. Artur estava junto da sua família, agora. Recuei quando Caddwg usou um dos remos para manobrar o barco até ao canal. Olhei para Ceinwyn e sorri, e os meus olhos encheram-se de lágrimas, mas não consegui pensar em nada mais para lhe dizer a não ser que esperaria por ela à sombra das macieiras do Outro Mundo. No entanto, no momento em que me preparava para proferir estas palavras desajeitadas, e no mesmo instante em que o barco deslizava ao longo do areal, ela avançou rapidamente para a proa e saltou para a praia.

- Não! - gritei.

- Sim - disse ela e estendeu uma mão para que eu a ajudasse a alcançar a margem.

- Sabes o que eles irão fazer com você? - perguntei.

Ela mostrou-me uma faca que segurava na mão esquerda, significando que se mataria antes de se deixar aprisionar pelos homens de Mordred.

- Estamos juntos há muito tempo, meu amor, para que nos separemos agora -

disse ela e ficou ao meu lado vendo *Prydwen* deslizar para águas profundas. A nossa última filha e os filhos desta seguiam no barco. A maré mudara e a baixa-mar empurrava o barco prateado para o mar.

Fiquei junto de Sagramor até ele morrer. Amparei a sua cabeça, segurei-lhe na mão e acompanhei a sua alma na travessia da ponte das espadas. Então, com os olhos rasos de lágrimas, regressei para junto do nosso pequeno escudo defensivo e vi que *Camlann* estava agora povoada de lanceiros. Um exército inteiro chegara, entretanto, mas tinham chegado muito tarde para salvar o seu sei, embora ainda tivessem tempo suficiente para acabar conosco. Finalmente, consegui ver Nimue, as suas vestes brancas e o seu cavalo branco cintilando entre as dunas envoltas na penumbra. A minha amiga e amante de outrora, era agora a minha última inimiga.

- Arranje-me um cavalo - pedi a um lanceiro.

Havia cavalos tresmalhados por toda a parte e ele correu atrás deles, agarrou uma rédea e trouxe-me uma égua. Pedi a Ceinwyn que desprendesse o meu escudo e, em seguida, os lanceiros ajudaram-me a montar. Uma vez instalado no dorso do cavalo enfiei a Excalibur debaixo do braço esquerdo e, com o direito, segurei as rédeas.

Esporeei-o e a égua obedeceu dando um salto em frente, tornei a esporear, e ela espalhou um punhado de areia com a pressão dos cascos afugentando alguns homens do seu caminho. Cavalguei no meio das tropas de Mordred, mas a sua vontade de lutar desaparecera, pois tinham perdido o seu senhor. Tinham ficado sem comandante e o exército de Nimue, composto por criaturas dementes, estava parado atrás deles; atrás das tropas andrajosas de Nimue havia um terceiro exército. Um novo exército viera até às areias de *Camlann*.

Era o mesmo exército que eu vira no alto da colina oeste e percebi que ele devia ter marchado para sul, no encalço de Mordred, decidido a conquistar a *Dumnônia* para si próprio. Era um exército que viera para observar Artur e Mordred destruirem-se um ao outro, e agora que o combate terminara, o exército de *Gwent* avançava lentamente, sob os estandartes da cruz. Vinham para governar a *Dumnônia* e para aclamar Meurig como o seu rei. Os seus mantos vermelhos e as suas plumas escarlates pareciam negras à luz do crepúsculo e ao erguer os olhos vi as primeiras estrelas pálidas que despontavam no firmamento.

Cavalguei na direção de Nimue, mas detive-me a cerca de cem passos da minha velha amiga. Olwen observava-me e Nimue fitava-me com o seu olhar maléfico. Então, sorri para ela e segurei a Excalibur com a minha mão direita e ergui o coto do meu braço esquerdo, para que ela soubesse o que eu tinha feito. E,

depois, mostrei-lhe a Excalibur.

Nesse momento, ela percebeu o que eu planejara.

- Não! - gritou ela, e o seu exército de loucos juntou os seus gemidos aos dela e os seus lamentos fizeram estremecer o céu vespertino.

Tornei a colocar Excalibur debaixo do meu braço, segurei as rédeas e esporeei a égua enquanto a virava. Incitei-a, conduzindo-a rapidamente para o areal da praia. Ouvi o galope do cavalo de Nimue atrás de mim, mas era tarde demais, tarde demais.

Cavalguei na direção de *Prydwen. O* vento fraco enfunava a vela, e ela estava já

para além da língua de areia, ondulando suavemente ao sabor do incansável movimento das ondas. Tornei a esporear a égua, que inclinou a cabeça e, gritando, conduzia-a até ao mar cada vez mais perdido na escuridão, continuando a incitá-la até ela sentir as ondas geladas salpicarem-lhe o peito. Só então soltei as rédeas. Ela estremeceu debaixo de mim quando segurei a Excalibur com a minha mão direita.

Levei o braço atrás. A espada estava manchada de sangue, mas o seu gume parecia resplandecer. Merlim dissera, certa vez, que a Espada de *Rhydderch* se consumiria em chamas, no final, e talvez assim fosse, ou talvez fossem as minhas lágrimas que me turvavam a vista.

- Não! - gemia Nimue.

E atirei Excalibur, atirei-a com força e bem alto para as águas profundas, onde a maré cavara um canal, rasgando as areias de *Camlann*.

Excalibur atravessou, rodopiando, o ar noturno. Nenhuma outra espada jamais foi tão bela. Merlim jurava que ela tinha sido feita por *Gofannon*, na forja do Outro Mundo.

Era a Espada de *Rhydderch* e um dos Tesouros da Bretanha. Era a espada de Artur, uma oferenda de um druida, e rodopiava através do céu escuro, a sua lâmina refulgindo contra as estrelas resplandecentes. Durante uma fração de segundo, foi uma centelha brilhante de uma chama azul pousada nos céus e depois caiu.

Caiu bem no meio do canal. O som do seu choque com a água quase não se ouviu, apenas um reflexo de água branca, e depois ela desapareceu.

Nimue gritou. Virei a égua e conduzi-a de volta à praia e através dos despojos da batalha, até onde o meu último grupo de guerra me esperava. E, aí, vi que o exército dos loucos dispersava. Partiam, e os homens de Mordred, os que tinham sobrevivido, esgueiravam-se agora ao longo da praia, decididos a escapar ao avanço das tropas de Meurig. A *Dumnônia* haveria de cair, um rei fraco haveria de governar e os Saxões haveriam de regressar. Mas nós viveríamos.

Desmontei, segurei o braço de Ceinwyn e levei-a para o alto de uma duna próxima. A oeste, o céu estava tingido de vermelho-vivo, pois o Sol já tinha desaparecido, e juntos ali ficamos, envoltos nas sombras do mundo, vendo *Prydwen* elevando-se e descendo, embalado pelas ondas. A vela esta enfunada, pois o vento noturno soprava de oeste e a proa de *Prydwen* cortava as águas brancas, enquanto a sua popa deixava uma esteira cada vez mais larga. Navegou para sul e depois virou para oeste. O vento, todavia, soprava de oeste e nenhum barco consegue navegar direto, de frente para o vento. Mas juro que foi isso que aconteceu com aquele barco. Navegou para oeste, com o vento soprando de oeste, a vela enfunada e a proa alta cortando as águas brancas; ou talvez eu não tenha percebido o que tinha diante dos meus olhos, pois estes estavam rasos de lágrimas que escorriam ao longo do meu rosto.

E enquanto observávamos vimos uma neblina prateada elevar-se das águas.

Ceinwyn agarrou-me o braço. A neblina era apenas uma mancha, mas crescia e resplandecia. O Sol desaparecera, não havia Lua, apenas as estrelas, o céu crepuscular, o mar salpicado de prata e o barco de velas negras. E, no entanto, a neblina brilhava.

Brilhava, como a poeira prateada das estrelas. Ou talvez fossem apenas as lágrimas que me queimavam os olhos.

- Derfel! - chamou Sansum. Ele viera com Meurig e agora caminhava a custo através do areal, ao nosso encontro. - Derfel! - tornou a chamar. – Eu o quero! Venha cá!

Imediatamente!

- Meu querido senhor - disse eu.

Não me referia a ele, no entanto. Falava com Artur. E, chorando, o braço em volta de Ceinwyn, vi o barco pálido ser engolido pela cintilante neblina prateada.

E foi assim que o meu senhor partiu.

E nunca mais ninguém o viu desde então.

Nota Histórica

Gildas, o historiador, que terá redigido o seu *De Excidio et Brittaniae* (”Da Ruína e Conquista da Bretanha”) menos de uma geração após o período Arturiano, diz que a Batalha de *Badonici Montis* (habitualmente traduzida, nos nossos dias, por *Mount Badon*) foi na realidade um cerco. Infelizmente para nós, porém, o autor não menciona se Artur esteve presente no momento da grande vitória que, lamenta ele: ”foi a última derrota dos miseráveis”. *A Historia Brittonum* (”História dos Bretões”), cuja autoria pode, ou não, ser atribuída a um indivíduo chamado Nennius e que foi compilada pelo menos dois séculos depois do período Arturiano, é o primeiro documento onde se afirma que Artur era o comandante bretão em ” *Mons Badonis*”, onde ”num só dia, *novecentos e* sessenta homens pereceram na sequência de um ataque comandado por Artur, e em que ninguém a não ser ele os subjugou. No século *X*, alguns monges da região oeste do País de Gales compilaram os *Annales Cambriae* (”Os Anais de Gales”), onde registraram ”a Batalha de Badon, na qual Artur carregou sobre os seus ombros a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, durante três dias e três noites, e em que os Bretões saíram vencedores”. O

Venerável Bede, um saxão cuja *Historia Eclesiastica Gentis Anglorum* (”História Eclesiástica dos Ingleses”) surgiu no século VIII, reconhece a derrota, mas não menciona o nome de Artur, o que não é de surpreender, já que Bede parece ter recorrido a Gildas como sua principal fonte de informação. Os quatro documentos acima referidos constituem as mais antigas (e três deles não são suficientemente antigos) fontes de informação sobre a batalha que temos à nossa disposição. Terá ela ocorrido, de fato?

Os historiadores, embora relutantes em admitir a existência do lendário Artur, parecem concordar em que próximo do final do ano 500 a.C, os Bretões travaram e venceram uma grande batalha contra os invasores saxões, num local chamado *Mons Badonicus*, ou *Mons Badonis*, ou *Badonici Montis*, ou *Mynydd Baddon* ou *Mount Badon* ou, muito simplesmente, *Badon*. Além disso, ainda

segundo eles, tratou-se de uma batalha importante, pois, aparentemente, atrasou a conquista de terras bretãs pelos Saxões durante uma geração. Parece ter constituído também, tal como lamenta Gildas, a

”última derrota dos miseráveis”, já que nos duzentos anos que se seguiram a esta derrota, os Saxões espalharam-se ao longo daquilo que é, hoje, designado por Inglaterra, espoliando assim as populações autóctones, isto é, os Bretões. Durante todo o período negro da mais terrível das eras da história da Bretanha, esta batalha destaca-se como um acontecimento importante. Infelizmente, porém, não fazemos idéia do local onde ela se realizou. Têm surgido inúmeras sugestões. *Liddington Castle*, em *Wiltshire*, e *Bradbury Rings*, em *Dorset*, são algumas das localizações apontadas. Geoffrey de Monmouth, que escreve no século XIII, situa a batalha em *Bath*, provavelmente porque *Nennius* descreve as fontes de águas quentes de *Bath*, designando-as por *balnea Badonis.* Mais tarde, outros historiadores propuseram *Little Solsbury Hill*, a oeste de *Batheaston*, no vale do *Avon* próximo de *Bath*, como campo de batalha, sugestão esta que adotei para o local descrito no romance. Terá sido um cerco? Ninguém sabe ao certo, do mesmo modo que ignoramos quem cercou quem. Parece, apenas, existir um consenso generalizado no que diz respeito à probabilidade de ter sido travada uma batalha em *Mount Badon*, à hipótese de ter sido um cerco e de o acontecimento se ter verificado muito perto do ano 500 a.C.

Todavia, nenhum historiador estaria disposto a arriscar a sua reputação, afirmando que os Saxões foram derrotados e que, possivelmente, Artur foi o estratega dessa grande vitória.

Nennius, assumindo que ele é, de fato, o autor de *Historia Brittonum,* atribui doze batalhas a Artur, a maioria delas em lugares impossíveis de identificar, e não menciona *Camlann*, a batalha que tradicionalmente conclui a saga de Artur. Os *Annales Cambrme* são a fonte mais antiga no que diz respeito à batalha e foram redigidos muito tarde para que possam ser considerados fontes autorizadas. A Batalha de *Camlann* é, pois, um mistério ainda maior do que a de *Mount Badon*, sendo impossível identificar qualquer local onde ela possa ter ocorrido, se é que realmente ocorreu. Geoffrey de Monmouth afirmou que a mesma foi travada nas margens do rio *Camel*, na *Cornualha*, enquanto, no século XV, Sir Thomas Malory situou-a na Planície de *Salisbury*. Outros escritores sugeriram *Camlan*, em *Merioneth, Gales*, o rio *Cam*, que passa próximo de *South Cadbury* (” *Caer Cadarn*”), a Muralha de Adriano ou até localidades situadas na Irlanda. Quanto a mim, situei-a em *Dawlish Warren*, no

sul de *Devon*, pela simples razão de, em tempos, ter possuído um barco ancorado no estuário do *Exe* no qual navegava até ao mar, passando por *Warren*. O nome *Camlann* pode significar ”rio curvo”, e o canal do estuário do *Exe* é

tão curvo como qualquer outro. A minha escolha, porém, foi um mero capricho da minha parte.

Os *Annales Cambrme* incluem uma única referência a *Camlann*: ”a batalha de *Camlann*, na qual Artur e Medraut (Mordred) pereceram”. E é provável que assim tenha sido, embora a lenda tenha desde sempre insistido que Artur sobreviveu aos ferimentos e foi transportado para a ilha mágica de *Avalon*, onde ainda hoje dorme na companhia dos seus guerreiros. Ultrapassamos já, claramente, os limites que nenhum historiador digno desse nome se atreveria a pisar. Resta-nos apenas acrescentar que a crença na sobrevivência de Artur reflete uma profunda nostalgia popular pela perda de um herói, e em toda a ilha da Bretanha nenhuma outra lenda é tão persistente como a de que Artur vive ainda. ”Um túmulo para *Mark*”, registra o Livro Negro de *Carmarthen*, ”um túmulo para *Gwythur*, um túmulo para *Gwgawn* da espada vermelha, mas jamais um túmulo para Artur.” É provável que Artur nunca tenha sido rei, pode até nem ter existido, mas apesar de todos os esforços dos historiadores para negarem a sua existência ele continua a ser, para milhões de pessoas de todo o mundo, aquilo que um copista lhe chamou no século XIV: *Arturus Rex Quondam, Rexque Futurus Artur,* o nosso Rei de Outrora e do Futuro.